A Revolução de 32

A REVOLUÇÃO DE 32

Agradecimento especial a todas as instituições, arquivos, museus, jornais e particulares pela cessão de fotografias e documentos que possibilitaram a edição desta obra.

HERNÂNI DONATO

A REVOLUÇÃO DE 32

CÍRCULO DO LIVRO / *Livros Abril*

A REVOLUÇÃO DE 32
de Hernâni Donato

© Copyright 1982, edição clube-de-livro — Círculo do Livro S.A.
© Copyright 1982, marketing direto e livrarias — Abril S.A. Cultural e Industrial

Coordenação e supervisão editorial:
Equipe do Departamento Editorial do Círculo do Livro S.A.

Pesquisa, material iconográfico e planejamento gráfico:
Abril S.A. Cultural e Industrial — Grupo Referência:
Diretora: Elisabeth de Fiori di Cropani
Chefe de pesquisa: Vladimir Sacchetta
Planejamento gráfico e diagramação: José Ramos Néto
Pesquisadores: Fátima Carmier (SP), Paulo César de Azevedo (RJ)
Assistentes de arte: Celso Imperatrice, Getúlio de Oliveira Ponciano
Serviços de arquivo e documentação:
Maria Thereza da Conceição Fedozzi
Fotografia:
Estúdio Fotográfico Abril (reproduções)
Laboratório Fotográfico Abril (processamento)
Gilson Ribeiro (reproduções, RJ)

Material iconográfico adicional:
Paulina Cavalcanti de Albuquerque (pesquisa)
René Queiroz (fotografia)

Capa: José Ramos Néto
Com foto cedida por cortesia do acervo do Museu da Imagem e do Som de São Paulo

Composição: Linoart Ltda.
Impressão e acabamento: Círculo do Livro S.A.

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

86 85 84 83 82

Sumário

Disseram da Revolução 8
A Revolução de 32 10

Capítulo 1

Pegando o fio da meada 12

1932 começa bem antes 14

Os primeiros anos 20 14
A necessidade de mudar 17
Os últimos anos 20 20
Em ritmo acelerado de mudança 24

Capítulo 2

1930: a revolução da Aliança Liberal 26

Proposta para recomeço do Brasil 28

A economia abala o mundo 28
Revolução: imperativo histórico 30
Eleição... mas não solução 31
"Cavalos... rumo ao Obelisco!" 32
O trauma da Força Pública: Itararé 32
Muitos pretendem governar São Paulo 34
João Alberto comanda São Paulo:
o tenentismo vitorioso 36

Purgando o pecado da liderança 39

Invadido e ocupado 39
Operação desmonte 40
Todo mundo descontente 43
A Força Pública faz a sua tentativa de revolta 44
Para o mesmo mal, remédio que deu certo antes 45
Os descontentes organizam-se 46
A provisoriedade institucionalizada 50
A reação toma corpo no sul 50

Capítulo 3

A conspiração: pelo figurino de 30 52

Frente Única versus tenentes 54

A Frente Única mostra coragem 54
Até pode ser paulista, desde que não incomode 56
O tenentismo abre-se às massas 57
Pelo figurino de dois anos antes 58
Origens do movimento 59
A missão Aranha 60
O dia da cólera dos justos 60
Primeiro choque, primeiro sangue 62
"Isso não fica assim..." 62
Em continência ao povo... 63
Amarga vigília... 63
"Paulistas, ... 64
Já era a Revolução 65
A guerra começou na Praça da República 66
MMDC 67

As personagens ocupam os seus lugares 68

À espera da réplica 68
"Paulistas, ... 68
Pedro de Toledo emprega diplomacia 69
"Ao povo paulista... 69
Despaulistizar São Paulo 70
A Frente Única diz-se solidária 71
Mas a Frente não era tão unida 72
Tudo pronto... ou quase tudo 72
Getúlio emaranha a Frente 75
"Casus belli" 75
A operação parecia fácil e perfeita 76
Klinger, provocador 76
Um ofício que pedia punição 77

Capítulo 4

"Ombro, armas!" 78

Vai abrir-se o pano: cenário pronto 81

São Paulo cumprirá a sua parte 81
Maestros, ao pódio! 81
Estrutura-se o Exército Constitucionalista 82
Um homem quase solitário 82
"Sergipe, ação combinada" 84
A tomada do QG federal 84
Começa a Revolução, etapa militar 85

Continuar a luta onde possível 161
Klinger tenta outra vez o armistício 163
A Força Pública deixa de combater 164
O que sucederá? 164
"Convenção militar... 164
A Frente do Vale ruiu 165
Nem todos baixam as armas 166
Inconformados partem para Mato Grosso 166
Más notícias paralisam os inconformados 167
Apagam-se as luzes nos Campos Elísios 167
"Ao povo de São Paulo 168
A ditadura reimplanta-se em São Paulo 169
Em Angatuba, o "adeus às armas!" 170
Mesmo os teimosos se dispersam 170
Governar é preciso 171
Ponto final militar 171
Sobre a trincheira vazia e São Paulo ocupada 171

O rescaldo 172

Pena máxima: exílio 172
Quanto custou a guerra, em dinheiro 173
A passageira clandestina 174
A paz dos vencedores 175
Balanço: vitória ou derrota? 176
Civil e paulista 177

Capítulo 7

"Ad perpetuam..." 178

Aspectos, detalhes, episódios 180

Os técnicos e seus milagres 180
O fabrico de munições 180
Pólvora paulista. Metais 181
Preocupando-se com o inimigo irmão 182
Dando voz aos canhões 182
A granada de mão 184
O terrível trem blindado 186
Mas a matraca... foi demais 187
Trabalho capaz de "assombrar o mundo" 189
A guerra aérea 190
O céu também era da ditadura 191
Proezas 192
O horror do infante 193
Bombardeios 194
A mulher e a guerra 194
Tarefas de mulher 195
Mulheres catarinenses 195
Ouro para o bem de São Paulo 195
De Klinger para Góis Monteiro 196
Guerra psicológica: reportagem e literatura 196
Maquiar o noticiário, uma técnica 197
Como se fosse uma cruzada 198
Retomar São Paulo aos estrangeiros 198
Combater os comunistas de São Paulo 199
Acusação que favorece ao governo provisório 200
Reccio prejudicial: o rótulo de separatismo 201
O rádio: maneira nova e delicada de guerrear. 202
O rádio: trincheira 202
Vozes clandestinas no rádio de lá e daqui 203
Também informações militares 204
Como nos bons filmes de espionagem 204
O perito em vinho só entendia de radiofonia 205
A guerra combatida nos hospitais 205
Em todas as frentes 206
Unidade Cirúrgica Itália 207
Curso de emergência 208
A parte que a Igreja assumiu 208
Pronunciamentos 208
A guerra psicológica: o horror paulista ao sábado 209
Explode o Quartel da Força Pública 210
O fatídico 23 de julho 210
Sábado sobre a barra de Santos 211
O 1.º de outubro também foi um sábado 211
Paulo Virgínio: herói mártir 211
Atividade secreta na capital do ditador 212
Os selos postais da Revolução 214
O dinheiro e os bônus 214
Cartazes 214
Distintivos 215

O sono do soldado 216

O Monumento Mausoléu Constitucionalista 216
A última convocação 220
Oração ante a última trincheira 221
Bibliografia: 222
Créditos das ilustrações: 223

Disseram da Revolução:

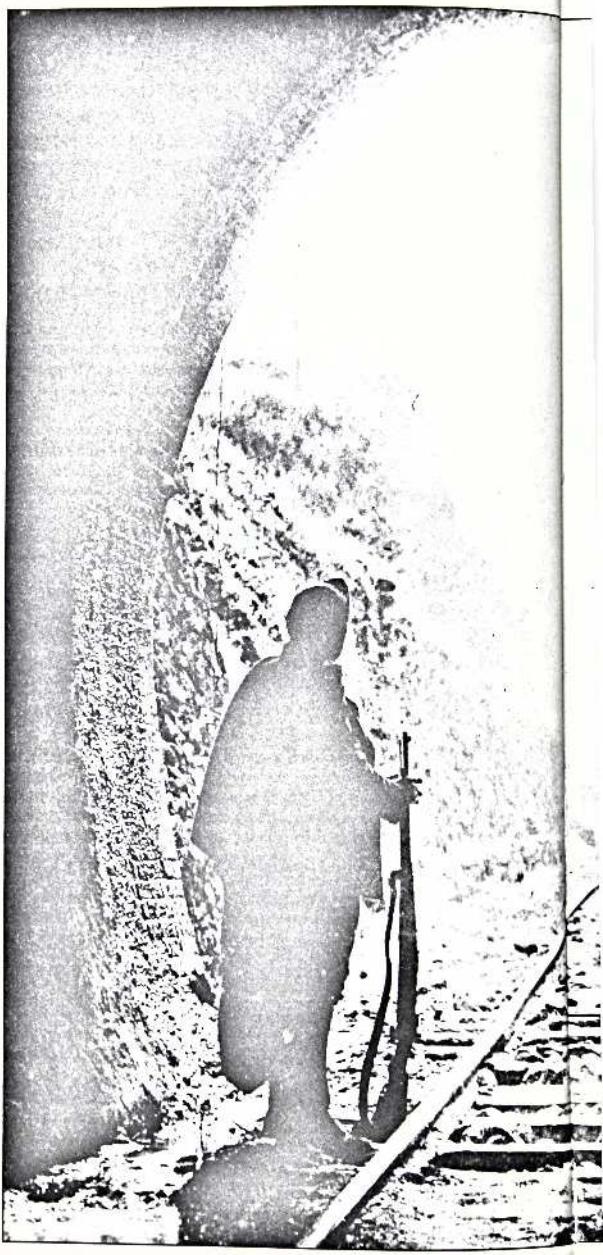
"A Revolução Constitucionalista aberta em São Paulo a 9 de julho de 1932 é um acontecimento que já atravessou as portas do tempo comum para penetrar na perenidade da história. Foi uma daquelas causas pelas quais os homens podem viver com dignidade e morrer com grandeza." (Juscelino Kubitschek, presidente da República.)

"...obra demolidora de políticos facciosos, ambiciosos e inescrupulosos..." (General Góis Monteiro, em ordem do dia.)

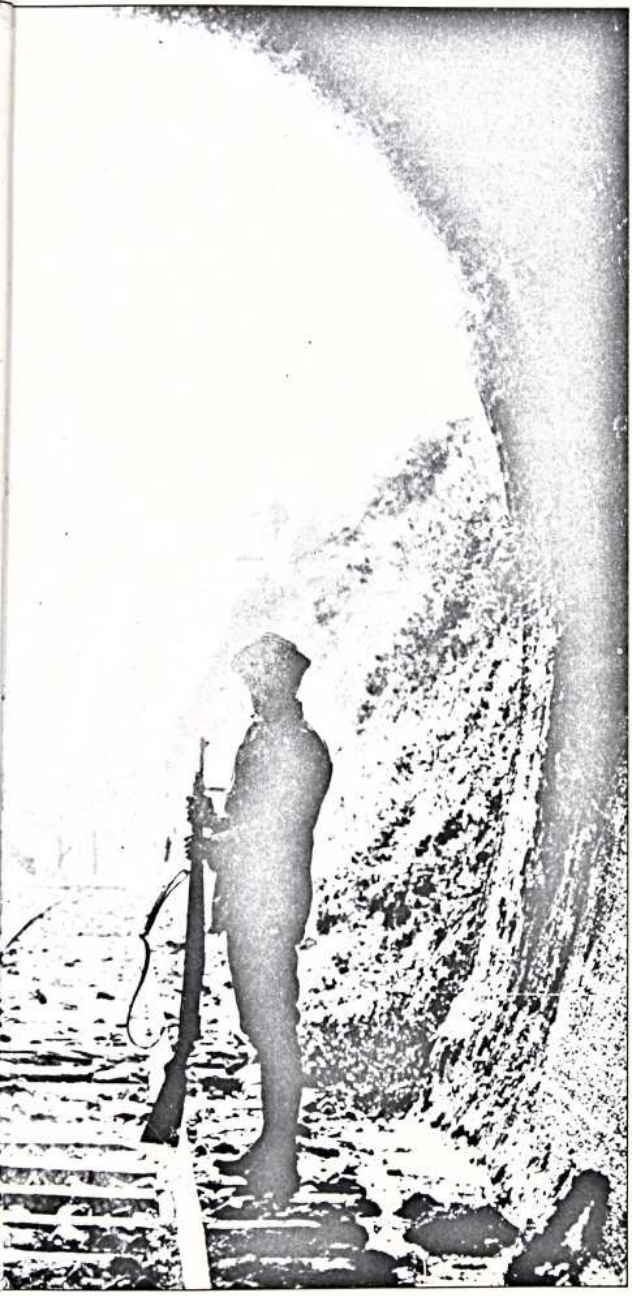
"O mais brilhante movimento cívico da história do Brasil republicano... Tais os fatos... Se eu pudesse mudá-los, não os alteraria em nada e os sofreria de novo; e, se pudesse, novamente os provocaria." (Coronel Euclides Figueiredo, comandante constitucionalista da Frente Leste.)

"A Revolução Constitucionalista não era nem uma nem outra coisa. Não era uma revolução. Era uma represália. Não era constitucionalista pois apenas contribuiu para perturbar a constitucionalização do país." (Alzira Vargas.)

"...o povo de São Paulo está sendo iludido e explorado pelas sereias da politicagem".
(General Espírito Santo Cardoso, ministro da Guerra.)



Túnel da Mantiqueira:
Simbolicamente, soldados revolucionários montam guarda ao ideal constitucionalista.



"O nosso maior movimento armado. O valor e a capacidade do homem, do brasileiro em face da adversidade, superaram todas as expectativas, não só no campo material, das improvisações e imaginação, mas, também, no campo da elevação moral e espiritual, diante da causa e motivação para a defesa das suas convicções." ("História do Exército brasileiro.")

"Talvez a mais bela das revoluções republicanas brasileiras, pelo que representou de mobilização de forças, dedicação à causa comum, tenacidade e resistência." (Glauco Carneiro, historiador das revoluções brasileiras.)

"...os ricos entregam o seu ouro, com discrição britânica e bravura romana; as senhoras despojam-se de suas jóias; os bispos entregam o ouro das igrejas e as suas próprias cruzes peitorais; os casais pobres levam à coleta suas alianças; os advogados, os médicos, os seus anéis..." (De mensagem do general Klinger ao general Góis.)

"Lembro-me bem! Que alvoroço sacudiu meu corpo moço quando, à Lei montando guarda, refulgiu como um corisco pelo Largo de São Francisco o cáqui da minha farda..." (Guilherme de Almeida.)

"Não foi um confronto ideológico. Foi uma luta essencialmente política... O confronto era de natureza política e não ideológica entre o Brasil e São Paulo... não éramos inimigos mas adversários." (Marechal Cordeiro de Farias.)

A Revolução de 32...



...terá contido na sua formulação ingredientes não encontradiços na despensa do mais puro idealismo — conforme seus críticos apreciam salientar. Haveria nela propósito de vingança, oportunismo, frustração, sectarismo, separatismo até. Nada disso teve importância significativa quando o movimento passou a ser do povo.

Importância que é lição a ser repetida sem esmorecimento é a de que milhões de brasileiros, numa unanimidade regional não alcançada até aqueles dias, ergueram-se na mais dramática das decisões: a guerra civil. E como o quase nada de recursos materiais e o absolutamente tudo da disposição espiritual improvisaram-se em força cívica e arrostaram o aplastante poderio militar, econômico e político dos governos federal e estaduais. A quase totalidade dos participantes seguiu uma bandeira: eleições e Constituição. Ou seja, fê-lo por leis livremente votadas e livremente aceitas pela comunidade. Se isso for esquecido ou minimizado, 1932 estará esvaziada do seu verdadeiro significado.

A Revolução despertou ecos generosos e trágico-heróicos em vários outros Estados. Mas é tido como episódio marcadamente paulista. Não terá sido por acaso que nenhum paulista e mesmo brasileiro algum formado jurídica e politicamente em São Paulo tenha chegado à presidência da República por ação de força ou eleição indireta. Nem, uma vez lá, tenha se transformado em ditador. Essa tradição deve ser lembrada quando, cinqüenta anos depois, quer-se analisar o movimento constitucionalista.

Ouso pensar que a minha participação — menino de dez anos em cidade interiorana tomada de assalto pelo entusiasmo — explique o clima em que, na totalidade do Estado, foram vividos aqueles dias.

A manhã inteira de 15 de julho, com a alegria própria da idade, solta no inusitado excitante da revolução que enervava a plácida Botucatu, trotei em meio ao magote dos primeiros voluntários. Íamos pelas ruas poeirentas, aos gritos, vivas, hinos e ao coro que abalava e embalava o Estado: "Pedregulho, pedregulho, na cabeça do Getúlio!" Seriam trinta, aqueles nossos heróis. Sem fardas, sem armas, alguns portando objetos ou sinais de passagem anterior pelos quartéis. Mas a quase todos havia sido fornecido o bibi pontudo, tendo em ambos os lados, cruzadas, as bandeiras brasileira e paulista. Ia ao lado do tio Alcides, mostrando-o aos outros garotos: — Foi o segundo da cidade a se alistar!

Houve um alto à frente da casa do juiz de direito, que discursou, largueza de gestos e abundância de bemóis, conclamando os moços, em lindas frases, a morrer com um sorriso nos lábios, se preciso fosse, em defesa da lei. Sem lei não se podia viver dignamente.

Era a lei das leis que iam buscar, com suas armas. Erguemos "vivas" e rodamos, vermelhos de poeira, suor e ânimo guerreiro, para o largo da matriz, onde o vigário abençoou-os e discursou, exortando-os a morrer, se preciso fosse, sem ódio pelos irmãos adversários, mas com Deus no coração. Com ódio e sem Deus no coração, o soldado constitucionalista não morreria dignamente. Terá sido assim por toda parte: amar o inimigo, também brasileiro; bater-se pela lei dentro dos limites da lei. A Revolução não pretendia inovar, mas trazer de volta determinados valores. Mas ao menino que do evento retirava sabor de aventura, pareceu que se falava demais em morrer e de menos em matar o inimigo e em vencer.



Descemos à estação. Locomotivas apitavam, nas fábricas próximas as sereias gritavam, guinchavam as buzinas dos automóveis. Os voluntários empalideciam, as bandas de música disputavam-se estrondos mais fortes, mulheres choravam não querendo chorar. Que beleza que era a guerra, vista naquele lugar e hora!

Ido o trem, voltamos ao centro da cidade e em algazarra patriótica arrancamos placas com nomes tradicionais de ruas, substituindo-as por pedaços de papelão nos quais haviam rabiscado os nomes dos Estados brasileiros. Sobre os ombros de um aguadeiro, preguei as placas Pernambuco e Rio Grande do Sul.

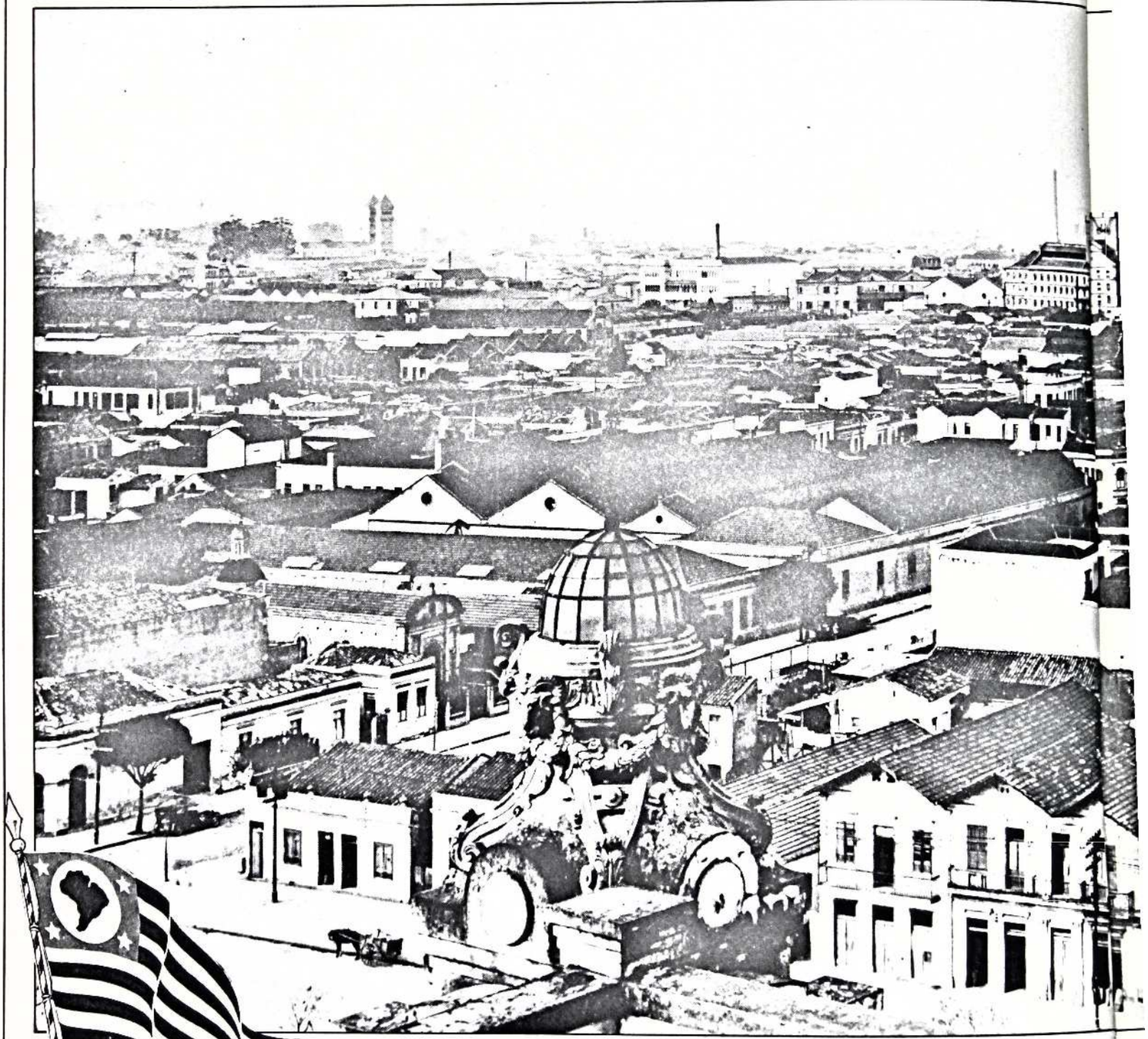
Correram oitenta dias gloriosos para o quase-combatente mirim. No comecinho de outubro, com outro tio, o Vicente, pelos desvãos da serra, contornando as patrulhas da cavalaria gaúcha de ocupação — o terrível sabor da aventura, quem sabe o perigo da morte e uma certa vitória sobre o inimigo vencedor — fomos levar roupas e alimentos a alguns daqueles heróis despedidos festivamente no dia 15 de julho. Regressavam às escondidas, com a frustração da derrota militar e o receio da prisão. Não entendi, então, como puderam pernambucanos e gaúchos ser tão ingratos para com São Paulo e com Botucatu, diante da homenagem das nossas placas. Lá estava, ainda, o papelão, maltratado pelo tempo. Verdade que aos gaúchos perdoei sem grande esforço pois — quem sabe nisso estava a gratidão deles para comigo — ocuparam o prédio do grupo escolar, fazendo esticarem-se para o fim do ano as inesquecíveis férias escolares do inverno de 1932.

Houve e há diferentes ângulos desde os quais analisar 1932. Confluem para uma certeza: mostrou as conseqüências da determinação popular e a imperecibilidade, sobre todas as desgraças, de uns quantos ideais. Quaisquer sejam os nomes atribuídos pelos tempos, os lugares, os idiomas, requer-se, para viver, uma certa dignidade. Ela justifica o combater e o combatente.

Herédia Dutra

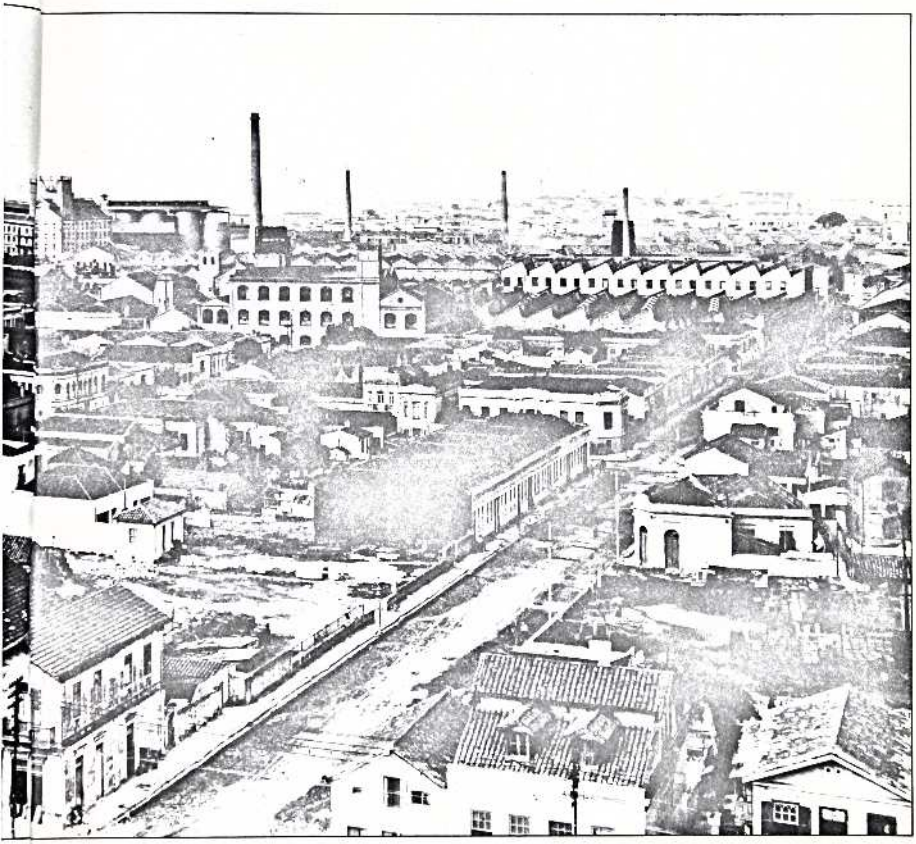
Capítulo 1

Pegando o fio da me



Bairro do Brás, anos 20.
Retrato de São Paulo em furiosa expansão: 4 145 indústrias; mais de 50 000 operários, anunciando-se "o maior centro industrial da América Latina".

ıeada



"Ao redor de São Paulo, em 1923, havia 4 145 indústrias contra 1 541 do Rio de Janeiro; seiscentas das 1 200 metalúrgicas do país: 1 200 das 3 900 indústrias de alimentos; 736 das 1 988 de vestuário. Dos cafezais e daquelas indústrias saíam dois terços do total brasileiro exportado." Alfredo Ellis Júnior

1932 começa bem antes



1

• 1.º de maio, 1920: Washington Luís Pereira de Sousa, eleito por sufrágio direto, toma posse da presidência do Estado.

São Paulo vive instantes de prosperidade. Ela provém, um pouco, da nascente força industrial (100 000 operários, aproximadamente, em 1920; 300 000, dez anos depois), mas, ainda muito, da cafeicultura. O café significa 60 por cento da exportação nacional. O Banco do Estado financia até 50 por cento do valor da produção retida para equilibrar colheita e exportação. Financia o plantio mediante hipoteca sobre a propriedade. O banco londrino Lazard Brothers fornecia quanto dinheiro fosse solicitado pela cafeicultura. Um imposto — mil-réis ouro por saca — garantia as dívidas. O Brasil controla metade do mercado mundial da bebida. Por que recear dívidas do café? Os banqueiros lucravam, o governo arrecadava, os colonos aceitavam tratar de talhões sempre maiores, os fazendeiros plantavam mais e mais. Em 1924 — ano de convulsão — havia no Estado 949 milhões de pés de café. Em 1930 seriam 1 bilhão, mais 550 milhões.

1. *O perfil estilizado do presidente do Estado, Washington Luís, em cartão-postal de propaganda política.*
2. *A imigração — italiana, particularmente — continuava requerida pelos cafezais e a indústria nascente. Um passaporte significava uma família de trabalhadores.*
3. *Das 1 988 indústrias nacionais de vestuário, 736 estavam em São Paulo, operadas, especialmente, por mulheres.*

Os primeiros anos 20

Não só fronteiras mas o todo da sociedade mundial resultara convulsionado pela guerra 1914-1918. Nações desapareceram, surgiram; povos foram aglutinados, dispersados. O ritmo do viver foi acelerado. O Brasil, porém, seguia deitado em berço esplêndido. Os melhores proveitos da guerra, que também vencera, colheu-os internamente. O principal terá sido o crescimento da indústria, no sul, substituindo artigos fornecidos antes pela Europa e servindo-se de mão-de-obra imigrante e barata reunida em São Paulo.

O café continuara a ser plantado e colhido e os homens do café, paulistas e mineiros, a alternarem-se na presidência da República, e garantidos pela máquina do Partido Republicano. Desde 1894, ele dominava a política nacional. No Estado, o Partido Republicano Paulista, que tomara por símbolo a perenidade do jequitibá, imperava, absoluto, não ameaçável por nenhum grupo, sigla ou idéia.

Escolhia, em círculo restrito e de cujo decidir não cabia recurso, parlamentares e governantes que no poder cultivariam a probidade, impediriam o estruturar-se de uma oposição verdadeira, sustentariam as vantagens da prudência conservadora, designariam seus sucessores e provavelmente deixariam o poder não mais ricos do que ao ascenderem a ele.

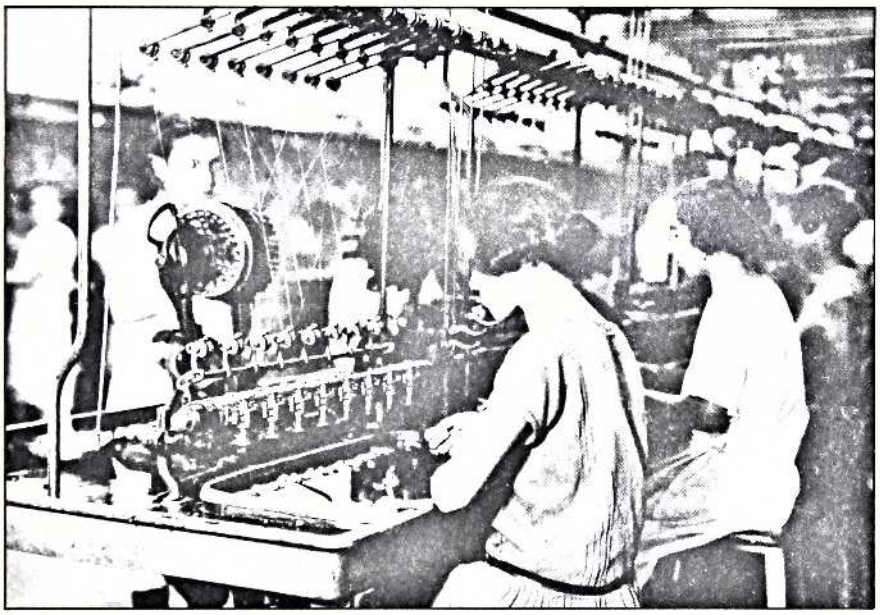
Para os postos importantes da administração, eram guindados os filhos, os genros, os netos, os afilhados dos *"coronéis"* e dos membros dos *Diretórios*. Pontes de Miranda diria (1924) ser "O Brasil o único país do mundo sem partidos políticos... o que há são agrupamentos em torno de um homem ou alguns homens".

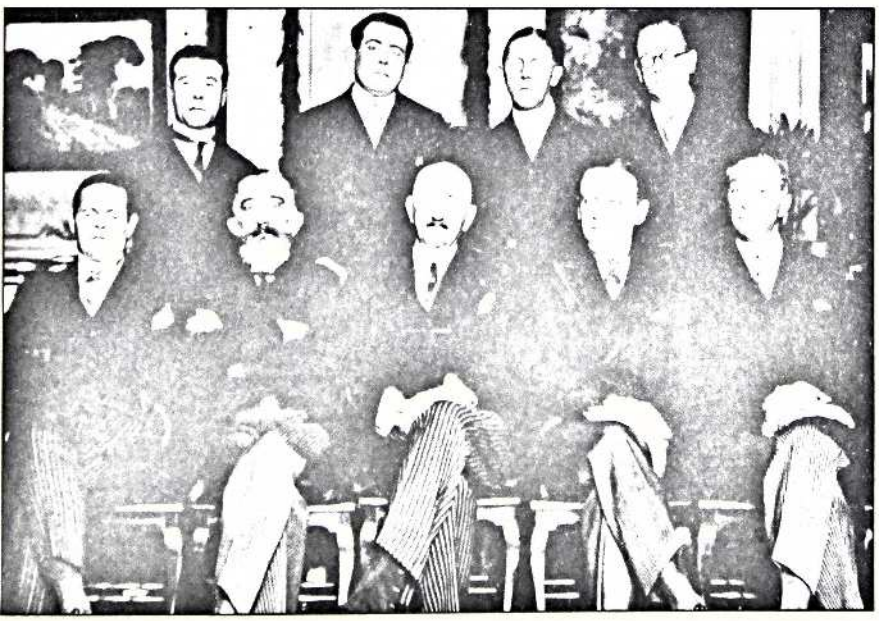
A estratificação social e política permanecia inabalada como nos tempos imperiais. Somente a Igreja e o Exército abriam canais para a capilaridade social possível aos jovens nascidos no exterior daquele rígido círculo perrepista.

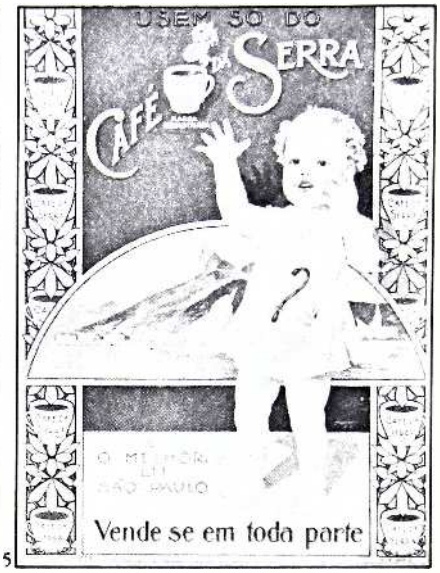
Um processo depurativo interno — o chamado "terceiro escrutínio", popularmente dito "degola" — eliminava, dentre os que haviam superado o crivo da eleição, parlamentares que por um ou outro motivo desagradassem ao presidente. Os íntimos recebiam confirmação em troca, evidentemente, de lealdade, a qual, as mais das vezes, deveria confundir-se com a docilidade.

O regime, portanto, não corria riscos de abalos sérios por efeito de dissensão. Também do exterior do partido não proviria tal ameaça. O governo dispunha de imponente catálogo de medidas com que impedir a cristalização e o fermentar de grupos ou o aparecer de nomes que se lhe opusessem além dos limites admissíveis para dar ao mundo a imagem de processo democrático pluripartidário. Os exemplos, por isso, transformavam-se em mitologia: Maurício de Lacerda, Azevedo Lima, porta-vozes de reclamos, denúncias e apresentadores de assustadoras novidades políticas como anarquismo, socialismo, gremialismo...









5

● Alfredo Ellis Júnior exaltava (1925) essa exuberância:

"...a lavoura paulista de café é o maior centro agrícola do planeta, é o maior núcleo de trabalho organizado no mundo, é o maior repositório de energias rurais de todos os tempos, no globo, é a maior organização agrícola que se tem visto".

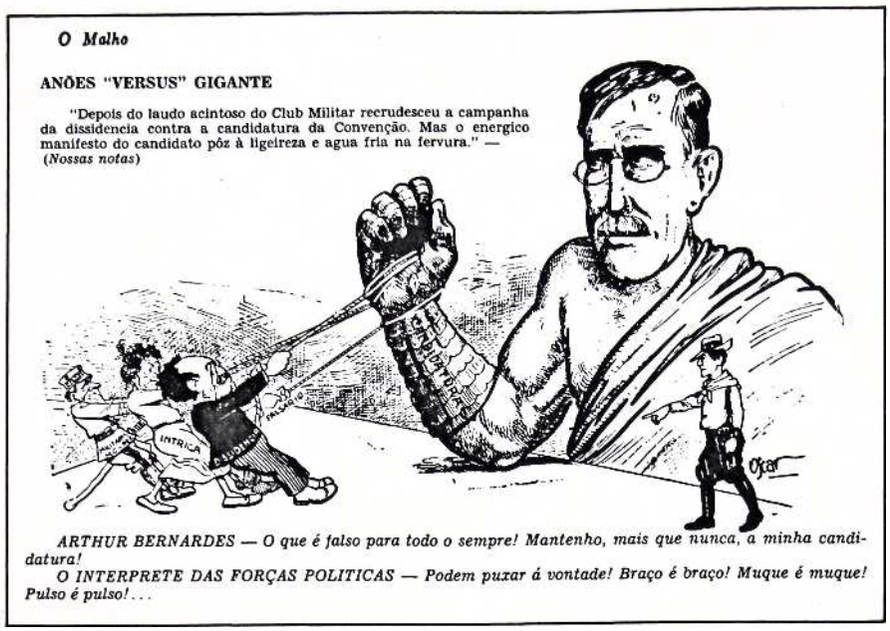
De outro lado, a energia elétrica farta e barata, a rede rodo-ferroviária melhor do país, o porto de Santos, o avanço demográfico gerando mercado consumidor local e a sobra de caixa dos barões do café e da burguesia que de 1914 a 1919 não puderam ir gastar seus dinheiros na Europa fizeram crescer indústrias e fortalecer o alto comércio. Em termos de Brasil, as 6 000 fábricas de 1914 serão 13 336 em 1920 e acima de 20 000 em 1930.

Os paulistas não só eram os maiores produtores e sim também os maiores consumidores nacionais: compravam a quase totalidade da borracha, do açúcar, do algodão produzidos no Brasil.

Isso ajuda a explicar por que as revoluções de 1924, 1930 e 1932 tiveram São Paulo por centro ou por alvo.

4. Os industriais começavam a desenvolver espírito classista. Horácio Lafer, Jorge Street, Francisco Matarazzo, Roberto Simonsen (sentados, da esquerda para a direita) integravam a Diretoria Industrial do Estado.

5. O inaugurado consumismo animava a concorrência industrial e comercial, introduzindo a ciencia-arte da propaganda.



ARTHUR BERNARDES — O que é falso para todo o sempre! Mantenho, mais que nunca, a minha candidatura!

O INTERPRETE DAS FORÇAS POLITICAS — Podem puxar á vontade! Braço é braço! Muque é muque! Pulso é pulso!...

1



2

• 1.º de maio, 1924: Carlos de Campos, eleito por sufrágio direto, toma posse da presidência do Estado.

• No Rio de Janeiro, em São Paulo, mas também em outras capitais e cidades em vias de industrialização e concentração urbana, fermentavam idéias, reivindicações, jornais.

• Falava-se em jornada de oito horas de trabalho quando ela requeria dez, doze horas; em férias remuneradas quando se trabalhava no domingo até o meio-dia; em proteção ao trabalho infantil e feminino. Circulavam jornais semiclandestinos, realizavam-se encontros e passeatas.

As comunidades coloniais e de setores de atividade buscavam, por si e em seu interior, solução para problemas legais, de saúde, de consumo. 1924: em Niterói e no Rio, oitocentos operários, presos sob a acusação de "simpatia" pelo tenentismo, foram levados a Clevelândia, no Oiapoque. Menos de cem retornaram.

• "As greves operárias fazem-se todos os dias; não há modo de negar a sua existência. Se elas existem, se são um fato que se desdobra diuturnamente, deve o Estado regulá-las, nas suas causas, nos seus efeitos." (Washington Luís.)



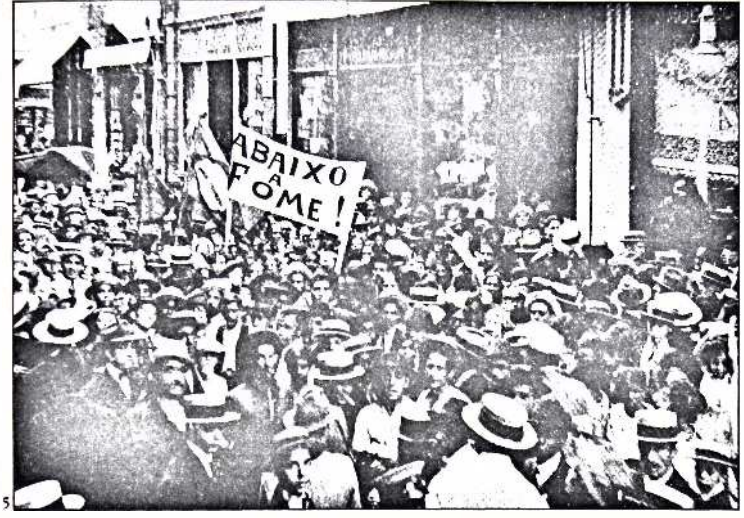
3



4



1. *Charge de Oscar.* O Malho, *7.1.1922.*
2. *"'Onde ele está, está a confusão.' Jeca: Ora, bolas! Quando a gente não sabe lê, quarqué caminho é caminho." (Charge de J. Carlos.)*
3. *Foto histórica flagra os "18 do Forte"; desafiando o governo, procuram a morte nas areias de Copacabana.*
4. *A marcha dos "18 do Forte".*



5. *Passeata da Fome a caminho do Palácio do Catete. Instantâneo tomado em frente à redação da revista* O Malho, *setembro de 1923.*

A necessidade de mudar

O poder, o lucro, os números da indústria, deram robustez ao crescimento de uma burguesia operosa, oportunista, inclinada a modismos culturais e políticos. Nada, ainda, para os filhos do povo.

O imobilismo social, o horror às novidades políticas, o endividamento externo, o monopólio das oportunidades e dos cargos granjearam para a Primeira República inimigos de variada ordem e diferentes graus de agressividade. A seu tempo, todos investiriam contra o Partido Republicano Paulista, contra o café, contra o Estado de São Paulo. Dentre esses inimigos, o sufoco financeiro das safras acumuladas; o desassossego do proletariado urbano que já em 1920 assustara Washington Luís, candidato ao governo estadual; o conflito entre lavoura, indústria, comércio e finanças em torno da política cambial e da valorização do café; a fissura até pouco antes inacreditável no PRP e, principalmente, o emergir do tenentismo.

Sem ideologia, o tenentismo tinha-a porém a respeito do que São Paulo era e representava. Mudar tal situação, de alto a baixo, a qualquer preço, quaisquer fossem as dores e as feridas resultantes do tratamento, tornou-se objetivo prioritário do tenentismo. Os jovens "tenentes", militando no Exército, em sua maioria provindos de Estados economicamente menos evoluídos, desesperançados de obter mudanças por via eleitoral, inclinaram-se pelo emprego da sua ferramenta profissional: as armas. Com elas curariam o que diagnosticavam mazelas nacionais: o imobilismo, os privilégios econômicos, o desfrute das benesses políticas. São Paulo será pois o seu alvo, do qual não se desviam sequer os "tenentes" paulistas como Siqueira Campos e João Cabanas.

Estréiam, para o público, encenando no asfalto e na areia de Copacabana, a tragédia greco-shakespeariana dos "18 do Forte". Governo e nação poderiam ter identificado a firme decisão tenentista de sacrifício e de sacrificar quando o presidente Epitácio Pessoa visita os sobreviventes e, ante seus olhos, Siqueira Campos, "num gesto brusco e impregnado de desdém, arrancou as gazes e a cinta que lhe continham o abdômen dilacerado, ficando com os intestinos à mostra" (Glauco Carneiro). Se a nação ficou impressionada, o Executivo preferiu arrolar aqueles jovens entre os perturbadores de

● FENÔMENO DO TENENTISMO

● "...não tinham um programa, não possuíam uma doutrina, não tinham organização alguma e, a uni-los, havia apenas o desejo de derrubar o governo." (Agildo Barata Ribeiro.)

● "...apesar das deficiências que possam ser argüidas aos seus principais dirigentes, o tenentismo representou um elevado papel. Foi ele o incontestável remexedor de idéias, o preparador da revolução espiritual que se seguiu à revolução armada. Graças à agitação por ele provocada no nosso marasmo partidário, o homem brasileiro sentiu a necessidade de uma política mais grandiosa e sem o tacanhismo e a miopia facciosa do passado." (Virgínio Santa Rosa.)

● "Representavam os tenentes, indubitavelmente, a corrente progressista daquele tempo e acalentavam os mais justos e ardentes anseios populares. Jovens sonhadores, sem o necessário descortínio político, mas honestos e animados de são patriotismo, erraram, por não pensarem, antes da deflagração da luta, na elaboração de um programa claro e conseqüente. Agiram mais impulsionados pelo entusiasmo da juventude." (General Aristides Corrêa Leal.)

● "...tenentes, isto é, dos rebeldes militares de 1922 e 24, elementos em sua maioria ousados e ambiciosos, impregnados até a medula do 'espírito revolucionário' (...) e que não passa duma mera modalidade, adulterada com o fermento comunista, do velho caudilhismo militar outrora tão comum nas repúblicas da América espanhola e tornado um mal endêmico no Brasil republicano."

● "...pactuado estava entre os tenentes, tomar, desde o começo, disposições de assalto à Nação, instituindo, sob o eufemismo de governo provisório, uma ditadura indefinida no tempo, destinada a estereotipar uma única ordem de interesses e numa única mentalidade, mediante o retorno ao colonial regime da centralização..." (Capitães da FP Heliodoro Tenório e Odilon Aquino de Oliveira.)

AO POVO PAULISTA

FOI DISTRIBUIDO, HONTEM, PELA CIDADE, O SEGUINTE BOLETIM :

A população de S. Paulo foi despertada, hoje, inopinadamente, por uma rebellião de soldados que começaram por atacar a residencia particular do Presidente do Estado (Palacio dos Campos Elyseos) d'onde foram rechassados, abandonando as armas para se irem reunir a outros revoltosos que atacavam quarteis, telegraphos e centros telephonicos.

Esses dolorosos acontecimentos dispensam commentarios.

Appellamos, pois, para todos os paulistas e amigos de S. Paulo, contra cuja prosperidade e riqueza se levantou a horda amotinada, para que, não só se lhe recuse qualquer auxilio, como, ao contrario disso, se a combata com todas as forças.

E' a salvação e a preservação de São Paulo cujo brio está em causa.

A Capital da Republica e todos os Estados estão em plena paz.

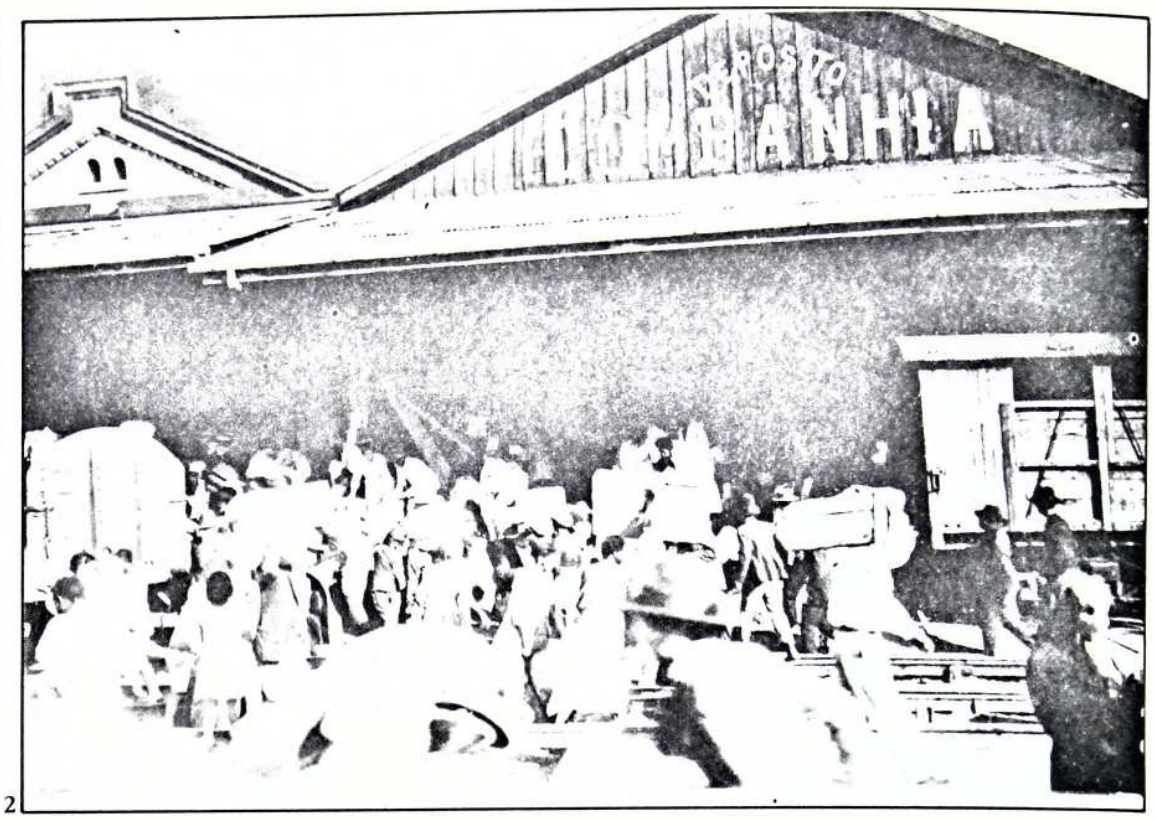
O Congresso Nacional, por unanimidade de votos e em poucos minutos, decretou o ESTADO DE SITIO para a Capital da Republica e Estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Já partiram da Capital Federal, devendo á tarde achar-se em Santos o «Minas Geraes» e tres destroyers, conduzindo cerca de dois mil homens fieis ao Governo, com aviões e sob o commando de um valoroso general do Exercito.

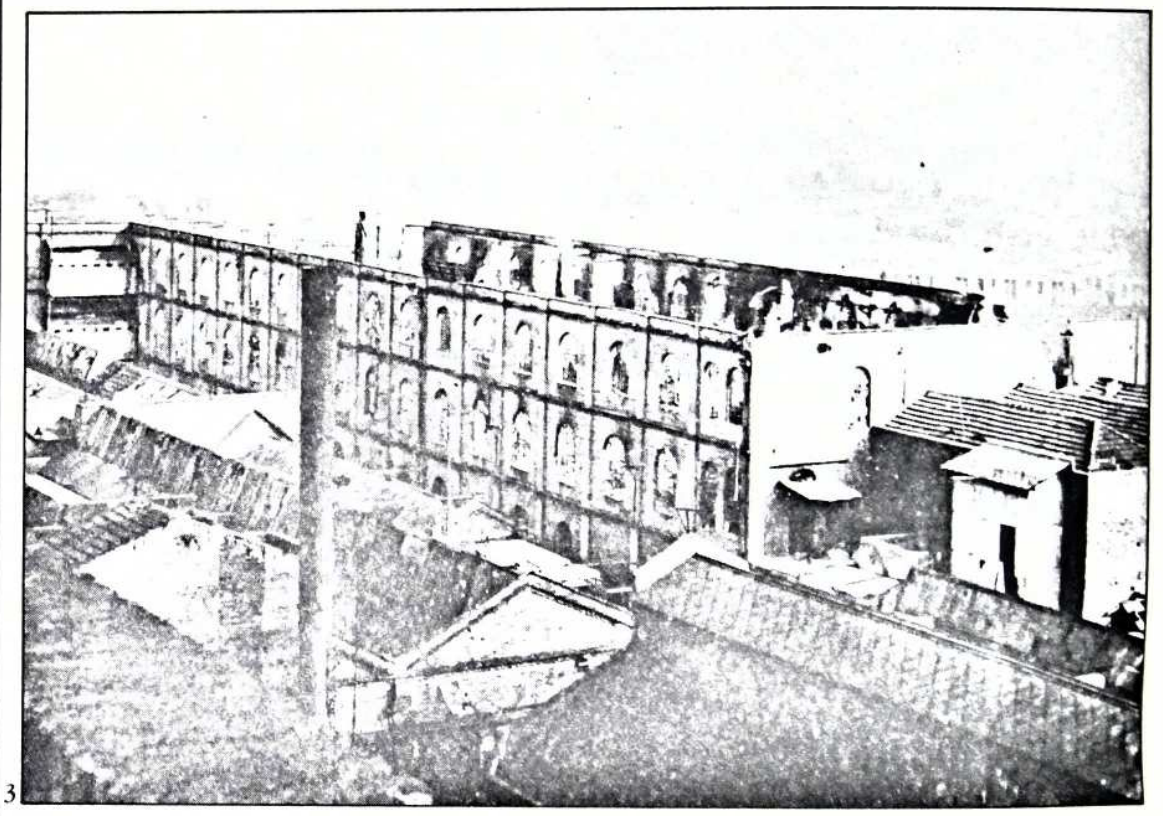
De Caçapava tambem já partiu, devendo chegar á tarde a esta capital, um contingente de mil e duzentos homens, fieis ao Governo, sob o commando do General Candido Pamplona.

Levantemo-nos, pois, como um só homem e saibamos affrontar os madrugueiros.

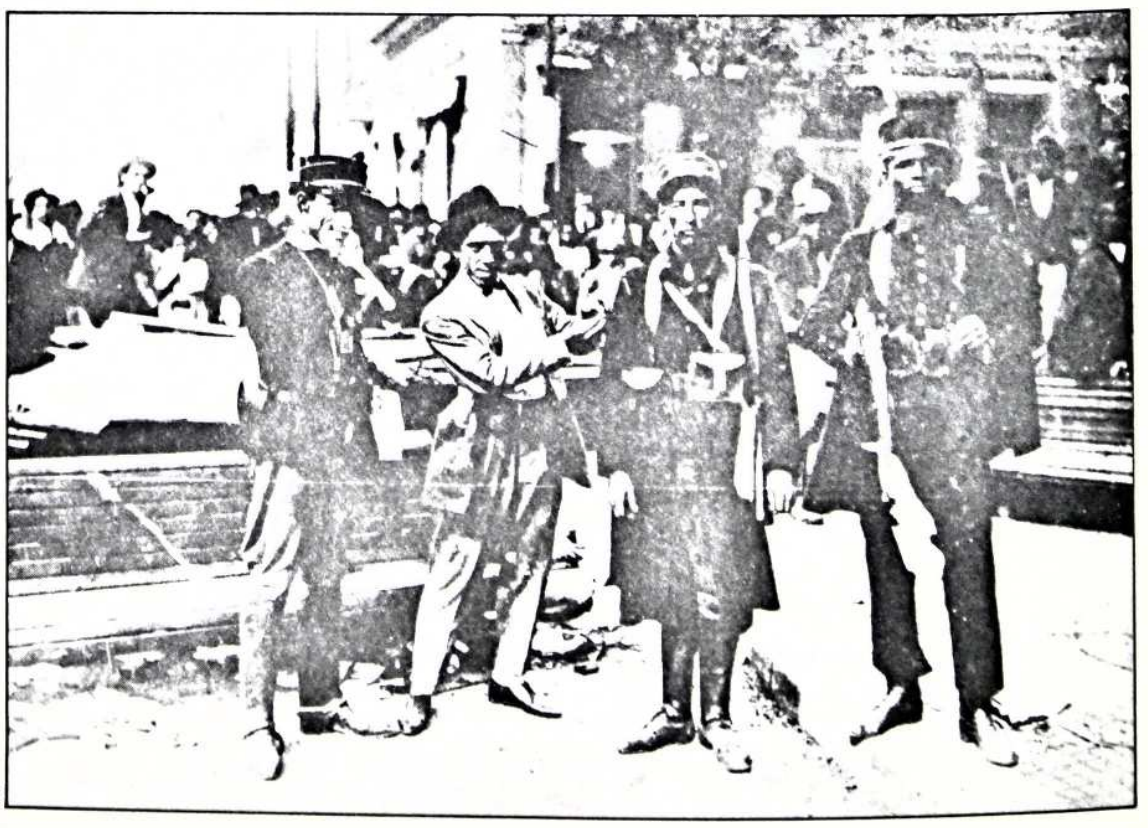
1



2



3



4

- A industrialização continua até 1925, apesar de resistências burocráticas, financeiras e mentais que seguiam desejando o Brasil "um país essencialmente agrícola". Com as fábricas, o crescimento populacional, o progresso material, surgiram também problemas trabalhistas e sociais.

- A cornucópia nacional, o café, continua a atrair dinheiros: a cotação do produto, no exterior, atingiu 19,3 *cents* por libra-peso. Vigiando essa "árvore de frutos de ouro", os fazendeiros-políticos criam o Instituto Paulista de Defesa Permanente do Café. Ele regulará a entrada de café no porto de Santos, comprará o produto onde e quando houver excedente para que a oferta não seja desproporcional ao mercado, fará empréstimos aos produtores sob garantia dos estoques reguladores e buscará convênios com outros Estados produtores.

1. *Manifesto publicado no* Correio Paulistano, *órgão do Partido Republicano Paulista, em 6.7.1924, tentando incompatibilizar os revoltosos com a população.*
2. *São Paulo, julho de 1924: espremida entre dois exércitos em luta, numa cidade cercada e bombardeada, a população chegou ao saque. Na foto, os armazéns da Cia. Puglisi.*
3. *São Paulo, julho de 1924: escombros da Fábrica Crespi, incendiada durante os combates e correrias resultantes da revolta militar.*
4. *O legendário tenente Cabanas (à esquerda) assiste à entrega de uma distinção a um soldado revoltoso.*

sempre e afastá-los da vida pública. Tudo, então, voltaria às normas. Para tanto, o governo contava com a submissão do corpo legislativo, a vocação legalista da maioria das Forças Armadas, o controle sobre os governos estaduais, que por sua vez mantinham aguerridas Forças Públicas, as quais, no Rio Grande do Sul, em Minas Gerais e em São Paulo, constituíam verdadeiros exércitos, pelo efetivo e a potência de fogo. A FP paulista, também chamada "Exército do general Café", reformulada e reforçada por Washington Luís, recebera treinamento igual ao do Exército francês, dispunha de artilharia, cavalaria, até aviação. Superava, em contingente e profissionalismo, quase todos os exércitos latino-americanos.

A alternância entre os principais Estados no poder nacional mantinha o equilíbrio político. Afirmava-se viver o Brasil no regime de "café com leite", mineiros e paulistas revezando-se na presidência. A gaúchos, baianos e pernambucanos — de Estados "de segunda classe" — concedia-se a vice-presidência. Aos políticos dos Estados "de terceira", apelidados por Barbosa Lima Sobrinho "Estados bagageiros da Federação", apenas quando de insanável divergência entre os grandes, permitia-se o constituir-se em *tertius*. Ocorreu, por exemplo, com Epitácio Pessoa, presidente entre o paulista Rodrigues Alves e o mineiro Artur Bernardes.

Bernardes, eleito para o período 1922-1926, fez decorrer quase todo o seu quadriênio sob estado de sítio. Guerra civil no Rio Grande em 1923; revolução tenentista em São Paulo, em 1924. Em plena capital paulista, durante semanas, combates, saques, bombardeios. Socorrer os flagelados, os desalojados — como fez a Liga Nacionalista — era incluir-se, esse alguém ou essa entidade, no índex bernardista. Generais governistas ameaçaram destruir a cidade a canhonaços; a vida paulistana sofreu paralisia e hemorragia de vidas e recursos. A recuperação seria longa e penosa, paga com distúrbios, crises, estremeções. Naquele ano, a roda das grandes mudanças sociais e políticas foi posta em movimento.

Bernardes manteve a firmeza no governar. Prendeu desafetos, pressionou no Estado do Rio, interveio no da Bahia, expurgou o Congresso, fechou jornais.

Entrementes, a Coluna Miguel Costa-Prestes cumpria o seu giro bélico divulgativo por 35 000 quilômetros do Brasil, de guerra e de desafio.



5



6

- Dez mil populares, quase todos operários, matriculam-se nas escolas de alfabetização da Liga Nacionalista, aprendendo a ler e a conhecer política. Cumpria-se um dos lemas da Liga: "Voto secreto com eleitorado esclarecido". De bafejada, passou a ser suspeita ao governo.

- 1924, segundo Hélio Viana, foi protesto "contra a insensibilidade dos meios políticos, relativamente às aspirações democráticas do livre pronunciamento eleitoral do povo brasileiro, fora dos habituais conchavos dos partidos estaduais dominantes".

- "Bernardes", assegura Calmon, "poderia experimentar o velho remédio da anistia, segredo da 'paz imperial' (. . .) Não o achou oportuno, quando corria, apaixonando a opinião, o processo dos revoltosos; julgou que a suavidade lhe seria tomada como temor ou receio: foi inabalável."

- A partir de 1924, a valorização da moeda, iniciada por Bernardes, iria desacelerar o ritmo do desenvolvimento industrial e fortalecer o comércio externo. Como resultante, elevação do custo de vida, desassossego entre o operariado e um empresariado ainda à busca de estrutura.

- "Eu até acredito que, se o Washington Luís tivesse anistiado os militares da Coluna, não teria havido 'revolução' nem ele teria caído. . ." (Luiz Carlos Prestes.)

5. Alto comando da Coluna Costa-Prestes: 1. Miguel Costa; 2. Luiz Carlos Prestes; 3. Juarez Távora; 4. João Alberto; 5. Siqueira Campos; 6. Djalma Dutra; 7. Cordeiro de Farias; 8. J. Pinheiro Machado; 9. Atanagildo França; 10. Emídio Miranda; 11. João Pedro; 12. Paulo Krügel; 13. Ari Freire; 14. Nelson Machado; 15. Manuel Lima Nascimento; 16. Sadivale Machado; 17. Trifino Corrêa; 18. Italo Landucci. Porto Nacional (GO), outubro de 1925.

6. Propaganda da Liga Nacionalista, convocando os cidadãos para o exercício do voto esclarecido.



O Policial: Tú és incontentável, Por que tanta lamúria? Si não podes ver porque tens os olhos tapados, em compensação, ficas com a boca livre para manifestar o pensamento comentando o que não viste. 5.11.1927.

• *Economicamente,* nos primeiros tempos de Washington Luís, o ânimo dos contestadores foi amortecido pelo relativo bem-estar que embalou as classes conservadora e empresarial. Prosperidade evidente, estabilização do câmbio e da moeda na base de 5 28/32 *pence* por mil-réis. Mas, positivado o desacceleramento do surto industrializante, com diminuição do trabalho em centenas de oficinas paulistas e cariocas, surgem o desemprego e dificuldades para os segmentos popular e médio dos grandes centros. O alto comércio lucra, recebendo produtos europeus e, já, americanos. A classe média, compelida para baixo, disputa ao proletariado moradia, emprego, algumas facilidades. Agitações operárias são duramente enfrentadas pela polícia. A oposição afirmou, o que não resultou provado e bem pode ter sido intriga política, haver Washington Luís declarado considerar: "A questão social é caso de polícia".

Embora o comércio esteja satisfeito, os exportadores felizes, a classe alta considerando excelentes as medidas oficiais, os tenentes agitam-se porquanto nada se alterou para eles. Os operários mexem-se pois a sua existência não mudou. Em São Paulo, já pavoneando-se de ser "o maior centro industrial da América Latina", gral de misturas e experiências político-técnico-raciais, a fermentação se faz especialmente ácida.

Os últimos anos 20

15 de novembro, 1926: Washington Luís, fluminense de nascimento (Macaé), porém paulista pela vivência e o fazer política, toma posse da presidência da República. Os liberais e os que esperavam anistia repetiam-se trecho do seu manifesto ao apresentar-se candidato à presidência de São Paulo: "Quando todas as liberdades tenham sido incontinenti proclamadas, quando todos os direitos forem rapidamente reconhecidos e todos respeitados, seremos uma terra que se procura, uma terra em que se permanecerá".

Embora o PRP começasse a sofrer internamente divergências de enfoque entre agricultores, industriais e banqueiros, confiava-se em que Washington desejaria e saberia ensejar as mudanças que se impunham no social, no político, no econômico. Essa confiança pareceu receber confirmação quando, no início de 1927, não fez prorrogar o estado de sítio, vigorante havia já quatro anos. Impôs moralidade administrativa, colheu e estimulou os resultados da política financeira de Bernardes: exportação aumentada, deflação, diminuição da dívida externa.

Para líder da maioria na Câmara, Washington indicou deputado paulista que lhe estava muito chegado: Júlio Prestes de Albuquerque. Mas o presidente não sanciona a desejada lei de anistia, mantendo os tenentes exilados em sua pátria. Exilados inquietos e atuantes. Perigosos, portanto.

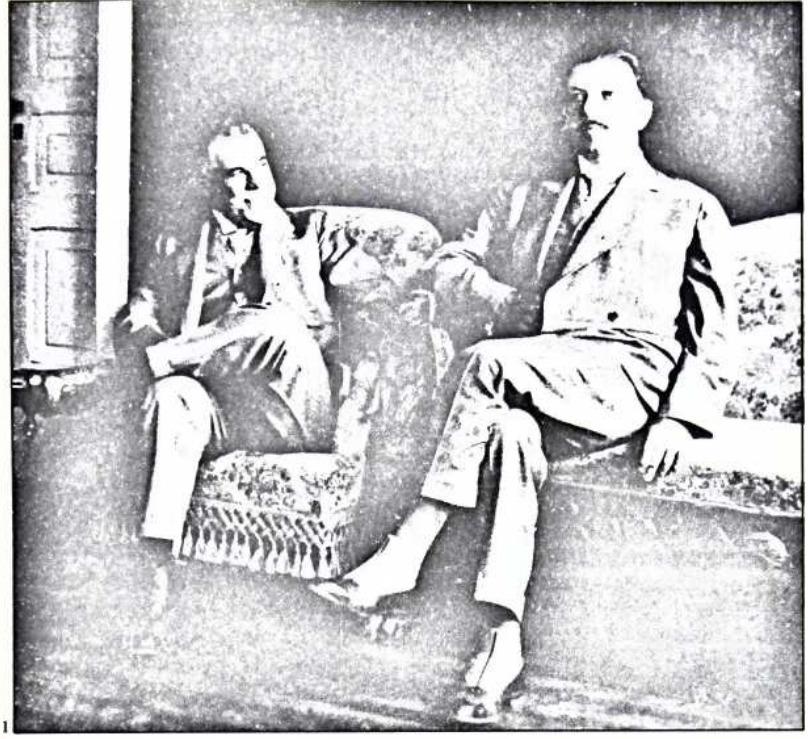
• 1927: promulga-se a "Lei Celerada", que reforça os poderes de repressão, cerceia a liberdade de imprensa e de reunião, anula conquistas sociais e políticas do ano anterior. Ela não fez bem ao governo nem à concórdia nacional. Carlos de Campos, presidente de São Paulo, aumenta para 14 000 homens o efetivo da Força Pública.

27 de abril, 1927: falece o presidente do Estado, Carlos de Campos. Assume, como presidente provisório, Antônio Dino da Costa Bueno, presidente do Senado estadual.

14 de julho, 1927: Júlio Prestes, ex-líder do governo federal na Câmara de Deputados, assume a presidência do Estado. Dará cuidados à produção de cafés finos, aumento rápido das culturas de algodão e de cana-de-açúcar, sugere o álcool-motor, incrementa a indústria da carne, planeja e inicia a ferrovia Mairinque—Santos, a fim de quebrar o monopólio inglês da São Paulo Railway de ligar, por trilhos, o porto e o sertão. Grupos oposicionistas em diferentes Estados, elementos tenentistas dispersos e o Partido Comunista procuram aglomerar-se. A estrela maior do tenentismo, Luiz Carlos Prestes, é procurada em Buenos Aires, capital da conspiração brasileira.

Os tenentes, mais do que os outros, convencidos de que a solução estava nas armas e valendo-se da sua experiência e da postura "não temos nada mais a perder", ocuparam-se da elaboração do plano revolucionário. Despertam ecos no vale da política. O conselheiro Antônio Prado, expoente do Partido Democrático paulista, saúda Carlos Prestes pelo seu aniversário (iniciativa que anos antes faria tremer de horror a elite paulista); festeja-se Miguel Costa (aquele que em 1924 evitara ostensivamente contatos com o baronato do café e com a burguesia emergente das fábricas).

Haverá eleições em 1928. Mas o gosto pela revolução tornou-se compulsivo. Paulo Nogueira Filho e Assis Brasil, representando São Paulo e Rio Grande, vão estruturar, em Buenos Aires, uma Frente Única nacional, central da revolução em preparo.

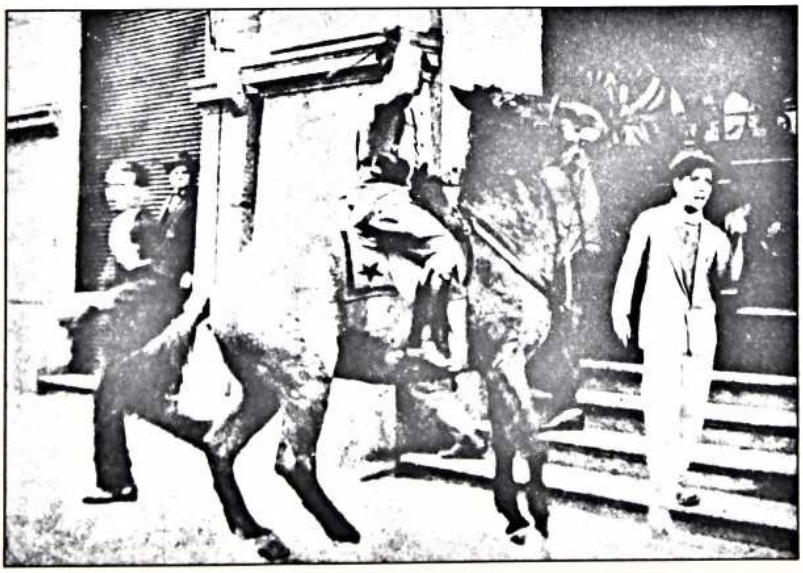


1



MARCOLINO — Prende este malandro. Elle foi cumplice em muita fallencia fraudulenta...

2



3

● *Politicamente,* o domínio do Partido Republicano Paulista conheceu a primeira contestação séria: a Liga Nacionalista, que Bernardes suspendera por seis meses (punindo-a por auxiliar a população sob os bombardeios governistas de 1924), dissolve-se, fornecendo estrutura básica para a fundação, em 24.2.1926, do Partido Democrático. Seu manifesto reclama voto secreto, ajuda substancial para a lavoura, crédito para a indústria e o comércio, mas não aborda a questão social. O partido toma corpo rapidamente, edita o *Diário Nacional,* logo senhor de alta tiragem, para o tempo. Sua primeira convenção reúne 87 delegações.

Ocorre afluxo de capitais estrangeiros, via empréstimos públicos e inversões privadas. Dezesseis empresas norte-americanas instalam-se no país, modificando hábitos e processos de produzir e de comerciar, introduzindo a publicidade e o consumismo. A cidade de São Paulo importa mais queijos, azeite e vinhos italianos, portugueses e espanhóis do que vários países vizinhos, somados.

A reserva ouro sobe, depois de decênios durante os quais, praticamente, inexistira. Governo, Partido Republicano e banqueiros exibem ao mundo o acerto da sua administração, a melhoria do nível de vida, o espalhar-se da riqueza.

Tal fortuna, contudo, nem é muita nem é para todos. Em São Paulo, 6 000 operários saem em passeata, do Salão da Lega Lombarda, chocam-se com a polícia e instalam greve de gráficos durante noventa dias, sinal da sua determinação. Sondados para figurar na conspiração, seus líderes furtam-se: segundo eles, tal revolução significaria apenas troca de nomes e de siglas.

Em Buenos Aires, os conspiradores ouvem de Carlos Prestes declaração igual: "Combater uma oligarquia servindo a outra não interessa". Portanto, não chefiará, como lhe pediam, o movimento militar.

No Rio Grande, os gaúchos estão atentos e entusiasmados com um jovem líder promissor, político hábil, ministro arguto. Seu nome: Getúlio Vargas.

1. *Washington Luís e Júlio Prestes.*
2. *"Prendendo o câmbio". Charge de* O Malho, *23.10.1926.*
3. *Cavalariano investe contra manifestante na Avenida Rio Branco, maio de 1927.*


PARA SENADOR
LUIZ BARBOSA
GAMA CERQUEIRA
PARA DEPUTADOS
1º DISTRICTO
JOSE ADRIANO
MARREY JUNIOR
2º DISTRICTO
FRANCISCO ANTONIO
3º DISTRICTO
4º DISTRICTO
LUIZ AUGUSTO
PARA ACABAR COM ESSA VERGONHA,
VOTAE NOS CANDIDATOS DO
PARTIDO DEMOCRATICO

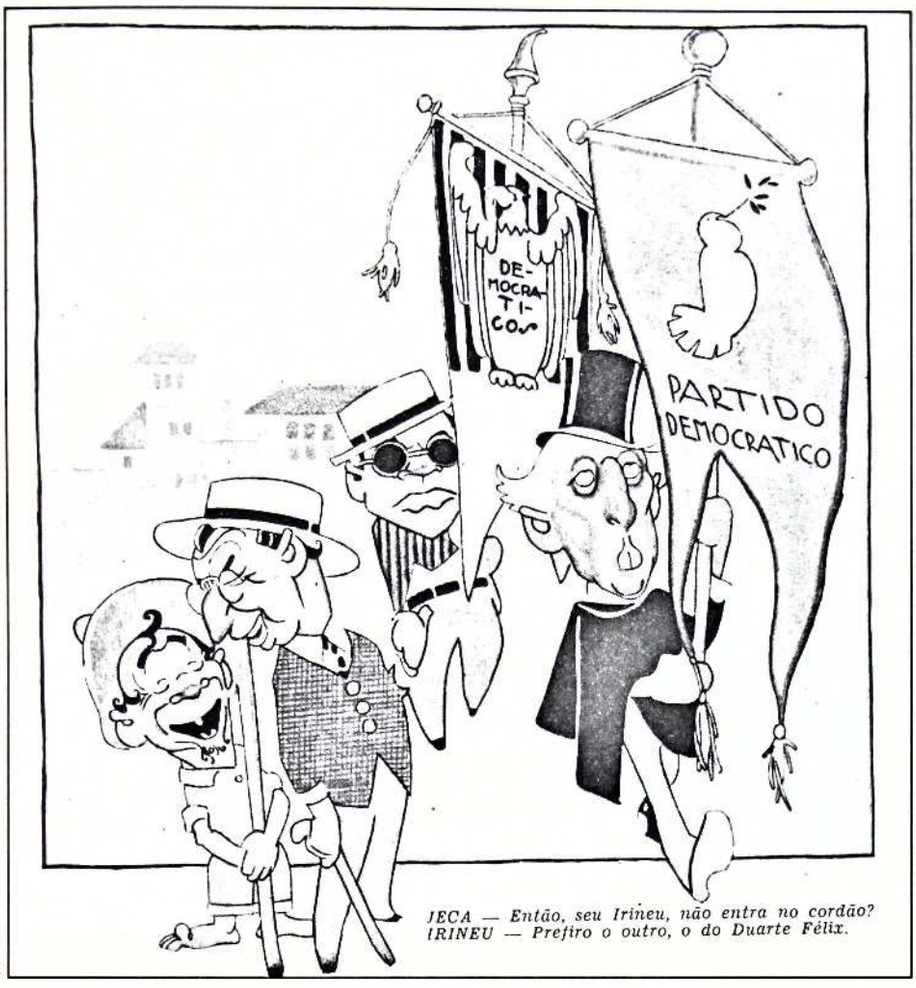
1


VOTAE NOS CANDIDATOS DO PARTIDO DEMOCRATICO
BASTA DE MENTIRA!
A REPUBLICA SÓ EXISTE NA LIBERDADE DO
VOTO SECRETO!

2


DE PÉ, S. PAULO!
NAS ELEIÇÕES DE 24 DE FEVEREIRO, COM ESTA ARMA, DEFENDER-TE-ÁS DO ASSALTO DOS PIGMEUS!
PARTIDO DEMOCRATICO
PODEROSO FEDERAL
PLEITISTA EXTEMPORANEO

3



4



5

1, 2 e 3. Propaganda do Partido Democrático, 1928.
4. Charge política que, unindo o Partido Democrático ao cordão carnavalesco Democrático, dos mais populares naquele tempo, procurava depreciar a legenda oposicionista. O Malho, *18.6.1927.*
5. Propaganda do Partido Democrático.
6. Campanha de José Adriano Marrey Júnior.



6

• O baiano Artur Neiva cunha frase que causará grandes males a São Paulo no futuro imediato e no remoto: "São Paulo é uma locomotiva puxando vinte vagões vazios".

Estados do nordeste, antigos produtores de açúcar, alarmam-se ante o crescimento das safras paulistas do produto: de 96 000 sacas em 1894-95, quase 1,1 milhão em 1930. Querem do governo limitação a esse avultar paulista. São Paulo usufrui da produção e do consumo, tem por si o presidente da República, a indústria, o café, a Light, as ferrovias, as rodovias, o porto de Santos. Não pode conquistar o predomínio açucareiro ou se tornará mais forte e mais rico do que o potencial somado dos demais Estados.

No sul, estancieiros cobram do seu governo e dos seus políticos disposições e atitudes para que o Rio Grande se equipare a Minas Gerais e a São Paulo no exercício do poder econômico e político nacional.

• "O mineiro Antônio Carlos, pretendente ao trono, hábil em manobras de bastidores, articulou-se com os gaúchos, que igualmente o ambicionavam, e criou a Aliança Liberal. Fácil lhes foi conseguir, por uma intervenção amiga de Félix Pacheco junto ao senador Epitácio Pessoa, então juiz da Corte de Haia, que o seu sobrinho — presidente da Paraíba — João Pessoa, embora simpatizante do oficialismo federal, figurasse na chapa de vice-presidente da oposição. Chegou Epitácio a estranhar, em carta que lhe dirigiu da Europa: 'Estranho que aceites essa vice-presidência, quando as tuas simpatias são pelo Washington'." (Joaquim Inojosa.)



MINAS GERAIS — Mas eu, casar-me com o meu inimigo de todos os tempos?!
ANTONIO CARLOS — Paciência, filhinha: para salvar-me de perder a tua mão.

2



1

Em ritmo acelerado de mudança

As urnas de 1928 resultam magras para o Partido Democrático. O eleitorado burguês ainda era do PRP, o proletariado e o campesinato não freqüentaram entusiasticamente as salas eleitorais.

Para Washington Luís, tudo vai bem. As reservas crescem no Tesouro, equilibram-se a exportação e a importação, riquezas circulam pelas estradas recém-abertas, a moeda valoriza-se, o café está bem reputado e é abundantemente produzido. Podem resmungar os descontentes de sempre! Ele projetava ações e resultados, principalmente na área econômica, para além do seu período presidencial. Para garantir efetivação de tais planos precisara fazer o seu sucessor. Já o tem escolhido: Júlio Prestes, presidente de São Paulo.

Pelo tradicional rodízio, a presidência seguinte caberia a Minas Gerais, cujo presidente, Antônio Carlos, deixa claro estar pronto para assumir o Catete. Washington acena com Júlio e o partido parece aceitar tal decisão. Menos Antônio Carlos, que capitalizara os desgostos e os reclamos e não abre mão da vez de Minas fazer o presidente. Será candidato. Washington volta-se para o Rio Grande e o torna fiel da balança. Socorre as finanças gaúchas, tranqüiliza os libertadores da oposição, programa obras federais, encoraja Getúlio, o qual, reciprocando, em cartas de dezembro de 1928 e maio de 1929, assegura ao presidente que "o Rio Grande não lhe faltará com o seu apoio, no momento preciso".

Mas quando os enviados do obstinado Antônio Carlos vão ao sul, sem as bênçãos do Catete, são bem recebidos. Propõem o incrível na política sucessória: se o próximo presidente não for mineiro, não seja, a nenhum título, paulista. Por que não gaúcho? E por que não Vargas?! A 17 de junho, 1929, nasce a Aliança Liberal: Minas



1. *Diretório da Aliança Liberal em Porto União (SC), 1929.*
2. *"Casamento forçado", charge de* O Malho, *17.8.1929.*

e Rio Grande juntos para o melhor (eleição) e o pior (revolução). Terão consigo a Paraíba, guiada pelo seu presidente, João Pessoa. Getúlio Vargas será o candidato a presidente, e o paraibano, a vice.

O programa da Aliança Liberal não continha reivindicações capazes de fazer ruir a sociedade. Mesmo em relação ao governo central, mostrava-se comedido. Estendia, sim, pontes em todas as direções: ao operariado inquieto, reconhecendo a existência do "problema social", para o qual, no entanto, deixa de indicar remédios; ao patronato, assegurando que o problema social não era grave e poderia ser equacionado; aos governos dos Estados, prometendo reacomodar as representações, conferindo a todos eles importância igual.

Oferecia dois atrativos extras: o voto secreto — que aliás figurava em todos os programas — e a anistia. Com o aceno à anistia julgava amarrar à sua sorte os tenentes e os punidos por atuação nos movimentos revolucionários de 1922-1923-1924.

Pela primeira vez, o oficialismo, a máquina, a força persuasiva de três governos — sendo dois de grandes Estados — uniam-se contra o presidente. O isolamento geográfico dos três não os enfraquecia. Antes, favorecia a atuação proselitista e a estratégia de combate.

Washington Luís responde obtendo de dezessete Estados a indicação de Júlio Prestes. Os partidos extremam o desafio fazendo parecer inviável a pacificação. Discursando na Câmara, João Neves alude à decisão "terrível pelas armas". Júlio Prestes assegura: não renunciará à indicação. Considera-se eleito.

Conspiração em toda parte. Em São Paulo, o Partido Democrático adere a ela com entusiasmo: a 31 de agosto realiza comício pró-Aliança Liberal. É isso algo para estarrecer o país e já é revolta. Se na terra do candidato oficial era assim, o que não deveria ser nas outras terras?!

• A imposição do nome de Júlio Prestes por Washington Luís foi até objeto de piadas no teatro burlesco, de sambas brejeiros. Como o de Eduardo Souto, intitulado *É, sim senhor:*

• "Ele é paulista?/ É, sim senhor!/ Falsificado?/ É, sim senhor!/ Cabra farrista?/ É, sim senhor!/ Matriculado? / É, sim senhor! / Ele é estradeiro? / É, sim senhor!/ Habilitado?/ É, sim senhor!/ Mas, o cruzeiro?/ É, sim senhor!/ Ovo gorado?/ É, sim senhor!/
Bis: Vem, vem, vem,
Pra ganhar vintém,
Vem, seu Julinho, vem,
Aproveitar também".

("Estradeiro" tinha sentido de velhaco, espertíssimo, na gíria do tempo.) A referência ao "cruzeiro" — "ovo gorado" — prendia-se ao propósito de Washington Luís, não realizado, de criar moeda com o nome "cruzeiro".

• 1929, setembro: as reservas ouro atingem 31,1 milhões de libras. A exportação supera a importação. Para o governo, o futuro é brilhante à frente do país, graças ao seu proceder dinâmico e esclarecido. Como, pois, duvidar de que Washington Luís faça eleger Júlio Prestes? Haverá quem considere possível contrastá-lo nas urnas? Pelas armas?

• Prepara-se a colheita de uma supersafra de café: 28,2 milhões de sacas, fazendo os estoques mundiais subirem para 31,4 milhões de sacas. Criado o Instituto Paulista do Café, para o qual, imediatamente, o governo do Estado contrai com banco estrangeiro empréstimo destinado à compra do produto excedente a fim de manter elevados os preços. Proibida a exportação de cafés inferiores ao tipo 8 e estabelecido imposto de 3 xelins por saca exportada.



1. *Vinte e quatro de outubro de 1930: o povo carioca festeja na Avenida Rio Branco a vitória da Revolução.*
2. *"O fim da jornada revolucionária" — charge da* Careta, *novembro de 1930.*

a Aliança Liberal



"A Revolução de 1930 se desfechou por um imperativo histórico na sua indomável fatalidade; e era inevitável..."

Waldemar Ferreira

Proposta para recomeço do Brasil

• 1929, outubro. Crise na Bolsa de Nova York. Convulsão na economia mundial. Reflexos na atividade industrial brasileira, particularmente na paulista. Também a cafeicultura vai mergulhar em profunda depressão e conhecer a mais difusa mudança de mão da sua história.

• 1929, novembro-dezembro. Diminuída a produção industrial, enfraquecido o giro comercial, somam 400 000 os desempregados na cidade de São Paulo e arredores. Centenas de oficinas médias e pequenas fecharam as portas. Indústrias médias e grandes operam próximas do limite de quebra. Em todo o país, são 2 milhões os sem emprego.

• O valor de venda do café cai em 30 por cento. Não há mais crédito externo. Está suspenso o financiamento interno. Bancos e agiotas executam hipotecas sobre fazendas de café. Propriedades tradicionais mudam de proprietários. Perturbação social e econômica na cidade e no campo. Irritação geral contra a política econômica, contra os políticos, enfim, contra o governo.

• O Brasil voltou-se contra o café. A rubiácea passa a ter o perfil do grande culpado. Assis Chateaubriand dirá ser o café o "primeiro inimigo da ordem constituída".

• O câmbio arruinou-se, o ouro perdeu presença no erário federal; a obra de Washington Luís estava comprometida, não mais seria o grande argumento eleitoral em favor de Júlio Prestes.

A economia abala o mundo

A disputa eleitoral faz-se violenta. No plenário da Câmara (26.12.1929) o deputado aliancista Simões Lopes mata o deputado prestista pernambucano Sousa Filho.

A Aliança Liberal congrega classes e rancores, fundidos no propósito de mudar, seja como for, tudo o que deva ser mudado. Mesmo que Júlio Prestes desistisse da indicação, haveria revolta. Ela tornara-se obsessivamente necessária.

6 de fevereiro, 1930: o vice-presidente da República, Melo Viana, e comitiva prestista em visita eleitoral a Montes Claros, Minas Gerais, escapam de morrer às mãos e sob tiros dos aliancistas. Nunca, na história das mais acaloradas disputas eleitorais, chegara-se a tanto.

Quase 50 por cento das divisas nacionais eram consumidas em juros e amortizações; mais de 30 por cento, em dividendos e juros de investimentos estrangeiros. E mais fretes e seguros em companhias do exterior. Sobrava pouco mais do que nada para conter a crise econômica e estabilizar a moeda. O governo não tinha o que oferecer para manter o seu prestígio.



A campanha da Aliança Bem Liberal tem sido a mais patriotica possivel. A prova está na ponderação, serenidade e desinteresse com que os liberaes fizeram e fazem a propaganda das suas idéas de ordem e de trabalho.

Impressionados com essa louvavel attitude, os correspondentes das agencias e jornaes estrangeiros enviaram para os seus leitores melhores noticias para os interesses brasileiros.

De maneira que o Brasil, apesar de ser uma rapaz, se apresenta, aos paizes mais ricos para pleitear uma medida de importancia e defender a sua riqueza, é recebido com toda a consideração.

Como consequencia disso, o ouro estrangeiro, em vez de estancar a sua canalização para aqui, como aconteceu ás outras nações do continente, tem jorrado abundantemente no Brasil.

E ainda, ha poucos dias, quando tivemos necessidade de obter um emprestimo para proteger a economia publica, amparando a lavoura cafeira, o Brasil foi ainda attendido admiravelmente pelos banqueiros de Londres e Nova York.

Com o producto desse emprestimo, as classes laboriosas, vinculadas á sorte do café não tiveram difficuldades na solução dos seus compromissos. Prescindiram até do auxilio do Banco do Brasil.

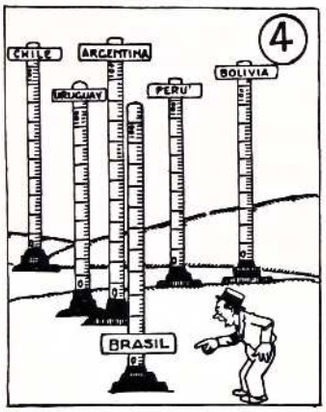
1. Charges alusivas à instabilidade política, criada pela campanha da Aliança Liberal, sua repercussão no exterior, o corte do crédito externo e a reação das classes laboriosas. O Malho, *16.11.1929.*



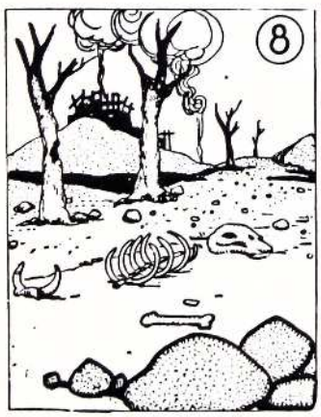
2



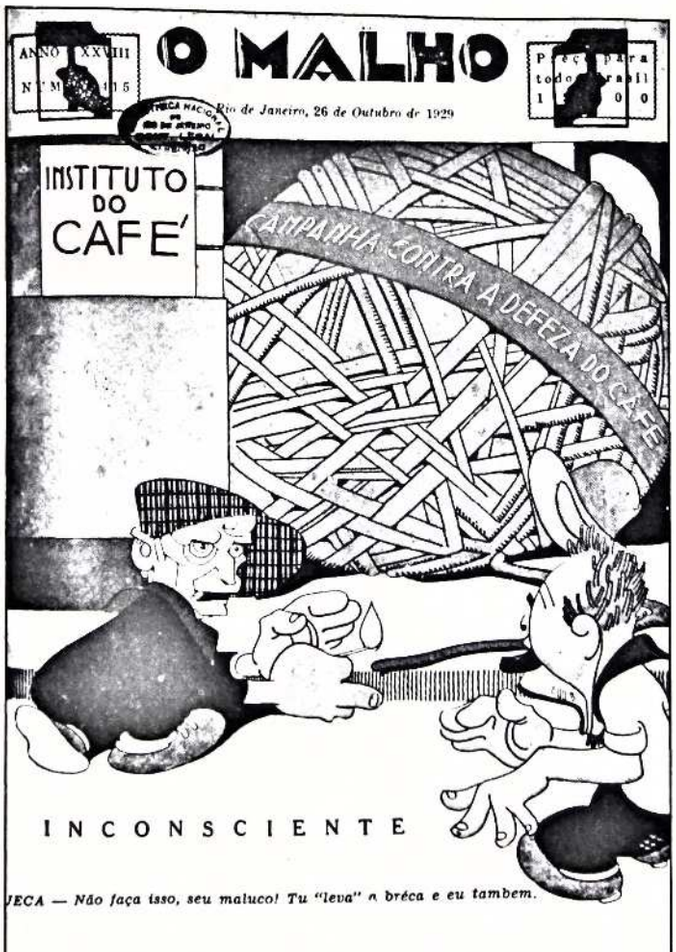
3



E é tal a confiança inspirada pelas promessas da Alliança Liberal, que o nosso credito, nos mercados mundiaes, em comparação com o credito dos demais paizes, subiu consideravelmente.



E assim vae a Alliança Liberal, com a ponderação, serenidade e desinteresse da sua attitude, trabalhando, cheia de enthusiasmo, para que a felicidade esteja em todos os lares brasileiros e a fartura alegre os nossos campos.



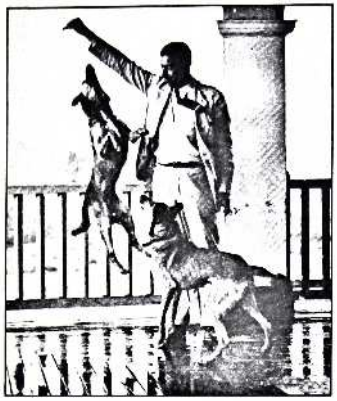
4

2 e 3. Cartazes de propaganda dos candidatos à presidência da República, 1929. Exibem já elementos de arte publicitária e cada facção atém-se ao principal do seu programa. Júlio Prestes acena com a continuidade do governo de Washington Luís; Vargas anuncia a anistia, atendendo aos tenentes e revoltosos de 1922 e 1924.
4. Charge alusiva à crise do café.

• A indústria dispensa operários veteranos substituindo-os por mulheres e menores de idade; corta os salários em até 20 por cento.

• As fazendas de café, transitando pelas pontes dos papéis dos bancos e das financiadoras, deslizavam da posse de famílias "quatrocentonas" para a de sitiantes, imigrantes e seus filhos. As cidades assistiam ao desfile de agricultores cultivando apenas a esperança na moratória.

• Queriam eles moratória por noventa dias e emissão de papel-moeda, resgatável à medida que se fosse vendendo o estoque de milhões de sacas de café. À comissão paulista que lhe entregou o pedido, Washington Luís declarou, peremptório: *não!*



1. *O candidato Júlio Prestes de Albuquerque.*
2. *Combatente da "República de Princesa" (PB), 1930.*
3. *João Pessoa na residência de Paulo Nogueira Filho. São Paulo, janeiro de 1930.*
4. *Charge "premonitória" publicada em* O Malho, *28.6.1930.*

Revolução: imperativo histórico.

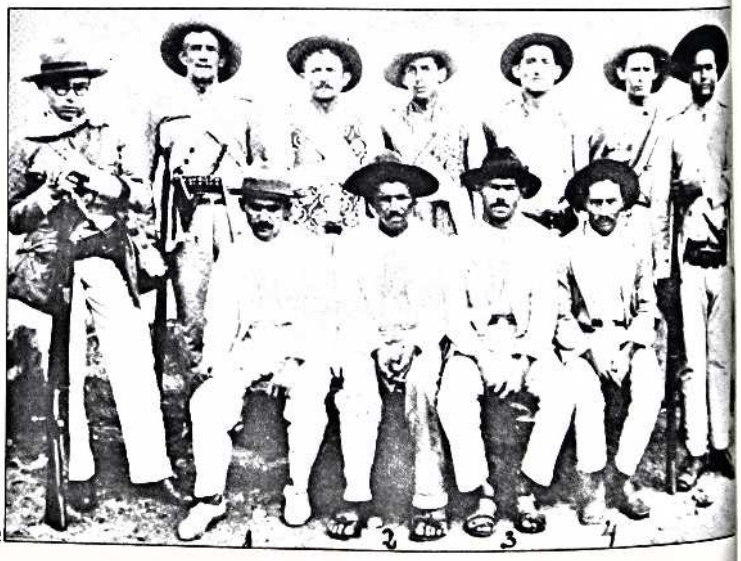
Na Paraíba, planejando atrapalhar a atuação do aliancista João Pessoa, presidente estadual, o governo federal estimula a "Rebelião de Princesa" (24.2.1930), guerrilha político-militar conduzida desde o interior por coronéis aborrecidos e políticos empresários contrariados por severas medidas fiscais do governo Pessoa.

A Câmara Federal, pressionada por Washington, chega a reconhecer os deputados "princesenses", promovendo a degola daqueles fiéis a João Pessoa. Tal proceder, que em outra época seria tido como questiúncula provinciana, ensejou repercussão nacional: o arrefecimento das esperanças dos moderados.

Os gaúchos manobram para atrair os tenentes, detentores da tecnologia nacional de fazer revolução moderna. Encontros sigilosos são realizados entre Flores da Cunha e Neves da Fontoura pelos aliancistas, e Siqueira Campos, Cordeiro de Farias, Eduardo Gomes, Neri da Fonseca pelos tenentes. Encontros sigilosos porque na cúpula da Aliança havia faces políticas conservadoras — Artur Bernardes, João Pessoa, Francisco Campos, por exemplo — que "ainda torciam o nariz" para esse "tipo de gente mal referida": os tenentes.

Apesar dessa reserva, os tenentes cedem seu aval à conspiração. Tanto eles, "grupo revolucionário tradicional", como os aliancistas, "oligarcas empedernidos", e as facções regionais motivadas pela ambição do poder local — a exemplo do PD em São Paulo — sabem que a Aliança é frágil e romper-se-ia no instante mesmo da vitória se não dispusesse de líder hábil o suficiente para manter tranqüilos e atendidos os inquietos e mutuamente suspeitosos aliados. Mais do que isso, os aliancistas estão certos de que, havendo vitória, haverá entre os vencedores disputa para a custódia e o desfrute da conquista.

De qualquer modo, o preparo continua. Notícias sobre a conspiração chegam ao gabinete presidencial. Os que conspiram estão também ao seu lado. Quando respondem "tudo marcha pelo melhor" referem-se ao preparo da revolução. Washington Luís recusa-se a admitir que possa haver traidores e maus informantes ao seu redor. Crê no seu prestígio, no seu bom governo, na força do partido.



• Do "tenente" João Alberto a propósito da reserva com que eram vistos os tenentes pelos aliancistas conservadores: "Estávamos de mãos dadas com os nossos adversários da véspera, os inimigos da Coluna, e não podemos esperar deles muita coisa. O próprio Artur Bernardes, contra quem havíamos lutado durante tantos anos, proclamava-se agora revolucionário ardoroso em Minas Gerais. Evidentemente aquela 'não era a nossa revolução', mas o que fazer?"

• A lavoura paulista, esfrangalhada a nível estadual e ré indigitada a nível nacional, lança manifesto alertando o país para a situação de insolvabilidade, da qual, afirma, o governo tem a culpa. Reclama a entrega do Instituto do Café (então estadual) aos cafeicultores, afastando-se da sua direção banqueiros, comissários, exportadores que até ali a empolgavam.

O governo deixa claro que nada pode fazer nem fará. Os estoques somam dezenas de milhões de sacas e o mundo, em crise econômica, parou quase de tomar café. Arrumem-se os lavradores como puderem e, se não puderem arrumar-se... quebrem.

Eleição... mas não solução.

1.º de março, 1930: o país foi às eleições. Os resultados contabilizaram a vitória de Júlio Prestes: 1,1 milhão de votos contra 737 000 dados a Getúlio Vargas.

A Aliança Liberal clamou por fraude. O governo, também. E argumentou: fraude houve mas nos arraiais aliancistas. Provas? Em São Paulo, posição-chave tanto de Washington Luís quanto de Júlio Prestes, o candidato Getúlio Vargas obtivera surpreendente votação, alcançada pelo Partido Democrático e por descontentes oposicionistas. Mas no Rio Grande, onde, sempre, o coeficiente eleitoral fora apenas regular, mesmo em anos de luta acirradíssima, as atas davam o comparecimento de 99 por cento dos inscritos, os quais teriam deixado nas urnas 298 627 votos para Vargas e 982 para Júlio.

Moderados consideraram que sempre fora assim; oportunistas aderiram. O Congresso reconheceria Júlio Prestes eleito e o processo político-administrativo continuaria como sempre. Os radicais, porém, decidiram-se pela contestação armada. Recolheram dinheiro para comprar armas na Tchecoslováquia, emissários cortaram o país, as frentes operacionais foram divididas e atribuídas: Juarez Távora, ao norte; Neri da Fonseca, ao sul; Siqueira Campos, em São Paulo. Mas este morre, em desastre aviatório, diante de Montevidéu, a 9 de maio. A 22 de maio, Júlio Prestes é proclamado presidente eleito. A 1.º de julho, Getúlio Vargas lança manifesto, denunciando o pleito e agredindo o rival. O clima é de exaltação.

Piora quando, a 26 de julho, por razões pessoais, João Pessoa é assassinado numa confeitaria do Recife. Motivos pessoais que os conspiradores transformam em políticos, erigindo o morto em vítima do governo.

"Presidente da República", gritam no Congresso, "o que fizeste do presidente da Paraíba?" Foi dito que o enterro, no Rio de Janeiro, sepultou também a Primeira República, tal o modo pelo qual galvanizou povo e políticos.

Terá sido este um dos incidentes melhor, mais arguta e decisivamente aproveitados para fins políticos no país. E com efeitos extraordinários.



3



4

● Retrato eleitoral do tempo: "Francisco Raimundo da Silva, comerciante em Cajazeira. Votou em Júlio Prestes. Na véspera das eleições João Pessoa esteve em Cajazeira, onde discursou dizendo que não vinha cabalar, mas visitar o eleitorado, pois o pleito era livre. Mas telegrafou da cidade de Sousa para a autoridade policial dali, mandando que agisse contra perrepistas. Depois, para a eleição a deputado estadual, no dia marcado estava a força policial embalada nas seções, não podendo votar os perrepistas, senão (e poucos) nas 1.ª e 2.ª seções. Os perrepistas deviam ser trezentos eleitores, tendo votado cento e poucos, não podendo os demais devido à coação. Depois das eleições estaduais, a autoridade recebeu um rádio direto de João Pessoa mandando fuzilar Francisco Raimundo, o qual abandonou tudo, fugindo..." O tenente Benício "respondeu que não podia fuzilar um homem simplesmente porque ele havia votado em partido diverso... O tenente Benício foi chamado à Paraíba e preso por três dias. Na sua ausência, o delegado local espancou e depredou". (Joaquim Inojosa, *República de Princesa.)*

● 25 de maio, 1930: Heitor Teixeira Penteado, vice-presidente, assume a presidência do Estado. Júlio Prestes deixa-a preparando-se para assumir a da República.

● Em São Paulo, o Partido Democrático emocionalizou e explorou a morte de João Pessoa. A 3 de agosto, estudantes depuseram retrato do morto e muitas flores, ao pé da estátua de José Bonifácio, no Largo de São Francisco. Comício improvisado denunciou o governo Washington Luís como autor da violência e transformou-se em passeata de protesto. A polícia acorreu, passou-se ao corpo-a-corpo e a tiroteio com muitos ferimentos e alguns casos de morte. O diretor da Faculdade de Direito, centro da agitação, solicitou ajuda ao Exército, que só ao fim do dia conteve o tumulto. O PD julgou-se vitorioso: o povo apupara a polícia e o governo. E isso decerto teria reflexos quando da revolução em preparo. Entrando em São Paulo, em outubro, os revoltosos mandaram, entre as primeiras medidas, rebatizar o Pátio do Colégio ou Largo do Palácio como João Pessoa.



1. *A derrota eleitoral da Aliança Liberal. Charge de* O Malho, *3.3.1930.*
2. *O levante de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba numa alegoria de Oswaldo Teixeira.*
3. *Passagem de Getúlio Vargas por Itararé rumo a São Paulo e Rio de Janeiro. Passar por Itararé significava vitória.*



"Cavalos... rumo ao Obelisco!"

3 de outubro, 1930: às 17:30 horas, em Porto Alegre, em Minas, Pernambuco e Paraíba, irrompe a revolução. Na capital revolucionária — Porto Alegre —, as aulas haviam sido suspensas, para que tudo corresse com o mínimo de complicações. Em quase todas as capitais e grandes cidades, o movimento foi recebido com bênçãos pelo povo, que acorreu às ruas para tomar desforras pequenas ou grandes e gritar a esperança em um novo tempo e em um país novo. O proletariado manteve discreto recato, preferindo aguardar o rescaldo das festas antes de saudar a Segunda República.

Pelo norte-nordeste os governos estaduais caíram como castelos de areia ante a vaga popular, testemunhando o distanciamento administração-população.

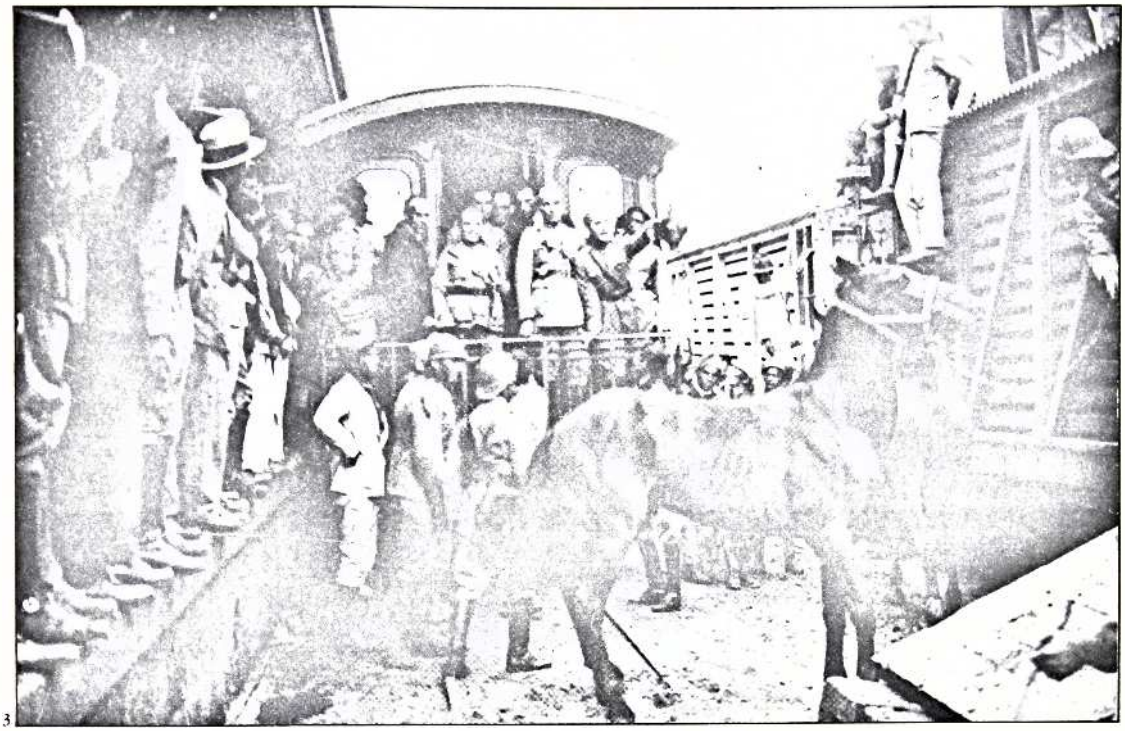
No Recife, assegura Lima Sobrinho, foram contados 38 mortos e 120 feridos, "as maiores baixas verificadas em um só Estado, em todo o movimento".

Houve heroísmos de tropas legalistas, resistindo em Porto Alegre; em Sousa, na Paraíba; em Belo Horizonte. Gestos isolados. Resistência organizada e capaz de dar timbre à voz do governo, somente o Estado de São Paulo poderia oferecer. E ofereceu. A ordem do dia do comando do 6.º BI da FP é reveladora. Denuncia "movimento sedicioso no Estado de Minas Gerais e outros, visando uma invasão do Estado de São Paulo". Diante dessa ameaça, "esta Força, por determinação do governo deste Estado, teve ordem para mobilizar e conservar-se de rigorosa prontidão, a fim de, em cooperação com tropas do Exército, impedir a invasão..." Para São Paulo, a revolução era, essencialmente, antipaulista.

O trauma da Força Pública: Itararé

A Força Pública dispunha de infantaria, cavalaria, artilharia, aviação. A segunda maior força militar da América do Sul. Um terço do efetivo corre para Itararé, ao lado de 1 600 recrutas do Exército e de 1 000 civis armados. Propõem-se barrar o caminho do Rio de Janeiro aos revolucionários, cujo comando militar honorário Getúlio Vargas assumira em Ponta Grossa, no dia 12.

Discutir-se-á até o final dos tempos se Itararé resistiria ou seria vencida pelos que subiam sem haver, até ali, encontrado contestação ponderável. Oito mil aliancistas, cobertos por dezoito bons canhões, investiriam sobre 5 600 homens e quatro canhões apenas razoáveis dos legalistas. Os dois comandantes — detalhe notável — pertenciam aos quadros da Força Pública de São Paulo; coronel Miguel Costa, atacando; coronel Pais de Andrade, defendendo Itararé. A Força Pública viera sendo preparada para algo como aquela apoteose guerreira. Até com presença no céu: cinco novíssimos aviões americanos que, sobre a estação ferroviária da vizinha Sengés (PR), inauguram o ciclo brasileiro de bombardeio aéreo. O coronel Andrade ganha tempo em Itararé, fazendo atacar Sengés, resistindo em Morungava, destroçando incursores no Passo do Cipriano. Estava certo de que venceria em Itararé e, vencendo ali ao próprio Getúlio, esmagaria a revolução. Mas Itararé, como batalha, não aconteceu. Viu passar, trânsito livre para São Paulo-Rio de Janeiro, os trens de cujas janelas os desafiantes acenavam lenços vermelhos. Um negro, soldado nordestino da Força, derramara o único sangue em Itararé, esviscerando oficial sulino que menosprezara o valor da corporação paulista. No geral, a Força saiu de Itararé, e de 1930, traumatizada:



3

treinada para vencer, encontrara-se vencida sem combater. Logo mais, o "tenente" João Alberto, feito delegado militar e em seguida interventor federal em São Paulo, iria lançá-la contra o operariado paulistano e mandá-la vigiar estreitamente a burguesia enfurecida e encurralada, já em processo de reagrupamento agressivo. E a Força tinha-se por representação da sociedade paulista, embora constituída, em alta percentagem, por oficiais e soldados nortistas e nordestinos. O trauma ajuda a explicar por que na Força Pública germinou a resistência e a conspiração, apesar de haver sido ela dominada, diminuída, dispersada intencional e fundamente. A resistência evoluiu para a revolta, falhada em 1931 e vitoriosa, dentro da corporação e do Estado, em 1932. É que a Revolução de 1930, apressadamente, retirou poderio e combatividade à milícia. No ideário tenentista figurava o debilitamento progressivo e até o máximo dos "exércitos dos Estados". Em São Paulo tal propósito seria cumprido com rigor e eficiência. De tal modo que em 1932 a Força podia bem menos, militarmente, do que em 1930. Diziam na Força que esse mal derivara de não ter acontecido a batalha de Itararé.

E Itararé não aconteceu porque a 24 de outubro, horas antes do primeiro disparo da batalha propriamente dita, os generais Tasso Fragoso e Mena Barreto e o almirante Isaías Noronha, constituídos em Junta Pacificadora, apearam Washington Luís da presidência. Uma vez instalados no poder central, deram notícia do fato aos poderes vagamente vigentes nos Estados não revolucionários e aos chefes da Aliança Liberal. Estes sentiram-se postos de lado e bufaram: haviam preparado e assado o bom-bocado, haveriam de comê-lo. Góis Monteiro garantiu a Getúlio Vargas: "Aproveitemos que a tropa está em ponto de bala. Vamos com ela sobre o Rio". Getúlio teria observado que um bom e enérgico telegrama poderia obter da Junta o mesmo resultado. Pararia em São Paulo à espera.

● O avanço era precedido por ordens também anunciadoras de uma disposição feroz:

I — "Em nome do doutor Getúlio Vargas, presidente eleito da República e chefe supremo das forças nacionais, determino que em todas as municipalidades sejam depostas as autoridades perrepistas, assumindo os governos locais os representantes da Aliança Liberal. General Miguel Costa, comandante da vanguarda revolucionária do Exército Libertador". *(Diário de São Paulo,* 27.10.1930.)

II — "Coronel João Alberto, general Miguel Costa e coronel Alcides Etchegoyen. Onde estiverem. Governo Provisório Rio está determinando suspensão operações militares às tropas que defendem Catete. Comando Geral Forças Nacionais determina continuação progressão no Estado São Paulo, devendo as tropas adversárias render-se entregando armamento e munição, mesmo seja necessário empregar força. A ocupação de São Paulo será feita progressivamente por nossas forças, cujo movimento só será detido por minha ordem. Coronel Góis Monteiro, chefe EMG."



Diario de Noticias

VENCEU A REVOLUÇÃO

Deposto e preso o Presidente Washington Luis, chefia a dictadura o general Tasso Fragoso

3 povo bahiano, ordeiro e brazileirissimo vibra de enthusiasmo nas ruas

AO POVO

O Brazil sob Governo revolucionario

RIO, 24 (Argos) Acaba de ser preso o Presidente Washington Luis, em companhia de todo o seu ministerio. Assumiu o Governo uma Junta Governativa, chefiada pelo general Tasso Fragoso, e composta, dentre outros, pelo general Mena Barreto e dr. Afonso Pena Junior

1

Muitos pretendem governar São Paulo

A tarde-noite de 24 de outubro foi de arruaças em São Paulo. Correrias, princípios de depredação e de saque, empastelamentos. A multidão incendeia o Clube Republicano. Havia muita mágoa armazenada; muito ódio antigo represado. Mesmo antes da entrada dos vitoriosos, um certo ajuste de contas foi posto a funcionar. Na manhã de 25, a odiada delegacia policial do Cambuci é depredada.

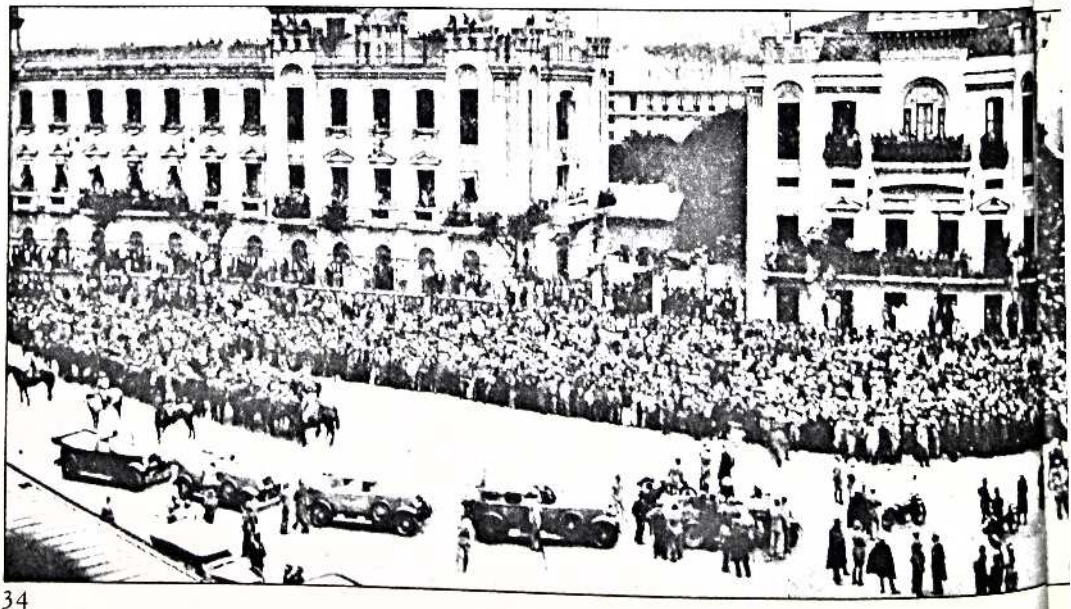
A Junta Pacificadora, no Rio, atenta ao seu nome, entendeu que as estripulias paulistanas justificavam sua intervenção, imobilizando de vez o Estado que vinha de perder tudo — presente e futuro, com Washington Luís e Júlio Prestes — e, portanto, o Estado onde mais prontamente poderia surgir a contestação.

Na madrugada de 25, a Junta nomeou interventor o general Hastínfilo de Moura, comandante da Região Militar. O vice-presidente estadual, Heitor Penteado, partira, na primeira hora do dia, para fazenda familial, e Júlio Prestes adentrara uma representação consular.

Hastínfilo, mesmo não sendo político, carecia de políticos no governo. Socorreu-se do prestativo Partido Democrático, inclusive por ser notório que a Junta Pacificadora, horas mais tarde, convidaria o presidente democrático, Francisco Morato, para a chefia do governo local. Morato, contudo, vai de trem ao encontro de Getúlio. Falar-lhe-ia de igual para igual, na qualidade real de aliado, de um dos promotores da surpreendente votação obtida em São Paulo pela Aliança Liberal. Mas, quanto à interventoria, não a aceitará da Junta mas sim de Vargas, por coerência e fidelidade à Aliança.

Sem pôr reparo no lúcido comportamento de Morato, Vargas tinha, no referente a São Paulo, problema mais sério a decidir: a rivalidade entre os tenentes e os políticos. Aqueles, os técnicos e o "braço armado da Revolução", cobravam o seu preço: cumprimento de pontos do seu ideário e governadoria de alguns Estados. Básica e necessariamente, a de São Paulo.

• O secretariado do interventor General Hastínfilo de Moura: Plínio Barreto, Justiça; José Maria Whitaker (logo chamado ao ministério), Fazenda; Macedo Soares, Interior; Henrique de S. Queirós, Agricultura; Francisco de Monlevade, Viação; Cardoso de Melo Neto, prefeitura da capital; Vicente Ráo, chefia da polícia. A orientação do secretariado coube a Plínio Barreto, que a exerceria à plenitude.



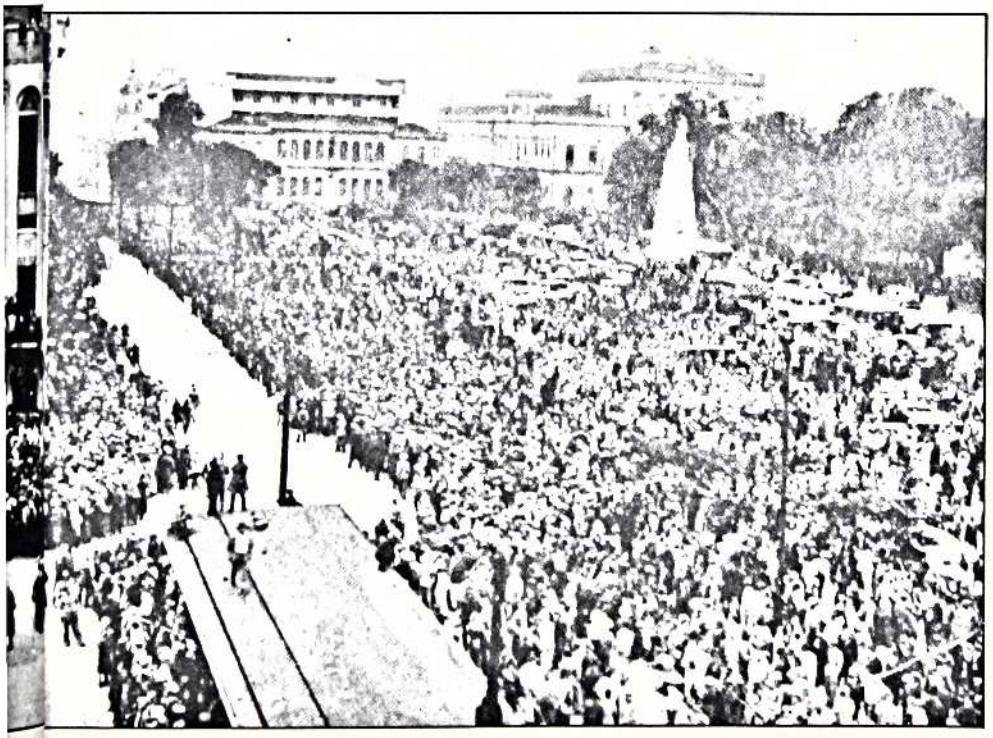
2



3



4



1. *Manchete de jornal baiano, edição de 24.10.1930.*
2. *Imediações da Estação Dom Pedro II em 3.11.1930, dia da posse de Getúlio Vargas.*
3. *Manifestação popular no obelisco da Avenida Rio Branco, em homenagem a Getúlio Vargas. À esquerda, no alto, o tenente Cabanas. 1.11.1930.*
4. *Vargas chega ao Palácio do Catete.*
5. *Washington Luís, deposto, deixa o Forte de Copacabana a caminho do exílio.*

● "Os tenentes", observou Agildo Barata, "em todas as frentes onde atuaram conquistaram habilmente a vitória, no terreno das armas. (. . .) Deposto o governo, ficaram aturdidos, atônitos e incapazes de conduzir os acontecimentos políticos. . . "



5

• NOTA OFICIAL DOS JORNAIS PAULISTANOS:

"Ficou hoje definitivamente organizada pelo doutor Getúlio Vargas, chefe do Governo Provisório da República, a administração do Estado. O governo propriamente dito fica constituído do secretariado de Estado, composto exclusivamente de civis, sob a presidência do secretário da Fazenda, doutor José Maria Whitaker.

A parte militar foi confiada ao coronel João Alberto Lins de Barros, delegado do chefe do Governo Provisório Federal, que exercerá neste Estado, quanto aos negócios da Guerra e Polícia Política, todos os poderes que se façam necessários para a consolidação definitiva da obra revolucionária.

O secretariado é o seguinte:

Doutor José Maria Whitaker — Fazenda;

Doutor José Carlos de Macedo Soares — Interior;

Doutor Francisco Pais Leme de Monlevade — Viação;

Doutor Henrique de Sousa Queirós — Agricultura;

Na chefia de polícia o doutor Vicente Ráo, e na Prefeitura Municipal de São Paulo o doutor J. J. Cardoso de Melo Neto".



1



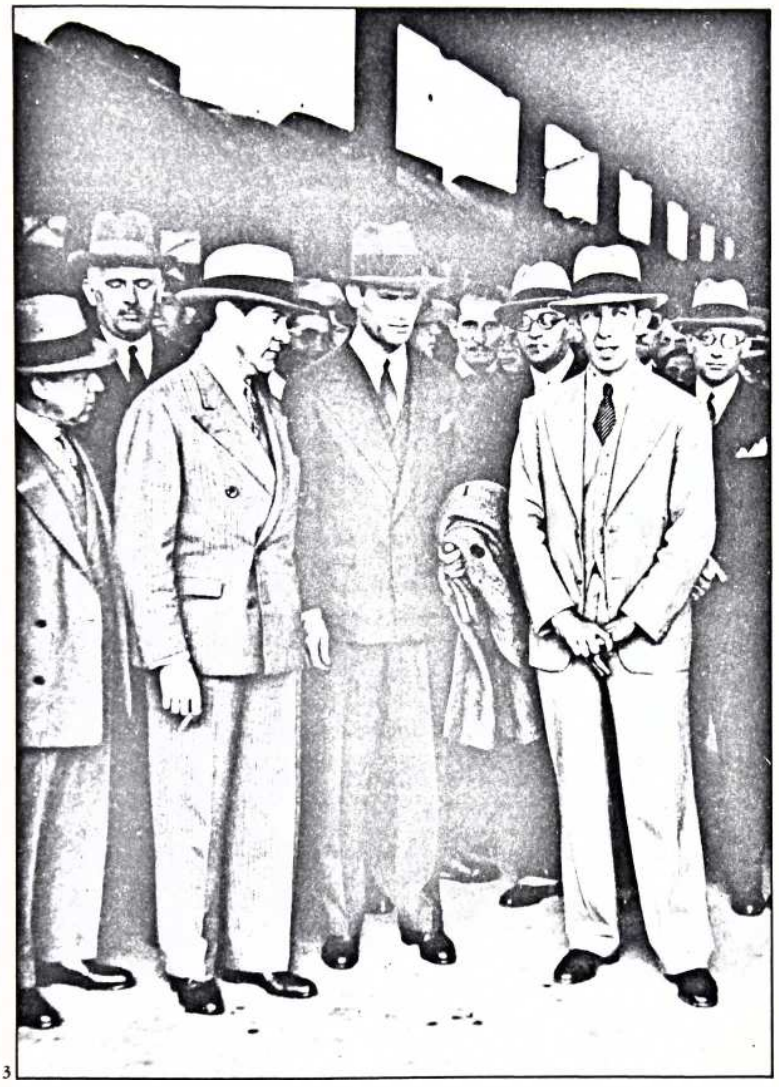
2

João Alberto comanda São Paulo: o tenentismo vitorioso.

Entre atender à esperança merecida do Partido Democrático paulista e manter ao seu lado os aguerridos tenentes, quando o domínio do país não era completo nem pacífico, pois a Junta não mostrava pressa alguma em transferir-lhe o Catete, Vargas decidiu em favor dos tenentes. Mesmo entre esses havia disputas: João Alberto e Miguel Costa reclamavam, pessoalmente, os Campos Elísios. Virgílio de Melo Franco, amigo das personagens, testemunha que, já no trem proveniente de Itararé, aqueles disputantes defrontavam-se dispostos a tudo para conseguir o poder em São Paulo.

Dando mostras do malabarismo político que o tornaria lendário, Vargas de nenhum deles faz interventor, mas designa João Alberto delegado militar. Quando, a 28, o nomeado desembarca brandindo a nomeação, choca-se com um secretariado disposto a obedecer menos a ele, delegado, do que a Plínio Barreto, secretário líder depois que Whitaker fora guindado ao ministério.

1. *Francisco Morato (centro) e Macedo Soares aguardam na Estação Sorocabana a chegada do Trem da Vitória, que conduz Getúlio Vargas. 29.10.1930.*
2. *Populares aguardando o desembarque de Miguel Costa na Estação Sorocabana.*
3. *Osvaldo Aranha, Juarez Távora e João Alberto. São Paulo, dezembro de 1930.*



3

João Alberto não viera para dividir poderes; sim, para assumi-los. Ademais, nada faz para ocultar o propósito de alijar todos os "políticos carcomidos", e não só aqueles perrepistas, da vida pública.

Travariam, delegado militar e secretariado, uma guerra áspera durante quarenta dias, que tantos foram os do seu mandato, exatamente cognominado "o governo dos quarenta dias".

Pela tarde de 29 de outubro, Getúlio desce em São Paulo. Faz alto. Menos para consolar o lamentoso Partido Democrático ou tentar suavizar os atritos entre João Alberto e o secretariado do que para esperar que Góis Monteiro, com linguagem inequívoca, faça a Junta Pacificadora, no Rio, entender que, a qualquer título, o poder por ela retirado ao presidente Washington Luís cabe ao candidato da Aliança Liberal. Resistir ou tergiversar significará o prosseguimento das operações de guerra revolucionária. A Junta cede, Getúlio parte, furando o bloqueio de Francisco Morato e seus democráticos. Ido o trem, negado o governo paulista aos aliados de campanha política e dos azares da revolução, Getúlio sabia tê-los, a partir de então, esfriados e distanciados. Tratou-se da primeira defecção, embora não formalizada, na Aliança.

● "Ao povo

O interventor federal, coronel João Alberto Lins de Barros, os secretários d'Estado, o chefe de polícia e o prefeito municipal, constituindo o governo provisório de São Paulo, assentaram, em perfeita harmonia de vista, imprimir caráter civil à administração pública. Embora garanta plena liberdade de pensamento, o gôverno paulista não consentirá em agitações de caráter comunista ou anarquista, estando firmemente resolvido a reprimir com severidade as tentativas que se façam para perturbar a ordem pública, danificar a propriedade particular ou para ofender as pessoas. As medidas de caráter provisório que o coronel João Alberto tomou para pacificação do operariado serão mantidas unicamente em relação aos operários que continuarem a trabalhar e durante o prazo já estabelecido. As soluções definitivas, se não puderem ser convencionadas entre os próprios interessados, deverão ser pedidas ao governo federal, pondo o governo de São Paulo, entretanto, os seus bons ofícios ao serviço dos patrões e operários para entendimentos eqüitativos. Todos os direitos privados serão respeitados e todas as pessoas protegidas e todas as atividades lícitas amparadas. Não serão poupados esforços para minorar as dificuldades com que lutam as classes trabalhadoras, procurando-se colocar os desocupados e favorecendo-se, por todos os modos, dentro das normas da mais rigorosa justiça, o desenvolvimento do bem-estar coletivo.
João Alberto Lins de Barros
Plínio Barreto
Francisco de Monlevade
José Carlos de Macedo Soares
Erasmo de Assunção
Henrique de Sousa Queirós
Vicente Ráo
Cardoso de Melo Neto."

• "A revolução entrara em São Paulo prendendo e perseguindo com requintes de escusada violência. Um ex-secretário de Estado da situação deposta foi preso em casa, alta madrugada, e posto, aos olhos da família aterrada e indignada, numa carrocinha de cães, com o caridoso aviso de que ia ser incontinenti fuzilado." (Batista Pereira.)

• "Assinado o acordo de Sengés, foi logo depois o Estado invadido e ocupado militarmente por numerosas colunas revolucionárias, que convergiram para a capital e outros centros de importância comercial e estratégica, de acordo com as ordens do chefe do EM revolucionário, neles permanecendo o tempo necessário à montagem da máquina oficial destinada à dominação do Estado." "O fato é que São Paulo, em vez de ser tratado como irmão pelos inspiradores da política revolucionária, foi tratado como terra conquistada, onde o tacão de botas do caudilho veio pôr em sobressalto e ofender os justos melindres dos sete milhões de brasileiros que aqui mourejam." (Heliodoro Tenório e Odilon Aquino de Oliveira.)

• "CARÁTER TRANSITÓRIO DA REVOLUÇÃO DE 30":

Assegura a *História do Exército brasileiro:* "A história da Revolução de 1930, incontestavelmente, marco indelével na marcha da evolução político-social brasileira, evidenciou que a sua obra não poderia ter caráter definitivo.

Em verdade, de raízes político-partidárias, não conduzia programa cuja execução exprimisse a Revolução.

Daí os desencontros de idéias e princípios, além do mais porque trazia na sua estrutura remanescentes de outras tentativas, ao lado de políticos militantes, liderando as respectivas correntes e de militares idealistas, mas sem amadurecimento político ou revolucionário.

Travou-se a luta política. De um lado, os que acreditavam nela e aspiravam, com a Ditadura, a revolucionar o quadro político-social brasileiro; do outro, os que, sentindo-se frustrados, trabalhavam pela volta do regime anterior."



1


2

Purgando o pecado da liderança

Invadido e ocupado

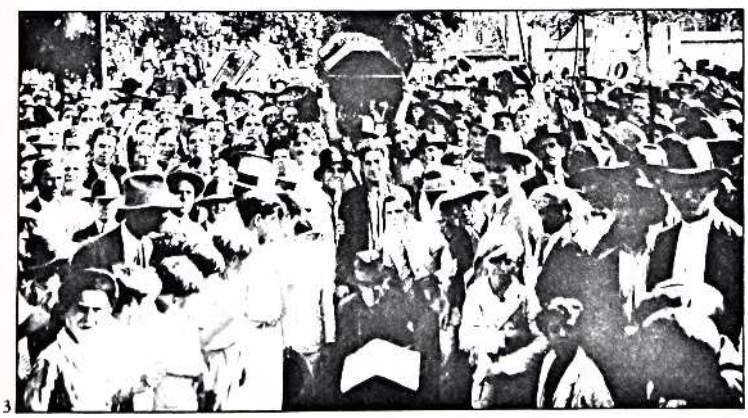
Por todo o país, detenções, depredações e saques. Substituição em massa dos dirigentes municipais, empastelamento de jornais. Morrera a República Velha: enterravam-se, com sabor de vingança e na verdade com muita esperança no futuro nacional, 35 anos de mando perrepista.

Em São Paulo, ocorreram manifestações de rua animadas pela crença de que o nome "Liberal" da aliança revolucionária significasse novos tempos, costumes políticos mudados, oportunidades franqueadas a todos, recuperação econômica imediata. Os elementos do Partido Democrático festejaram com maior entusiasmo, confiantes no encontrarem-se a caminho do poder. A massa popular empastelou jornais, depredou a sede do PRP, assustou famílias de chefes vencidos. O proletariado nem tugiu nem mugiu, desconfiadamente recluso em seus bairros e vilas.

4 de novembro, 1930: a despeito da oposição de Juarez Távora, porta-voz mais credenciado dos tenentes, chamado mesmo "o vice-rei do nordeste", Getúlio Vargas é empossado na presidência em caráter provisório. Ascende ao poder maior, pouco à vontade entre os esbarrões e estranhezas trocados desde logo entre os tenentes, que exigem mudanças radicais, e a cautela moderadora dos políticos, cultivadores de hábitos eficientes no garantir governo. Para estes últimos a revolução, no fundo, significara a chegada ao poder, inviável pelos padrões que a presidência julioprestista, decerto, observaria.

Vargas, salomonicamente, buscou adiar o confronto ou a cisão entre seus aliados: confiou as indicações ministeriais aos políticos e as interventorias estaduais aos tenentes.

E enquanto eram ignoradas ou silenciadas as vozes que exigiam definição de limites para a provisoriedade e o poder do governo outubrista, João Alberto é confirmado, a 25 de novembro, representante getulista em São Paulo. O delegado é transformado em interventor.



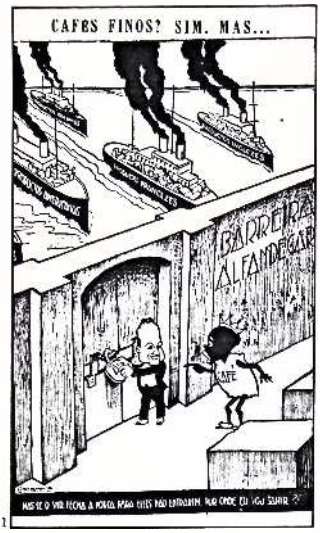
3



4

● Assumindo a presidência, Getúlio assegurou que o fazia como delegado da Revolução, "em nome do Exército, da Marinha e do Povo", para organizar o movimento "que depusera a República Velha". "Todavia", diz G. Carneiro, "a Revolução de 1930 foi um amontoado de tendências divergentes, não possuindo inicialmente, para guiar-lhe a ação reconstrutora, princípios orientadores nem postulados ideológicos definidos e propagados."

1. *Empastelamento do jornal* A Gazeta. *São Paulo, outubro de 1930.*
2. *Osvaldo Aranha e Getúlio Vargas assistem da sacada do Palácio do Catete à grande manifestação popular em 31.10.1930.*
3. *Enterro simbólico do perrepismo em Araraquara. São Paulo, outubro de 1930.*
4. *Getúlio Vargas dá posse aos novos ministros, 3.11.1930. Um deles é o paulista José Maria Whitaker.*



1

Operação desmonte

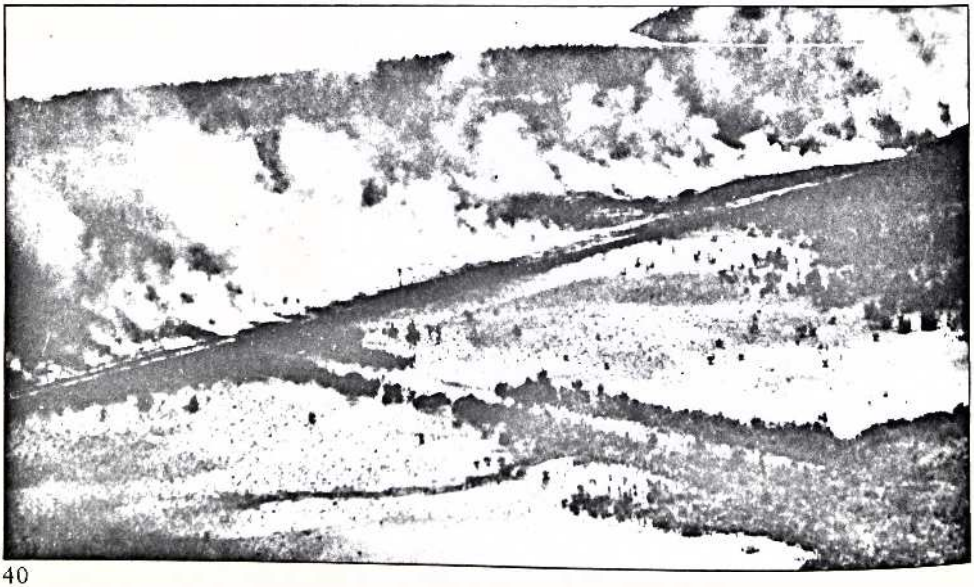
Em São Paulo, os tenentes sabem o que desejam: alijar do poder, para sempre, os próceres do PRP que desde 1894 comandavam o Estado e por decênios chefiaram a República. Programam mudanças em todos os altos cargos da administração, a entrega da Secretaria de Segurança a Miguel Costa, reformulação no secretariado estadual porquanto, no seu decidir, os "carcomidos" do Partido Democrático eram os mesmos do PRP, sob outro rótulo, reforço da censura à imprensa, controle das ruas evitando manifestações operárias, vigilância sobre clubes, entidades, sociedades.

O Clube Três de Outubro e a Legião Revolucionária, recém-instalados, são os olhos e os ouvidos dos tenentes e do outubrismo, policiando governo, povo, economia, ruas e quartéis da Força Pública. Fundarão o Partido Popular Paulista, para agrupar esse contingente defensor de 1930. Nas oficinas gráficas do governo estadual imprimem o jornal *O Tempo,* seu porta-voz.

Nenhuma medida para reativar a vida econômica: "com toda a sua riqueza, São Paulo arranje-se sozinho". Determinadas produções serão limitadas para enfraquecer o poderio econômico do Estado.

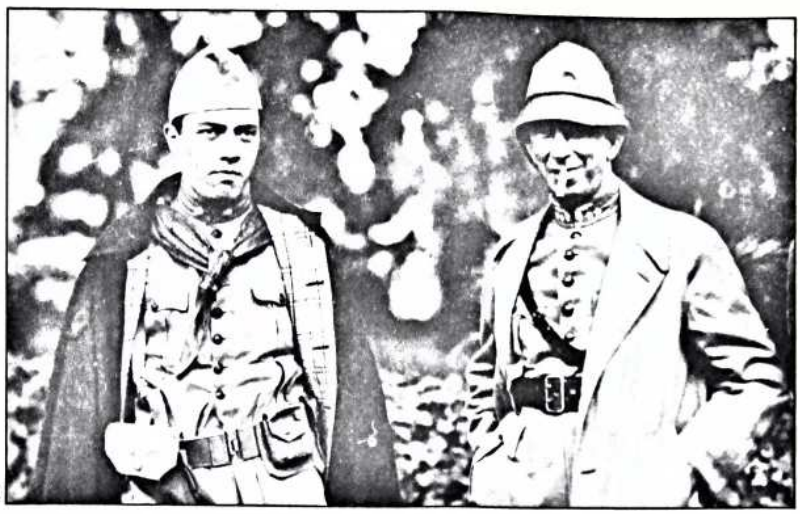
A situação imposta ao Estado vencido ajuda a compreender os acontecimentos seguintes. Descreveu-a Baptista Pereira:

"Súbito começa o martírio de São Paulo, martírio real, espezinhamento sistemático, tratamento bárbaro e desumano, incompatível com as noções mais comezinhas da civilização. São Paulo, atônito, estremece. Protesta. Continuam os vexames. Agita-se todo o território paulista. Acresce, avoluma-se o sentimento de revolta, a indignação. A fagulha fez-se chama e a chama incêndio. O indiferentismo paulista some-se como por encanto. Todos os lares esbrasearam-se em áscuas de ira e revolta. Forma-se uma atmosfera eletrizada, cruzada de relâmpagos, pronta a deflagrar em temporal e ciclone, ao primeiro abalo que lhe rompa o equilíbrio. E veio a revolução como um fenômeno sísmico". *(Diário da Capela.)*


2



3 A NOVA REPUBLICA — Não chore, mamãe, que destes estamos livres...



4



5 Cuidado, legionario! Trata de passar incolume entre os dois.

• Era por tal modo ruim a situação financeira do país que o governo provisório suspendeu — o que ocorria pela terceira vez — os pagamentos da dívida exterior.

• 12 de dezembro, 1930: o governo põe em vigor lei que dificulta a imigração de operários. Tratava de combater o desemprego no país. Nas cidades industriais crescem os tumultuários bandos dos "sem trabalho". No ano seguinte, tal número será em 10 por cento superior àquele de 1930. Em dezembro de 1931, serão 2 milhões em todo o país, não contados os da área rural.

• Luís de Barros, irmão de João Alberto, foi autorizado a instalar em São Paulo uma seção do Partido Comunista. Empresariado e burguesia horrorizam-se.

• Nos armazéns, 30 milhões de sacas de café, sem mercado. Paralisadas.

• Miguel Costa cria a Legião Revolucionária. Centenas de homens afeitos à luta armada são trazidos do sul e do norte para encurralar a burguesia e manter quietos os "carcomidos" Distinguem-se pelo uso de braçadeira vermelha.

1. *Charge de Belmonte.*
2. *Queima de café em Santos, 1931. A queima, praticada junto aos armazéns reguladores, incinerou milhões de sacas, durante anos, visando a impedir a queda dos preços e buscando reduzir os estoques.*
3. *Charge da* Careta, *22.11.1930.*
4. *Oscar Pedroso Horta e Miguel Costa.*
5. *Charge da* Careta, *29.11.1930.*

• As exportações brasileiras, que em 1928 haviam arrecadado 96 milhões de libras, caem, em 1930, para 65 milhões.

• O café, que até 1930 representara 70 por cento da exportação nacional, teve seu valor reduzido de 4 libras para 1, ou, em dinheiro nacional, de Rs 200$000 para Rs 50$000.

• "...de nada valeram os esforços dos paulistas, tentando, por todos os meios, resolver problemas econômicos e sociais do Estado, a moralização da Justiça, o saneamento da administração e dos quadros do funcionalismo. Começava-se por São Paulo, o afastamento dos elementos civis liberais dos postos da Revolução. Ao Estado chegavam diariamente tropas de ocupação, levadas a aquartelar em estabelecimentos públicos, nas escolas, em hotéis." (Antônio Barreto do Amaral.)

1. Convocatória publicada em O Tempo — *27.9.1931.*
2. Cédula de membro da Legião Revolucionária.
3. Manifestação tenentista legionária na Praça da Sé, festejando a chegada de João Alberto a São Paulo, 25.11.1930.
4. Agitação social nas ruas, vinheta de Raul Pederneiras.
5. Encontro de Lindolfo Collor com líderes sindicais de São Paulo, 1931.

Legião Revolucionaria

Realizando-se hoje, ás 21 horas, no Theatro Municipal, o encerramento solenne do Congresso da Legião Revolucionaria, são convidados para comparecer áquella reunião todos os legionarios da capital e do interior.

1

LEGIÃO REVOLUCIONARIA

O Sr. 2º TE. ANDRADE DA SILVA BRAGA inscreveu-se na Legião Revolucionaria, no districto de SANT'ANNA



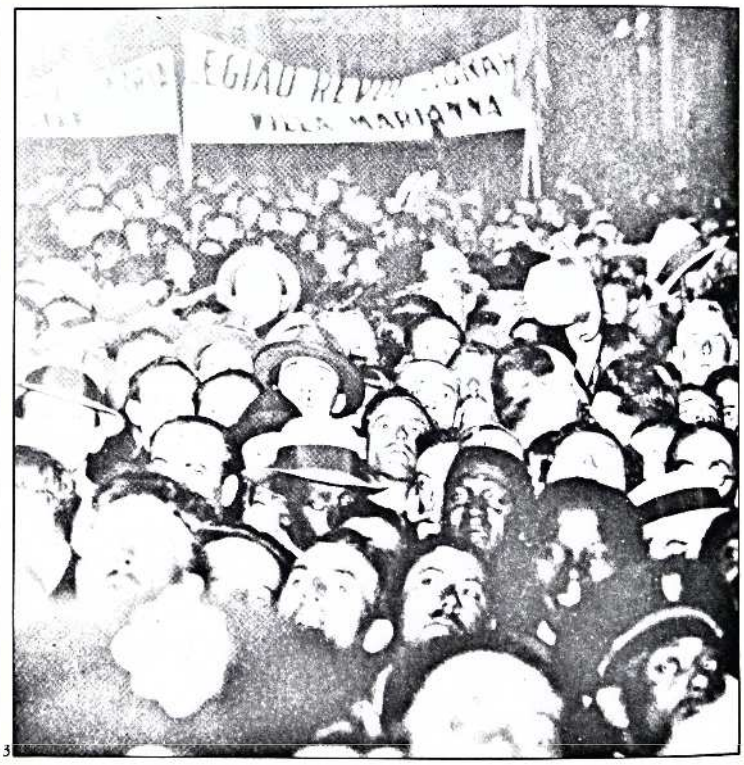
676 do livro n. 1

SECRETARIO GERAL

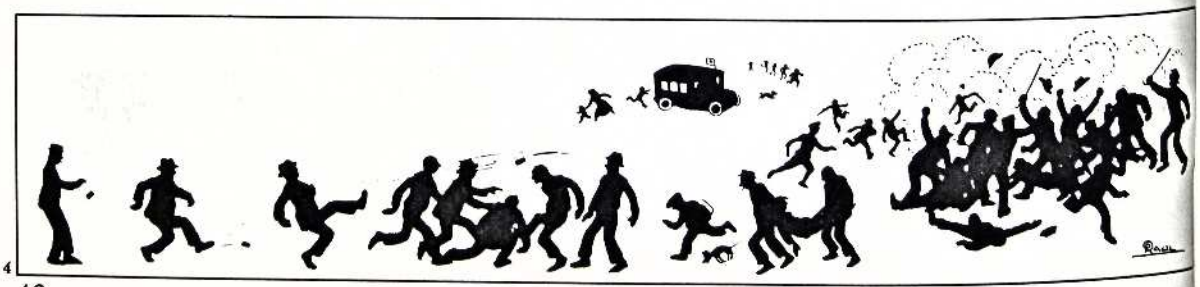
PELA COMMISSÃO DO DISTRICTO

7 de Julho de 193

2



3



4

Todo mundo descontente

Não há, pois, satisfeitos no São Paulo vergado pela crise econômica, a desolação no campo, a agitação proletária nas cidades industriais, a ocupação militar e administrativa, os atritos nas ruas com os grupos da Legião Revolucionária e os provocadores do Partido Popular Paulista. Pelo fim de 1930, Vargas presenteia as inquietas massas operárias com a criação do Ministério do Trabalho, que, no entanto, elas recebem com particular suspeita. Titular da pasta: Lindolfo Collor. O ministro corre a São Paulo, mostrar-se ao operariado, dizer dos seus planos e do propósito progressista do chefe do governo provisório. O encontro com delegações operárias no Salão das Classes Laboriosas resulta em tumulto. Apupado, Collor retira-se, ressentido, para indisfarçada satisfação do interventor João Alberto, que o vira qual intruso em território de seu domínio.

Collor insiste, intenta regular a lei de sindicalização. Os tenentes opõem-se, o Clube Três de Outubro derruba o ministro. O operariado tomou o fato como agressão: ou bem ou mal, o ministério e o regulamento sindical mostravam boas intenções getulistas. Manifestações percorrem as ruas, não propriamente em favor de Lindolfo Collor mas claramente contra os seus opositores. A polícia atropela e bate com o mesmo vigor dos tempos dos "carcomidos". O Partido Democrático aproveita-se e deita manifesto reprovador. A polícia invade-lhe a sede, prendendo Vicente Ráo, integrante do primeiro secretariado da Revolução, idealizador do projeto de desmonte do perrepismo.

O partido assume postura corajosa, lava-se de culpas colaboracionistas e com ardor de cristão-novo sai a público, em documento escrito, rompendo com João Alberto, denunciando o governo, renunciando a todos os cargos, mesmo aqueles municipais.

À experiência revolucionária de João Alberto bastou esse com-

• Durante todo 1931 o Brasil exportará apenas 50 milhões de libras de mercadorias (65 milhões, no ano anterior; 96 milhões em 1928).

Desemprego, baixos salários, greves, repressão policial violenta como nunca. Everardo Dias retratou-a: "E a greve foi esmagada a chanfalho e prisão de centenas de 'perturbadores da ordem social... A organização sindical ficou suspensa, sob a vigilância policial, como outrora, na vigência do governo dos 'carcomidos': não se permitiram mais reuniões em local fechado e as sedes dos sindicatos eram invadidas por policiais armados e presos aqueles que lá estivessem, coisa inaudita, pois nunca a polícia anterior tal fizera, geralmente esperava os que deviam ser presos à saída e então dava o 'atraco', fazendo a 'canoa'. A polícia revolucionária era mais cínica e não esperava: entrava no local e prendia abertamente, com exibições de armas, dirigindo epítetos vexatórios e deprimentes às vítimas da violência".



• O general Isidoro à imprensa paulistana, no dia 29.5.1931:

"...não posso dar ao público e ao Exército o célebre motivo das transferências..." "Posso, porém, declarar que é preferível viver da caridade pública a receber um soldo ou uma pensão a troco da dignidade do posto que ocupei. Por isso deixei o comando da Região e pedi demissão do Exército."



1

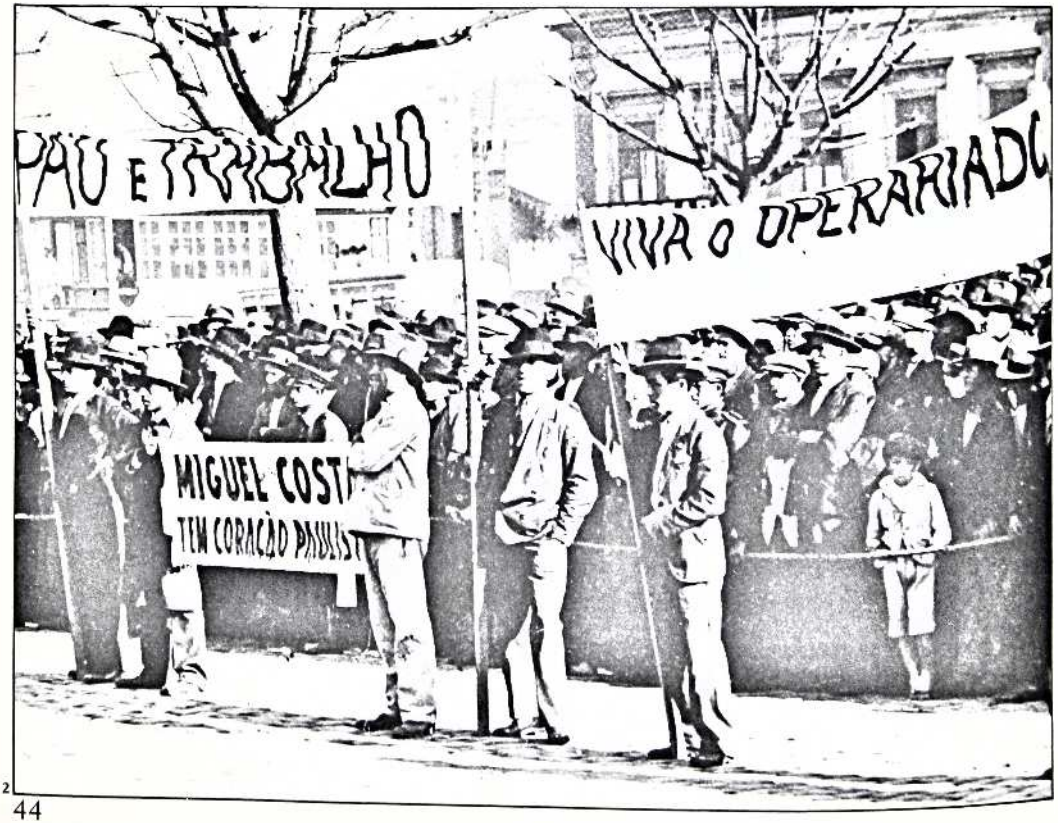
portamento para farejar conspiração. Havia-a, de fato. A Força Pública forneceria a alavanca militar, os políticos do PRP o canal de comunicação popular, o exaurido binômio comércio-indústria realizaria o esforço máximo de um subsídio econômico. Em abril de 1931, os planos estavam prontos.

Ao manifesto do PD, João Alberto responde com outro. Polêmica de recriminações e de citações. Não são o mais importante espelho do momento. Esse espelho é o número e a eloqüência das manifestações de apoio endereçadas aos desavindos e a mostrar ânimos acirrados, disposições radicalizadas, clima de pré-guerra civil.

A Força Pública faz a sua tentativa de revolta

28 de abril, 1931: o 6.º BI da Força Pública subleva-se no Cambuci. Barricadas, tiros esparsos e nada mais. Embora já houvesse o ânimo, faltava a estrutura. Ela viria em julho do ano seguinte.

O Estado de São Paulo, edição de 29 de abril, estampa irritado telegrama de Getúlio Vargas a João Alberto, assegurando-lhe confiança e apoio. O ministro da Guerra tivera ordens para terminar com o incidente a qualquer preço e providenciar para que outros não levedassem com o mesmo fermento. Trezentos milicianos foram presos na Imigração e levados, dali, para a Colônia Correcional de Taubaté. O comando geral da Força Pública foi ter às mãos de Miguel Costa, adornado com os galões de general-de-brigada honorário. O general Isidoro Dias Lopes, que o governo suspeitava tivesse o coração oscilando entre dois amores: uma revolução a mais em sua



2

carreira e a solidificação do movimento de outubro de 30, viu-se compelido a entregar a Região Militar a Góis Monteiro, a respeito de cuja animosidade em relação aos perrepistas em particular e aos paulistas em geral não pairavam dúvidas. Completadas essas medidas, Vargas e João Alberto, o Clube Três de Outubro e a Legião Revolucionária diagnosticaram situação sob controle total.

Para o mesmo mal, remédio que deu certo antes

Mas, na verdade, perrepistas e democráticos, fazendeiros arruinados, industriais em dificuldades, militares da Força duplamente humilhados, burgueses decepcionados e empobrecidos, todos confluem para a certeza de que se fazia necessário aplicar contra os males da República Provisória o mesmo remédio usado para acabar com os achaques da República Velha: as armas.

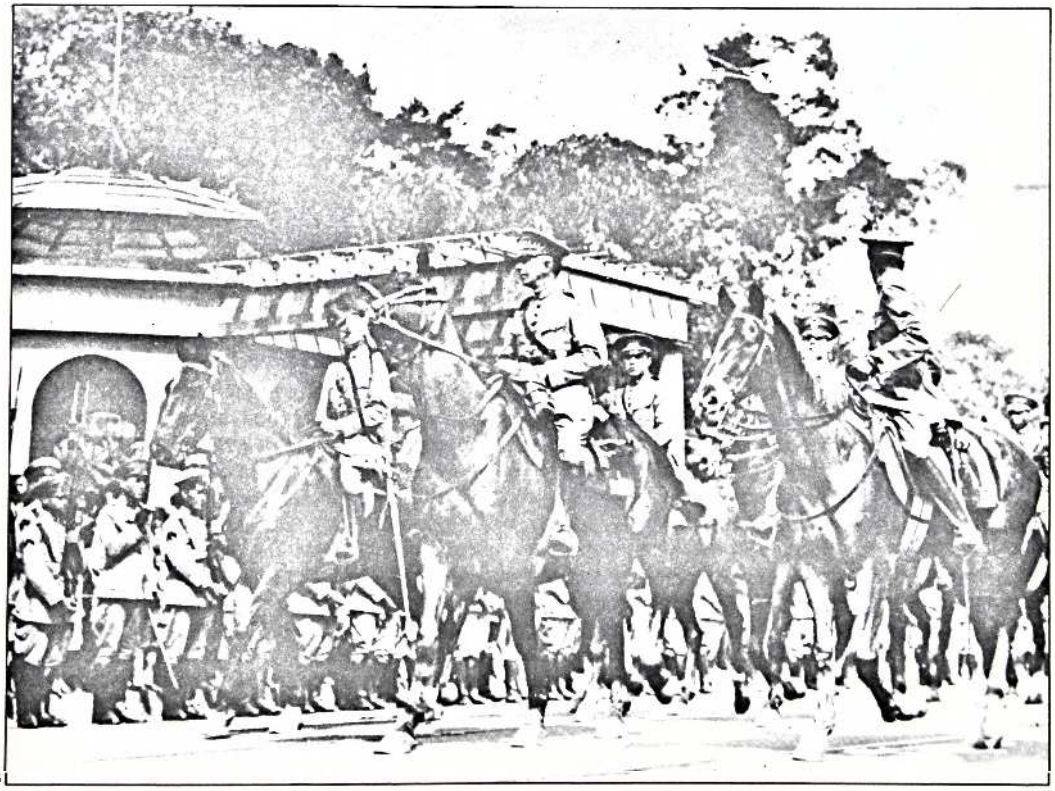
O lamento paulista, apenas levantado, passou a fazer parte de um coro integrado por vozes erguidas em diferentes pontos do país: *o governo provisório está provisório por tempo demasiado.* Deve, sem mais tardança, encaminhar o Brasil para o retorno ao regime constitucional.

Os que assim reclamam são, primeiramente, os políticos. Mas também são juristas, intelectuais, profissionais liberais, oficiais das Forças Armadas. E, origem a sugerir ponderação por parte dos reclamados, os Estados mais favorecidos pelos sucessos de 1930 — Rio Grande do Sul e Minas Gerais — são os que mais alto erguem a grita pela reconstitucionalização.

• "...a ditadura se impõe para realizar um conjunto de reformas e logicamente deverá subsistir até cumprir sua tarefa..." (Juarez Távora.)

• Os que tentavam diminuir a força getuliana obtiveram a Lei Orgânica, em teoria capaz de limitar os poderes discricionários do chefe e mantenedora de parte da Constituição de 1891. Mas, fechados os Senados, as Câmaras, as Assembléias, a centralização de poderes resultava em fortalecimento da figura e do poder do chefe do governo provisório e dos seus delegados.

1. *General Isidoro Dias Lopes.*
2. *Legionários recebem Miguel Costa. São Paulo, 21.7.31.*
3. *Miguel Costa passa em revista as tropas da Força Pública no Trianon da Avenida Paulista. São Paulo, 24.10.31.*





1



2

Os descontentes organizam-se

Em maio de 1931, o gaúcho Borges de Medeiros toma iniciativa ousada: escreve a Vargas, alertando-o e exorcizando o fantasma da continuidade indefinida da discricionaridade. Aponta os perigos e passa a receita para conjurá-los: eleições e Constituição.

Num crescendo, a Ordem dos Advogados, o Clube de Engenharia, a Sociedade de Medicina agitam o Rio de Janeiro com pedidos idênticos. No Rio Grande, os partidos Republicano e Libertador promovem campanha em favor daqueles institutos políticos e do fim da provisoriedade do governo de Vargas.

Um passo mais largo foi a criação, na capital federal, com ruído público, da Liga pela Constituição e pela Ordem. O protesto descia ao povo e encontrava acolhida sempre maior.

Fazendo eco a todo esse movimento que conquistava prontamente a parcela liberal do país, São Paulo fundou (28.5.1931), no Salão Taçaindaba, Praça Ramos de Azevedo, a Liga de Defesa Paulista. Finalidade declarada: "...propugnar pelos interesses paulistas e reconquistar seus direitos, afastados pelos acontecimentos políticos posteriores à Revolução de Outubro". Deitou manifesto pedindo aos paulistas união "sob a bandeira do ideal comum", a fim de que São Paulo "possa retornar à posse de si mesmo". Assinavam: Francisco de Sales Vicente de Azevedo, Carlos Pinto Alves, Antônio Pereira Lima, Tácito de Almeida, Luís Carneiro, Ruy Galvão, Bento de Camargo Filho, Edgar Baptista Pereira, Alfredo Ellis Jr., Heitor Portugal, Renato Egydio de Souza Aranha, Rubens Borba de Moraes, Gastão Melo Barreto, Paulo Duarte.

O clima social e político em São Paulo é dos mais tensos: "...já em princípios de julho de 1931, tornou-se impossível ao governo manter o controle da situação. A intranqüilidade, o descontentamento, a falta de confiança, a incerteza do amanhã, produzindo um mal-estar profundo em todas as camadas sociais, eram os traços característicos da psicologia da época". *(São Paulo contra a ditadura.)*

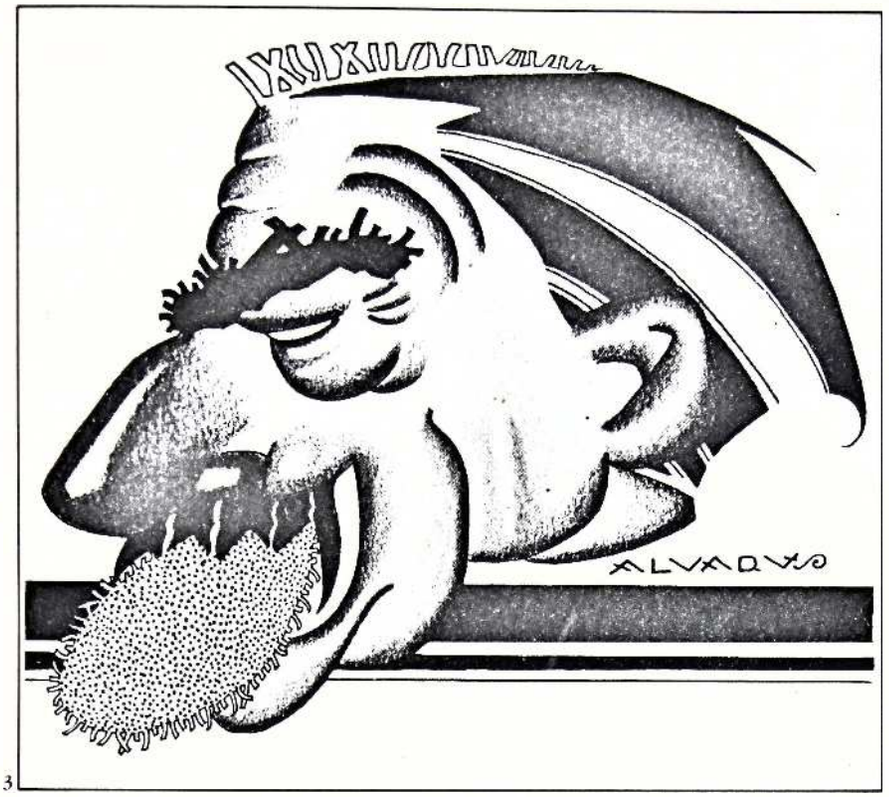
Getúlio aceita sacrificar João Alberto, concedendo a São Paulo um interventor paulista e civil. Chamado a palácio, o tenente leva a sua carta de renúncia:

"Dentro da coerência de minhas informações chego à única e lógica conclusão de que é necessária a minha substituição, no posto que me foi confiado por Vossa Excelência na administração do grande Estado, por outro elemento, que mais atenda às suas necessidades político-administrativas do que às finalidades ditas revolucionárias".

A demissão e a carta exasperam o tenentismo, e Getúlio viu-se, quase, a braços com reação armada destinada a impor-lhe a permanência de João Alberto na chefia do controle tenentista sobre São Paulo. A respeito dessa articulação, o *Diário de São Paulo* de 14 de julho de 1931 informou:

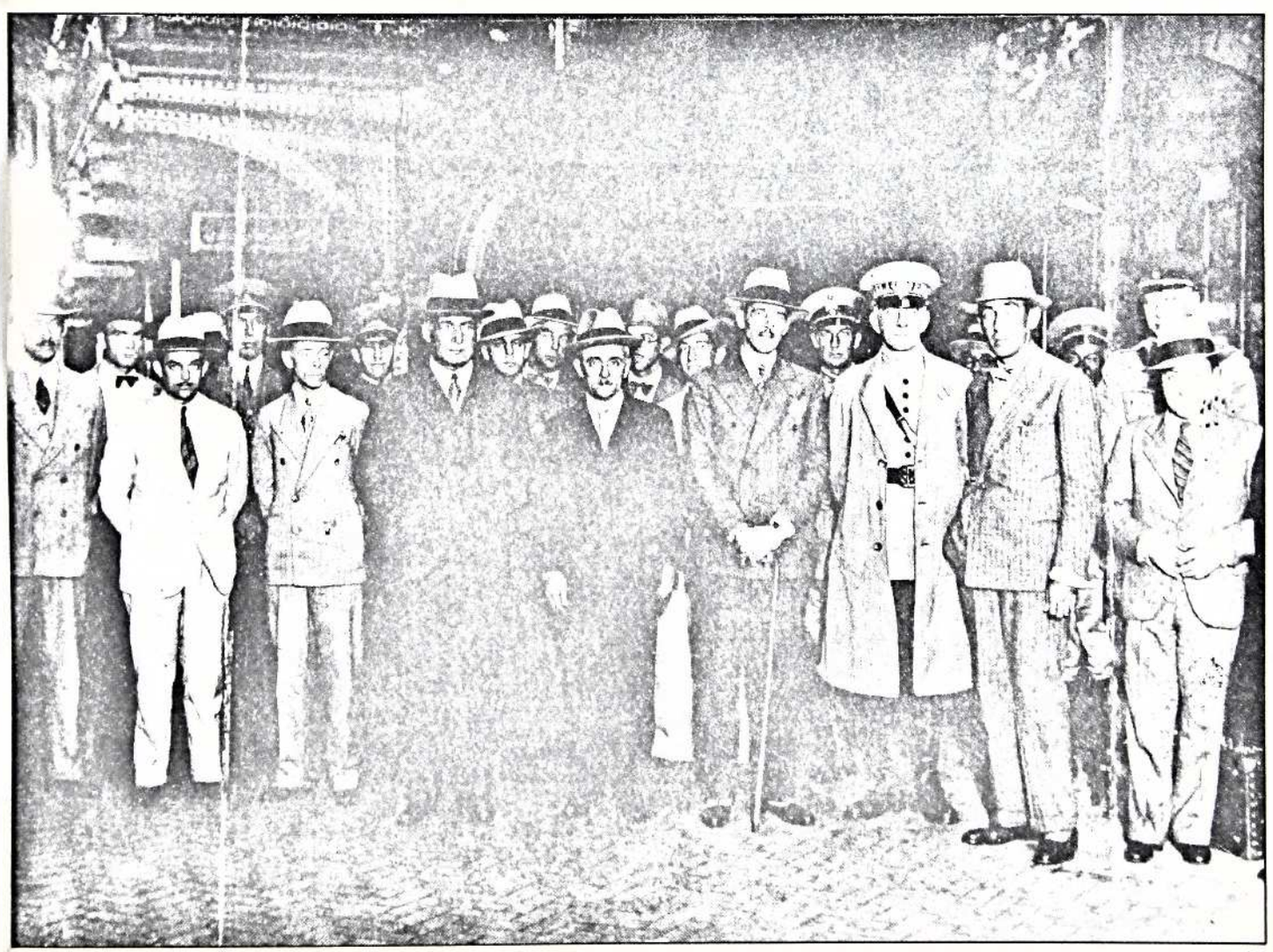
"Os elementos da mocidade que seguem o major Távora e o coronel João Alberto reuniram-se em casa do doutor Pedro Ernesto e decidiram organizar uma resistência a todo transe em torno do interventor em São Paulo. A situação federal foi cuidadosamente examinada, verificando os oficiais revolucionários que contavam com onze interventorias para assegurar a efetividade do coronel João Alberto no seu posto em São Paulo. (...) Não só o norte estava pronto para esse sentido, como toda a guarnição federal do Paraná e grande número de unidades federais do Rio Grande do Sul.

Consultado por telegrama na fazenda do Estado do Rio, onde se encontra, o major Távora opinou pela necessidade de se presti-



3

1. *Charge de Belmonte. O bandeirante informa-se de que a guerra contra o emboaba — o invasor — continua.*
2. *Pedro Ernesto Batista. Pernambucano, expoente político outubrista-tenentista, interventor no Estado do Rio em 1931. Influente entre os "tenentes", ocupou-se também com o "caso paulista".*
3. *Borges de Medeiros, charge de Alvarus. Líder do Partido Republicano, RS, governou por quase 25 anos o seu Estado, em duas ocasiões. Em 1932, lutou, no sul, pela Constituição. Em 1934, candidato à presidência, contou com os votos da Chapa Única paulista.*
4. *Líderes outubristas reunidos para debater a situação política de São Paulo. João Mendonça Lima (terceiro da esquerda para a direita), Manuel Rabelo, Florivaldo Linhares, José da Silva Gordo, Miguel Costa e João Alberto.*



4



• A Legião Revolucionária e o Clube Três de Outubro manobraram para "engaiolar" Laudo Ferreira de Camargo e qualquer outro interventor "civil e paulista": praticamente tornou inviável a permanência dos indicados Eurico Sodré para a chefia de polícia e de Antônio Pereira Lima para a direção da Guarda Civil; impuseram o "tenente" major Cordeiro de Farias naquela chefia. Contando com Miguel Costa no comando da Força Pública, Góis Monteiro e Manuel Rabelo, alternando-se na Região Militar, dispõem do controle absoluto de São Paulo.

Para assegurá-lo ainda mais, removem para postos policiais do remoto interior, onde não haja telefone nem telégrafo, oficiais policiais que não mereçam sua confiança. Por fim, os tenentes impugnam — em nome do nacionalismo — Numa de Oliveira para a secretaria da Fazenda, dizendo-o "representante de banqueiros estrangeiros".

• 1931: o Brasil deve à Inglaterra £ 110 559 751 e aos Estados Unidos US$ 143 336 998, vendo-se compelido a um novo *funding-loan* na base de £ 10 530 751. Nesse ano, segundo J. F. Normano "toda a receita ouro do país não era suficiente para fazer face ao serviço da dívida externa", o qual consumia 23 por cento da receita federal.

giar em toda a linha o coronel João Alberto. O ponto de vista dos oficiais revolucionários era o seguinte:

'Dos nossos companheiros, o coronel João Alberto é o que tem revelado maiores qualidades de administrador. A sua interventoria mostra que temos capacidade para colaborar no governo do país. Se ele cai, perdemos o nosso melhor campo de experiência. Por isso urge investi-lo para que o Brasil não perca a confiança nos tenentes'."

Mas a pressão de Miguel Costa em favor do afastamento definitivo de João Alberto mereceu a acolhida de Getúlio e a demissão foi consumada. O afastado indicou substituto que, sabia, era o oposto do padrão de interventor desejado por Miguel Costa. Apontou Plínio Barreto.

Miguel não só desaprovou como tumultuou a vida paulistana, mostrando ostensivamente ser o senhor de São Paulo e o único capaz de indicar o novo interventor, que, necessariamente, deveria ser obediente aos seus quereres. Correrias, espancamentos, tumultos, ameaça de dinamitação da Faculdade de Direito, reduto do barretismo. A 23 de julho, Plínio Barreto desiste da investidura. Escreve a Osvaldo Aranha, explicando: "O apoio material do governo da República para manter-me iria abrir, em São Paulo, uma guerra civil. Se ela for inevitável, outros que lhe assumam a responsabilidade". Chega-se ao nome de Laudo de Camargo, juiz, ministro do Tribunal de Justiça, empossado na interventoria no dia 25.

Camargo, havendo exigido alguma liberdade de ação, escolhe secretariado de sua confiança e move-se com tal personalidade e desembaraço ante os arreganhos tenentistas que depressa se transforma em alvo daquela corrente. E ultrapassa os limites considerados toleráveis pelos outubristas, legionários e tenentes ao indultar os militares da Força Pública implicados no movimento armado de abril. Essa medida soou para os tenentes como desafio a responder e impressionou e encurralou Getúlio.

João Alberto, que do Rio de Janeiro ainda movia cordões em São Paulo, expediu ao seu sucessor um bilhete desaforado; Góis Monteiro, telegrama *idem*. Ambos identificavam na atuação laudista o preparo do desforço paulista. Não lhe darão tréguas nem baixarão a guarda revolucionária tenentista. Laudo de Camargo providencia o mínimo, na oportunidade: quer saber se Vargas teve conhecimento das mensagens, isto é, se prestigia o interventor ou os tenentes. É o 13 de novembro. Por três vezes, Getúlio esquiva-se de atender a chamada telefônica. Laudo entende. E renuncia.

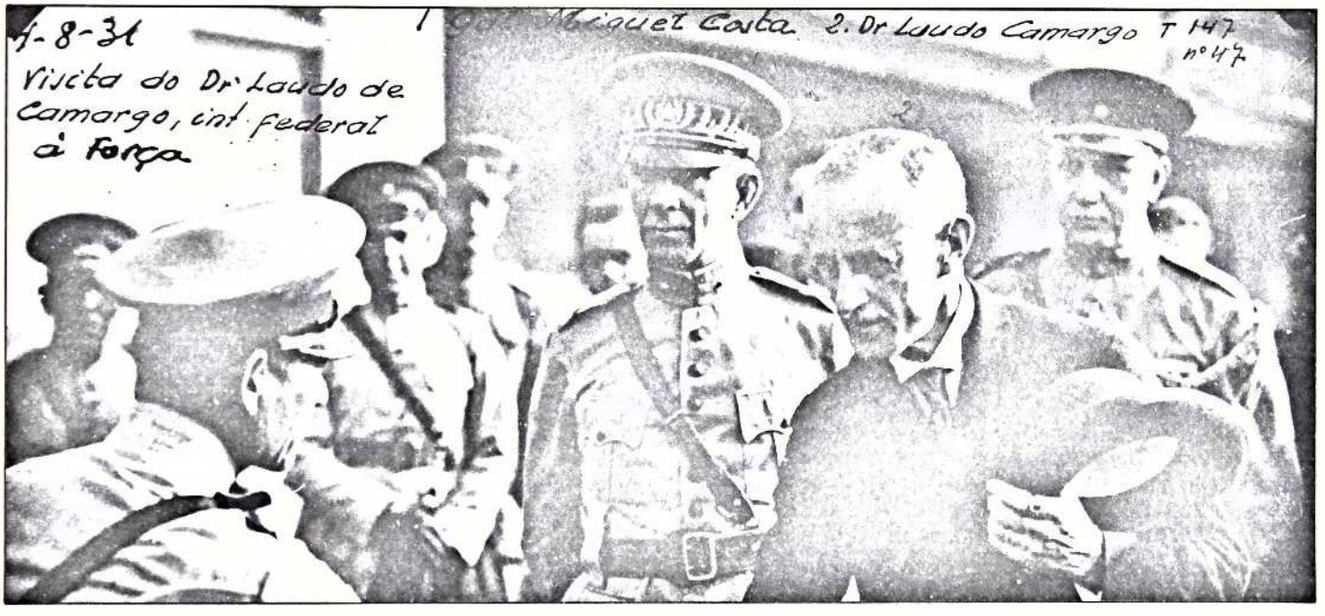
Vitória dos tenentes, que no mesmo dia têm nomeado para os Campos Elísios um dos seus: o coronel Manuel Rabelo, comandante interino de Quitaúna e da Região Militar. Nacionalista, revolucionário entusiasta, tenentista ardoroso, positivista ativo, Rabelo servir-se-á do Executivo para assegurar o cumprimento dos postulados todos que professa.

Ao desenvolver essa linha de conduta com sinceridade que raia a ingenuidade, torna-se vulnerável à crítica dos políticos e dos rivais dentro da revolução. No comportamento desusado do interventor, os políticos apontam, além do exotismo e do folclore governamental, provocação, propósito formal de chocar a burguesia que ele acusava de excessivamente elitista e protegida. Essa mesma sociedade riu e raivou quando (26.11.1931), por um aviso, Rabelo garantiu aos mendigos a liberdade de... mendigar. Falou-se em recepções nos salões dos Campos Elísios, oferecidas aos privilegiados mendigos paulistanos, reuniões conduzidas a... sorvete.

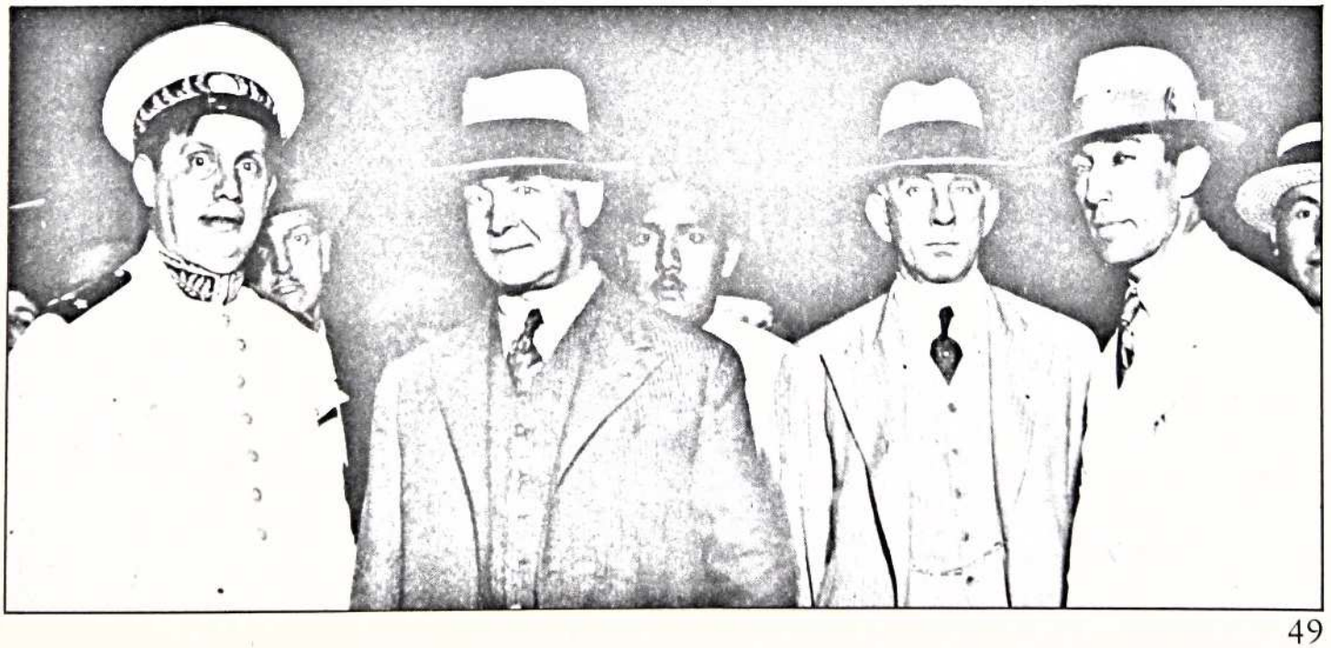
1. *Charge publicada na* Folha da Noite, *24.2.1932.*
2. *Chegada de Plínio Barreto a São Paulo, julho de 1931.*
3. *Miguel Costa e Laudo de Camargo.*
4. *Góis Monteiro, Manuel Rabelo, Miguel Costa e João Alberto, novembro de 1931.*



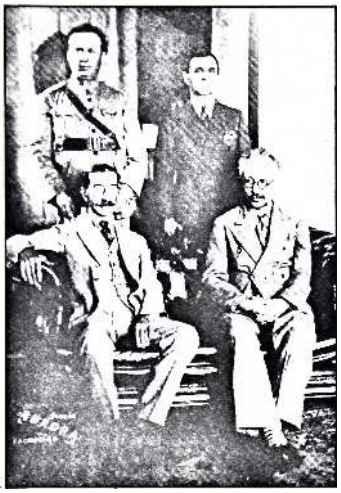
2


4-8-31
Visita do Dr Laudo de
Camargo, int. federal
à Força
1. Miguel Costa 2. Dr Laudo Camargo T 147
nº 47

3



4



1

• Nem o empobrecido e instável governo do Estado, nem o federal à volta com dificuldades montantes, podem atender aos pedidos de socorro da agricultura e da indústria. Com isso, o comércio debilita-se. O número de desempregados cresce nas cidades, os débitos fiscais avolumam-se, as falências aumentam em número. A burguesia está confinada e economicamente constrangida. O operariado, acometido nas praças pela polícia, ameaçado nas fábricas pela baixa de salário e pelo desemprego. As pagas haviam baixado até em 40 por cento sobre os níveis de 1929. Cinqüenta por cento das indústrias estavam paradas ou trabalhando metade dos dias úteis. A 19 de janeiro, 1932, a Federação das Indústrias emitiu a circular número 237: "Queiram Vossas Senhorias notar que a Delegacia de Ordem Social destacou para as fábricas desta cidade grande número de agentes, investidos de missão especial (. . .) As fábricas onde estiverem em serviço estes auxiliares da polícia devem alimentá-los e alojá-los comodamente para maior eficácia do trabalho que eles estão realizando". (Everardo Dias.)

Todos, como em 30, querem mudar. Esperam o melhor de qualquer mudança. Todos, pois, aceitam conspirar.

1. Conferência em Cachoeira (RS): Em pé: Flores da Cunha e João Neves da Fontoura. Sentados: Borges de Medeiros e Raul Pilla.

A provisoriedade institucionalizada

Ao tempo, a grita pelo término da provisoriedade do governo emerso do movimento de 1930 vai em aumento. Minas, Rio Grande, Rio de Janeiro orquestram reclamos. Antes que esse arregimentar se torne clamor e agitação, com estímulo para os timoratos, tenentes e outubristas exigem de Vargas uma declaração firmemente discricionária. Ele faz saber que "antes da constitucionalização, a capina do terreno, das ervas daninhas que o esterilizam". Os que pedem eleições e Constituição resultam apodados "carpideiras, saudosistas das delícias fáceis do poder ou incorrigíveis doutrinários alheios às realidades nacionais. . ."

Essa clara determinação de manter a ditadura satisfaz e serena os tenentes mas exaspera os liberais, levando-os a estabelecer princípio de entendimento a nível nacional. O gaúcho Assis Brasil elabora projeto de código eleitoral, precipitando a existência de vaga e distante condição com que Vargas acenara para que houvesse, no futuro, diálogo a propósito de eleições e de constituinte.

A reação toma corpo no sul

Em novembro, gaúchos da Frente Única estadual fecham a questão, juntando à necessidade de constitucionalização a indispensabilidade igual de interventor civil e paulista para São Paulo.

Ainda naquele mês e ainda os gaúchos Borges de Medeiros, Flores da Cunha e Raul Pilla reclamam de público a Constituição. Borges vai mais longe no atrevimento de velho caudilho: pelo jornal *O Estado de São Paulo* advoga a união de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande em torno daquelas reivindicações.

Flores da Cunha, participando de congresso de prefeitos, vale-se da ocasião para entoar loas à Constituição, da qual o país estava saudoso e necessitado. No Rio de Janeiro, João Neves da Fontoura, em banquete a ele oferecido, canta o mesmo hino de louvor ao regime democrático.

Tais vozes rio-grandenses sacodem o país, comovendo São Paulo. Fazem apressar um relacionamento quase amistoso, antecipação de aliança, entre os expoentes do perrepismo em arregimentação e democratas em acelerado retorno àquele campo da política que batizara a sua grei.

A 17 de janeiro, o Partido Democrático, pela voz do seu presidente Francisco Morato — dos principais responsáveis pela votação e pela recepção dispensadas a Vargas em São Paulo —, rompe com o governo da República. Plínio de Abreu Ramos sintetizou razões e conseqüências desse rompimento: ". . . a campanha contra o Governo Provisório passou a centrar-se na convocação de uma Constituinte. Para os perrepistas, a reconstitucionalização era sinceramente uma forma de retomada de seu direito de participação política. Para os democráticos, apenas um expediente de agitação contra o governo federal, mas que servia para ganhar a solidariedade, não só do PRP, como ainda do PRM e dos dois partidos que integravam a Frente Única do Rio Grande do Sul, todos eles já em campanha cerrada pela volta do país à normalidade constitucional". A 25, dia de São Paulo, PRP e PD estão juntos, rivalizando em ardor paulista e constitucionalista, em gigantesco comício na Praça da Sé. Nessa reunião falou-se menos do santo do dia e do aniversário da cidade e mais da luta futura.

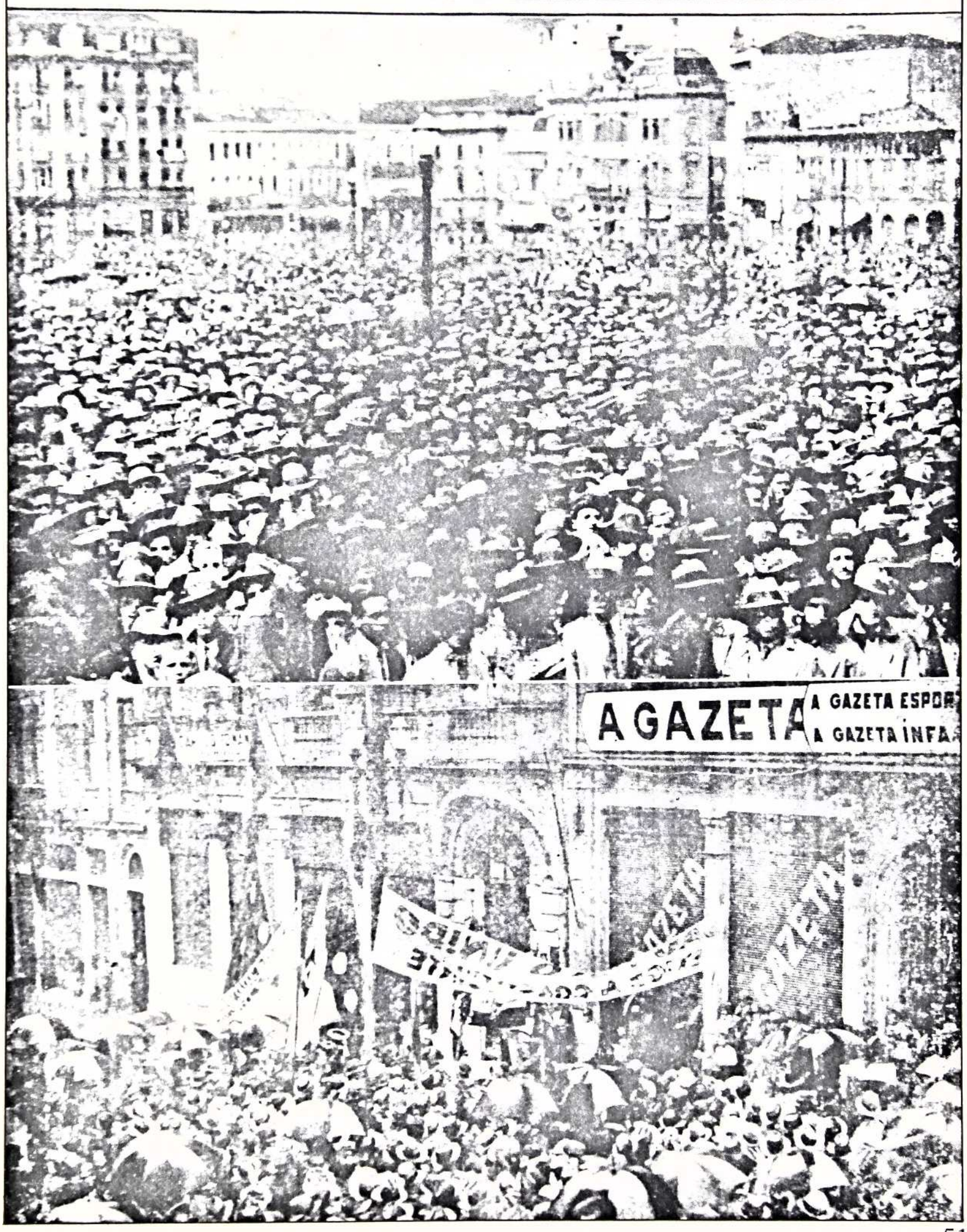
200 REIS

A GAZETA

200 REIS 1925

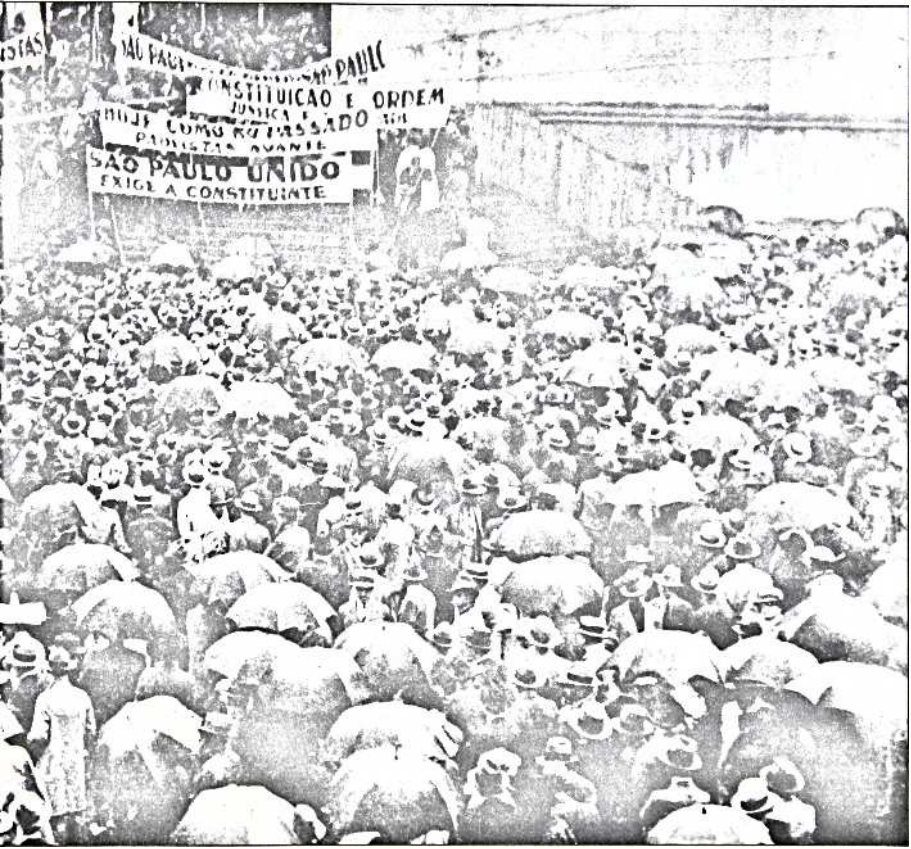
Gerente: P. A. MONTELEONE — Director: EURICO MARTINS — Red., Admin. e Off.: R. Libero Badaró, 4

ANNO XXVI Telephones: [illegible] — S. Paulo — Terça-feira, 26 de Janeiro de 1932 — Caixa Postal [illegible] GAZETA — N. 7





Comício na Praça da Sé, São Paulo, 25.1.1932.



". . . dias inteiros ocupados em conversas e entendimentos . . . trabalhando à noite . . . ditava . . . o esboço do plano da Revolução . . ."

Euclides Figueiredo

Frente Única versus tenentes

AO POVO PAULISTA

COMICIO DA LIGA PAULISTA PRO'-CONSTITUINTE

As Associações abaixo-assignadas convidam o povo a comparecer ao Comicio que será realizado, por iniciativa da LIGA PAULISTA PRO'-CONSTITUINTE, no dia 24 de Fevereiro, ás 17 1/2 horas, na Praça da Sé.

Nesse Comicio, que constará somente de propaganda pela rapida reconstitucionalização do Paiz, falarão oradores representando todas as classes sociaes.

São Paulo, 18 de Fevereiro de 1932.

(a.a.) Instituto da Ordem dos Advogados de São Paulo
Instituto de Engenharia de São Paulo
Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo
Polyclinica de São Paulo.
Associação Commercial de São Paulo
Syndicato Patronal das Industrias Textis do Estado de São Paulo
Sociedade Rural Brasileira
Federação das Industrias do Estado de São Paulo
Centro Academico XI de Agosto
Centro Academico Oswaldo Cruz
Gremio Polytechnico
Centro Academico Horacio Lane
Instituto Brasileiro de Contadores
Federação Negra Paulista
Club Athletico Paulistano
Tennis Club Paulista
Associação Commercial dos Varejistas de São Paulo.
Instituto Paulista de Contabilidade
Centro Commercio e Industria de Madeiras
Centro dos Commerciantes Atacadistas de São Paulo
Liga de Commercio e Industria de Louças e Ferragens
Centro das Industrias de Malharia
Liga de Defesa Paulista
Liga de Defesa de Commercio e Industria
Protectora Immobiliaria
Federação das Industrias do Estado de São Paulo
"O Estado de São Paulo"
"Diario Nacional"
"Diarios Associados"
"Folha da Manhã"
"Folha da Noite"
"Gazeta"
"Diario Popular"
Associação Paulista de Medicina
Liga Paulista de Hygiene Mental
Associação dos Proprietarios de São Paulo
Bolsa de Mercadorias de São Paulo
Centro dos Constructores de São Paulo
Federação Paulista de Criadores de Bovinos
Associação dos Amigos do Café Brasileiro
Sociedade de Mutuo Soccorro do Cambucy
Jornal do Café
Paulistania
Cigarra
Faculdade de Commercio D. Pedro II

Para maior brilho do Comicio, a Liga solicita ainda de todas as Associações a gentileza de comparecerem INCORPORADAS E MUNIDAS DOS RESPECTIVOS ESTANDARTES.

As Associações da Capital e do Interior que desejarem participar do comicio deverão enviar sua adhesão por carta ou pessoalmente á séde da Liga Paulista Pró-Constituinte, rua Christovam Colombo n. 1, 4.o andar, sala 47, ou pelo telephone, 2-2619. (A séde acha-se aberta das 10 ás 11 1/2 e das 12 1/2 as 17 horas).

1

A Frente Única mostra coragem

Os que são alvo da Frente Única assustam-se de verdade quando ela mostra-se forte o suficiente para tornar-se efetiva nos dois Estados onde tal fusão, por características e circunstâncias locais, era tida por menos viável: no Rio Grande, unindo republicanos e libertadores; em São Paulo, juntando perrepistas e democráticos.

O manifesto de 16 de fevereiro, apresentando a Frente Única paulista, surgiu vazado na linguagem condoreira das grandes promessas e dos desafios históricos: "Os filhos de Piratininga nunca andaram apartados nos lances da adversidade". Assegura a união, acima das passadas desavenças: "Nada há agora que os separe", e convida o povo para o atrevimento maior: "Ponhamo-nos à altura do papel que sempre nos coube no cenário nacional. Unidos patentearemos aos nossos compatriotas a resolução irredutível em que nos mantemos por nós mesmos e de reacender as energias com que temos contribuído para a construção e a felicidade da Pátria".

A 24, na Praça da Sé, provocando o delírio da multidão comiciada, Waldemar Ferreira atreve-se a gritar serem os "tenentes, eunucos de Vargas". Sob convocação de Góis, os tenentes reúnem-se nos Campos Elísios e analisam a situação. Diagnóstico: São Paulo quer separar-se do Brasil. Góis ordena ação "nipônica" — vale dizer, radical — contra esse propósito.

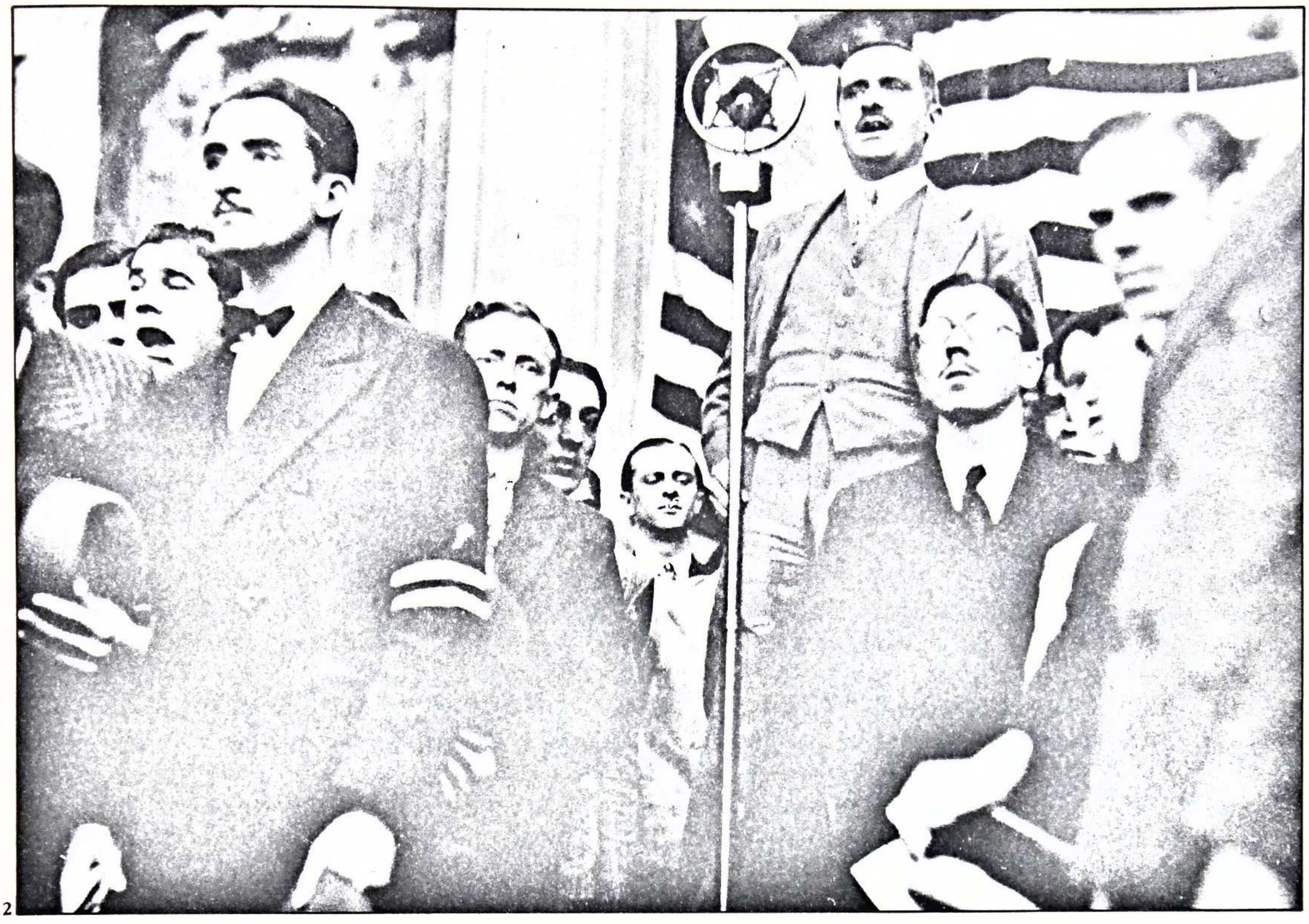
Além das palavras, dos textos, os outubristas promovem ações que testemunham a decisão de não ceder quanto aos princípios e às posições. Já em 25 de fevereiro, o jornal *Diário Carioca,* de J. E. Macedo Soares, porta-voz dos constitucionalistas cariocas, fora depredado e metralhado. Os executantes não se importaram com o deixar pistas. O país suspende a respiração: o fato é grave. São Paulo promove no dia 26 passeata-protesto de solidariedade ao jornal, fustigando os depredadores. No dia seguinte, a situação agrava-se a partir daquele ataque. Visivelmente, o inquérito instaurado era conduzido para que nada se apurasse. Tratava-se de uma clara advertência contra a campanha pró-constitucionalização.

Getúlio, peado pelo outubrismo, desconfiado da Frente Única, negaceia e não providencia com a energia requerida.

Também como pressão sobre ele, no mesmo dia 26, abandonam o governo os gaúchos comprometidos com a constitucionalização e com a Frente Única: Neves da Fontoura, Batista Luzardo, Lindolfo Collor, Mariano Cardoso. Voltam aos pagos já com o entusiasmo do cavalgar o pingo e sair a campo. Passando por São Paulo, são recebidos pelos frentistas locais. Perfeito entendimento e convite preciso: enviem os paulistas emissários credenciados à capital do sul para tratar da revolução.

Seguem nessa missão Abelardo Vergueiro César e Aureliano Leite, regressando com o compromisso formal da Frente Única gaúcha de marchar com São Paulo e Minas. Assegurada a concordância do interventor, Flores da Cunha.

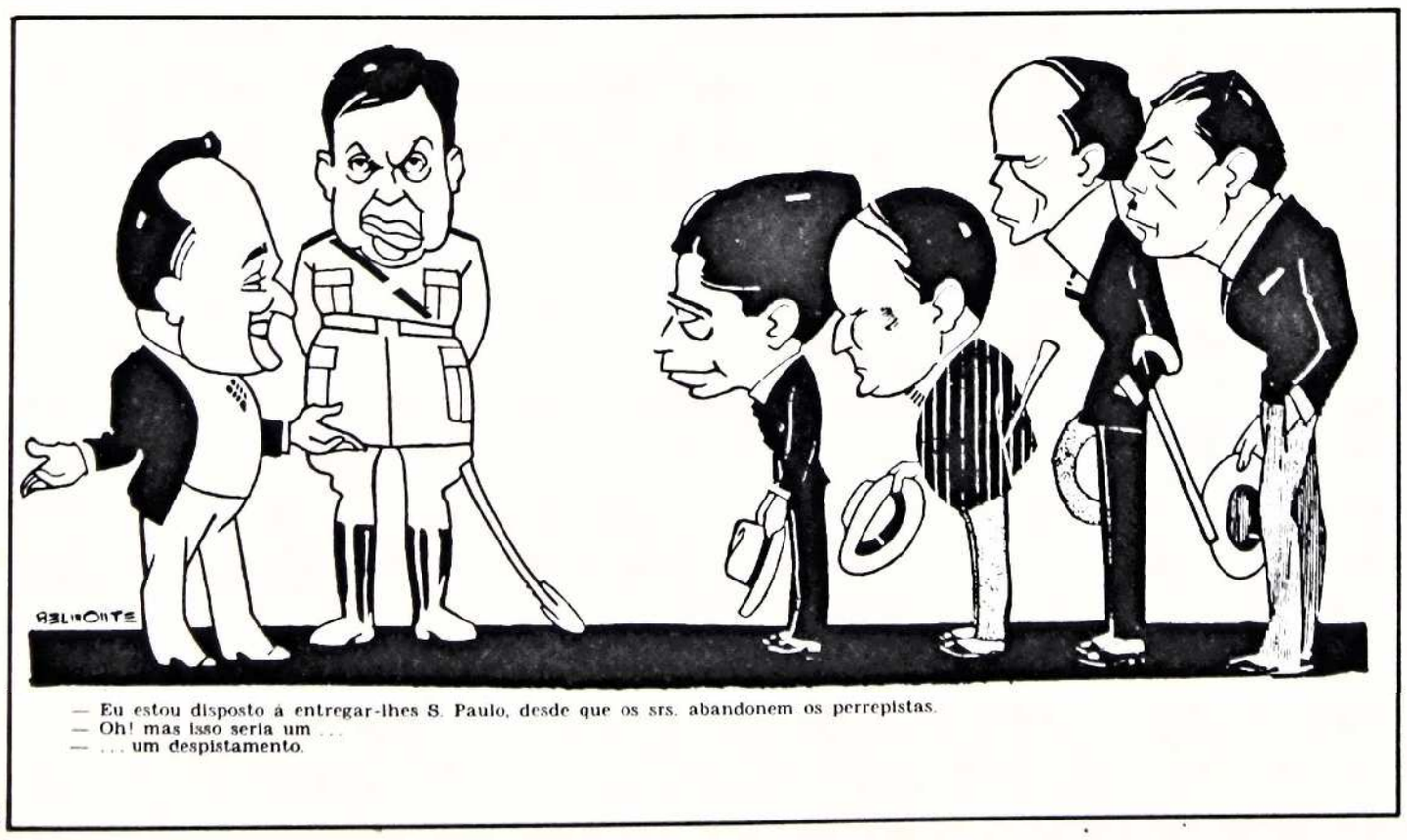
1. *Convocatória publicada na* Folha da Noite, *20.2.1932.*
2. *Waldemar Ferreira, um dos oradores no comicio de 24.2.1932.*
3. *Todos os tipos de entidades asseguravam a total adesão popular.*
4. *Charge de Belmonte,* Folha da Noite, *20.5.1932.*
5. *Proclamação dos proprietários de jornais paulistas em protesto contra a depredação do* Diário Carioca.



2



3



— Eu estou disposto á entregar-lhes S. Paulo, desde que os srs. abandonem os perrepistas.
— Oh! mas isso seria um ...
— ... um despistamento.

4

● Do *Correio da Manhã,* Rio de Janeiro: "São Paulo esperou demasiadamente. O que ele acaba de fazer é um verdadeiro recenseamento cívico de suas forças latentes, com o objetivo de proporcionar aos responsáveis pelos destinos do país as indicações úteis e convenientes que ainda é tempo de considerar e acolher". "Não há duas maneiras de encarar a situação paulista: ela é clara e tem a virtude de constituir um aviso, com a vantagem, a um tempo, da eloqüência e da antecedência."

Ao povo de S. Paulo

Os jornaes abaixo assignados, solidarios com o movimento de protesto da Imprensa do Rio e Janeiro contra o innominavel attentado ao principio de liberdade de opinião que foi o assalto selvagem á redacção e ás officinas do "DIARIO CARIOCA", acompanham a attitude assumida pelos jornaes da Capital da Republica, deixando de circular amanhã, 27 de fevereiro.

S. Paulo, 26 de fevereiro de 1932.

JULIO DE MESQUITA FILHO, pelo "Estado de S. Paulo".
OCTAVIO DE LIMA CASTRO, pelo "Diario Nacional".
OSWALDO CHATEAUBRIAND, pelos "Diarios Associados", de S. Paulo.
JOSE' MARIA LISBÔA JUNIOR, pelo "Diario Popular".
EURICO MARTINS, pela "A Gazeta".
PEDRO CUNHA, pela "Platéa".
OCTAVIANO ALVES DE LIMA, pela "Folha da Manhã" e "Folha da Noite".
ALFREDO EGYDIO, pela "A Razão".
RIBAS MARINHO, pelo "Correio da Tarde".

5



1



2

● "Ser tenente e pertencer ao Clube Três de Outubro foi, durante certo tempo, mais importante do que ser general ou fazer parte do ministério." (Alzira Vargas.)

Até pode ser paulista, desde que não incomode

Vargas manobra para ceder um pouco ("vamos dar um bife ao tigre para que ele não tente devorar o domador"), visando a enfraquecer a aliança interestadual.

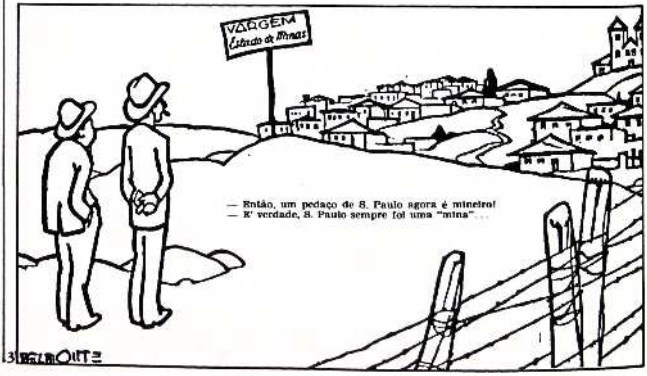
"Então, querem um civil e paulista no governo de São Paulo porque São Paulo é o único, entre todos os Estados, cujo interventor é imposto pelo governo central?! Serão atendidos, sem grave desatenção às cautelas e imposições dos outubristas-tenentistas. Convoque-se Pedro de Toledo."

Ex-deputado, ex-ministro da Agricultura, antigo plenipotenciário na Itália, na Espanha, na Argentina. Bateu-se pela candidatura Hermes da Fonseca, com o que transitaria bem entre os militares; fora desconsiderado por Artur Bernardes; fato a valer por salvo-conduto entre os tenentes. Vivia no Rio de Janeiro, portanto distanciado dos arreganhos piratininganos. E, o que parecia de considerável importância: tinha 73 anos de idade. Estaria cansado, curado quanto ao espírito de aventuras. Seria ponderado, pacífico, manobrável. Nomeado a 2 de março, tomou posse a 7, sob mais desconfianças do que aplausos dos seus coestaduanos. Convenientemente isolado e enquadrado por um secretariado escolhido pela ditadura, quiseram-no os ditatoriais simples "despachador de expedientes" nos Campos Elísios. Nos primeiros tempos não deixou outra impressão.

No plano nacional, a temperatura política só fez subir. Em nome dos moderados da Frente Única, os que desejavam evitar a "solução pelas armas", Assis Brasil leva a Getúlio as últimas condições para a paz: punição para os depredadores do *Diário Carioca,* restauração dos direitos do cidadão conforme o texto da Constituição de 1891, liberdade de imprensa, anteprojeto de Constituição e eleição para deputados ainda em 1932.

A 27 de abril Vargas propicia aos paulistas uma razão a mais para tê-lo como inimigo a todo título: se o que não lhe faltou nunca foi a malícia e o senso de oportunidade, é possível aceitar que tenha sido propositada a escolha daquele momento de ânimos exaltados para adotar o laudo Villeroy na decisão contra São Paulo da bissecular questão de limites com Minas Gerais.

Imprensa e povo, políticos à frente, identificaram no ato provocação maior, mais um castigo-humilhação. No dia seguinte, 28, sentem-se os de São Paulo aquecidos e justificados em sua ira cívica, quando, com os liberais de todo o país, tomam conhecimento de haver Assis Brasil publicado o "Decálogo da Frente Única". O do-



3

1. *Waldemar Ferreira e Pedro de Toledo.*
2. *Jornal do Clube Três de Outubro.*
3. *Charge de Belmonte a propósito do laudo* Villeroy, *que considerou mineiras terras tidas em São Paulo como paulistas.* Folha da Noite, *7.5.1932.*
4. *Coronel Euclides Figueiredo.*

cumento tem espírito e linguagem de ultimato, de rebelião. É, quase, rompimento com o getulismo incrustado no poder.

De Minas, pela voz do Partido Social Nacionalista, cristalizado em torno de Artur Bernardes, desce o primeiro substancial apoio ao decálogo e à intimação. Clama por estreita vinculação entre mineiros, gaúchos e paulistas na exigência da constitucionalização.

Não foi caladamente que o outubrismo e o tenentismo registraram tanta movimentação. Por tal modo pressionam Getúlio que este adverte a nação: nada de Constituição, nenhuma eleição que pudesse repor os "carcomidos" nos postos legislativos e executivos, eles que afinal não haviam sido, de todo, apeados dos tronos econômicos.

O tenentismo abre-se às massas

Os tenentes tomam iniciativas: oferecem à porção jovem do país, aos estudantes, aos não comprometidos com o passado que dizem eleiçoeiro, oligárquico, um programa de nacionalização mais radical do que a Revolução de 1930: controle das atividades e dos lucros das empresas multinacionais como a Light and Power, já visada por inquérito conduzido pelo ministro da Viação, José Américo de Almeida; eliminação das ingerências dos bancos estrangeiros na exportação de produtos nacionais; criação do Código de Minas para manter os recursos minerais em mãos brasileiras; do Código de Águas, visando ao mesmo fim; cadastro imobiliário para controle do latifúndio improdutivo.

Muitos viram nesses itens e em outros do credo tenentista os alicerces de um novo Brasil, país brasileiro. E aderiram ao tenentismo. Decidiram valer a pena prorrogar até a total realização desse programa a provisoriedade de um governo inconstitucional. Esses brasileiros esperançosos posicionaram-se contra São Paulo no momento da guerra constitucionalista, porque os tenentes eram contrários àquele São Paulo.

Tendo consigo os tenentes, Getúlio manobra para conquistar os frentistas. Diante do rompimento precipitado, nada mais nada menos do que pelos gaúchos, corre a reparos e lhes oferece a pasta da Justiça. Os sulinos, irritados com a manobra, recusam-na. Os mineiros, também.

Mas os tenentes alvoroçam-se. Até ali haviam se limitado a reclamar interventorias. Mas se há um ministério que os inimigos recusam, querem-no. Obtêm-no, via Salgado Filho.

E porque o ambiente político prenuncia revolução no centro (Minas), ao sul (Rio Grande), precatam-se: João Alberto foi levado à chefia de polícia da capital federal.

Por essas nomeações e esses preparos, soou falsa, ao entendimento dos seus críticos, a declaração de Vargas de que, seguindo orientação que desde sempre se propusera, faria realizar eleições em 1933.

Uns não acreditaram. Outros, a maioria, decidiram não esperar. A Frente Única começou a inventariar armas e aderentes militares. Glicério Alves, líder gaúcho, indicava, no bolso do paletó, o volume da lista, entregue por Júlio de Mesquita Filho, dos oficiais da II Região Militar alistados na campanha da constitucionalização.

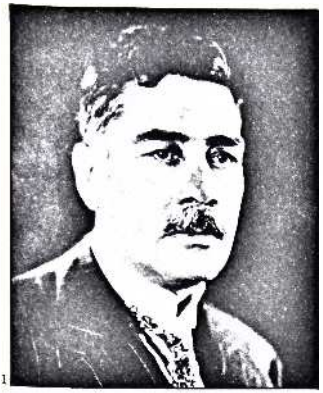
O pacto político-militar da Frente Única é preciso, claro, detalhado: os dois Estados erguer-se-ão contra o governo ditatorial se: 1) fosse exonerado, a qualquer título, o interventor de um deles (Flores da Cunha e Pedro de Toledo); 2) fosse retirado o comando militar dos generais Andrade Neves (RS) ou Bertoldo Klinger (MT).



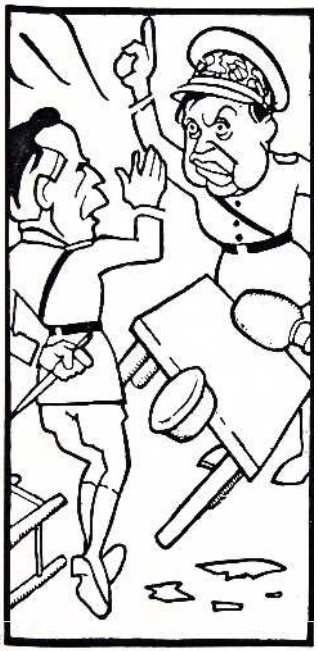
4

• "Foram dias inteiros ocupados em conversas e entendimentos, que se prolongavam noite adentro, até a madrugada. Conheci outras figuras dos meios políticos paulistas, e me avistava com elas, ora ali mesmo onde me achava, ora alhures, para desviar as atenções das autoridades governamentais, que imaginávamos já deveriam andar na minha pista. Malgrado os riscos, era forçoso ouvir a todos, para colher informações e conhecer as tendências e as capacidades de cada qual, procurando locais para os encontros onde fosse mínimo o perigo de indiscrições." "Avistei-me, em dias subseqüentes, com os chefes políticos Aureliano Leite, Cirilo Júnior, Cesário Coimbra, Francisco Morato, Marcos Mélega, Ataliba Leonel, Altino Arantes, Manuel Vilaboim, Roberto Moreira, Joaquim Sampaio Vidal, Sílvio de Campos, Antônio Pereira Lima e tantos outros..." (Euclides Figueiredo.)

• "Trabalhando à noite, ao cabo de prolongadas e cansativas conferências, recebendo, além disso, visitas de cortesia inevitáveis, ditava ao capitão Celso Veloso, conhecedor da profissão e do meio militar em São Paulo, o esboço do plano de revolução, no qual já eram distribuídas as incumbências. Quando aquele oficial se cansava de escrever, altas horas da noite, era substituído pelo não menos decidido companheiro de causa, Álvaro Macedo, amigo fidelíssimo de Júlio de Mesquita Filho, a quem serviu, não raro, como emissário de confiança, no desempenho de várias missões arriscadas e difíceis. Isso ocorreu ainda no mês de maio..." (Euclides Figueiredo.)



1



2

1. *Ataliba Leonel.*
2. *"Filmes da semana" foi o nome dado por Belmonte a uma série de caricaturas com que vergastava o domínio "tenentista" sobre São Paulo. Nesta "A casa da discórdia", publicado em 22.5.32, aproveita-se das ciumadas e desinteligências entre Miguel Costa (à esquerda), no comando da Força Pública, e Góis Monteiro (à direita), na chefia da Região Militar.*
3. *Em comício na Praça do Patriarca, pela voz do presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto, os estudantes solidarizam-se com a causa constitucionalista (21.4.1932).*
4. *Charge de Belmonte,* Folha da Noite, *22.2.1932.*

Pelo figurino de dois anos antes

Em São Paulo foi prontamente constituído o Comitê Executivo da Revolução: Ataliba Leonel, Júlio de Mesquita Filho, Cesário Coimbra, Coriolano de Góis; o Estado, dividido em dez setores para melhor articulação. Pedro de Toledo, claramente, evoluiu da intenção de conquistar o Estado para Getúlio em favor do paulistismo reivindicativo. Murmurou-se e, mesmo, apontaram-se nomes, que por isso Toledo seria vítima de golpe em preparo no comando da Força Pública e Campos Elísios. Por haver entrado em sintonia com os conspiradores do seu Estado, deveria ser deposto e preso.

Mas Góis Monteiro e Miguel Costa desentendem-se, quebrando a harmonia outubrista entre os comandos da Força e da Região. Um esforço em favor da coesão realizado no quarto 1202 do Hotel São Bento, ocupado naquele 18 de abril por Leôncio Neri. Reunião tumultuosa, conseqüente. Góis, surpreendentemente, quer dialogar com a Frente Única. Chega a sugerir a entrega do governo local aos políticos locais, evitando "que exploda o vulcão paulista". Os tenentes vetam ríspida e peremptoriamente: tal entrega equivaleria à anulação do movimento armado de 30 e de todas as suas conquistas e promessas. Querem, também, reformar o secretariado, mas para, mudando-o, terem-no mais outubrista.

Pedro de Toledo percebe-se rapidamente preso em um círculo de pressão. Metade do qual é tenentista, metade, frentista. Opta por manobra que transfira a solução para mãos mais poderosas e responsáveis e o libere da decisão. Leva a Getúlio a colocação monitória: "São Paulo marcha para a guerra ou a paz". Se desejar a paz, tudo o que tem a fazer é simples: secretariado livremente escolhido pelo interventor entre as preferências populares. Se a guerra: secretariado imposto pelos tenentes. Retorna sem a palavra getuliana que desejara ouvir. Vargas preferiu ficar entre a guerra e a paz. Toledo admite que o seu Estado desliza para a guerra e, pessoalmente, enleia-se em fios derradeiros da fidelidade a quem o nomeara interventor.

28 de abril: as ambages varguianas e a opressão tenentista proporcionam aos promotores do comício da Liga Paulista Pró-Constituição, convocado para o fim declarado de festejar o aniversário da autonomia local, o transformá-lo em explosão de brio e de ira. A Praça do Patriarca fez ecoar muitos gritos de guerra.

30 de abril: a Faculdade de Direito leva às ruas o tradicional cortejo (trote) de abertura do ano letivo. Todo ele fora construído para ridicularizar Miguel Costa, Góis Monteiro, Cordeiro de Farias, João Alberto, Manuel Rabelo, Osvaldo Aranha.

O desfile estudantil, engrossado pelo povo festante, transformou-se em manifestação política. A Legião Revolucionária desceu a rua e atacou o cortejo. Pugilatos, correrias. Relatórios alertaram Getúlio: nem mais uma concessão ou o governo provisório perderia a mão sobre São Paulo.

14 de maio: Vargas faz declarações oficiais, categóricas, prestigiando Góis Monteiro e Miguel Costa. Ambos serão juízes e fautores de alterações cabíveis no governo paulista. E deverão fazê-las rápida e profundamente, pois informes policiais dão conta do acentuar-se de clima pré-revolucionário, que Getúlio afirma ser contra-revolucionário.

Entre as medidas tomadas, Góis e Costa deram ênfase à retirada, do Estado, de armamento pesado e em boas condições de uso. Os arsenais desceram a níveis mínimos.

Origens do movimento

As articulações e os comprometimentos preparatórios resultaram bem esclarecidos pela informação de primeira página do jornal *O Estado de São Paulo,* edição do domingo, 10 de julho:

"O movimento revolucionário de caráter constitucionalista, que ontem irrompeu em São Paulo, é conseqüência de uma longa série de fatos anteriores, que começa a ser possível reconstituir, através de depoimentos dos seus supremos responsáveis e das próprias circunstâncias.

As negociações de índole política, que ultimamente se desenvolveram, caracterizam com nitidez o profundo dissídio que se estabelecera entre a ditadura, a propender para as correntes extremistas, e as mais ponderáveis forças políticas do país, representadas pelas frentes únicas, a reclamar a mais breve constitucionalização. Os entendimentos sucessivos, que se realizaram ora no Rio de Janeiro, ora no Rio Grande, em São Paulo e Minas — tendiam a encaminhar o governo provisório no rumo da restauração legal, para o que se reclamava, menos do que palavras e promessas proletárias, um conjunto de atos positivos e de medidas concretas, que revelassem o inabalável propósito de restabelecer quanto antes a ordem legal.

Nesse sentido, foi que se concertaram todas as combinações para a remodelação do ministério do Governo Provisório da República. São conhecidas as circunstâncias que, nestes últimos dias, impediram a efetivação desse propósito, com o rompimento conseqüente das frentes únicas com a ditadura.

Ao mesmo tempo que se desenvolviam essas negociações políticas, os chefes das diversas correntes partidárias, notadamente de São Paulo e do Rio Grande, encaminhavam a articulação das forças militares e populares, que seriam mobilizadas em caso de fracasso dos entendimentos políticos. Pode-se ter uma idéia da intensa atividade desenvolvida por esses elementos, através de um simples detalhe: nestes últimos dois meses, nada menos de onze enviados especiais seguiram para o Rio Grande do Sul, fazendo sempre a viagem por via aérea.

Em conseqüência desses entendimentos, estabeleceu-se uma sólida aliança entre os Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e, ultimamente, Minas Gerais, além de ramificações em outros Estados, como a capital federal, Paraná, Santa Catarina e outros.

Em meados do mês passado, tais combinações se esclareciam em termos definitivos. Nessa ocasião, uma carta do doutor Raul Pilla estabelecia, em nome da Frente Única rio-grandense, que seriam considerados *casus belli* pelas forças constitucionalistas as seguintes eventualidades que se esboçavam:

a) qualquer tentativa para depor ou modificar o governo instituído em São Paulo a 23 de maio, por um movimento de opinião popular;

b) a demissão do general Bertoldo Klinger do comando da Circunscrição Militar de Mato Grosso;

c) o afastamento do general Eurico de Andrade Neves do comando da Região Militar do Rio Grande do Sul.

Como se vê, foi a segunda dessas eventualidades que se verificou, com a reforma do general Bertoldo Klinger, em conseqüência do seu telegrama de protesto pela escolha do novo ministro da Guerra, general Espírito Santo Cardoso"





4

• "A compressão política aplicada ao Estado, com claros intuitos de destruir a sua incontrastável hegemonia na direção econômica do país, mantida desde os primórdios republicanos, não seria, passivamente, tolerada." *(História do Exército brasileiro.)*

• O tenentismo adverte que São Paulo marcha para rumo de colisão com o governo provisório. Os seus líderes mais atuantes: Osvaldo Aranha, Juarez Távora, Pedro Ernesto, Ari Parreiras, Manuel Rabelo, reúnem-se em segredo, no Rio de Janeiro. O tom é de irritação; a decisão, de luta. A revolução que haviam auxiliado a vitoriar-se não cumpria as promessas com que os aliciara. São Paulo era exemplo. Secretariado escolhido pelos paulistas levaria de retorno ao poder os homens, os métodos, os posicionamentos, as práticas do PRP. Não poderiam admiti-lo. O encontro findou-se com a designação de Osvaldo Aranha para levar a São Paulo a disposição tenentista e pô-la em execução: o interventor até poderia ser paulista, mas o secretariado, aquele que indicassem. Aranha apresentar-se-ia, para não irritar muito os nativos sensíveis, com a excusa de procurar o bem e a paz da terra de origem dos Aranhas gaúchos.



1

A missão Aranha

18 de maio: Osvaldo Aranha faz saber haver aceito o encargo de mediador entre tenentes e frentistas na reforma do secretariado paulista. Aceitara por desprendimento, homenagem à terra dos avós. Pedro de Toledo diz-se desautorado; o secretariado exasperou-se.

O dia da cólera dos justos



2

Manobrando com a finalidade de dividir a Frente Única, Aranha aventa uma possibilidade: entrega do governo estadual aos democráticos. Tudo é inoportuno nesse lance: Osvaldo vem de substituir no ministério a Whitaker, o único paulista para o mesmo convocado; assopra brasas da polêmica doméstica que a Frente esforçava-se por apagar. São pois os frentistas e logo a imprensa a denunciar a cizânia plantada em campos de Piratininga. Decisão unânime em São Paulo: recusar audiência e diálogo àquele emissário.

22 de maio: os jornais legionários e outubristas preparam a vinda de Osvaldo, conferindo-lhe grandiosidade e poder decisório.

A Frente Única reage, pelo rádio, através de boletins e mobilização popular. Repulsa à visita que rotulam de intromissão. Os exaltados culminam por localizar o coronel Euclides Figueiredo e pedir-lhe que deflagre naquele dia, por aquela razão, o movimento armado. Euclides nega-se: houvesse paciência e prudência, que também são armas. Faltava ainda muito para que a conspiração, em diferentes Estados e estágios, oferecesse condições razoáveis de sucesso.

Patrulhas civis indicam a entrada de Aranha, pela Penha. Rastilho de indignação sacode a cidade. No centro, há um orador em cada esquina causticando a intrusão. Ao chegar à Vila Kyrial, residência do tio, o senador estadual Freitas Vale, Aranha está praticamente cercado por grupos vociferantes. Dizem-lhe os informantes policiais que, no Triângulo, então o centro da capital, densa multidão, igualmente deblaterante, carregando bandeiras brasileira e pau-

lista, ovaciona oradores inflamados que pedem armas para o povo e derrubada do governo provisório.

De fato, na Praça do Patriarca, poderoso alto-falante montado na fachada da Casa Prado transmitia a palavra de Ibrahim Nobre, José Lefevre, Gomes Martins, Dario Ribeiro Filho, Pereira Lima e outros e outros. Marcos Mélega, Ibrahim, Aureliano Leite e Sílvio de Campos moldam o comportamento da multidão e, tendo-a comandada e decidida, conduzem-na pelo Viaduto do Chá, rumo da Rua Conselheiro Crispiniano, à sede da Região Militar, cujos portões estão cerrados e assim permanecem diante da grita do povo. Ninguém será admitido. Nem mesmo comissão de parlamentadores.

O povo, ocupando a rua e já despencando das janelas dos prédios que lhes franquearam a entrada, aclama o Exército reclamando o seu pronunciamento. O Exército é o povo; em São Paulo o Exército é o povo paulista! O povo paulista ali está, traz mensagens que sempre foram as do Exército e com ele deseja comungá-las. Abram-se pois as portas do quartel!

Elas mantêm-se cerradas. O capitão Gastão Goulart apresenta-se no gradil e, sem dizer o que a massa esperava ouvir, transmite o que os soldados têm para dizer: em hipótese alguma o Exército nacional "vibraria golpe fratricida". Oficiais atiram flores sobre a multidão, suscitando aclamações. Não é recado comprido nem é claro. Mas os oradores traduzem-no para a massa como sendo a passagem de uma senha secreta de incentivo: o Exército está comprometido com a revolução.

A jornada, pois, está quase ganha. Para ganhá-la inteira, os líderes arrastam a massa para o bairro da Luz, onde está o Quartel-General da Força Pública. Os homens estão na rua desde a manhã, gritando, evoluindo. Estarão cansados. Contudo, o seu número não diminui. Ora correm, excitados, furiosos, sentindo-se fortes para comandar o próprio destino; ora caminham, param, cercando, ouvindo, vivando oradores que fazem erguer ondas de entusiasmo e fúria na multidão disposta a todas as ousadias.

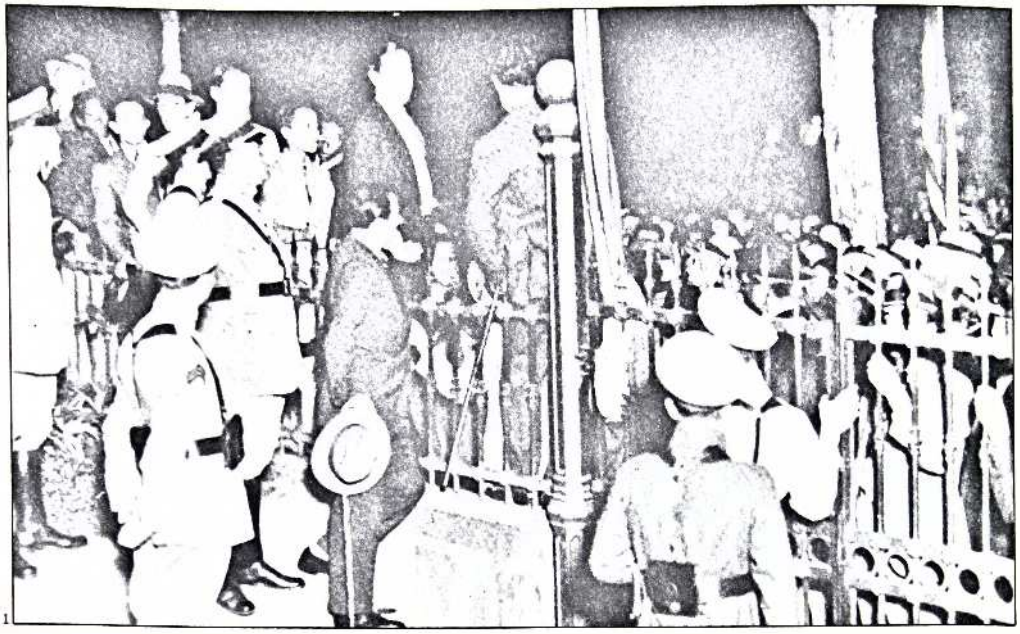
● Boletim distribuído no centro da cidade de São Paulo, pela tarde de 22 de maio:

"Paulistas: mais uma vez o ministro Osvaldo Aranha, como enviado especial do Ditador, vem a São Paulo com o intuito de arrebatar ao povo paulista o sagrado direito de escolher os seus governantes.

Mas o povo paulista, cuja paciência não é ilimitada, não mais suportará tamanha afronta e humilhação. Tendo consciência do seu valor e da sua força, ele repele a indébita e injuriosa intromissão na sua vida política daqueles que estão conduzindo São Paulo e o Brasil à ruína e à desonra.

Para manifestar e impor a sua vontade, na reivindicação dos seus direitos e das suas liberdades, o povo reunir-se-á, hoje, às 15 horas, na Praça do Patriarca, para decidir dos seus destinos. Eia, povo de São Paulo! É chegada a hora da libertação e da vitória!"

1 e 3. Manifestação na Praça do Patriarca, em 22.5.1932, especificamente contra a "Missão Osvaldo Aranha", tida como intromissão na vida política paulista.
2. Osvaldo Aranha.



1



2

● IBRAHIM NOBRE A PEDRO DE TOLEDO:

"Estamos algemados e algemados dentro de uma senzala. E Vossa Excelência, senhor Pedro de Toledo, está preso conosco. Vossa Excelência deve sair dela e com estes homens vir à rua reivindicar a nossa liberdade. Vossa Excelência é um homem velho, está no fim da vida e deve escolher entre um simples epitáfio ou uma estátua".

Primeiro choque, primeiro sangue

No comando geral da Força não está presente o comandante-geral, Castro Campos. O substituto, coronel Elisiário de Paiva, hesita diante da multidão, dos gritos, ante aquilo que, fácil é prever, ela está buscando ali.

Fora, Ibrahim excita os milicianos, pronunciando o enésimo discurso do dia. O comando concorda em receber uma comissão. Entram Sílvio de Campos, Pereira Lima, Ibrahim Nobre, Aureliano Leite, Luciano Gualberto, alguns mais. À espera, a aglomeração assossega, gradua o vozear entre exausta e esperançosa. Dentro, as conversações prosseguem.

Súbito, da Avenida Tiradentes rompe esquadrão de cavalaria da mesma Força Pública. Carrega contra o povo, atropela, espaldeira. Tiros, populares contundidos, no chão o sangue inaugural da campanha que está por iniciar-se: o do estudante Lima Neto.

Os membros da comissão, alertados, saem do QG em estado de apoplexia cívica. Ibrahim, Sílvio, com o verbo e o exemplo remendam os rasgões abertos pelos cascos e pelos sabres na massa popular que flutuara, rompera-se mas não se desfizera. Guiam-se para os Campos Elísios, para a casa do governo do Estado. Pedro de Toledo terá que dizer-lhes, naquela noite, naquele instante, com quem está: sendo paulista e sendo interventor getulista, fica ao lado dos seus ou ao lado dos servidores do ditador?

"Isso não fica assim..."

Dentro dessa noite, por outros caminhos mas percebendo o cheiro e sentindo a ira da multidão, outro pequeno grupo, igualmente decidido e irado, carrega fachos de cólera com que incendiar a madrugada paulistana. Osvaldo Aranha, o major-aviador Eduardo Gomes, o chefe de polícia major Cordeiro de Farias, Adalberto Cor-

rêa, em nome do tenentismo, do outubrismo, do getulismo, tentam organizar a reação àquela contra-revolução que vai de quartel a palácio pondo em pé o ânimo guerreiro dos nativos.

"Isso não fica assim... o mal deve ser cortado esta noite mesmo!" Querem assumir o comando do 4.º Batalhão de Caçadores do Exército. Com ele, hão de varrer as ruas, repor a cidade e o Estado em tranqüila dominação. O comandante do BC, tenente-coronel Mário da Veiga Abreu, nem hesita, nem pondera: nega-se. Não seja somente sua a recusa que já é quase uma revolta. Reúne os oficiais, ouvindo, da sala de comando, o ribombar do povoléu em romaria de delírio. Diante dos tenentes transmite ordem formal à sua unidade: se por qualquer motivo seus soldados fossem à rua, não consentissem os oficiais nenhum tiro contra o povo. O 4.º BC, portanto, não acompanharia Osvaldo Aranha, Eduardo Gomes, Cordeiro de Farias e os demais empenhados na defesa da posição outubrista-tenentista. O confronto, se houvesse, teria resultados trágicos.

Os tenentes não desistem. Se o Exército não vai à praça sob o seu mando, levarão a Força Pública, comandada por tenentes e cuja cavalaria aquela mesma noite dera provas de acatamento às ordens de investir contra a população. Fazem-se conduzir ao QG da Força, querem a cavalaria. É demais para o comando, tamanha responsabilidade. Também diz não. E não houve mais sangue, aquela noite.

Em continência ao povo...

...que rolava para as grades do palácio à moda de caudal ululante, a guarda dos Campos Elísios imobilizou-se, armas na mão. Pedro de Toledo ordenou a abertura dos portões e apresentou-se. A massa cobre o jardim com atropelos e grita. Ibrahim Nobre empurra para o meio do gramado, entre o público e o interventor, o estudante ferido. Aponta-o, clama:

"É o sangue paulista que começa a correr!" Impõe ao interventor faça cessar os arreganhos policiais e "governe São Paulo com São Paulo e não contra São Paulo". A mole humana, que comprime e o situa a um passo da exaltação ou do repúdio, impressiona Pedro de Toledo. Quando consegue, fala: haveria de "fazer valer a opinião popular para corresponder às aspirações de São Paulo. Se não o conseguisse, deixaria o governo e, então, fizesse o povo o que bem entendesse".

Foi isso já quase no 23 de maio — dia a ser marcado dramaticamente na história. Separaram-se interventor e povo mas não se afastaram na aflição do dia iniciado e do desafio lançado. Vigília de exaltação, a do povo.

Amarga vigília...

...foi a de Osvaldo Aranha. Acolhera-se ao Quartel-General da Região Militar, sítio paulistano onde mais enfática e segura se tornara a presença do governo provisório.

Pôde ouvir, durante largo tempo, que os oficiais discutiam: aprovação e repúdio à tibieza de Pedro de Toledo, às manifestações populares positivamente em clave de insubordinação, de revolução enfim.

E a só divisão daquela oficialidade, cuidadosamente selecionada para servir em São Paulo como tropa de ocupação, infensa a deixar-se contaminar pela causa da terra, deu-lhe medida do quanto próxima estava a contestação militar ao continuismo outubrista.



3

Associação Commercial de S. Paulo

AO COMMERCIO

Exprimindo os sentimentos geraes de protesto contra as protelações infindaveis da solução do premente caso de São Paulo, a Associação Commercial de São Paulo convida o commercio a fechar as suas portas e a suspender as suas transacções durante 24 horas, a partir das 2 horas da tarde de hoje, se até esse momento não tiverem sido satisfeitas as legitimas aspirações do povo paulista.

São Paulo, 23 de maio de 1932.

A DIRECTORIA

4

1. *Discurso de Ibrahim Nobre diante do QG da Força Pública, no bairro da Luz. São Paulo, 22.5.1932.*
2. *Ibrahim Nobre, o "Tribuno da Revolução".*
3. *Charge de Belmonte,* Folha da Noite, *5.3.1932.*
4. A Gazeta, *23.5.1932.*


SEGUNDA EDIÇÃO

CORREIO DA TARDE

Uma importante entrevista com o gen. Miguel Costa

O FALECIMENTO DE LEOPOLDO FRÓES

A resposta da direção desta folha ao general Miguel Costa

Jornal Correio da Tarde, *porta-voz de Miguel Costa em São Paulo.*

Pela manhã, aborrecido e preocupado, frustração de mensagem não entregue, retornaria ao Rio de Janeiro.

Aquela manhã, certos veículos correram pela cidade, transportando gente e volumes, furtando-se ao encontro com os novelos embaraçados da populaça. Esses carros levavam armas, munições, partidários decididos do Clube Três de Outubro, fiéis da Legião Revolucionária. Tinham um propósito e cumpriam ordens: não seria impunemente que os "carcomidos", os "derrubados" de 1930 buscariam a sua desforra, ofenderiam os vencedores chegados com a Aliança Liberal. Se queriam guerra, conforme se ouvia pelas esquinas, teriam guerra a partir mesmo das esquinas paulistanas.

Carlos Nazaré, presidente da Associação Comercial, faz distribuir boletim, pedindo ao comércio cerrar as portas e mandar os empregados engrossar a multidão que se recusa a voltar para casa ou para o trabalho enquanto não houver em São Paulo governo completamente paulista. O *Diário da Noite* publica manifesto de oficiais da Força Pública, colocando-se ao lado do povo.

De novo nos jardins dos Campos Elísios, centenas de homens reclamam os nomes do secretariado. Sai Francisco Morato a ler o

"Paulistas,

Tenho grande prazer de vos anunciar que se acha constituído o novo governo do Estado, em torno do doutor Pedro de Toledo, e São Paulo restituído das prerrogativas e autonomia de que por tanto tempo se viu privado. O novo governo, genuinamente paulista, tirado da Frente Única.

Entraram na sua composição: o doutor Waldemar Ferreira, para a pasta da Justiça; o doutor Rodrigues Alves Sobrinho, para a da Educação; o doutor Fonseca Teles, para a Viação; o doutor Francisco Junqueira, para a Agricultura; o doutor Armando de Sales Oliveira, para a Fazenda; o doutor Gofredo da Silva Telles, para a prefeitura; o doutor Joaquim Sampaio Vidal, para o Departamento de Administração Municipal.

O chefe de polícia vai ser nomeado pelo interventor, depois de empossado o secretariado.

O senhor Waldemar Ferreira toma posse hoje às 21 horas; os demais, amanhã às 11 horas.

Reina na capital o maior regozijo.

O povo celebra com grandes expansões de entusiasmo a vitória das reivindicações populares e o restabelecimento de São Paulo ao posto que lhe cabe por sua cultura, opulência e tradições de civismo no seio da Federação Brasileira.

A Igreja celebra ainda as aleluias do calendário católico; o Estado de São Paulo reafirma, na data redentora de hoje, o gênio e ânimo invicto dos filhos de Piratininga."

(Armando Salles Oliveira recusaria a indicação, sendo substituído por Paulo de Moraes Barros.)



Passeata percorre a Rua Barão de Itapetininga, 23.5.1932.

manifesto que às 20 horas difundiria para o Estado e o país — afrontando o tenentismo, o outubrismo e o ditador — pelas rádios da cidade. O povo aclama. Aclamaria quaisquer nomes desde que não indicados pelos tenentes, mas exige uma a mais na cadeia de ousadias rumo ao rompimento: a posse do secretariado deverá ser realizada solenemente, ruidosamente e no sítio onde São Paulo é mais São Paulo por ali haver nascido, ali resistido (9 de julho de 1562) ao ataque dos bárbaros que pretendiam arrasá-la: o Largo do Palácio; o Pátio do Colégio, onde situava-se a Secretaria de Justiça e então chamado, pelos outubristas, João Pessoa.

Toda a tarde a vida no Triângulo — o então centro da cidade — foi de grupos, gritos, vivas, morras, protestos, promessas, ameaças, choques com atrevidos e corajosos provocadores da Legião Revolucionária e do Partido Popular Paulista, organismos do outubrismo e do tenentismo, do inimigo, portanto. Nas ruas e praças a ruidosa *ouverture* da guerra civil.

Já era a Revolução

A polícia hesita, ataca, recua, omite-se, indecisa entre obedecer aos que têm um mandato procedente do Rio de Janeiro e os que se dizem legítima autoridade local, em nome do povo.

E quando Silva Gordo entregou a pasta da Justiça a Waldemar Ferreira, o aplauso vigoroso, desafiante, da multidão gaudiante, foi enquadrado, surpreendentemente, por uma salva de tiros. Já não somente palavras mas tiros!

Para muitos, ali e então, começou a revolta: a cidade praticamente expulsara o enviado tenentista-outubrista, o interventor rompera laços de obediência que o haviam até ali manietado e nomeara auxiliares tidos por inimigos do ditador. Mais, dava-lhes posse dos cargos, em meio ao povo, em sítio histórico, de lembranças eloqüentes para a afetividade paulista.

Waldemar Ferreira, já secretário da Justiça, não deixa escoar minutos: lavra e faz promulgar decretos reformando o general Miguel Costa e seu substituto, coronel Juvenal de Castro, e nomeia para o comando da Força Pública o coronel Júlio Marcondes Salgado, sabidamente, publicamente comprometido com os planos da Revolução. A Força voltava a obedecer a oficial paulista.

A noite planaltina cresceu em clima de vitória. O homem-multidão sente-se, outra vez, senhor do seu destino, não reconhece aos lados perrepistas ou democráticos, mas apenas frentistas e paulistas, camaradas na luta.

Vai para dois dias que a multidão ondeia, vagueia, ouve, aclama, apupa, confia, desespera, exige. O sucesso do Largo do Palácio exilou a prudência. Os afoitos abrem à força uma casa comercial especializada em armas de fogo e constituindo-se em expedição punitiva vão depredar e tentar incendiar as redações dos jornais outubristas *A Razão,* porta-voz de Osvaldo Aranha, e *Correio da Tarde,* que se desconfiava pertencesse a Miguel Costa.

A massa, já corrente indomável fluindo para trincheiras, pela Rua Barão de Itapetininga, alcança a esquina da Praça da República, onde decide atacar a sede do Partido Popular Paulista, instrumento político com o qual a Legião Revolucionária entendia conquistar proletariado e pequena burguesia para as idéias e as posições do governo provisório.

A sede está ocupada: há nela gente disposta e bem armada, fartamente municiada. A invasão exigirá luta.



Waldemar Ferreira.



Joaquim Sampaio Vidal.



Tirso Martins.



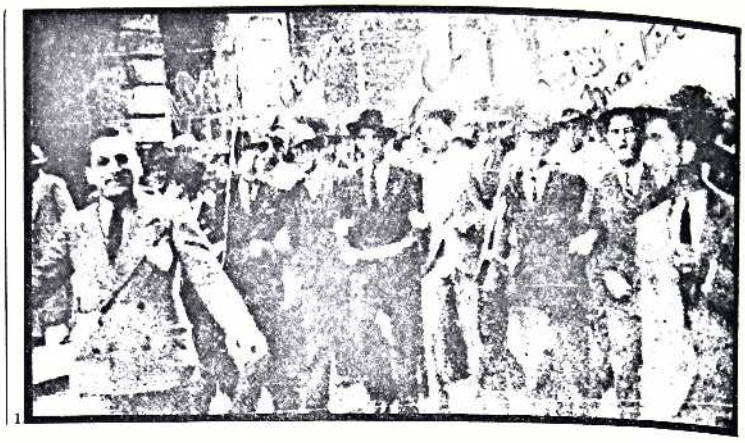
Francisco Morato.

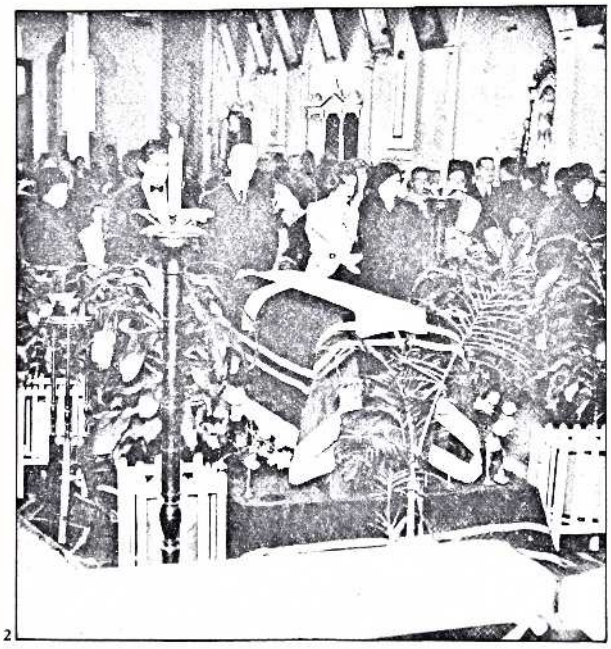


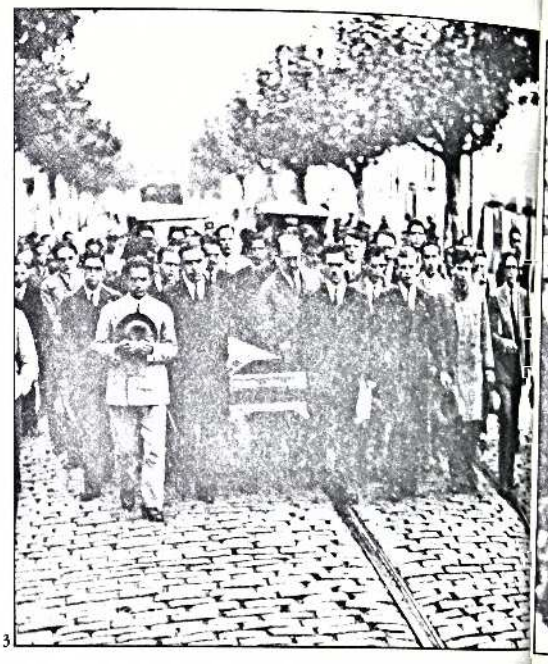
Rodrigues Alves Sobrinho.



Paulo de Moraes Barros.







1. *Esta foto, até agora inédita, é a única na qual estão assinalados Dráusio, Alvarenga, Camargo, Miragaia e Martins, que momentos depois seriam feridos ou mortos no conflito da esquina da Itapetininga com a Praça da República. Em primeiro plano, à esquerda, Raul Noce.*
2, 3, 4 e 5. *Velório e sepultamento dos mortos de 23/24 de maio, ocasiões para discursos e comprometimentos que aceleraram o eclodir da Revolução.*

A guerra começou na Praça da República

De cima, de dentro, a Legião Revolucionária reage: palavrões, tiros de fuzil, de revólver, de submetralhadora. Os de baixo, da rua e da praça, não dispõem de tantas armas e estão desmuniciados. Tamanha e tão feroz resistência não figura nas suas expectativas. Xingos e cólera não bastam para desalojar os legionários.

Tiroteio até às 4,15 da manhã de 24 de maio.

No chão, esquina da rua com a praça, estão mortos Euclides Bueno Miragaia, Antônio Américo de Camargo Andrade, Dráusio Marcondes de Sousa com seus apenas quatorze anos. Gravemente ferido por bala de metralhadora, Mário Martins de Almeida, que morre ao ser removido para o pronto-socorro da polícia central. Feridos, também, Jacinto de Oliveira Alvarenga e Orlando de Oliveira, que virá a falecer a 12 de agosto.

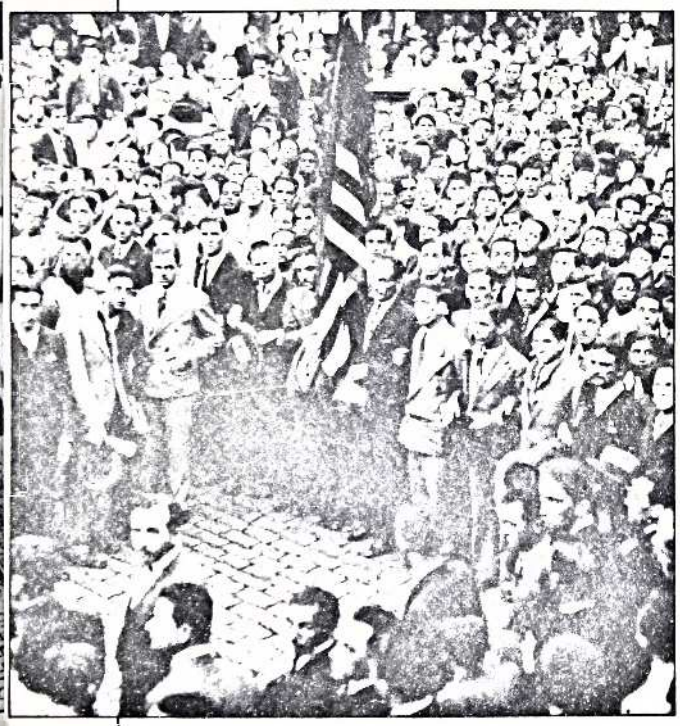
Horas depois, as iniciais dos nomes dos mortos haverão de formar a sigla da sociedade, a princípio secreta, que viria a ser forja e martelo da revolução constitucionalista: MMDC.

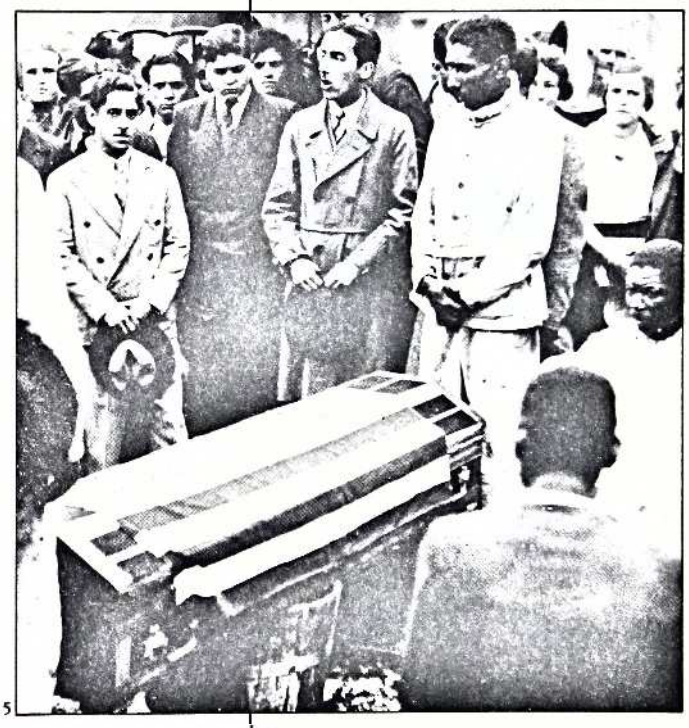
MMDC

Embora notória, até localizável a montagem de movimento armado, não poderia faltar à organização o toque do sigilo, da iniciação ritual. Boa parte dos que conspiravam provinha das associações secretas estudantis das faculdades de direito, de engenharia, de medicina. Estruturou-se pois uma central secreta.

No dia 24 de maio, ainda ferventes as cabeças e os ânimos em razão dos sucessos sangrentos da noite-madrugada na Praça da República, reuniram-se em salas privadas do Restaurante Posílipo: Joaquim de Abreu Sampaio Vidal, Aureliano Leite, Prudente de Moraes Neto, Paulo Nogueira Filho. Horas mais tarde, no Clube Comercial, encontro de confirmação, já com o círculo de aderentes alargado pela presença de Cesário Coimbra, Francisco Mesquita, Francisco A. Santos Filho, Edgar Baptista Pereira, Bernardo Antônio de Morais, Alberto Americano, Roberto Vítor Cordeiro, Carlos de Sousa Nazaré, Bueno Ferraz, capitão Antônio Pietscher, Antônio Carlos Pacheco e Silva, José A. Teles de Matos, Gastão Grossé Saraiva, Hermann de Moraes Barros, Flávio B. Costa, Moacir Barbosa Ferraz, Waldemar Silva, Bráulio Santos, Jorge Resende e Tiago Mazagão Filho.

O nome da associação seria "Guarda Paulista", mas no decorrer dos entendimentos foi lembrada a necessidade em que ficavam os paulistas insurgentes de manter viva a chama que, à noite, levara ao ferimento e à morte os primeiros combatentes de 32: Mário Martins de Almeida, Euclides Bueno Miragaia, Antônio Américo de Camargo Andrade e Dráusio Marcondes de Sousa. Os iniciados começariam sua missão batizando a entidade com o nome-lembrança das vítimas: CDMM. No final da reunião as iniciais estavam consagradas, embora trocadas, em razão da eufonia, para MMDC: *Martins-Miragaia-Dráusio-Camargo*.





5

Os ativistas passaram a ocupar-se regularmente com a preparação de pelotões guerrilheiros do tipo "apresentação e ação fulminantes". Quase toda a cidade foi coberta pelo plano: os pelotões, ativados mediante senhas altamente secretas, a serem transmitidas no minuto derradeiro, ocupariam pontos estratégicos, repartições, estações ferroviárias, emissoras radiofônicas, serviços públicos.

Iniciada a luta, o MMDC foi tornado público e oficializado pelo decreto 5 627-A, de 10 de agosto, ganhando esquematização burocrática. Ligado diretamente ao gabinete do secretário da Justiça, tinha por coordenador Luís Pisa Sobrinho. A superintendência dos departamentos foi alojar-se, inicialmente, na Faculdade de Direito, mudando-se logo para o prédio antigo do Fórum — esquina da Rua do Tesouro com a Quinze de Novembro. Mais tarde, ampliado, ingurgitado pela inclusão de departamentos e serviços, lotou as instalações da Escola de Comércio Álvares Penteado.

Modelo de organização à base de voluntariado, reunindo centenas de técnicos, o MMDC ocupou-se com a direção geral do abastecimento, a intendência, as finanças, engenharia, saúde, correio militar, propaganda, mobilização e serviços auxiliares.

• Ao MMDC foi entregue, entre outras, a missão de manter a segurança das cidades. Elementos acima de qualquer suspeita escolhiam e chefiavam grupos de voluntários na tarefa de montar guarda às ruas, às casas, aos estabelecimentos públicos, comerciais e industriais. Foi assim em todo o Estado.

Na Vila Cerqueira César, capital, afeta à 4.ª divisão do MMDC paulistano, um desses guardas voluntários, humilde, retraído, absorto, chamava-se Vítor Brecheret. Na lista de adesões, entre carroceiros, metalúrgicos, advogados, proprietários, comerciantes, comerciários, pedreiros, alfaiates, barbeiros, professores, médicos, bancários, aposentados, ele qualificara-se "artista escultor".

As personagens ocupam seus lugares



Miguel Costa.

● Pedro de Toledo em mensagem a Getúlio Vargas: "Fiel à sua tradição liberal e cônscio de suas responsabilidades na Federação, São Paulo dirige a todo o país, nesta hora sem par da sua história, a expressão mais sincera de seus sentimentos de intensa brasilidade. . ."

À espera da réplica

Ninguém, participante ou ausente das movimentações dos dias imediatamente anteriores, atreve-se a admitir que Getúlio, Aranha, Góis, Costa, Farias, outubristas e tenentistas, deixem de "dar o troco". No Club Líder, onde se reúnem às 12 horas os chefes do MMDC, na Secretaria da Justiça ao redor de Waldemar Ferreira, imaginar qual seja essa resposta e como recebê-la ou rebatê-la é das preocupações principais.

As primeiras horas do dia 24 proporcionaram emoção especial: avião militar, voando baixo sobre o centro da cidade, área mais conturbada pelas manifestações de véspera, desovara manifesto:

"Paulistas,

Continuando nas gloriosas tradições do Exército Nacional que, em todos os transes difíceis por que o Brasil tem passado, sempre se colocando ao lado do povo, as tropas federais da II Região Militar, estacionadas nesta importante unidade da Federação, não permitem que elementos quaisquer perturbem a ação enérgica e patriótica do Governo Revolucionário em prol da manutenção e organização do Governo Paulista.

Para que possamos dar cabal desempenho a tão honrosa missão, contamos, sem dúvida alguma, com a cooperação de todos os paulistas, sem distinção de credos políticos, a fim de que nos auxiliem, neste momento difícil.

Coronel Ávila Lins, comandante da II Região."

Outra vez, tal como durante a noite de 23, as interpretações variavam: o Exército está com o povo paulista na sua determinação de autogoverno; o Exército está posicionado com o governo Vargas e agirá, a mando deste, para destituir o novo secretariado, símbolo e instrumental daquela autonomia, embora ela não seja em nada maior ou mais ampla do que a de todos os mais Estados.

À tarde, circulam depoimentos de quem viu e ouviu Osvaldo Aranha voluntariamente recluso no QG da RM e partindo para o Rio de Janeiro: prometia atroz vingança. Os políticos precipitaram-se para as redações dos jornais, desejosos de ler a informação vinda da capital federal:

"Foi nomeado comandante da II Região Militar o general Manuel Rabelo, que embarcou esta madrugada para São Paulo, a fim de assumir aquela chefia. Elementos do PRP fizeram ontem manifestações de hostilidade ao ministro Osvaldo Aranha e ao governo provisório.

A cidade de São Paulo, que já se encontra em calma, está sendo policiada pela tropa federal. A Força Pública se acha toda aquartelada aguardando ordens do governo provisório. Os generais Góis Monteiro, Miguel Costa e Manuel Rabelo, em frente única, solida-

rizaram-se com o governo provisório, que vai tomar nos últimos acontecimentos da capital paulista as providências que o caso requer".

Metade da São Paulo já claramente sublevada teme a intervenção federal para as horas seguintes. Reagir? Como reagir?

Pedro de Toledo emprega diplomacia

Ganhar algum tempo é importante. Demonstrar, o interventor, "uma atitude, se não amistosa, pelo menos de muita discrição e de respeito à autoridade ditatorial", também. "Se São Paulo conseguira", conforme se pode ler em *São Paulo contra a ditadura,* "o governo que desejava, por força do mais belo movimento popular que a história nacional regista, nem por isso a atitude posterior dos seus dirigentes se orientou de maneira a manter ou aumentar as dificuldades existentes para o entendimento necessário entre o nosso Estado e o governo revolucionário da República".

Por tais razões, mas principalmente por ser o seu estilo de viver e governar, Pedro de Toledo lança manifesto, no dia 25:

"Ao povo paulista...

Tendo se reconstituído o meu secretariado, no intuito de bem e melhor servir o Governo Provisório da República, no posto em que me colocou, de molde a poder encaminhar o Estado de São Paulo para a consecução de suas finalidades, como unidade da nação brasileira, fi-lo com o assentimento do Governo Provisório e com a ciência de um dos seus membros, o excelentíssimo senhor doutor Osvaldo Aranha, ministro da Fazenda.

Guiou-me nessa atitude o ardoroso desejo de pacificar os espíritos porventura exaltados pelo mesmo sentimento patriótico e de restabelecer a paz à Família Paulista, para que o Estado de São Paulo possa continuar no seu trabalho fecundo e incessante.

Tendo assumido, ontem, o comando da II Região Militar o excelentíssimo senhor coronel Rabelo, militar assaz conhecido pela nobreza de seus sentimentos e pela serena energia de seus atos, e sendo a nossa preocupação máxima a de manter a ordem sem a qual nada se fará de útil, faço um apelo a todos os meus coestaduanos para que confiem no meu governo como se acha constituído. Cooperando todos para esse mesmo desiderato, faremos obra meritória e digna de nosso Estado e do Brasil.

Fio em que o povo paulista volte à sua faina, cesse as manifestações e reuniões, que podem ser exploradas por elementos que, não raro, se prevalecem desses instantes para implantar a desordem.

Boatos e notícias tendenciosas se espalham a todo o momento, destituídas de fundamentos.

Pela ordem e seu restabelecimento em toda a parte, serão praticadas as medidas necessárias.

São Paulo, 25 de maio de 1932.

Pedro de Toledo, interventor federal."

Não contente, esperançoso que foi, até o 9 de julho, de encontrar no diálogo com Vargas solução pacífica para os problemas e as angústias do seu Estado, Toledo telegrafa:

"Excelentíssimo senhor doutor Getúlio Vargas, chefe do Governo Provisório. Rio de Janeiro.

Integrado hoje o secretariado de meu governo, organizado de acordo com as intenções de Vossa Excelência, desejoso atender as-



Isidoro Dias Lopes.

● "Nem sempre tudo correu às maravilhas. Certa vez registrou-se grave desinteligência entre mim e o general Isidoro... Entendia o general, depois de feita larga exposição, que tudo estava preparado para o levante, e era só escolher o dia e a hora. Ninguém faltaria. Eu, mais precavido, arrisquei um questionário. (...) Não me responsabilizaria por qualquer precipitação. Isidoro não apreciou a franqueza acusando-me de estar a exigir minudências e de ser rigorista. Como resultado cortamos a conversa, separando-nos bastante ressentidos. Voltei, aquela noite mesmo, para o Rio."
(Euclides Figueiredo)

• A eventualidade de o governo ditatorial intervir em São Paulo encontrou a Frente Única firmemente solidária. No dia 25 ela promoveu em Porto Alegre manifestação popular ao interventor Flores da Cunha, pretextando homenageá-lo "em regozijo pela solução do caso paulista". Flores agradeceu com discurso de exaltação à terra bandeirante e uma frase fortemente monitória:

"...se o Rio Grande, erradamente embora, se encaminhar para o despenhadeiro, eu irei para o despenhadeiro com o Rio Grande".



pirações do povo paulista, permito-me exprimir o nosso intuito de colaboração leal no prosseguimento da obra de reconstrução nacional. Anima-nos o mais intenso desejo de tranqüilizar o espírito brasileiro e de contribuir por que ele se oriente seguro para seus novos destinos. Fiel à sua tradição liberal e cônscio de suas responsabilidades na Federação, São Paulo dirige a todo o país nesta hora sem par da sua história a expressão mais sincera de seus sentimentos de intensa brasilidade e formula votos por que Vossa Excelência consiga levar a termo feliz a magnífica esperança de que o Brasil há de preencher a sua finalidade republicana. Com o mais profundo respeito".

Todo o secretariado assinou, depois do interventor, esse telegrama que era um discurso e um compromisso. E ao qual Vargas respondeu o mais secamente possível: "Doutor Pedro de Toledo, interventor federal, e demais secretários, São Paulo. Agradeço comunicação estar composto o vosso secretariado e bem assim os intuitos de colaboração manifestados. Cordiais saudações. Getúlio Vargas".

Despaulistizar São Paulo

Menos animadoras as medidas que Manuel Rabelo tomava no comando da Região Militar, fixando, sem ocultá-lo, como objetivo prioritário: deposição do secretariado estadual, e, secundário, a do interventor. A fim de "despaulistizar" a tropa federal, remove oficiais, transfere o comando da Região Militar da Rua Conselheiro Crispiniano, no centro, para a retirada Chácara do Carvalho; dispõe efetivos seguros nas cercanias da capital, retira armas e munições dos arsenais do Estado; incorpora a seu estado-maior dois brilhantes e seguros tenentes agregados então ao gabinete do ministro da Guerra: majores Estillac Leal e Ricardo Hall. Na chefia da polícia paulista, outro dedicado tenente: major Osvaldo Cordeiro de Farias. Aprofunda esse tomar em suas mãos o controle total sobre São Paulo no dia 28, quando, visitando o Quartel-General da Força Pública, anuncia:

"O governo paulista devia ser modificado e, por isso mesmo, fora ele (Rabelo) incumbido pelo Governo Provisório para servir em São Paulo de centro coordenador. (...) para melhor exercer o seu mandato, resolvia unificar desde logo os comandos da Região e da Força". *(São Paulo contra a ditadura.)*

E culmina visitando Pedro de Toledo para intimá-lo a observar fielmente as regras do getulismo, sem o quê, ele, Rabelo, "não o apoiaria no poder". Toledo põe-se de pé, em ebulição surpreendente na sua vetustez, e retruca, veemente: "A autoridade suprema no Estado sou eu. Se traz ordem para assumir a interventoria, exiba-a; mas se é simples bilhete azul que me pretende oferecer, desiluda-se, coronel. Só sairei daqui morto ou algemado; não por simples ameaça".

Gesto viril o do interventor. Mas era um gesto, apenas. Nem mesmo se tinha a certeza de que, indo a Frente Única para a batalha, Pedro de Toledo iria com ela. Homem de princípios, angustiava-se com o ver-se obrigado a aborrecer Getúlio, que o nomeara, para situar-se com os seus coestaduanos. Por ele, a solução deveria ser negociada. Afinal, tratava-se de um diplomata.

Toledo sabe que a conspiração avança e não quer atalhá-la porque é paulista, mas não adere porque deve gratidão a Getúlio.

A Frente Única diz-se solidária

Enquanto o interventor hesita e se isola, o serviço secreto de Góis Monteiro infiltra um sargento na conspiração e logra prender o tenente-coronel Teopompo de Vasconcelos, desarticulando, por algum tempo, a rede conspiratória militar.

Os frentistas encontram razão e oportunidade para tentar uma vez ainda a solução política, pacífica. A jogada seguinte é atuada mediante movimento da Frente Única do Rio Grande. Espécie de apadrinhamento das pretensões paulistas. A 27 de maio, Flores da Cunha telegrafa a Getúlio:

"No pensamento de ser mantida, a todo transe, a feliz solução dada ao caso paulista, os partidos políticos do Estado, representados pelos seus chefes Borges de Medeiros e Raul Pilla, acabam autorizar-me hipotecar a Vossência o seu inteiro apoio, para, nele amparado, possa Vossência melhor resistir onde anarquia sedenta mergulhar país. Afetuosos abraços".

Vargas não engoliu o anzol. Antes, fez dele gancho no qual deixar a situação pendurada enquanto manobrava para conjurar o perigo em que a Frente Única começa a tornar-se para a dilatada provisoriedade do seu governo.

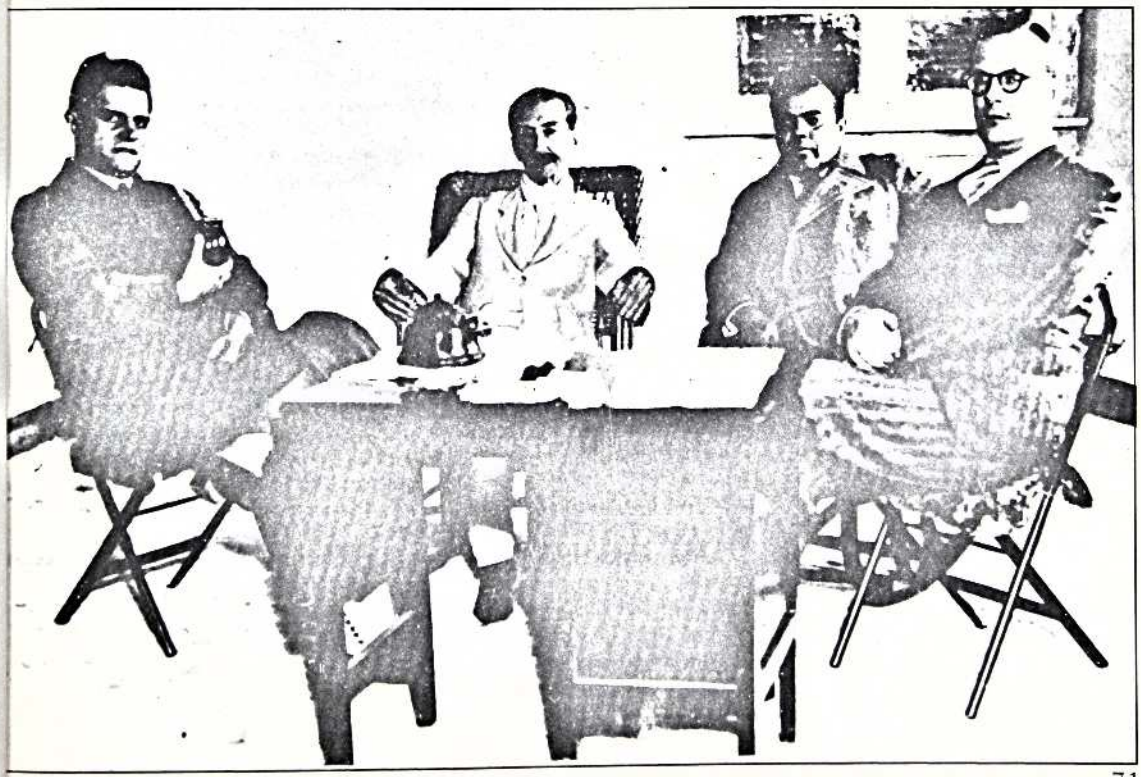
Na resposta, tergiversou, não ameaçou, não prometeu aceitar, compreender, coonestar. Terminou:

"A modificação do secretariado da interventoria de São Paulo



2

1. Osvaldo Cordeiro de Farias.
2. Flores da Cunha.
3. Batista Luzardo, Borges de Medeiros, Maurício Cardoso e Lindolfo Collor.



• A Frente Única gaúcha negocia e discute, mas chega à conclusão que deve preparar-se para a guerra. Admite que getulistas, tenentistas e forças federais defenderão Getúlio. Será preciso lutar dentro do Estado. E o que é grave: já com a forte desconfiança de que Flores da Cunha tergiversa e não abrirá os arsenais aos frentistas. Euclides relata: "Foi então que coube ao doutor Glycerio Alves, (...) a incumbência de auxiliar a ação armada do Rio Grande, dominando a guarnição federal de Cachoeira, para o que passou a dispor, em tempo, do material bélico julgado necessário, sendo-lhe igualmente prometido o concurso de um batalhão da Brigada Militar do Estado, que chegaria a local escolhido no momento preciso".

era coisa assentada e estava sendo encaminhada no sentido de atender às correntes dominantes e da opinião pública, com inteiro conhecimento geral e aprovação dos elementos que emprestarem solidariedade ao governo. Houve apenas surpresa na forma tumultuária do ambiente subversivo em que tal modificação se deu. Nestas condições, a manutenção do secretariado depende menos de outras circunstâncias que da própria atitude posterior aos acontecimentos, pela prática de atos reveladores de firme propósito de colaboração com o Governo Provisório, dentro do pensamento e normas renovadas da revolução".

Que São Paulo não cogitava de oferecer colaboração ao governo provisório e sim de estreitar ainda mais os laços conspiratórios com a Frente Única, deu provas ao tornar tão difícil a atuação do chefe de polícia outubrista, o major Osvaldo Cordeiro de Farias — único tenentista no secretariado —, que este, isolado, ignorado, hostilizado, deixou o cargo retornando à Guanabara.

Mas a Frente não era tão unida

Euclides Figueiredo, a quem fora entregue a elaboração dos planos práticos para o movimento armado, repetia: "Nada será possível, materialmente, sem o concurso do Rio Grande do Sul, pelo menos. Ainda a despeito da cooperação de Minas, talvez". Porém, em Minas, embora alguns afirmassem ter ouvido Olegário Maciel afirmar que "nenhum cartucho deixaria o seu Estado queimar em defesa da ditadura", não se ouviam garantias de adesão formal aos propósitos finais da Frente. Venceslau Brás e o próprio Olegário arrepiavam-se ao ouvir a palavra "revolução". Queriam paciência e articulação. No sul, havia firmeza de alguns frentistas — Pilla, Neves, Condor, Luzardo — e tibieza na posição do interventor, Flores da Cunha.

São Paulo deveria ir às armas pela reconstitucionalização, mas não queria ir sozinho, também por "considerações de ordem moral e patriótica", no dizer de E. Figueiredo, "qual a do isolamento em que iria ficar São Paulo, dando-se a um movimento de caráter eminentemente nacional, que era o que se queria levar avante, uma feição regionalista, que se prestaria mais facilmente à campanha que, já previamos, seria levantada contra o movimento, como o foi, por alguns interventores do norte".

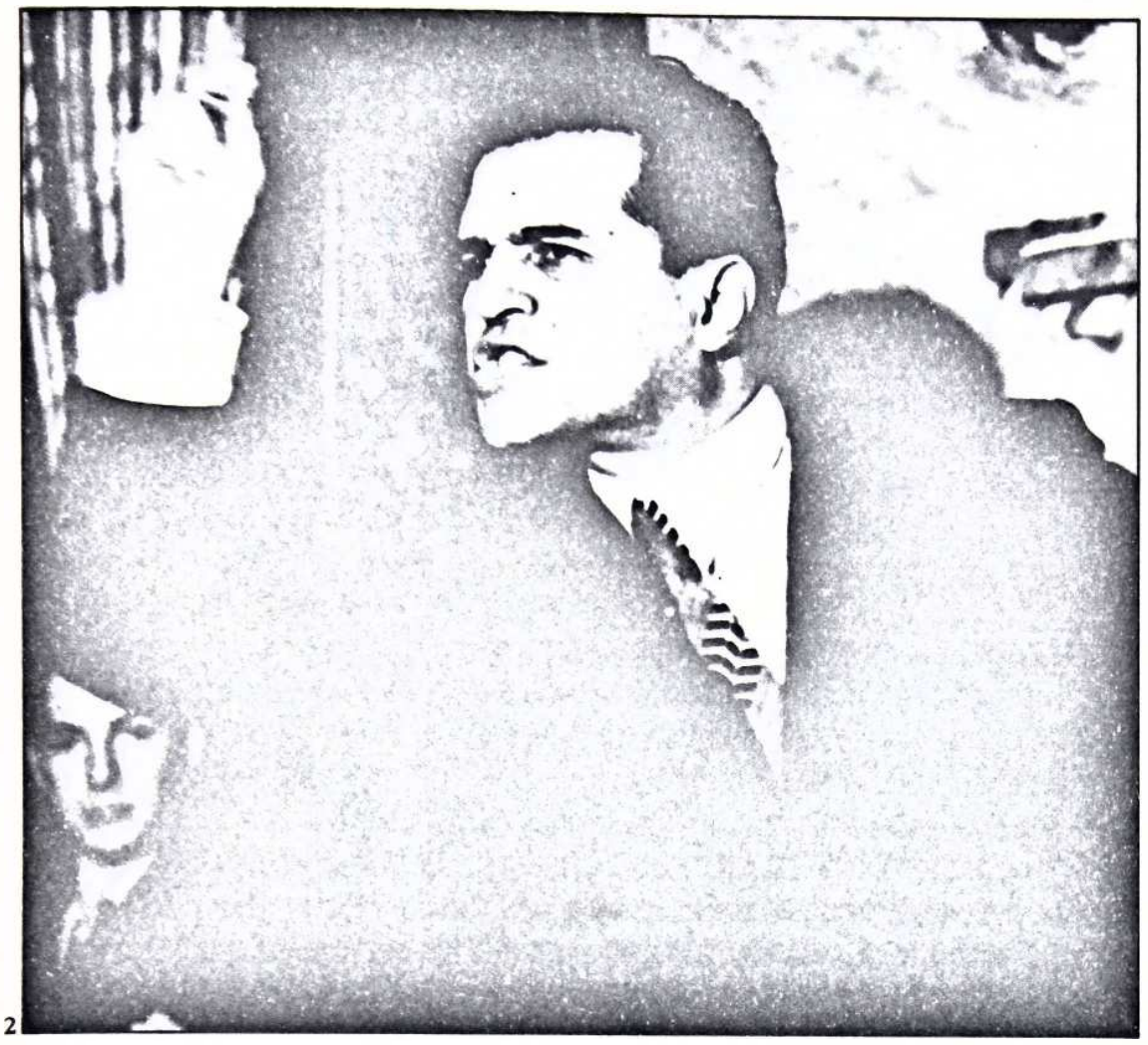
Celidônio Filho vai dizer aos gaúchos: "A situação do governo paulista é insustentável... Ou ele dará o seu apoio expresso à ditadura, aceitando uma pasta no ministério... ou terá de resolver-se pela revolução. (...) A Frente Única de São Paulo quer manter os seus compromissos com a Frente Única do Rio Grande do Sul. Seja, pois, a Frente Única do Rio Grande do Sul o árbitro da situação".

Borges de Medeiros responde pelos gaúchos: "O Rio Grande do Sul, em qualquer hipótese, manterá os seus compromissos com São Paulo; (...) o Rio Grande do Sul pede a São Paulo um prazo de quinze dias, necessários ao chefe do Partido Republicano para constatar os efeitos daquela crise" (referia-se à demissão do secretário do Interior).

Tudo pronto... ou quase tudo

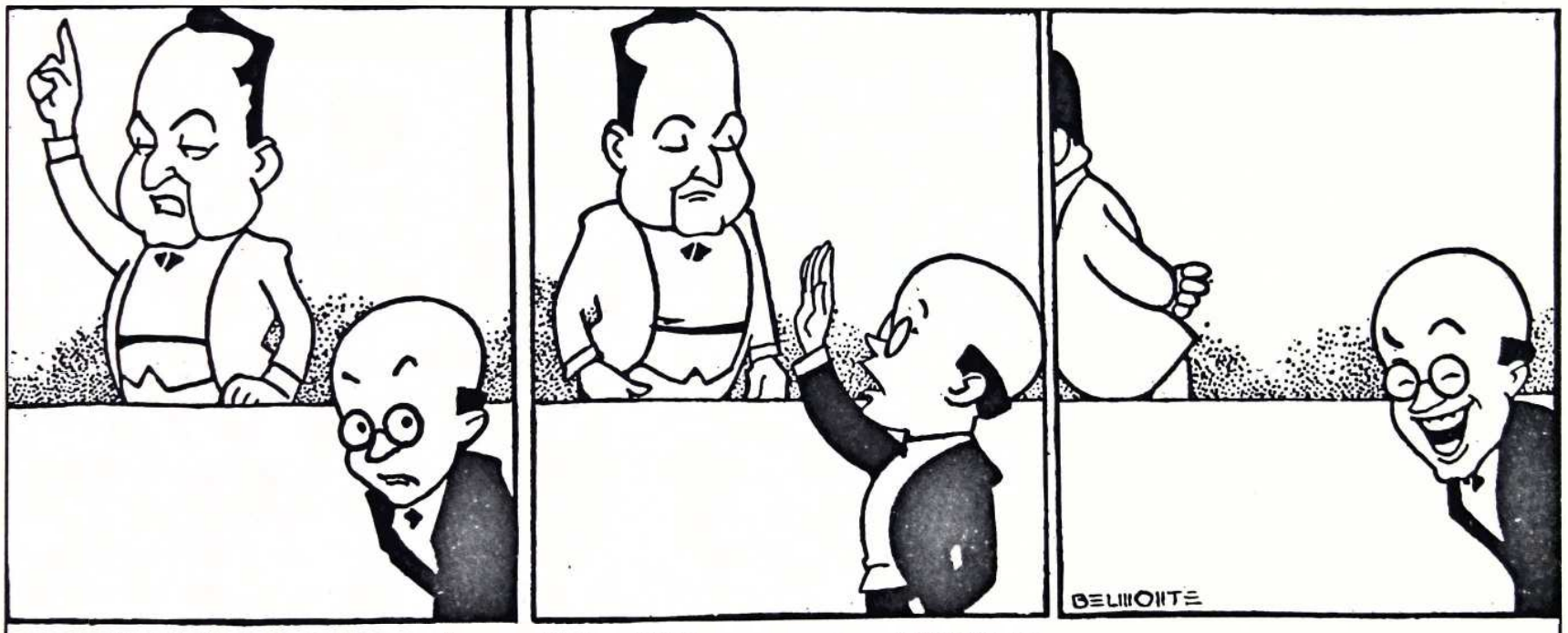
Tendo a palavra dos gaúchos, Euclides de Figueiredo dá remates ao plano da revolução. O coronel Luís Lobo irá aos Estados do norte, reunirá constitucionalistas em número suficiente para, desen-





1. *Olegário Maciel.*
2. *Batista Luzardo.*
3. *Charge de Belmonte,* Folha da Noite, *6.4.1932.*
4. *Os "Filmes da semana", charge de Belmonte,* Folha da Noite, *9.7.1932.*

2



3 — A Constituição é uma burla! Não precisamos della porque ella só serve para ser violada pelos politiqueiros!

JUCA — Dá licença para um aparte? Então não precisamos tambem do Codigo Penal porque elle só serve para ser violado pelos criminosos.

— Ah! Ah! Desta vez eu matei o Gegê na cabeça



4 "O anjo da noite" "Duas vidas" "O rei dos dados" "Maridos em férias" "Uma hora comtigo"

• Em seguida aos ásperos acontecimentos paulistanos de 22, 23 e 24 de maio, os frentistas do Rio Grande querem saber a exata situação do movimento revolucionário. João Neves expede um relatório, no qual se lê:

"a) No MEIO POLÍTICO: (...) existem lá as duas correntes: a dos moderados e a dos extremados. (...) devendo-se porém acentuar que lá até a primeira delas admite a solução extrema pelas armas, havendo mesmo entre os chamados "velhos" muitos que se dispõem a dar neste caso o seu concurso pessoal. Não há, pode-se dizer, discrepâncias notáveis nos elementos responsáveis. Os acontecimentos dos dias 22 e 23 são a prova disto. Todos se uniram para obtenção da solução final, ninguém aceitando contemporizações com a permanência dos antigos auxiliares do governo".

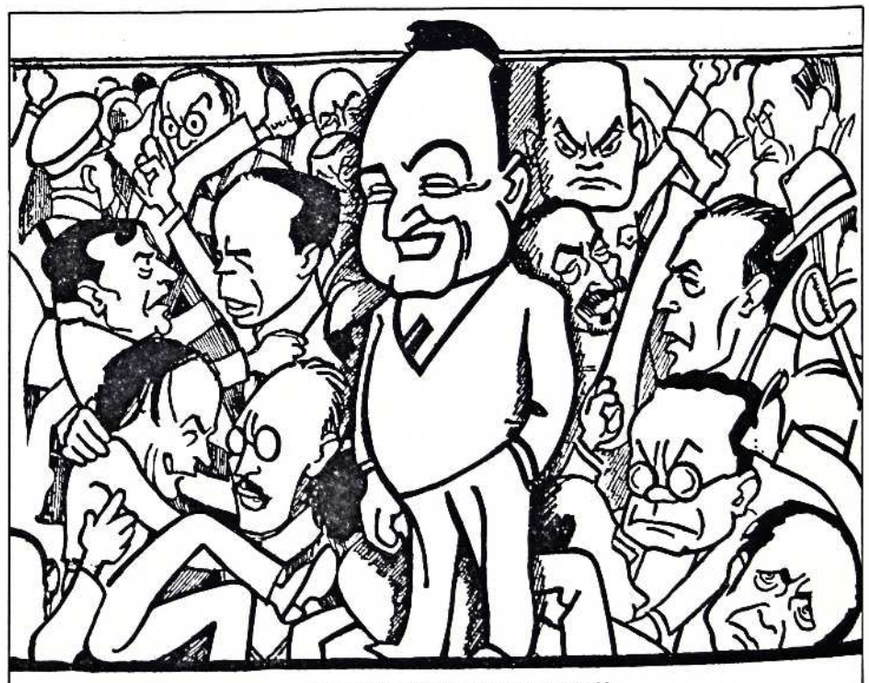


RIO, 22 (A. B.) — *Está marcada, definitivamente, para amanhã, a viagem do sr. Flores da Cunha ao Rio Grande do Sul.*

Hontem, depois de uma rapida conferencia com o sr. Getulio Vargas, o interventor gaucho foi procurado pela imprensa, a quem teria declarado que sómente depois de chegar ao seu Estado responderá ao chefe do governo se acceita ou não o convite para occupar a pasta da Justiça.

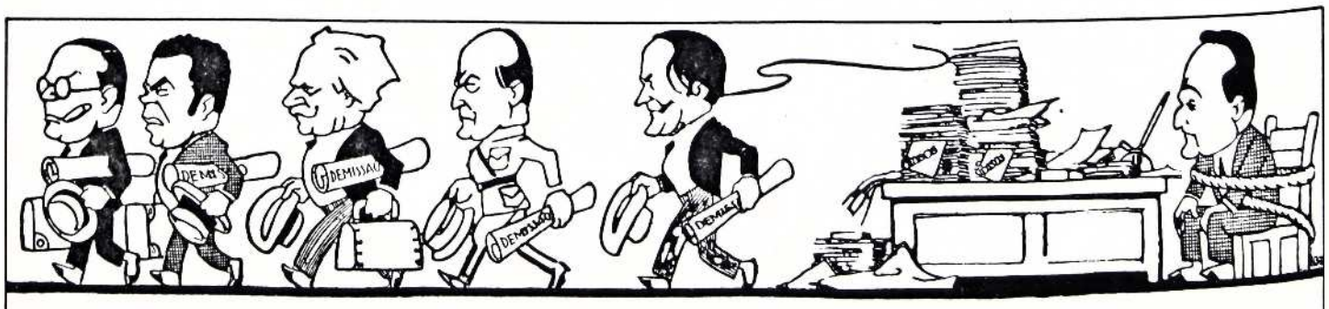
S. exa. viajará no avião da linha, que deverá partir daqui pela madrugada.

1



UM MOMENTO DE DESCANSO PANDAMONIACO

2



GETULIO — Gente de sorte! Só eu não tenho a quem pedir demissão...

3

volvendo a técnica de focos de rebelião, manter ocupadas forças que de outro modo seriam trazidas ao sul. Tem a certeza da adesão de Mato Grosso, com 6 000 soldados regulares, dezenas de canhões, milhões de cartuchos. É o que Klinger garante mobilizar ali.

Por último, uma sondagem, também para responder às inquietações dos frentistas mineiros: Getúlio Vargas quererá e, ainda querendo, poderá, dentro de curto prazo, dar eleições e Constituição? Ou apenas executa manobra destinada a perturbar e dividir os que se lhe opõem?

Getúlio emaranha a Frente

O fato é que ele manobra. E poucos souberam manobrar tão astuta e eficientemente. Via Rio Grande faz chegar a São Paulo o informe de que, se ajudado com um mínimo de compreensão a desafogar a vigilância a que o submetem outubristas e tenentes, encontrará meios para conceder aos Estados da Frente Única o quanto desejem, convencendo os aliados de 30, aos quais na verdade devia algo, de que era chegado o momento de mudar alguma coisa no governo provisório. Acenava: "Seria modificado o ministério com a admissão de um paulista, provavelmente o senhor Paulo de Morais Barros, ficando Flores da Cunha na pasta da Justiça e deixando a Minas a liberdade de substituir ou não os ministros da Educação e do Exterior. João Alberto, tido pelo ditador como 'companheiro e amigo que não deveria ser abandonado pelo muito que coopera', receberia como prêmio de tamanha dedicação a pasta do Trabalho". Vargas aumenta a sedução fazendo com que jornais cariocas especulem sobre a ida do paulista Tirso Martins para a chefia da polícia da capital federal, a substituição do ministro da Guerra e do prefeito carioca, Pedro Ernesto.

Não era muito mas houve, mesmo em São Paulo, em Minas e no Rio Grande e outros locais, os que acreditaram na boa vontade do presidente e dispuseram-se a desistir do recurso das armas.

O grito de alerta e desconfiança subiu do Rio Grande. João Neves da Fontoura endereça-o, primeiro, a Flores da Cunha, interventor no Estado. Depois, servindo-se da imprensa, ao país, aos seduzidos pela sereia getulista: "...não podemos é prolongar esta angustiosa expectativa pública. A opinião começa a irritar-se contra nós e a desencantar-se dos bons propósitos. Tendo sido elemento conciliador desejo ardentemente a reconciliação geral dos Brasileiros, mas não me animo a aconselhá-la à aguda visão dos nossos amigos daí com os dados que apresento. Convém para julgamento final fazer balanço político. Hoje não temos compromissos com o governo. Amanhã tê-lo-emos recebendo em troca duas pastas vagas, pois Minas terá a escolha, sendo a da Guerra uma incógnita. Certamente só queremos a mudança de rumos e a segurança de eleição livre a 3 de maio. Mas com essa recomposição teremos rumos novos e eleições?"

Vivia-se o fim do mês de junho.

"Casus belli"

A 28, ao cabo de nervosos entendimentos e desentendimentos, pressões e contrapressões, alertas e advertências, demite-se o ministro da Guerra. O substituto, general Espírito Santo Cardoso, foi considerado como indicado pelo Clube Três de Outubro, a este ligado via seu filho, capitão Dulcídio. A designação significou para os liberais um recuo de Vargas na direção outubrista. Tradução, para o en-



4

● A prisão do coronel Teopompo de Vasconcelos, além de atrasar a articulação conspiratória, impôs cuidados especiais aos conspiradores. Euclides de Figueiredo, o primeiro deles, descreve esses cuidados: "... meus amigos julgaram prudente mudar-me de esconderijo. Fui então transferido para a casa de dona Francisca Sampaio Monteiro da Silva, respeitável senhora, de largo prestígio social (...), para não ser identificado pela criadagem, era eu tratado sob nome falso, como um sobrinho seu, viajante, chegado do interior. Se hoje quisesse ir àquela casa, não o saberia fazer, tais foram os cuidados de que me cercaram para me ocultar; não saía à rua senão de noite, em automóvel fechado, e dali para lugar igualmente secreto..."

1. *Charge de Belmonte.*
2. *Charge de Belmonte,* Folha da Noite, *23.6.1932.*
3. *Charge de Belmonte,* Folha da Noite, *30.6.1932.*
4. *João Neves da Fontoura, charge de Alvarus.*

• "Os revolucionários veteranos de 1922-30, os tenentes, não queriam vê-las desperdiçadas, com a volta prematura das normas político-administrativas, expurgadas pela Revolução. Batiam-se pela continuidade do governo discricionário, até que preenchesse integralmente o seu fim, ou seja, permitisse a transformação radical do ambiente brasileiro, em seus aspectos fundamentais." *(História do Exército brasileiro.)*

• Euclides de Figueiredo, a cargo do plano geral do levante, apresenta um balanço das possibilidades militares:

"... as ligações com o sul foram dadas sempre como garantidas. Mato Grosso (...) por seus representantes, o general Klinger garantia o concurso de 5 000 homens, com o armamento necessário e boa provisão de munição, os quais passariam de imediato a fronteira do Estado e dentro de quatro ou cinco dias estariam em condições de entrar em operações. (...) Minas, apesar dos entendimentos que os seus homens políticos mantinham com os de São Paulo (...) não inspirava confiança. (...) Aos Estados do norte pouca coisa se pedia, e era que fosse dificultado, por agitações locais, onde possível, o embarque de reforços contra São Paulo. (...) A guarnição do Rio de Janeiro foi sempre um enigma de decifração difícil nos momentos duvidosos da vida nacional. (...) Uma aproximação com alguns dos mais prestigiosos deles, de que resultaram valiosos compromissos em várias das suas unidades, no 1.º Regimento de Cavalaria Divisionário, no 2.º Batalhão de Caçadores, no 3.º Regimento de Infantaria, na Companhia de Estabelecimentos, na Escola Veterinária, e no 1.º Regimento de Artilharia Pesada..."

tendimento da Frente Única: "nada de eleições, esqueçam-se da Constituição". Por sentir-se forte, ou cedendo a imposições, ou simplesmente insistindo na prática do "um no cravo outro na ferradura", Vargas declarou em público recusar, por si e pelo governo, o decálogo da Frente Única. Tenentes e outubristas impediriam ulterior progresso do presidente na direção do diálogo com a Frente.

O impasse político ganha em complexidade — nó górdio que só a espada poderá desfazer, cortando-o.

A Frente Única não tinha, portanto, senão que dar a palavra às armas para que se cumprisse o seu ideário: eleições em 1932, e constitucionalização em 1933.

A operação parecia fácil e perfeita

O Rio Grande do Sul e Minas Gerais levantar-se-ão ao mesmo tempo que São Paulo; o general Klinger descerá de Mato Grosso à frente de 5 000 a 6 000 soldados. Reunidos, os contingentes constitucionalistas dos quatro Estados, e mais os dos que se lhes juntarem na oportunidade, marcharão para o Distrito Federal, em um certamente pacífico desfile. Uma vez no Rio, instituirão junta governativa que convocará eleições para o mesmo ano e promulgará Constituição no ano seguinte. Essa, a visão dos políticos frentistas de São Paulo.

Os pessimistas — que os havia — mal se atreviam a formular alguns reparos: o céu que cobria a Frente Única não se mostrava uniformemente azul. No Rio Grande, por exemplo, os republicanos estavam firmes, mereciam confiança, mas eram poucos e não dispunham de controle nem acesso à mobilização e aos arsenais, estes sob custódia de um cada vez mais arredio Flores da Cunha; em Minas, aconteciam idas e vindas de emissários, longos entendimentos, bonitas frases, mas nenhum compromisso.

Essas vozes da prudência calavam-se ante o argumento da existência de um documento que decididamente seria honrado: os princípios da Frente. Se a Klinger fosse retirado o comando militar em Mato Grosso, a Frente erguer-se-ia.

Klinger, provocador

Sucedeu que o general Klinger, ciente de que nos termos do acordo SP-RS o seu afastamento do comando da circunscrição bastaria para deflagrar o movimento armado, expediu ofício, em termos durríssimos, negando subordinação ao novo ministro da Guerra. Este e o presidente não tinham senão que retirar Klinger da testa das tropas de Mato Grosso. Saberiam que fazê-lo seria puxar o gatilho da revolução. E que exatamente esse era o propósito de Klinger. Mas estavam obrigados a fazê-lo. Fizeram-no:

"8 de julho de 1932.
Hora 13:15 — urgente.
Comunico-vos que Chefe Governo Provisório vos reformou administrativamente, pelo que deveis passar comando Circunscrição ao substituto legal imediatamente. a) General Espírito Santo, ministro da Guerra".

"Imediatamente" passou o comando. E pediu à Frente Única cumprisse o compromissado. Os tenentes admiravam Klinger, seu talento militar, sua obstinação rumo ao objetivo. Juarez Távora es-

crevera a respeito, no seu *À guisa de depoimento:* "Todavia, em meio dessa tibieza e incompetência generalizadas, que caracterizaram o esforço dos comandos governistas para esmagar os revolucionários (1924), houve um curto período de ação contínua e bem orientada (. . .) Foi alma desses embates o major Bertoldo Klinger. Depois disso não encontram os revolucionários (. . .) antagonistas dispostos a combatê-los com pertinácia e valentia. (. . .) Esse preito rendemos, aqui, conscienciosamente, ao major Bertoldo Klinger".

Não apreciavam tê-lo novamente como adversário.

Um ofício que pedia punição

Para os que se perguntam se o pronunciamento de Klinger terá sido efetivamente à altura de desencadear a guerra civil, será útil o conhecimento do ofício número 327, do QG em Campo Grande, datado de 1.7.1932:

"Objeto: A nomeação do senhor ministro.

Sr. general,

A nomeação de Vossa Excelência, neste momento nacional, para gestor dos negócios do Estado, no departamento do Exército, desaponta por vários motivos, cada qual mais relevante, conforme lealmente passo a expor:

1.º) Nesse momento nacional, repito, em que a Nação, notadamente o Exército, esperava atos governamentais claros, retos e firmes, que, para melhor traduzissem as escurezas, sinuosidades e frouxidões, com que o governo tem enunciado e concretizado os seus propósitos — eis que surge essa nomeação.

O antecessor de Vossa Excelência foi afastado, afinal, ao clamor suscitado pelo papel a que, desconhecedor do pessoal do Exército e ultra-ambicioso se prestava, sancionando todos os assaltos à disciplina interna e externa, ao sabor dos caprichos dum punhado de extremistas, cada vez mais desvairados ante a repulsa ambiente.

Vossa Excelência tem justamente por principal título para substituir semelhante ministro — sem escurecer os que poderia ter numa situação normal — o de vir a prestar-se presumivelmente, melhor ainda, ao mesmo papel. Toda a gente está vendo que foi fiador disso o filho de Vossa Excelência, capitão Dulcídio, extremista rubro da décima terceira hora.

2.º) O Exército desejaria saber se o seu ministro resistiria a uma inspeção de saúde, dado o alquebramento fatal que os anos produzem, que, é de supor, já há nove anos passados, o levou a passar espontaneamente para a reserva. E somente *mens sana*. . .

3.º) Vossa Excelência que, assim, não pode infundir confiança do ponto de vista de sua necessária inteira posse da aptidão física, também só inspira fundadas apreensões sob o aspecto moral, pois que foi um dos signatários, e até passa por inspirador, da famosa nota-circular duma comissão de sindicância nomeada nos primeiros dias da revolução dominante, nota que convidava os oficiais à delação de seus camaradas.

4.º) Vossa Excelência está há longos anos afastado do serviço ativo, como já lembrei, e nele não atingiu ao generalato, nem fez curso de Estado-Maior, de modo que jamais teve a responsabilidade e necessidade de cogitações de caráter de conjunto sobre os problemas do Exército, mormente em seu entrelaçamento com os demais problemas nacionais. Assim, a sua nomeação nada mais é do que a reedição, treze anos passados, daquela célebre invenção de ministros civis nas pastas militares, coisa para a qual até hoje o Exército não tem a sua organização adaptada.

Em particular Vossa Excelência está alheio a toda a evolução associada à presença da missão francesa entre nós.

Um civil, ou um militar que de militar tem apenas a lembrança e a pensão, embora esta já de bastante tempo majorada graças a uma estranha chamada à atividade, semelhante detentor da pasta será ministro apenas na aparência: o prestígio da autoridade, a disciplina sofrem fundo dano ante a evidência de que os seus lugar-tenentes do gabinete é que vão dirigir os coronéis e generais chefes de serviços e comandantes das grandes unidades.

5.º) Esse mesmo prestígio da autoridade, inclusive a do governo, essa mesma disciplina, saem, risível se não deploravelmente claudicantes, diante da revelação surpreendente de que o governo não teve um general para ministro da Guerra, governo que, entretanto, discricionariamente, eliminou do serviço ativo um rol de generais e fez uma porção de generais novos. Nem dentre os que escaparam à grossa faxina, nem dentre os fabricados pela revolução revolucionária, um não se salva para dizer ao Exército, a instituição mais combalida pela revolução dominante, a palavra da revolução nacional.

Saúde e fraternidade, General Bertoldo Klinger".



General Bertoldo Klinger.

• Deposto do comando importantíssimo, Klinger despede-se da tropa como quem vai para casa e recomenda disciplina e união em pronunciamento sempre estranhado pelos exegetas da revolução:

"Quartel-general em Mato Grosso, 8 de julho de 1932.

(. . .)

b) Pouco é este meu sacrifício. Ele fora previsto, entrara plenamente em minhas previsões. Era a contribuição que eu podia dar. Caio de pé, pois que me mantenho ereta a consciência profissional e cívica de haver cumprido um dever, na defesa duma personalidade laboriosamente formada e da seara de interesses que me estavam confiados. Exorto os meus camaradas a que se mantenham em calma, dentro da ordem, na verdadeira disciplina, raciocinada e consentida, vistas em seus camaradas chefes, pensamento no Exército — a síntese das forças vivas, materiais e morais, duma nação"

• "Exprimindo os sentimentos gerais de protesto contra as protelações infindáveis da solução do premente caso de São Paulo, a Associação Comercial de São Paulo convoca o comércio a fechar as suas portas e a suspender as suas transações por 24 horas, a partir das 14 horas de hoje, se até esse momento não tiverem sido satisfeitas as legítimas aspirações do povo paulista."

Capítulo 4

"Ombro, armas!"



O Batalhão Esportivo desfila pelas ruas da capital paulista (A Gazeta, 23.5.1932).

Dos estudantes ao povo de São Paulo!

Depois dos acontecimentos de hontem, nenhum paulista pode deixar de attender o appello de São Paulo.

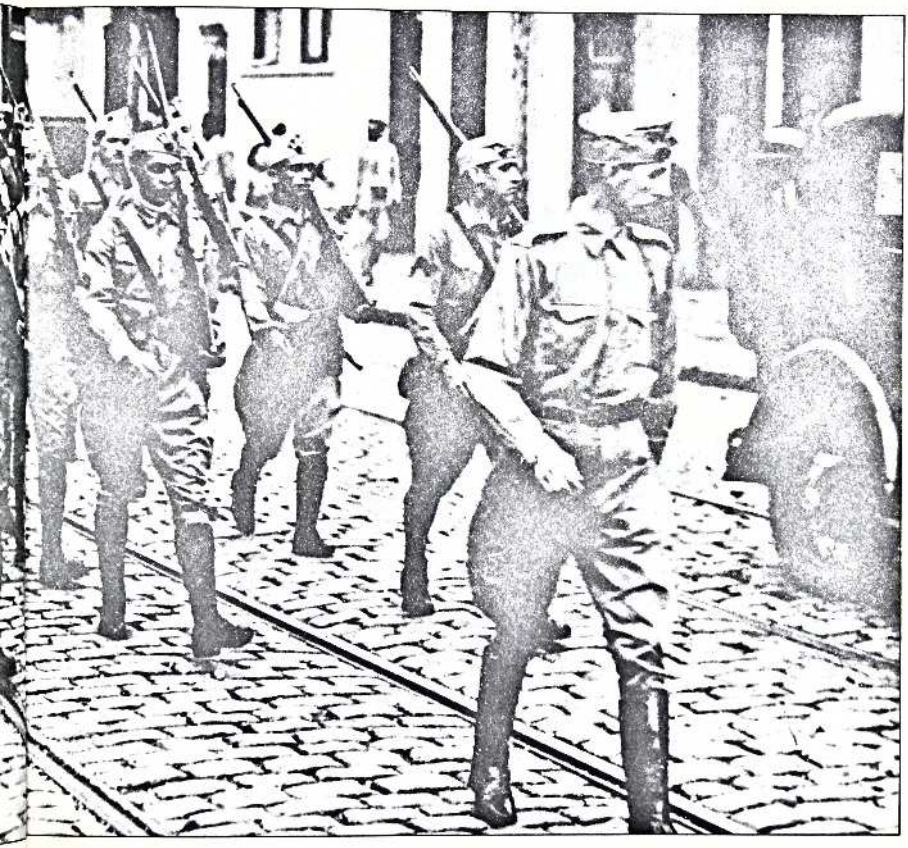
São Paulo exige a nossa presença, para que termine HOJE, o grande ultraje em que tem vivido. São Paulo não póde constituir excepção. E' necessario que todos os seus filhos attendam ao apello e que nenhum COVARDE contribua para o fracasso desta tentativa que é a de fazer HOJE a sua libertação.

Que cada qual se incorpore ao "BATALHÃO DE HONRA".

E que cada qual compareça decidido a tudo ao comicio promovido ás 2 horas da tarde, pela Faculdade de Direito, na praça do Patriarcha.

Vamos ver HOJE quaes são os verdadeiros paulistas!

VIVA SÃO PAULO LIVRE!

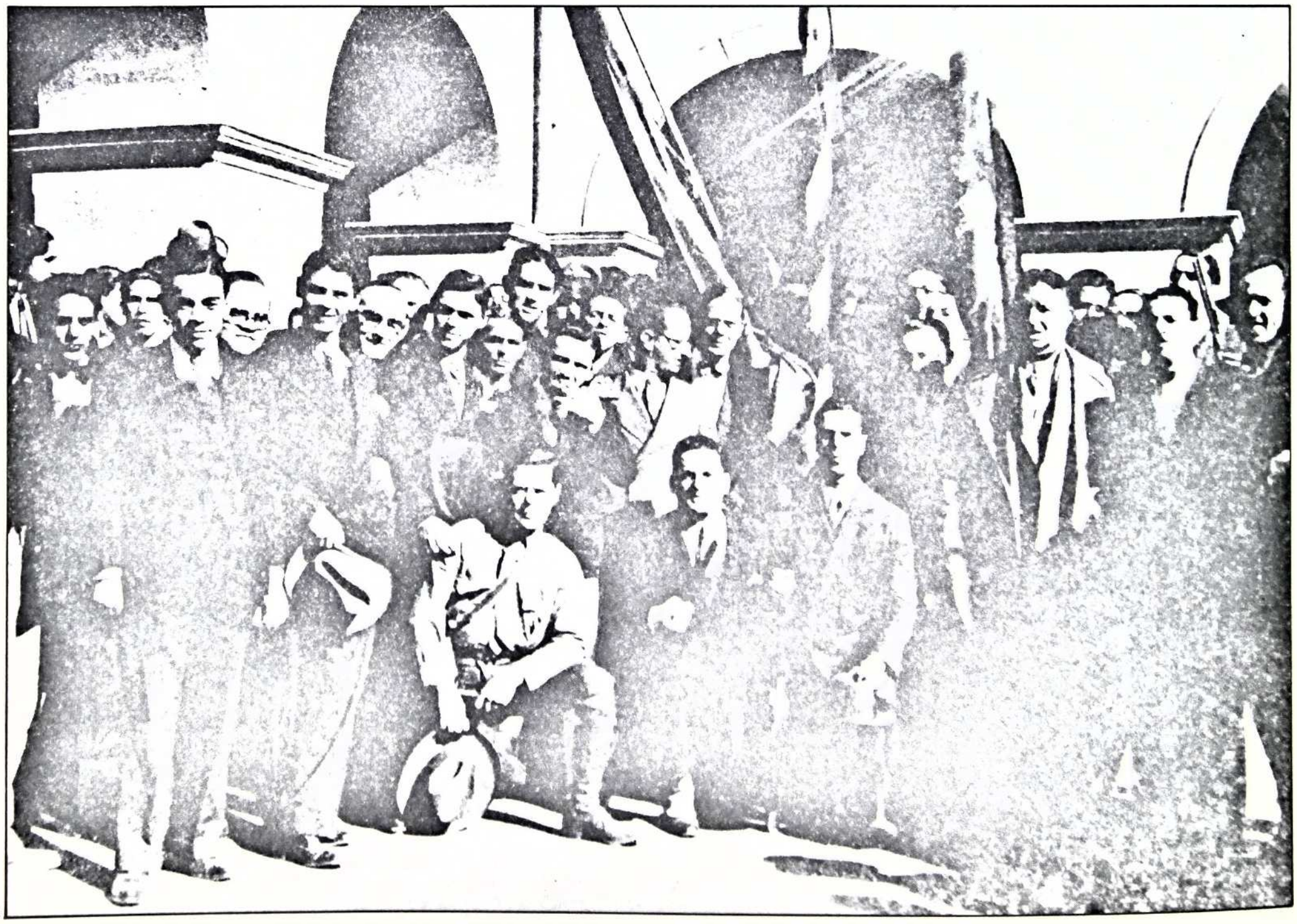


"Podem ir tranqüilos. Em 48 horas, nós responderemos na Vila Militar ao brado libertador de São Paulo."

Coronel Basílio Taborda, chefe do EM constitucionalista organizado para levantar o Rio de Janeiro.



1



2

Vai abrir-se o pano: cenário pronto.

São Paulo cumprirá a sua parte

7 de julho: O general Isidoro Dias Lopes, apesar da idade avançada mais uma vez à frente de um levante armado, reúne-se com Ataliba Leonel, Francisco Morato, Sílvio de Campos, coronel Júlio M. Salgado e outros, e fixa o dia 20 para a eclosão do movimento, cujo comando dividirá com o coronel Euclides Figueiredo.

8 de julho: Pedro de Toledo, invocando ainda uma vez o haver sido nomeado interventor por Getúlio, tenta fazer abortar a necessidade da revolução, enviando familiar e confidente a parlamentar com o presidente. Nada feito. Não haverá eleições, nem Constituição. Afigura-se-lhe que o ditador, sabendo, sem dúvida, da revolução em preparo, deseja-a instalada.

O novo comandante militar designado para São Paulo, general Pereira de Vasconcelos, está a caminho, enviado e disposto a impor a ordem e a autoridade.

8 de julho, Hotel Glória, Rio de Janeiro: reunidos os conspiradores que hão de ir ao norte promover ações de guerrilhas, ao sul fazer com que Flores da Cunha não mais hesite no acompanhar a revolução, a São Paulo assumir o comando de civis e militares já semimobilizados. De trem, de automóvel, de navio, eles partem. Acordados em uma data para o levante: 14 de julho.

À despedida, ouviram do coronel Basílio Taborda, que ficava para chefiar o Estado-Maior constitucionalista do general João Gomes, a certeza: "Podem ir tranqüilos. Em 48 horas, nós responderemos na Vila Militar ao brado libertador de São Paulo"

Maestros, ao pódio!

9 de julho, São Paulo, Rua Sergipe, número 37, prédio oficialmente vazio: há meses sem inquilino, nunca esteve tão movimentado. O proprietário, Moacir Barbosa, cedeu-o para centro da revolução. Onze horas. O general Isidoro preside. Único assunto na pauta: é preciso deflagrar o movimento nesse dia. Os militares desaprovam. A data passada aos aliados comprometidos é a de 14. Antecipar significa aumentar os riscos de insucesso. Mas a precipitação de Klinger e a aproximação de Pereira de Vasconcelos justificam, obrigam a precipitação. Seja pois nessa noite! A palavra às armas! Corre a senha: "Sergipe", e a contra-senha: "37". Ouvindo-a, corre para o Largo de São Francisco, para a Faculdade de Direito, a primeira tropa civil mobilizada: os rapazes do Largo das Perdizes. Reivindicam ser aqueles aos quais se confia a missão dramática de acender o rastilho.

O coronel Euclides Figueiredo recebe ordens: "Comandar o levante em São Paulo e assumir, de imediato, o comando da Região".

Os civis do MMDC, ao mando do capitão Antônio Pietscher, ocuparão emissoras de rádio, estações telegráficas; informarão os chefes municipais de que devem proceder ao levante em suas áreas,

● 7 de julho; o secretário Waldemar Ferreira e o coronel Júlio Salgado colocam a Força Pública em prontidão rigorosa pois tem-se como provável um golpe de surpresa com o qual a ditadura e o tenentismo buscarão apoderar-se do pouco de autoridade que o governo civil e paulista ainda detém sobre São Paulo.

1. Sentinelas civis na entrada da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, 9.7.1932.
2. Voluntários no Pátio das Arcadas da Faculdade de Direito.
3. Sentinela armada.



3

• "Noite fechada sem estrelas, sem lua; rumamos para São Paulo, não sem preocupações quanto à polícia do Distrito Federal; levávamos firme resolução de desobediência a qualquer intimação para parar em caminho. Revólveres em boa posição para serem prontamente manejados; muita atenção na estrada e muita disposição de ânimo. Apesar de fria a noite, abrimos as janelas da *limousine* em que viajávamos, para facilitar qualquer reação. Éramos sete homens decididos a arrostar tudo, para chegar a tempo aonde nos levava a palavra empenhada: o capitão Ribeiro da Costa, os tenentes José Lobo, Joaquim Camarinha e Mário Goulart, os civis João Daré, Mário Cabral, e eu." (Euclides Figueiredo.)

• Nos Campos Elísios, Pedro de Toledo hesita e sofre. A coleção de telegramas Agnaldo Fernandes-Alice Lino Costa (*Jornal do Brasil*, 17.11.1981, página 7, caderno B) mostra esse conflito pessoal. É um telegrama:

"Palácio Campos Elísios. SP, NIL — 9 de julho de 1932 — 20:50. Urgente — reservado. General Flores da Cunha. Interventor federal. P. Alegre — RS. Ambiente inquieto pela insistência de boatos alarmantes. Tenho tomado todas medidas ao meu alcance manutenção ordem pública. Abraços afetuosos. Pedro de Toledo. Interventor federal".

Às 20:50 horas do dia 9, a Revolução era irreversível. Os dados estavam lançados.

tripularão os oitenta caminhões e carros a serem mobilizados pelo grupo de Dario Machado para as primeiras necessidades.

Destacamentos armados são organizados para vencer eventuais resistências dentro e nas proximidades da capital.

Doze horas: murmura-se na Rua Sergipe que nos Campos Elísios o interventor ainda hesita, agarrado à dúvida: "Se ainda houvesse possibilidade de composição..."

Aos rapazes das Perdizes, concentrados na Faculdade de Direito, reuniram-se dezenas de outros. Constituirão o 1.º Batalhão da Milícia Civil. Por comandante, Romão Gomes, da Força Pública. Já estão em ordem de marcha, aguardando destino e missão.

Um pelotão de motociclistas e ciclistas reúne-se na Sergipe, 37. Levarão ordens até onde for preciso. A Milícia Paulista cerca protetoramente o prédio, a fim de manter em segurança o QG da Revolução. Afluem oficiais da ativa e da reserva, representantes civis, técnicos de variadas especialidades.

Os médicos são mandados apresentarem-se na Faculdade de Medicina. Lá, organiza-se o corpo clínico da Revolução.

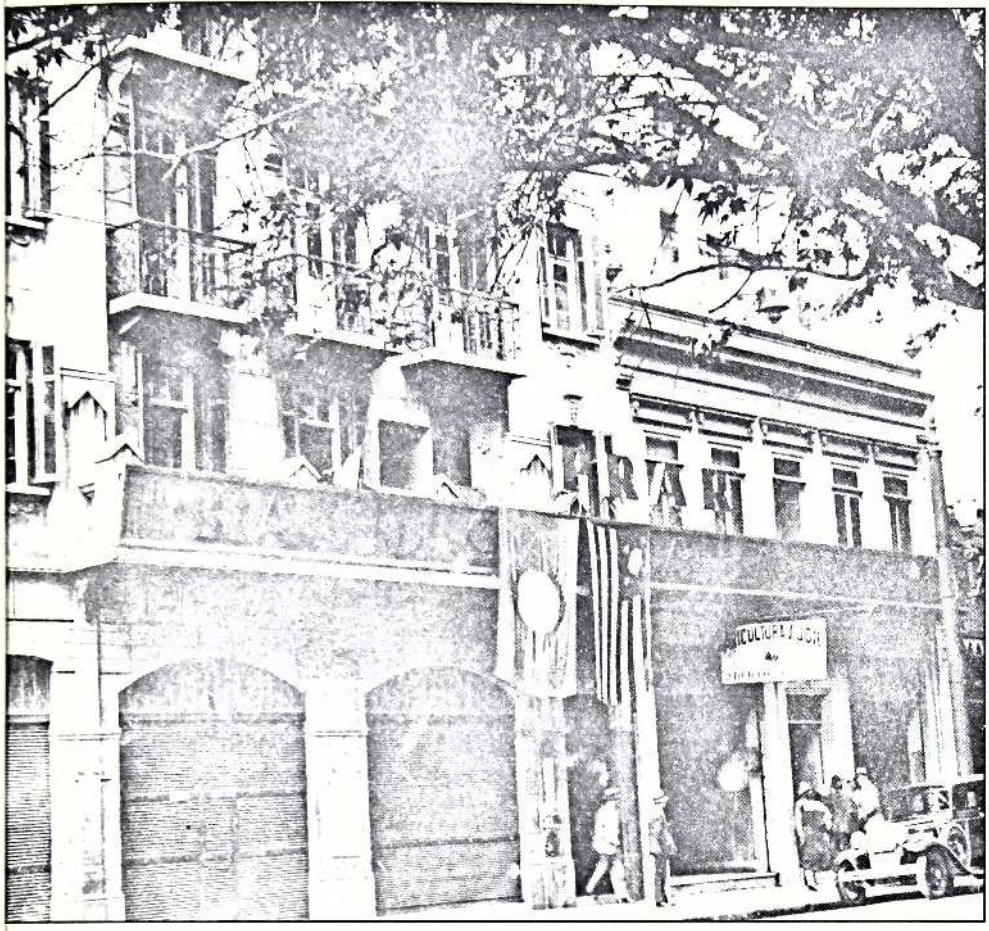
Estrutura-se o Exército Constitucionalista

Na Sergipe, 37, uma decisão: chamar-se-á "Exército Constitucionalista" o conjunto civil-militar que dará estrutura bélica ao movimento. O qual, naturalmente, viria a ser desmobilizado em semanas, vitorioso o movimento. Para que tal vitória estivesse garantida desde o momento inicial o comando procurou contatos com os que deveriam levantar Minas Gerais, Mato Grosso, Rio Grande do Sul. Até o fim da tarde essa procura não devolveu resultados. Situação confusa, de certo modo compreensível pelo antecipar da deflagração.

Altino Arantes e Francisco Morato, visitando o QG em nome da Frente Única, assossegaram os chefes militares: tinham garantias de que os outros Estados haveriam de proclamar-se revoltados tão logo soubessem do ocorrido em São Paulo. Para isso, faltava a notícia. Daí que a ocupação das emissoras se fez importante: as rádios Cruzeiro do Sul, Educadora, Record mereceram ocupantes especiais: políticos, intelectuais, bons oradores. Entre as primeiras providências, a leitura de uma proclamação. Marcada para as 21 horas.

Um homem quase solitário

Há alguém, nessa lufa-lufa, nesse nervosismo, sentindo-se estranho, esquecido. É Salgado Filho, ministro do Governo Provisório. Hóspede oficial, não o procuram, não o festejam. O interventor permanece cercado por gente frenética, os secretários não são encontrados. Aborrecido, o ministro decide retornar ao Rio pelo trem da noite. Em companhia da esposa, sem aviso, vai despedir-se do secretário da Justiça, uma vez que não alcança falar ao interventor. Na Secretaria da Justiça, Pátio do Colégio, o clima já é de romper fogo. Foi um corre-corre, um esforço teatral para compor o cenário, os sorrisos, as frases de estilo. O protocolo cumprido, ministro conduzido até o automóvel, um ramo de flores no colo da senhora, acenos, partida do carro; corrida do pessoal escadas acima porque a irrupção da revolução está aprazada para instantes depois. O ministro subiu ao trem, ocupou o carro-dormitório, acomodou-se. Pela manhã de 10, ao desembarcar no Rio, leria manchetes: "Revolução em São Paulo, o secretário da Justiça um dos chefes!"





2

1. *Fachada da PRAR — Rádio Sociedade Record.*
2. *Waldemar Ferreira falando ao povo de São Paulo pelo microfone da Record.*
3. *Instalações da Companhia Telefônica, ocupada pelos estudantes.*



3

• "Ocupação do Telégrafo Nacional e dos Correios

O telégrafo será ocupado por um pelotão da FP (6.º BCP), cujo comandante fará imediatamente evacuar as salas dos aparelhos, que só funcionarão posteriormente, mediante ordem escrita do QG revolucionário.

Os telegrafistas encontrados serão detidos pelo mesmo comandante, na previsão de serem aproveitados posteriormente.

A Repartição dos Correios será ocupada por um pelotão da Guarda Civil.

Comandante: capitão Robeiro da Costa.

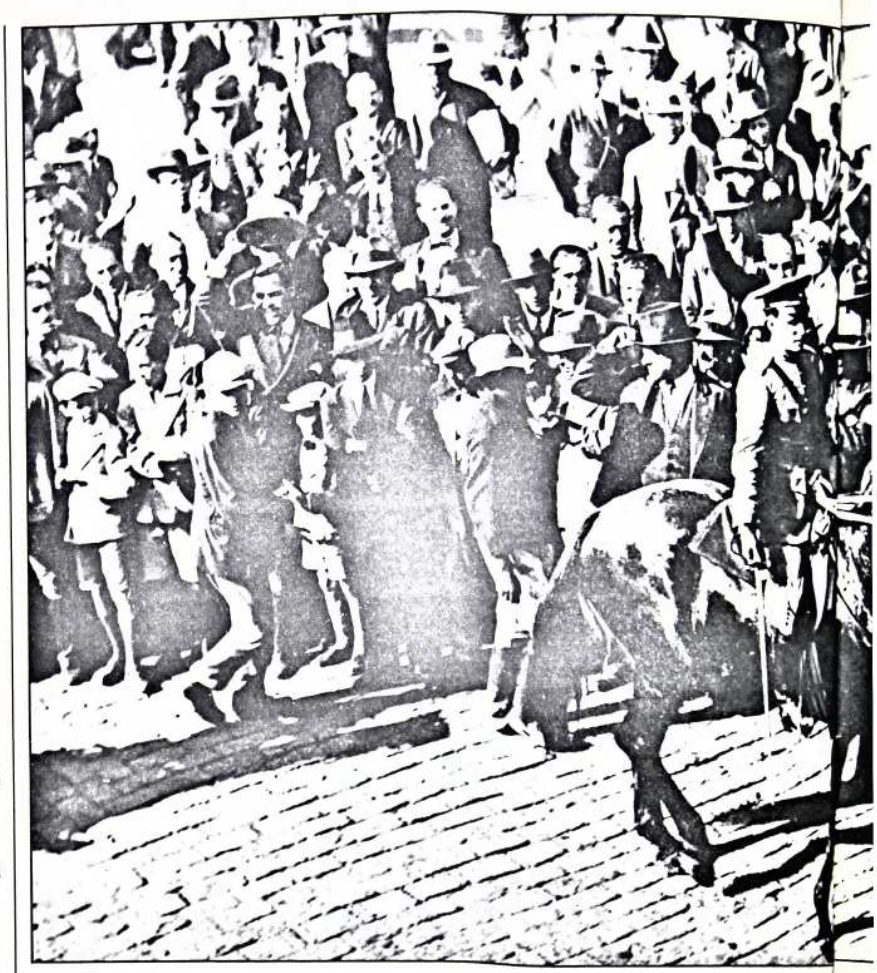
• All America Cables — Western Telegraph — Ital Cables

Ocupados por civis escolhidos a designar, garantidos por pelotões da Força Pública estadual.

• Estação Telefônica

Será ocupada por elementos civis do MMDC. Os chefes de ocupação não permitirão ligação alguma sem ordem escrita do QG revolucionário. Farão ocupar as salas dos aparelhos, detendo os operadores encontrados, na previsão de seu aproveitamento posterior.

Chefe: doutor Elias Machado, com atribuição de escolher os seus auxiliares, distribuindo as missões." Instruções do plano revolucionário.



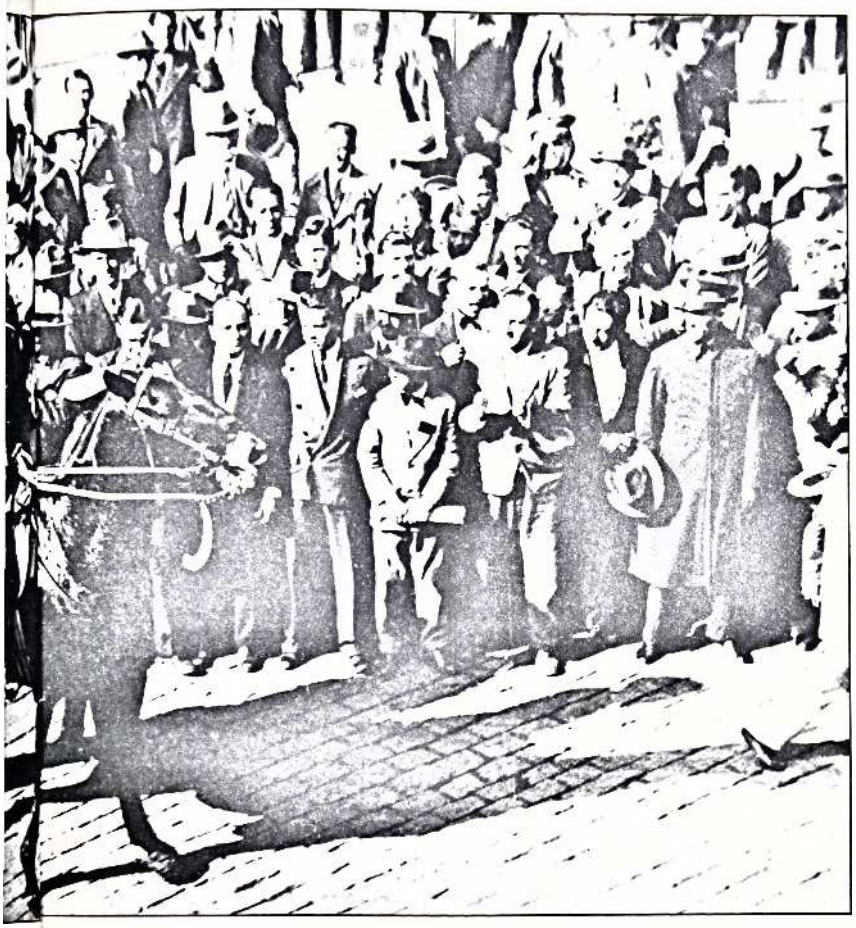
"Sergipe, ação combinada"

Na capital e no interior, tudo funcionou. Às 21 horas, diria Euclides: "Senti-me senhor da situação. São Paulo inteiro estava em nossas mãos. Estradas de ferro, entroncamentos rodoviários, estações de rádio e estações telegráficas e telefônicas, a Guarda Cívica Paulista, a Inspetoria de Veículos, toda a Força Pública, com o seu comandante à frente, coronel Marcondes Salgado, grande parte das unidades do Exército, o próprio governo do Estado, pela palavra dos seus secretários; tudo isso e mais que isso: a opinião pública paulista já àquela hora nos garantia o mais absoluto e pronto sucesso. Ocupávamos e dominávamos o que, de começo, era essencial, e tínhamos total solidariedade da melhor gente bandeirante. Daí por diante, qualquer demora na eclosão do movimento poderia comprometê-lo".

Faltava o ponto de partida: o "grito".

A tomada do QG federal

Esse "grito" seria a tomada do quartel da Região Militar no qual Euclides deveria empossar-se. Havia sido transferido do centro da cidade (Rua Conselheiro Crispiniano) para a Chácara do Carvalho, exatamente para inibir o que se desferia agora contra ele: golpe



de ocupação. "... às 23 horas e 40 minutos... a meu lado o coronel Palimércio, no banco da frente, com o *chauffeur*, o tenente José Lobo. Em outros carros, atrás, acompanharam-me o major Agnelo de Sousa, doutor Roberto Moreira, doutor Sílvio de Campos, Roberto Moreira Filho, doutor Eurico de Sousa Leão, Tito Pacheco, Leopoldo Figueiredo, Apolinário Resende, Edgar Batista Pereira, capitão Arnold Mancebo, Antônio Hermann Dias de Meneses, Carlos de Sousa Nazaré, acadêmico Sá Filho, Álvaro Macedo, Bernardo de Morais, Marcos Mélega e outros. (...) À entrada da Chácara... o grande portão fechado e tudo às escuras. Teve-se uma primeira impressão de que haviam falhado as combinações com os oficiais da guarda. Tomo a dianteira e grito:

— Comandante da guarda, abra o portão.

Silêncio completo. Novo brado:

— Cabo da guarda, abra o portão que eu quero entrar.

Desta vez obedecido, o portão foi aberto de par em par. Todos penetramos..."

Começa a Revolução, etapa militar

Euclides telegrafa aos comandantes de unidades:

"Comunico-vos que, em nome do povo de São Paulo e apoiado pela unanimidade das tropas federal e estadual deste Estado, revol-

• "ESTAÇÕES DE RÁDIO

Rádio Educadora, Record e Cruzeiro do Sul. A cargo dos senhores Itagiba, Henrique de Souza Queiroz, Joaquim Celidonio, Marcos Mélega, Paulo Duarte, Mauro Goulart e Nino Galo.

Serão ocupadas pela FP (6.º CP), cujos comandantes tomarão conta dos aparelhos, detendo os operadores na previsão do seu aproveitamento ulterior. Nenhuma ligação será feita sem ordem escrita do QG revolucionário.

• ORGANIZAÇÃO CIVIL DO MOVIMENTO NO INTERIOR

O levante na capital será secundado imediatamente por levantes em todos os municípios do interior, nos quais serão instalados prontamente governos revolucionários que obedecerão ao da capital. Farão ocupar os próprios federais, estaduais e municipais, assenhoreando-se das estações de estrada de ferro, estações telegráficas, telefônicas e radiotelegráficas.

Dominada a situação, os chefes revolucionários dos municípios darão aviso aos chefes da capital.

A cargo dos chefes de distritos." Instruções do plano revolucionário.

Coronel Júlio Marcondes Salgado, comandante da Força Pública.



Getúlio Vargas.

tadas, e de acordo com o general Isidoro Dias Lopes, assumi o comando da II Região Militar, com o fim de exigir do governo provisório reconstitucionalização do país e restabelecimento do regime da ordem".

Durante a madrugada, uma gráfica imprimiria, à pressa, outra "Proclamação":

"Paulistas!

Na mais vibrante manifestação de civismo, na mais pujante prova de amor ao Brasil e a São Paulo, na mais heróica atitude de abnegação e renúncia, na madrugada de hoje, o Exército, a Força Pública e o povo de São Paulo lançaram aos quatro ventos da terra bandeirante o grito de revolta pela Pátria redimida.

Na primeira arrancada, a vitória foi imponente. Todas as unidades da II Região Militar de todo o Estado e Força Pública coesa ampararam o primeiro impulso da estupenda mocidade de Piratininga.

Hoje em São Paulo, amparada pelas armas e pela vontade indomável da população paulista, a idéia reivindicadora não poderá mais sofrer os vezos imperativos de uma ditadura de anarquia e descrédito para o Brasil.

A República, que naufragava, está, nesta hora bendita, salva.

Paulistas! Para diante! Continuai a cruzada redentora!

O nosso sangue não valerá tanto como a glória de tombardes por São Paulo e pelo Brasil.

Coronel Júlio Marcondes Salgado,
comandante-geral da Força Pública".

Nos Campos Elísios: Hamlet ...

10 de julho, madrugada.

Pedro de Toledo voltado à idéia de entregar o governo do Estado ao secretário da Justiça, pois não quer decepcionar a Getúlio Vargas, que depositara confiança nele, nem quer frustrar os seus coestaduanos.

Em algum lugar surge a idéia de uma junta governativa presidida por um general e integrada por um elemento do PRP e outro do PD. Toledo continua hesitante.

É quando Getúlio Vargas telefona, querendo saber, pela boca do seu interventor, o que ocorre, de fato. O chamado ditatorial talvez haja catalisado as energias de Pedro. Decide. Ficará no seu posto, com o seu povo. Somente reclama sentir precisão de livrar-se do título de interventor. Encontram rapidamente a fórmula: renunciará ao rótulo imposto pelo ditador e será aclamado governador, mandato conferido pelo povo, em praça aberta.

Respondendo ao reiterado pedido getuliano de informações, Pedro de Toledo pode, então, telegrafar:

Doutor Getúlio Vargas, chefe do Governo Provisório,
Esgotados todos os meios que ao meu alcance estiveram para evitar o movimento que acaba de se verificar na guarnição desta Região, ao qual aderiu o povo paulista, não me foi possível caminhar ao revés dos sentimentos do meu Estado.

Impossibilitado de continuar a cumprir o mandato que Vossa Excelência houve por bem me conferir e que sempre procurei honrar, olhos fitos no interesse de São Paulo e do Brasil, venho renunciar ao cargo de interventor. Nesta situação de fato, os chefes militares do movimento revolucionário constitucionalista ficaram com a delicada missão de manter a mais perfeita ordem e disciplina em todo o Estado. Vejo destarte terminada a missão de paz que tentei realizar e constituiu a máxima preocupação do meu governo. Agradeço a Vossa Excelência as atenções que me dispensou e a que correspondi quanto em mim esteve. Neste transe sem par da nossa história, dirijo um apelo a todos os meus compatrícios para que se irmanem a fim de restabelecer o regime de paz e de ordem que o nosso país reclama para a sua reconstrução econômica e política".

1ª FOLHA DA NOITE Extraordinaria

Director-Superintendente: OCTAVIANO ALVES DE LIMA — PROPRIEDADE DA EMPRESA "FOLHA DA MANHÃ" LTDA. — Director-Gerente: DIOGENES DE LEMOS AZEVEDO

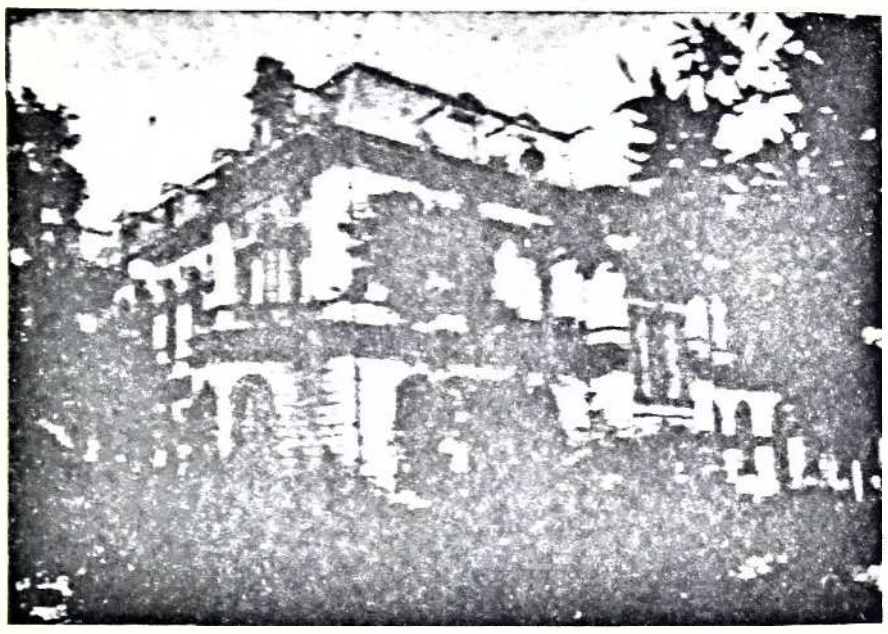
ANNO XII | TEL. 2-7181 (REDE INTERNA) RUA DO CARMO, 7 e 7-A | S. PAULO — DOMINGO, 10 DE JULHO DE 1932 | END. TELEGR. — "FOLHA" CAIXA POSTAL, 2.900 | N. 3.524

O sr. Pedro de Toledo será acclamado presidente de S. Paulo ás 15 horas no Palacio da cidade

O MOVIMENTO DE VISITAS E ADHESÕES, TANTO MILITARES QUANTO CIVIS, CONTINUA INTENSO NOS CAMPOS ELYSEOS

A's 15 horas, no Palacio da Cidade, o sr. Pedro de Toledo lerá a sua renuncia do cargo de interventor federal. Estarão presentes os chefes revolucionarios, altas personalidades da Frente Unica, as classes conservadoras, o Exercito, Força Publica e o povo. Será uma cerimonia solennissima, para a qual os convites estão sendo distribuidos em boletins.

Acto continuo, o dr. Pedro de Toledo será acclamado governador de São Paulo, até o restabelecimento da ordem constitucional, empossando-se immediatamente.



PALACIO DOS CAMPOS ELYSEOS



DR. PEDRO DE TOLEDO, PRESIDENTE DO ESTADO DE S. PAULO

Ao povo paulista

Neste momento assumimos as supremas responsabilidades do commando das forças revolucionarias empenhadas na luta pela immediata constitucionalização do paiz. Para que nos seja dado desempenhar, com efficiencia, a delicada missão de que nos investiu o illustre governo paulista, lançamos um vehemente appello ao povo de S. Paulo, para que nos secunde na acção primacial de manter a mais perfeita ordem e disciplina em todo o Estado, abstendo-se e impedindo a pratica de qualquer acto attentatorio dos direitos dos cidadãos, seja qual fôr o credo politico que professem.

No decurso dos acontecimentos que se seguirão, não encontrará a população melhor maneira de collaborar para a grande causa que nos congrega, do que dando, na delicada hora que o paiz atravessa, mais um exemplo de ordem, serenidade e disciplina, caracteristicos fundamentaes da nobre gente de S. Paulo.

GENERAL ISIDORO DIAS LOPES
CORONEL EUCLYDES DE FIGUEIREDO

CORTADAS AS COMMUNICAÇÕES COM A CAPITAL FEDERAL

Estão inteiramente cortadas as communicações com a Capital do Paiz. Não correm os trens da Central e estão interrompidas as communicações telephonicas e telegraphicas, desde as primeiras horas do dia.

Só o radio póde fornecer informações sobre o qu ese passa no Rio de Janeiro.

As forças de Matto Grosso estão em Baurú

Um communicado do Commando Geral Revolucionario sobre a situação das forças paulistas que demandam o Rio adiantava, ás 10 horas, que as forças da Região de Matto Grosso, commandadas pelo general Bertholdo Klinger, já tinham attingido Bauru', de onde caminham para esta Capital.

A'S ARMAS, PAULISTAS

"Procurando trabalhar pela organização dos batalhões civis que deverão permanecer de promptidão, aguardando o momento de entrar na luta armada que se esboça, a Liga Paulista Pró-Constituinte, pelo presente, concita a todos os paulistas validos, que verdadeiramente amam São Paulo, a comparecerem no edificio da Faculdade de Direito, onde receberão armas e serão devidamente incorporados.

Ao mesmo tempo, a Liga Paulista Pró-Constituinte, orgão da mocidade bandeirante, lança um appello sincero e cheio de amor ás mães paulistas para que autorizem seus filhos a se empenharem na campanha pela defesa da honra de São Paulo".

Um communicado official da 2.ª Região Militar irradiado pela "Radio Educadora Paulista"

O commando da Segunda Região Militar fez irradiar, hoje, ás 4 horas, pela "Radio Educadora Paulista" o seguinte communicado:

"A guarnição federal da II Região Militar e a Força Publica do Estado de São Paulo confraternizaram-se com o povo paulista, tendo os officiaes das duas corporações immediatamente prestado obediencia ao novo commandante da Região, coronel Euclydes de Figueiredo, nomeado pelo general Isidoro Dias Lopes.

Todas as guarnições do interior do Estado já expediram telegrammas ao mesmo commandante, hypothecando a sua solidariedade ao levante paulista.

As forças do Estado de Matto Grosso, tambem revoltadas, sob o commando do coronel Saturnino de Paiva já transpuzeram as fronteiras do nosso Estado e deslocam-se pelas estradas de ferro Noroeste e Sorocabana, sob as acclamações das populações das differentes localidades.

O general Bertholdo Klinger é esperado nesta Capital hoje, dia 10, por avião.

Consta o levante das guarnições federaes dos Estados de Minas e do Paraná.

O levante de São Paulo foi communicado á frente unica do Rio Grande do Sul, que respondeu applaudindo-o e declarando-se prompta a secundal-o."

Aviões militares vôam sobre a cidade

Approximadamente ás 10 horas, o Commando Geral Revolucionario fazia divulgar á população, por intermedio do radio, um aviso de que iam evoluir sobre a cidade alguns aviões militares, facto que não devia alarmar a população.

O boletim da Liga Paulista Pró-Constituinte

Foi distribuido pela Liga Pró-Constituinte o seguinte boletim:

"Paulistas! — A Liga Paulista Pro-Constituinte, neste momento historico para a nacionalidade, continuando a sua acção reivindicatoria, concita a juventude bandeirante ao cumprimento do dever indeclinavel de cerrar fileiras em torno do movimento de redempção nacional que ora se inicia.

O bravo soldado da liberdade — general Bertoldo Klinger — com a lealdade que o caracteriza — sentindo as aspirações paulistas, vem ao encontro dos ideaes da terra de Piratininga offerecendo a sua espada invicta á causa sagrada do Brasil.

Ainda uma vez, a Liga Paulista Pró-Constituinte, nesta hora grave da nacionalidade, lança o seu ultimo e decisivo appello a todos aquelles que, conscios de seus deveres para com a Patria, devem accorrer á chamada dos chefes da vanguarda libertadora.

Paulistas! A's armas. — Pela directoria, Roberto Victor Cordeiro, presidente".

Telegrammas dirigidos ao general Klinger

"Povo de São Paulo — Ao bravo general Bertholdo Klinger, commandante da Circumscripção militar de Matto Grosso, para aquelle Estado, ou onde se encontrar no momento, foram transmittidos hoje os seguintes telegrammas:

"Milicia Democratica", organização enquadrada nas fileiras do Partido Democratico de São Paulo, está formada na séde a bandeirante para ir ás ordens, de soldados do valente de vossencia, marchar para a grandiosa cruzada de reivindicação dos direitos da gente brasileira. (a) Conselho Supremo".

"Mocidade Gremio Universitario Democratico de São Paulo, vanguardeira todos os movimentos em pról conquista sagrados direitos da nacionalidade, saudam pessoa vossencia, historico momento vida nacional para dizer que é no braço honrado bravo soldado glorioso verdadeiro Exercito Brasileiro todos paulistas depositam suas maximas esperanças".

"Povo de São Paulo — Ao bravo general Bertholdo Klinger, commandante da Circumscripção Militar de Matto Grosso, foi dirigido o seguinte telegramma:

"Em nome da mocidade filiada Liga Paulista Pró-Constituinte venho trazer vossencia protestos de nossa elevada sympathia assegurando-lhe que na leal invicta terra Piratininga aguardamos chefia do bravo general que representa sem duvida pensamento da Nação e maximas esperanças deste heroico povo que em 23 de maio reconquistou suas proprias mãos liberdade lhe havia sido roubada pelo invasor intruso. Patria que tem filhos envergadura vossencia, coronel Theopompo Vasconcellos não póde perecer. — Roberto Victor Cordeiro, presidente".

Organizou-se um batalhão de voluntarios na Faculdade de Medicina

Na Faculdade de Medicina installou-se a séde de um batalhão de voluntarios. Os academicos de medicina estão recebendo instrucção de officiaes do Exercito e da Força Publica. Nesse batalhão, além de academicos, poderão alistar-se quaes quer civis.

O chefe do Partido Libertador e o movimento

A' communicação que foi feitá ao sr. Raul Pilla, chefe do Partido Libertador, sobre o movimento, s. s. respondeu em radio: "Sciente".

A reforma administrativa do general Klinger

Desde ante-hontem, com a noticia da reforma administrativa do general Bertholdo Klinger, corriam insistentes boatos de que esse official que se collocara ao lado dos que se batem pela reconstitucionalização immediata do paiz — não passaria o commando da circumscripção de Matto Grosso. Adeantava-se que São Paulo prestara apoio ao illustre militar, alliando-se a elle contra a dictadura.

No Quartel General, ás 4,15

O aspecto do Quartel General do Exercito, ás 4,15 era o mais movimentado possivel. Officiaes e praças do Regimento de Cavallaria da Força Publica chegavam para receber ordens do coronel Euclydes de Figueiredo, commandante da II Região Militar.

O coronel Klinghofer, que logo tomou conta da direcção da defesa do sector, era o ponto de ligação entre o commando da Região e os officiaes que surgiam. Recebia as communicações e as transmittia immediatamente, num trabalho exaustivo, que o punham logo em evidencia.



COMMANDO DA SEGUNDA REGIÃO MILITAR

A vanguarda revolucionaria attingiu Cruzeiro

A's nove e meia, a Radio Educadora irradiou um communicado do Commando Geral Revolucionario, informando que a vanguarda revolucionario paulista tinha attingido a cidade de Cruzeiro, situada a 246 kilometros de S. Paulo, approximadamente a meio caminho do percurso.

SALVO-CONDUCTOS

Todas as pessôas que desejarem se retirar da Capital deverão procurar na Central de Policia — sala da reportagem policial, nos baixos do predio — a secção de salvo-conductos que estão sendo fornecidos directamente aos requerentes. Os drs. Pinto de Toledo e Augusto Gonzaga assignam os documentos.

"Para não dar a partida por perdida"

(General Klinger)

Não avançar, esperar pelos aliados

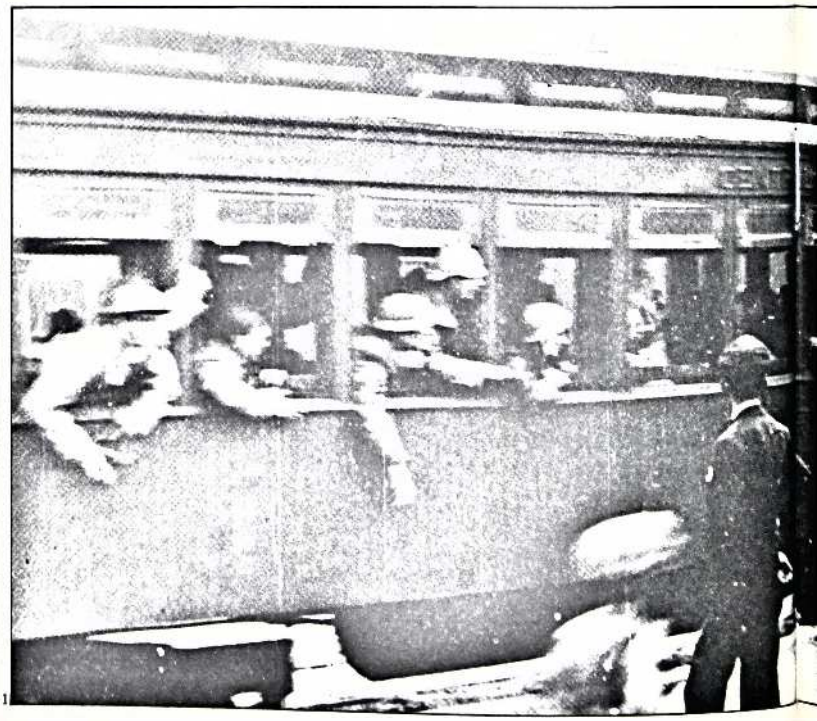
10 de julho: fim da madrugada. Nenhuma comunicação com os frentistas de Minas e do Rio Grande. Notícias discretas, contraditórias, a respeito do general Klinger e seu exército de seis mil soldados. Nada, ainda, sobre levante na Vila Militar, Rio.

10 de julho, 8 horas, Rio de Janeiro: Getúlio e Góis Monteiro determinam o preparo da defesa da Vila Militar, para defender-se contra possível levante ou ataque constitucionalista. Detidos os militares e os civis sabidamente antigetulistas. O governo não se deixará depor, como sucedera com Washington Luís.

Os militares guanabarinos comprometidos com a Revolução Constitucionalista esperam o comando do general João Gomes.

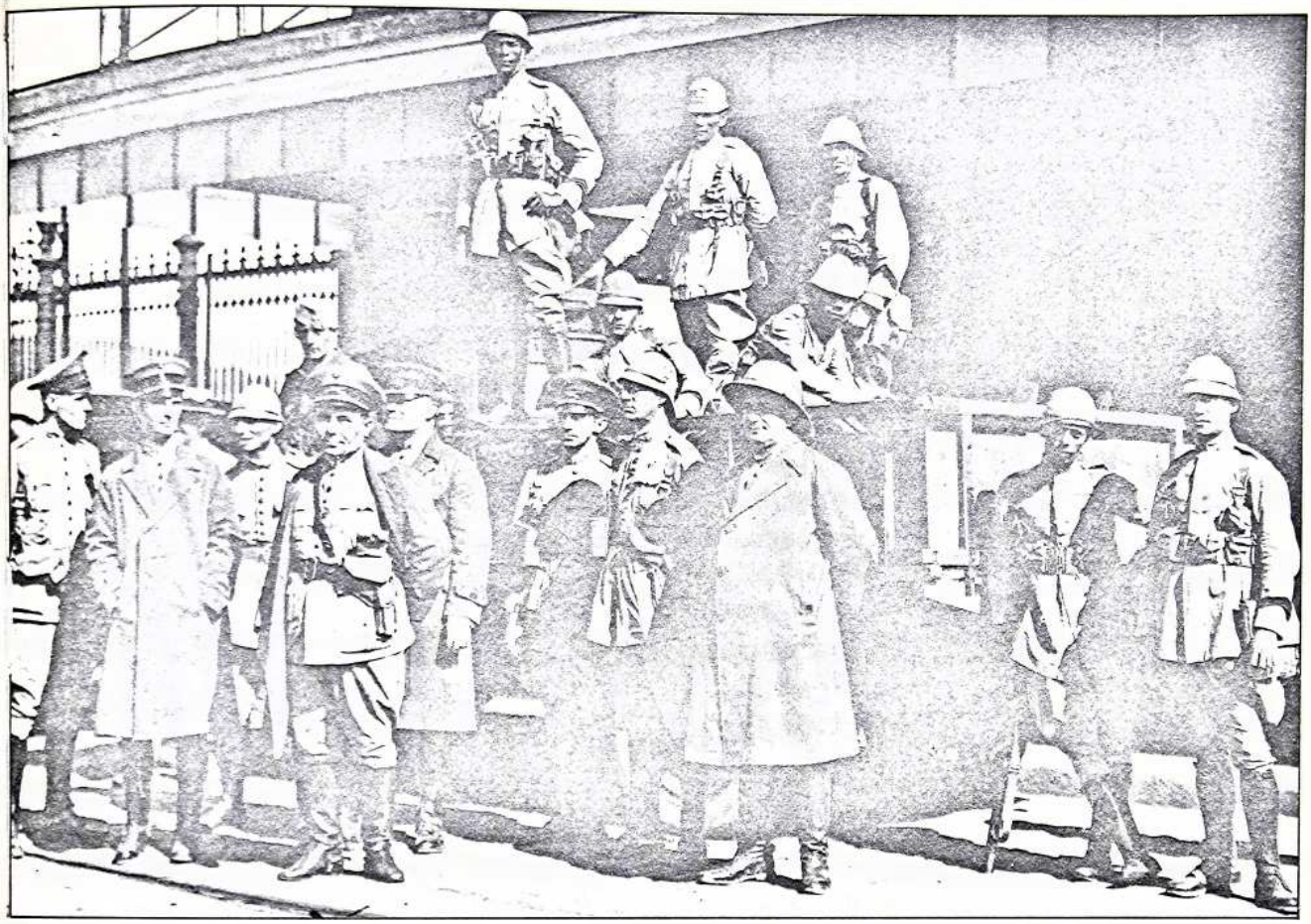
8:30 horas, São Paulo: no Largo de São Francisco, sob delírio da multidão, desfila para o embarque a primeira tropa: civis voluntários sob o comando de Romão Gomes.

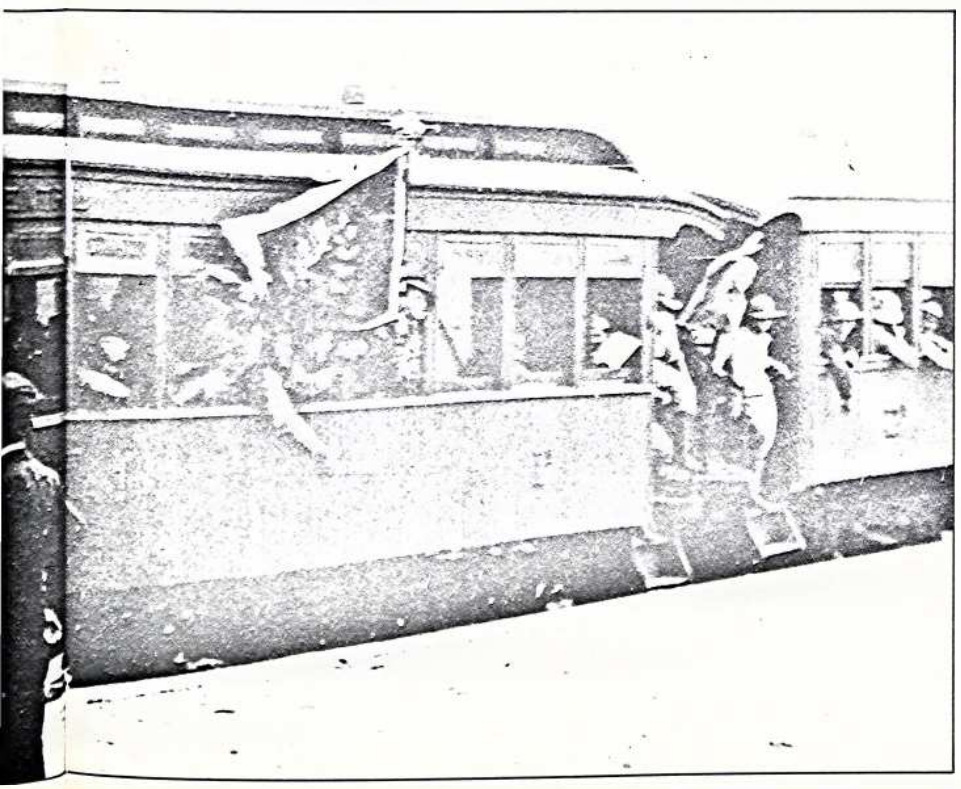
Outros trens, de forças regulares, partirão no correr da manhã. Destino: vale do Paraíba. Levam ordem difícil de entender para soldado que parte em revolução: "não avançar, posicionar-se sobre a Mantiqueira". Para não ferir suscetibilidades aguardar mineiros e gaúchos para entrada conjunta, triunfal, no Rio de Janeiro.



● Ilusão: O jornal *O Estado de São Paulo* dá a ler na edição do dia:

"No Rio Grande do Sul e em São Paulo, a totalidade das guarnições federais, das polícias estaduais e do elemento civil" teriam aderido. "Em Mato Grosso, toda a tropa federal, parte da polícia e contingentes civis. No Rio, Paraná e Santa Catarina apóiam o movimento importantes contingentes. A situação de Minas Gerais em face dos acontecimentos pode ser resumida no apoio de diversas guarnições federais e na solidariedade de todos os elementos do Partido Social-Nacionalista. O presidente Olegário Maciel, entretanto, manifestava-se francamente partidário de uma solução amistosa, mas assegurou aos chefes constitucionalistas que, em nenhuma hipótese, os soldados mineiros atirariam sobre as forças paulistas."





1. Partida de trem para o front.
2. O 2.º Batalhão de Caçadores, aquartelado em Sete Pontas, município de São Gonçalo, desembarca em Niterói para guarnecer a estação das barcas, julho de 1932.

● Primeira emoção da guerra: um avião rende-se *desfraldando* bandeira branca. *Diário da Noite,* 10 de julho:

"Hoje, às 14:20 precisamente, no Campo de Marte, todos os que aguardavam a chegada do general Bertoldo Klinger notaram no horizonte um avião que se aproximava, vindo do Rio de Janeiro. Nesse momento, o capitão Reinaldo Gonçalves alçou vôo para reconhecimento. E como os dois permanecessem algum tempo no ar, voando, um em direção ao outro, dando a impressão de que se perseguiam mutuamente, um outro avião munido de metralhadora foi em auxílio do capitão Reinaldo. Minutos depois o capitão Reinaldo descia, pois o aparelho que fora reconhecer desfraldara bandeira branca".

Porquês da Revolução

A *Gazeta,* 12.9.1932, tinha uma interpretação sugestiva para o movimento eclodido a 9 de julho: "Aconteceu, pois, que o Governo Provisório não teve topete nem para levar adiante o caso do general Francisco Ramos de Andrade Neves, nem para destituir, por um golpe de força bruta, o secretariado paulista. Getúlio recuava, pois, em toda a linha. Havia, assim, necessidade de atraí-lo a um rompimento claro. O general Klinger dispôs-se ao sacrifício. Tendo consultado as 'Frentes Únicas', dirigiu carta ao ministro da Guerra..."

A suposição de que haveria interessados na guerra a qualquer preço e por qualquer motivo ou motivo algum, baseia-se, também, na carta de 6 de julho enviada por Klinger a Pedro de Toledo, Altino Arantes e Francisco Morato dando conhecimento do desafio lançado ao governo provisório: "A vós que representais neste momento a mentalidade do valor do povo de São Paulo, me dirijo para cientificar-vos da atitude que resolvi assumir (...) tomei a resolução, afrontando todas as responsabilidades de desfraldar a bandeira, em nome da mentalidade sã e pura do Exército (...) Considerando os compromissos que entre a minha pessoa, como comandante da Circunscrição Militar, e as frentes únicas rio-grandense e paulista existem (...) informar-lhes da minha resolução, que forçosamente irá dar ensejo ao *casus belli* previsto, uma vez que minha atitude provoque, como naturalmente provocará, as iras outubristas contra mim e conseqüentemente meu afastamento do comando".

Klinger protestava contra a nomeação do ministro da Guerra, Espírito Santo Cardoso. O governo teria que afastá-lo. Afastado Klinger do comando, a Frente Única, o interventor Flores da Cunha, estaria obrigada a cumprir o acordo-compromisso com os paulistas. Mas não foi o que se deu.

Prêmio pela espera: a derrota

São Paulo esperou que o governo Getúlio Vargas recuasse; esperou que aliados jurados formassem ao seu lado; esperou que as Forças Armadas dissessem basta ao ditador. Esperou, esperou e perdeu a guerra... O diagnóstico está subscrito por muitos especialistas. Afonso de Carvalho entre eles, com estes dizeres: 'Mais tarde, quando a técnica militar fizer o estudo sereno e imparcial da revolução paulista, há de reconhecer, por certo, que o erro principal de São Paulo, com imediato e decisivo fracasso nas operações militares, foi este: esperar. São Paulo ficou todo o tempo esperando por alguma coisa, na antevisão de um messianismo redentor. Espera pelo Rio Grande — e o general Valdomiro Lima atravessa Itararé e parte a fundo até Buri. Espera por Minas — e as tropas da 4.ª DI tomam Guaxupé, Casa Branca, São José do Rio Pardo e, prestes, batem às portas de Campinas. Espera por um novo golpe pacificador na capital da República. Espera pelo senhor Artur Bernardes. Espera pelo senhor Borges de Medeiros. Espera pelos navios que devem trazer armamento da Europa. Espera pelos aviões, que devem vir da Argentina e do Chile. Espera pelo Anticristo. Nunca se esperou tanto no Brasil!'" *(Capacetes de aço.)*

"Aos paulistas só restava uma probabilidade de vitória: atirar-se contra o Rio pelos trilhos da Central do Brasil. Mas isso não foi possível. E a Revolução, desde a primeira semana, condenou-se à defensiva, ao desgaste, à desilusão." (Pedro Calmon.)

Em depoimento ao jornalista Antônio Machado Sant'Anna, o coronel PM Juventino Pereira revelou que "a marcha para o Rio, como estava programada e que não se fez, ante um prazo estulto de 96 horas para obter a adesão das guarnições da Guanabara, o que deu meio à ditadura de se recompor..."

Nas outras frentes, ocorreu o mesmo. Lê-se na *História do Exército brasileiro:* "Na frente paranaense (...) a hesitação das forças constitucionalistas em executar a ofensiva (...) permitiu que as tropas governistas, constituídas, na maioria, por elementos da brigada e corpos provisórios gaúchos, se aproximassem e cerrassem sobre São Paulo..."

"... várias foram as causas por que não se fez, logo nos primeiros dias, a ofensiva sobre o Rio.

Delas a mais ponderável era o fato dos chefes militares contarem, na certa, com o concurso do Rio Grande, com a não hostilidade de Minas e com outros pronunciamentos na capital da República.

Um dos autores, tendo participado da reunião dos chefes militares do movimento, logo após a chegada do general Klinger, ouviu deste último esta opinião: sendo a Revolução Constitucionalista de caráter nacional, devia São Paulo procurar e facilitar a adesão dos outros Estados e das forças militares que, em cumprimento de ordem, tinham marchado sobre as nossas fronteiras; São Paulo devia, antes que o engajamento se tornasse fatal, evitar que a sua iniciativa de hostilidade viesse colocar tais circunscrições ou forças na obrigação moral de combatê-lo." (Capitães Heliodoro Tenório e Odilon Aquino de Oliveira — *São Paulo contra a ditadura.)*

A canção do soldado constitucionalista

Dez horas da manhã, 16 de julho: Guilherme de Almeida saía do seu escritório-estúdio na Rua Barão de Itapetininga. Apressado, tenso. Queria ir para a trincheira mas o governo revolucionário o requeria na capital. Para falar, ser visto, ouvido, combater a guerra com a arma em que era exímio: o talento poético.

Na calçada, debatendo-se, às braçadas, entre a multidão, o maestro Marcelo Tupinambá. A rua, central, vital, nervosa naqueles dias, ainda exsudando a heroísmo, tragédia e morte do 23 de maio, passa a ferver e a fremer ao redor do músico e do poeta.

Marcelo agita partitura tornada luminosa pela manhã de sol, pela tinta e pela inspiração recentíssimas:

— Guilherme, 30 000 paulistas vão para as trincheiras. Acabo de compor a música para a canção desses soldados. Quer escrever a letra?

É um daqueles instantes que sucedem rarissimamente e a poucos. Não havia fugir ao conluio do destino. Ainda mais que, mesmo diante deles estava a Casa Levy: portas musicais escancaradas, despejando para a rua a marcialidade da *Paris-Belfort;* deixando ver, lá dentro, pianos, partituras, bustos de grandes compositores, flores, as bandeiras brasileira e paulista.

Entraram, o poeta e o músico. E amigos. E o povo. Ao fim da manhã, ao voltarem para a rua, não são dois artistas e seus amigos mas um coro marcial a cantar, no local mesmo onde haviam morrido os primeiros constitucionalistas, a canção que acompanharia a tropa no ardor dos avanços, na acalmia agoniada das esperas, no desespero das retiradas:

O PASSO DO SOLDADO

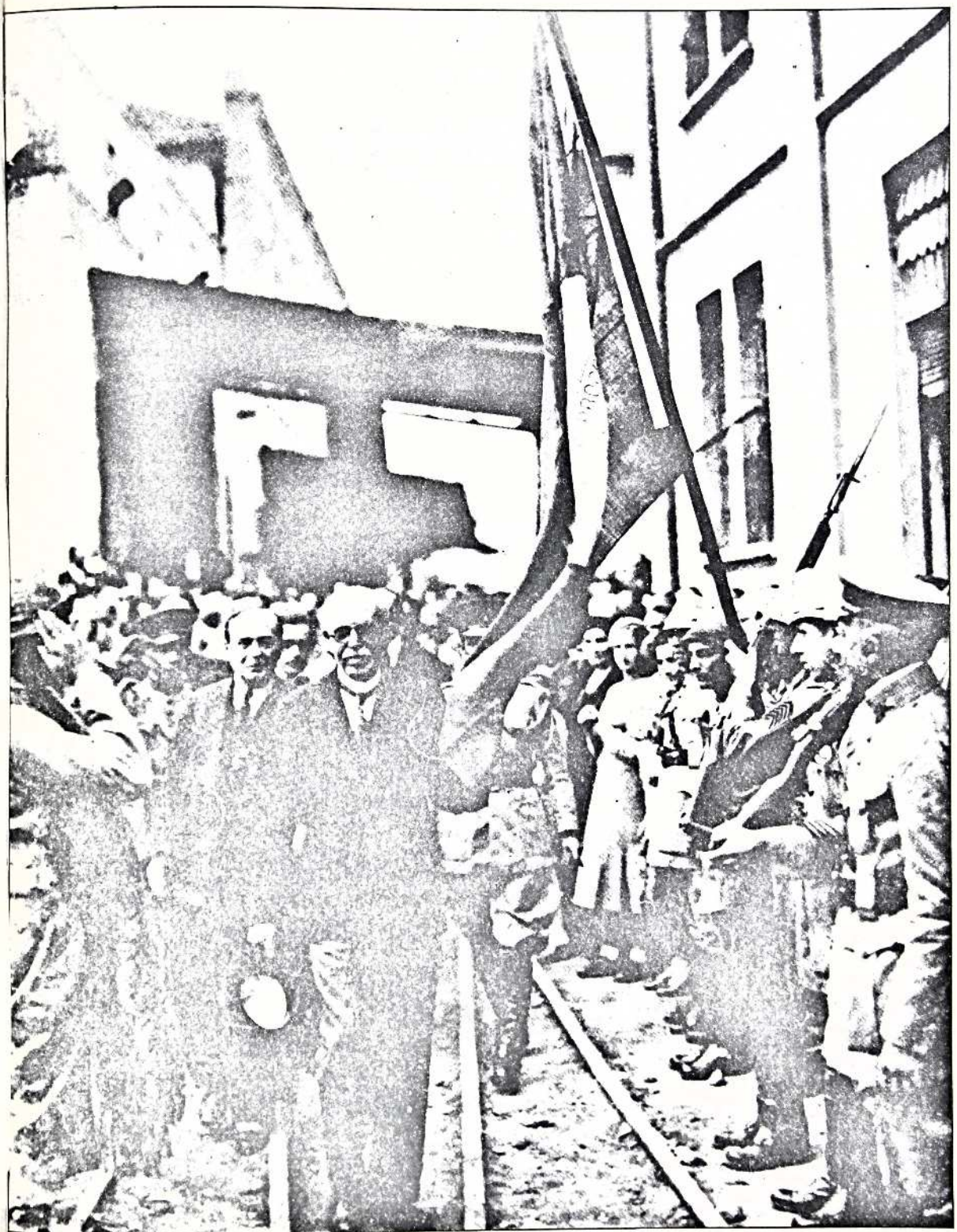
Marca o passo, soldado, não vês
Que esta terra foi ele que fez?
Que o teu passo é compasso seguro
De um passado, um presente e um futuro?

(estribilho) Marcha, soldado paulista,
Marca o teu passo na história!
Deixa na terra uma pista:
Deixa um rastilho de glória!

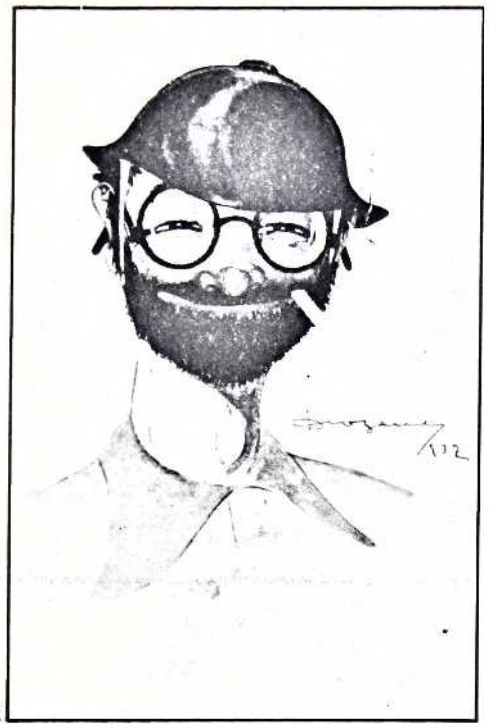
Vê soldado que grande tu és!
Tua terra se atira aos teus pés!
Estremece de orgulho e ergue os braços:
Ergue braços de poeira a teus passos.

(estribilho) Marcha, soldado paulista,
Marca o teu passo na história!
Deixa na terra uma pista:
Deixa um rastilho de glória!

Música de Marcelo Tupinambá
Letra de Guilherme de Almeida



Pedro de Toledo passa em revista tropas constitucionalistas.



1

● O tenente José Lobo relata no QG revolucionário a missão cumprida de informar a Pedro de Toledo que os chefes militares não apreciavam a hipótese de vê-lo afastar-se do governo:

● "... O interventor e os seus secretários presentes acercaram-se de mim, antes mesmo que eu transpusesse a porta (...) Várias perguntas me foram feitas pelo interventor, que desejava saber como se tinham passado as coisas e se havia apoio unânime das unidades do Exército. Adiantou que o ditador já tentara comunicar-se do Rio, certamente para saber o que se passava em São Paulo..."



"Estamos dispostos a derramar o nosso sangue em defesa de S. Paulo e do Brasil, dispostos a morrer para que possamos chegar ao Rio e sanear o Catete".

(Do discurso do sr. Ibrahim Nobre, saudando o general Klinger, em nos chegada a S. Paulo).

200 REIS

A GAZETA

200 REIS

Gerente: P. A. MONTELEONE — Director: EURICO MARTINS — Red., Admin. e Off.: R. Libero Badaró, 1 a 4-A

ANNO XXVII | Telephones: 2-2172 2-2173 | S. Paulo — Quarta-feira, 13 de Julho de 1932 | Endr. Telegraphico "GAZETA" | N. 7.935

Embarcaram para o "front" os chefes militares da revolução

Debaixo de acclamações enthusiasticas, seguiu, hontem, á tarde, para Cruzeiro, onde assumiu, hontem mesmo, o commando da vanguarda das tropas constitucionalistas, o coronel Euclydes de Figueiredo. Na photographia á esquerda estão ao lado do illustre official, pouco antes de seu embarque, no Norte, seus officiaes de E.M., coronel Palimercio, capitão Velloso, tenente Menezes, e outros; na da direita, vê-se, no centro, o chefe do E. M. do commandante da vanguarda — o coronel Palimercio de Rezende, e, á sua direita, o bravo tenente Adaucto de Mello, ajudante de ordens do general Bertholdo Klinger

São Paulo em marcha para a gloria

Installações de hospitaes de emergencia nas cidades servidas pela Estrada Central

Camaradas, civis e militares

Quatro figuras eminentes da revolução

A chegada, hontem, a S. Paulo, do general Klinger, constituiu um acontecimento de alto jubilo publico por ser mais uma valiosa adhesão ao movimento. A nossa objectiva surprehendeu, na Luz, pouco antes do desembarque do general, o illustre general Isidoro Dias Lopes, commandante em chefe das forças constitucionalistas, que vem ao seu lado o coronel Julio Marcondes Salgado, o sr. Alcino Arantes e Carlos de Souza Nazareth, presidente da Associação Commercial de São Paulo

A direcção executiva do movimento revolucionario

foi entregue aos generaes Isidoro Dias Lopes e Bertholdo Klinger

A bôa causa triumphará!

A situação moral e militar dos exercitos libertadores e a da guarda pretoriana da dictadura

"Partimos confiantes"

declarou o coronel Palimercio, á guiza de entrevista

RECEBENDO

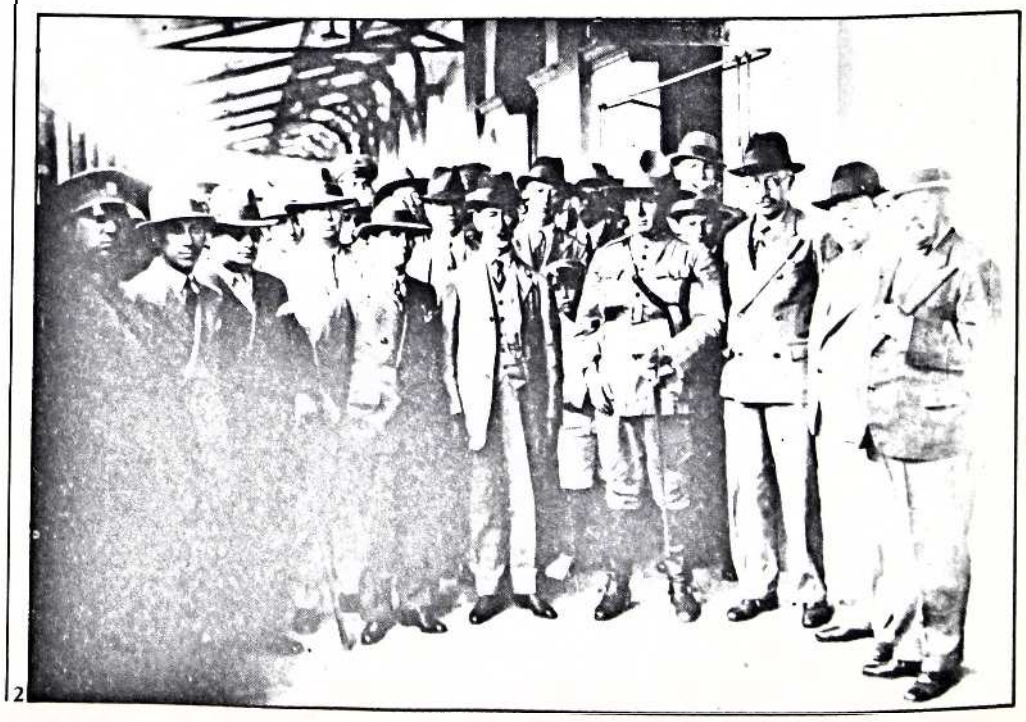
"BONUS" DA CAIXA CENTRAL DE RESERVAS,

ao effectuar suas compras, não os inutilizeis. Representam dinheiro quando depositados numa

"CADERNETA DE ECONOMIA"

Paulistas! Por patriotismo deveis economizar

Mensagem destinada ao general Isidoro Dias Lopes



2

Houve também espera por motivos estratégicos: ante a indefinição de Minas Gerais, "prosseguir em ofensiva sobre a capital federal, sem assegurar com forte tampão a situação em Túnel, seria aventura temerária. Recorde-se também que, a essa altura, a esse tempo, tropas ditatoriais se apresentavam na cidade de Parati, no litoral sul do Estado do Rio, ameaçando Cunha, e, por aí, a nossa linha de comunicação pelo flanco direito", registrou o comandante constitucionalista da área, Euclides Figueiredo, o qual teve bem presente que "era a Revolução que se detinha; impossível prosseguir com os dois flancos ameaçados por essa forma e para cuja salvação já se tornara preciso empregar as duas reservas do comando da divisão, ainda nem bem constituídas completamente. Atirar toda a tropa para diante, sem consideração alguma de ordem militar, correndo a aventura, na esperança de surpreender o adversário no Rio de Janeiro, seria — repito — pôr em risco todo o sucesso obtido e comprometer a sorte da Revolução. (. . .) A Revolução seria vencida ali no seu nascedouro. Tanto mais que tínhamos aliados que eram esperados. . ."

O que houve com "os aliados esperados"?

Eles foram bem situados no mapa estratégico-político pelos autores do livro *São Paulo contra a ditadura,* os então capitães PM Heliodoro Tenório e Odilon Aquino de Oliveira. Sigamo-los:

"Como corolário das alianças e dos entendimentos políticos, a Revolução Constitucionalista teria, portanto, de início, além do apoio das guarnições federais mais comprometidas e, pelo menos, de parte das tropas federais do Rio Grande, de Santa Catarina e do Paraná, a cooperação das forças públicas de São Paulo e do Rio Grande e a não hostilidade de Minas.

A Revolução Constitucionalista contava, pois, com recursos militares e políticos mais que suficientes para ser vitoriosa.

Infelizmente, logo no início da guerra, sobreveio a traição hedionda do governo do Rio Grande do Sul.

A atitude do senhor Flores da Cunha, não só impedindo, à última hora, o Rio Grande de cooperar com São Paulo na jornada de redenção, mas, ainda, atirando-o impetuosamente contra o nosso Estado, acarretou, além desses, outros desastres para a Revolução Constitucionalista.

É sabido que Minas Gerais esperou primeiro que o Rio Grande tomasse posição, para em seguida definir-se em face da luta. (. . .) procurou, primeiramente, conhecer a potencialidade dos exércitos que se iam defrontar, para depois definir-se sem maiores perigos.

Se o Rio Grande marchasse com São Paulo, Minas não teria a coragem de tomar o partido da ditadura.

Como Minas, também o senhor Góis Monteiro, que marombou alguns dias e só passou a agir resolutamente contra São Paulo depois que se assegurou do apoio do Rio Grande às armas ditatoriais.

Não fora a defecção do interventor Flores da Cunha, seguida da felonia que todo o país conhece, a ação do general Firmino Borba, na IV Região Militar, não teria sido malograda e também um pronunciamento das forças de terra e mar da capital da República teria feito imediatamente vitorioso o movimento constitucionalista, evitando-se a crueza da guerra civil".

Enquanto espera que os parceiros frentistas comuniquem a eclosão do levante, o QG revolucionário não move as suas preciosas reservas.

● ". . . viu-se que a Força Pública seria o esteio máximo do Exército Constitucionalista. Tinha 13 000 homens regularmente armados, boa equipe de aviadores e pessoal treinado na condução e manejo de artilharia." Perdera muito depois de 1930 porquanto desarmar as milícias estaduais era das mais rígidas propostas tenentistas. A guarnição federal em São Paulo, menos de 3 612 soldados, naquele momento sem comandante efetivo, tinha boa artilharia que resultou em um dos esteios da campanha. A esses quase 18 000 soldados, os constitucionalistas poderiam reunir aproximadamente 45 000 voluntários, animosos, leais, porém com adestramento mínimo e sem quadros de comando. Mas não havia fuzis para mais do que 25 000 deles.

● "25 de agosto: o pessoal passou o dia limpando o armamento. Os fuzis velhos e descalibrados, os FM e a única metralhadora pesada da companhia foram postos em condições de atirar." (Anotações do voluntário Almeida Pinto.)

● ". . . unicamente [iriam para a trincheira] os que tivessem armas. Uma boa parte teria que ficar. Mas, como ficar, se todos queriam ir? Ernâni Lacerda de Oliveira, que não tinha fuzil, dirige-se a um soldado pobre e diz-lhe: 'Tome 100 mil-réis e dê-me o seu fuzil. Eu quero ir para as trincheiras!' (. . .) O soldado responde: 'Nem por 500. . .'"

1. *Recruta constitucionalista em charge da época.*
2. *João Neves da Fontoura, Borges de Medeiros, Flores da Cunha e Raul Pilla na estação ferroviária de Cachoeira (RS), onde decidiram que, mesmo sem o governo gaúcho, a Frente Única honraria o seu compromisso.*



"Sua esposa perante Deus

No sul, aconteceu que...

9 de julho, Cachoeira, Rio Grande do Sul: dos "aliados que eram esperados" a que se referia o chefe militar constitucionalista no vale do Paraíba, os mais seguros seriam os rio-grandenses.

Um dos seus chefes, Borges de Medeiros, desconfiado quanto às negaças do interventor Flores da Cunha, desce as cartas do jogo político da Frente Única e desafia:

"General Flores da Cunha, Porto Alegre,

Evocando nossos compromissos honra, vosso incomparável civismo, edificante fidelidade republicana, consenti que vosso velho e dedicado amigo vos pondere, nesta hora grave, que, entre a ditadura e a sorte da República e do Rio Grande, não é lícito hesitar. Se a paciência fatigada e irritada dos brasileiros alçar-se, em protesto armado, para reivindicar as liberdades confiscadas, tenho fé não hesitareis assumir única atitude compatível vosso passado, vossa glória. Ficai com Rio Grande e sede o seu galhardo condutor na nova cruzada redentora. Este o meu voto ardente e o meu solene apelo, que breve ratificarei de viva voz. Abraços. Borges de Medeiros".

10 de julho, Porto Alegre, 1:20 horas: Flores da Cunha considera haver encontrado solução adequada e honrosa para o impasse a que fora conduzido: levantar-se com os constitucionalistas ou manter-se fiel a Getúlio Vargas, ao outubrismo de 1930:

"Doutor Getúlio Vargas, Rio de Janeiro,

Ante situação tormentosa acaba me ser criada e para manter intatos meus deveres de honra, deponho nas suas mãos cargo interventor federal neste Estado. Manter-me-ei no meu posto até empossar meu substituto, pedindo suas prontas providências sentido nomeação deste. Cordial abraço. a) Flores da Cunha".

Vargas precisa de apenas quinze minutos para responder politicamente. Não lhe custa nem um minuto o perceber que aceitar a demissão é liberar Flores da Cunha, unir a Frente Única gaúcha, alinhar o Rio Grande ao lado de São Paulo. Se perder o Rio Grande perderá Minas, o Paraná, Santa Catarina. A isso, o governo provisório não resistiria. Deve ganhar Flores da Cunha e o Rio Grande. Responde:

"General Flores da Cunha, palácio,

Palácio Catete, 10.7.32/1h35m.

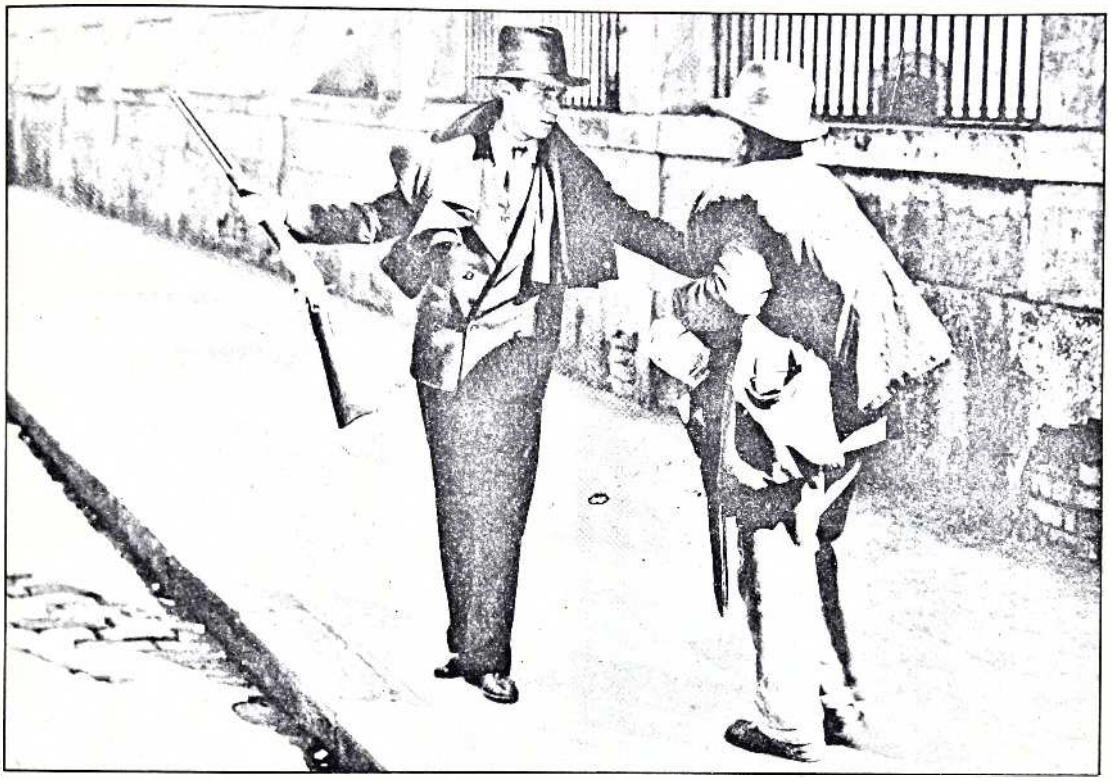
Acabo receber notícias forças federais capital de São Paulo rebelaram-se sob comando coronel Figueiredo, ocupando Telégrafo. Estamos aqui tomando providências. Tudo espero atitude digna leal, corajosa meu nobre amigo frente Rio Grande. Abraços afetuosos.

Getúlio Vargas".

10 de julho, São Paulo, madrugada: os revoltados consolidam o domínio sobre a capital. Mas alguns oficiais do 4.º RI abandonam o trem em que a unidade começa a ser embarcada, estação de Osasco. As emissoras de rádio difundem proclamas dos chefes da Revolução.

10 de julho, madrugada, Rio de Janeiro: cinco minutos depois do telegrama em que tomava a iniciativa de comunicar a Flores da Cunha o movimento paulista, Getúlio expede outro, destinado a garantir a fidelidade do interventor e o apoio do Rio Grande oficial:

• Naquela madrugada do dia 10, confiava-se também em que os aliados mineiros, galvanizados pela Frente Única, estariam chegando para integrar o Exército Constitucionalista. Os chefes políticos paulistas e mineiros insistiam na necessidade de um levante de força federal que impulsionasse pelo exemplo a tropa estadual e formações civis. Acreditava-se tudo estivesse bem combinado, sendo certa a saída à rua, ao abrir do dia belo-horizontino, do 12.º RI, reclamando Constituição. Ao fim da tarde do dia 10, o mais tardar, mineiros e paulistas estariam reunidos, apontando para o Rio de Janeiro.



2

"General Flores,
Palácio do Catete, 10:7.32/1h40m.
Tenho a sua palavra que manterá ordem. Não posso aceitar renúncia. Ninguém melhor que meu caro amigo será fiador honra Rio Grande, momento vítima traição pretendem nos apunhalar pelas costas, num movimento nitidamente reacionário. Não me entregarei. Tenho elementos para resistir e estou disposto a fazê-lo até sucumbir como soldado da revolução na defesa dos ideais que nos levaram a ela. Abraços. a) Getúlio Vargas".

A batalha pelo Rio Grande foi ganha por Getúlio com esses telegramas. A um apelo gauchesco, uma gauchesca resposta:

"Doutor Getúlio Vargas, Rio,
Manterei a ordem ou morrerei. Abraços. a) Flores da Cunha".

O Rio Grande viria na direção de São Paulo. Não para marchar ao lado mas contra. A Revolução ver-se-ia obrigada a retirar forças do vale do Paraíba para posicioná-las no Itararé.

No Rio, Getúlio dispõe-se, até, ao suicídio

10 de julho, 9 horas, Palácio do Catete, Rio de Janeiro: informes policiais trazem o boato colhido nas ruas de que, na Vila Militar, generais aprestam-se para enviar a Getúlio Vargas comissão que o intime a renunciar. Góis Monteiro descreveu a reação do ditador: "muniu-se de um revólver, escreveu uma carta-manifesto à Nação e declarou que não se entregaria e poria fim à vida em último caso".

• O túnel da EFC do Brasil, na Mantiqueira, foi ocupado. Ali, os paulistas fizeram alto, à espera dos aliados mineiros. Permaneceram inativos, nessa gostosa espera, até as 10:30 horas do dia 15. Foi quando apresentaram-se contingentes do 11.º RI, de São João Del Rei e do 4.º RCD, de Três Corações. Mas não confraternizaram, atacaram os paulistas. No dia 18, chegaram mais 1 500 soldados da Força Pública mineira. Era o governo do Estado, e não só a força federal, tomando posição anticonstitucionalista, contra quem os aguardara como aliados.

Guilherme de A. Barros viu-os chegar: "...cantando, movidos por forte ânimo e entusiasmados para 'pegar paulistas' ".

1. *Charge de Belmonte,* Folha da Noite, *4.6.1932.*
2. *Sentinela nas imediações da Faculdade de Direito, 10.7.1932.*



1



2

São Paulo inteiro, de pé! Mobilização nos municípios

10 de julho, manhã, São Paulo: todo o Estado está sob controle do movimento constitucionalista. Dizia a "Ordem de ação" para o interior:

"Dominada a situação, os chefes revolucionários dos municípios darão aviso aos chefes da capital".

Deram aviso de "Revolução implantada vitoriosamente" os chefes municipais:

2.º Distrito
Caçapava: João Dias Ferreira; Caraguatatuba — São Sebastião — Ilhabela: Leovigildo Trindade; Jacareí: Sebastião Soares Lara; Jambeiro: coronel Júlio Augusto de Melo; Moji das Cruzes: Basílio Batalha; Santa Isabel: Antônio Monteiro da Cruz; São José dos Campos: major José D'Elias; São Luís do Paraitinga: Euclides da Silva Alemeira, Granadeiro Guimarães; Taubaté: Antônio de Moura Abud (do PD); Tremembé: Mário Ferreira Lopes.

3.º Distrito
Chefes na capital: Cardoso de Melo Neto e Rodrigues Alves Sobrinho.
Nos municípios:
Areias: coronel Manuel de Martins; Bananal e Cachoeira: coronel Luís Augusto de Almeida, Hernâni Graça, Antônio Rodrigues da Mota; Cruzeiro: Ananias Gomes da Silva; Cunha: Plínio Pereira Coelho; Guaratinguetá: Mário Moreira; Lorena: José Ortiz Nogueira; Pindamonhangaba: Raul Prado Salgado; Pinheiros: José Horta; Queluz: Henrique Thim; São Bento do Sapucaí: tenente Eurico Vieira Lima; São José do Barreiro: Antônio Santa Marinha, Reinaldo Maia Souto; Silveiras: Artur da Silva Bernardes.

4.º Distrito
Chefe na capital: Elias Machado.
Nos municípios:
Itu: Antônio de Almeida Toledo, pelo PRP, Laudelino Xavier da Silveira, pelo PD; Tietê: Ibrahim Madeira, PD, Plínio Rodrigues, PRP; Salto: Sílvio de Almeida Sampaio, PRP; Indaiatuba: João de Paula Leite, PRP, Tiago Mazagão; Porto Feliz: José Martins Bastos, PRP, farmacêutico Martelli, PD; Montemor: João Paulo Ginefra, PRP; São Roque: Argeu Vilaça; PD; Capivari: André Assunção, PD; Una: Raimundo de Almeida Lima, PD; Laranjal: Quinzinho Assunção, PD; São Miguel Arcanjo: Antenor Silvério; Sorocaba — Itapetininga — Tatuí: general Ataliba Leonel; Itararé: Indalé Ramos, PD, Nenê Sobrinho, PRP.

5.º Distrito
Zonas Noroeste e Alta Paulista:
Agudos: Alfredo Pena, PRP, Hugo Celidônio, PD; Piratininga: Antônio Dias Soares; Gália: Aparício Rocha, PD; Garça: João de Castro, PD; Marília: Carlos Morais Barros, PD, Eurico de Novais, PD; Bauru: Antônio Fraga, PD, Eduardo Coutinho, PRP; Nogueira — Tibiriçá — Avaí: os chefes de Bauru; Presidente Alves: tenente José Antônio Nogueira; Pirajuí: Joaquim Amaral Melo, PD; Cafelândia: Péricles Ferraz do Amaral, PD; Lins: José Soares Barbosa, PRP, Pedro Tavares, PD; Promissão: Alcino Sodré, PD; Penápolis: Capitão Moisés, PD; Birigüi: Antônio Goffi, PD; Araçatuba: Joaquim Ferraz de Camargo.
Zona Sorocabana:
Botucatu: Antônio de Moura Campos, PD; Itatinga: Renato Lopes de Oliveira, PD; Avaré: Félix Fagundes, PD; Cerqueira César: Avelino Pereira, PD; Bernardino de Campos: Ismael Machado, PD; Óleo: João Fausto Giraldes, PD; Piraju: Agostinho de Arruda, PD; Fartura: Ariovaldo Carvalho, PD; Ipauçu: Breno Noronha, PD; Xavantes: Augusto Regala, PD; Ourinhos: Rodopiano Leones da Silva, PD; Salto Grande: coronel Mursa; PD; Palmital — Cândido Mota: Otávio Pinto Ferraz, PD; Assis: Nicolau Giudice, PD; Quatá — Presidente Prudente — Santo Anastácio: Tito Lívio Brasil, PD; Santa Cruz do Rio Pardo — São Pedro do Turvo: Abelardo Guimarães, PD; São Manuel: Antônio Meira Leite, PD.

6.º Distrito
Chefe na capital: Francisco Mesquita.
Nos municípios:
Amparo: Plínio Amaral; Campinas: Pires Neto, Fernão Pompeu, Francisco Mesquita (Chiquinho); Socorro: J. B. Gomes Ferraz, Plínio Amaral; Pedreira: Plínio Amaral; Bragança: Benedito Rodrigues Moreira; Atibaia: major Sebastião Teodoro Pinto; Jundiaí: Juarez Godói, Horácio de Oliveira; Itatiba — Joanópolis — Vila Americana: Pires Neto.

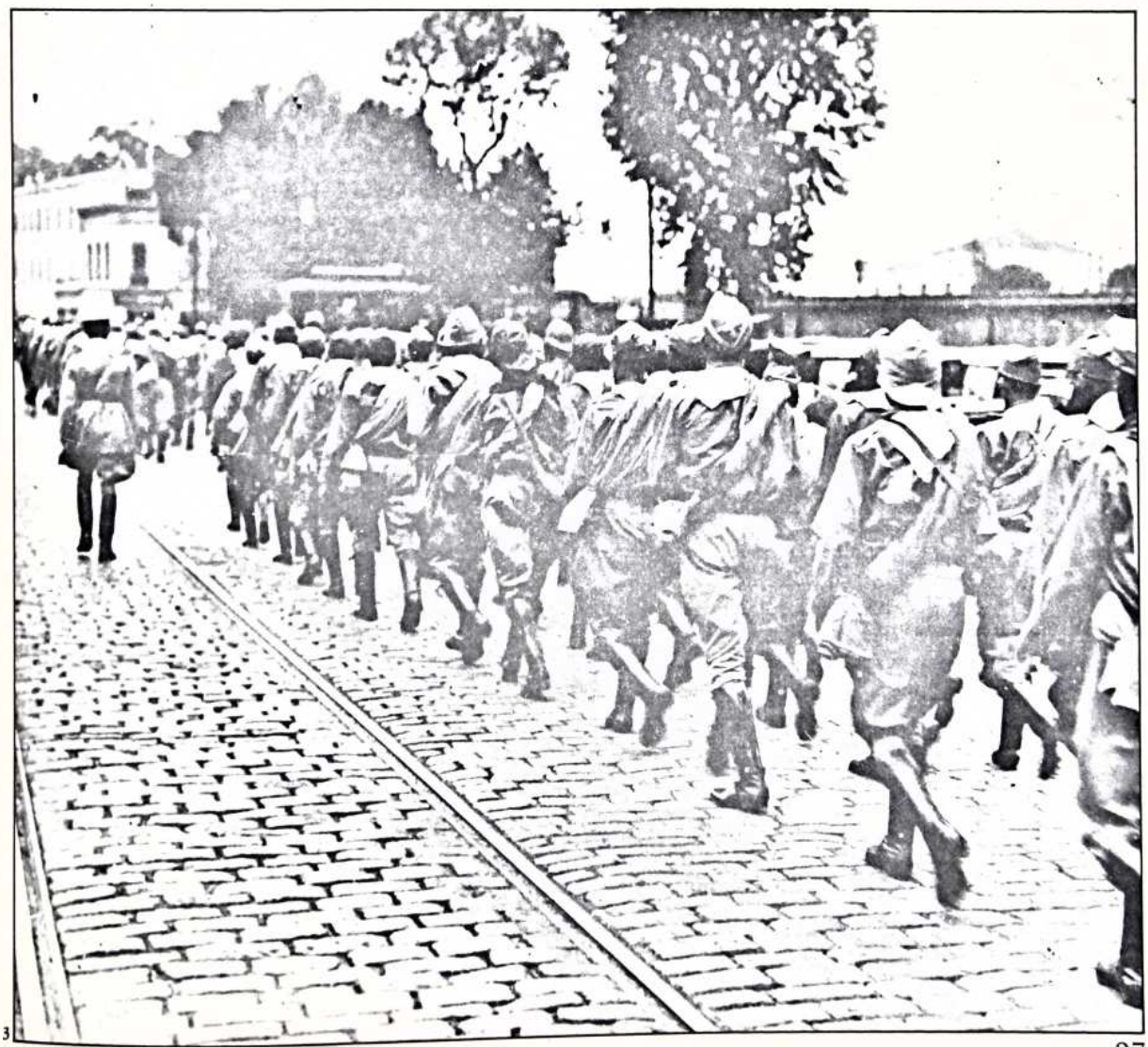
7.º Distrito
Chefe na capital: Tomás Lessa.
Nos municípios:
Espírito Santo do Pinhal: Gentil Ribeiro de Oliveira Mota, Abelardo César; Itapira: coronel Francisco Vieira, PRP (levantaria também Moji-Guaçu e Moji-Mirim); Mococa: Manuel Carlos de Siqueira, PRP; Casa Branca: Francisco de Carvalho, PRP, ... Silos, PD; São João da Boa Vista: Teófilo de Andrade, PRP, Cândido de Oliveira, PRP; Vargem Grande: D'Ávila Ribeiro; São José do Rio Pardo: Tarquínio Olinto; São Simão: Calimério de Oliveira; Serra Azul: José Sampaio Leite.

1, 2. Distintivos produzidos durante a Campanha Constitucionalista.
3. Voluntários do interior chegando a São Paulo.

8.º Distrito
Chefe do distrito: Cesário Coimbra, em Araras.
Nos municípios:
Piracicaba: Luís Dias Gonzaga, PD; Limeira: major José Levi Sobrinho, PRP; Araras: Luiz Delamain, PD; Leme: Custódio de Lima, PD; Piraçununga: Fernando Costa, PRP; Descalvado: Gleman Dias, PRP; Santa Rita: Antônio Meireles Pinto, PD; Rio Claro: Irineu Penteado, PRP.

9.º Distrito
Chefes do distrito: Orozimbo Loureiro, em Jaú; Justiniano dos Santos, em Dois Córregos.
Nos municípios:
São Carlos: Tomás Gregori; Pederneiras: Olinto Fraga Moreira; Araraquara: Edgar Batista Pereira; Plínio de Carvalho; Brotas: João Justiniano dos Santos; Dois Córregos: João Justiniano dos Santos; Jaú: Orozimbo Loureiro, João Justiniano dos Santos; Torrinha: Raul Lacerda.

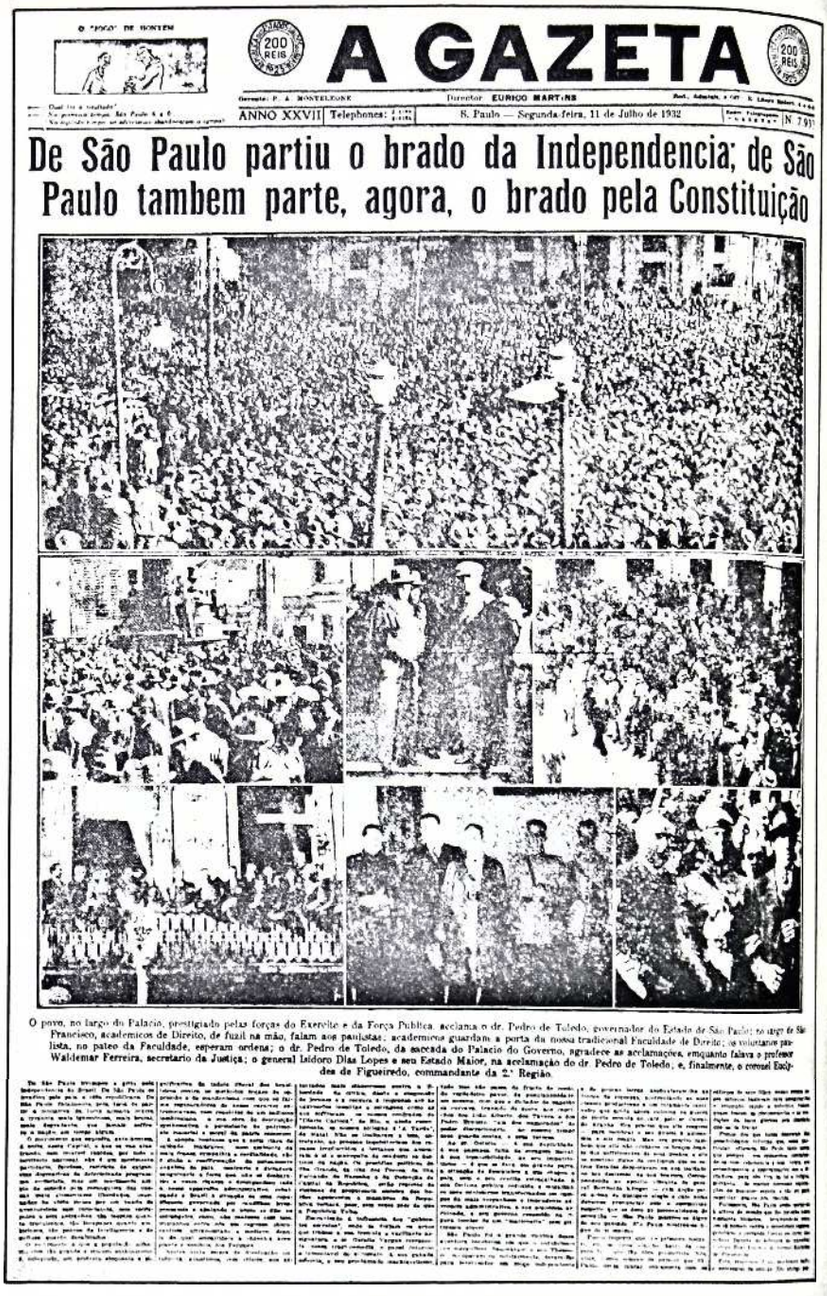
10.º Distrito
Chefes na capital: Joaquim Sampaio Vidal, Luís Américo de Freitas.
Chefes em Ribeirão Preto: Fábio Barreto, Albino de Camargo.
Nos municípios:
Catanduva: Adalberto Neto, Odilon Nogueira; Ibirá: Jonas Gonçalves, Antônio Gonçalves de Carvalho; Inácio Uchoa: Manuel Reverendo Vida, Sílvio Sales Batista de Carvalho, PD; José Bonifácio: João Domingos do Amaral; Mirassol: Vítor Cândido de Sousa, Antônio Fidélis; Monte Alto: Raul Medeiros; Monte Aprazível: Antônio Tavares de Almeida; Rio Preto: Cenobelino de Barros Serra, Teotônio Monteiro de Barros, Hernâni Domingues, Vítor Brito Bastos; Tanabi: João Gualberto Portugal, Francisco Vargas; Taquaritinga: Antônio Sant'Ana, PD, Manuel Mendonça, PRP; Matão e Pindorama: Edgar Batista Pereira; Ribeirão Preto e toda a Alta Mojiana: Francisco Junqueira, PRP, Albino de Camargo, PRP, José de Aguiar Pupo, PD.



3



1



A GAZETA

ANNO XXVII | Telephones: | S. Paulo — Segunda-feira, 11 de Julho de 1932 | N 7.91

De São Paulo partiu o brado da Independencia; de São Paulo tambem parte, agora, o brado pela Constituição

O povo, no largo do Palacio, prestigiado pelas forças do Exercito e da Força Publica, acclama o dr. Pedro de Toledo, governador do Estado de São Paulo; no angulo de São Francisco, academicos de Direito, de fuzil na mão, falam aos paulistas; academicos guardam a porta da nossa tradicional Faculdade de Direito; os voluntarios paulista, no pateo da Faculdade, esperam ordens; o dr. Pedro de Toledo, da sacada do Palacio do Governo, agradece as acclamações, emquanto falava o professor Waldemar Ferreira, secretario da Justiça; o general Isidoro Dias Lopes e seu Estado Maior, na acclamação do dr. Pedro de Toledo; e, finalmente, o coronel Euclydes de Figueiredo, commandante da 2.ª Região.

A aclamação de Pedro de Toledo

10 de julho, anoitecer, São Paulo: clima de festa. Os chefes asseguram estar o movimento vitorioso em todo o Estado e em vários Estados; Klinger aproxima-se com exército copioso e fartamente municiado. A cidade pode, pois, promover a aclamação de Pedro de Toledo, assim descrita por Paulo Nogueira Filho:

"O povo delira nas ruas. A multidão que canta o *Hino nacional* e aplaude freneticamente estende-se da Praça de Santa Ifigênia até a Praça da Sé. É espetáculo que, embora sem igual majestade, só tivera um similar em nossa história: a proclamação de dom Bartolomeu Bueno".

Diante dos microfones e do povo, Toledo repete a última frase da mensagem que endereçara ao presidente Vargas.

A guerra começava e ele insistia em apelar à paz e à ordem.

Depois, Waldemar Ferreira, secretário da Justiça, postado na sacada proclamou:

1. *Idealização, de autor não identificado, de soldado constitucionalista, estando o original no cemitério de Moji-Mirim.*
2. *Pedro de Toledo.*
3. *No Largo do Palácio, povo, Exército e Força Pública aclamam Pedro de Toledo, governador do Estado (10.7.32).*

"Atendendo às aspirações do povo, Exército e da Força Pública, o doutor Pedro de Toledo é aclamado neste momento governador do Estado de São Paulo".

"O povo", escreveu como se fora repórter o chefe guerreiro Euclides Figueiredo, "que se postara fronteiro ao palácio, ovacionando incessantemente as figuras da Revolução Constitucionalista, rompeu em vivas e cantou o *Hino nacional,* acompanhando as bandas de músicas militares que tocavam na praça."

A cadeia constitucionalista de rádio — Cruzeiro do Sul, Educadora e Record — difunde o Manifesto do governador aclamado:

"O embaixador Pedro de Toledo, governador do Estado de São Paulo, ao povo brasileiro: Vitorioso como está o movimento revolucionário que ontem irrompeu neste Estado e no de Mato Grosso pelo levante de todas as forças do Exército desta guarnição e da Força Pública, em face das mais inequívocas manifestações de toda a população que a ele aderiu, renunciei ao meu cargo de interventor federal.

Aclamado, no entanto, governador do Estado de São Paulo, por todas as suas forças vivas, não pude resistir ao apelo dos meus concidadãos para continuar no posto que me confiaram. Vamos prosseguir na luta para satisfazer a mais alta aspiração nacional, que é restituir ao povo brasileiro o direito de dispor de seus destinos e de organizar-se constitucionalmente, contando com o apoio dos Estados do Rio Grande, de Minas Gerais e outros.

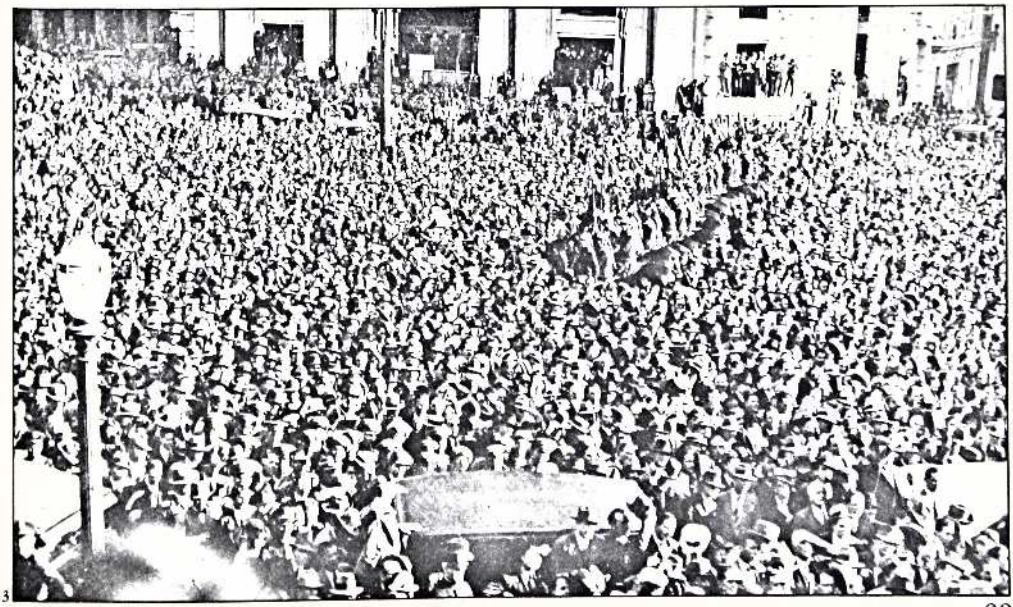
São Paulo não tem outra aspiração senão a ordem legal, a paz, o trabalho, dentro da grande pátria brasileira, una e indivisível, governada pelo voto livre de todos os brasileiros.

Não se trata de um movimento separatista como criminosamente propalam, e São Paulo jamais cogitou de quebrar a integridade nacional. Está de pé pelo Brasil unido e com o Brasil.

Pedro de Toledo, governador de São Paulo".



2



3



1. *Partida de voluntários na Estação Sorocabana.*
2. *João Alberto (à esquerda), dirige-se ao Quartel General. Rio de Janeiro, 12.7.1932.*
3. *Voluntários recebendo treinamento.*



Mas a Frente Única não funcionou

Era a noite de 10. Enquanto o povo paulista festejava a vitória alcançada no Estado e que supunha extensiva e igual em todo o país, os comandos militar e político, cientes já de que não poderiam contar com os gaúchos, confiavam nas articulações desenvolvidas em Minas Gerais.

Euclides Figueiredo teimava em não avançar se a Vila Militar, no Rio, não se erguesse e se as unidades federais no sul mineiro, entre São Paulo e Rio, permanecessem indecisas. Fiel da balança desta decisão é o coronel Eurico Gaspar Dutra, comandante do 4.º RCD, em Três Corações. Ao enviado paulista, coronel Andrade, Dutra responde a modo de enigma: "Vou seguir para aí". Aí era a região do Túnel, ocupada pelos paulistas. Alguns interpretaram a frase como adesão. Alegraram-se. Outros, como ameaça. Acertaram. Dutra moveu-se, posicionou-se entre o 8.º RAM e o 4.º BE, coibindo qualquer movimento destes em favor da Revolução. E os primeiros tiros que soaram na região do Túnel contra os paulistas foram os disparados por soldados do 4.º RCD, obedientes a Dutra. O 13.º RI também não se ergueu. Os civis que seguiriam Bernardes não se mexeram porque os militares não se moveram.

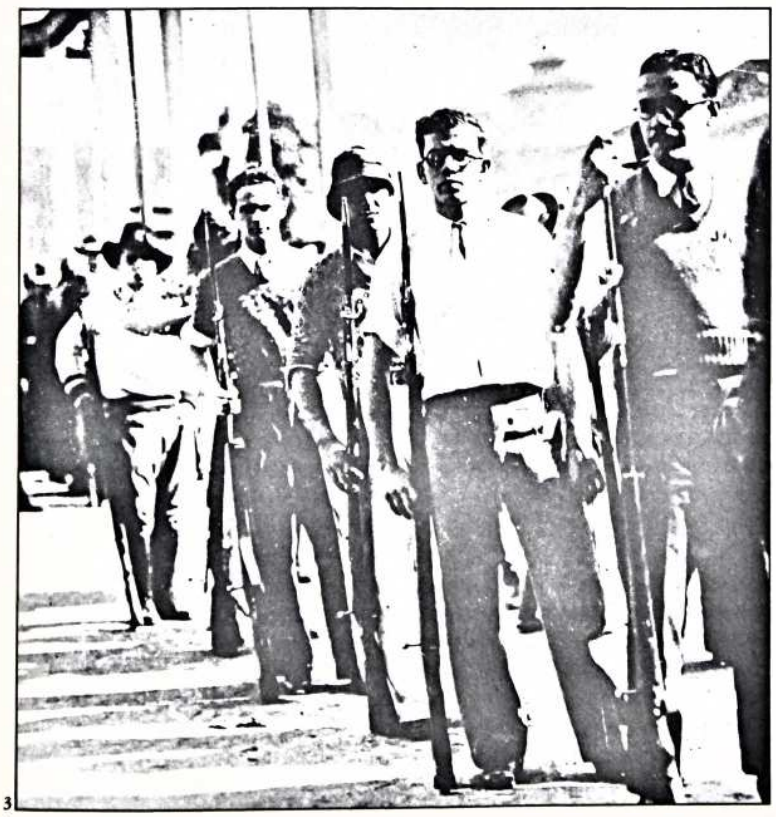
Ao fim do primeiro dia de revolução São Paulo estava desertado pelos dois parceiros da Frente Única.

"... assim esclarecida, por essa triste forma, a situação naquele setor, onde, ao invés de amigos, tivemos de enfrentar terríveis e combativos adversários, por toda a campanha foi forçoso constituir, para o lado do sul de Minas, uma frente, cobrindo o flanco esquerdo do dispositivo contra o Rio." (Euclides Figueiredo.)

11 de julho: o entusiasmo, em São Paulo, inciente o público das defecções da Frente Única, permaneceu inalterado. O número de voluntários ultrapassava 10 000. Falava-se muito no levante vitorioso ao sul de Mato Grosso e nos longos comboios que pelas ferrovias Noroeste e Sorocabana traziam os milhares de homens, as dezenas de canhões, os milhões de cartuchos, tudo isso dote do general Klinger para a sua união com a causa constitucionalista.

Na verdade, sem o Rio Grande, sem Minas Gerais, tendo contra si o Rio Grande e Minas; sem as guarnições e os aderentes civis da capital federal; acusado de separatista pelos tenentes e pelos outubristas; São Paulo entrega o comando do Exército Constitucionalista a dois generais gaúchos, a coronéis carioca e paranaense, leva milhares de nortistas e de nordestinos na sua Força Pública, recebendo centenas de sul-mato-grossenses e dezenas de paranaenses entre os 25 000 voluntários civis que começavam a manejar canhestramente armas em sua maior parte obsoletas, e vai para as trincheiras manter o programa da Frente Única reclamando fim do governo provisório discricionário, eleições e Constituição.

Os soldados que embarcam cobertos de flores e animados por músicas marciais ignoram o que os chefes políticos e militares dão por definido: não há possibilidade de vitória militar. Os trens de Klinger não existem, as guarnições do Distrito Federal acataram ordens do governo getuliano, João Alberto retirou de circulação os civis capazes de arregimentar tropas em favor de São Paulo; Flores da Cunha, no sul, e Olegário Maciel, em Minas, mobilizam forças não pró mas contra os constitucionalistas. Reflexo dessa situação será a primeira ordem de Klinger: "Para não dar a partida por perdida antes do tempo, fazer durar".



3

• "Por São Paulo", afirmou Batista Pereira, "estava virtualmente toda a capital federal num entusiasmo que tocava as raias do delírio. O governo, aí, mostrou sagacidade e previsão. Viu, viu claramente visto, como diz Camões, que se a tropa que ainda lhe obedecia ficasse no Rio, ao cabo de poucos dias estaria contagiada do entusiasmo geral e lhe escaparia das mãos como água. Mandou-a distribuir ao longo da Central, às pressas, improvisando alojamentos e sujeitando-a a uma censura severíssima."

• João Alberto, chefe de polícia no Distrito Federal, agira pronta e drasticamente, prendendo quase todos os suspeitos, estabelecendo vigilância e censura. Não destratou, não maltratou fisicamente. Mas isolou e silenciou os adversários da ditadura.

• Emissoras paulistanas de rádio divulgam apelo a Olegário Maciel:
"Nós, mineiros residentes em São Paulo, aguardamos ansiosos a palavra amiga da nossa solidariedade à grande causa paulista, que é a causa do Brasil".

• Na intimidade familiar, Getúlio afirmava, segundo sua filha Alzira: "Dizem-se constitucionalistas. Mas isso é pretexto. Há mais de um mês nomeei a comissão para elaborar o anteprojeto da nova Constituição..." Alzira completa o que se pensava no Catete: "...a Revolução Constitucionalista não era nem uma nem outra coisa. Não era uma revolução. Era uma represália. Não era constitucionalista pois apenas contribuiu para perturbar a constitucionalização do país. E por incrível que pareça, também não era paulista. O fermento veio do Rio Grande do Sul, e a massa que se serviu da juventude e do solo bandeirante como campo de batalha era feita de grãos de ódio de todos os reacionários de todos os tempos e de todos os Estados..."

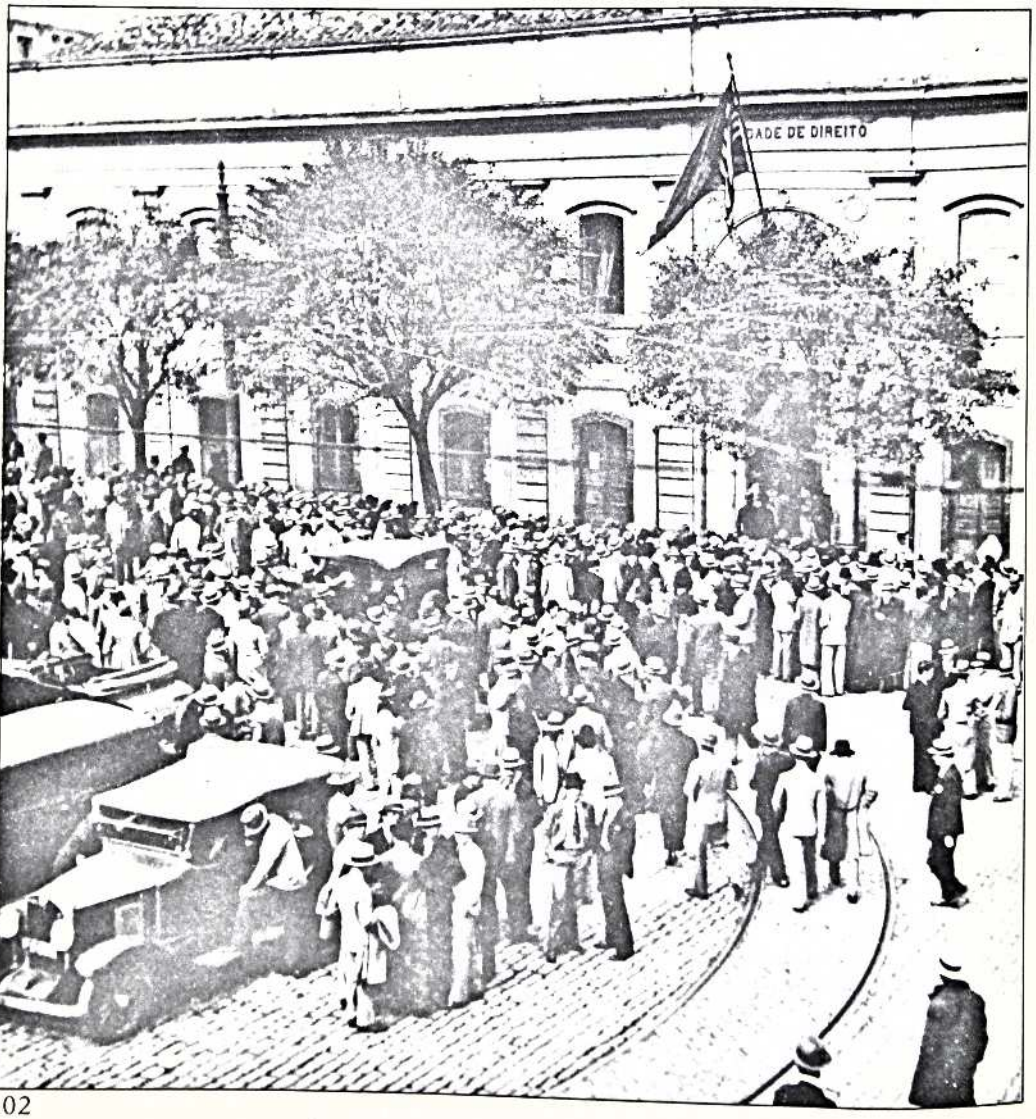
• CLIMA DE FESTA:
Dos jornais, noticiando o embarque de quinhentos homens do Batalhão Arquidiocesano: "Galharda e disciplinada, a tropa desfilou pelas ruas centrais da cidade, recebendo aplausos... *Seguiam-na muitas senhoras e senhoritas da nossa melhor sociedade*". Como nos tempos heróicos da Hélade.

Inventário pouco animador

Decorridas 48 horas de revolução, com o que, afinal de contas, São Paulo, sem aliados nem arsenais, pode contar para conduzir a guerra?

Fez-se o inventário. Não havendo escapado ao governo provisório que a Frente Única MG-RS-SP preparava-se para movimento revolucionário, São Paulo fora metodicamente desarmado. Em todo o Estado, somente 27 685 fuzis, que, por deficientes ou obsoletos, a ditadura entendera desnecessário remover.

Munições? No máximo cem tiros para cada soldado até aquele momento mobilizado. Procedida a primeira distribuição de cartuchos, os paióis ficaram a zero. Ou quase. A Revolução poderia terminar antes de completar a primeira semana por falta absoluta de



1. Mobilização na Faculdade de Direito na manhã de 10.7.1932.

balas de fuzil. Havia, sim, a fábrica de pólvora de Piquete, desde logo ameaçada pelo adversário, e a fábrica Matarazzo de cartuchos, vizinha à capital do Estado, operando precariamente. Larga distância entre dois pontos logo patrulhados e castigados pela aviação ditatorial.

Em termos de aviação, encontrou-se em Marte o total de seis aviões.

Contra apenas isso, o Brasil inteiro.

Do estrangeiro, também, nada

Solução para aquela penúria de armamentos: compra no estrangeiro.

E, primeiro, a tentativa de conseguir o estatuto de beligerância que daria acesso aos mercados legais de armas. O governo provisório venceu também esse combate: opôs-se e os Estados Unidos negaram o estatuto requerido pelos constitucionalistas. Restava o mercado paralelo, clandestino. Emissários esgueiraram-se para o exterior, levando crédito de 1,5 milhão de dólares. Compraram um pequeno iate, o *Ruth,* e carregaram-no com armas. O governo americano apreendeu o barco, entregando-o ao cônsul brasileiro em Nova Orleans. A Marinha veio a servir-se daquelas armas, embora o navio haja atingido o Brasil depois da guerra terminada.

A outra única tentativa realizada no estrangeiro serviu-se do navio *Jaboatão,* tornado precioso pela carga de cinqüenta canhões antiaéreos. A equipagem fez o que pôde mas o navio, abordado pelo rígido bloqueio naval, passou os canhões às mãos ditatoriais.

No outro extremo da luta, sobre os rios do oeste, a inquebrada resistência governista em Ladário e Porto Murtinho — sustentada em parte por civis rio-grandenses-do-sul —, diante de sul-mato-grossenses constitucionalistas, fechou à Revolução o acesso ao exterior via Paraguai, Bolívia, estuário do Prata. O cerco sobre São Paulo fez-se completo, inexorável. O Estado revolucionado teve que fabricar o que não podia comprar e não encontrara nos depósitos. Fará a guerra de três meses sem poder armar mais do que dois terços dos voluntários e suprir as cartucheiras senão com as balas racionadas para cada dia, cada hora de luta.

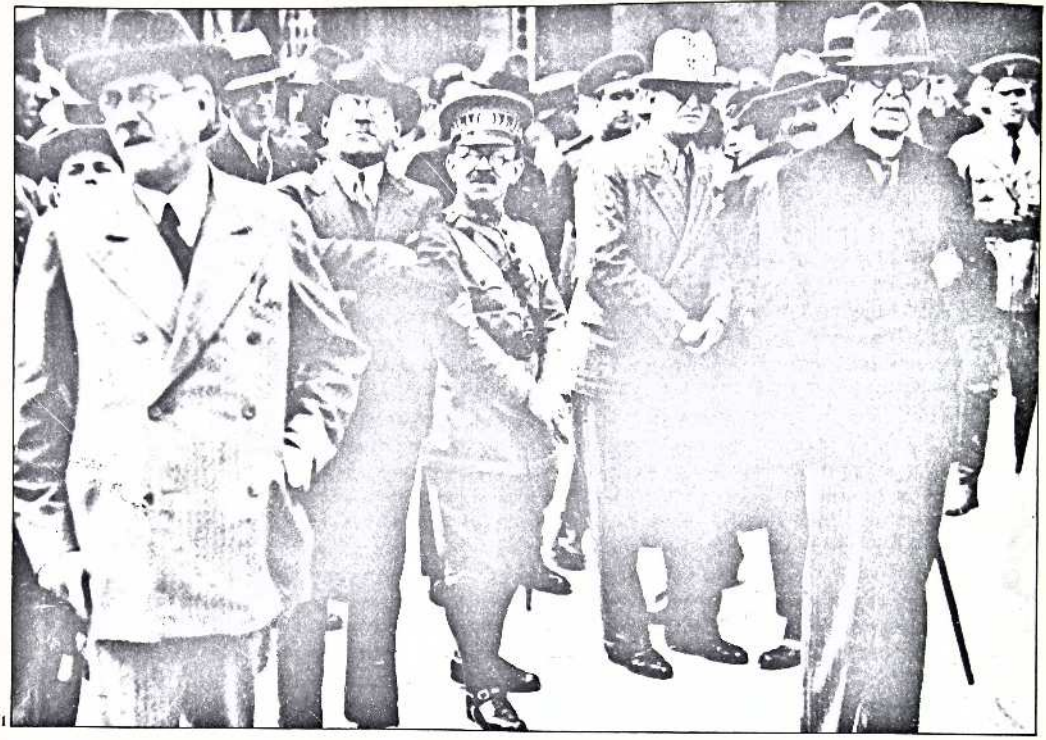
Mais voluntários do que armas

O entusiasmo pelo voluntariado no Exército Constitucionalista manifestou-se até mesmo além divisas. Foram muitos os casos. O jornal *O Estado de São Paulo,* para exemplo, contou que "...quatro rapazes paulistas se atiraram pelos ínvios sertões de Goiás, em demanda desta capital, a fim de se alistarem no exército. Moravam eles em Ipameri, onde eram funcionários do Banco do Brasil. Chamam-se Celso Correa da Conceição, Jaime Barros Saraiva, Manuel Fuzzi e Vicente Crezzi. As primeiras notícias que lhes chegaram da Revolução, foi através das estações de rádio da capital da República, todas mentirosas, explicando a exaltação cívica de São Paulo como um movimento comunista, e, também, visando à separação do nosso Estado. (...) Partiram, então, em viagem fatigante de seis dias, a pé, por caminhos abruptos, vadeando rios e atravessando matagais, num percurso de léguas e léguas, para se incorporarem, alfim, à bandeira invencível que pugna pela recondução do caudal revolucionário ao seu primitivo leito". Os quatro foram festejados como heróis, em São Paulo.


2ª FOLHA DA NOITE 2ª

A mocidade paulista está integralmente armada

A viagem do general Bertholdo Klinger



• A chegada de Klinger na descrição-apreciação de Menotti del Picchia:

"Na estação, o doutor Ibrahim Nobre, que se tornara o tribuno popular da Revolução, pronunciou um discurso cuja forma alegórica e rebuscada, muito ao gosto do povo e ao sabor do momento, denunciava o estado de exaltação coletiva. O general Klinger respondeu com a famosa frase: 'Desembainho a espada em continência à lei', marcando assim o sentido nacional e constitucionalista do movimento.

O trajeto da estação ao Quartel-General foi uma apoteose. A multidão acompanhou delirante o novo paladino da causa que São Paulo abraçara. Para dar marcialidade ao espetáculo, o general Klinger desceu do auto oficial onde vinha rodeado por vários membros do governo e montou num cavalo cedido por um dos cavalarianos da sua guarda.

O raiar da Revolução era todo feito da teatralidade espontânea que cerca os grandes lances da história."

O general, sim; soldados, não.

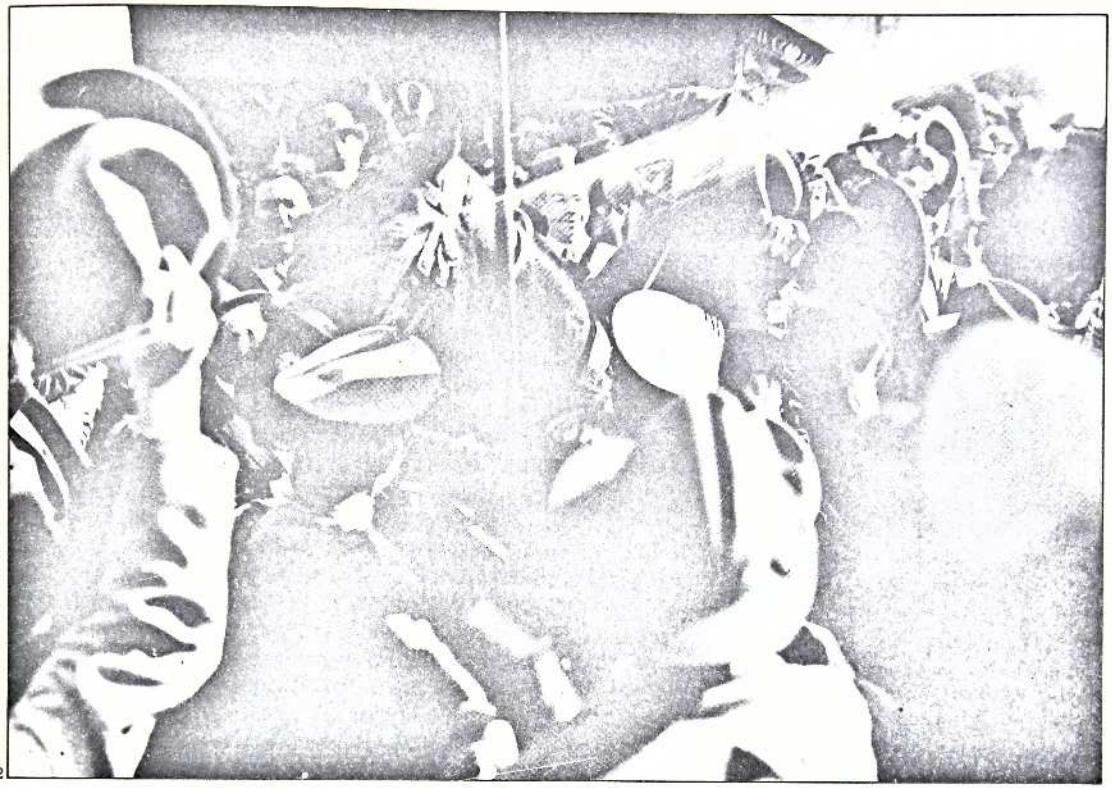
12 de julho: prossegue a mobilização. Civis armados postam-se no alto do Cubatão para acorrer em defesa de Santos se a Marinha desembarcar tropas.

O general Klinger chega. Com um punhado de oficiais e o informe de que não virão tropas, nem munições, nem a copiosa artilharia esperada.

Retirado do comando, não pudera mobilizar a seu favor as forças militares da Circunscrição. Posicionaram-se contra Klinger, ou seja, ao lado do governo provisório, as importantes unidades: 16.º BC, de Cuiabá, 6.º, de Porto Murtinho, 17.º BC, de Corumbá, a flotilha naval de Ladário e boa parte da polícia militar mato-grossense.

Em São Paulo, Klinger assume o comando da Região Militar e despacha o coronel Figueiredo para chefiar a 2.ª Divisão de Infantaria em Operações na frente principal: vale do Paraíba, no qual a vanguarda revolucionária fizera alto.

Do ponto de vista militar um dia de conclusões apreensivas: "o fracasso do levante no 1.º RCD, tentado pelo capitão Osvaldo de Mena Barreto, antes de se passar para o nosso lado; as defecções no 4.º RI, ao deixar o seu quartel em Quitaúna, e depois ainda ao passar de trem pela Estação do Norte, em São Paulo; o retorno verificado nas atitudes iniciais de unidades do Exército sediadas no sul de Minas; o deslocamento contra nós do 6.º BC de Goiás; a inatividade do 12.º RI, em Belo Horizonte; tropas essas em que havia companheiros formalmente comprometidos com a Revolução", no apanhado do coronel Figueiredo.







1ª FOLHA DA NOITE 1ª

O general Bertholdo Klinger e as hostes revolucionarias de Matto Grosso estão comnosco!

PERSPECTIVO DE POSTOS DE ALISTAMENTO

1, 2 e 3. A chegada do general Bertoldo Klinger a São Paulo, 12.7.1932.



1



2

A Frente Gaúcha não se omite

No sul, desiludidos de fazer o Rio Grande constitucionalista, os principais e renitentes mentores da Frente Única, Borges de Medeiros e Raul Pilla, divulgam manifesto fixando posições e atribuindo culpas:

"Ao Rio Grande do Sul e à Nação...

A hora grave que atravessamos obriga-nos a falar com a possível franqueza ao Rio Grande e à Nação. Terra de lealdade e de desassombro, não pereçam nas nossas mãos os apanágios mais puros da nossa gente.

A Frente Única rio-grandense, isto é, os partidos Republicano e Libertador, têm compromissos de honra com os revolucionários constitucionalistas de São Paulo. Negá-los ou mesmo silenciá-los equivaleria a um crime de traição que não enodoaria apenas os nossos nomes, mas humilharia perante a Nação o bom nome do Rio Grande, amontoaria sobre nós o desprezo dos contemporâneos e sobre nós desencadearia as maldições do futuro. Caia o Rio Grande se houver de cair, porém caia de pé. Onde o rio-grandense, só por estar animado de pontos de vista contrários aos nossos, capaz de aconselhar-nos ou esperar de nós uma atitude de felonia ou um gesto de desonra? A identidade de propósitos que animaram o povo de São Paulo e o do Rio Grande na sua resistência aos erros da ditadura e ao seu ânimo deliberado de pôr entraves à volta do país à ordem legal foram a causa inicial dessa solidariedade. Desdobrou-se ela em compromissos políticos assumidos em nosso nome pelo representante da Frente Única no Rio de Janeiro, o doutor João Neves da Fontoura, para o fim da constituição de um governo verdadeiramente nacional e afirmados ainda por nós para a eventualidade de uma ação militar, desde que a tanto fosse arrastado o governo de São Paulo. Esta é a verdade que não pode ser ocultada, sob pena de levarmos o Rio Grande à mais dolorosa de todas as provações morais, que é o vexame do ridículo.

A ação militar de São Paulo contra a ditadura estava de há muito prevista. Atente-se para este quadro: ou São Paulo manteria os seus compromissos com o Rio Grande, conservando-se afastado da ditadura e recusando dar-lhe a sua colaboração para não ser desleal conosco, ou trairia a fé da sua palavra, abandonando-nos no combate de idéias em que estávamos empenhados. Foi de extrema nobreza o procedimento de São Paulo. À capitulação com a traição do Rio Grande preferiu a resistência com a dignidade da palavra empenhada.

Precipitaram-se os acontecimentos. O Rio Grande foi colhido de surpresa na avalanche. Mas na hora em que os nossos aliados apelaram para nós, como lhes poderia a Frente Única responder com a apostasia aos compromissos assumidos e com a deserção do posto de honra a que voluntariamente se obrigou?

(...)

Compreendam o Rio Grande e a Nação a angústia desesperada das nossas palavras. Talvez ainda seja tempo de evitar o desastre final. E é porque queremos evitá-lo que nos limitamos, nesta hora de consciência conturbada, ao mínimo que todo homem de honra poderia esperar de nós e que é esta simples e precisa declaração de compromissos, e este apelo dirigimos ao general Flores da Cunha, àquele mesmo valoroso cabo de guerra que nos próprios dias da vitória de Outubro prezava tanto os brios de São Paulo e a nobreza do seu povo, que não permitiu pisassem os seus soldados, como conquistadores, as ruas da capital paulista.

Ao Rio Grande e à Nação: esta é, na sua expressão mais serena e leal, nesta hora de extrema gravidade, a orientação política dos partidos Republicano e Libertador do Rio Grande do Sul".

Disposição heróica, palavras bonitas. Os signatários, à frente de punhado de amigos, saberão honrá-las, quase num desforço pessoal. Mas Flores da Cunha não se comoveu nem recuou: mandou formar a força do seu Estado, ao lado da ditadura.

Norte e nordeste: nenhum aliado.

Rio de Janeiro: o coronel Luís Lobo, encarregado de promover, pelos Estados do norte, ações de guerrilha e provocação sob a bandeira constitucionalista, não pôde se articular nem se mover, pela surpresa do rompimento da revolução a 9 de julho. As instruções que recebera haviam fixado o dia 14.

Assim, pelo fim do dia 12, os paulistas certificaram-se de que

não seriam secundados naquela região. Salvo o sul de Mato Grosso, nada mais com expressão militar acompanharia São Paulo na guerra iniciada. Não houvesse pois ilusões quanto ao resultado. Os aliados da véspera seriam os inimigos do amanhã.

Justificando o levante

Contudo, no dia 12, pelos meios de divulgação ao alcance, os chefes civis e militares da Revolução justificaram-na ante a consciência nacional, isentando-a de separatismo e de triunfalismo:

"À nação

O movimento que se desencadeou na noite de 9 para 10 deste mês e dominou incontinenti o Estado de São Paulo, na mais perfeita harmonia e solidariedade de civis e militares, sem lutas nem vozes discrepantes, não tem outros intuitos senão reintegrar o país na ordem legal e restituir aos brasileiros o gozo dos direitos e franquias que são o apanágio de nossa civilização.

Como a Ditadura se tenha incompatibilizado com esses ideais, quebrando os compromissos da Aliança Liberal e exercitando uma política indigna de um povo culto, que se desenvolve e prospera sob a cúpula da democracia constitucional representativa, cumpre reduzi-la e removê-la do posto em que pretende perpetuar-se e sobrepor seus próprios cômodos às aspirações da Nação.

Pelo que, o povo, a guarnição federal e a Força Pública de São Paulo, fraternizados com os civis e militares de Mato Grosso e em estreita cooperação com as correntes políticas e milícias do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e outros Estados, pedem se tranqüilizem seus compatriotas e anuncia-lhes que o movimento há de generalizar-se e prosseguir vitorioso com o duplo e fundamental intento de entregar o governo federal a uma junta que, dentro do prazo estritamente indispensável para o preparo e funcionamento da Assembléia Constituinte, leve o país ao regime constitucional, e de pôr em vigor imediatamente a Constituição de 24 de fevereiro de 1891, salvo nos tópicos atinentes ao poder legislativo e outros inconciliáveis com as necessárias prerrogativas do poder supremo, na situação efêmera em que nos achamos.

A Junta Governativa Nacional compor-se-á de cinco membros, um do Rio Grande do Sul, um de São Paulo, um de Minas Gerais, um do Distrito Federal e um do Norte; e elegerá dentre eles um para seu presidente.

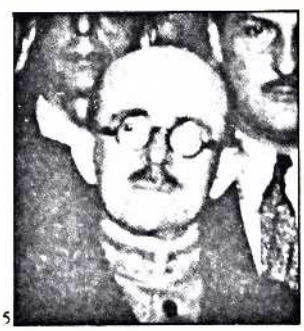
Tudo pela união, felicidade e grandeza do Brasil!

aa) Pedro de Toledo
General Isidoro Dias Lopes
General Klinger
Francisco Morato
A. de Pádua Sales

São Paulo, 12.7.1932."


3


4


5


6

O manifesto perdeu-se em meio à atoarda levantada pelo farto noticiário ditatorial, pelo esforço das políticas estaduais, todas alinhadas com Vargas uma vez aclarada a situação militar e positivado o fato de que o potencial militar e político do Rio Grande estava a favor e não contra o governo discricionário. Flores da Cunha empenhava-se a tal ponto no fornecer a Getúlio os meios com que esmagar os constitucionalistas que chegaria a mobilizar, armar e expedir contra São Paulo cinqüenta corpos de provisórios.

1. Borges de Medeiros.
2. Raul Pilla.
3. Pedro de Toledo.
4. Isidoro Dias Lopes.
5. Bertoldo Klinger.
6. Francisco Morato.

Organização do Estado revolucionado

● Rio de Janeiro: O Clube dos Tenentes lança proclama contra a Revolução Constitucionalista:

"O que o reacionarismo em armas pretendia era transformar de novo a nossa terra em uma grande senzala, submetendo pela força os que se opusessem à vontade da tirania restaurada. Em todo o nosso vasto território, porém, os elementos revolucionários se levantaram coesos, a fim de oferecer resistência à tentativa reacionária; assim — a nação disto pode estar certa —, dentro de poucos dias o movimento impatriótico dos paulistas decaídos estará completamente dominado".



A sorte está lançada...

13 de julho. O balanço do arsenal encontrado em São Paulo preocupa: poucas armas, munição quase nenhuma. É preciso comprar no exterior ou fabricar em casa. Uma comissão vai recolher dinheiro; outra, organizar o fabrico. Nenhum desânimo.

O povo freme ainda nas ruas, o alistamento de voluntários prossegue, arregimentam-se as mulheres, acirra-se a guerra de notícias e discursos pelas rádios.

A cidade de Cachoeira recebe as primeiras bombas dos aviões ditatoriais, que a visitam duas vezes na jornada. Na estrada de rodagem Rio—São Paulo, o encontro inaugural: cavalaria do 4.º RCD tem sua marcha obstada por um pelotão de infantaria da Força Pública paulista. É a guerra.

14 de julho: os governistas atacam o Túnel, desalojam os paulistas de algumas posições. Acorre, à pressa, o coronel Herculano de Carvalho com um BC da Força Pública. Posição dominada. Até o fim da campanha os constitucionalistas não serão expulsos do Túnel, afinal abandonado sob ameaça de envolvimento.

15 de julho: se algum movimento de enxadrista audaz e capaz pudesse mudar a situação prometida pelo tabuleiro político-militar, esse articulador seria Góis Monteiro. Gastando tal possibilidade, lançou manifesto pelo rádio e os jornais:

"Valorosos paulistas! Vinde conosco, os outros brasileiros! Eu vos unirei a todos, de novo; não consentirei que sejais humilhados, nem maltratados.

Mas desobedecei e não escuteis vossos dirigentes, que atiraram o Brasil à luta civil para satisfazer baixos apetites, exatamente quando ele precisava estar unido para agir prestigiosamente em favor da paz sul-americana". (Referia-se ao rompimento de relações diplomáticas entre a Argentina e o Uruguai, episódio menor e de brevíssima duração.)

João Neves, falando pela Frente Única rio-grandense e pelos constitucionalistas do Distrito Federal, pede ao comando militar paulista que se agüente pelo menos quinze dias no vale do Paraíba. Esse, afirmava, o tempo necessário para o Rio Grande mobilizar-se e transformar a situação. Pelo menos impedir que forças gaúchas, federais e estaduais, marchassem sobre São Paulo.

16 de julho: sobem a 20 000 os voluntários alistados; começa a organizar-se o fabrico de munições; busca-se articulação com o sul de Mato Grosso visando a comerciar, por ali, no exterior, à base do elevado estoque de café. O comando militar sente-se obrigado a manter inativos em seus quartéis de Itapetininga, Bauru e Ribeirão Preto batalhões inteiros da Força Pública, face às ameaças provindas do Rio Grande e de Minas Gerais. Um balanço do vale do Paraíba mostra as posições das forças prestes a engalfinhar-se:

Posições das forças:

Constitucionalistas:

1) Grosso: entre Cruzeiro e Cachoeira.

2) Sobre a rodovia RJ—SP: na linha Jataí—Areias, força mista infantaria-artilharia, em contato com o inimigo em São José do Barreiro.

3) Sobre a ferrovia EFCB: em Queluz, destacamento infantaria-artilharia, com avançadas em contato com o inimigo na área de Salto. Antenas de cavalaria vigiando pontes e passagens sobre o Paraíba em Palmeiras e Santana dos Tocos.

4) Flanco norte: cobertura da linha Piquete—Perequê até Passa Quatro, com destacamento artilharia-infantaria.

5) Litoral: Paraibuna, São Luís do Paraitinga e Cunha guarnecidas por destacamento infantaria-artilharia. Vigilância sobre a linha Caraguatatuba a Parati.

Governo Provisório:

1) Sobre a EFCB: concentrações em Barra Mansa e Barra do Piraí. Tropas movendo-se nas direções de Resende e de Baependi para Soledade. Um RI, com artilharia, em Floriano-Resende. Patrulhas alcançando Itatiaia e Salto.

2) Sobre a rodovia: um RI e um BC, sem artilharia, na região de Bananal-Alambari, com avançadas aproximando-se de Formoso.

3) Sul de Minas: concentrações em Lavras e em Soledade, com avançadas em São José do Picu e Itajubá.

4) Litoral: destacamentos da Marinha desembarcados em Mambucaba, Parati e Ubatuba.

Tanto por via marítima quanto rodoferroviária, afluência de tropas procedentes do Rio de Janeiro e de Minas Gerais.



3

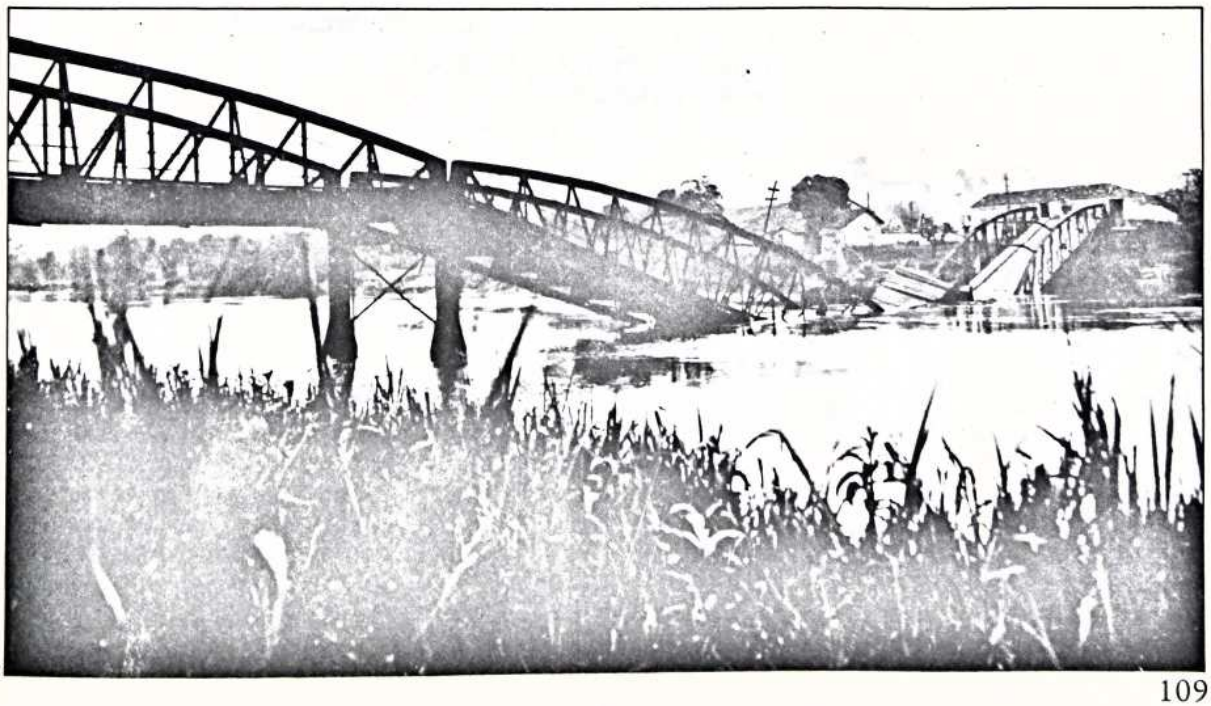
19 de julho: os constitucionalistas mato-grossenses de Campo Grande organizam-se em coluna e marcham para o oeste, atacando Bela Vista e visando as cidades-portos das costas fluviais fronteiriças.

Combate-se dentro de Minas Gerais. Destacamentos afoitos invadem o norte velho do Paraná, onde se diz haver contingentes civis e militares prontos para fazer causa comum com os paulistas.

21 de julho, Rio Grande: os frentistas gaúchos, desesperadamente erguidos em revolução de apoio a São Paulo, travam o seu primeiro combate, em Vacaria.

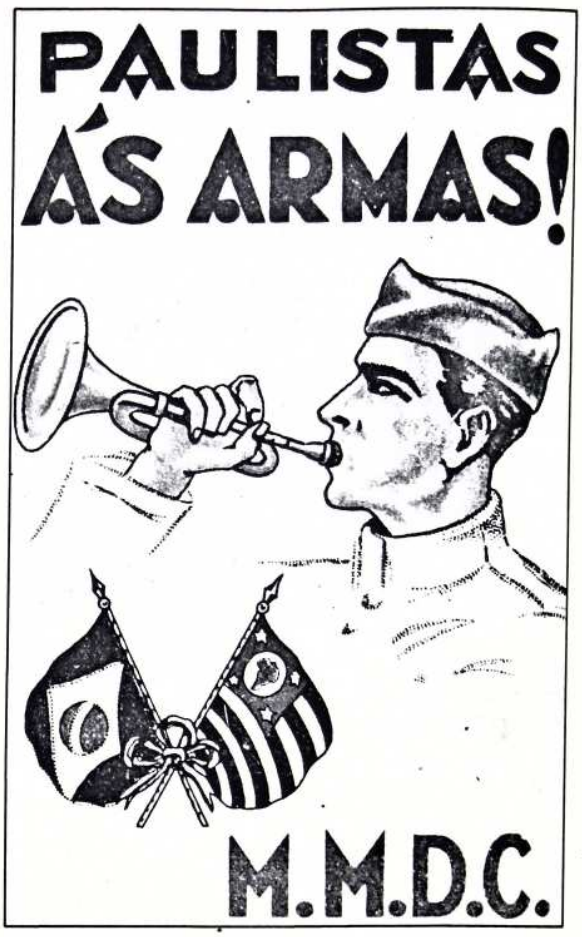
21 de julho, São Paulo: os estoques de cartuchos para fuzis e canhões aproximam-se do zero. Sobre todas as divisas posicionam-se tropas inimigas.

1. *Estação ferroviária de Engenheiro Neiva bombardeada por forças federais.*
2. *Ponte de Cachoeira destruída no mês de setembro pelas forças constitucionalistas em retirada.*
3. *QG governamental em Cruzeiro.*



2





Antes das bombas, manifestos

16 de julho: aviões paulistas, tripulados por civis, arriscam vôo sobre cidades mineiras, fluminenses e a do Rio de Janeiro, lançando, sem oposição de parte da força aérea governista, um manifesto no qual também era afirmado:

"Ao povo brasileiro..."

Sem ligações com os partidos políticos, simples cidadãos colocados em situação de observar os fatos com serenidade, vimos trazer ao povo brasileiro o nosso depoimento leal sobre os acontecimentos de São Paulo.

São Paulo não pegou em armas para combater os seus queridos irmãos dos outros Estados nem para praticar a loucura de separar-se do Brasil, mas unicamente para apressar a volta do País ao regime constitucional.

(...)

Enganam-se os que supõem que a atitude de São Paulo esconde propósitos separatistas e é obra de partidarismo político.

Podemos afiançar que é essencialmente nacionalista e sem o mais leve colorido partidário.

São Paulo, 14.7.32.

Dom Duarte Leopoldo, arcebispo metropolitano; monsenhor Gastão Liberal Pinto, vigário-geral de São Paulo; José Maria Whitaker, diretor do Banco Comercial de São Paulo; Francisco Pais Leme de Monlevade, diretor da Estrada de Ferro Sorocabana; Guilherme de Almeida, da Academia Brasileira de Letras; Cantídio de Moura Campos, diretor da Faculdade de Medicina; Costa Manso, presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo; Plínio Barreto, presidente do Instituto dos Advogados".

"Paulistas!"

Chegou a hora de enfrentar os nossos opressores. Dominados à traição, longos meses gastam para refazer as nossas energias. Mas hoje somos um só homem e uma só vontade. A cartada inútil que a ambição do coronel Rabelo está tentando contra nós será a última dos nossos adversários. Conosco estão o Exército Nacional, o verdadeiro Exército Nacional, no que tem de melhor e mais eficiente; a admirável Força Pública de São Paulo e povo todo do Brasil. Contra nós levanta-se apenas um mulambo de gente desprestigiada, que precisa e vai ser batida em toda linha. Por isso, cada paulista, de nascimento e de coração, tem o dever de tornar-se soldado. Não há o que possa desobrigá-lo desse dever porque o que está em jogo não é esta ou aquela região, mas a própria nacionalidade!

Paulista, arma-te e municia-te como puderes e vem para a praça pública!

Já há inúmeros batalhões de civis, comandados por oficiais, onde poderás inscrever-te. Não falta entre os teus conhecidos quem te indique o caminho do alistamento.

Quem não vier para a rua ficará desmoralizado como covarde perante o seu país, o seu Estado, os seus amigos, a sua família ou perante a própria consciência, se ninguém viesse a ter conhecimento da sua fuga.

Ninguém tem o direito de enxovalhar o nome que possui e que há de passar a outros. Quem não estiver pronto para lutar, suicide-se, que é melhor morrer assim do que morrer moralmente.

Paulista! Move-te, toma providências já e vem servir com os teus irmãos a terra onde dorme a tua Mãe, onde hão de dormir os teus filhos!

Às armas por São Paulo, o que quer dizer: às armas PELO BRASIL!"

Quem ou o que fez deflagrar a Revolução

A questão resultou em muito discutir. Não poucos críticos inculparam o general Klinger em razão do seu polêmico pronunciamento contra a nomeação do ministro Espírito Santo Cardoso. Pelos meados de agosto, quando a propaganda ditatorial convidava empenhadamente os soldados constitucionalistas a não arriscarem a vida em defesa dos caprichos de um homem — Klinger — e pela temeridade de outro que pela terceira vez ensangüentava São Paulo — Isidoro Dias Lopes —, este fez expedir, no dia 17, o seguinte rádio:

"General Góis Monteiro, onde se achar,

É um grande erro, se não má fé, quererdes responsabilizar pelo movimento constitucionalista de São Paulo e Mato Grosso esta ou aquela pessoa.

Não há em São Paulo, nem no Brasil, nem em qualquer parte do mundo, chefe político ou militar com a força capaz de deflagrar, com tão maravilhosa unanimidade, uma revolução como esta. Ninguém, do mesmo modo, poderia evitá-la, sem a remoção das causas que a geraram. Só cegos, ou interessados, ou coagidos e prisioneiros de grupos delirantemente facciosos, não enxergam que só a suprema defesa do patrimônio material e moral de um povo tem o poder de congregar todos os corpos docentes e discentes das escolas e das academias, todas as instituições beneficentes, artísticas e científicas, todo o comércio, toda a indústria, toda a lavoura, todos os lares, toda a população, enfim, com tanto entusiasmo, tanta abnegação, tão pronunciado espírito de sacrifício.

Não foi São Paulo que preferiu ouvir estes ou aqueles chefes políticos, mas sim foram estes que ouviram aquele. Toda uma população espezinhada, ludibriada, humilhada, explorada e saqueada em suas riquezas, fruto da mais extraordinária capacidade de trabalho fecundo, onímodo, inteligente e sábio; toda essa população é que chamou e impôs aos seus homens mais representativos a conduta a seguir: reagir ou morrer.

Se aqueles chefes políticos, se os homens mais representativos de São Paulo não estivessem à altura da situação e não obedecessem aos desejos e vontade de todo um povo, seriam fatalmente depostos e chefes novos surgiriam.

Felizmente a comunhão foi perfeita, não havendo divisão alguma a não ser entre dirigentes e dirigidos, orientadas a política e a administração sem discrepância no sentido da vitória da Causa Sagrada Comum de São Paulo pelo Brasil.

Assim também São Paulo não deixou de escutar vossas palavras de coagido para ouvir a mim: eu, sim, fui que ouvi São Paulo e dei à Justiça de sua causa o concurso desvalioso da minha adesão e solidariedade.

Não ensangüentei São Paulo pela terceira vez nem tinha nem tenho poder para tanto. Se há quem seja responsável pela anarquia do Exército, pela dissolução da Pátria e pela guerra civil é o Ditador ou o 'soviete' que o governa e que também vos tem prisioneiro".

● "PAULISTAS!
A Liga Paulista Pró-Constituinte, órgão da mocidade bandeirante, lança um apelo sincero e cheio de amor às mães paulistas para que autorizem seus filhos a se empenharem na campanha pela defesa da honra de São Paulo."



General Pedro Aurélio de Góis Monteiro.



1



2



3

Organizações de apoio

A comunidade revolucionária dispôs de apenas horas para organizar-se e conduzir a guerra. Fê-lo, primorosamente, no campo militar e no cívil.

Além do fabrico de armas e de munições, da inventividade posta a serviço da criação de armas especiais e de adaptações de algumas convencionais, dos muitos trabalhos cumpridos pelo MMDC, pelo SATO, voltou-se com empenho para o atendimento aos soldados feridos, em trânsito, traumatizados, e para suprir o meio civil que fornecera entre 35 000 e 40 000 voluntários tirados ao comércio, à indústria, ao campo, à sala de aula, a todos os setores, enfim, da vida paulista.

A Campanha do Ouro para o Bem de São Paulo recolheu metal precioso destinado a cobrir a carência do tesouro do Estado, embora, ao fim da luta, o expressivo saldo fosse entregue à Santa Casa de Misericórdia.

A Assistência a Viúvas e Órfãos atendeu não só aos dependentes de soldados feridos ou mortos, mas a todas as pessoas incluídas naquelas condições de dependência.

A Cruzada Pró-Infância voltou-se para o setor específico com redobrado empenho, conseguindo que, estranhamente, naqueles meses de guerra, os problemas com e da infância fossem menores, em número de casos e em gravidade, do que em tempos normais.

A Organização Feminina ocupou-se com serviços auxiliares especiais. A Seção de Costura supriu as tropas em campanha, exatamente em estação fria.

A Liga das Senhoras Católicas agasalhou, alimentou e acomodou necessidades de mais de 100 000 pessoas, atendidas por 1 625 senhoras. Estas serviram, no período, 180 000 refeições, confeccionaram 80 000 peças de fardamento e 60 000 compressas, tampões e ataduras para o serviço médico em campanha.

A Casa do Soldado, em bairros da capital e em quase todas as cidades do interior, recebia e atendia soldados em trânsito, convocados e seus familiares, se necessitados. Tinha à disposição dos lutadores comida fornecida pela população a cada dia; roupas, também confeccionadas pelos agrupamentos femininos da cidade; atendimento médico.

Outros grupos femininos atuaram em áreas específicas. Assim, a Federação Internacional Feminina aderiu aos serviços de saúde e localização de extraviados; as Salas de Costura do Rotary Club serviram no suprimento de agasalhos para inverno e reposição de peças.



4

Minha terra, pobre terra

Ibrahim Nobre

És Paulista? Ah! Então tu me compreendes! Trazes como eu o luto em tua alma e lágrimas de fel no coração. Ferve em teu peito a cólera sagrada, de quem recebe em face a bofetada, o insulto, a vilania, a humilhação.

Minha voz, que entre cóleras se alteia, é tua dor também. Minha voz é murmúrio, é marulho, é o eco pobre, de sete milhões de angústias indormidas, de sete milhões de ódios despertados, através do pudor de todos nós.

A cruz de Anchieta, a cruz que o taumaturgo há 378 anos erigiu, sobre o amplo araxá, dominando a rechã, a várzea, o rio, essa cruz floresceu num milagre de Fé. E o caminheiro que vinha da distância, o pioneiro curtido do sertão, a mesnada que vinha da aventura, o viajor que ia de jornada, vendo-lhe ao longe o seu perfil cristão, sabia que sua sombra era a pousada, era o abraço materno, era a rede, o cauim, o lume, o pão.

Essa cruz floresceu num milagre de Fé!

Em torno dela, se esboçou a primeira viela, esta betesga, essa rua, aquela praça. Pôs-se em pé a primeira taipa. As cercas de guarantã se embastiram, com pastadas azuis de corriolas. E depois, o claro rebanho das casas, a sorrir nas manhãs aprilinas a candidez de sua cal, e a diluir-se, nas tardes desmaiadas, sob a retícula branda das garoas.

Fogos de minha Terra! Lume da Lareira Paulista! Em torno de ti, ao lucilar das tuas fagulhas, ao anseio ascendente da tua flama, na terra estreme, sob a telha vã, quanta hora fluiu plácida e mansa, quanta hora de límpida esperança, quanta dor de mulher, de mãe, de esposa, chorando à espera de alguém que se alongara adentro pelo Sertão e que em busca da fortuna ia encontrar a Morte, e ao encalço da sorte fundia uma Nação!

Lume de minha Terra! Em tua vigília, fez-se o calor, a célula, o altar. Presidiste os destinos da Família. — Foste a glória do Pão ganho com Honra. — Marcaste o nome, a propriedade, o Lar! Em torno de ti, lume de minha Terra, ao teu Lampejo, através da Sheherazade das Bandeiras, do "era uma vez" de todas as histórias, em torno de ti a alma das mulheres, os olhos das crianças, a bênção dos velhos acompanharam, comovidamente, a arrancada ruidosa do Raposo, mergulhando as raízes da sua Raça e o ferro rude e rubro da sua força, pelos rios, pelas terras, pelo mar! E choraram a agonia de Pais Leme, vendo-o morrer sozinho no deserto. — O corpo em febre. — O gibão desfeito. — As mãos enclavinhando junto ao peito, a escarcela sonora de esmeraldas! Pelos serões românticos e largos, esvoejaram sombras, episódios, toda a legenda de paixões e ódios no entrechoque dos Pires e Camargos. E a figura do padre Belchior, numa história de amor, dorida, imensa, punha um lírio de Fé em cada crença, e em cada Lágrima, uma Fé melhor.

Que ronda de evocações vem do Passado! E desgarra, e levita, brandamente flutua, chorando em cada pedra, em cada rua, o lume extinto! O solo desonrado!

Terra Paulista! Da tua carne massapé e honesta, do teu ventre de Mãe, fecundo e são, veio a alma que realizou a nacionalidade, imprimindo-lhe o sentido da Independência, e os rumos católicos da Civilização. De ti proveio o homem que defrontou a natureza peito a peito e que a venceu e a dominou a facão e a fé!

Tu deste geografia ao Brasil. Essa terra toda, que aí se estende, e se esparrama e se perde por esse mundo grande de Deus, tudo isso tem os seus limites demarcados, não apenas pelos rios que se vadearam, pelas grimpas transpostas, pelas florestas vencidas! Mas sobretudo pelas sepulturas dos teus filhos, minha Terra!

Balizas! Picadas! Paulistas, Paulistas, Paulistas!

Foi sob teu céu, sob os farrapos das tuas neblinas, ao amplo oxigênio dos teus sóis, que a América Brasileira fundiu entre fráguas os seus ciclos maiores e respirou, entre afirmações, as suas liberdades primeiras. Em ti, minha Terra, palpitaram todas as potências da nossa formação.

Filhos de outras Províncias abalaram-se das distâncias, deixaram querências e pagos, largaram sítios e cidades, e vieram buscar em ti, haurir em ti, na tua Academia, os rumos decisivos do seu próprio destino.

Junto à ara das Cátedras, adejaram revoadas e revoadas de gerações. Pelos pátios, e salas, e arcadas, e bancos, não zumbiram apenas as abelhas douradas da juventude; nem somente freteniram as sonoras cigarras da poesia! Ali viveram também, ali ficaram, para sempre, numa comovida ressonância, fervores e emulações, silenciosos heroísmos de estudantes pobres, pensamentos dos Lares, deixados lá longe, saudades das terras, de outras paisagens, e rezas, e anseios de Mães que ficaram, chorando, chamando, esperando seus filhos...

Ah! Se o Brasil quisesse escutar a própria Alma! Bastava-lhe ajustar o ouvido ao coração da Academia! E escutar! E sentir! São os passos do Passado que perpassam, num frêmito de sonhos que reflui. É o reviver de todas as fanfarras. Claro eco de todas as patrulhas! É Castro Alves que clarina! É Rui!

E o Brasil com certeza sentiria, nesse nobre revôo salutar, que sua Alma ficou na Academia, como "dentro de um búzio ficaria, a memória do Mar".

Minha Terra! Minha pobre Terra! Alma desfeita dessa mesma Brasilidade, a que deste, numa permanente renúncia, as mãos, o ouro, o sangue!

Tu foste o filho abençoado,
O amigo certo,
O melhor irmão!
Foste para o Brasil em todas as suas Horas,
O Clarim! A Clareira! O Clarão!

No entanto, do Norte, do Sul, de toda a parte, os homens se levantaram, para a luta! Pelo Brasil! Por uma Pátria melhor! Por dias mais claros? Não!

Foi contra ti, São Paulo! Era o velho lêvedo adormecido de ódio de tribo contra tribo. Era o fatalismo de sombrias anamneses de raças e de tabas.

Razões gástricas eram!

Fizeram da Nacionalidade um pretexto e invadiram-te. Fizeram da liberdade um rótulo e humilharam-te. — Fizeram de Itararé uma gazua e desfizeram-te.

Que dolorosa a tua provação! Se ontem era a Bastilha, hoje é a senzala! Se ontem era a algema, hoje é o rebenque. Se ontem seria a desgraça, hoje é o crime.

Não foi o companheiro que viesse dar-nos a mão para a liberdade comum!

Foi a aventura duma vitória sem luta, que nos acorrentou depois, à quadriga de César.

E dizem-se nossos Irmãos! Ramada da mesma cepa! Projeção do mesmo plasma! Mentira! Mãos fratricidas, sim! Torvas mãos de unhas compridas, mãos rapaces, fementidas, que apunhalam por detrás! Mãos que romperam numa insânia torpe, inútil, toda a túnica inconsútil dos destinos nacionais.

E não houve razão, não houve sentimento, barreira alguma, não houve que lhes empecesse a avançada.

A avançada?! O avanço! Que tudo eram apetites.

Nada valeu. Nem o Passado pela História. — Nem o pensamento pela língua. Nem a religião pelo mesmo Deus! Nem os destinos pela mesma Dor! Que tudo eram estômagos.

Essa bandeira que aí se levantou ao topo de todas as piratarias não é a flâmula saudável e esventolante das reconquistas. É o trapo vermelho dos leiloeiros! Aí não se inscreveram Liberdades. — Bordaram-se martelos.

E ao seu drapejar dentro de balcões improvisados, traduzindo em almoeda a dignidade de um povo e o suor duma gente, ainda se ouvem os pregões da outubrada: — Quanto me dão por São Paulo? Quanto me dão?

És Paulista? Então tu bem escutas esse fundo clamor, sísmico, enorme, esse estertor, esse gemer, esse lamento, rasgando túmulos, eventrando a terra, até os seus mais imos penetrais! São soluços das cinzas agitadas! O espírito das tumbas estremece! A voz dos nossos mortos se alevanta!

Desfaça-se uma hóstia! Deus permanece uno, indivisível em cada radiúnica partícula. — Assim, não se desfaz a vida, ao abraço molecular da transformação.

A terra que foi carne, mantém em cada átomo, em cada grânulo, a unidade cósmica.

Na arca descarnada desse peito, essa pouca de poeira, é a síntese de um desdobramento! Nela palpita o coração de outrora, sacudido pelo mesmo turbilhão.

A voz dos nossos Mortos se alevanta! Em cada crânio, em cada arcabouço já desfeito, em cada tíbia que branqueja, há uma inúbia ululando a voz mais alta, o clamor pontiagudo e apunhalante, apelidando nossa alma para a Causa, conclamando a nossa Honra para a luta.

Águas do meu Tietê! Alma sonora e heráldica do rio, que embalou a Cidade e a assistiu, honestamente pela vida afora.

Águas fiéis! Águas úteis! Águas boas! Sagradas do Anhembi!

Ah! o balouço, o ritmo das proas, a audácia deslizante das canoas, que passaram por ti.

Águas do meu Tietê! Na inquietação dos remoinhos e das ânsias turvas, passam, bracejam, perdem-se nas curvas...

Que destino tuas águas levarão?

Que aléns, e que azuis, e que terras estranhas, irá ver, espelhar o meu Tietê assim?

Ei-lo acolá serpeando ao sopé das montanhas! Ei-lo afundando além na floresta sem fim!

A alma de outrora, a alma idealista, soube te compreender a clara sugestão. — Parecias dizer: — Vem comigo oh! Paulista, que eu te ensinarei os rumos da conquista, os mistérios dourados do Sertão.

E foste o Companheiro! O Picadão aberto, para a Monção, para a Entrada, para a vida! Tu não passaste não, tu ficaste por certo, a clamar, a chorar, bem conosco, bem perto, esta voz, esta dor, de uma terra vencida:

"Meu São Paulo! O Irmão inimigo, ultrajou o teu nome e o teu lar! Que a tua alma estremeça comigo! Redimir! Refazer! Libertar!

Nossa terra era justa, era boa! O inimigo, fingindo-se irmão, invadiu-a, desfê-la, lesou-a, reduziu-a a senzala, e prisão.

Não há crime! Abençoada que seja toda a ação que se opõe ao labéu!

Nosso sangue ao cair na peleja se transforma em estrelas, no céu!

E que importa morrer! Que nos valha, a consciência dum justo porvir! É mister rechaçar a canalha: Redimir! Redimir! Redimir!

Não perdoar! E que nunca se apague, nossa jura de fé e de exemplo.

Como Cristo correr a azorrague, os ladrões salteadores do Templo.

— É preciso lutar! E eles contem, num transido e profundo arrepio, tal os velhos Paulistas de ontem, os Paulistas de hoje têm brio.

É a voz do Passado que geme, voz dos Mortos, dos Santos no altar!

É a voz de Anchieta e Pais Leme! — Redimir! Refazer! Libertar!

Dor! Nobre centelha prometida. — Plasma. — Essência. — Raiz!

Tu és a força, a inspiração, a idéia! A história de cada cicatriz.

Tu deste ao Homem a primeira ventura. — Foste o primeiro pecado. As forças iniciais. — E desde o Berço até a Sepultura, tu foste a Companheira, a Certa, a Só, a Pura! e não no abandonaste, nunca mais!

Tu és o eco, a eterna ressonância, da última voz de Deus que Adão ouviu.

Tu presidiste a todos os Destinos. Inspiraste o ritmo universal das coisas, a razão Cósmica do Amor!

Em cada berço esparziste uma anêmona tua; ungiste de paz o perdão dos sudários!

Foste o Ararat de todos os Dilúvios! o Horeb de todas as sedes! A clara Redenção de todos os Calvários.

És o hormônio, o equilíbrio, a proporção. Só tu constróis. — Os homens levantaram sobre os ângulos das tuas fráguas, na Terra, pelo espaço, sobre as águas, a Vida, a Glória, a Arte, a Religião.

Tuas mãos samaritanas, oh! Dor! também, redimirão minha Terra!

Pelos imperativos do Sangue!
Pelo milagre da Ressurreição!
Pelas bênçãos do Ódio!

Mães Paulistas, Ensinai aos vossos Filhos, que o sangue nada vale pelo que corre, humanamente, nas veias, mas pelo que palpita divinamente no Coração! Que filhos que vêm da honra, morrem com honra, pela Honra!

Esposas e noivas de minha Terra! Afirmai aos vossos maridos, aos vossos prometidos, que o Amor não se prova pelo que obtém, mas pelo que denuncia!

Que não há Lar Livre, em terra escrava!

Meus Patrícios!

Olhai! Lá fora estão passando os funerais da nossa geração e do nosso pudor!

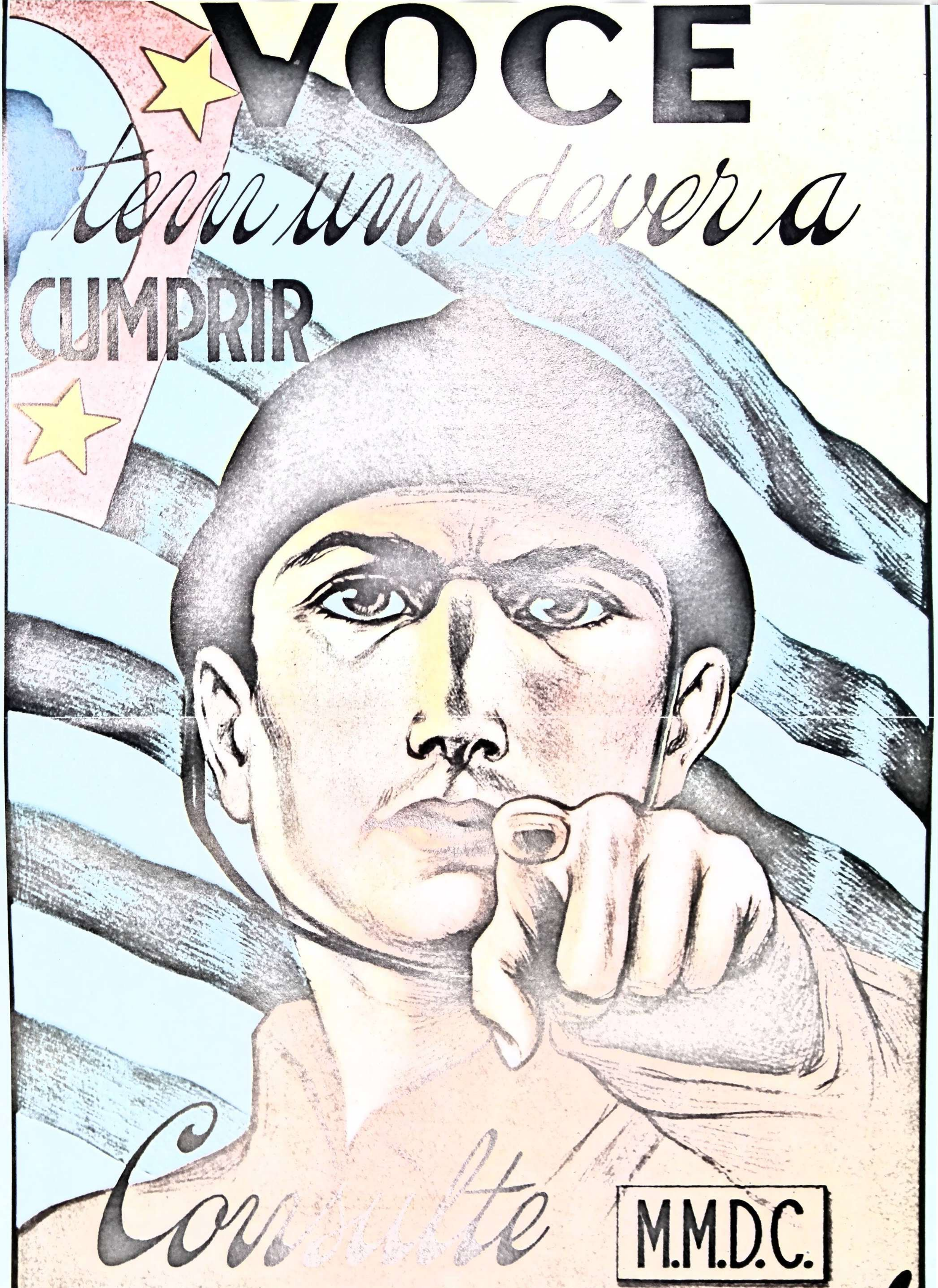
E então Homens?

(A Gazeta, 25 de janeiro de 1932.)

VOCE

tem um dever a

CUMPRIR



Cumprir

M.M.D.C.


Matto: Grosso
Minas Geraes
Estado de São Paulo
Estado do Rio de Janeiro
Tropicus capricorni:
Ella he a carta
verdadeira da revolução
q: houve no Estado de
São Paulo no anno
de mcmxxxii
Paraná:
Mare oceanus atl
J.W.R.



5

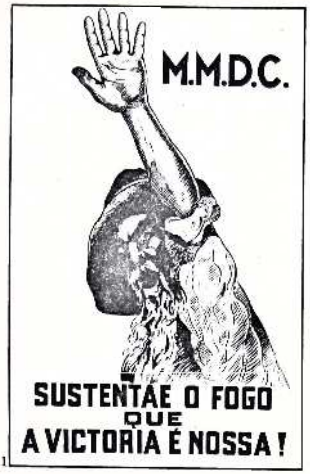


6

1. *Campanha Ouro para o Bem de São Paulo: posto de propaganda montado no centro da capital.*
2 e 3. *Cartazes da Campanha do Ouro.*
4. *Cartaz da Assistência a Viúvas e Órfãos.*
5. *Ilustração de Belmonte referente à Campanha do Ouro.*
6. *Jovens distribuem lanches para os soldados paulistas que partem para a frente.*
7. *Costurando fardamento.*



7



1

Nas cidades do interior

O MMDC cuidava de que a vida das cidades prosseguisse normal o quanto possível. Sirva de exemplo a relação de serviços mantidos na cidade de São Manuel, conforme o "Cadastro dos Serviços Auxiliares de Guerra em São Manuel durante o Movimento Constitucionalista de 1932", relatório de Oscar Correa Júnior:

Comissão Central, integrada pelas mais altas autoridades;
Comissão Pró-Soldado no Front;
Comissão de Auxílio às Famílias dos Voluntários;
Comissão de Vigilância Sanitária;
Comissão de Embarques, Entregas, etc.;
Comissão para Angariar e Confeccionar Agasalhos;
Comissão de Alimentação Pública e Verificação de Combustíveis;
Comissão de Estatística das Indústrias.

Donativos de cabritos deveriam ser entregues no Matadouro Municipal; de frangos, na estação ferroviária; de bois, em propriedades de cidadãos designados.

Em Jaú, não foi muito diferente: de relatório a respeito, apreende-se que:

"A população inteira se mobilizou, disposta a dar seu decidido apoio à causa nacional. Logo de início formou-se a Comissão Municipal de Alistamento... várias comissões foram criadas para diferentes fins... Rapazes das mais distintas famílias, a fina flor da juventude jauense, entre os quais muitos médicos e advogados, foram os primeiros a atender ao apelo, arrastando centenas de outros às fileiras dos soldados da lei.

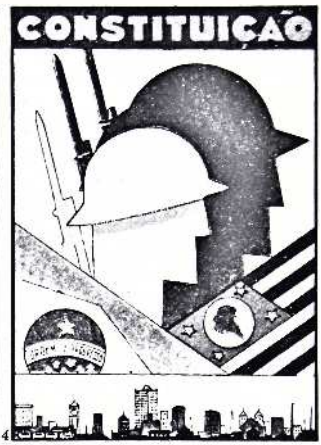
Não se perdeu tempo em organizar o Batalhão Jauense (...) e o Ginásio Municipal. Neste estabelecimento de ensino, dirigido por distintos sacerdotes da Ordem Premonstratense, ficou definitivamente instalado o quartel. (...) No dia 21 de julho, embarcou para São Paulo a primeira leva de combatentes jauenses, composta de reservistas de 1.ª e 2.ª categorias, com um total de 202 homens. A saída desses núcleos não prejudicou a organização do Batalhão Jauense, que já formou duas companhias (...) o fardamento foi todo confeccionado aqui mesmo, tendo a colônia sírio-libanesa oferecido o pano,



2



3



4



5

encarregando-se dos trabalhos de costura todos os alfaiates da terra e centenas de senhoras e senhoritas da sociedade local. A 1.ª Companhia, com 160 soldados, sob o comando do capitão Ascânio Martins Soares (voluntário), já seguiu para Botucatu com o competente corpo de saúde e cozinha e ali está à espera de ordem. A 2.ª Companhia, com cem homens, está em véspera de partida para o mesmo ponto de concentração.

Criou-se a Caixa do Batalhão, destinada a prover as necessidades do mesmo e a prestar assistência às famílias dos voluntários. Já foram subscritos mais de 80 contos de réis, havendo donativos desde 10 contos de réis até pequenas contribuições de poucos mil-réis. A Comissão de Abastecimento (. . .) tem também desenvolvido grandes esforços. São valiosos os donativos em espécie já angariados (. . .) em bois, porcos, cabritos, galinhas e cereais. A Intendência Civil, auxiliada por distintas senhoritas, que tem a cargo superintender os serviços de confecção de fardamentos, já desenvolveu grande atividade. Graças à sua ação, os soldados jauenses são postos rapidamente em forma, não lhes faltando bons calçados nem polainas.

Há mais de quinze dias está em pleno funcionamento a Milícia Urbana, para o policiamento noturno da cidade e fiscalização das estradas. Alistaram-se na milícia 140 cidadãos, grande parte estrangeiros e muitos brasileiros de idade inábil para o serviço da guerra.

Com a partida de mais de quatrocentos voluntários jauenses para várias frentes de luta, resolveu-se criar o Correio Militar para facilidade de correspondência entre os combatentes e suas famílias.

Merece um registro especial a nobre atitude da mulher jauense neste grande momento da vida paulista. Senhoras e senhoritas de todas as classes sociais têm dado as mais belas demonstrações de civismo e de sua fé na vitória da cruzada constitucionalista.

Jaú já tem também o seu excelente campo de aviação, construído em 48 horas.

Todas as colônias estrangeiras domiciliadas em Jaú têm dado franco apoio às iniciativas que surgem não só prestando serviços individuais de vária natureza, como contribuindo com valiosos donativos em dinheiro e em espécie. É grande o número de voluntários filhos de estrangeiros".

1. Cartaz do MMDC *com a frase "bordão" do movimento revolucionário.*
2. Casa do Soldado, na Rua Barão de Itapetininga.
3, 4 e 5. Cartões-postais do Correio Militar.



O SATO, quase a perfeição

Era preciso fazer chegar com pontualidade às linhas de fogo o que a retaguarda produzia. Essa foi a tarefa do SATO — Serviço de Abastecimento das Tropas em Operações, complementada no seu funcionar pela Superintendência Geral dos Transportes e pelo Quartel-General dos Motoristas.

O SATO, dirigido por Horácio Rodrigues e técnicos voluntários em setores específicos, realizou prodígios de logística. A munição produzida na capital *tinha* que chegar, pois jamais havia suprimento para além de uma ou, no máximo, duas jornadas de combate. Não aprovisionar, dia a dia, hora a hora, era deixar faltar o cartucho no fuzil. Algumas trincheiras foram perdidas por esse tipo de carência.

O Correio Militar... funcionava

Tão importante quanto a chegada da munição era a distribuição da correspondência. O Correio Militar Constituição, organizado, como tudo na Revolução, à pressa e à base da boa vontade, funcionou. Até demais: há, por exemplo, um aviso do chefe desse serviço, Prudente de Morais Neto: "...não mais receberá para a remessa aos soldados em operações (...) doces ou salgados em virtude de alterações de saúde produzidas nos seus destinatários..." Já se vê o efeito pouco marcial daquele doce amorosamente feito em casa e que levava dias para chegar à trincheira. Às vezes, tirava o soldado da sua posição com mais urgência do que a metralha inimiga.

Houve recolhe em todas as cidades, eficiência no trânsito, entrega em todas as frentes.

No Rio de Janeiro:

"Os estudantes da Escola Nacional de Belas-Artes, porém, recusaram-se a tomar a sério aquela cerimônia (comício pró-Vargas diante da sua escola) e, munidos de alto-falantes, interrompiam a cada momento as hipérboles e objurgatórias dos oradores, com exclamações como estas: "Viva São Paulo! Viva o general Klinger!"

No Rio Grande, a Frente Única, desertada por Flores da Cunha,



• DA "HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO":

"É justo ressaltar, na parte da mobilização para a campanha de São Paulo, o esforço do povo e das indústrias, para, em prazo considerado impossível, realizar, na maioria das vezes, improvisando, linhas de produção de uniformes, equipamentos, capacetes, munições — embora muito aquém das necessidades —, armamento, granadas, morteiros, máscaras contra gases, munição de artilharia e as célebres bombardas; produzindo veículos blindados, instrumentos óticos, material de saúde e ainda suprimentos — víveres e rações — em condições de se manterem em conservação por longos períodos, inclusive, refeições das atuais rações R-2."

cumpre o seu compromisso, quixotescamente, gauchescamente, pelo brio pessoal de Borges de Medeiros, Raul Pilla, Fontoura, Collor, Luzardo e alguns outros. Saem a campo, em operações de guerrilhas que pelo menos vão retardar a subida de tropas estaduais destinadas a combater os constitucionalistas de São Paulo. Só a 20 de setembro, aprisionado o velho Borges, acaba a guerrilha constitucionalista da Frente Única gaúcha.

Ao redor do Estado de São Paulo e em alguns pontos do sul de Mato Grosso defrontam-se os mais avultados contingentes jamais mobilizados, e por tanto tempo, no Brasil.

Em Mato Grosso:

Ao deixar Campo Grande, o general Bertoldo Klinger traria claramente descortinado o quadro da situação. Nem mesmo as guarnições todas da sua circunscrição dispõem-se a acompanhá-lo. Terá por si algumas unidades federais, outras policiais e o entusiasmo civil dos sul-mato-grossenses que esperam alcançar, por prêmio da vitória, a realização do projeto secularmente acarinhado: a criação do Estado de Mato Grosso do Sul.

Proclamaram-no por antecipação. De partida, Klinger nomeia o médico e político Vespasiano Martins governador da área revolucionada. Surge um *Diário Oficial* para o "novo" Estado, diário que na edição de 28 de julho publica manifesto do governador Martins:

"São Paulo levantou, mato-grossenses, o lábaro da guerra para salvar o Brasil. Nenhum mato-grossense válido pode fugir à luta redentora. Tivemos campanhas políticas memoráveis, revoluções por nobres ideais. Nenhuma, porém, teve a magnitude, a nobreza, o ideal alevantado como esta — buscando extinguir um governo sem lei, para dar ao povo a sua Constituição, a sua Lei sagrada.

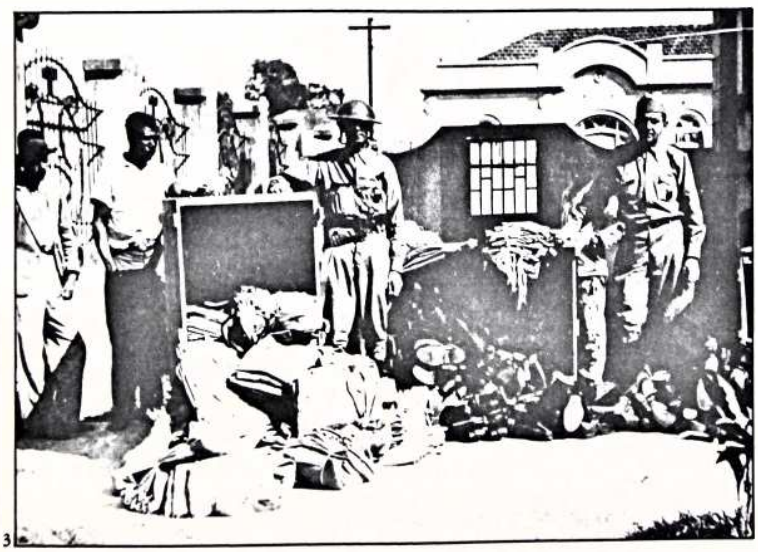
(. . .)

Meus concidadãos mato-grossenses! Nestes dias históricos é esta a palavra de ordem — às armas!

Pela continuidade de nossa Pátria! Pela unidade do Brasil!

Pela guarda do nosso patrimônio moral! Pela segurança dos destinos de nossa nacionalidade!

O coração, a vida, pela salvação do Brasil!"



3

Aos Estudantes :

Não compres o Correio da Manhã. Não alimentes o inimigo do Brasil. Concepue que teu Pae, teu irmão, teu amigo não anuncie nesse pasquim. Pase contra ele a mesma campanha de Grandi e terás feito um grande serviço ao Brasil.

Não permitas que te entre em casa o Correio da Manhã. Lembra-te que as milhares de teus irmãos faz falta o nickel de duzentos reis com que enriqueces o grande caften da opinião nacional. Rompe relações com quem o ler.

Não compres bilhetes da LOTERIA NACIONAL. Não queimes as mãos com esse papel infecto. Judas vendeu o Nazareno por trinta dinheiros. O Judas do Rio Grande vendeu S. Paulo pelo contracto das loterias.

A victoria de S.Paulo é infalivel. Todo o Brasil consciente está com ele. Não espalhes boatos. Não esmoreças. Não discutas. Desdenha os boatos terroristas da Ditadura. O Comité Revolucionario no Rio está ao teu lado. Está a teu lado a Marinha Nacional, que ainda não se prostituiu aos ambiciosos tenentes. Espera e confia.

O COMITÉ CENTRAL REVOLUCIONARIO.

Copie e distribua.

4

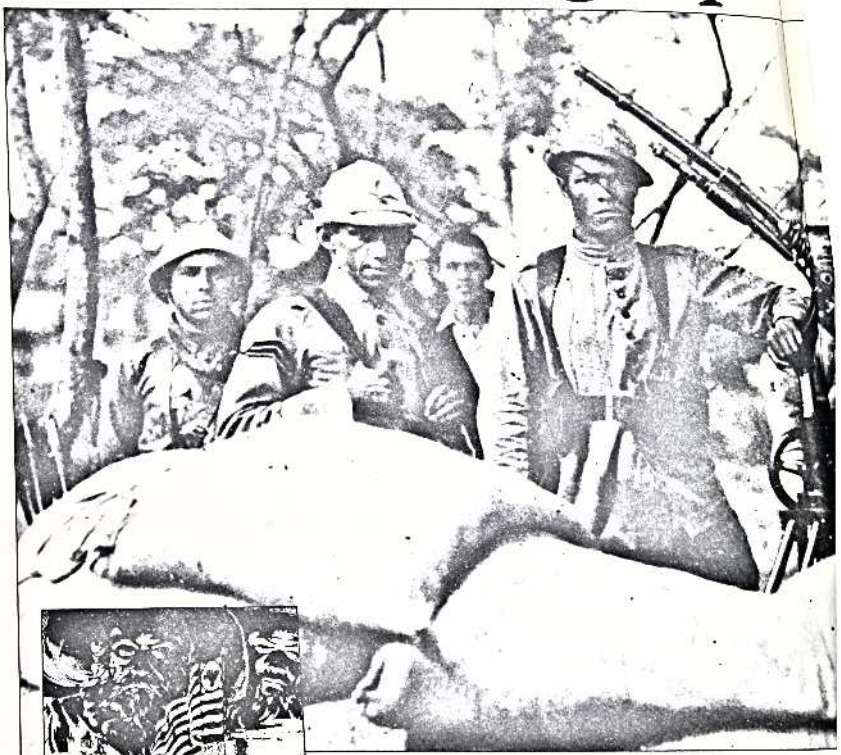
● Da "História do Exército Brasileiro":

"Também extraordinária a reação de mobilização dos governistas. Em menos de duas semanas o governo conduzia, organizadamente, a mobilização de pessoal — parcial — e material, operando, também com firmeza e decisão, o isolamento revolucionário".

1. Mandando notícias para casa.
2. Serviço de abastecimento de tropas na na Frente de Cruzeiro.
3. Em Cruzeiro, depósito de fardamento para o soldado constitucionalista.
4. Panfleto distribuído no Rio de Janeiro.

Capítulo 5

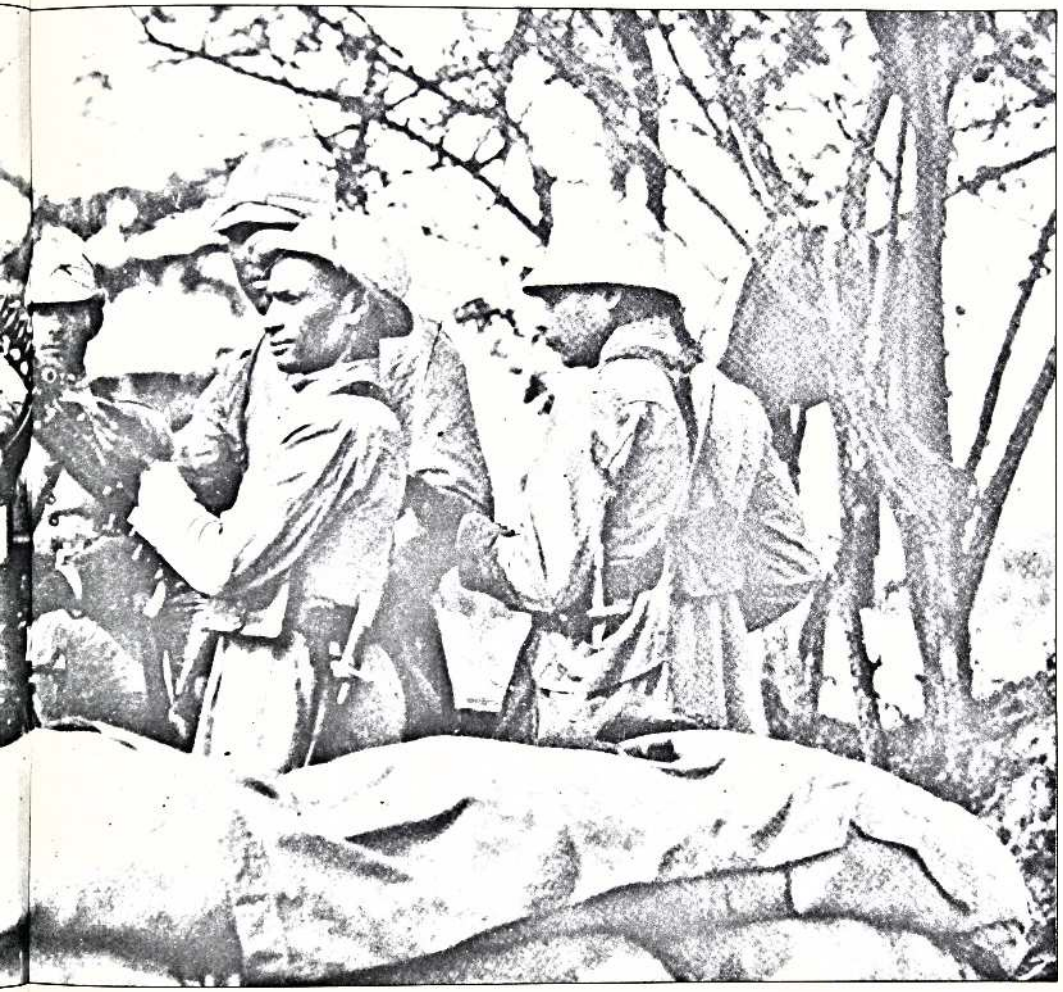
"Sustentai o fogo que





"...Cunha dormia (...) o seu sonho de dois séculos (...) De repente, um estrépito brusco sacode o eco das quebradas. (...) Roda estourando, estirando-se, espirolando por encostas e declives, por vales e lombadas, a 'Big Parade' dos caminhões pesados de gente em cáqui

e a vitória é nossa!"



Ninho de metralhadora antiaérea. Ilustração de Belmonte.

(. . .) asas furiosas de aviões crepitam no ar timpânico da serra; metralhadoras tagarelam no front. . ."

(O cronista da 2.ª Companhia do 1.º Batalhão da Liga da Defesa Paulista, Guilherme de Almeida.)

As forças em combate

• O duro aprendizado dos voluntários. Tirados à vida civil, queriam-nos transformados em excelentes soldados em 48/72 horas. Nem sempre e nem todos tiveram adaptação satisfatória. Reconheceu-o o coronel Figueiredo: "...o desenrolar dos acontecimentos, a premência das ocasiões difíceis, não permitiam o conveniente adestramento dos jovens combatentes. Assim, o contingente que entrava na véspera de certo dia, logo no dia imediato, às vezes à noite mesmo, ou, no máximo, 48 horas depois, era levado ao sacrifício da luta".

Por isso, aconteciam coisas... "chegam voluntários de Itapetininga, sem nunca terem manejado um fuzil, ou sequer ouvido um bombardeio, e logo eram mandados para as trincheiras, que ninguém sabia onde eram. É triste ter um batismo de fogo assim. Soldados mal chegados eram logo confundidos no caos tumultuoso de Buri. Voluntários do Floriano Peixoto atiraram nos do Marcílio Franco, sem saber. Este perde uma boa parte dos seus homens, e aquele é quase todo aprisionado". (Voluntário S. A. Pinto.)



1

Exército Constitucionalista

Não será fixado com precisão o efetivo constitucionalista. Ellis Júnior insiste em que o voluntariado chegou a 200 000 homens. O coronel Herculano afirma que o maior número, em armas, esteve abaixo de 30 000. O general Manuel Rabelo, chefe inimigo, buscou detalhar: a 9 de julho, São Paulo dispunha de 3 612 soldados do Exército e 10 200 da Força Pública. Houve defecções sérias em unidades federais e não foi possível dar armas senão a um terço dos voluntários. O razoável é precisamente a cifra de Rabelo: 36 000 a 40 000 combatentes. Há, ainda, acordo em que a autoridade do recrutamento restringiu o número de inscritos — sem tornar pública a decisão, sabedora de que somente havia fuzis para um em cada três aliados. Sessenta mil inscreveram-se, e o Exército Constitucionalista procedeu a intenso rodízio de homens, todos, porém, servindo-se das mesmas armas.

Esse Exército distribuiu-se:

Frente Norte

Vale do Paraíba: comando do coronel Euclides Figueiredo, sob a designação geral de 2.ª DIO — Divisão de Infantaria em Operações. Compreendia os destacamentos Coronel Andrade, Coronel Abílio de Resende, Coronel Paiva Sampaio. Em segundo escalão, o Destacamento Coronel Mário da Veiga Abreu.

Tropas que operaram no setor:

Batalhões de voluntários: Amador Bueno, Voluntários de Piratininga, José Bonifácio, Bahia, Jacques Félix de Taubaté, General Osório, 1.º de Justiça, Santos-Dumont, Saldanha da Gama (1.º Batalhão Auxiliar da Força Pública), 1.º Batalhão dos Funcionários Públicos, Arquidiocesano, 7 de Setembro, Piracicabano, Ferroviário, Henrique Dias ou 1.º Batalhão da Legião Negra, Campos Sales, Liga de Defesa Paulista, Tiro Naval de Santos, Brigada Minas Gerais, Pais Leme, Bento Gonçalves (incorporado ao 11.º BC), Batalhão Operários de Santos, Batista da Luz ou 2.º Batalhão dos Funcionários Públicos, 2.º Batalhão Esportivo, Destacamento Agnelo do Batalhão de Assalto, Falange Acadêmica de Santos, Coluna Capitão Sandim do Batalhão Marcílio Franco, Batalhão de Marília, Batalhão de Mato Grosso, Batalhão d'Oeste, 1.º e 2.º Batalhões de Engenharia do MMDC.

Da Força Pública do Estado: 1.º, 2.º, 5.º e 8.º Batalhões de Caçadores, 2.ª Companhia do Corpo de Bombeiros, 1.º e 3.º Esquadrões do Regimento de Cavalaria; unidades independentes das Forças Auxiliares, 4.ª Companhia Extra, 8.º Batalhão de Caçadores da Reserva, 2.º BCV ou Corpo de Voluntários Auxiliar da Força, 5.º BCPM ou Corpo Provisório.

Do Exército: 4.º RC, de Quitaúna; 5.º RI, de Lorena; 6.º RI, de Caçapava; 4.º BC, da capital; 1.º, 2.º, 4.º, 5.º, 7.º, 9.º Batalhões de Caçadores da Reserva; 2.º RCD, Piraçununga; 5.º RCD, de Castro (Paraná); 2.º GAP, de Quitaúna; 2.º GAP, de Jundiaí; 4.ª RAM, de Itu; 12.º RI (Minas Gerais), elementos adidos ao destacamento do coronel Andrade. Atuou também o trem blindado n.º 1.

Setor Leste

Destacamentos da Força Pública e corpos de voluntários custodiavam a frente mineira, vigiando os arcos diante de Bragança Paulista, Campinas, Ribeirão Preto, Uberaba, São José do Rio Pardo, atuando preferentemente ao longo dos eixos rodo e ferroviário, cobrindo as áreas de Amparo, Caconde, Campinas, Eleutério, Pinhal, Grama, Itapira, Jaguari, Lindóia, Moji-Mirim, Socorro, São José do Rio Pardo. Distinguiu-se, lutando quase sempre de forma não ortodoxa, mas sempre agressivamente, a Coluna Romão Gomes.

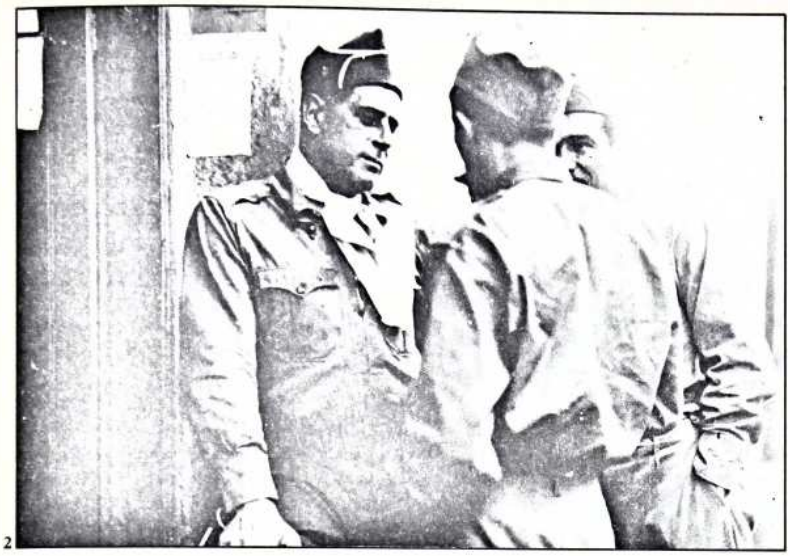
Tropas que operaram no setor:

Do Exército: 10.º RCI, de Ponta Porã (major Ildefonso), 18.º BC de Campo Grande, MS.

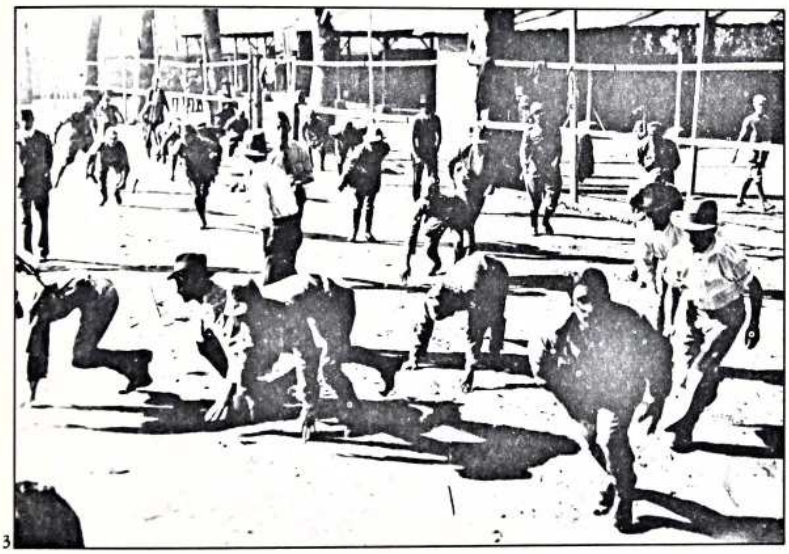
Da Força Pública paulista: 3.º e 7.º BCs.

Forças auxiliares-unidades independentes: 1.º BPMC; 6.º BCR do MS.

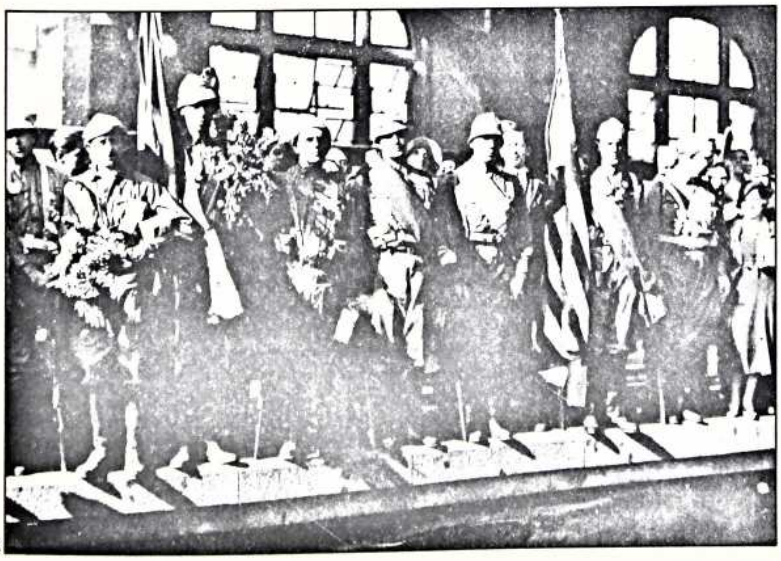
Batalhões de voluntários: Coluna Romão Gomes, integrada por: Companhia Alta Araraquarense, batalhões Barreto Leme, Francisco Glicério, Veteranos de Campinas, Caçadores Francanos, 1.º Batalhão da Milícia Civil, 1.º BPMC e Companhia Tenente César, de Ribeirão Preto. Mais os batalhões 23 de Maio, Pais Leme, Rio Grande do Norte, Marcondes Salgado, Engenharia, Caçadores de Piratininga, Anhangüera, Esportivo (1.º Batalhão), Nossa Senhora Aparecida, Princesa Isabel, 9 de Julho, Batalhão do Brás, Raposo Tavares, 2.º de Justiça, Legião Paulista, Batalhão do Professorado,



2



3

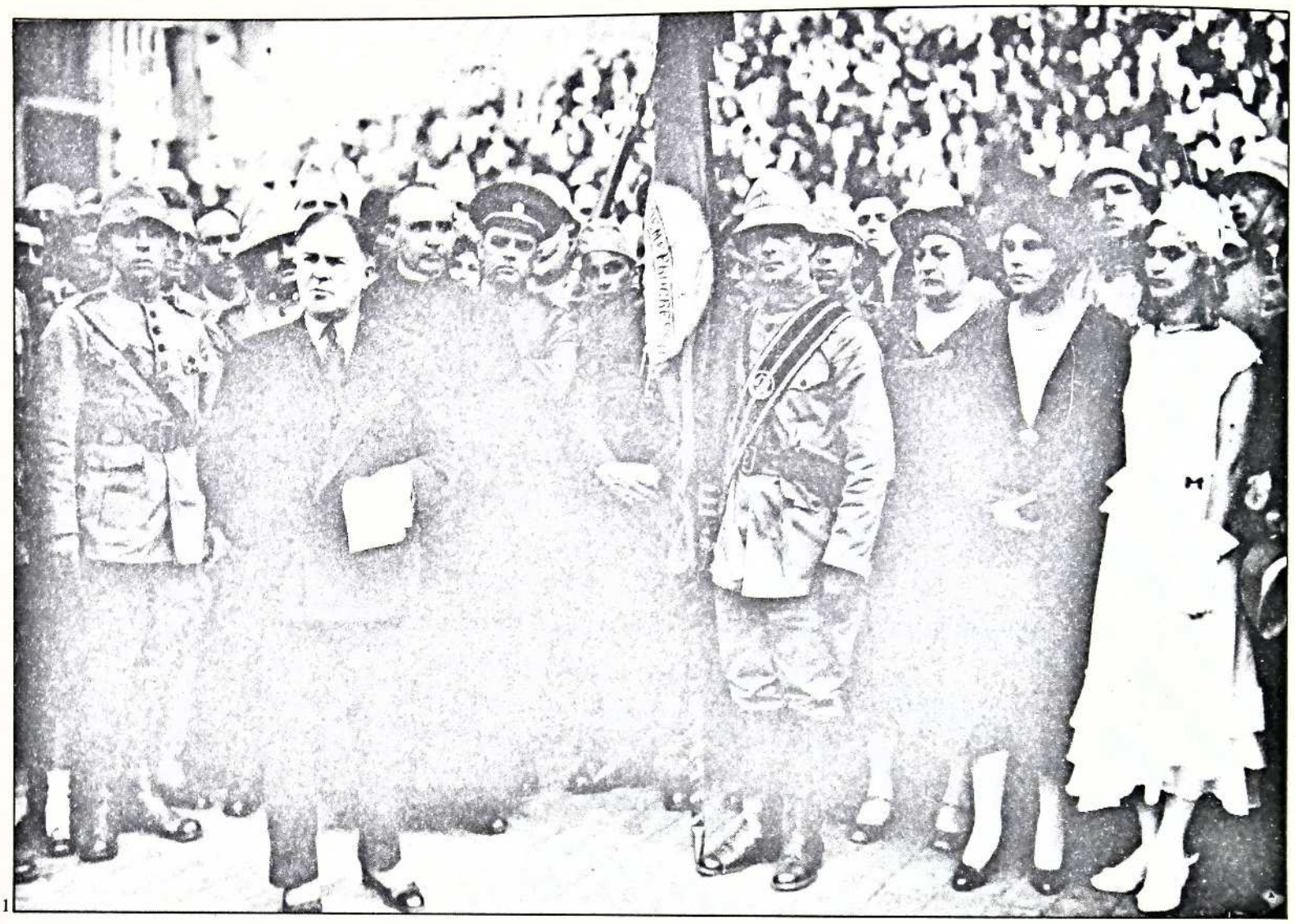


4

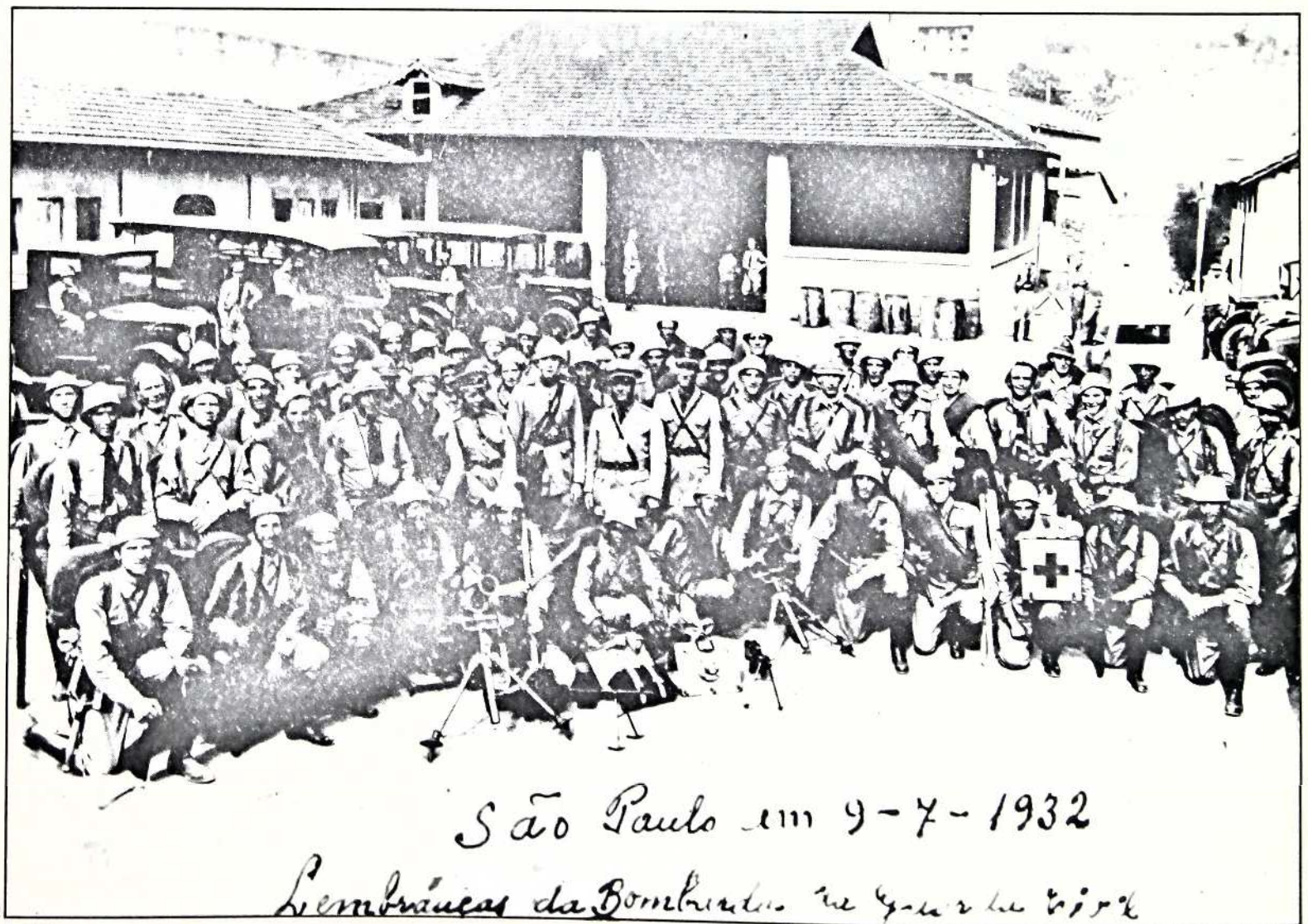
● Nos apontamentos do comandante da Frente Norte, encontra-se, com data de 24 de agosto: "... despediu-se o Batalhão Piratininga, organizado na capital do Estado, para onde retornava. Era constituído de moços da melhor sociedade paulista. Inexperientes, como em geral os soldados de todos os batalhões de patriotas que vinham às linhas de frente, sem a precisa instrução militar, em grau que os tornasse capazes de afrontar os horrores dos combates. A boa vontade, o patriotismo e o entusiasmo pela causa não são suficientes para contrabalançar as falhas de uma preparação psicológica e técnica necessária aos serviços de guerra. Por isso, muitos desses jovens baquearam no primeiro contato com dificuldades para eles inesperadas. Fazia-se, então, a seleção por si mesma; os bons ficavam, persistiam e tornavam-se até excelentes soldados..." "CITAÇÃO: Tendo este comando, em pessoa, assistido ao combate travado no Setor de Vila Queimada, entre nossas tropas e as ditatoriais, de ontem, é com grande desvanecimento que cita os 7.º e 9.º pelotões da 3.ª Companhia do Batalhão Piratininga pela bravura com que se portaram seus soldados, debaixo de violento fogo de artilharia e de armas automáticas inimigas, confirmando assim o justo renome que já haviam alcançado, a 6 de agosto, no árduo empreendimento de Bianor, onde sofreram, com heroicidade surpreendente, horas a fio de fogo mortífero."

1. *Capitão Romão Gomes.*
2. *Coronel Euclides Figueiredo no QG em Aparecida do Norte.*
3. *Voluntários em exercício.*
4. *Partida do Batalhão Piratininga.*

1



2

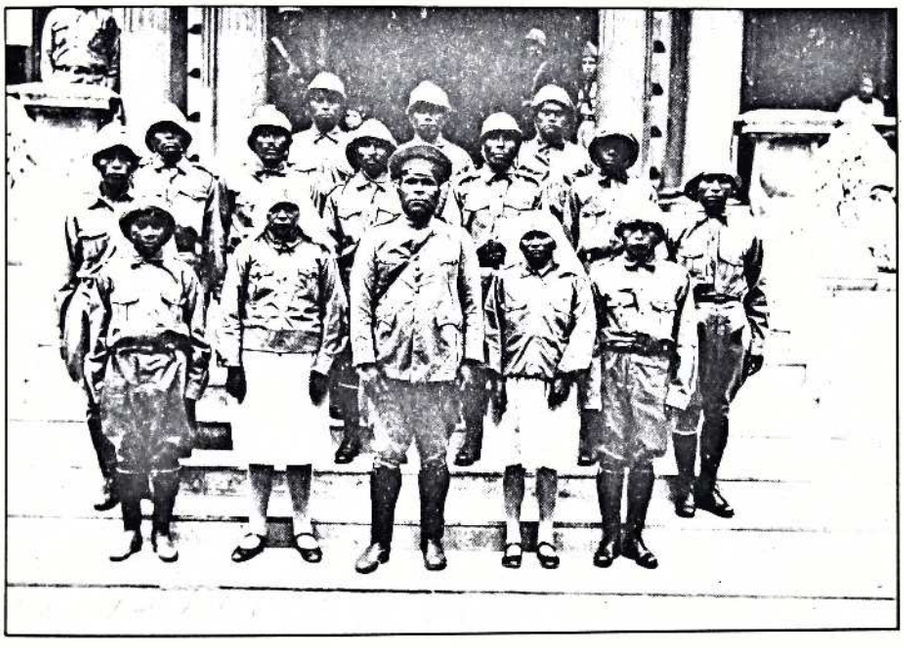


São Paulo em 9-7-1932

Lembranças da Bombardeio [illegible]



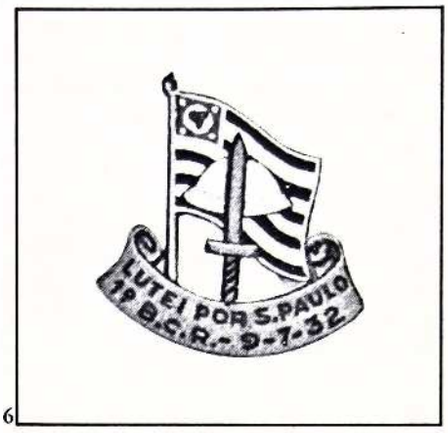
3



4



5



6



7

1. *Discurso de Marrey Jr. aos voluntários do Batalhão de Justiça.*
2. *Bombarda da Guarda Civil, comandada por Pedro Kaufmann.*
3. *Batalhão de Sapadores de partida para a frente.*
4. *Os últimos índios guaranis do Estado foram empregados em tarefas auxiliares, no que pretendia ser mais uma demonstração de integração brasileira.*
5. *Senhora paulista distribui flores aos soldados.*

6 e 7. Distintivos produzidos durante a Campanha Constitucionalista.

• Da primeira ordem do dia do general Góis Monteiro, aos seus comandados da Frente Leste, afirmando que a luta contra São Paulo seria "pela honra e pela integridade da nossa querida pátria, ameaçada pela obra demolidora de políticos facciosos, ambiciosos e inescrupulosos". Combatendo os revolucionários paulistas ergueriam "um dique ao surto dissociativo, à onda seccionista e antifraterna que se levanta para subverter a grande pátria, ao Brasil uno e indivisível". Terminava: "Soldados. Nós venceremos ou a pátria morrerá conosco!"

• Animação do tenente interventor no Piauí em telegrama ao ministro da Viação: "Tenho grata satisfação dizer-lhe que há quatro dias quando embarcou Força Pública ficaram no quartel apenas doentes e banda música. Hoje comandante comunicou-me que já temos alistados 550 homens. Diante da impetuosidade patriotismo da nossa gente cada vez mais orgulho-me ser filho deste colimado nordeste. Quisera ter material e estou certo poríamos em armas tantos homens quantos fossem necessários".

• MAU COMEÇO AO SUL

"Desastradas notícias chegam do Setor Sul, que refletem no ânimo dos combatentes em geral. (. . .) oficiais são acusados de haverem entrado em entendimento com o adversário, traindo as nossas tropas. Em conseqüência essas abandonaram suas posições, largando material bélico de toda sorte. Em Capela Ribeira, seiscentos homens comandados (. . .) daquela milícia entregaram-se sem resistência. Apiaí, Ribeirão Branco e Itaoca são invadidos pelos ditatoriais. Todo o batalhão do coronel Barbosa é levado de roldão, por Juquiá, até Santos, abandonando pelo caminho trinta caminhões, armas e munições. Um desastre completo, cuja notícia não foi possível evitar chegasse até os soldados, nas trincheiras." (Euclides: *Contribuição*.)



1

8 de Setembro, Pinhalense de Voluntários, Voluntários de Rio Preto, Constitucionalista de Presidente Prudente, Catanduvense, Voluntários da Guarda Civil, Novo Horizonte (depois transferido para Porto Taboado, na divisa com MT), Noroeste Paulista, esquadrões de cavalaria Chico Vieira, Newton Prado, Miguelópolis e Rio Pardo. Mais a 14.ª Bateria de Morteiros de Ribeirópolis, Companhia de Bombardas e os trens blindados números 3 e 4.

Frente Sul ou do Paraná

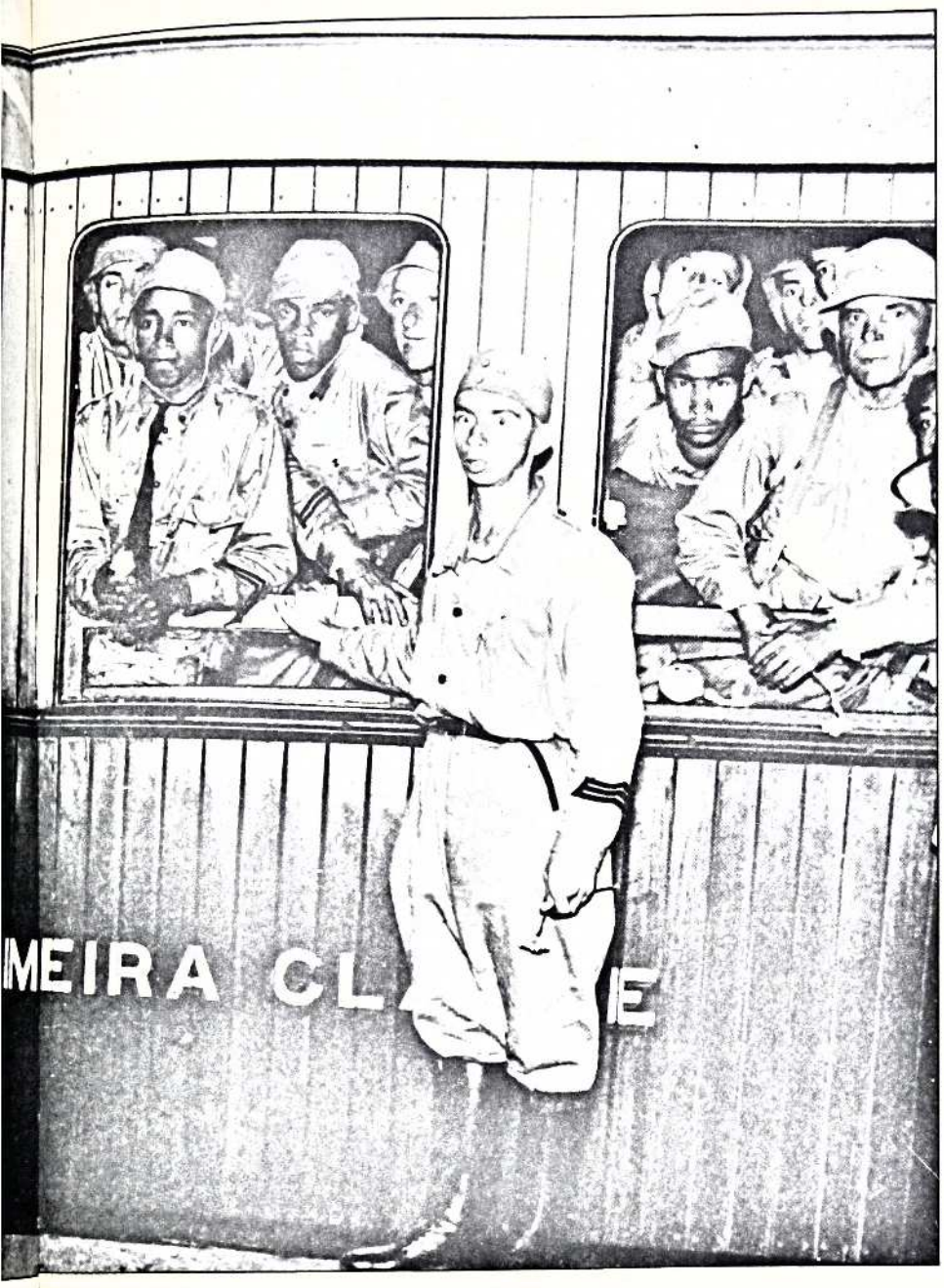
Dividida em dois setores: Baixo Paranapanema, ao mando do coronel Pedro Dias, da FP, o qual permitiu-se avançar, por Cambará, até quase Jaguariaíva; e de Itararé, sob o coronel Basílio Taborda, compreendendo a faixa do litoral.

Cobrindo as áreas: Buri, Capão Bonito, Caputera, Cunha, Engenheiro Maia, Fartura, Faxina (Itapeva), Candoca, Fundão, Guapiara, Hité, Itaí, Itararé, Itaporanga, Itapetininga, Itatinga, Ligiana, Piraju, Porto Serraria, rio das Almas.

Tropas que operaram no setor:

Do Exército: 10.º RCI, de Bela Vista, MS (elementos), Regimento Misto de Artilharia, de Campo Grande, MS; Bateria de Artilharia Capitão Mendonça, 2.º RCD, reserva do 2.º RCD, Esquadrão de Cavalaria Coronel Correa, Esquadrão de Cavalaria do Rio Pardo, Esquadrão de Cavalaria Jardim, Serviço Médico de Cirurgia Itália, ARS médica.

Da Força Pública: 4.º, 6.º, 7.º, 8.º e



9.º BCS, 1.ª Cia. do Corpo de Bombeiros, 3.º RC, unidades independentes e auxiliares: 3.º e 10.º BCVS, 6.º, 8.º, 9.º e 10.º BCRS, 4.º BCP misto e 1.º BRE.

Batalhões de voluntários: Diocesano de Botucatu, 14 de Julho, 9 de Julho, Fernão Sales, Barbosa e Silva, Destacamento do Constitucionalista de Presidente Prudente, D'Oeste, Marechal Floriano Peixoto, Brigada Sul, integrada pelos 1.º ao 7.º batalhões Theopompo de Vasconcellos, Ibrahim Nobre (Destacamento Coronel Pedro Dias de Campos), 2.º Batalhão do Marcílio Franco, 1.º Batalhão Universitário (depois incorporado ao 14 de Julho), de Paraibuna, de Xavantes, Jauense, de Avaré, 2.º da Legião Negra, da Reserva de Santos, de Olímpia, Visconde Taunay, vindo de Campo Grande, MS. Bandeirantes (depois incorporado ao 10.º BCR), e o trem blindado n.º 2.

Frente do Litoral

Centralizou-se no porto de Santos, bloqueado pela armada. Uma guarnição do 6.º BCP guarnecia a cidade, com uma companhia do 5.º e outra do 6.º RI. O forte de Itaipu manteve-se. Houve cortinas de vigilância diante dos elementos navais do governo operando em Cunha e procedentes de Parati. Pouca atividade em todo o setor.

Afora as unidades da guarnição de Santos e aquela de Itaipu, operaram no setor os batalhões de voluntários: Companhia Isolada de Santo Amaro, Coronel Melo Matos, Ferragista, Tiro Naval de Santos.

● Entusiasmo de Manuel Ribas, interventor no Paraná, em telegrama a Getúlio Vargas, dia 2 de agosto: "A praça defendida por inconscientes soldados, explorados pelo traiçoeiro golpe dos perrepistas escravocratas da pátria, caiu em nosso poder, hoje, dia 10".

● "Tal era a escassez de munição, que, sempre que era possível, os cartuchos já deflagrados eram apanhados do chão e enviados a São Paulo para serem recarregados." (Voluntário da Frente Mineira Luís Lobo de Arruda.)

Em *Palmares pelo avesso,* página 370, Paulo Duarte transmite curiosa informação sobre o comportamento da Marinha face à Revolução:

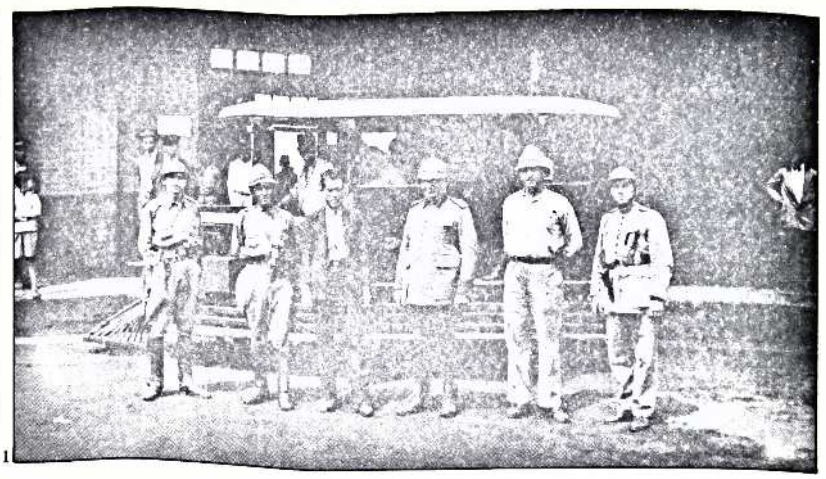
● "Nessas palestras é que um dos oficiais informou que a Marinha tinha ordem de não hostilizar os navios que tentassem entrar em Santos. Rebatendo a afirmativa, citei os ataques feitos a Itaipu, a morte de nossos aviadores abatidos pelos navios que faziam o bloqueio de Santos.

Os bombardeios do forte eram obra da aviação naval, esta, sim, hostil aos paulistas. Os nossos aviadores abatidos o tinham sido depois de hostilizar os vasos, atirando-lhes bombas, daí a morte de alguns deles. A melhor prova da simpatia da esquadra estava no fato de São Paulo, provido praticamente de três portos de mar, só um deles, o de Santos estivesse realmente bloqueado".

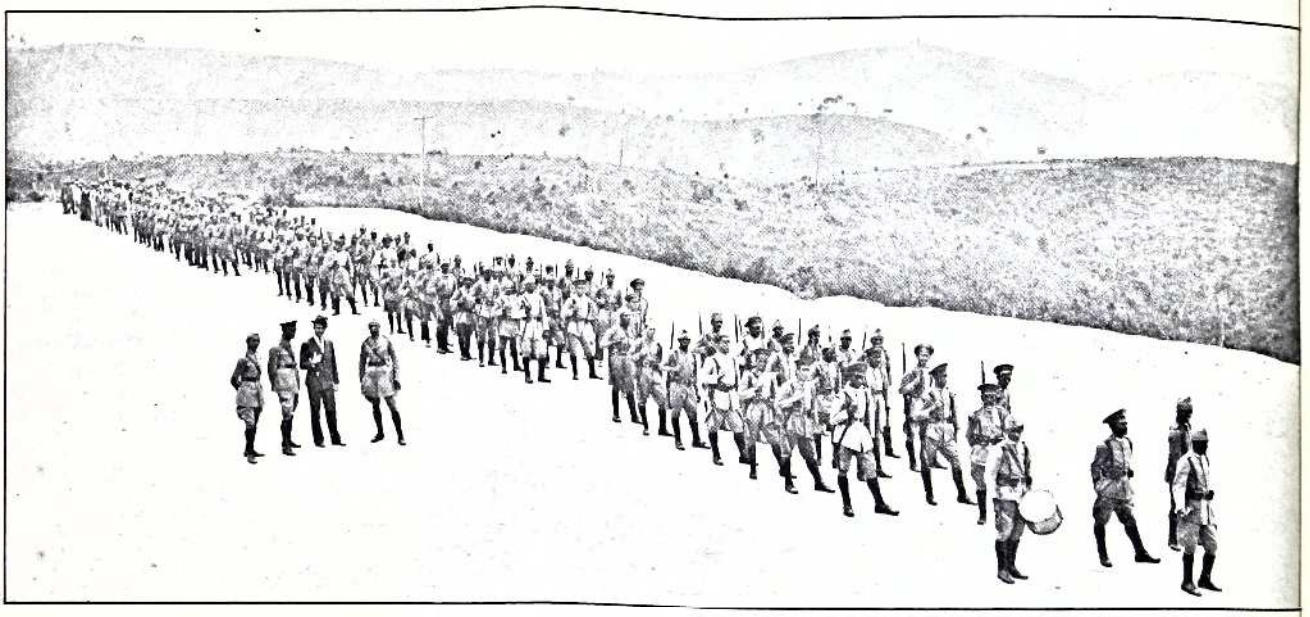


1. *Partida para o* front.
2. *Contando cartuchos após um combate na região do Jaguari.*

1. *Na estação de Ituverava (Frente Mineira): da esquerda para a direita, tenente João Leite, major Fonseca, um engenheiro da Companhia Mojiana, general Rabelo, engenheiro Duque Estrada e capitão Canrobert.*
2. *Praças do governamental 25.º Batalhão de Infantaria de Barbacena. O civil à esquerda é o doutor José Bonifácio Filho, prefeito da cidade.*
3. *Juarez Távora, Góis Monteiro e o coronel Cristóvão Barcelos (sexto à direita).*
4. *Pedro de Toledo em visita ao Batalhão da Legião Negra.*
5. *Clube Comercial: reunião de mineiros radicados em São Paulo. Dirigiram apelos constitucionais ao governo do seu Estado e organizaram batalhão revolucionário.*



1



2

● A Legião Negra formou companhia de infantes, grupos de motoristas, manejou uma bateria de bombardas, deu a uma das suas companhias de infantes o nome André Vidal de Negreiros.

● Batalhão de gaúchos: voluntários rio-grandenses residentes em São Paulo batizaram sua unidade com o nome Batalhão Bento Gonçalves e quiseram João Neves da Fontoura para seu patrono.

● Batalhão de mineiros: no Clube Comercial reuniram-se mineiros residentes na capital e organizaram uma unidade constitucionalista: o Batalhão Tiradentes. Um aderente entusiasmado, Pedro Alexandrino de Araújo, propôs-se custear o equipamento.

Frente de Mato Grosso

Os sul-mato-grossenses lutaram nas direções norte e oeste. Na primeira, detendo elementos descidos de Cuiabá ou provindos de Minas Gerais, no intento de seccionar a ligação São Paulo—sul de Mato Grosso. No rumo oeste, recalcando destacamentos do Exército, navais e civis gaúchos armados, para os perímetros de Ladário e Porto Murtinho. Receberam de São Paulo bombas para aviação, granadas, armas, munições e aparelhos de campo. A frente dividiu-se nos setores: Porto Murtinho, no qual os revolucionários tiveram a iniciativa até que viram esgotada a sua munição, ocorrendo então retirada e dispersão; setor de Coxim, respondendo à ameaça da descida de forças de Cuiabá, ameaça realizada e rechaçada; setor de Três Lagoas, prevenindo avanço de forças provenientes de Minas Gerais. Não havia ligação permanente entre os setores; nem comando unificado. Extrema vulnerabilidade.

Em operações ocasionais e em diferentes setores foram também empregadas unidades de efetivo reduzido como: Voluntários do Paraná, Exilados Constitucionalistas, Voluntários de Mato Grosso, Voluntários da Força Pública.

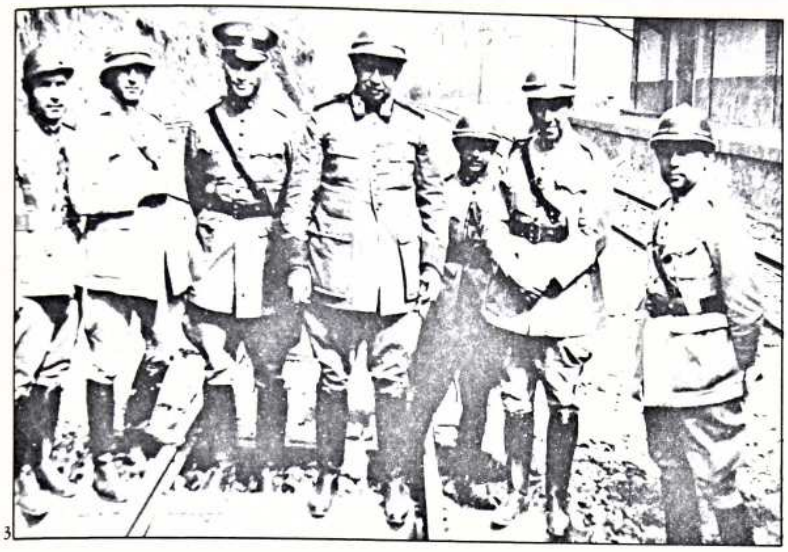
Exércitos do Governo Provisório

Entre 300 000 e 350 000 homens do Exército, da Marinha, das polícias estaduais, "provisórios", etc.

Vale do Paraíba: Exército de Leste, comandado pelo general Góis Monteiro, abrangendo os setores convergentes para o vale, inclusos o litoral e o sul de Minas.

Frente Mineira: do vale do Paraíba até o rio Paraná, confiada à vigilância da brigada do general F. J. Pinheiro. Setores de Ribeirão Preto, Guaxupé, Ouro Fino, Passa Quatro, Cruzeiro, chefiados pelo coronel C. Barcellos.

Frente de Mato Grosso: destacamento do coronel Manuel Rabelo, posiciona-



3

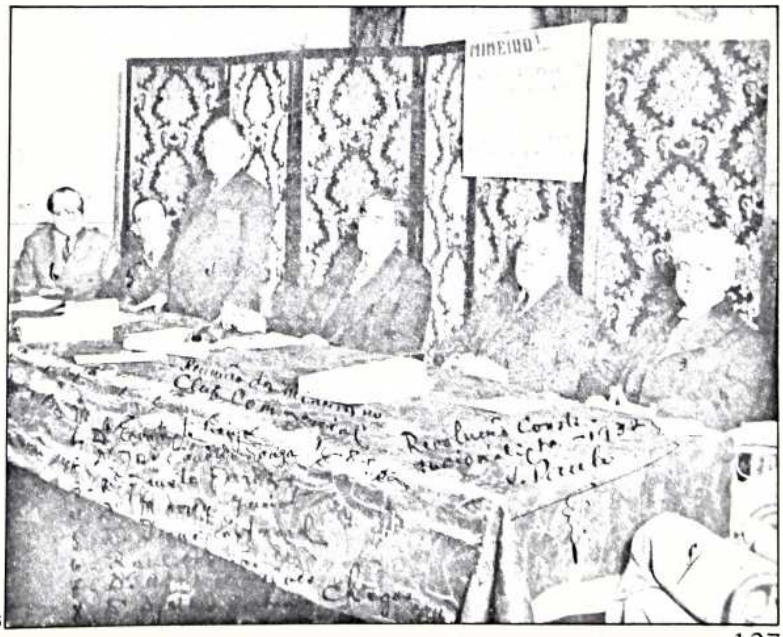


4

do na Foz do Iguaçu com missão de policiar os mato-grossenses-do-sul, tendo como direção geral de operações a linha Campanário—Ponta Porã; destacamento de Porto Murtinho, que adotou e manteve a defensiva; o de Cuiabá, que, lançado à tomada de Campo Grande, chegou apenas a Coxim.

Frente do Paraná: Exército do Sul, comandado pelo general Valdomiro Castilho de Lima. Um Destacamento Central, agindo a cavaleiro da ferrovia São Paulo—Rio Grande, eixo Itararé—Itapetininga. Teve sempre a iniciativa e cedo invadiu o território paulista. Destacamento lançado sobre Ribeira-Apiaí, Ribeirão Branco-Guapiara, este na área de Jacarezinho, confiado aos voluntários gaúchos, com aderentes paranaenses, do coronel reformado da brigada rio-grandense-do-sul João Francisco.

Frente do Litoral: diante de Santos, divisão naval de bloqueio, com apoio aéreo; destacamento em terra, agindo na região de Cunha, em conexão com o Exército de Leste.



5

● TROPAS CONSTITUCIONALISTAS MATO-GROSSENSES

Batalhão Santense, Companhia Gato Preto, Companhia de Sapadores da Noroeste do Brasil, Escalão de Bonito, Escalão de Dourados, Escalão de Brilhante, Escalão de Maracaju, Pelotão Sisenando Garcia, Pelotão Rodoviário e os seguintes destacamentos: Ulisses de Lima, Valdomiro Correa, Ataliba Fagundes, Maracaju, Lanja, Capilé, Kiki, Braulino Garcia, Destacamento de Cavalaria Avelino Nogueira, RC Antônio João, General Rondon, Vista Alegre e Laudelino Barcelos.

Integração constitucionalista

São Paulo enviou para lutar em Mato Grosso o 6.º BCV, organizado em Bauru, com 429 homens, ao mando do capitão Antero Alves Pacheco e que chegou a Campo Grande em 30 de agosto; Destacamento de Voluntários da região de Rio Preto; Seção de Metralhadoras da FP sob o tenente Sespadini; Seção de Bombardas do capitão Sílvio Noronha. E Mato Grosso reforçou as forças paulistas com unidades do Exército, uma companhia da FP, unidades do Batalhão Taunay, o Escalão Alcides e voluntários que atuaram na Frente Sul do Paraná.

1.º, 2.º, 3.º, 9.º, 10.º, 12.º RI; 1.º, 3.º, 20.º, 22.º, 29.º BC; 1.º RAM, 1.º RCD, 4.º RCP; Brigada Gaúcha, várias baterias GAP, carros de assalto, tanques, infantaria da Marinha, polícias de diversos Estados, intensa cobertura aérea.



1



2

Operações de guerra

Ação nas diversas frentes

Resumo de como se processaram as principais atividades nas diversas frentes:

Frente Norte ou do Vale do Paraíba

A 10 de julho os paulistas estavam no túnel da Estrada de Ferro Central do Brasil, na Mantiqueira. O ânimo com que se posicionaram ali e por que não foram à frente comparecem com clareza no depoimento de Guilherme de A. Barros, testemunha e partícipe, integrante que foi do grupo de moradores de Passa Quatro que acorreu ao local, atraído pela desusada movimentação. O oficial do Exército, tenente Melchíades Tavares da Silva — o relato é de Guilherme —, apresenta-se aos civis locais dizendo, "com firmeza e desassombro, que estava ao lado de São Paulo, do Rio Grande do Sul, do Paraná, de Mato Grosso e Minas Gerais, para, num golpe, deporem o governo ditatorial ou exigirem deste a constitucionalização do país".

Forças dos destacamentos Agnelo e Andrade progrediram até Salto e Formoso. Fizeram alto no Clube dos Duzentos, à espera de mineiros e gaúchos, para, fraternizados, triunfalmente, entrarem no Rio. Os paulistas não queriam entrar sozinhos. Logo, viram-se hostilizados por aqueles que aguardavam como aliados. Agnelo manteve até o final de julho a posse de Engenheiro Passos, constituindo-se em ameaça sobre o Posto de Comando federal — general Góis Monteiro — em Resende. Góis, porém, tomou a iniciativa, recalcando os paulistas para Queluz. Dispondo de artilharia, aviação, até canhões da Marinha montados em vagões ferroviários, bombardeou fartamente Cruzeiro e Vila Queimada. Em agosto, utilizando adequadamente a superioridade em material e em homens, os ditatoriais desfecharam ofensiva, impondo aos adversários o recuo para a linha Vila Queimada-Lavrinhas.

No Setor de Silveiras, depois de contatos agressivos mas indefinidos, ataque constitucionalista a 3 de setembro, causando relativo recuo e perdas acentuadas ao 9.º BC. Não puderam ir além. Foi rapidamente montado um contra-ataque, reforços chegaram abundantes, sucedendo-se vitórias parciais e locais até 12 de setembro, quando os paulistas recuaram para Jataí.

Setor do Túnel: os picos Gomeira, Cristal, Itaguaré, Gomeirinha, acima da boca do túnel, formavam a linha na qual os paulistas se estabilizaram desde 10 de julho, quando pareceu claro que Minas Gerais posicionara-se no campo ditatorial. Naquelas cristas e no próprio túnel foram disparados os primeiros tiros da guerra no dia 16, e travados combates duros nas jornadas seguintes, sendo os constitucionalistas atacados por duas unidades do Exército e 1 500 policiais mineiros. A 27, sob ameaça de cerco, os defensores retiraram-se, abandonando a linha dos picos. No túnel, resistiram, sustentando o mais longo e penoso combate da campanha, até 8 de setembro, cedendo-o face ao envolvimento executado no setor por todo o dispositivo do ditatorial Exército de Leste.

Setor de Piquete: os constitucionalistas instalaram posto de comando de setor, visando também a proteger a fábrica de pólvora, necessária ao seu esforço de guerra. Até meados de setembro conseguiram manter a linha defensiva, em transversal sobre o vale: Piquete-Túnel-Fazenda Boa Vista-Pinheirinho-Lavrinhas-Jataí. A 11 entregaram essa linha, sendo a retirada apressada e comprometida pela queda de Cachoeirinha. À nova defesa centralizou-se em Guaratinguetá e foi submetida, no dia 20 e seguintes,


Ministério da Guerra

Comando da II Região Militar

Objeto

Livre Transito.

Rio, 29 de Julho

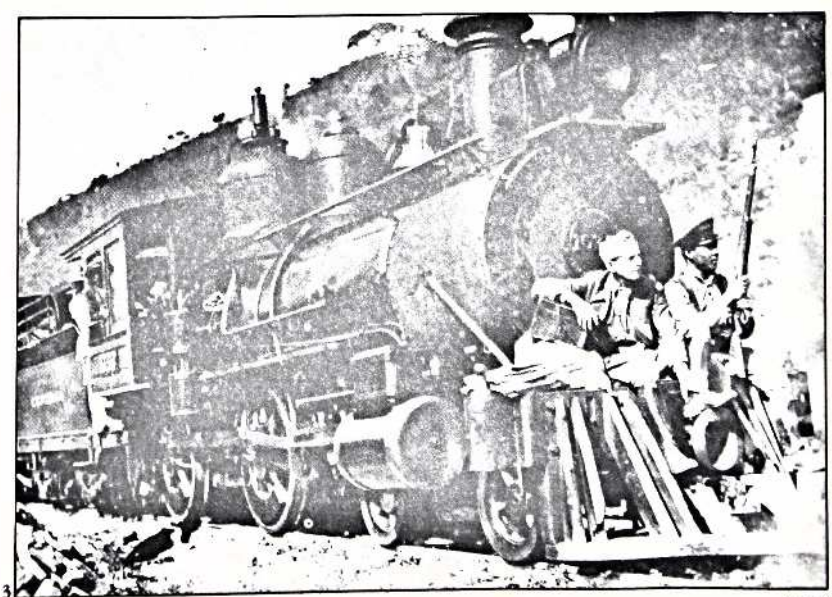
Do Sr. General Bertholdo Klinger as autoridades civis e militares:

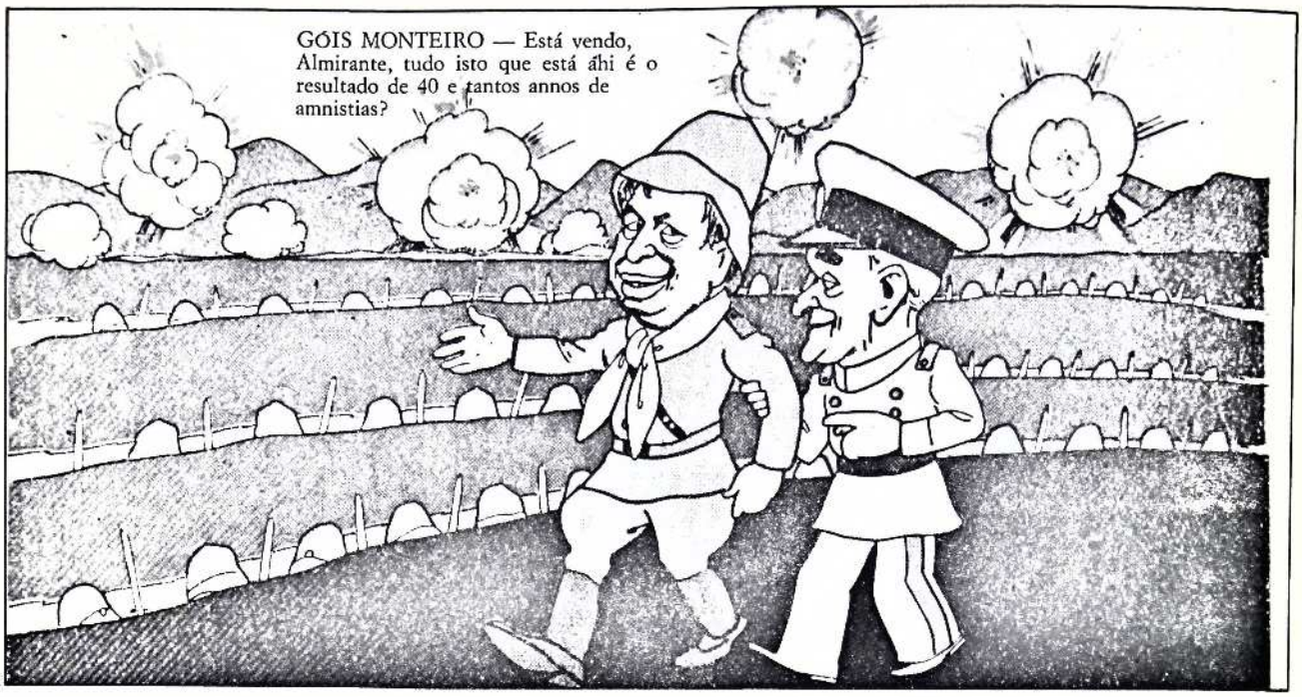
O Sr. General Bertholdo Klinger, Chefe do Exercito Constitucionalista, recomenda a todas as autoridades que deixem passar livremente os Srs. Armando Brussolo e Miguel Falletti, redator e reporter fotografico da "A Gazeta", que seguem com o carro P.13278.

General Klinger.

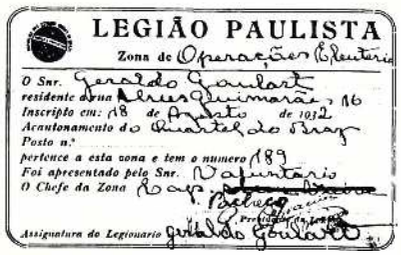
4

1. *A boca do Túnel da Mantiqueira, lado de São Paulo, vendo-se a locomotiva descarrilhada pelos revolucionários paulistas.*
2. *Ditatoriais estudando objetivos em Queluz.*
3. *Armando Brussolo à esquerda, a caminho das trincheiras avançadas de Piquete.*
4. *Salvo-conduto de Armando Brussolo e Miguel Falletti, respectivamente redator e repórter fotográfico de* A Gazeta.


3



1


LEGIÃO PAULISTA
Zona de Operações (Eleutério)
O Snr. Geraldo Gaulart
residente á rua Alves Guimarães, 16
Inscripto em: 18 de Agosto de 1932
Acantonamento do Quartel do Braz
Posto n.º
pertence a esta zona e tem o numero 189
Foi apresentado pelo Snr. Voluntário
O Chefe da Zona
Assignatura do Legionario Geraldo Gaulart

2

1. *"Nas trincheiras de leste", charge de Storni,* Careta, *17.9.32.*
2. *Cédula de identificação de voluntário.*

ao mais pesado bombardeio da campanha, executado pela aviação e por canhões de todos os calibres. O recuo geral da frente para Guaratinguetá impôs o mesmo movimento a ré, da linha do litoral Cunha-Parati, pelas alturas máximas da Serra da Cangalha.

Frente Leste ou Mineira

Extensíssima, do Túnel da Mantiqueira até o rio Paraná, divisa São Paulo—Mato Grosso, ao longo de São Paulo—Minas Gerais. Diante da carência de efetivos e de meios que afligia os revolucionários, estes somente posicionaram ao longo desta frente núcleos de vigilância atuando maximamente ao longo dos eixos rodoferroviários. Eram tais núcleos: Bragança-Campinas, Moji-Mirim, São José do Rio Pardo e Ribeirão Preto.

Na área Campinas-Moji, esclarecida a situação de Minas Gerais, os revolucionários montaram ofensiva sobre Guaxupé-Pouso Alegre-Itajubá, procurando ocupar posições que dificultassem ou inviabilizassem incursões da polícia mineira, a qual poderia também descer a fustigar a retaguarda constitucionalista na Mantiqueira. O avanço partiu de São João da Boa Vista, Espírito Santo do Pinhal, Itapira, Moji-Mirim, Socorro e Bandeirantes. Ocorreu a ocupação de Ouro Fino e Guaxupé. Ali, falaram os políticos mais do que os militares, resultando o entendimento que veio a ser chamado Convênio de Guaxupé. Em essência: proclamado o respeito às divisas estaduais. Os revolucionários retornaram para São José do Rio Pardo, Pinhal, Eleutério, Socorro e Barão de Ataliba. A 2 de agosto, contrariando o Convênio, ataque mineiro, rechaçado, às posições paulistas em São Roque, Fartura, Recreio e Eleutério. A partir de 5, ataques e ferozes combates, com sucessos alternados até 26, quando, sem nenhuma artilharia, faltos de munições e colocados em esmagadora inferioridade numérica, os defensores cederam Eleutério e Ataliba, passando a ocupar a margem do rio do Peixe, o que também exigiu retificações em toda a linha, de Pinhal a Prata. A 30 de agosto, novo retrocesso, desta vez para Moji-Mirim. A 31, decisão de recuo geral para estruturar linha defensiva final e a todo custo em Campinas. Nesta área atuou, tornando-se lendário, o capitão Romão Gomes, promovido ao posto de major no campo de combate.

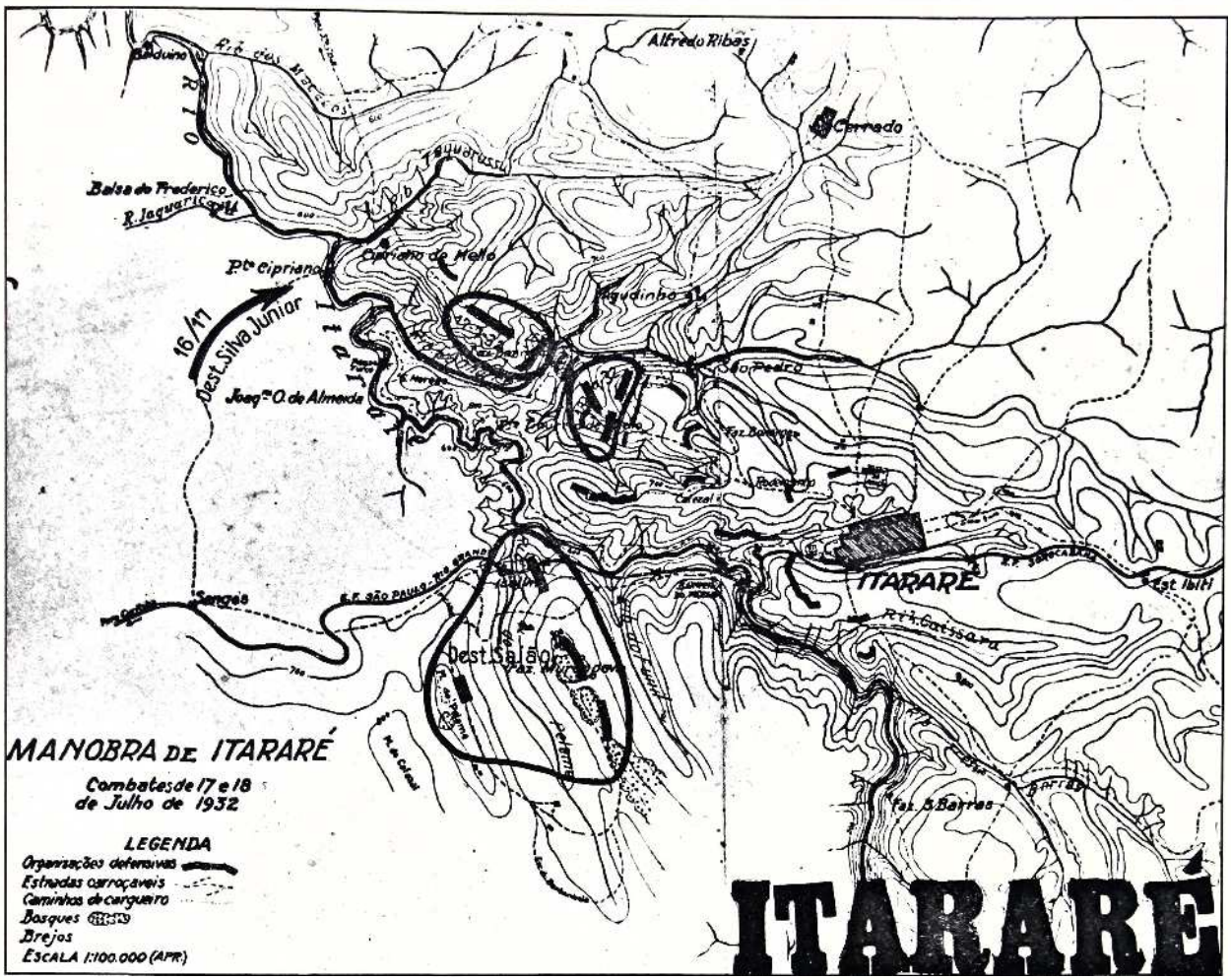
Em meados de setembro, a linha de contato desta frente corria por:

Setor da Mojiana: Barretos, Orlândia, Batatais, Cajuru, Caconde, Mococa, São José do Rio Pardo, Casa Branca, Vargem Grande, São João da Boa Vista, Cascavel. Ao redor de Barretos, um esforço especial da indústria bélica paulista: campos de minas terrestres barrando, mais psicologicamente do que por efeitos destrutivos alcançados, o avanço da cortina de infantaria inimiga;

Setor da Paulista: Palmeiras, Piraçununga, Leme, Araras, Cordeiro. Contatos mais duros, nas áreas de Limeira, Bragança Paulista, Campinas. Neste setor, a luta teve por característica a economia de meios, buscando-se atuar ao longo dos eixos de comunicação.

Frente de Mato Grosso

Nunca foram permanentes nem completos os contatos entre paulistas e sul-mato-grossenses. A rigor, visavam a objetivos militares especiais, embora São Paulo houvesse procurado, dentro da carência de meios, suprir aquela frente



com algum material, como bombardas, bombas, etc.; e os mato-grossenses houvessem procurado impedir que seus coestaduanos do norte e os mineiros introduzissem cunha a separar os constitucionalistas. Principalmente, eles concentraram esforços na tentativa de ocupar as praças e os portos sobre os rios internacionais. Tivessem-no conseguido e talvez São Paulo houvesse podido exportar café e receber algum armamento.

A frente dividia-se nos setores:

Bela Vista: as primeiras ações foram dirigidas pelos revolucionários contra o 10.º DC, ocupante da cidade e de cujo efetivo uma parte aderiu aos constitucionalistas, marchando com eles na direção de Porto Murtinho. Nesse progredir foram travados combates em São Roque, Mandioca Assada, Perdido. À medida que avançavam e combatiam, os constitucionalistas viam exaurir-se os meios de luta. A 12 de setembro, já diante de Porto Murtinho, sem munição alguma, dispersaram-se.

Porto Esperança: operações praticamente idênticas àquelas sobre Porto Murtinho. Mas, aqui, não houve da parte dos ditatoriais igual empenho em defender a praça. A 25 de setembro, os atacantes ocuparam a posição, porém já no ocaso da guerra.

Campo Grande-Cuiabá: no início da campanha, os sul-mato-grossenses estabeleceram-se sobre o rio Coxim, decididos a impedir a ofensiva, tida por imperiosa, das forças de Cuiabá buscando isolar São Paulo do sul de Mato Grosso. Na única tentativa de romper a defesa constitucionalista, esta manteve-se e triunfou nitidamente. O setor estabilizou-se.

Três Lagoas: os revolucionários trataram de cobrir espaços estratégicos que pudessem ser ocupados por tropas mineiras em operações contra o oeste e o noroeste de São Paulo. A primeira linha defensiva constitucionalista foi estabelecida sobre o rio Quitéria e abandonada a 21 de agosto, refluindo para o Sucuriú, onde foi mantida até o final.

Setor Fluvial: os navios de guerra da base de Ladário cumpriram ininterruptamente missões de vigilância, impedindo eventual tráfego de armas e de munições para os revolucionários. Durante o ataque constitucionalista contra Porto Murtinho, o monitor *Pernambuco* auxiliou a defesa, tendo sido alvo de bombas lançadas por avião esportivo tripulado pelo capitão Reinaldo Gonçalves e pelo tenente José Gomes Ribeiro. O instrutor de vôo foi Hinton Hoover, e o mecânico da manutenção, Juvenal Pavão.

• "Causas da derrota" segundo a "História do Exército Brasileiro":

"Despreparo militar da força constitucionalista, quer no plano material, quer no pessoal: ressentia-se da falta de quadros para o efetivo enorme de voluntários recebido.

À grande espera ou timidez ofensiva dos constitucionalistas, decorrente da aceitação da idéia de guerra, em vez da de revolução. Por isso, ficaram paradas as forças revolucionárias, abstendo-se de levar a decisão pelas armas ao centro político da nação.

Ausência de ligações físicas dos revoltosos com o Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Minas Gerais provocou a diluição dos movimentos nos Estados do Rio Grande do Sul e Minas Gerais, permitindo o corte e conseqüentemente separação das forças revolucionárias de Mato Grosso e São Paulo.

Improvisação de grandes unidades, grandes comandos e cadeia de apoio logístico, agravado pela carência das comunicações".

● "Uma vez perguntei a um gaúcho se tinha enriquecido em Capão Bonito. 'Qual nada! Aqueles paulistas são uns cabras escovados, levaram tudo que é de melhor, só nos deixando cascas de bananas e mechas espertas...' (explica-se: muitas vezes os paulistas deixavam nas trincheiras conservas e maçãs; quando iam ser apanhadas, explodiam minas de todos os lados)."
(Cornélio Pires, *Chorando e rindo.)*

Frente Sul ou do Paraná

No eixo histórico de Itararé, a hesitação dos paulistas, esperando receber os sulinos como aliados e não como inimigos, permitiu a estes — o Exército do Sul — investir sobre aquela posição. Houve choque de patrulhas e reconhecimentos agressivos até a verificação de que no Rio Grande o esperado e temido levante da Frente Única não passava de manifestação de grupo reduzido, sem efetiva expressão militar. Então, o peso de 6 000 homens dos três Estados sulinos e de vários outros do norte-nordeste, com poderosa e decisória presença de artilharia, abateu-se sobre a linha constitucionalista. Rendição em massa e perda vergonhosa de Itararé marcaram os primeiros momentos de luta efetiva na área.

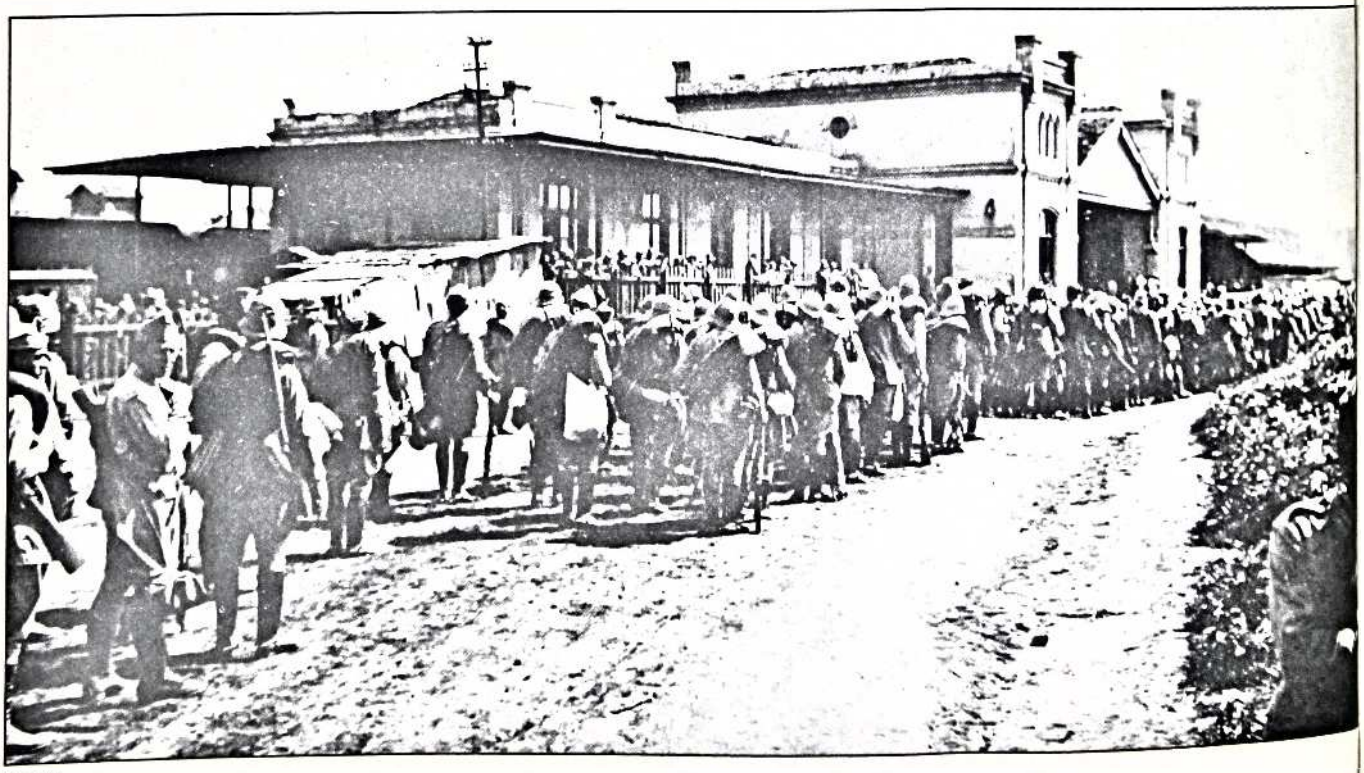
No Setor de Buri, uma das mais desesperadas batalhas travadas no país foi desencadeada pelos revolucionários visando a reconquista daquela cidade. Os canhões paulistas chegaram a fazer fogo com a alça a cem metros. Porém, os ditatoriais mantiveram a posição e aumentaram a pressão sobre toda a linha.

Pelo começo de agosto, mantendo o propósito de trocar "terreno por tempo", o comandante constitucionalista, o paranaense coronel Basílio Taborda, procedeu ao recuo da linha para o Apiaí-Mirim e, logo mais, para a linha Paranapanema-Almas. Ao fim de um mês, com o desfrute de esmagadora superioridade em homens e em meios, os governistas alcançaram ocupar apenas vinte quilômetros de terreno. Assinala a *História do Exército brasileiro:* "A relação espaço-tempo, embora os constitucionalistas tenham sofrido seguidos reveses, transformara uma bem-sucedida campanha ofensiva do destacamento do Exército do Sul numa melhor sucedida campanha defensiva dos adversários. O coronel Taborda troca espaço por tempo, mas o tempo não lhe traria a recompensa prometida. Preparou ofensiva para setembro que não lhe deu grandes vantagens". No final de setembro, ao redor do Paranapanema, travaram-se os combates decisivos na área. A 2 de outubro, ainda se combateu por ali.

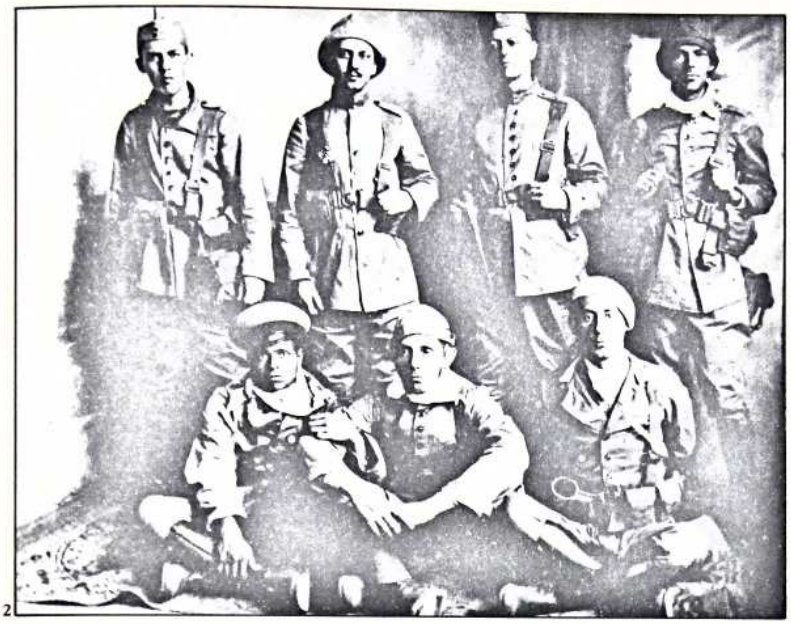
Setor do Paranapanema: uma sabida efervescência pró-São Paulo nas cidades do norte velho do Paraná propiciou avanço exploratório de contingentes constitucionalistas. Houve alguns choques de pequenos grupos e a estabilização de uma frente que se ocupou principalmente com a vigilância e a manutenção do tronco da ferrovia Sorocabana, livre de incursões de ditatoriais, especialmente nas alturas de Ourinhos e Assis.

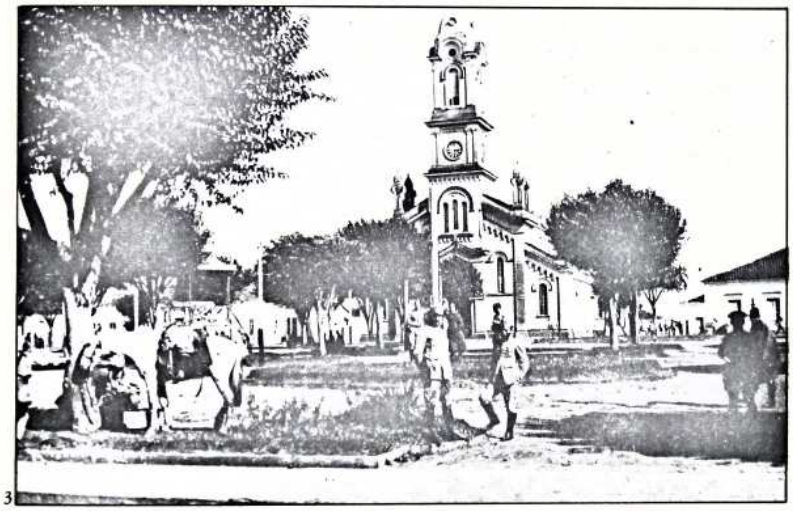
Frente do Litoral ou Costeira

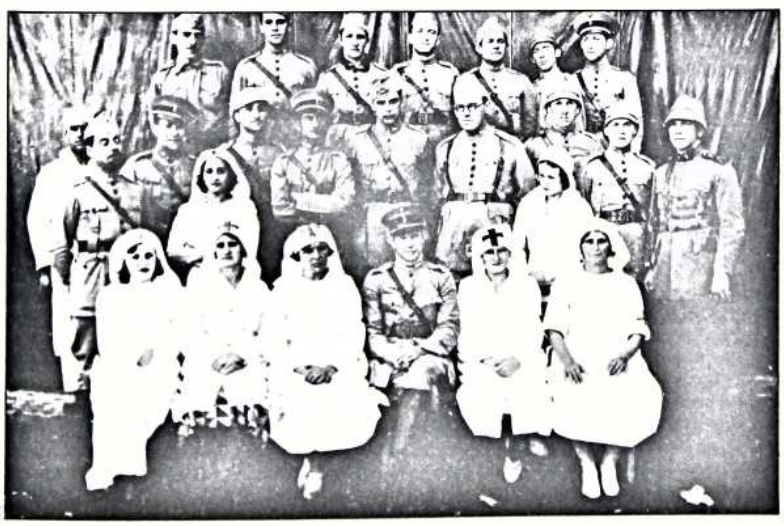
Bloqueado pela esquadra, o porto de Santos estava protegido contra possíveis desembarques por guarnição razoavelmente dotada. As águas do porto foram minadas com meios próprios e improvisados, num esforço de técnica muito particular. O forte de Itaipu sobressaía como elemento da defesa, sendo alvo de ataques aéreos. Ao longo das costas paulistas, também a presença da armada foi constante, impedindo as poucas tímidas aventuras de aderentes constitucionalistas de reforçarem e municiarem os revolucionários.



1







● "Causas do sucesso dos governistas" segundo a "História do Exército Brasileiro":

"Principal causa... o envolvimento imediato, seguido do isolâmento de todo território conflagrado, aliado à ação política preventiva de adesões ou cisões no bloco governamental, obrigando, desde logo, a FC (Força Constitucionalista) a combater em três frentes importantes.

Outras causas:

O desenvolvimento de eficaz ação diplomática, impedindo o reconhecimento do estado de beligerância, por parte de qualquer outra Nação.

A descentralização das operações de combate, detendo os comandantes de destacamento a iniciativa e responsabilidade pelas decisões militares. Constituição de grandes comandos e grandes unidades, comparativamente superiores, servidos por adequado apoio logístico".

1. Forças do Governo Provisório embarcando na estação de Itararé.
2. Voluntários do Batalhão Universitário Paulista em Itararé.
3. Capão Bonito ocupado pelas forças federais.
4. Médicos e enfermeiras do hospital de sangue de Itararé (governistas).

Breve notícia sobre os combates principais

Dias de afirmação, de destruição

De 13 de junho a 4 de outubro. Aproximadamente 300 000 homens. Nunca, na América Latina, houve tantos em armas. Todo o potencial humano e material que o governo provisório pôde reunir, mobilizando o país inteiro. E tudo o que a engenhosidade e a economia dos paulistas alcançou levar a campo.

Pela primeira vez o céu brasileiro serviu como arena. Mais de 90 por cento dos aviões nacionais e a única fábrica em condições de produzir, às ordens de Vargas. Oito aviões para defender São Paulo; um, para Mato Grosso do Sul. A mesma desproporção quanto à artilharia.

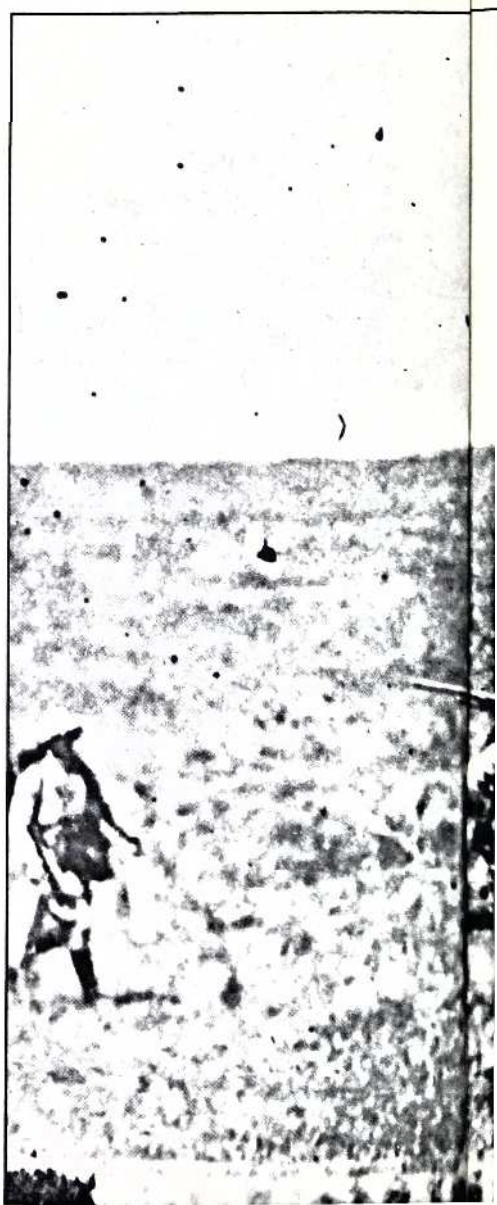
Nenhum navio com bandeira das treze listas. A esquadra nacional inteira bloqueando o litoral paulista e defendendo os portos fluviais do oeste.

Os dois lados combateram, mataram e morreram em nome do Brasil. Para uns, eleições livres e Constituição soberana eram essenciais. Para outros, indispensável era manter o regime discricionário instalado em 1930, permitindo reformas profundas e radicais inviáveis sob o regime da discussão e do tráfego político.

Oitenta dias para matarem-se pelo mesmo amor. Dos quais noticiamos:

Em julho:
Dia
13 — São José do Barreiro
13 — Cachoeira Paulista
13 — Túnel - Cruzeiro
14 — Túnel
15 — Cunha
16 — Perequê - Túnel
18 — Túnel
19 — Bela Vista (MS)
19 — Cunha
19 — São José do Barreiro
20 — Pouso Alegre (MG)
21 — Cunha
21 — Coronel Manuel Joaquim - Guaxupé (MG)
21 — Santana dos Tocos
21 — Vacaria (RS)
21 — Ribeira
22 — Cachoeira Paulista
23 — São Paulo
25 — Túnel
26 — Buri
27 — Gomeira - Cristal

Em agosto:
1 — Apiaí
1 — Banhado Grande
2 — Salto - Queluz
2 — Belém (PA)
2 — São Roque
2 — Fartura
2 — Recreio
2 — Eleutério
2 — Túnel
3 — Túnel
4 — Batedor
4 — Engenheiro Bianor
5 — Engenheiro Bianor
6 — Eleutério
8 — Areias
10 — Queluz



10 — São Roque - Cruzeiro
13 — Buri
15 — Palmeiras
15 — Vitorino Carmilo
16 — Vitorino Carmilo
16 — Grama
16 — Palmeiras
16 — Morro Verde
17 — Batedor
17 — Casa Branca
17 — Cerrado
18 — Itacoatiara (AM)
19 — Ipajim - Ladário (MS)
20 — Perdido - Porto Murtinho (MS)
22 — Vale do Paraíba, céus do
22 — São João (RS)
23 — Guaratinguetá
24 — Morro da Pedreira
26 — Eleutério
26 — Balsa
27 — Palmeiras
29 — Coxim (MS)
30 — Fundão
31 — Vila Queimada

Em setembro:

1 — Prata
3 — Porto Esperança (MS)
3 — Silveiras
3 — Lagoa - Casa Branca
4 — Batedor, Moji-Mirim
4 — Pelotas (RS)
7 — Mandioca Assada (MS)
8 — Amparo
10 — Porto Murtinho (MS)
10 — São Gabriel - Santa Maria (RS)
12 — Silveiras - Pinheiros
13 — Fão (RS)
13 — Reizinho Macedo - Caçapava (RS)
17 — Canas - Lorena
18 — Amparo, Campinas
19 — Rio das Almas
20 — Moji-Mirim
20 — Cerro Alegre (RS)
24 — Santos, Cruzeiro
25 — Porto Esperança (MS)
26 — Aparecida do Norte
26 — Itapeva

Em outubro:

1 — Salto - Paranapanema
1 — Perigo
4 — Campo Grande



1. Avanço da infantaria no Setor Sul, sob ação de metralhamento de avião adversário.



1. *General Valdomiro Castilho de Lima estudando as operações no posto de comando de Capão Bonito.*

● 8 de setembro, AMPARO: o dispositivo constitucionalista da Frente Norte, ao mando do coronel Paiva, busca envolver os governistas. Estes, chefiados pelo coronel Eurico Gaspar Dutra e tendo como coronel honorário a Benjamim Vargas, irmão do presidente, frustram o propósito paulista e passando ao contra-ataque ganham terreno recalcando todo o setor.

10 de setembro, AMPARO: os revolucionários promovem a última ofensiva limitada no setor. O major Virgílio dos Santos, com o 1.º BCP da FP e os civis voluntários da Patrulha Prudente de Morais, tenta superar as posições dominantes dos ditatoriais. Os atacados, em maior número e contando sensível superioridade de meios, contra-atacam, aprisionando a metade do efetivo paulista.

● 26 de setembro, APARECIDA DO NORTE: aviões governistas bombardeiam a cidade, visando preferencialmente a estação ferroviária e o QG da DIO paulista.

● 1.º de agosto, APIAÍ, Frente Sul: a seis quilômetros da cidade, a defesa paulista, chefiada no setor pelo capitão Heliodoro Tenório da Rocha Marques, enfrenta o ataque de 1 600 homens do coronel Ayrton Plaisant. O combate encontra os voluntários recebendo, quase, o batismo de fogo. O primeiro assalto é repelido deixando nas trincheiras três prisioneiros. Os flancos constitucionalistas (sessenta homens na Fazendinha e oitenta no Banhado Grande) são ultrapassados e envolvidos. O Destacamento Plaisant faz junção com o do coronel Boanerges, reunindo então 2 500 soldados (5.º RAM, com duas baterias somando oito peças; 13.º RI; um batalhão do 7.º RI; um batalhão do 13º BC; três pelotões do 5.º RCD; 2.º BC; uma companhia da Brigada Militar gaúcha). Os paulistas dispõem de dois canhões de 75 milímetros. Superando a tentativa do capitão Heliodoro de reconquistar o Banhado Grande com uma coluna de 130 homens, o coronel Boanerges intima todo o dispositivo paulista à rendição. Recusando-a, seiscentos dentre os defensores, conduzidos pelo major Tenório de Brito, rompem a serra de Paranapiacaba e alcançam o litoral, sobem para São Paulo e, novamente, a frente de luta.

● 8 de agosto, AREIAS: as forças federais atuantes no eixo da rodovia São Paulo—Rio, mediante esforço principal do Destacamento Fontoura, ameaçam envolvimento e com isso desalojam os constitucionalistas das suas posições defensivas, chave do posicionamento paulista na Frente Leste.

● 26 de agosto, BALSA: depois de severo bombardeio iniciado no dia 20, todo o Exército do Sul ditatorial investe sobre a linha paulista, que se retrai para o Fundão. Durante a jornada, vigorosa atuação do trem blindado número 1.

● 1.º de agosto, BANHADO GRANDE/APIAÍ: episódio do combate de Apiaí. O capitão Heliodoro Tenório R. Marques destaca 130 homens do seu reduzido efetivo para a reconquista do flanco da Fazendinha, ultrapassado, cercado e tomado pelos ditatoriais do coronel Boanerges. Os paulistas que sobem para seis caminhões a fim de cumprir tal missão recebem com ela o seu batismo de fogo. O comboio é emboscado, chegando a receber fogo direto da artilharia. Os voluntários resistem vinte minutos, debandando. Com isso, fica aberta para os 1 500 soldados de Boanerges a via para circundar Apiaí, chave do Setor de Buri, que recebe intimação para render-se.

● 4 de agosto, BATEDOR, fazenda no vale do Paraíba. Local, na data, de um dos mais cruentos encontros daquela frente. Empregou-se arma branca, numerosíssimas granadas de mão e corpo-a-corpo. O choque durou até a noite, sem resultado claramente definido.

12 de agosto, BATEDOR: repete-se, com dobrada intensidade, o ataque governista do dia 4.

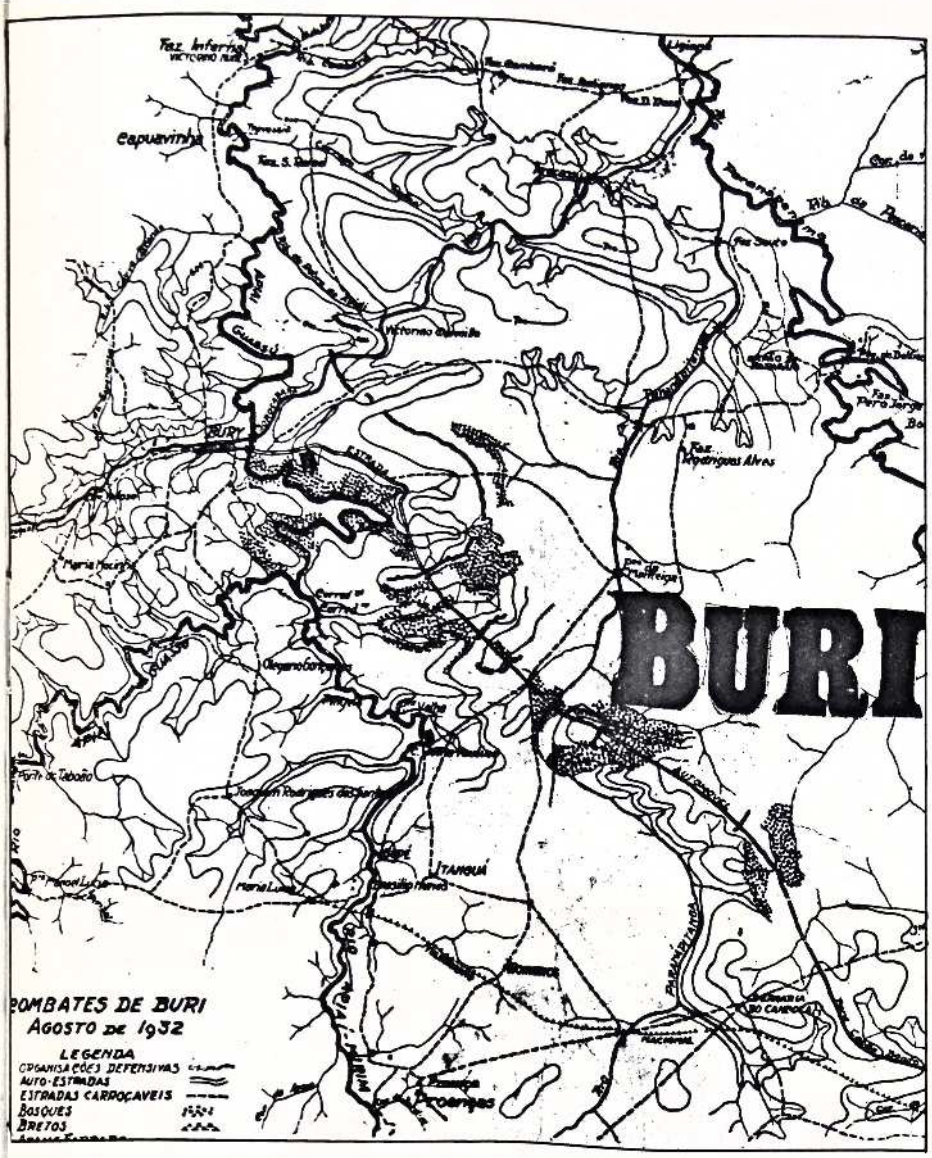
17 de agosto, BATEDOR: sob forte proteção de artilharia e de metralhadoras pesadas, três companhias governistas ocupam a fazenda, retomada pelos paulistas da tropa do coronel Sampaio. Combates ferozes e de resultados vários até o dia 19, quando a posição foi longamente metralhada por aviões "vermelhinhos".

● 26 de julho, BURI: a defesa que o chefe constitucionalista Basílio Taborda opunha ao avanço dos muito mais numerosos federais do general Valdomiro Castilho de Lima atinge seu ponto crítico: frustrada a marcha de flanco pretendida para inviabilizar o avanço inimigo, os paulistas recuam para Vitorino Carmilo. Nesta jornada o trem blindado fez a sua apresentação, apoiando a defesa e causando elevado número de baixas entre os inexpertos adversários.

13 de agosto, BURI: os constitucionalistas tentam reconquistar a praça perdida a 26 de julho. O plano previa ataque pelo flanco sul do Batalhão Major Arlindo e da Cavalaria Capitão Feijó, combinado com pressão, a partir de Vitorino Carmilo, do Destacamento Klingelhoefer. Haveria ainda ataque diversionista ao norte e apoio da artilharia, Seção Mascarenhas. Mas a ação resumiu-se a razoável êxito do movimento ao norte e do combate lateral da cavalaria, à esquerda. Buri permaneceu em poder ditatorial.

15 de agosto, BURI: procurando abrir caminho no rumo de Capão Bonito, 6 000 soldados do governo provisório atacam a posição defendida principalmente pelo 6.º BC da Reserva, sob a chefia geral do coronel Cristiano Klingelhoefer. Depois da preparação realizada por 1 200 tiros de artilharia, cumpridos por 32 peças, às 6:50 horas avançaram o 8.º RI de Passo Fundo, o 13.º BC de Ponta Grossa e o 16.º BC de Santa Catarina, apoiados por atividade aérea de bombardeio e metralhamento. Uma carga a baioneta dos catarinenses rompeu a linha constitucionalista sobre o 6.º BC e por ali entraram de roldão os atacantes, obrigando ao recuo todo o dispositivo da defesa.

● 13 de julho, CACHOEIRA PAULISTA: aviões governistas bombardeiam demoradamente as posições mantidas pelo 4.º

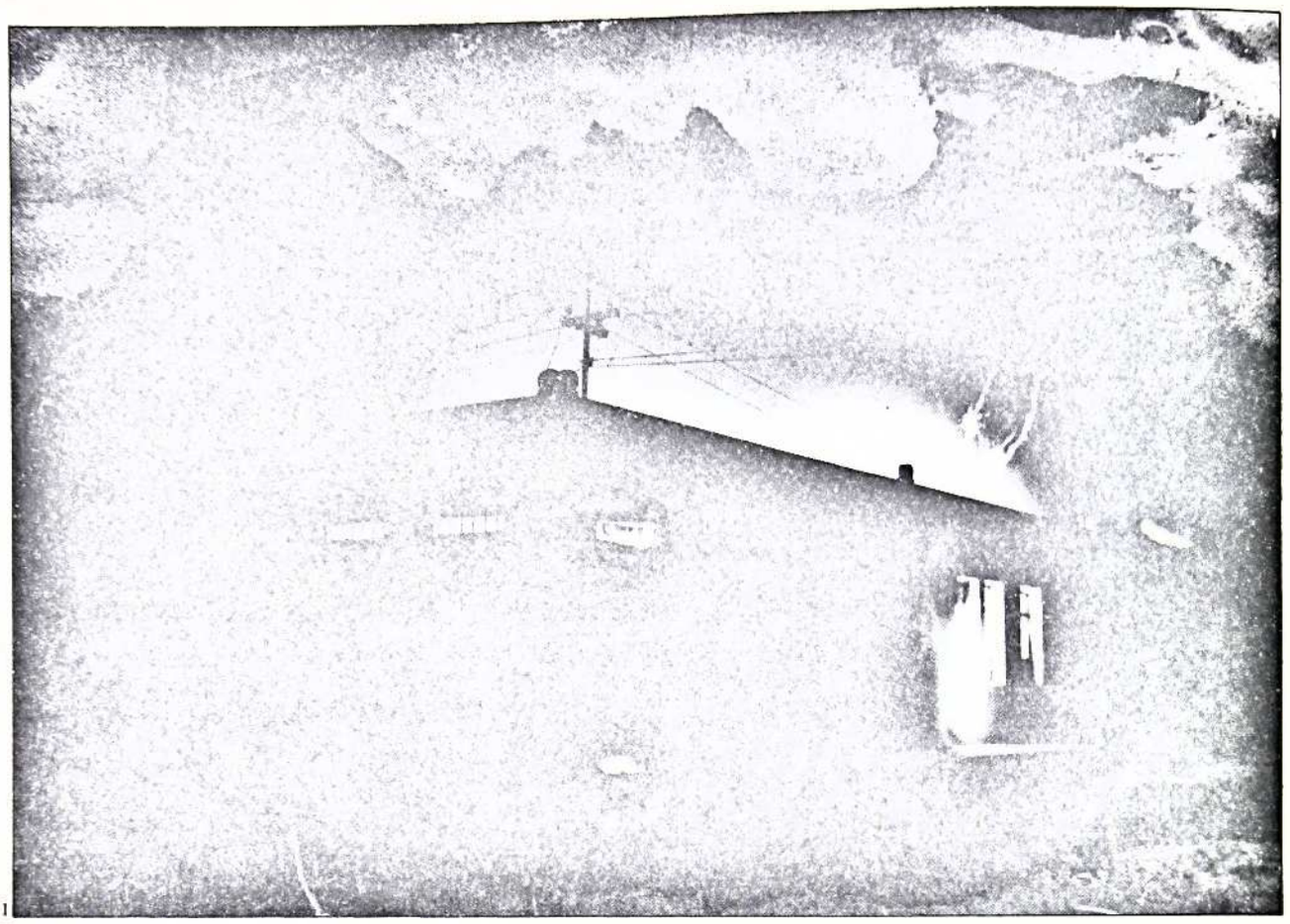


RI de Quitaúna. Foi a primeira utilização efetiva (em 1930 houvera um ensaio sobre Sengés, no Paraná), no país, da arma aérea contra posições de tropas terrestres. Um segundo vôo, sobre a periferia da cidade, terá sido destinado a causar desgaste psicológico na população e na tropa.

22 de julho, CACHOEIRA PAULISTA: nesta jornada e na seguinte, aviões governamentais alvejam a ponte sobre o rio Paraíba, numa tentativa de destruí-la, com o que seccionariam as forças paulistas no Vale.

● 18 de setembro, CAMPINAS: o primeiro bombardeio aéreo deliberadamente conduzido contra uma cidade. O episódio causou mais horror e repulsa do que danos, embora houvesse produzido um morto, três feridos e estragos em uma residência. Na manhã domingueira, esquadrilha de "vermelhinhos" deixa cair bombas de 45 quilos visando o pátio de manobras da ferrovia Mojiana. Uma das bombas alcança o objetivo, outra atinge a praça vizinha, junto de um bonde, ferindo gravemente um operário italiano, Vicente Nome, um comerciante sírio e um ferroviário que ia ao trabalho. Morre, diante de sua casa, o menino de dez anos, Aldo Chiorato. A terceira bomba danificou uma residência da Rua Campos Sales. Célia S. Farjalat *(Correio Popular,* 9-7-1975) assegura que o menino vítima prestava serviços à Revolução, atuando como mensageiro. Em 1966, seus restos foram trasladados para o Mausoléu do Soldado Constitucionalista, no Ibirapuera, São Paulo. Poetas como Guilherme de Almeida e Paulo Bonfim cantaram o sacrifício de Aldo e a brutalidade do bombardeio. Em várias outras ocasiões o ataque repetiu-se, ativado à medida em que o governo preparava ofensiva final e buscava, transtornando o sistema ferroviário centralizado em Campinas, dificultar o deslocamento de forças constitucionalistas. Alvos principais dos bombardeios foram o Hipódromo Campineiro, os pátios ferroviários, o campo de pouso onde operavam os últimos aviões paulistas.

● Uma estação ferroviária e quatro casas dispersas. Ali, a 15 e 16 de agosto, a mais furiosa batalha travada no Brasil republicano. O empenho e a coragem não privilegiaram nenhum dos contendores: — o capitão Antônio Gomes dos Santos, do Exército do Sul, conduzia contra os paulistas um batalhão de "provisórios" paranaenses. Assaltavam, à baioneta, a Ponte Damião Ferreira. Tomando-a contornariam as trincheiras constitucionalistas. Os defensores reagem com rajada ceifante de metralhadora pesada. O capitão reorganizou os seus homens e repetiu o assalto. À frente deles, recebe uma bala na cabeça. No hospital, está para ser operado quando o único canhão revolucionário na área visa o QG governista. Os médicos hesitam em principiar a cirurgia. O capitão recomenda: "Vamos esperar. Os senhores terão muitos feridos para tratar e eu tenho muito tempo. Escondam-se..." E morreu. Nesse dia 15 a ponte continuou paulista. O voluntário constitucionalista sargento Ângelo Martin viu a trincheira sob o seu mando ser ultrapassada pelo inimigo, que o intimou à rendição. Disparados os derradeiros tiros da sua metralhadora, usando arma branca, manteve a posição até a chegada providencial de uma coluna paulista. O coronel Cristiano Klingelhoefer, comandante da área, distinguiu Martin com os galões de tenente no campo onde os "conquistou de sabre em punho, justa e merecida recompensa de seu valor e de sua formidável abnegação".



1



2

● 17 de setembro, CANAS/LORENA: ao amanhecer, o Destacamento Teófilo foi submetido a longa preparação de artilharia, ao fim da qual avançaram dois batalhões ditatoriais. As companhias dos capitães Renato, Severino e Merlo, do Batalhão Saldanha, que vinham resistindo desde 72 horas antes, disparam os últimos cartuchos e retiram-se, entrando em Lorena em boa formação e cantando hinos patrióticos. Ao meio-dia, segundo os apontamentos do coronel Figueiredo, também as formações da FP deixaram as trincheiras. Com a tomada de Canas, os governistas dominaram a região, avançando sobre Lorena, praça que foi militarmente evacuada no decorrer da tarde. Pela ferrovia foram retirados material, pessoal e víveres. Apenas o trem blindado, ao mando do tenente Paulo Duarte, e o autocaminhão metralhador, sob o major Thery e Inácio Veiga, deram cobertura à retirada que compreendia o QG da DIO. O trem foi atacado já no pátio de manobras e na estação, tiroteando avançadas inimigas e atropelando "civis ditatoriais residentes na cidade [que] avançaram mais e procuravam colocar dormentes e trilhos sobre a linha férrea". O blindado passou sob forte tiroteio. Pela rodovia, mais adiante, o Batalhão Saldanha manteve o adversário distanciado enquanto se ultimava a retirada de Lorena.

● 17 de agosto, CASA BRANCA: metralhadoras utilizadas como arma antiaérea e abundante fuzilaria abatem o avião governista "vermelhinho" HL pilotado pelo tenente Lauro Aguirre Horta Barbosa, que bombardeara a cidade pouco antes.

● 17/18 de agosto, CERRADO: lançando ao ataque mais de 7 000 homens das três armas e dispondo de cobertura aérea, o general Valdomiro Castilho de Lima desfecha ofensiva em toda a Frente Sul. O 8.º RI e o 1.º CI são as forças ditatoriais a alcançarem o quebrar-se da debilitada e tênue linha paulista de defesa, abrindo cunha para desbordamento no subsetor da Serraria dos Americanos. A ofensiva do Cerrado foi dada por concluída durante a noite de 20 para 21, quando o grosso das formações governistas atingiram o rio Paranapanema, empurrando os constitucionalistas para a margem norte.

● 24 de setembro, CRUZEIRO: além das trincheiras ditatoriais, o major Lísias Rodrigues, da aviação constitucionalista, abate avião governamental, em duelo presenciado pelas infantarias, que, para tanto, suspenderam o tiroteio em que se empenhavam.

● 15 de julho, CUNHA: grupo de quinze civis armados, conduzidos pelo delegado regional de Guaratinguetá, procedem a reconhecimento sobre Cunha, sendo recebidos por vivo tirotear de fuzileiros navais. Esta presença adversária obrigaria à criação do Setor de Cunha: uma companhia do 4.º BC e uma seção de metralhadoras sob o tenente Abílio Pontes. Mais tarde, os fuzileiros retornaram a Parati, de onde haviam subido.

19 de julho, CUNHA: duas companhias do 1.º BCP e duas do 4.º BC, do Exército Constitucionalista, posicionam-se no morro do Divino Mestre, onde são atacadas por quinhentos fuzileiros navais. Estes, realizando movimento envolvente, desviam-se do morro e marcham sobre Cunha, evoluindo pelo flanco esquerdo. Os paulistas voltam-se e lutam pela reconquista da cidade. Entre os voluntários paulistas que na jornada receberam batismo de fogo, o poeta Guilherme de Almeida, soldado na Infantaria.

21 de julho, CUNHA: choque entre a defesa formada por voluntários e formação governista de fuzileiros navais. Estes recuam, deixando quinze feridos e um morto.

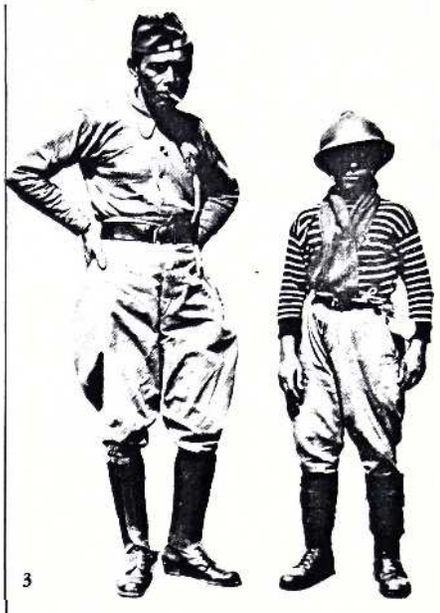
● 6 de agosto, ELEUTÉRIO: constitucionalistas do Batalhão Pietscher atacam a posição ditatorial defendida pelo 29.º BC, de Natal (RN). Entre os oito prisioneiros tomados pelos paulistas, o primeiro correspondente de guerra brasileiro a viver tal situação. Pertencia ao jornal *A Noite,* do Rio de Janeiro.

26 de agosto, ELEUTÉRIO: envolvida por forças ditatoriais bastante mais numerosas, a posição é abandonada pelos paulistas, o que provoca o retraimento de toda a linha constitucionalista para o rio do Peixe.

● 4 de agosto, ENGENHEIRO BIANOR: atacando com forte contingente de infantaria, protegido por cobertura de metralhadoras pesadas e de fuzilaria, os governistas ocupam a estação ferroviária. Contra-ataque rapidamente montado pelos paulistas é concluído com a retomada da posição.

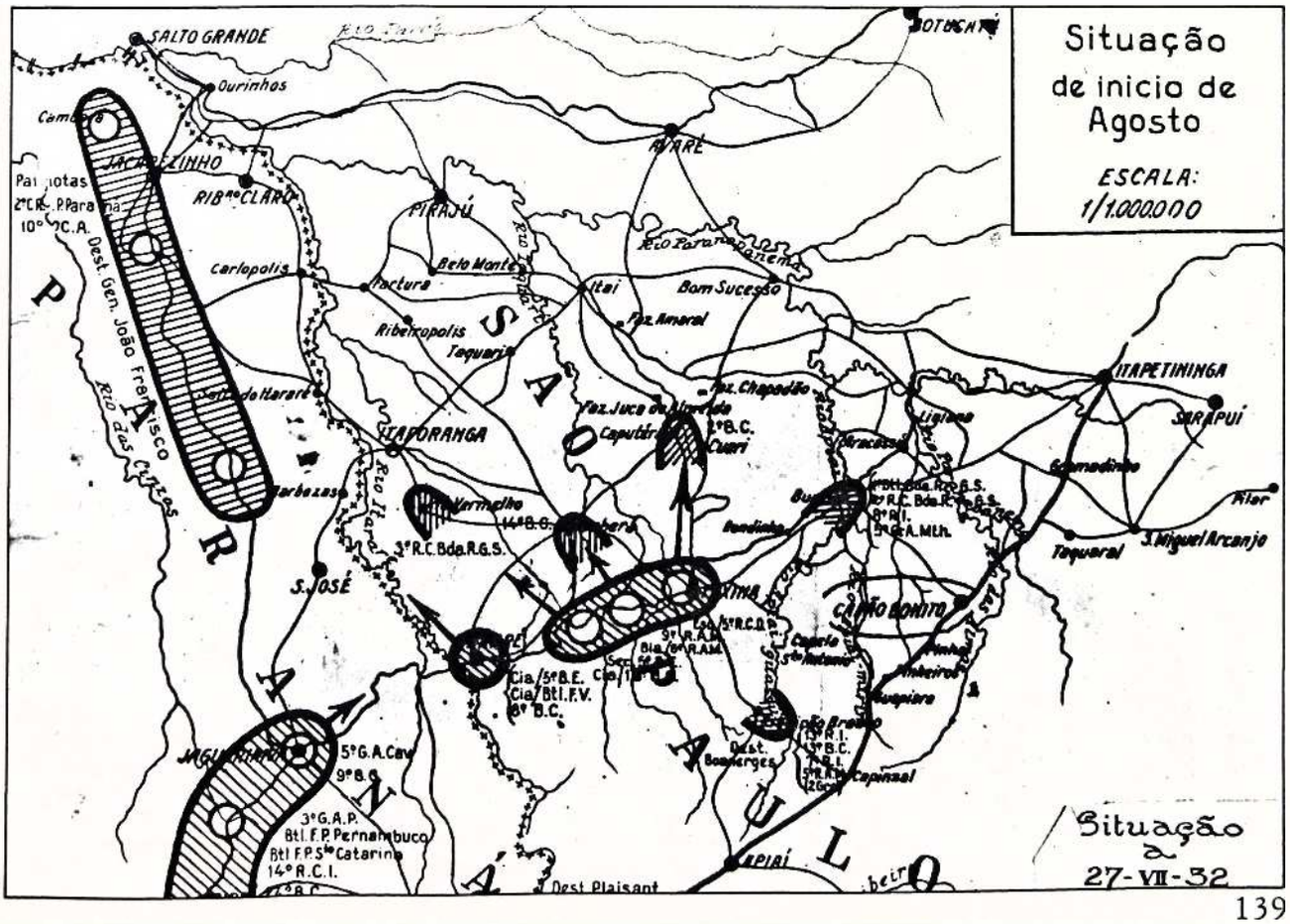
5 de agosto, ENGENHEIRO BIANOR: durante o dia, a estação é tomada e retomada. Ao fim da jornada e em definitivo, está em poder dos governamentais. Nessa noite, já perdida a estação, incursiona para além dela o trem blindado. Euclides Figueiredo descreveu a ação do trem: "À noite, estreou o nosso trem blindado, tendo partido de Queluz para Bianor, sob o comando do tenente Pedro Mena Barreto, auxiliado pelo tenente Severo Fournier. Fez, com surpresa, uma incursão diabólica nas linhas inimigas. Causou pavor entre os ditatoriais, que abandonaram as suas posições, as quais infelizmente não puderam ser ocupadas pelos nossos; como sempre, faltavam-nos tropas frescas". Barreto do Amaral relata que "o capitão do 5.º RI, do Exército Nacional, Manuel de Freitas", nesse dia e local, a entregar-se, preferiu morrer gritando: "Paulista não se rende".

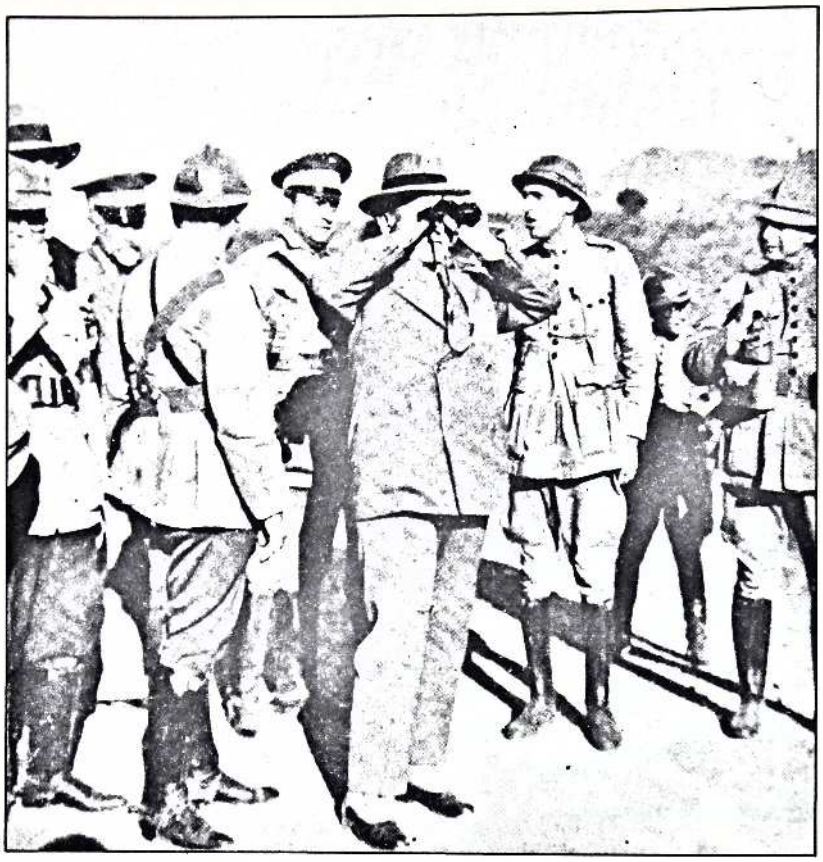
● 30 de agosto, FUNDÃO: no quadro do seu avanço para o centro do Estado de São Paulo, o general Valdomiro Castilho de Lima manda ao ataque todo o seu dispositivo. Rompendo o flanco defensivo paulista na Ponte da Manteiga, impõe a retirada dos cem homens do Batalhão Piraçununga. Em prosseguimento, envolvendo o flanco esquerdo repele contra-ataque paulista e leva toda a frente revolucionária a refluir para Capão Bonito. Na jornada, os três aviões paulistas



3

1. *Fábrica bombardeada em Lorena, 19.9.1932.*
2. *Boneco João Alberto enviado pelos constitucionalistas às tropas federais no Setor do Rio das Almas.*
3. *O poeta Guilherme de Almeida (à esquerda) e o mascote Roque em Cunha.*
4. *Operações na Frente Sul*


Situação
de inicio de
Agosto
ESCALA:
1/1.000.000
SALTO GRANDE
Ourinhos
JACAREZINHO
RIB.ºº CLARO
PIRAJÚ
ARARÉ
Rio Paranapanema
Carlopolis
Bom Sucesso
Ribeiropolis
Taquarivaí
ITAPETININGA
SARAPUÍ
ITAPORANGA
Faz. Juca de Almeida
Capitão
1º B.C.
Curi
Vermelho
14º B.C.
3º R.C. Bda. R.G.S.
S. JOSÉ
Rio Itararé
Rio das Cobras
Rio Paranapanema
Rio Ribeira
Rio Juquiá
Rio Juquiá-Guassú
Rio Jacupiranga
Rio Pardo
Rio Turvo
Rio Verde
Rio Itapetininga
Rio Sorocaba
Rio Tietê
Rio Piracicaba
Rio Mogy-Guassú
Rio Pardo
Rio Grande
Rio Sapucaí
Rio Pardo
Rio Mogy-Guassú



1. *Getúlio Vargas acompanhado pelo ministro da Guerra observa posições rebeldes* (Careta, *23.7.1932*).

● 18 de agosto: artilheiros do Forte Óbidos, sobre o rio Amazonas, pronunciam-se solidários com os que, no sul, reclamavam a constitucionalização do país. Partem para tomar Manaus e, não podendo transportar os seus obuses, armam-se apenas com metralhadoras e fuzis, ocupando pequenos barcos. Contra eles, que sobem o rio, o o governo estadual expediu dois navios pejados de tropas. O encontro ocorreu diante de Itacoatiara. Um dos navios, o *Baependi,* o maior dos que sulcavam a Amazônia, foi empregado como aríete sobre as frágeis embarcações dos revoltados. Descrição de Jarbas Passarinho: "Agindo com essa proa como se fosse um aríete, afundou-os. Em seguida, sem nenhuma contemplação para com os náufragos, metralhou-os". proporcionaram às forças de terra o maior apoio que lhes foi possível conceder durante a campanha.

● 27 de julho, GOMEIRA-CRISTAL-ITAGUARÉ-GOMEIRINHA: picos da serra da Mantiqueira, sobre o Túnel de Cruzeiro. Durante doze dias constituíram a linha mais alta do dispositivo paulista de defesa. Atacada desde a jornada de 10 e com dobrada violência a 16 e 22, neste dia 27, já quase envolvida pelos atacantes a linha dos quatro picos foi abandonada.

● 16 de agosto, GRAMA: às 16 horas, o 2.º BE paulista, levado pelo tenente Gumercindo da Fonseca, apoiado pelo batalhão do capitão Elídio da Silveira, atacou a arma branca a trincheira situacionista que o defrontava, fazendo dez prisioneiros. Um forte contra-ataque, com o emprego de contingente numericamente muito superior, conseguiu o recuo dos paulistas para a posição de partida.

● 23 de agosto, GUARATINGUETÁ: esquadrilha de aviões governistas ataca, empregando bombas e metralhamento, a base aérea paulista. Resultou destruído um dos poucos aviões constitucionalistas, o Toe A-116.

● 28 de setembro, ITAPEVA/FAXINA: pilotando o avião Potez-212, o major Gomes Pinheiro e o observador-metralhador Mota Lima atacam a pista de pouso então operada pelos governistas. Anunciam a destruição de ninhos de metralhadoras que protegiam o campo e a inutilização do único aparelho pousado, o Potez-Toe-E A-117.

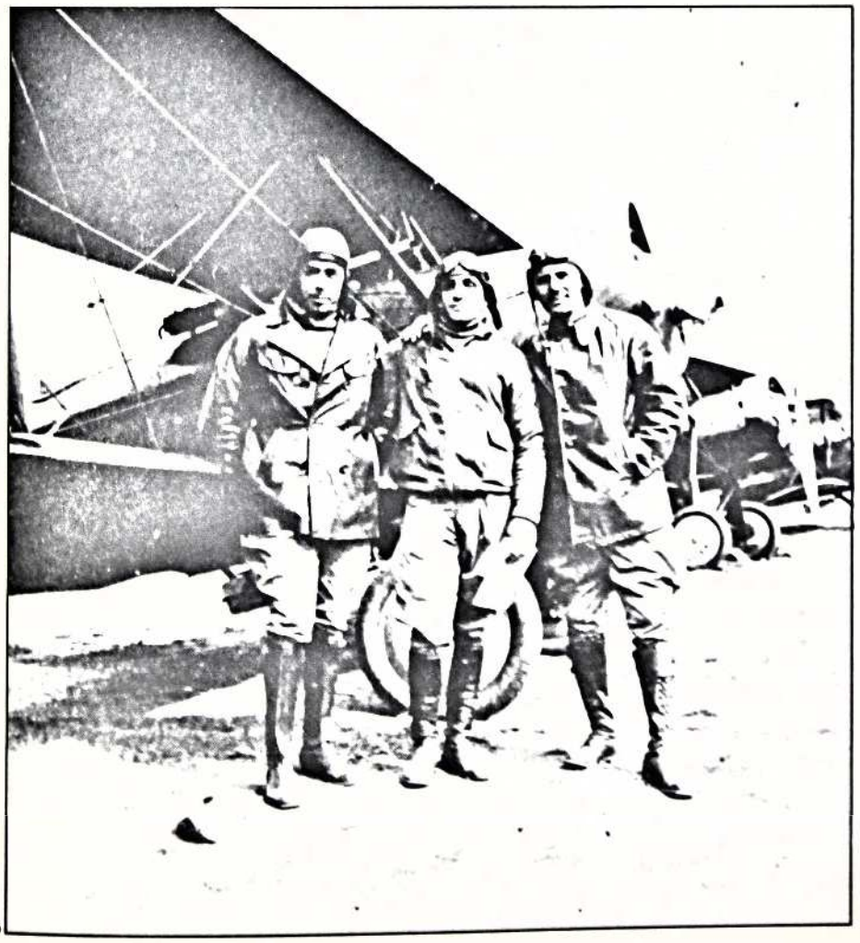
● 3 de setembro, LAGOA: vizinhanças de Casa Branca. Avançando, os batalhões 5.º, 9.º e 14.º da Força Pública mineira são contra-atacados pelo 1.º Batalhão da Milícia Cívica Paulista, apoiado pelo trem blindado (que perdeu o seu foguista), em ação provocadora de elevadas baixas entre os contrários. Os federais recuaram deixando treze prisioneiros. Porém, nas jornadas sucessivas, voltando a atacar e menos impressionáveis pelo blindado, romperam a defesa fazendo refluir o dispositivo constitucionalista.

● 20 de setembro, MOJI-MIRIM: os três aviões que constituíam a esquadrilha constitucionalista Gaviões de Penacho atacam a base aérea governista em que fora convertido o campo de pouso local. Lê-se no livro do comandante Lísias Rodrigues haver o ataque resultado no maior feito alcançado pela aviação paulista: dez baixas entre o pessoal de terra e destruição de cinco aparelhos ditatoriais.

● 24/25 de agosto, MORRO DA PEDREIRA: ocupado pelos ditatoriais no dia 16, o morro dominava Vila Queimada, a ferrovia e as rodovias da região. Posição estratégica valiosa, foi objeto de dois contra-ataques paulistas desferidos pelo Batalhão Piratininga e em seguida por duas companhias de assalto, excelente tropa de choque do major Agnelo. Uma terceira tentativa foi confiada ao capitão Reinaldo Saldanha da Gama, conduzindo civis que não se haviam rendido quando da rutura da Frente Sul, no vale do Ribeira. Com algum apoio da artilharia do 2.º GAP, do major Arcy, a companhia progrediu "pelos flancos da posição visada, tomando pé, de objetivo em objetivo, e entrincheira-se após cada refrega. Assim conseguiu, ousadamente, mas poupando ao máximo a vida dos seus soldados, penetrar de surpresa nos primeiros elementos da já formidável organização defensiva do morro, pondo em fuga os últimos elementos adversários". "A companhia que tomou a Pedreira foi desenvolvida em batalhão, sob comando do capitão Saldanha, comissionado em major." Os registros são de Euclides Figueiredo.

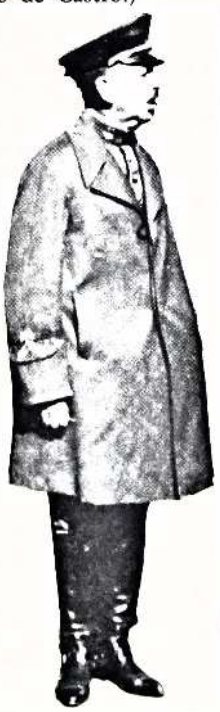
● 16 de agosto, MORRO VERDE: a linha defensiva na Mantiqueira tinha, nos morros da Pedreira, do Meio e Verde, três fortes pontos de apoio. Providos de armas semi-automáticas, dificultavam o avanço e fustigavam posições governamentais. Na data, ocorreu ofensiva sobre os três pontos, precedida de amplo emprego de aviação e artilharia. Os morros da Pedreira e do Meio caíram. O Verde, cuja trincheira dispunha de apenas cem balas para fuzil e menos de cinqüenta granadas, enviou pedido de reforço e de munições ao QG do setor, em Vila Queimada. Atacavam o morro Verde: o 3.º Batalhão do 1.º RI, completo, e uma companhia da polícia pernambucana. A primeira tentativa de escalar o morro foi repelida. Mas o fácil envolvimento a que a posição estava sujeita depois da queda dos outros morros fez com que a maior parte dos defensores abandonasse a trin-





2. Destruição causada pelo bombardeio de Guaratinguetá.
3. Os aviadores constitucionalistas Xavier de Brito, Mota Lima e Pelegrini.

● "... alguns estudantes tomaram a iniciativa de formar um cortejo, que logo se avolumou com a cooperação de mais de mil pessoas de todas as classes que subiram a Avenida Rio Branco entre aclamações a São Paulo. À frente, empunhando uma bandeira paulista, uma jovem loura, erguida ao alto por dois estudantes. Das janelas cheias, mãos e lenços acenavam, fazendo coro quantos as ocupavam — em sua maioria famílias que haviam ido buscar abrigo nas casas ainda abertas —, com aquele clamor de aplausos entusiásticos e vibrantes à causa constitucionalista. E quando a grande caudal humana se movia entre as ruas da Alfândega e Sete de Setembro, soldados de infantaria, investigadores e guardas-civis surgiram de vários pontos, num movimento de convergência, lançando-se entre descargas sobre a retaguarda dos manifestantes (...) Não houve um refúgio, e as balas sibilavam no espaço, sem rumo nem destino certo. Vimos tombar nas calçadas, sob os tiros, quantas vítimas (...) Num dos intervalos dessa refrega, e quando já todo o trânsito de veículos havia sido desviado da avenida (...) três ônibus cheios de soldados vararam vertiginosamente a grande artéria, e não houve quem não os ouvisse exclamar em uníssono com a população atacada, mas numa vibração incessante: 'Viva São Paulo! Viva São Paulo!'" (Sertório de Castro.)



cheira. O tenente Antônio Oliveira Melo e cinco soldados obstinaram-se em permanecer e, manejando nada mais do que quatro fuzis-metralhadoras, repeliram um segundo assalto inimigo. Essa disposição fez com que cinco voluntários retornassem ao local. Com onze homens o tenente Melo resistiu no morro Verde a um batalhão completo do Exército e a uma companhia policial. A chegada de reforços consolidou a posição, que não foi tomada mas abandonada quando toda a frente foi mandada refluir.

● 15 de agosto, PALMEIRAS, fazenda, vale do Paraíba: ocupada, na véspera, pelos paulistas do capitão Veloso, fazendo ali 32 prisioneiros. Na jornada de 15, pesadamente bombardeada por artilharias, aviação e picotada por fogos de infantaria. Ataque repelido, com a obtenção de outros trinta prisioneiros, entre os quais um tenente do 3.º RI.

16 de agosto, PALMEIRAS, fazenda: mantida a posição, submetida durante todo o dia a cobertura de artilharia e incursões dos aviões "vermelhinhos".

27 de agosto, PALMEIRAS, fazenda: por engano, aviões paulistas, enviados para aliviar a pressão inimiga, alvejam as posições constitucionalistas, provocando nelas tal desânimo que sucedeu-se o não conseguido pelo inimigo: o abandono da posição. Estas foram reocupadas no fim do dia e na jornada seguinte resistiram a prolongado ataque adversário que se serviu das três armas.

● 16 de julho, PEREQUÊ, junto ao túnel da Mantiqueira: elementos do 2.º Batalhão do 5.º RI, posicionados em observação, com ordens para não atirar sobre tropa proveniente de Minas Gerais, pois acreditava-se que elas poderiam estar se aproximando para aderir à causa constitucionalista, obedecem. Mas os homens do batalhão resultam alvejados por contingente da 4.ª RCD, de Três Corações, ao mando superior do coronel Eurico Gaspar Dutra. Os paulistas perdem posições junto à boca do Túnel.

● 1.º de outubro, PERIGO, junto ao rio Paranapanema: talvez, aqui, hajam sido disparados os últimos tiros da Revolução em território paulista. O lugar fazia parte do Setor Campininha ou Ponte da Campininha, confiado ao Batalhão Tenório de Brito, ali representado pelas trincheiras dos tenentes Franciscato (EN), Feijó (EN) e Martin, voluntário. Superadas as duas primeiras, a terceira combateu até o fim do dia, quando já não havia mais revolução. Outro voluntário, Salvador Assumpção, arrastou por oitocentos metros o tenente Martin, que continuava a gritar ordens à sua tropa inexistente.

● 1/2 de setembro, PRATA: força governista integrada pelos batalhões 5.º, 9.º e 14.º da FP de Minas Gerais e número imprecisado de civis armados, somando mais de 2 000 homens apoiados por artilharia, ataca o 1.º Batalhão da Milícia Cívica Paulista, ao mando do capitão Romão Gomes. No dia 2, ajudando eficazmente a defesa, entrou em ação a Companhia de Bombardas, arma criada pelo engenheiro naval Jacobino. O trem blindado compareceu, porém não teve oportunidade para abrir fogo, contribuindo, com o só trafegar e apitar, para desestimular ondas de atacantes. Ao anoitecer do segundo dia de combate, quase envolvidos pela superioridade numérica adversária, os defensores abandonaram a posição.

● 10 de agosto, QUELUZ: depois de alguns dias resistindo e sob ameaça de cerco, debaixo de forte ataque de artilharia e infantaria, os constitucionalistas recuam, sendo a praça imediatamente ocupada pelos governistas. O engenheiro Bresser, mesmo visado por fogo inimigo, destruiu a ponte, livrando de perseguição a tropa revolucionária.

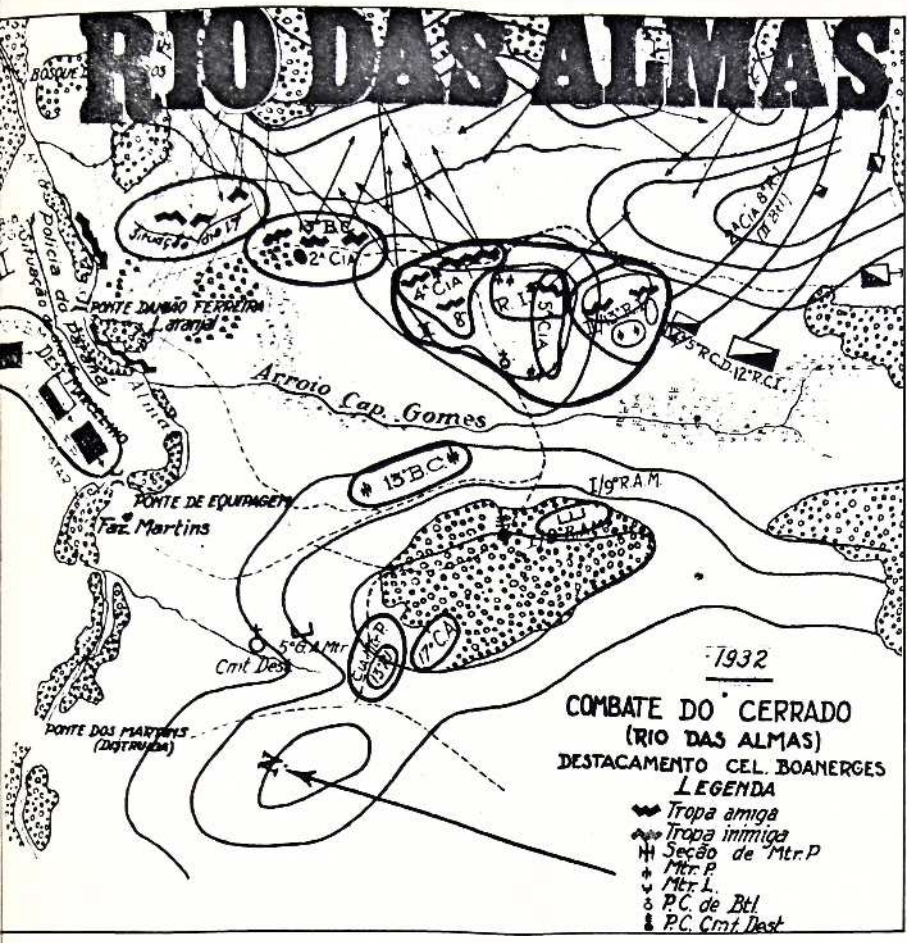
13 de agosto, QUELUZ: a cidade, ocupada no dia 10 pelos governistas, e mais as posições destes no Alto da Laje, Fada Tatá e Capela São Roque são reconhecidas e bombardeadas pelos aviões constitucionalistas. À tarde a mesma operação foi realizada no setor da boca do Túnel.

● 21 de julho, RIBEIRA, mais propriamente, Capela da Ribeira, vale do Paraíba: ação iniciada com ataque frontal pelos fuzileiros navais contra a linha paulista. As duas partes reclamaram a vitória.

● 2 de agosto, RECREIO, na Frente Mineira, forte ataque governista em conexão com aquele desfechado sobre São Roque, Fartura e Eleutério. Sensível amolgamento da linha defensiva. Mantendo-se Eleutério com brilhantismo, a Frente resistiria até o dia 26, quando toda ela teve que refluir para o rio do Peixe.

● 19 de setembro, RIO DAS ALMAS. Do livro de Glauco Carneiro a notícia sobre este evento: "Diante das posições paulistas do rio das Almas, as tropas do general Valdomiro Lima encontraram a resistência mais tenaz. O contínuo martelar da artilharia, durante dois dias, nada obteve de positivo. A infantaria legalista debalde procurou assaltar as posições adversárias, de onde voavam chuvas de granadas. A 19 de setembro de 1932, mais tropas vieram reforçar a de ataque. A superioridade numérica acabou por prevalecer, depois de sangrento choque a arma branca, como em Itararé, conquistando os legais, a ferro e fogo, o sólido entrincheiramento inimigo. Só houve 35 lutadores paulistas que não se renderam: permaneceram no posto de sacrifício, apoiando a retirada do grosso da força constitucionalista, sendo os poucos que restaram vivos aprisionados à unha em plena luta".

● 2 de agosto, SALTO, no vale do Paraíba, região de Queluz: resistindo desde o dia 31 de julho a continuado ataque ditatorial desferido com apoio da aviação e artilharia; o setor de Salto é abandonado na jornada pelos constitucionalistas que refluem nas direções de Areias e de Engenheiro Bianor. O setor estava confiado ao Destacamento Agnelo: voluntá-



1. *Capitão Pitcher, comandante do Batalhão Pais Leme.*
2. *Telefone de campanha instalado nas trincheiras de Cunha.*

Dois juízos do mesmo juiz, sobre a mesma gente

Clóvis Gonçalves, no livro *Carne para canhão: Sobre o rio Itararé*

"Nas trincheiras reacionárias (...) havia em parte voluntários das academias de São Paulo, enquadrados pelos soldados da Força Pública. Assim ficaram vários dias nas trincheiras, alardeando, aos quatro ventos, que ninguém passaria a barreira do rio Itararé. Ao se iniciar, porém, o bombardeio, a valentia de muitos eclipsou-se completamente. Logo aos primeiros tiros, estabeleceu-se o pânico nas trincheiras reacionárias. Os cultos soldados das escolas superiores passaram a gritar, uns aos outros: *"sauve qui peut"*, utilizando-se da língua estrangeira para garantir a retirada, à custa do sacrifício dos soldados da Força Pública."

Sobre o rio das Almas

"Aqui — faça-se justiça — os soldados paulistas resistindo à metralha e às bombas dos aviões; resistindo à artilharia que martelou, durante dois dias, com cinco baterias; resistindo até o fim, sendo presos de armas na mão, os soldados paulistas do rio das Almas, criaram jus indefectível a elogios dos próprios atacantes (...). Honra aos 35 prisioneiros do rio das Almas." (...) "São bem brasileiros como nós. A maioria cursa as academias paulistas. Gente de sociedade. Mostram-nos o morto que transportam com cuidado e veneração. Dizem-nos que era da família Penteado. Morrera heroicamente. De pé na trincheira, quando todos viam nossos soldados a dois passos, o soldado Penteado ainda lançava granadas sobre os atacantes. Uma bala, atravessando-lhe um dos olhos, prostrara-o sobre a trincheira, o braço estendido para a frente, como se mesmo depois de morto quisesse continuar a espalhar a destruição por meio de granadas..."



● Descrição na imprensa governista da tomada de São José do Barreiro: "Avançando até Barreiro, o Destacamento Coronel Fontoura encontrou aí séria resistência das forças paulistas. Manobrou então para o norte, atacando violentamente as tropas que ocupavam a cidade. Obtendo êxito, esse destacamento avançou até as imediações de Areias. Os paulistas, sob pressão, se retiraram, primeiro a polícia de São Paulo, depois sucessivamente o 3.º do 4.º RI, o 1.º do 6.º RI e os contingentes do 12º RI, num total de mil homens, todos, ao que parece, sob o comando do major Quintiliano de Castro e Silva. Houve oitenta mortos paulistas, além de cem feridos, sem contar os prisioneiros. Deixaram mais os paulistas um armazém de reabastecimento e um depósito de munições".

● A mesma imprensa, a respeito da Frente Sul:
"As nossas tropas ontem em reconhecimento entraram em contato com os rebeldes na estrada que liga Guapiara a Capoeiras (. . .) Foram feitos perto de trinta prisioneiros do Batalhão Patriótico 9 de Julho, sendo apreendidos vários caminhões, depois do combate, que foi renhido e durou duas horas, havendo mortos e feridos entre os rebeldes. Inquiridos dois prisioneiros do referido batalhão, de nomes Ricardo Garcia Santiago e Fernando de Almeida Prado, disseram ter ouvido em Itapetininga que elementos remanescentes do Batalhão Floriano Peixoto se revoltaram contra o seu comandante, tenente João Coriolano de Almeida, e o assassinaram por considerá-lo incapaz e responsável pela mortandade e aprisionamento de seus camaradas".

rios, grupamento do 8.º BCR e formação da Milícia Cívica de Santos. A ameaça de que este refluxo se transformasse em rutura geral da frente foi afastada pela pronta reconstituição da linha em Queluz, graças à oportuna chegada do Tiro Naval de Santos e de outras forças.

1.º de outubro, SALTO, sobre o rio Paranapanema: último combate da campanha. Às 8:40 horas, a artilharia ditatorial cobriu com setenta tiros as trincheiras paulistas, que se mantiveram caladas devido à notícia chegada durante a madrugada de que na Frente Leste concluíra-se armistício. Porém, silenciada a artilharia, infantes da força do coronel Jurandir Mamede cruzaram o rio em formação de ataque e fazendo fogo. Os paulistas decidiram-se a recebê-los com uma cortina de armas leves e, mais tarde, com um contra-ataque conduzido por voluntários civis. Às 14:30, nova barragem de artilharia dava cobertura ao retorno dos atacantes às posições de partida, na margem sul do rio. No final da jornada, os revolucionários refluíram para Angatuba, onde receberam a confirmação de que a guerra terminara. No local Perigo-Campininha, isolado, lutou-se até o entardecer. Inúteis, na verdade, os tiros e as baixas sofridas naquele dia.

● 21 de julho, SANTANA DOS TOCOS, fazenda: ocupada às 4 horas, pelos paulistas.

● 23 de julho, SANTOS: aviões governistas bombardeiam o forte de Itaipu, derrubando trecho do muro exterior. É assente que este bombardeio e os vários anteriores vôos de inquietação tenham contribuído para levar Santos Dumont a procurar a morte, desgostoso com o uso destruidor dado ao seu invento.

24 de setembro, SANTOS: sobre a barra, avião paulista que atacava o cruzador *Rio Grande do Sul*, cai ao mar. Segundo os governistas, abatido pela defesa do navio; conforme o comandante da esquadrilha constitucionalista, Lísias Rodrigues, a queda ocorreu por incêndio no motor.

● 23 de julho, SÃO PAULO: os HL, "vermelhinhos", atingem a cidade e lançam bombas sobre o Campo de Marte, centro operacional da aviação constitucionalista. Uma das bombas explode nas proximidades do Clube Espéria, repleto de mulheres e crianças. Consternação e medo entre a população civil.

● 13 de julho, SÃO JOSÉ DO BARREIRO: trocando aqueles considerados os primeiros tiros da campanha, defrontaram-se, na rodovia São Paulo—Rio, uma companhia da Força Pública paulista e destacamento da cavalaria governista — 4.º RCD. Hesitação dos paulistas, confiando em que se tratasse de aliados.

17 de julho, SÃO JOSÉ DO BARREIRO: durante todo o dia áspero combate que termina com as posições constitucionalistas mantidas.

29 de julho, SÃO JOSÉ DO BARREIRO: abandonada a posição dos paulistas, em movimento de retificação de linhas. A artilharia governamental ainda disparou



sobre os entrincheiramentos vazios durante 48 horas.

● 2 de agosto, SÃO ROQUE: desrespeitando o chamado Convênio de Guaxupé — afinal mero entendimento de comandantes locais, mas ao qual os constitucionalistas conferiam validade de tratado entre os Estados de Minas Gerais e de São Paulo —, forças governistas provenientes de Minas atacam as localidades paulistas de São Roque, Fartura, Recreio e Eleutério. Em razão do que entendia compromisso selado de respeito às divisas estaduais, o comando revolucionário dotara aquela área de, praticamente, apenas cortina de vigilância. Ainda assim, os combates defensivos, intermitentes, prosseguiram até o dia 26, quando os



atacantes obtiveram o rompimento da linha.

10 de agosto, SÃO ROQUE, Sítio da Capela de São Roque, vale do Paraíba, proximidades de Cruzeiro: pressionadas desde a véspera, carentes de munição e sob ameaça de envolvimento geral, as forças paulistas cedem a posição, recuando para a de Pinheiros.

26 de agosto, SÃO ROQUE, na Frente Mineira: atacada desde o dia 2, a cortina de atiradores é superada e vencida. Centro da linha de resistência, provoca a queda, também, de Recreio e de Fartura e o retraimento geral para o rio do Peixe.

10 de agosto, SILVEIRAS: avião paulista enviado para atacar concentração ditatorial em Areias e Salto por engano lança as suas bombas sobre formações constitucionalistas do Destacamento Andrade.

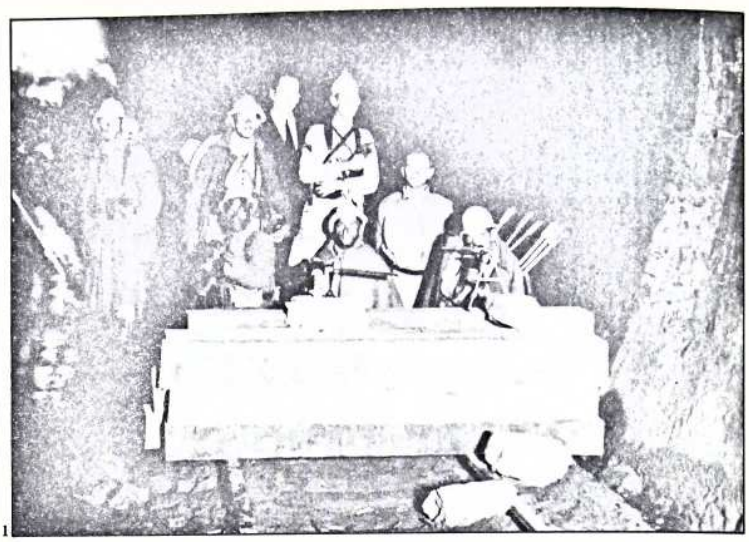
● 3 de setembro, SILVEIRAS: ofensiva limitada dos revolucionários. No primeiro momento alcançam desalojar parte do 19.º BC, mas, não podendo superar o contra-ataque envolvente dos governamentais, cedem o terreno conquistado. Resistiriam até o dia 12 nas posições de que haviam partido nesta jornada.

● 12 de setembro, SILVEIRAS/PINHEIROS: combatendo defensivamente desde o começo do mês, os paulistas abandonam aquelas posições. Ao deixarem Pinheiros, às 17 horas, os defensores dispunham, no total, de apenas trinta cartuchos. Em conseqüência, toda a Frente

Ajuste de uma peça de 75 mm, na Fazenda Bom Retiro, região de Amparo (Rio das Almas).

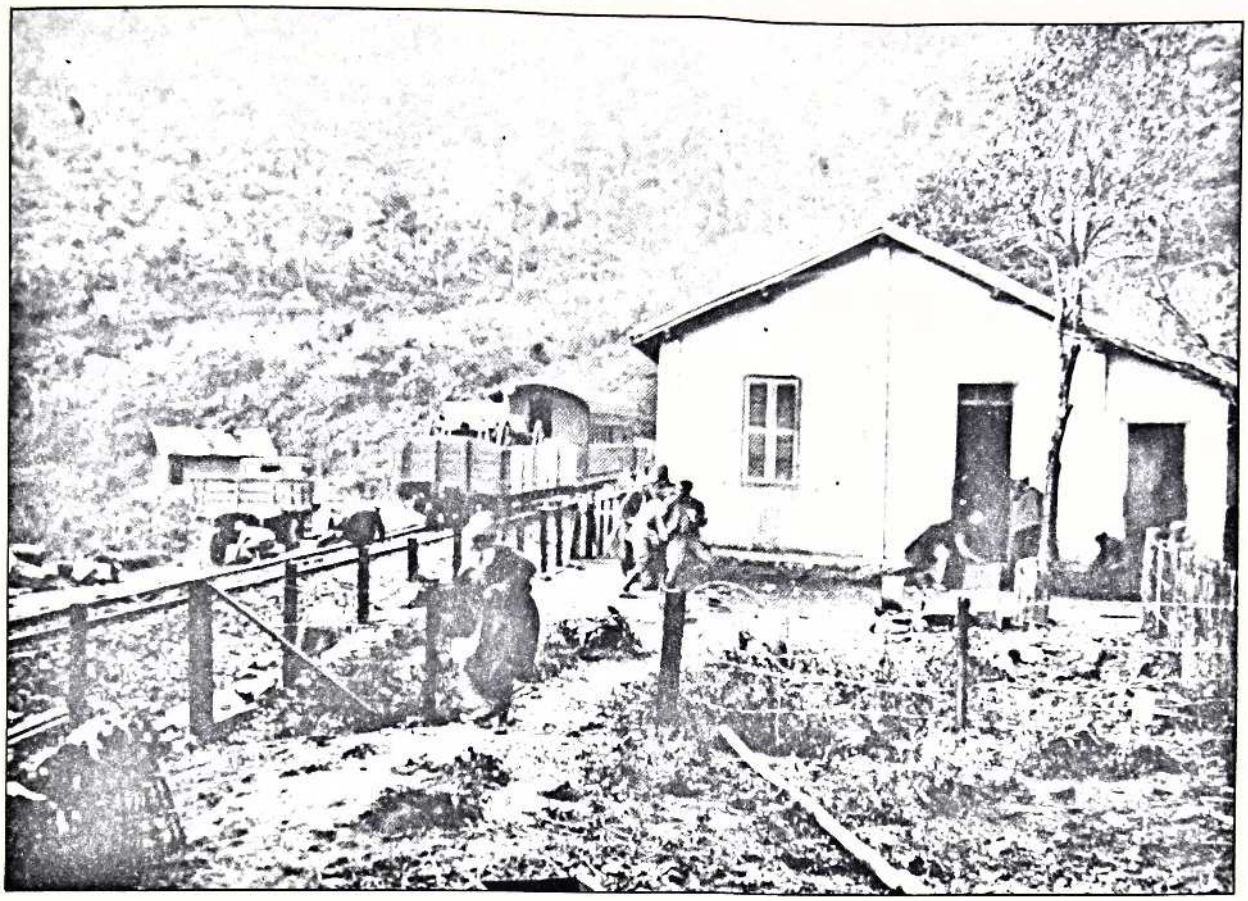
● GAÚCHOS SAEM A CAMPO...
À velha moda dos pampas, a Frente Única manteria os compromissos assumidos com os paulistas. Não podendo conduzir o seu Estado para o campo constitucionalista, levariam um punhado de homens briosos a caracolear pela campanha. Sem a menor esperança de entrar novamente em triunfo, no Rio de Janeiro, dar-se-iam por satisfeitos com o reter no Rio Grande parte da tropa que Flores da Cunha preparava para expedir contra São Paulo.
Os chefes: Borges de Medeiros, Batista Luzardo, Raul Pilla, Neves da Fontoura, Lindolfo Collor, Mem de Sá, Marcial Terra, Ariosto Pinto, Cândido Carneiro Júnior, Armando Borges, Walter Jobim, Sissom, Coriolano de Castro, Valenciano Martim Cavalcanti, Avelino Tavares, João Vargas, Fábio Garcia, Tarcísio Gomes Peixoto Keller, Waldo, Ripoll, Sinch, Júlio Ruas, Félix Simões Pires, Laudelino Barcelos, Ernesto Rangel, João Cony, Pancho, Majó Oliveira, João Menino, Glicério Alves, Galdino da Rosa e outros.
Carlos Reverbel descreve o início dessa "guerrilha da palavra empenhada":

● "Na noite de 14 de agosto de 1932, Borges de Medeiros e Batista Luzardo foram levados a um trapiche, ocultos dentro de tonéis de gasolina. Chegados a esse embarcadouro, situado a regular distância do cais do porto, os dois políticos entraram numa lancha de leiteiro, atravessando o rio, e encostando numa enseada, nas proximidades de Guaíba, onde os aguardava um vaqueano, com dois cavalos encilhados.
A fuga de Porto Alegre fora bem sucedida até o outro lado do rio. Agora começaria a difícil e penosa caminhada rumo a Santa Maria, local escolhido, como centro geográfico do Estado, para o início do levante do Rio Grande do Sul, em apoio à Revolução Constitucionalista de São Paulo".


1


2


3



Norte reflui para Jataí e Guaratinguetá, recuo que impôs o abandono também do Túnel, defendido desde 13 de julho.

● 13 de julho, TÚNEL: o túnel ferroviário da serra da Mantiqueira constituiu-se em posição épica e símbolo da campanha na Frente Norte. Os paulistas ocuparam-no empregando o 2.º BC da FP, duas companhias de infantaria e uma de metralhadoras, tiroteando força mineira que tomara a iniciativa da ocupação e, daquela altura, ameaçara Cruzeiro. Ao meio-dia de 13 os constitucionalistas assenhorearam-se do Túnel, que defenderiam adequadamente até 12 de setembro, quando toda a Frente recuou para Guaratinguetá.

14/18 de julho, TÚNEL: quatro dias de violentos combates. No campo revolucionário, as 3.ª e 4.ª Companhias de Caçadores substituíram o 2.º do 5.º RI. No dia 18 a situação esteve particularmente grave, salva pelo reforço oportuno do 2.º BCP, levado pelo coronel Herculano Carvalho e Silva, e do 3.º do 5.º RI, sob o major Gaia. A 19 a posse constitucionalista ficou consolidada e seria mantida por dois meses.

25 de julho, TÚNEL: das 10:30 às 13 horas, ataque violento dos ditatoriais. Repelido.

3/4 de agosto, TÚNEL: ataque governamental durante toda a noite. Posições mantidas.

● 22 de agosto, VALE DO PARAÍBA: à altura da Estrada de Ferro Central do Brasil, sobre terras do município de Cruzeiro, o primeiro combate aéreo no Brasil. Sem perdas, envolveu dois aviões paulistas — um Waco e um Potez-Toe — e dois governistas — um Waco-Cso e um Newport Delage.

● 31 de agosto, VILA QUEIMADA, vale do Paraíba: ao cabo de três semanas de ofensiva, preparada e apoiada por artilharia, ação dos "vermelhinhos" e fogos de infantaria, as forças governistas desalojam o Batalhão Pais Leme. Em conseqüência, recuo de todo o dispositivo revolucionário no vale.

● 15/16 de agosto, VITORINO CARMILO, também chamada "a Segunda Batalha de Buri". Alves Bastos afirma que "correspondentes da imprensa acreditados junto ao EM do general Valdomiro chegaram a classificá-la como "a maior batalha da América do Sul". Tomaram parte: 6 000 governistas (8.º RI de Passo Fundo; 13.º de Ponta Grossa; 16.º BC de Santa Catarina; batalhões policiais sulistas e norte-nordestinos); 1 030 constitucionalistas, sob o coronel Cristiano Klingelhoefer (trezentos do 6.º BC; 250 do 2.º Batalhão do RI 9 de Julho; duzentos do 9.º BCR; cem do 1.º BCR; cem do 7.º BC; oitenta do Esquadrão de Cavalaria Jardim. Um canhão paulista, com apenas 54 tiros, e 32 peças governistas fartamente municiadas. Às 6:30 horas do dia 15, iniciada barragem de 1 200 tiros de artilharia sobre os defensores. Às 6:50, avanço de infan-

1. *Trincheira paulista na boca do Túnel da Mantiqueira.*
2. *Senhoras de Lorena oferecem comida aos soldados do 2.º Batalhão da Liga de Defesa Paulista.*
3. *A hora do rancho.*
4. *Túnel da Mantiqueira sob bombardeio governamental.*



Segunda Edição

NOVE de JULHO

TUNNEL - CRUZEIRO - CACHOEIRA

Não passa de uma simples conquista de posições geographicas, sem significação militar de maior vulto, a occupação dessas localidades, que o Exercito Constitucional abandonou por motivo de ordem estrategica

● A campanha gaúcha teve tudo quanto a tradição pampeira exige de um evento para ombreá-lo com as jornadas de 1835-45 e 1893. Para exemplo, o combate final. Chamou-se "do Cerro Alegre" ou, mais propriamente, "da Estância de Nicanor Barbosa". Ali estavam, a churrasquear e a matear, dando descanso ao seu velho líder Borges de Medeiros, os remanescentes constitucionalistas: 204 combatentes. Cercavam, protetoramente, a casa da estância. Nela, Borges, Luzardo e o Estado-Maior da coluna. Na frente da casa, a tropa do capitão Martim Cavalcanti; nos fundos, a do coronel Armando Borges; no flanco direito, a do coronel Galdino Fernandes da Rosa; na mangueira de pedra, o destacamento do coronel Coriolano de Castro.

Não suficientemente alerta para impedirem o deixar-se cercar por 640 governistas: quatrocentos cavalarianos do Corpo Auxiliar de São Gabriel, sob o coronel Adel Bento Pereira; 150, do 15.º Corpo, de Dom Pedrito, ao mando do major Leopoldino Dutra; 120, do 1.º Batalhão da Brigada, conduzidos pelo capitão Figueira.

Deram-se ao tiroteio. Ao fim de quatro horas de fogo, tendo os defensores perdido três mortos e contando seis feridos; e os atacantes, 23 mortos e 39 feridos, tornou-se claro acabar-se ali o esforço guerreiro da Frente Única. Na casa, o Estado-Maior decide que Batista Luzardo reunirá alguns homens que lhe são mais chegados e cuidará de furar o cerco para continuar a campanha de guerrilha. Borges ficará e lutará. Permanece na cozinha, preparando mate para os que, das janelas e portas, disparam. São, ao todo, sete companheiros. Dois, feridos.

Alberto Severo, um dos feridos, vai falar ao "velho" Borges, em nome dos demais:

— Chefe, não dá para continuar.

Oferecendo-lhe a cuia, Borges questiona:

— Quanta munição ainda temos?

— Quem tem mais sou eu, três balas.

— Pois não se fala em render enquanto se tem três balas. Toque fogo nos homens. Depois, conversaremos.

Atiraram as últimas balas e renderam-se: 45 constitucionalistas. Borges foi levado, preso, a uma fortaleza do Rio de Janeiro, da qual, pouco depois, a Pernambuco, para um confinamento de dois anos.

taria em esforço de cerco, contando com apoio aéreo. Às 14 horas os atacantes haviam ocupado as primeiras posições adversárias, algumas das quais retomadas ao entardecer mediante furioso contra-ataque. Os contendores passaram a noite preparando a continuação da batalha.

16 de agosto, VITORINO CARMILO: segundo dia da batalha. Na proporção de um contra cinco, os constitucionalistas não dispuseram de tiros para o seu canhão único nem de apoio aéreo, coberturas que abundavam para os contrários. Às 14 horas, faltos de munição para fuzil e metralhadoras, os paulistas tiveram sua linha rompida por carga de baionetas. Todo o dispositivo constitucionalista recuou para novas posições, entregando Vitorino Carmilo ao ditatorial Exército do Sul.

E mais combates em outros Estados

● 19 de julho, BELA VISTA, Mato Grosso: destacamento revolucionário procedente de Campo Grande investe a cidade em cuja posse se instalara o 10.º RC. Parte desta tropa confraternizou com os atacantes, enquanto o maior contingente preferiu internar-se no Paraguai. Reorganizado, o 10.º integrou-se na coluna constitucionalista que demandou o oeste, batendo-se aqui e ali no intento de ocupar pontos estratégicos do litoral ribeirinho a fim de abrir portas pelas quais exportar produtos paulistas e mato-grossenses e importar o necessário para a continuação da guerra.

● 2 de agosto, BELÉM, Pará: episódio da revolta dos estudantes.

● 21 de julho, CORONEL JOAQUIM MACEDO, Minas Gerais, estação ferroviária nas proximidades de Guaxupé: o 1.º Batalhão Paulista da Milícia Civil, ao mando do capitão Romão Gomes, operando em solo montanhês, defronta o 11.º BI da FP de Minas, conduzido pelo major João Lemos da Silva. A peleja termina com troca de prisioneiros e a morte de quatro mineiros e de um revolucionário. E, ainda, com um acordo político: os paulistas regressam ao seu território e as divisas estaduais seriam mutuamente respeitadas. A esse acordo deu-se o nome de Convênio de Guaxupé, logo depois ignorado pelas tropas governistas.

● 20 de setembro, CERRO ALEGRE, Rio Grande: evento que mereceu relato em separado.

● 29 de agosto, COXIM, Mato Grosso: o 18.º BC, do mando do major João Pessoa Cavalcanti, e 180 homens do Batalhão Visconde de Taunay opõem-se ao destacamento enviado de Cuiabá para bloquear a conexão São Paulo-sul de Mato Grosso e, feita junção com força procedente de Minas Gerais, invadir o noroeste paulista. Os constitucionalistas disparam dezesseis tiros de artilharia sobre os contrários, obtendo a sua dispersão. Ficaram no campo 37 fuzis, 10 000 cartuchos e 173 abrigos. Não se registraram outras iniciativas governamentais na área do Coxim.

● 13 de setembro, FÃO, Rio Grande do Sul: nome de rio, entre Lajeado e Arroio do Meio, junto ao Passo da Barca e próximo à embocadura do arroio Duduia. A força constitucionalista gaúcha ao mando do general Cândido Carneiro Júnior — o Candoca — foi atacada por esquadrão governista Regimento Presidencial, depois chamado 4.º RC da Polícia Montada. Ao fim de seis horas de entrevero e tiroteio, os revolucionários cruzaram o Duduia, internando-se pelos matos. Deixavam no campo quatro mortos e oito feridos. A parte da Brigada Militar, assinada pelo coronel Hélio Molo Mariante, reconhece a perda de exatamente igual número de soldados. O cronista do encontro, Sérgio Costa Franco, atribui duzentas baixas ao efetivo governista. Com o encontro do rio Fão extinguiu-se a atividade constitucionalista na área.

● 19 de agosto, IPAJIM/LADÁRIO, Mato Grosso do Sul: revolucionários mato-grossenses, conduzidos pelo major Luís Silvestre Gomes Coelho, atacam o perímetro externo da base de Ladário, empregando contingentes do 18.º BC de Campo Grande, sob os tenentes Simão e Laroque; seções do 6.º BC de Aquidauana, sob os tenentes Moreira e Tourinho; esquadrão do 10.º RCI, do capitão Alcides Alves da Silva, e numerosos civis armados. A defesa, mantida por fuzileiros navais, homens do 17.º BC de Corumbá, uma unidade da Brigada Militar do RS, civis rio-grandenses e fogos do navio *Pernambuco*. Nesse dia 19, os defensores são recalcados para a parte interna da base, a qual, contudo, conseguiriam sustentar até o final da campanha.

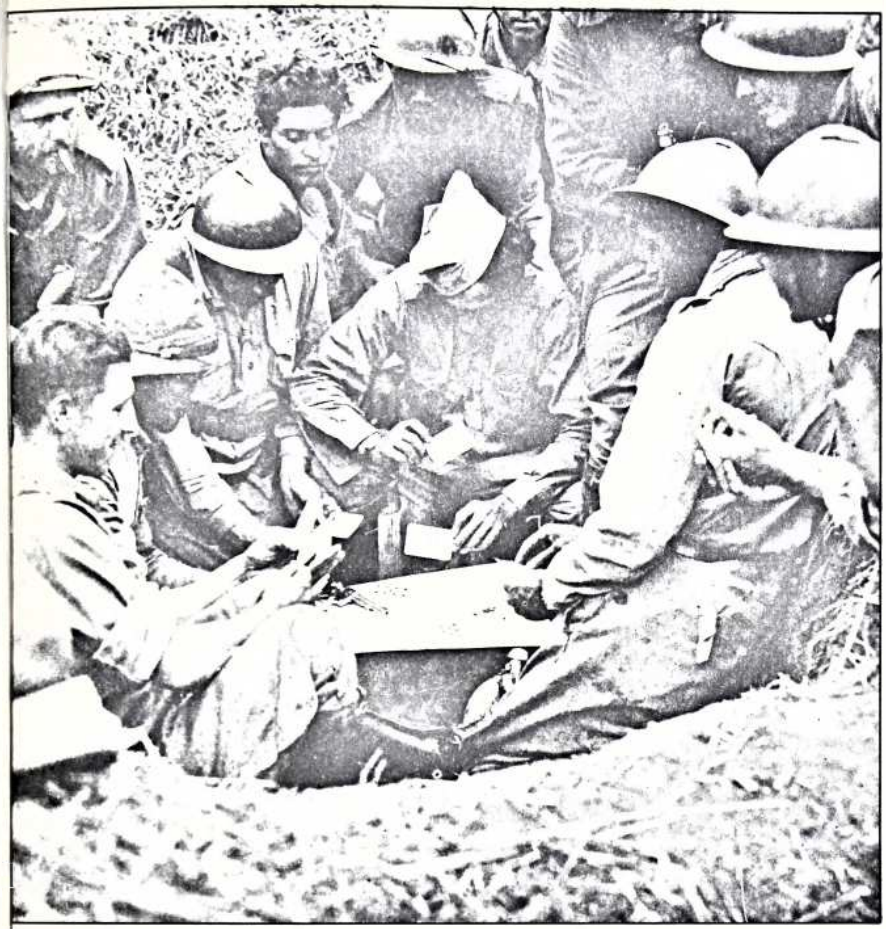
● 18 de setembro, ITACOATIARA, Amazonas: sacrifício dos artilheiros do Forte de Óbidos, episódio relatado em separado.

● 7 de setembro, MANDIOCA ASSADA, Mato Grosso do Sul: os revolucionários vencem reduzido efetivo governista, apoderando-se de dois canhões.

O sucesso nesse sítio animou a progressão contra Ladário.

● 4 de agosto, PELOTAS, Rio Grande do Sul: grupo revolucionário, conduzido pelo coronel Marcial Terra, choca-se e impõe-se sobre destacamento policial governista expedido com o fito de impedir a junção destes constitucionalistas com o destacamento mais numeroso de Batista Luzardo.

● 20 de agosto, PERDIDO/PORTO MURTINHO, Mato Grosso: os constitucionalistas mato-grossenses — destacamento do Exército e civis voluntários — empurram os governistas para mais próximo do perímetro do porto, seu objetivo final. O confronto desta jornada, especialmente feroz, conheceu emprego de arma branca e luta corpo-a-corpo.

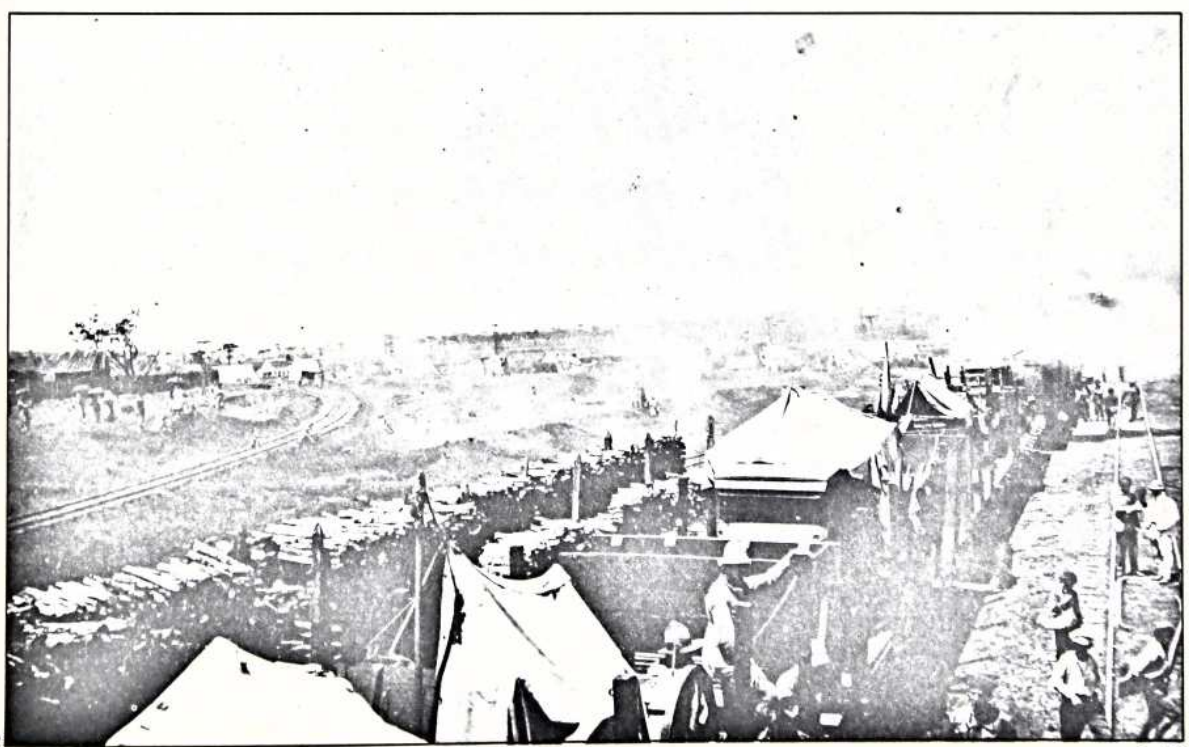


1

• O sul-rio-grandense Baptista Pereira afirmou no depoimento intitulado *Diário da Capela:* "...90 por cento do Brasil estava com São Paulo". Pelo menos, de norte a sul, do litoral ao extremo oeste, brasileiros de vários Estados ousaram o gesto extremo de levantar-se em armas pela causa constitucionalista e tudo quanto ela significou.

Se foi difícil a luta dos paulistas, somando aproximadamente 40 000 combatentes, escorados por centenas de milhares de auxiliares e animados pelo apoio moral sabido e sentido de 7 milhões de coestaduanos, constitui situação histórica dramático-heróica a que se atreveram a realizar esses constitucionalistas que no Pará, na Amazônia fluvial, na Bahia, no pampa, nos campos mato-grossenses — isolados e mais faltos de esperança do que os paulistas — aceitaram a luta e suas conseqüências, por amor ao que reputavam necessário ao Brasil. Provaram que os ideais de 32 refletiam anseio nacional. Vale a pena sublinhar que estas tomadas de posição ocorreram no mês de agosto, quando se fizera claro que São Paulo e o sul de Mato Grosso não alcançariam a vitória militar.

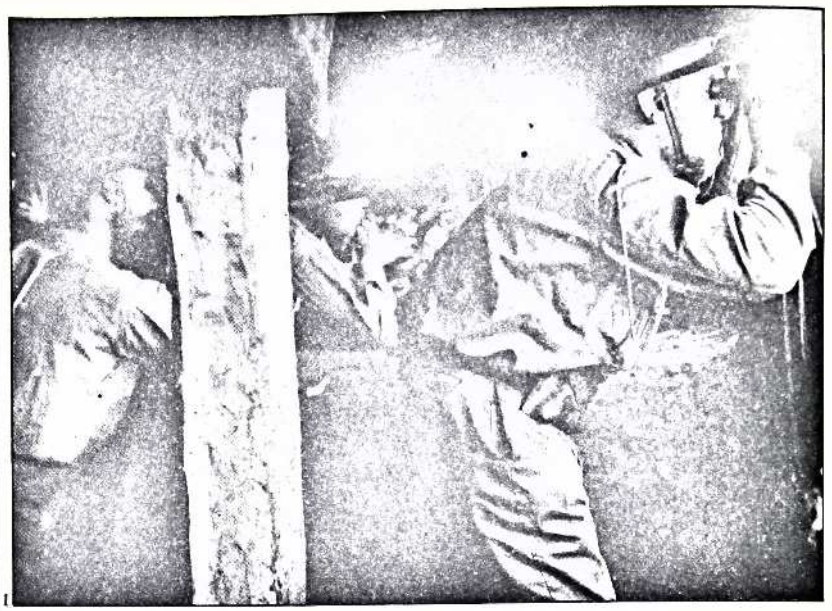
1. Biriba nas trincheiras.
2. Coluna rio-grandense na cidade de Três Barras (SC).



2

● Os estudantes de Belém do Pará
No começo da noite de 2 de agosto, estudantes de medicina, de direito e secundaristas proclamaram-se solidários com a Revolução Constitucionalista, em andamento no sul e no oeste.
Tomaram doze fuzis à sede do tiro-de-guerra, ocuparam quartel de bombeiros e da polícia, controlaram durante algum tempo parte da cidade desguarnecida pelas forças do Exército e da polícia remetidas ao sul.
O interventor Magalhães Barata organizou a reação, convocando bombeiros, policiais civis e civis armados. Os estudantes, inexpertos em tal atividade e reduzidos a poucos, terminaram encurralados no quartel da polícia. O movimento estava perdido. Ouvem a intimação: render-se imediatamente para continuar a viver.
Um deles, aluno do quarto ano ginasial, Paulo Cícero Teixeira, posta-se junto à metralhadora Hotchkiss que só então conhecera e resiste a madrugada inteira. Um menino manteve o quartel e a Revolução Constitucionalista, uma inteira noite de Belém do Pará. Não se rendeu para viver. Às 9 horas do dia 3 foi abatido, sobre a sua arma, por atirador exímio postado em telhado vizinho.
Destacamento saído do Arsenal da Marinha liquidou em seguida as últimas veleidades de resistência dos estudantes de Belém.

● Goianos vão para a frente: "Desta capital segue terça-feira, com destino a Uberlândia, um batalhão composto da elite da sociedade goiana, o qual se vai incomporar à coluna do coronel Manuel Rabelo. Fazem parte dele o juiz corregedor do Estado, numerosos advogados, médicos, secretários do interventor, tabeliães, capitalistas, etc."



● 3 de setembro, PORTO ESPERANÇA, Mato Grosso: o monitor *Pernambuco* é alvo de bombas de 12 quilos, fabricadas em Utinga (SP), atiradas manualmente de avião Curtiss. O navio apoiava a defesa contra o destacamento constitucionalista originado em Campo Grande e reforçado em Bela Vista com elementos do 10.º RCI. Nos dias 4 e 5 repetiram-se os choques em terra e o duelo ar-água, retirando-se o monitor, que não dispunha de armas antiaéreas.

25 de setembro, PORTO ESPERANÇA, Mato Grosso: a situação da praça, cercada e fustigada desde o começo do mês, definiu-se na jornada em favor dos constitucionalistas. Com a guerra chegando ao final nas frentes principais em torno da capital de São Paulo, os governistas desta região ocidental não manifestaram grande empenho em manter a posição.

10 de setembro, PORTO MURTINHO, Mato Grosso: faz-se dramática a situação das forças revolucionárias que cercavam a praça. Organizadas em Campo Grande, reforçadas ao longo da marcha, haviam triunfado nos confrontos de Ipajim, Perdido, Mandioca Assada, Muquém e São Roque, chegando até a capturar duas peças de artilharia. Mas não puderam explorar tais êxitos, nem avançar nem permanecer no solo conquistado. Ao final de 23 horas de fogo, disparado o último cartucho, dispersaram-se. Nesse dia, segundo o major Leopoldo Nery da Fonseca, no comando da praça, tal foi a desesperança dos governistas que vários deles internaram-se no Paraguai. A defesa foi garantida pelo 17.º BC de Corumbá, fuzileiros navais da base de Ladário, Brigada Militar do Rio Grande do Sul e civis gaúchos conduzidos por Simão Coelho e Mário Garcia.

● 20 de julho, POUSO ALEGRE, Minas Gerais: o Batalhão Pais Leme, núcleo principal da limitada penetração paulista em território mineiro, nos primeiros e entusiasmados momentos da guerra constitucional, mais à busca de adesões do que de posições estratégicas, é envolvido por contingente numericamente superior e com dobrado poder de fogo. Os constitucionalistas perdem seu comandante, Fernão Sales, mais quatorze soldados, e recuam. O bispo da cidade recolheu os mortos paulistas deixados no terreno, identificou-os e deu-lhes sepultura.

● 13 de setembro, REIZINHO MACEDO, Rio Grande do Sul, proximidades de Caçapava: os chefes da Frente Única gaúcha, Borges de Medeiros e Batista Luzardo, à frente de civis caçapavanos conduzidos por João Vargas, Martim Cavalcanti e Fábio Garcia, somando 210 homens, atacam coluna de 120 cavalarianos da Brigada Efetiva. Destacamento Figueira. Os revolucionários ficam senhores do campo, apoderando-se de barracas, alimentos e do arquivo dos atacados.

● 10 de setembro, SÃO GABRIEL/SANTA MARIA, Rio Grande do Sul: aproximadamente oitenta revolucionários, em nome da Frente Única, aliada a São Paulo, reunindo na jornada homens de São Sepé, Santa Maria e Cachoeira, evoluindo para reunir-se à força de Batista Luzardo, foram atacados por 140 governistas ao mando do capitão Abelardo Rubim. A luta terminou com a chegada da noite, ficando os revolucionários com alguns cavalos, armas e cinco prisioneiros. Mortos: seis frentistas e três governistas. Ferido principal: o capitão Rubim.

● 22 de agosto, SÃO JOÃO, Rio Grande do Sul: a força revolucionária de Batista Luzardo teve a marcha interceptada por contingente governista. Os constitucionalistas deixam o campo e, nele, três mortos. Tragicamente, três irmãos: Horácio, Carlos e Esmeraldino da Rosa, filhos do município de Santa Maria.

● 21 de julho, VACARIA, Rio Grande do Sul: força governista intercepta e dispersa facilmente magote de constitucionalistas em marcha na busca de junção com a coluna liderada por Borges de Medeiros.

O Dia da Pátria nas trincheiras

Buscando destruir-se, os exércitos alinhados no vale do Paraíba morriam e matavam em nome do amor pelo Brasil. Chegou o 7 de setembro. Paulo Duarte recolheu em *Palmares pelo avesso* o sucedido:

"Às 7 horas de uma fulva manhã, estava todo o QG nos esporões do morro do Canhão. A bandeira foi hasteada no centro e no ponto mais alto das linhas. Um pelotão de combatentes subiu em cima das trincheiras, na posição mais exposta ao fogo inimigo. Ao lado, formaram, em continência, todos os oficiais do comando (...)

O inimigo emudeceu como uma onça magnetizada por um foco de luz. Depois atônito, impulsionado por uma ordem irresistível, se pôs também de pé, no alto de suas posições, ao longe.

Enquanto isso, a bandeira subia e os clarins cantavam.

Os seis quilômetros que podíamos ver de nossas linhas alçaram-se nas cristas a uma ordem geral que ninguém deu, mas todos ouviram e obedeceram. As trincheiras ficaram de pé, ao sol!

E a Mantiqueira viu dois exércitos adversários interromperem a batalha a prestar continência à mesma bandeira que só um deles desfraldou.

O pavilhão chegou ao alto do mastro, tremulando. Os clarins pararam.

O capitão Saldanha deu a voz de descansar armas. Mas o inimigo, voltado a si, quis comemorar a liberdade a seu modo.

Uma rajada gruniu ao longe e assoviou sobre o nosso grupo, ainda no alto das trincheiras".



2

• A alma liberal baiana não poderia deixar de fazer eco ao apelo constitucionalista. E esse eco deveria levantar-se, necessariamente, nas escolas.

A 22 de agosto o levante estudantil estava pronto. Data escolhida porque, ao fim desse dia, um navio do Lóide partiria conduzindo tropa policial para o combate a São Paulo insurgido. Os rapazes entenderam que o levante não apenas marcaria a presença baiana na luta liberal como, contribuição de guerra, impediria a partida do barco com o seu substancial reforço. Narra E. D'Almeida Vítor, participante entre os principais:

"Marcado para as 5 da tarde, o levante previa a tomada do quartel da polícia, do corpo de bombeiros, e, finalmente, do palácio, com a deposição do interventor 'tenente' Juraci Magalhães. Mas, estudantes de outro Estado, a serviço de Juraci, precipitaram o movimento para as 12 horas, a fim de provocar o fracasso do mesmo".

Ante a necessidade de sustentar a revolta, os jovens apoderaram-se dos cinqüenta fuzis, descalibrados, do tiro-de-guerra da Faculdade de Medicina e posicionaram-se no prédio da escola, cuja água e luz foram prontamente cortadas, acorrendo a polícia a cercar o edifício. Pares de metralhadoras foram postados diante do escritório do professor Caio Moura, do antigo prédio do Senado, diante da catedral e no Taboão. Sob ameaça de bombardeio, as moças foram convocadas para o auditório e solicitadas a deixarem o local. Recusaram, afirmando que ficariam para morrer com os colegas. As idades mediavam entre dezesseis e vinte anos e as armas eram apenas revólveres fogos-centrais e máuseres. A resistência prolongou-se até às 20 horas, provocando dezenas de feridos entre os estudantes. Aprisionados 427 rapazes e 312 moças. Quando os cursos foram reabertos, os jovens constitucionalistas, presentes à aula inaugural, foram saudados pelo professor Prado Valadares com versos de Castro Alves: "...esses Leandros de Helesponto novo.../Se resvalaram — foi no chão da História! / Se naufragaram — foi no mar da Glória!" (Informes de Nelson Carneiro.)

1. *Observando a movimentação de tropas federais.*
2. *Metralhadora antiaérea na estação de Cruzeiro, quando a cidade ainda se achava em poder dos revolucionários.*

Capítulo 6

"Adeus às armas!"



Forças paulistas defendem passagem estratégica (ilustração de A Gazeta, *19.7.1932).*

"Não pode durar mais, tentemos o armistício"

(General Klinger)

• As causas desse fim, tal como ele ocorreu, segundo o julgamento de Euclides Figueiredo:

"Não foi a muito pranteada escassez de munição, nem a desoladora desvantagem de dotações de armamento — principalmente em artilharia, aviação e armas automáticas. Isto constituiu — é certo — uma das grandes disparidades que colocaram os soldados constitucionalistas, muita vez, em situação de interromper combates, abandonar posições vantajosas a que se queriam aferrar. (...) Tal condição de inferioridade material (...) sem dúvida concorreu por esmorecer o ânimo dos combatentes de São Paulo, que sentiam improfícuos o denodo e a abnegação.

Cada vez que um recuo forçado — embora disfarçado como simples retificação de linha — punha em evidência a terrível falha da organização da Revolução (...) quebrava-se em nossas hostes o ímpeto para a ofensiva, indispensável ao triunfo de uma sublevação armada. Fazer um levante e parar a meio caminho do desiderado final; levantar-se uma tropa em rebelião, e, em vez de marchar direito para a frente, em busca do objetivo, deter-se para cavar trincheiras e esperar, é desde logo condenar-se a irremediável fracasso... O que venceu São Paulo, também, não se deve dizer tenha sido a traição. Não houve traição generalizada, que tal denominação infamante não cabe àqueles que, para o fim da campanha, desalentados, sem mais esperança na vitória, resolveram abandonar a luta depondo as armas e entregando-se prisioneiros. De quantos assim procederam muitos haviam dado provas de valor, de dignidade pessoal e de decidida dedicação à causa em momentos difíceis, tudo arriscando pela vitória. Amoleceram por fim, cansados, desiludidos. ▷

Entrada em Campinas das forças comandadas pelo Coronel Cristóvão Barcelos.

Percebe-se o fim

A *História do Exército brasileiro,* conta-nos que, "superiormente organizados, razoavelmente supridos, concentrados adequadamente, comandados e enquadrados, os governistas prepararam para a primeira quinzena de setembro a ofensiva sobre os últimos redutos constitucionalistas".

Do lado destes, a situação era inversa e no-la refere a *Contribuição para a história da Revolução...:* "Num dos últimos dias de setembro, o major Alexandrino Gaia compareceu ao Quartel-General (...) e, bastante apreensivo, comunicou que oficiais comandados seus lhe fizeram saber que a tropa estava receosa de que na nova posição em que se encontrava, nas linhas de Guará, viesse a sentir novamente falta de munição, a qual das outras vezes, em vários combates, a tinha levado a situações penosas; acrescentava que houve até ameaça de se retirarem das trincheiras se viesse a reproduzir-se a crise de munições".

Já a 12 de agosto, Klinger servira-se do almirante Protógenes Guimarães para sondar a disposição getuliana quanto a um armistício. As condições humilhantes impostas dissuadiram-no.

A Frente Sul estava rompida, os milhares de soldados do general Valdomiro de Lima ultrapassando o Paranapanema, apontando para o entroncamento ferroviário Rubião Júnior-Botucatu. Na Frente Mineira cerrava-se o cerco sobre Campinas, aproximando-se a ocupação de Itu e de Jundiaí. Uma linha final de resistência deveria estender-se pelos arrabaldes da capital. No vale do Paraíba os generais governistas Daltro Filho e Newton Cavalcanti impulsionavam suas tropas pelos eixos rodoferroviários. E a grande ofensiva estava por ser desfechada, com esmagadora concentração de artilharia e aviação.

27 de setembro, noite, Fazenda Coruputuba, Taubaté: três coronéis fecham-se em um quarto da casa da fazenda e o comandante da Força Pública informa ao comandante da 2.ª DIO não haver mais como manter combativas as suas tropas. Reunião do alto comando do Exército Constitucionalista é convocada para São Paulo. Júlio de Mesquita Filho reunira o comando político, incluído o líder gaúcho João Neves. Dia e hora: 28, 9 da manhã. Resultado: continuar a luta, com os voluntários e os militares que o desejarem, a qualquer custo e a todo risco.

28 de setembro, 22 horas, QG da DIO em Pindamonhangaba: o major Saldanha da Gama e o tenente Paulo Duarte comunicam ao coronel comandante estar correndo em Guaratinguetá abaixo-assinado de oficiais da FP objetivando o suspender das operações.

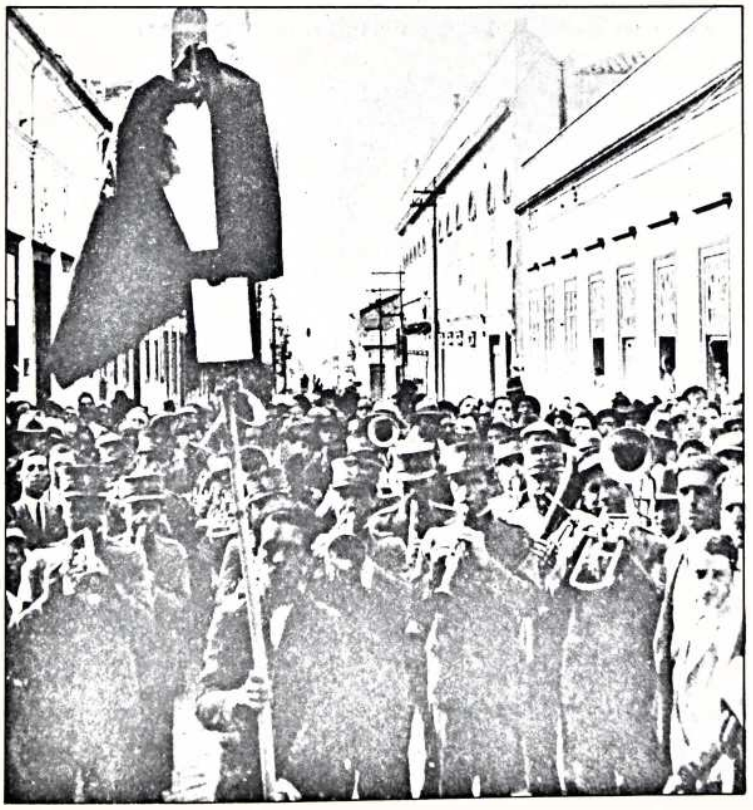
João Neves, Júlio de Mesquita Filho, Eurico Sousa Leão, Paulo Duarte visitam a linha de frente do Paraíba reclamando a fidelidade da Força Pública. O gaúcho garante — parece que ele e os demais acreditavam na afirmação — a próxima subida do sul de numerosa e aguerrida legião rio-grandense constitucionalista, cuja colaboração

faria inverter a situação militar. Tratava-se, pois, de agüentarem os paulistas mais alguns dias nas posições ocupadas.

Mas ao QG da divisão do coronel Figueiredo, em Aparecida, chega o informe oficial de que o general Klinger tem pronto telegrama solicitando a Vargas as condições para o armistício. Militares e políticos que não acreditam venha o ditador a aceitar armistício por desejar impor a rendição acorrem a São Paulo. O governo Pedro de Toledo, aturdido, emprega o tempo em reuniões e consultas, orientado de modo geral, para não juntar a sua assinatura ao pedido de paz. O chefe de polícia Tirso Martins, não aceitando a idéia de receber ordens do vencedor, renuncia ao cargo. Mas dirige o pedido, não a Pedro de Toledo ou ao secretário da Justiça, mas ao general Klinger, admitindo, tacitamente, a falência do poder político.

Generais e coronéis, políticos e secretários promovem consultas e reuniões nervosas e desencontradas. O coronel Basílio Taborda, festejado pelo brilho tático da guerra defensiva que conduzira na Frente Sul, opina pelo ensarilhar armas. Poderia comandar — afirma — outras manobras, outros combates, mas não encontrava nisso proveito algum para a causa constitucionalista. A próxima ofensiva ditatorial, coordenada para as três frentes principais, levaria de roldão, sem maior esforço, o pouco que São Paulo conseguiria alinhar para uma desesperada e impossível resistência. Klinger é de igual parecer. Herculano de Carvalho, comandante da Força Pública, Ivo Borges, chefe da aviação, pensam igualmente. Klinger estende até a meia-noite o prazo para que o governo civil assine, com ele general, o telegrama solicitador do armistício.

Em palácio, Pedro de Toledo, secretários, políticos cercam-se de oficiais resistentes. Deliberam. Decidem: não assinarão.



O que perdeu a Revolução foi a falta da colaboração prometida. O Rio Grande do Sul falhou, Minas negaceou, e a capital federal esperou que as tropas revolucionárias a invadissem para então se proclamar pela causa constitucionalista, depondo o ditador já quando indefeso. Foram os aliados de São Paulo que, ao invés de socorrê-lo, ou secundá-lo, não tardaram em enviar contra ele as suas hostes, transformando a causa constitucionalista, de nacional que era pela receptividade que encontrava nas populações civis, num movimento circunscrito a uma só unidade da Federação, o que a ditadura logo explorou, acusando a rebelião de separatista e de ter um cunho reacionário, pelo qual São Paulo procurava recuperar uma hegemonia perdida.

Cercado por terra pelas tropas ditas legalistas, por todos os lados, bloqueado pelo mar, pela Marinha de Guerra, seria preciso que o seu poderio bélico fosse muito acima de grandioso, para que vencesse contra o Brasil quase em peso. Para se formar uma idéia do que representou esse esforço, bastará lembrar que, onze anos mais tarde, quando o Brasil se decidiu a entrar na guerra a favor dos Aliados, quase dois anos foram consumidos no preparo de uma força expedicionária cujo efetivo não era maior que o dos constitucionalistas civis postos nas trincheiras em menos de um mês.

Mas o que mais lhe faltou — e logo de começo — foi a cooperação de Mato Grosso; foram os seus 5 000 a 8 000 soldados, a sua farta munição de infantaria, o impulso inicial com que se contava para levar para a frente o ímpeto paulista levantado a 9 de julho. Com isso, com essa ajuda, se proporcionada pelo comandante da Circunscrição Militar, quando se apresentou a 12 de julho, e só com ela, mesmo contra todos os imprevistos, a Revolução Constitucionalista, antes de decorridos trinta dias, teria plantado no Palácio do Catete a bandeira da legalidade, da ordem e da paz.

Mas o governo ditatorial teve tempo de se preparar. Falhamos no ponto em que deveríamos conclamar todos os brasileiros, ou a maioria deles. Erro da conspiração, em grande parte devido à presunção de que, sendo a causa tão justa e por ser o grande Estado que se punha em armas, todas as demais unidades da Federação o acompanhariam"

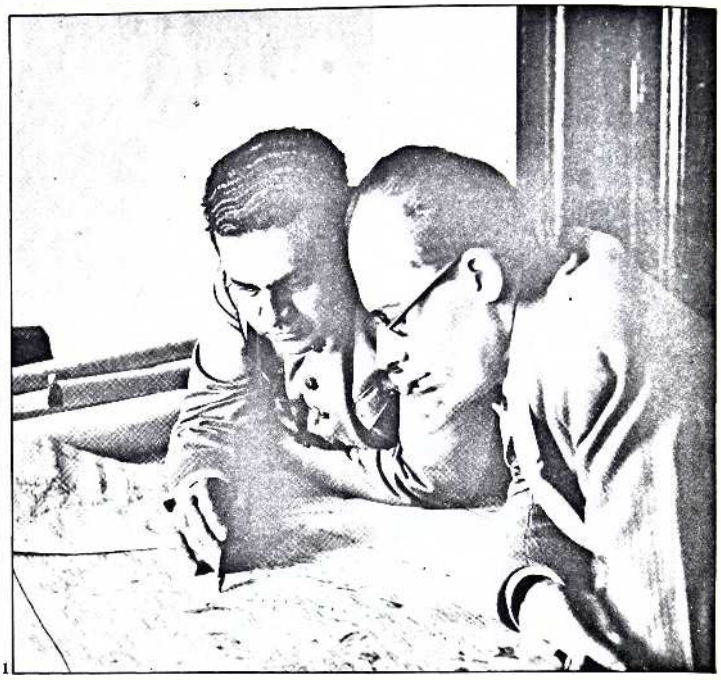
● Fins de setembro na Frente Mineira

"...a resistência tinha alcançado o ponto máximo de exaustão"... "a aviação inimiga bombardeando Campinas, os 10 000 soldados do general Eurico Gaspar Dutra convergindo, em três destacamentos, sobre a nossa cidade, as nossas tropas procurando a qualquer custo barrar-lhes o caminho, atacando desesperadamente as suas vanguardas, os nossos aviões bombardeando-as e metralhando-as. Longas filas de soldados serpenteando pelas estradas poeirentas e pelas pastagens ressequidas, ardendo ao sol de uma tarde estival, as metralhadoras e os morteiros carregados nos ombros dos homens, roendo-lhes a pele com o seu peso, os homens suando e praguejando." "As nossas tropas contra-atacando durante toda uma noite, noite escura iluminada apenas pelos clarões dos obuses, o matraquear incessante das metralhadoras, misturando-se aos estampidos dos morteiros, um desesperado esforço para empurrar as forças adversárias para a margem oposta do rio Atibaia."
(Luís Lobo de Arruda.)



2

● "Rio, 29.9.32, 7:43. General Klinger: Acusando recebimento vosso telegrama, respondo que para o fim nele proposto deveis enviar emissário ao general Góis, para combinar com este, que juntamente general Valdomiro representa o comando das forças nacionais, as medidas necessárias à cessação das hostilidades. Getúlio Vargas."



1

Se possível, armistício honroso

29 de setembro, 1 hora: segue o telegrama que, no íntimo, Vargas teria desejado mil vezes receber:

"São Paulo, 29 de setembro,
Doutor Getúlio Vargas, Rio,
Com o fito de não causar à nação mais sacrifícios de vida, nem danos materiais, o comando das forças constitucionalistas propõe imediata suspensão das hostilidades, em todas as frentes, a fim de serem assentadas as medidas para cessação da luta armada.
General Bertoldo Klinger"

Antes da manhã, quando o Estado-Maior governista retocava as ordens para a ofensiva, Vargas determinou ao general Góis sustar o ataque e receber os enviados do general Klinger. Góis fica investido nas funções de mediador e de juiz. Com ele, e não com o presidente, hão de entender-se os revoltados. Triunfo outubrista e tenentista fortemente assinalado.

Os representantes do general Klinger cruzam as linhas.

O governo paulista é pela continuação da guerra

Ao abrir o dia, os que viveram a angústia da noite obtêm decisão do governo: resistir. Lísias Rodrigues advoga a substituição de Klinger por um dos coronéis. Decide-se a retirada de Herculano de Carvalho do comando da FP e a investidura do major Romão Gomes, tornado lendário pela atuação na Frente Mineira à frente de seus guerrilheiros. Para o efeito do novo comando, mesmo ausente, ele é promovido a tenente-coronel.

Declinará do comando, pouco depois, por razões que enumera

e cuja somatória indica estar convencido de não mais haver condições de resistência. Não só acabaram-se as munições; o ânimo também. Ele mesmo, dias antes, em Campinas, assinara documento no sentido de chegar-se ao termo da luta.

Também há os irredutíveis

O momento, portanto, dá a palavra aos desesperados, os imbatíveis de todas as odisséias. No caso, são os que, no vale do Paraíba, dispõem-se a formar uma coluna, subir a Mato Grosso "na esperança de que os constitucionalistas de lá, ainda em armas, nos apoiariam, sendo possível então continuar a luta contra a ditadura em outro terreno. Outro objetivo era fortalecer as fracas hostes revolucionárias nossas aliadas, naquele Estado, dando ao mesmo tempo a mão ao Rio Grande, que, segundo nos faziam acreditar os boatos, agitava-se em forte efervescência, capaz de constituir novo foco poderoso para reacender a campanha". (Euclides Figueiredo.)

O coronel Palimércio de Resende, de São Paulo, segue em trem especial para Campo Grande, a fim de preparar a base da nova campanha. O diretor da Sorocabana, Monlevade, começa a reunir em Osasco os vagões que transportarão a coluna. Figueiredo regressa ao vale para opor-se à próxima ofensiva ditatorial e organizar os que pedem o seu comando rumo a Mato Grosso. Haverá apenas voluntários, que deverão declarar pleno conhecimento da situação e dos riscos. Inclusive de que, provavelmente, ao cruzar a capital e em alguns pontos do interior do Estado serão atacados pelos aliados da véspera — os soldados da Força Pública. E, na altura de Botucatu, Avaré, Ourinhos, Assis, deverão encontrar e combater forças sulinas entrando pela desfeita linha defensiva do Paranapanema.



3

1. Gustavo Capanema acompanha movimento de tropas na carta militar.
2. Juscelino Kubitschek, oficial médico governista.
3. Coronel Palimércio de Resende, chefe do EM paulista no vale do Paraíba.

2A FOLHA DA NOITE 2A

Director-Superintendente: OCTAVIANO ALVES DE LIMA — PROPRIEDADE DA EMPRESA "FOLHA DA MANHÃ LTDA." — Director-Gerente: DIOGENES DE LEMOS AZEVEDO

ANNO XII | RUA DO CARMO, 7 e 7-A TEL. 2-7181 (REDE INTERNA) | S. PAULO — SEXTA-FEIRA, 30 DE SETEMBRO DE 1932 | END. TELEGR. — "FOLHA" CAIXA POSTAL, 2.900 | N. 3.606

São Paulo fará uma paz honrosa!



GOVERNADOR PEDRO DE TOLEDO

AFFIRMA O GENERAL BERTHOLDO KLINGER RECEBENDO UMA MANIFESTAÇÃO POPULAR

Durante as manifestações que hoje se verificaram na cidade, numerosa multidão, a cuja frente se erguiam as bandeiras nacional e paulista, dirigiu-se ao Quartel General das Forças Constitucionalistas.

Assomando, então, a uma das janellas o general Klinger pediu ao povo que tivesse confiança. São Paulo faria uma paz honrosa. E se assim não fosse, até a ultima gotta de seu proprio sangue estava disposto a derramar por São Paulo.

A multidão acclamou largamente o general Klinger.

(Esta noticia foi cedida pelo general Klinger)

*

TAMBEM O GOVERNADOR PEDRO DE TOLEDO CONFIA QUE SE FARA' UMA PAZ HONROSA

Esteve hoje á tarde no palacio dos Campos Elyseos um grande grupo de voluntarios das trincheiras, acompanhados de enorme massa popular, manifestando desejos de se entender com o governador Pedro de Toledo.

Após os necessarios entendimentos com o pessoal de palacio, os manifestantes organizaram uma commissão composta dos srs. Rufino Alves, tenentes Paulo Waldemar, Raymundo Pereira, Alaerte Frugoli e do sargento Francisco Gentil Guzzi, que subiu para trocar impressões com o Governador, tendo falado em nome de todos o sr. Rufino Alves, que disse da deliberação em que estavam os combatentes todos de proseguir na guerra, a não ser que o accôrdo em tentativa seja honroso para S. Paulo.

Respondendo, o sr. Pedro de Toledo disse estar S. Paulo convencido da grandeza de sua causa, pelo que só aceitaria uma paz por todos os motivos honrosa.



CARTAS SEMANAES DE LONDRES

CORRIDA AEREA "PELA TAÇA DO REI" — A SAUDE NACIONAL — EQUILIBRIO DO ORÇAMENTO — A CONVERSÃO DO EMPRESTIMO DE GUERRA

LONDRES, agosto — (Andrew Blackmose) — O desenvolvimento da aviação civil na Grã-Bretanha tem tido resultados bastante satisfactorios, uma das caracteristicas mais notaveis deste desenvolvimento é a excellencia dos pequenos apparelhos que o publico póde comprar por preços modicos, e outra é a habilidade de que tem dado grandes diminuições nos obitos devidos a muitas doenças. No anno passado houve menos casos de adulteração de materias alimenticias do que em qualquer anno anterior desde que começaram a ser emittidos os factos — apenas 4,6 por cento do total examinado. Deve-se fazer notar que, com a alçada do ministerio, faz-se com-

em pratica para levar a cabo a conversão. Em resultado do bom trabalho do Governo, augmentou enormemente o espirito de confiança da nação, e nota-se em toda a parte um optimismo muito mais pronunciado do que ha um anno.

Falta ainda muito a fazer, e o Ministerio não está a perder tem-

OS "BONUS" PRÓ-CONSTITUIÇÃO NÃO PODEM SER RECUSADOS

Têm-nos chegado queixas contra pessoas que se recusam a acceitar os "bonus" pró-Constituição, emittidos pelo governo de S. Paulo. Entretanto, em absoluto não se justifica essa attitude, pois se trata de emissão lastreada, não havendo ainda determinação alguma legal, nesse sentido.

A CIRCULAÇÃO DE BONDES NO CENTRO DA CIDADE

Em virtude de entendimentos entre a Chefia de Policia e a Superintendencia da S. Paulo Light Power Co., os bondes não circularão no centro da cidade de 21 horas em diante, voltando o trafego ao serviço normal pela manhã, nas horas do cos-

AO POVO

Tendo o commandante do exercito constitucionalista, general Bertholdo Klinger, "com o fito de não causar á Nação mais sacrificios de vidas, nem mais damnos materiaes", proposto á Dictadura a immediata suspensão das hostilidades, afim de serem assentadas as medidas para a cessação da luta armada — dirigimos a toda a população paulista um appello, no sentido de confiar na actuação das autoridades civis e militares. Conservar-se-á o governo do Estado no seu posto até que, assignado o armisticio, sejam feitas e encerradas as negociações para o restabelecimento da paz.

São Paulo, 29 de Setembro de 1932.

(aa.) PEDRO DE TOLEDO — Governador do Estado;
WALDEMAR FERREIRA — Secretario da Justiça;
RODRIGUES ALVES SOBRINHO — Secretario da Educação;
F. E. DA FONSECA TELLES — Secretario da Viação;
FRANCISCO DA CUNHA JUNQUEIRA — Secretario da Agricultura;
PAULO DE MORAES BARROS — Secretario da Fazenda;
GOFFREDO DA SILVA TELLES — Prefeito da Capital;
JOAQUIM SAMPAIO VIDAL — Director do Departamento de Administração Municipal
CORONEL BRASILIO TABORDA — Chefe de Policia.

Armistício, não; rendição.

29 de setembro, QG do general Góis, em Cruzeiro: os enviados de Klinger, coronel Vila Bela e major Ivo Borges, encontram pronto para assinatura acordo que, na verdade, não refletia armistício mas configurava rendição. Certo, a cláusula quinta fora preparada para amenizar a amargura do vencido.

Não havia discutir. Assinar, capitulando, ou negar-se e aguardar a ofensiva final, aplastante. Não constituía segredo que os constitucionalistas já não dispunham de meios para oferecer resistência.

Mas o protocolo era duro em demasia, mesmo para quem se reconhece derrotado. Convém conhecê-lo na sua inteireza:

"Protocolo de Cruzeiro

Entre o tenente-coronel Oswaldo Vila Bela e Silva, chefe do Estado-Maior e representante do general Bertoldo Klinger, comandante-em-chefe das forças organizadas nos Estados de São Paulo e Mato Grosso, em operações contra as forças do governo da União e denominadas 'Forças Constitucionalistas', munido de plenos poderes para tratar de uma suspensão de hostilidades, e resolver em nome do mesmo general e ditas Forças Constitucionalistas (daqui por diante denominadas pela abreviatura FC) até que o governo da União possa decidir sobre a pacificação geral de São Paulo e Mato Grosso, pondo termo à luta civil, de uma parte; doutra parte, o coronel Pantaleão Pessoa, chefe do Estado-Maior do Destacamento do Exército Brasileiro de Leste de São Paulo (por abreviatura: Dest. Ex. L.), com plenos poderes e em nome do comandante do referido Dest. Ex. L., general P. Góis Monteiro, que, por sua vez, está autorizado a resolver sobre a proposição de suspensão de hostilidades pelo general Valdomiro Lima, comandante do Destacamento do Exército Brasileiro do Sul (por abreviatura: Dest. Ex. S.).

Foi discutida, ajustada, assentada e resolvida, com a assistência do comandante Américo Reis, representante do Ministério da Marinha, a presente Convenção Militar, sob as cláusulas que se seguem, que as duas partes se comprometem a executar integralmente.

I — Ficam suspensas as hostilidades em todo o território paulista, a partir de 0 (zero) hora do dia... e no território mato-grossense, a partir de..., durante o prazo de 8 (oito) dias, prazo esse que poderá ser prorrogado, mediante nova convenção, se ao findar-se ele o governo da União ainda não haja decidido sobre as condições da cessação da luta.

No caso do mesmo governo decidir em contrário, ao expirar o primeiro prazo, as hostilidades serão reabertas sem prévia denúncia em todos os setores que estiverem em poder das forças do Dest. Ex. L., e do Dest. Ex. S.

II — As FC se obrigam, dentro do prazo de 48 (quarenta e oito) horas, a contar do momento em que forem suspensas as hostilidades, a executar as seguintes operações:

a) evacuação por jornadas de etapas, transportes ferroviários e de automóveis, da zona compreendida pela linha (inclusive): São Roque-Sorocaba-Santo Antônio-Itu-Jundiaí-Santa Isabel-Guararema-Franca-Paraibuna;

b) evacuação de todo o litoral paulista, conservando fechados os portos até deliberação do governo;

c) evacuação da zona ao sul da linha (inclusive): Assis-Botucatu-Agudos-Bauru e a zona ao norte da linha Campinas-Piracicaba-Agudos;

d) evacuação de todo o território mato-grossense situado na faixa de terreno até 100 (cem) quilômetros ao sul do traçado da via férrea Noroeste e evacuação dos portos sobre os rios Paraná e Paraguai.

As forças dos destacamentos L. e S. (eventualmente da Armada) ficam com a faculdade de ocupar imediatamente dentro das zonas referidas, que foram evacuadas pelas FC, os pontos que julgarem convenientes.

As FC se obrigam a não praticar nenhuma destruição nas zonas por elas evacuadas, nem obrigar as populações a acompanhá-las nas retiradas.

III — As FC se obrigam a dentro do mesmo prazo e à medida que se for efetivando, progressivamente, a evacuação do território:

a) à restituição de todo o armamento (canhões, armas automáticas, fuzis e petrechos pertencentes à União, de que o Estado de São Paulo se apossou em seu território e em Mato Grosso, e bem assim de todas as armas automáticas pertencentes à Força Pública);

b) à entrega de 70% (setenta por cento) do material rodante das outras estradas de ferro não exploradas pelo governo da União;

c) à entrega de 20% (vinte por cento) dos automóveis e veículos requisitados por elas e pelos agentes do governo de São Paulo; ▷

d) à restituição do material apreendido na fábrica de Piquete e noutros estabelecimentos federais situados nas zonas evacuadas;

e) à entrega das estações radioemissoras, dos telefones clandestinos ou qualquer outro meio de comunicação irregular;

f) à entrega das embarcações a vapor ou gasolina que se acharem nos portos, bem como liberdade imediata para saída dos navios nacionais que se acham no porto de Santos.

— Comissões mistas serão imediatamente designadas pelo FM das FC e dos Dests. Ex. L. e S., a fim de procederem ao arrolamento do material estipulado, regular o transporte e encaminhamento dele para os locais determinados pelos comandantes de postos avançados das tropas mais próximas, de ambos os Dests. Ex. L. e S.

IV — As FC se obrigam a dentro do prazo máximo de 24 (vinte e quatro) horas, a contar do momento em que forem suspensas as hostilidades:

a) a entregar nos postos avançados mais próximos de suas linhas os prisioneiros feitos durante a campanha e os oficiais e praças detidos e presos por motivo de não terem querido participar do movimento de 9 de julho;

b) a restituir a liberdade a todos os funcionários públicos federais, estaduais e municipais, presos ou detidos por idêntico motivo;

c) a licenciar as praças das antigas unidades da II Região Militar que o quiserem e apresentá-las aos postos avançados dos dois destacamentos do Exército mais próximos de suas linhas;

d) a apresentar, nas mesmas condições, os oficiais que tenham participado do movimento — e assim o queiram —, os quais ficarão presos, sob palavra, nos locais que o governo da União designar.

V — Reconhecendo a extraordinária persistência e bravura com que se bateram as tropas paulistas, de um modo geral; prestando uma homenagem aos nobres sentimentos daqueles que daqui por diante quiserem contribuir para a união dos brasileiros e trabalhar para que se extingam, o mais cedo possível, os efeitos da luta armada, como as dissensões e ressentimentos políticos; considerando a necessidade de restabelecer a coesão e a disciplina das Forças Armadas, a bem dos interesses superiores da nação, uma vez terminada a luta pelas armas e reconhecida a autoridade do governo da União, com a submissão completa das FC, os comandantes dos dois Dsts. de Ex. se empenharão junto ao governo provisório;

a) para limitar a proporções as mais reduzidas a apuração das responsabilidades pelos acontecimentos transcorridos em São Paulo e noutros pontos do país, de modo a que incida apenas sobre as garantias de ordem político-militar e jurídico-criminal necessárias para evitar a reprodução de acontecimentos idênticos; obtenha-se rapidamente a restauração do organismo nacional e a satisfação das aspirações de todo o povo brasileiro, ao qual pertence, como um dos mais fecundos e gloriosos, o povo paulista; ▷

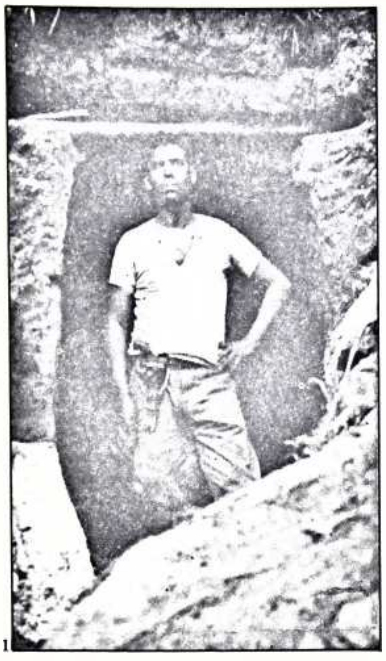
● Do general Klinger aos comandantes constitucionalistas, a 28.9:

" Vou expedir hoje, às 22 horas, o seguinte rádio: 'Senhores generais comandantes das forças do governo federal: assim que se faça luz, e há de ser sem tardar, a força do nosso ideal constitucionalista há de dominar. Mas no momento a força das nossas armas é dominada. De acordo com o governo paulista, vos proponho imediata suspensão das hostilidades em todas as frentes a fim de serem assentadas as medidas para a cessação da luta armada...' "

1. *Proclamação publicada na* Folha da Noite, *30.9.1932.*
2. *Klinger, Góis Monteiro e Getúlio Vargas, charge de Storni,* Careta, *8.10.1932.*



EM CRUZEIRO
O General Klinger apresenta-se para agir



b) para entrega dos oficiais e praças das tropas irregulares paulistas que se acham prisioneiros.

VI — Os Dests. Ex. L. e S. facilitarão todos os transportes e outros meios para que as populações de São Paulo e Mato Grosso não sofram privações, obtendo a entrada de recursos, sob controle e fiscalização dos Estados-Maiores dos Destacamentos do Exército.

VII — Os quartéis-generais das FC e dos Dests. do Ex. L. e S. fornecerão reciprocamente dados, informações e pedidos necessários para levar a bom termo a execução das cláusulas anteriores, desde que não importem em matéria cujo segredo deva ser guardado. Nos casos de dúvida ou omissão, as duas partes se conformarão com a interpretação e solução dadas pelo comandante do Destacamento do Exército de Leste, salvo quando afetar igualmente ao Destacamento do Exército do Sul. Então pertencerá ao comandante desse Destacamento de Exército regular a questão.

De todas as novas convenções que resultarem em conseqüência da presente se farão novos protocolos, com apêndices elucidativos se for o caso.

VIII — O rompimento antecipado da suspensão das hostilidades só poderá ser feito com a notificação prévia de 48 (quarenta e oito) horas aos quartéis-generais interessados, com recibo dos dois comandantes de Dests. do Exército ou do comandante das FC passado na intimação notificada.

IX — A entrada em vigor da presente convenção independe de ratificação. Ela será transcrita em 4 (quatro) vias autenticadas pelos signatários, ficando uma em poder do comandante das FC, outra em poder do comandante do Dest. de Ex. S., outra em poder do comandante do Dest. Ex. L., e a última remetida ao governo da União.

X — A presente Convenção não implica em compromisso algum de caráter político, qualquer responsabilidade do governo federal pelos prejuízos materiais decorrentes do movimento revolucionário de 9 de julho (pois ela é estritamente militar) para qualquer das partes, que se obrigam a aplicar sanção a seus comandados que, voluntária ou involuntariamente, atentarem contra o estipulado na presente Convenção, enquanto ela vigorar." (Conforme o texto publicado pelo *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, em 3 de outubro de 1932.)

Os enviados de Klinger recusam-se a assinar o protocolo. Têm-no por desonroso. Retiram-se.

"Às 8 horas: ofensiva final!"

No vale, em mais de um lugar os combates reacenderam. O serviço de remuniciamento paulista já não existia, inexistindo o que transportar. Trincheiras houve nas quais, consumido o derradeiro cartucho, os soldados voluntários empunharam armas brancas e cacetes para enfrentar a iminente ofensiva. Outras foram simplesmente abandonadas. Aqui e ali o ataque governista dar-se-ia contra o vazio.

Ouvida a recusa dos parlamentadores paulistas, os ditatoriais prosseguiram com a ultimação da ofensiva. A ordem pessoal do general Góis Monteiro dizia:

"Tudo pelo Brasil, nada contra o Brasil, nada sem o Brasil, nada fora do Brasil que não seja para o Brasil".

E fustigava os promotores da Revolução, para cujo esmagamento contribuíra de forma convulsiva no campo militar:

"...em prol do Brasil do futuro, nacionalista e heróico, e contra o Brasil do passado, regionalista e medieval".

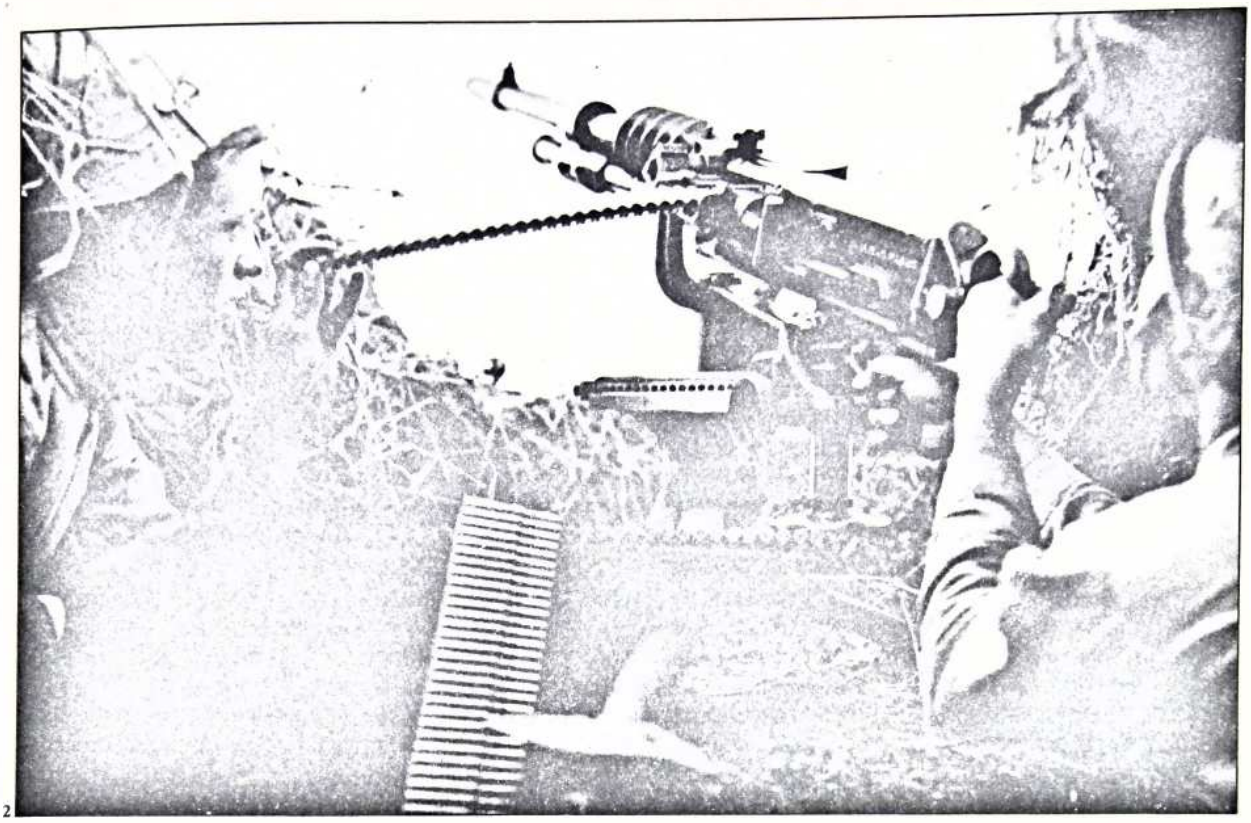
30 de setembro: impasse em todas as frentes. Em alguns pontos, combates. Em outros, as tropas confraternizam-se, visitando trincheiras opostas, trocando lembranças. E em outros ainda silêncio: os defensores haviam partido.

Na capital: governo paralelo.

O general Klinger, disposto a assumir o controle da cidade, ordena ao coronel Figueiredo lhe envie tropas de confiança com as quais manter a ordem na capital, se os fanáticos pela resistência ameaçarem a autoridade do governo que está por instalar-se. O coronel Figueiredo é, exatamente, o chefe daqueles fanáticos pela resis-

• "Coronel Figueiredo, Aparecida, 29.9.1932, 10:35: N.º 80 EM. Conseqüência cifrado sobre armistício peço mandeis urgente pelo menos uma ou duas companhias 6.º RI para garantir ordem esta capital pt General Klinger."

Ele vai precisar dessa tropa. É que trezentos a quatrocentos presos políticos no Hipódromo saíram à rua armados, na confusão do momento, e estabelecem o pânico. Tiroteios no Triângulo, correrias, dezenas de feridos, caçadas aos chefes políticos da revolução derrotada. A capital é quase o caos.



2

tência. Mas obedece, enviando um batalhão da Força Pública, sob o major Otaviano Gonçalves.

Um tenente comissionado, nortista, aparece no QG paulista, supondo haver terminado a guerra. Procurava fraternizar com alguns coestaduanos que, sabia, formavam entre os constitucionalistas. Tornaria para eles menos duro o castigo que haveria de pesar sobre os rebeldes. Surpreso, lamenta-se cair prisioneiro, assim infantilmente. Foi liberado para regressar às linhas ditatoriais.

1.º de outubro: o coronel Basílio Taborda, nomeado pelo general Klinger, chefia a polícia da cidade de São Paulo.

No Vale, civis e militares acorrem ao QG de Figueiredo para se alistarem na coluna em preparo para continuar a guerra nos sertões do oeste.

Os ditatoriais atacam em dois setores, empregando fartamente a artilharia. Um batalhão da Força Pública deixa a trincheira. Um único pelotão de voluntários cobre a larga brecha deixada em Santa Ana dos Pilões. Menos de um esquadrão do 5.º RCD vigia o restante da área. Há um paulista para cada 150 metros de linha.

Continuar a luta onde possível

"Aparecida, 30 de setembro de 1932

Na manhã de 30 de setembro, os elementos civis de São Paulo, incorporados à 2.ª DIO desde o momento da Revolução Constitucionalista, no instante em que tiveram conhecimento da situação na capital do Estado e das demais frentes em operações, num único movimento de dignidade e cheios de justa revolta, resolvem por unanimidade absoluta pedir ao coronel Euclides Figueiredo, comandante-em-chefe da 2.ª DIO, que se incumba da defesa da nossa capital e de nosso Estado, certo do apoio completo daqueles que o acompanham, dos paulistas ciosos dos brios da terra de Piratininga, de todas as forças em armas do Setor Norte, a fim de que a bandeira paulista prossiga vitoriosa levando às terras do Brasil o ideal da Revolução Constitucionalista." ▷

1. Tenente Montalvão, da Brigada Mineira, na boca de uma trincheira aberta pelos paulistas.
2. Metralhadora pronta para o combate.



Getúlio: Isso de bandeira não adianta. Cadê as armas?

Várias das assinaturas, por raiva ou pressa, são, no todo ou em parte, de identificação difícil. Fazem-se reconhecer:

Domício.....
Sálvio de Almeida Azevedo
José Philadelfo de Castro f.
..... da Veiga
M. B. Gri..... (...)
..... Pompeu de Camargo
..... Cardoso de Melo
M. Amazonas P. da Silva (...)
..... Ribeiro dos Santos (...)
Noé Silveira dos Santos
B. Pereira Barreto
Alfredo Figliolini
..... Veiga J.

E mais nomes. No dia seguinte, 1.º de outubro, bom número desses nomes estarão sendo apostos em outro documento, de teor levemente diferente porém de espírito igualmente indomado, entregue ao mesmo destinatário. Passou-se um dia, já não falam em defender a capital nem o Estado, mas insistem em que a luta deve continuar em qualquer lugar do país onde isso for possível. E garantem ao seu aclamado líder estarem plenamente informados da situação naquela jornada e, pois, dos problemas que o seu ato de insubmissão acarretaria. Mas expõem e assinam:

"Os abaixo-assinados, dispondo de comando de tropa e de elementos materiais eficientes, resolvem dar ao coronel Euclides Figueiredo a mais ampla, irrestrita e incondicional solidariedade para o prosseguimento da luta armada dentro da Revolução Constitucionalista, onde for possível e em qualquer lugar do Brasil para onde for ela deslocada.

Esta resolução é tomada depois do mais perfeito conhecimento da situação hoje que todos os signatários têm.

Aparecida, 1.º de outubro de 1932.
Capitão Reinaldo Saldanha
Primeiro-Tenente Tito Pacheco
Primeiro-Tenente Paulo Duarte
Tenente-Coronel Antônio Pimenta de...
Major Domício.....
Capitão Álvaro R. Macedo
Capitão Sousa Queirós
Primeiro-Tenente A. Prudente
Segundo-Tenente Paulo Cruz
Primeiro-Tenente R. ..... Sousa
Segundo-Tenente Júlio Cerqueira Gonçalves
Capitão Boaventura
Segundo-Tenente Fábio Fabiano Alves
Primeiro-Tenente Moacir Antônio de Morais
Capitão Deodado (?) de Campos
Capitão F. Freitas Borges
Primeiro-Tenente A. Sales Oliveira
Reinaldo Figueiredo
Guilherme Bastos da Silva
Olindo Sameraro
Lauro .....
Doutor José Rodrigues Barbosa
Gilberto Pacheco e Silva
J... Almeida (...)
Alberto Almeida (...)
Ademar Barros
Patrício Pinto de Miranda
Álvaro ..... Macedo
P. Paulo ....
... Augusto de Melo — capitão...
Ademar Siqueira
Antônio Prudente de Morais (...)
T. Pacheco da ....
J. Armando Vicente de Azevedo
Armando Costillas
Felisberto C. Camargo
J. H. de A. Prado
.... Salgado
R. Martins
Francisco Ramos
Francisco Leite
J... Macedo
Primeiro-Tenente Milton Camargo da Silva Rodrigues — comandante da 4.ª Companhia do 2.º ...E
Segundo-Tenente ..... Pinto
Segundo-Tenente Dante Cyrillo
Segundo-Tenente Plínio Sampaio

1.° de outubro, meio-dia, zona da média Sorocabana: o coronel Palimércio de Resende, em trem especial veloz o quanto possível, dirige-se a Campo Grande, para organizar a base da tropa que não aceitará a rendição de São Paulo. Começa a encontrar, depois de Botucatu, formações constitucionalistas retornando para casa. O exército revolucionário entra a debandar, a Frente Sul desmoronava. Horas mais e o adversário alcançaria a linha férrea, tornando inviável o plano da coluna dos desesperados. Se esta não embarcar, em Aparecida, até a meia-noite e viajar sem parada para só respirar além de Salto Grande, o projeto terá sido frustrado. Mas Palimércio não tem como relatar essa circunstância aos companheiros ainda no Vale.

Klinger tenta outra vez o armistício

Os emissários do general Klinger visitam outra vez o QG de Góis Monteiro. Ponderam, procuram conseguir um meio-termo honroso.

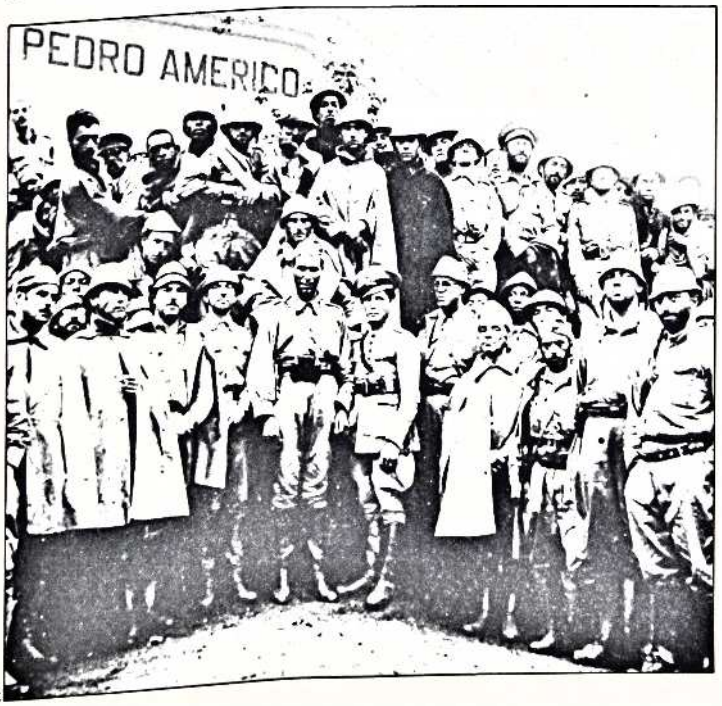
Combates na serra do Mar e aproximando-se de Campos do Jordão.

23 horas: os emissários de Klinger retornam a São Paulo. Nada feito. Góis quer a rendição. De qualquer modo, às 8 da manhã, dia 2, o assalto final, em todas as frentes.

No Vale uma última e desesperada resistência é decidida.

O comando entendia — ignorando que ao norte e ao sul já não existiam frentes de combate — que a menos vigorosa das defesas seria melhor do que nenhuma, se houvesse uma nova rodada de conversações. Resistiriam, pois.

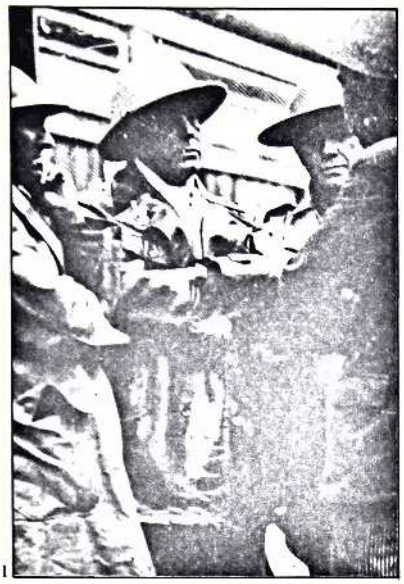
A coluna que pretendia alcançar Mato Grosso esqueceu-se desse propósito, ao menos por 24 horas. Os inscritos voltaram aos seus postos. Na altura de Guaratinguetá: a derradeira linha paulista. Esperando as 8 horas da manhã.



2

• Rádios e jornais paulistanos divulgam o apelo-manifesto do novo chefe de polícia, coronel Basílio Taborda: "...lutadores heróicos de pelejas sangrentas; eu vos concito a serdes, também, heróis na desventura e a terdes em mente que a tranqüilidade da família paulista depende, agora, do estoicismo com que souberdes curtir os vossos sofrimentos. A semente do ideal lançada no solo pátrio não precisa de mais sangue para germinar, frutificar e vencer".

1. Charge de Storni, Careta, *6.8.1932.*
2. Grupo reunido já sob a expectativa da suspensão das hostilidades.



A Força Pública deixa de combater

2 de outubro, 1 hora da madrugada: chegam ao QG do Vale "informações de que praças da FP abandonavam as posições, negando-se a combater e furtando-se às ordens dos seus oficiais; protegidas pelo escuro da noite, ganhavam a retaguarda e desapareciam, deixando as armas pelo caminho. Às 2 horas era um batalhão inteiro, o Pais Leme, composto exclusivamente de voluntários e que tão boas contas de si havia dado em combates anteriores, que saía das trincheiras, deixando uma brecha de pouco mais de quilômetro (...) espaço livre por onde o inimigo penetraria sem encontrar obstáculo..." (E. Figueiredo.)

O que sucederá?

Ciente de que o governo revolucionário recusava-se a discutir a rendição; de que os emissários do general Klinger, em duas tentativas, não alcançaram termos convenientes para um armistício digno, o comandante-geral da Força Pública decidira-se pela paz em separado.

Retirando das trincheiras o potencial combativo da milícia, numericamente elevado e militarmente de alta valia, impossibilitava o menor arremedo de resistência que unidades do Exército e de voluntários intentassem apresentar na manhã de 2 de outubro. A Força constituíra-se em baluarte, até ali. Basta observar que pouco menos da metade das baixas fatais, nas fileiras constitucionalistas, foram de milicianos. Mas, a 1.º de outubro, deixava de combater.

Comentário de Antônio Barreto do Amaral: "Fracassado o entendimento, elementos do comando geral da Força Pública dirigiram-se a Cruzeiro, na noite de 1.º para 2 de outubro, ouvindo do general Góis Monteiro que o governo tinha recursos, inclusive para dissolver a Força Pública, caso persistisse ela na sua rebeldia; que esta já tinha cumprido o seu dever e persistir daí em diante, naquela luta, seria uma obstinação suicida, com conseqüências funestas para São Paulo".

A Força submeteu-se ao governo provisório, assinando a:

"Convenção militar

Entre os tenentes-coronéis da Força Pública do Estado de São Paulo, Otaviano Gonçalves da Silveira e Euclides Marques Machado, delegados do senhor coronel comandante-geral daquela Força, e o coronel Pantaleão da Silva Pessoa, chefe do Estado-Maior do Destacamento do Exército Brasileiro de Leste, com poderes diretos do general comandante do referido destacamento e indiretos do comandante do Destacamento do Exército do Sul e assistência do senhor ministro d'Estado da Marinha nacional.

Ao primeiro dia do mês de outubro do ano de mil novecentos e trinta e dois encontraram-se em Cruzeiro os oficiais acima mencionados para estudar as condições em que poderiam cessar as hostilidades entre as Forças Federais e a referida Força Pública e,

a) considerando que até aqui a Força Pública tem obedecido às ordens do governo do seu Estado, e

b) considerando mais que a continuação da luta, daqui por diante, importará em grave prejuízo para os interesses do Estado que se comprometeram a guardar;

combinaram e resolveram o seguinte:

1.º) A Força Pública compromete-se a:

a) recuar as suas unidades para as orlas ou interior da capital do Estado de São Paulo, com a missão de manter a ordem e a tranqüilidade, impedindo que a população sofra as conseqüências da decepção produzida pelo conhecimento da verdade dos fatos ocorridos na luta armada;

b) reconhecer unicamente a autoridade do governo federal e obedecer ordens dos seus representantes legítimos; ▷

c) não obedecer mais as atuais autoridades estaduais, cuja obstinação em prosseguir na luta julgam contrária aos interesses do Estado.

2.º) O governo federal compromete-se a:

a) garantir aos oficiais da Força Pública que tiverem, neste grave momento, o elevado patriotismo de agir com decisão e eficácia para cessação da luta dolorosa que ensangüenta o país, assumindo ao mesmo tempo o compromisso de zelar pela manutenção da ordem, seriamente ameaçada no Estado, todas as regalias e vantagens dos seus postos, de acordo com as leis e quadros de efetivos vigentes a 1.º de julho do corrente ano;

b) logo que fique comprovada a execução dos itens a), b) e c) da alínea 1.ª, pôr em liberdade e mandar apresentar ao respectivo comando todos os oficiais e praças que foram feitos prisioneiros pela tropa federal.

Cruzeiro, 1.º de outubro de 1932.

a) Pantaleão da Silva Pessoa
Coronel chefe do EM do Ex. de Leste

aa) Otaviano Gonçalves da Silveira
Tenente-coronel comandante do 2.º BCP
Tenente-coronel Euclides Marques Machado

Visto — a) Américo Reis, capitão-de-mar-e-guerra."

A Frente do Vale ruiu

Na madrugada de 2, portanto, os soldados da Força deixaram suas posições. Quase 10 000 dos melhores lutadores ensarilhavam armas. Voluntários, vendo-os partir, seguiram-nos.

Euclides Figueiredo descreveu:

"Encontramos todo o batalhão em completa debandada e desordem, sem obedecer aos seus oficiais, os quais já se consideravam depostos dos seus comandos. Parte dele ainda se arrastava pela estrada, depois de haver percorrido 4 quilômetros a pé, por morros e vales, e outra parte, jogada pelo chão, armas em abandono nas dependências de um convento, em Aparecida".

O general Klinger verberou *(Nós e a ditadura)*: "Antes da segunda entrevista do plenipotenciário do alto comando constitucionalista com o ditatorial, por uma ominosa compra, este firmava a paz em separado com a Força Pública paulista".

2 de outubro, fim da madrugada: na cidade de São Paulo as notícias correm: "A Força entendeu-se com o inimigo, derrubou o governo constitucionalista". Inquietação, angústia, desânimo. Algumas desforras, planejadas.

Klinger estabelece um dispositivo de segurança para as ruas e para garantir o próximo governo, seja quem for o seu chefe. Dirige-se diretamente ao general Góis Monteiro, declarando-se sem função e pedindo fosse designado o destino dos seus oficiais.

2 de outubro, 7 horas, QG da DIO, no vale do Paraíba: faltando uma hora para o ataque ditatorial, está constituída ralíssima linha defensiva. Sem esperança de conter o ataque, destinada sim a provar combatividade, obter respeito e, quem sabe!, melhores condições de paz.

Foi quando (relato do coronel Figueiredo) "chegou um estafeta com uma carta, assinada pelo coronel Teófilo, afirmando que 'na qualidade de oficial mais graduado da FP na Frente Norte e obedecendo a ordens do coronel Herculano', iria, às 8 horas da manhã, retirar os últimos elementos da FP".

Abria-se um "vazio de 6 quilômetros, de um e outro lado da estrada de ferro". "Impossível tentar qualquer resistência." Diante do poderio acumulado pelos ditatoriais, do levíssimo dispositivo constitucionalista inutilizado em seu todo por aquela carta, ordenar um mínimo de resistência seria atentar contra as vidas de todos os soldados paulistas ainda em forma.

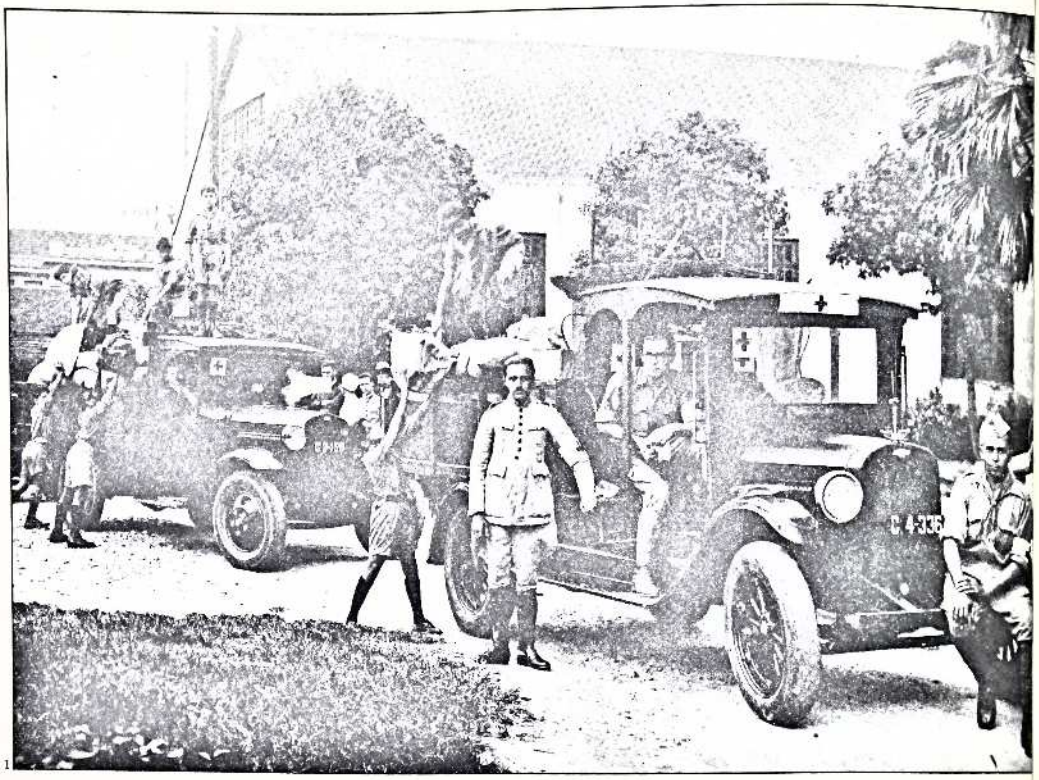


2

Zé — Está vendo o inimigo?
Getúlio — Os que estão de longe. Para os que estão perto não tenho necessidade de binóculo.

● Sucede, então, episódio homérico entre os muitos da campanha: às poucas mas exaltadas vozes, que dentro da noite, do frio, do debandar iminente, ante o inimigo que ultimava o assalto, os voluntários, ouvindo falar no ideal que os retirara à casa, à escola, ao balcão, ao escritório, à oficina, erguem-se, recolhem armas, entram em forma para regressar às trincheiras. Encontram-se por tal modo exaustos que, se retornassem marchando, chegariam às mesmas depois do adversário. Foi preciso requisitar caminhões e autos. E lá se foram, resistir, sabendo que o resultado não poderia ser outro senão o aniquilamento. A esse tempo, o Exército Constitucionalista, como um todo, já não existia.

1. *Ao centro, coronel Euclides Figueiredo.*
2. *"Na linha de fogo", charge de Storni,* Careta, *6.8.1932.*



1

Nem todos baixam as armas

A guerra, efetivamente, terminara pouco antes das 8 horas de 2 de outubro. Menos para aqueles poucos que disseram-se decididos a ficar e resistir, preferindo morrer a deixar passar, sem luta, os adversários.

Às 8 horas do dia 2 continuaram guarnecendo posições: no flanco direito, o 4.º BC, "que foi a primeira tropa do 9 de Julho, esteio do levante em São Paulo", era ainda aí, nesse instante derradeiro, o núcleo mais forte da resistência. Foi o último a aceitar a tremenda imposição da realidade. Com ele ficaram o Batalhão Freitas Borges, o Batalhão Saldanha da Gama, e, mais à esquerda, pontofinalizando a linha já desguarnecida, a companhia do capitão Sandi, simples sargento que se fizera chefe no correr da campanha.

Inconformados partem para Mato Grosso

Não havendo mais o que defender no Vale, os decididos a levar a guerra para o sertão apressam a partida. O major Arnold Mancebo será o chefe do Estado-Maior, o major Saldanha da Gama, os capitães Sandi e Freitas Borges, o tenente Paulo Duarte, comandarão pelotões. Chefia geral: coronel Euclides Figueiredo.

Em 33 vagões empilharam canhões, víveres, munições, medicamentos.

Um segundo comboio, 22 vagões, levaria os homens e o ma-

terial de uso imediato. O trem blindado, ainda imponente e respeitado, fecharia a marcha.

Às 9 horas, já com ditatoriais à vista e disparando contra o trem, o comboio parte rumo de Mato Grosso, com parada prevista em Osasco para embarque de aderentes e de alguma artilharia.

Mas, em Jacareí, um telegrama: Mário Cabral, chefe da Estação do Norte, na capital, avisa que a área está sob ataque iminente da Força Pública, ao qual nada poderá opor. Questão de minutos e ninguém, nada, passará do Vale para Mato Grosso. A guerra, começada em São Paulo, terminará na capital de São Paulo. Começada com a Força Pública, terminará, estrangulada na Estação do Norte, pela Força Pública.

Más notícias paralisam os inconformados

Há mais notícias ruins em Jacareí: os governistas ocuparam Itu. Poucos quilômetros mais e atingirão o tronco da Sorocabana. A Força Pública tomou as estações ferroviárias da capital, selecionando o tráfego dos trens, e fechou as entradas da cidade visando a desarmar quantos desejem entrar em São Paulo.

Forças sulinas, subindo por Botucatu, dominam a ferrovia Sorocabana, dirigindo-se para Bauru, inviabilizando também a possibilidade de Figueiredo e seus homens alcançarem Mato Grosso pelos trilhos da Noroeste.

Em qualquer dos lugares e dos casos, forçar passagem significaria abrir luta com a Força Pública paulista e continuá-la contra os exércitos getulistas descidos de Minas Gerais e subidos do Rio Grande. Loucura para além de todos os limites!

Em Jacareí, o drama: o que fazer?

Apagam-se as luzes nos Campos Elísios

2 de outubro, 12 horas, São Paulo, palácio do governo: Pedro de Toledo e secretários, na sala de reuniões, ouvem o relato da paz em separado, de como a Frente Norte desmanchou-se junto com a madrugada.

2 de outubro, 12 horas: o coronel Herculano de Carvalho e Silva, pelo rádio, consulta o "senhor Góis Monteiro sobre a situação do governo paulista, em face do compromisso da Força Pública cessar as hostilidades".

Resposta: 2 de outubro, 15 horas, telegrama número 675 do QG do Exército de Leste:

"Coronel Herculano, São Paulo. Deveis assumir imediatamente governo militar capital depondo interventor ou governador e fazendo diretores de secretarias responder expediente mesmas, sob vossa fiscalização. Ficais investido poderes necessários garantir ordem, vida e propriedade população. General P. Góis".

2 de outubro, 15:30 horas, Palácio dos Campos Elísios: apresentam-se a Pedro de Toledo os oficiais da Força Pública, coronel Eduardo Lejeune, major Mário Rangel e capitão João Francisco da Cruz. Oficializam o fim da guerra cívica e o do governo aclamado pelo povo paulista no Largo do Palácio.

Pedro de Toledo determina aos secretários: "Vamos para casa esperar a prisão".

Entre as 12 e as 15:30 horas, um "Manifesto ao Povo" havia sido preparado:



● "Ao senhor doutor Getúlio Vargas
Chefe do Governo Provisório do Brasil
De bordo do navio-presídio Pedro I, 30 de outubro de 1932:
general-de-brigada
a) Bertoldo Klinger,
b) Euclides Figueiredo, coronel

"Nós, os signatários desta, no caráter de chefes militares e organizadores do movimento constitucionalista (...) vimos perante Vossa Excelência e demais autoridades da República às quais o caso afete, declarar que assumimos a plena e exclusiva responsabilidade por todos os acontecimentos constitutivos daquele movimento armado e dele decorrentes. (...) Sentimos que falta ao governo autoridade moral para nos pedir contas por um procedimento exatamente igual ao que, dois anos antes, fez esse mesmo governo alcançar o poder. Então e agora as razões do movimento foram as mesmas: o ideal da legalidade. Então e agora as razões dos dissidentes foram as mesmas: força armada. A diferença contra nós — a nossa culpa única — é que não vencemos. E uma diferença a nosso favor é que o movimento que Vossa Excelência chefiou, golpeou um governo legal, ao passo que o nosso visou um governo que posterga o regime da Lei."

1. Escoteiros carregam caminhões da Cruz Vermelha que levaram socorro às populações civis das zonas de operações, setembro, 1932.

CHEFIA DE POLICIA MILITAR DA 4a D. I

EDITAL

Como medida preliminar á manutenção da ordem e em caracter transitorio, é terminantemente prohibido:

a) o uso de armas por pessoas não autorisadas pela Lei;

b) a pratica de jogos de azar, taes como: dados, roletas, campistas, etc.

c) a agglomeração de pessoas nas vias publicas;

d) que as casas comerciais, os cafés, bars e restaurantes se conservem abertos além das 20 horas;

e) o livre transito dos pedestres, animais e vehiculos dentro da cidade, depois das 21 (vinte e uma) horas; na estrada o transito só é permitido de dia e com salvo-conduto;

f) a venda de bebidas fortemente alcoolisadas, quer a civis ou soldados, sob pena de destruição dos «stocks» e prisão na reincidencia.

g) as casas comerciais, officinas ou quaisquer outras que a qualquer titulo, estejam de posse de armas, ficam obrigadas a fazer declaração do seu «stock».

h) todas as armas existentes no comercio, assim como munições e apparelhos de radio, devem ser entregues incontinenti á Delegacia Militar.

i) a excepção dos automoveis e caminhões a serviço das forças federaes, nenhum vehiculo dessa natureza poderá trafegar sem autorisação previa do Delegado Militar.

j) afim de não faltar para a população civil o imprescindivel para a sua manutenção, fica prohibida a sahida do Municipio de generos de primeira necessidade, sendo severamente castigados aquelles que prevalecendo-se da situação, queiram impor preços exhorbitantes.

k) é terminantemente prohibida a circulação de «BONUS» emitidos pelo governo rebelde de São Paulo. Trata-se de uma emissão clandestina e todo aquelle que for encontrado effectuando pagamento ou qualquer transação com os aludidos «BONUS» será detido como incurso no crime de moeda falsa.

Todo aquelle que transgredir essas ordens será punido de acordo com a Lei Militar.

Ten. Cel. P. Reginaldo Teixeira
CHEFE DE POLICIA MILITAR

Typ. da Casa Mousinho — Campinas

1

"Ao povo de São Paulo

Quando, em 9 de julho do corrente ano, a guarnição federal aqui aquartelada e a Força Pública deste Estado se levantaram em armas num movimento coordenado com as forças militares do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais, de Mato Grosso e do Distrito Federal, e com as correntes políticas desses Estados, todo o povo paulista nele se integrou. Não foi mister um apelo aos homens válidos, nem uma convocação. A um só impulso, todos acorreram a se arregimentarem, organizando-se batalhões de voluntários que, dia a dia, se atiraram à luta, a mais nobilitante de quantas em nosso país se travaram.

Aclamados pelas forças militares e pelo povo paulista, tivemos de, obedecendo à sua imposição, assumir o governo do Estado, passando a dedicar-lhe todas as energias de que éramos capazes, a fim de corresponder à confiança e, principalmente, ao trabalho incomparável de seu grande e nobre povo, que se atirou à guerra com todo o ânimo de vencer, improvisando aqui tudo de quanto careciam os exércitos constitucionalistas para a sustentação do fogo de que deveria resultar a vitória.

Se triunfos tivemos, e esses foram numerosos, como a posteridade há de verificar, assombrada, nos anais da história paulista, reveses sofremos, a principiar pela ausência de companheiros de lutas, cujas armas contra nós se voltaram.

Durante quase três meses a peleja se desdobrou em todos os limites de São Paulo; e este fez impossíveis para mantê-la, vigorosamente, apesar de terem sido lançadas contra ele as forças armadas de todos os Estados, menos Mato Grosso, amparadas pelos enormes recursos de que, por força de sua posição, dispõe a ditadura.

Sem desfalecimentos, fez São Paulo tudo quanto o engenho de sua gente e a capacidade de sua indústria e da sua lavoura permitiram, para o abastecimento dos exércitos, amparo e socorro da população civil, salvaguarda de todos os direitos individuais e coletivos, mantendo, a todo o transe, a ordem jurídica e social, assegurando, assim, todos os elementos da vitória.

Com a altaneria de espírito e serenidade de razão, demonstrou o povo paulista, nesta epopéia sem igual, a firmeza do seu pulso, a largueza de suas vistas e a amplitude de seu sentimento nacional. A página que agora coloriu com o seu sangue há de permanecer imortal, aos olhos de todo o Brasil, como a mais inequívoca demonstração da sinceridade de sentimentos com que se entregou à causa da rápida constitucionalização do país.

Combatido em todos os setores, com todas as armas, ainda as mais atrozes e as mais desumanas, manteve-se no posto, defendendo os seus ideais e honrando os seus compromissos.

Continuava a luta quando, em 27 de setembro findo, teve o governo notícia de que, entre a oficialidade da Força Pública se preparava, em surdina, entendimento com a ditadura, para a cessação da guerra. E, no dia seguinte, pela manhã, do general Bertoldo Klinger, comandante das Forças Constitucionalistas, recebeu a comunicação de que, em face dos últimos acontecimentos, seria improfícua a continuação das hostilidades. Por isso, acrescentou, já havia enviado aos comandantes de setores a comunicação de que pretendia, naquele dia, propor um armistício ao adversário. Reuniu-se o governo e, depois de ouvidos os comandos militares, representantes das associações comerciais, industriais, liberais e outros — cujo concurso foi preciosíssimo e cuja solidariedade jamais sofreu solução de continuidade — viu-se na emergência de não poder opor-se à resolução dos militares.

Se fracassaram as negociações do armistício proposto pelo comandante das Forças Constitucionalistas, que julgou inaceitáveis, por humilhantes, as condições do que lhe oferecera a ditadura — vingou o pacto, com ela, em separado, firmado pelo comandante-geral da Força Pública. Em seguida, pelo governo ditatorial foi o comandante-geral da Força Pública nomeado governador militar do Estado de São Paulo, do que, por uma comissão, composta do coronel Eduardo Lejeune, major Mário Rangel e capitão João Francisco da Cruz, teve há pouco o governo paulista comunicação oficial.

Cessa, destarte, a vida do governo constitucionalista aclamado pelo povo paulista, pelo Exército nacional e pela Força Pública, e hoje por esta deposto. Fica encerrada, nesta faixa do território brasileiro, a campanha militar pela restauração do regime legal. Mas o anseio não se sopitará. Comprimida, a campanha há de expandir-se, certamente, por não ser possível que um povo, como o nosso, persista em viver sob um regime de arbítrio.

Deu São Paulo tudo quando podia dar ao Brasil. Tudo empenhou em prol de sua reorganização político-administrativa. E disso não se arrependerá.

O seu governo, instituído pelo povo paulista, com o apoio das Forças Armadas, encerra o seu ciclo histórico. Antes, porém; que se lhe extinga a vigência, afirma que cumpriu o seu dever. Tudo por São Paulo! Tudo pelo Brasil!

São Paulo, 2 de outubro de 1932. Pedro de Toledo, Waldemar Ferreira, Paulo de Morais Barros, J. Rodrigues Alves Sobrinho, F. E. da Fonseca Teles, Francisco da Cunha Junqueira, Gofredo T. da Silva Teles, Joaquim A. Sampaio Vidal, Tirso Martins.

1. *Os campineiros ficam sabendo como deseja a polícia de ocupação que eles se comportem.*
2. *Coronel Herculano de Carvalho, comandante da Força Pública.*



1ª FOLHA DA NOITE 1ª

ANNO XII — S. PAULO — QUINTA-FEIRA, 6 DE OUTUBRO DE 1932 — N. 3402

O general Waldomiro de Castilho Lima assumiu o governo de S. Paulo

A CHEGADA DAS TROPAS DO GENERAL JOÃO FRANCISCO A BAURU

O coronel Herculano de Carvalho e Silva, depois de transmittir o poder, voltou ao commando da Força Publica

FOI DECRETADO ATÉ O DIA 12 DO CORRENTE FERIADO NACIONAL PARA S. PAULO

A ATTITUDE DO SR. BORGES DE MEDEIROS A 9 DE JULHO

SÓ PODEM ENTRAR EM SANTOS EMBARCAÇÕES DE PEQUENO CALADO

A ditadura reimplanta-se em São Paulo

2 de outubro, 16 horas: as emissoras de rádio do país, inclusive as paulistanas, difundem mensagem emitida pelo Quartel-General governista:

"Pode São Paulo estar certo de que o governo não o tratará em desigualdade e inferioridade em relação aos outros Estados. General Góis Monteiro".

2 de outubro, 16 horas: emissários do coronel Herculano de Carvalho, operando já como delegado militar para o Estado, saem a convocar paulistas eminentes e não comprometidos com a Revolução. Deverão constituir-se em comissão que conduzirá entendimentos com o general Góis buscando a "normalização da vida do Estado".

2 de outubro, 18 horas: Pedro de Toledo admite não ser mais o governador. Retira-se do palácio, deixando o endereço de residência onde aguardará ordem de prisão.

2 de outubro, 18 horas: os convocados por Herculano não quiseram, sozinhos, dar passo de tamanha responsabilidade. Exigiram assembléia mais ampla no dia seguinte e com resguardos face à história.

2 de outubro, anoitecer: tiroteios e correrias pela cidade. "Um capitão do GQG", explica Paulo Duarte, "dera liberdade a todos os oficiais prisioneiros de guerra e os armara! Em tudo ou uma loucura coletiva ou uma ignominiosa velhacaria. Soltar o inimigo, armá-lo, entregar-lhe a capital, garantindo assim a impunidade aos covardes pela gratidão dos libertos."

2 de outubro, 22:30 horas: as emissoras de rádio divulgam: "Tendo o coronel Herculano de Carvalho, comandante da Força Pública de São Paulo, cientificado ao governo revolucionário daquele Estado que a referida Força não mais entreteria hostilidades, porque estava empenhada em 'salvar o patrimônio paulista e manter a ordem', o governo provisório, por intermédio do general Góis Monteiro, comandante do Exército de Leste e da Região Militar, ordenou ao referido coronel que assumisse o governo da capital, depondo o interventor e fazendo os diretores de secretarias responderem pelo expediente das mesmas. As instruções do general Góis Monteiro foram cumpridas à risca pelo coronel Herculano de Carvalho, o qual se acha investido dos poderes das funções para que foi indicado temporariamente".

• O comércio deixa de aceitar o dinheiro emitido pela Revolução. Para os que insistem, a troca se faz na base 1 x 50. A polícia, quando solicitada, recusa-se a intervir.

• Nos entroncamentos e entradas das cidades principais ainda não ocupadas, os que regressam são desarmados, revistados e identificados pela Força Pública.



2

• Transtorno no tráfego ferroviário, escassez de carne, leite, pão nas grandes cidades. Mas a ordem é mantida.

• Corrida para trocar os bônus constitucionalistas. Getulistas e tenentistas reaparecem na capital: fogueira com cartazes, símbolos, jornais, manifestos e até alguns bônus, ardem junto ao marco zero na Praça da Sé. Ouvem-se pelas ruas do centro vivas a Getúlio, a Góis, a Aranha, a Herculano.



1

"Tudo isso se passou", testemunha Durval Ferreira, "sem conhecimento prévio do povo paulista, que aos primeiros rumores passou a viver horas amargas, de profunda e dolorosa inquietação. A princípio, a atitude do general Klinger foi recebida com verdadeira revolta. Houve ranger de dentes e imprecações dos que se julgavam em boa situação militar, pois o rádio era sempre otimista, e por fim supunham ter sido apunhalados pelas costas, numa miserável traição da chefia militar. Muitos dos próprios combatentes, embora fatigados daqueles meses de luta, não queriam aceitar a derrota. Preferiam uma retirada para Mato Grosso, lutando sempre sem enrolar a bandeira constitucionalista."

Também do lado vencedor há os exaltados. Geraldo Goulart afirma que, apesar das ordens em contrário, firmemente emitidas pelo general Valdomiro de Lima, viram-se prisioneiros paulistas baionetados e deixados para morrer. Euclides Figueiredo anotou que "em várias cidades abandonadas pelas tropas constitucionalistas, notadamente em Cruzeiro, Cachoeira e Lorena, foi considerável o saque praticado por elementos das forças ditatoriais, que arrombaram casas fechadas e lacradas, delas retirando móveis antigos e até pianos, que fizeram transportar para a retaguarda. É a história de todas as guerras, o aiar de todos os vencidos. . . "

Em Angatuba, o "adeus às armas!"

2 de outubro, 23 horas: a última tropa constitucionalista a participar de combates no Setor Sul depõe armas em Angatuba.

Pelo meio da noite, os voluntários afluem aos trilhos da Sorocabana, distantes de Salto e de Angatuba, fazendo parar os trens para chegarem às suas cidades antes de serem aprisionados. Os soldados regulares organizam-se para o retorno à capital. O Exército do Sul, do general Valdomiro de Lima, entrará, sem nenhum incômodo, em Avaré e Botucatu, rumo ao ramal de Bauru.

Mesmo os teimosos se dispersam

3 de outubro, madrugada, entre Moji das Cruzes e Jacareí. O Exército Vingador: homens decididos deliberam ao redor de 55 vagões carregados e do trem blindado. Não é possível chegar sequer à capital do Estado. A coluna se dissolve. Cada qual seguirá o caminho que lhe aprouver.

Sete daqueles homens, ocupando caminhão e viajando por desvios e picadas, dirigem-se para o litoral. No dia 9 embarcarão no pesqueiro *Odete* com rumo ao Rio Grande do Sul, onde, conforme lhes foi assegurado, há grupos constitucionalistas combatendo, no interior. Estes sete tentarão reunir-se àqueles, catalizar um novo exército e continuar a luta. Não sendo viável o Mato Grosso, faça-se a guerra constitucional no Rio Grande.

3 de outubro, amanhecer: o coronel Palimércio de Resende chega a Três Lagoas, sul de Mato Grosso, a fim de cumprir a missão recebida em Aparecida: preparar as bases para a campanha do exército constitucionalista que se dispõe a operar naquele Estado e na Amazônia. Porém, do major Ramiro Noronha, comandante revolucionário local, recebe informe sobre os acontecimentos da véspera, em São Paulo e em Campo Grande, onde o coronel Horta Barbosa, chefe da Circunscrição, recebera ordens de Góis para reunir as forças e prestar obediência unicamente ao QG de Cruzeiro. E para deter todo paulista que entrasse em Mato Grosso.

Governar é preciso

3 de outubro, São Paulo: lê-se em documento redigido e assinado em papel timbrado do escritório dos advogados Aristides de Toledo e Elias Pio Monteiro da Silva Júnior, à Rua Boa Vista, 11, 7.º andar, que:

"Aos três de outubro de mil novecentos e trinta e dois, reunidos os doutores Costa Manso, Manuel Carlos, Erasmo Assumpção, Reinaldo Porchat, Cantídio de Moura Campos, Teodoro Ramos e Alcântara Machado, com a presença dos demais signatários desta nota, declararam aqueles terem sido convocados na véspera pelo coronel Herculano de Carvalho e Silva para uma reunião no Quartel-General da Força Pública, onde esse oficial lhes fez uma exposição da situação atual de São Paulo, terminando por mostrar-lhes a necessidade urgente de um entendimento entre o general Góis Monteiro e individualidades representativas do povo paulista. Declararam mais que, dissolvida a reunião, sem que se houvesse tomado qualquer deliberação a respeito, o coronel Herculano lhes mandou hoje cópia de um telegrama por ele expedido ao general Góis Monteiro e da resposta deste, que são do teor seguinte: 'General Góis. A fim encaminhar negociações estabelecimentos governo civil e pacificação Estado toma iniciativa consultar Vossa Excelência sobre conveniência entendimento direto entre Vossa Excelência e uma comissão composta elementos mais representativos São Paulo a ser convocada em nome Vossa Excelência Herculano'. 'Of. coronel Herculano Silva, São Paulo. Cruzeiro, 2 às 10:30 n. 767. Aceito entendimento direto com comissão composta elementos representativos São Paulo conforme consta vosso telegrama. General P. Góis.' À vista disso, como não se julgassem com poderes para em nome de São Paulo aceitar ou recusar o convite, resolveram levar ao conhecimento dos diretores das associações de classes conservadoras de São Paulo o caso, o que de fato fizeram, tendo os representantes de tais associações decidido, de comum acordo com os demais signatários, que o solicitado entendimento se fizesse por intermédio de uma comissão composta do doutor Manuel Carlos de Figueiredo Ferraz, ministro do Tribunal de Justiça; Mário de Sousa Queirós, da Sociedade Rural Brasileira; Antônio Gonçalves, diretor da Associação Comercial de São Paulo, os quais convidaram para completar a comissão o professor Teodoro Ramos, da Escola Politécnica, e o professor Ovídio Pires de Campos, da Faculdade de Medicina de São Paulo. Lido e achado conforme, assinam: São Paulo, 3 de outubro de 1932".

Ponto final militar

4 de outubro, Campo Grande: parte da guarnição do Exército Constitucionalista revolta-se, apressando o retorno do Estado ao controle do governo provisório. O golpe termina com o tiroteio sobre o quartel e notícias confusas quanto ao paradeiro do coronel Horta Barbosa.

Os paulistas que haviam seguido o coronel Palimércio de Resende até Três Lagoas abandonam o trem, ocupam auto levado no comboio e, por atalhos e campos, buscam a fronteira com o Paraguai.

O domínio do governo provisório getulista sobre o país é total. Salvo sobre o ponto do litoral paranaense onde navega o pesqueiro *Odete* levando para o sul os derradeiros sete soldados que não se renderam.

Sobre a trincheira vazia e São Paulo ocupada

Nada mais a fazer.

Ibrahim Nobre clamaria contra o final imposto à epopéia, em improviso de praça pública memorizado por Oswaldo Mariano:

"A revolução não deveria terminar assim.

Depois que fossem os filhos, iriam os pais. Depois que eles morressem, iriam as irmãs, as mães, as noivas. Todos morreriam.

Mais tarde, quando alguém passasse por aqui, neste São Paulo deserto, sem pedra sobre pedra, levantando os olhos para o céu, haveria de ler, no epitáfio das estrelas, a história de um povo que não quis ser escravo".



2

O contínuo — Exellencia, é a "paz" que deseja fallar a V. Excia.
Getúlio — Diga-lhe que entre, mas que deixe as armas na portaria do Ministério de Guerra.

1. Bônus paulistas.
2. "Getúlio recebe a Paz". Charge de Storni, capa de Careta, *3.9.1932.*

O rescaldo

• O ÚLTIMO A MORRER

3 de outubro, Fundão, ilha das Flores, campo de prisioneiros constitucionalistas.

Entre os prisioneiros, silêncio, amargura, choro escondido.

Um voluntário de São José do Rio Pardo, Ferrucio Tolosi, inexplicavelmente descalço na manhã úmida, coloca ambas as mãos sobre o arame farpado. Imprudência? Confiança na promessa? Imolação em protesto contra tão inglório fim da campanha cívica?

Morreu minutos depois. O último constitucionalista a tombar.

• Oficialmente, São Paulo contou 601 mortos, dos quais 352 voluntários. Aceita-se porém que as baixas fatais aproximaram-se de mil.

• OS PRISIONEIROS DA BARCA

14 de outubro, praia das Caieiras, ilha de Santa Catarina.

A barca *Odete* acolheu-se à terra, para reabastecer-se e atender a reparos. Sobre o local onde abicou, os muros de um forte. São dez homens a bordo: Euclides Figueiredo, Reinaldo Saldanha, Paulo Duarte, Paulo Barbieri, Armando Figueiredo, José Figueiredo Lobo, Armando Marques Mancebo, Higino de Carvalho, Tito Pacheco Júnior e o Pereirão — cozinheiro, contratado para "uma pescaria lá pelos lados de Santa Catarina". O Higino tem o apelido de Major. Os companheiros chamam-no pelo apelido. A guarda do forte ouve o nome. Pelo sim, pelo não, dá o alarme. Momentos depois, o cerco e a prisão. O *Odete* não chegará ao sul, os nove constitucionalistas teimosos não incendiarão os pampas.

Pena máxima: exílio.

Não se inclua entre os pecados imputados a Getúlio Vargas que haja sido pessoal e particularmente severo para com os chefes derrotados. Sendo político, aventureiro, amamentado pelas lendas fronteiriças inspiradas pelo sobe-desce da gangorra do destino, respeitava as alternativas da fortuna. Cominou para os líderes constitucionalistas o exílio. Onde, para o brasileiro, o exílio menos duro? Em Portugal. Para Lisboa despachou, em novembro, os expoentes civis e militares derrotados.

Nenhum deles, a 2 de outubro, procurou fugir, omitir-se. Combinaram e cumpriram: aguardar em casa a chamada do vencedor, suportar altivamente qualquer punição. A 10 de outubro, pela manhã, receberam eles "convite" telefônico para comparecer às 20 horas, "se pudessem", na Secretaria de Segurança Pública "a fim de prestarem declarações". Guilherme de Almeida deixou-nos o relato: "E todos pudemos. Nem um único faltou. Sabendo, embora, instintiva e intuitivamente, o que significava aquele convite, todos nós comparecemos. E íamos chegando, na noite calada e apreensiva da cidade conquistada".

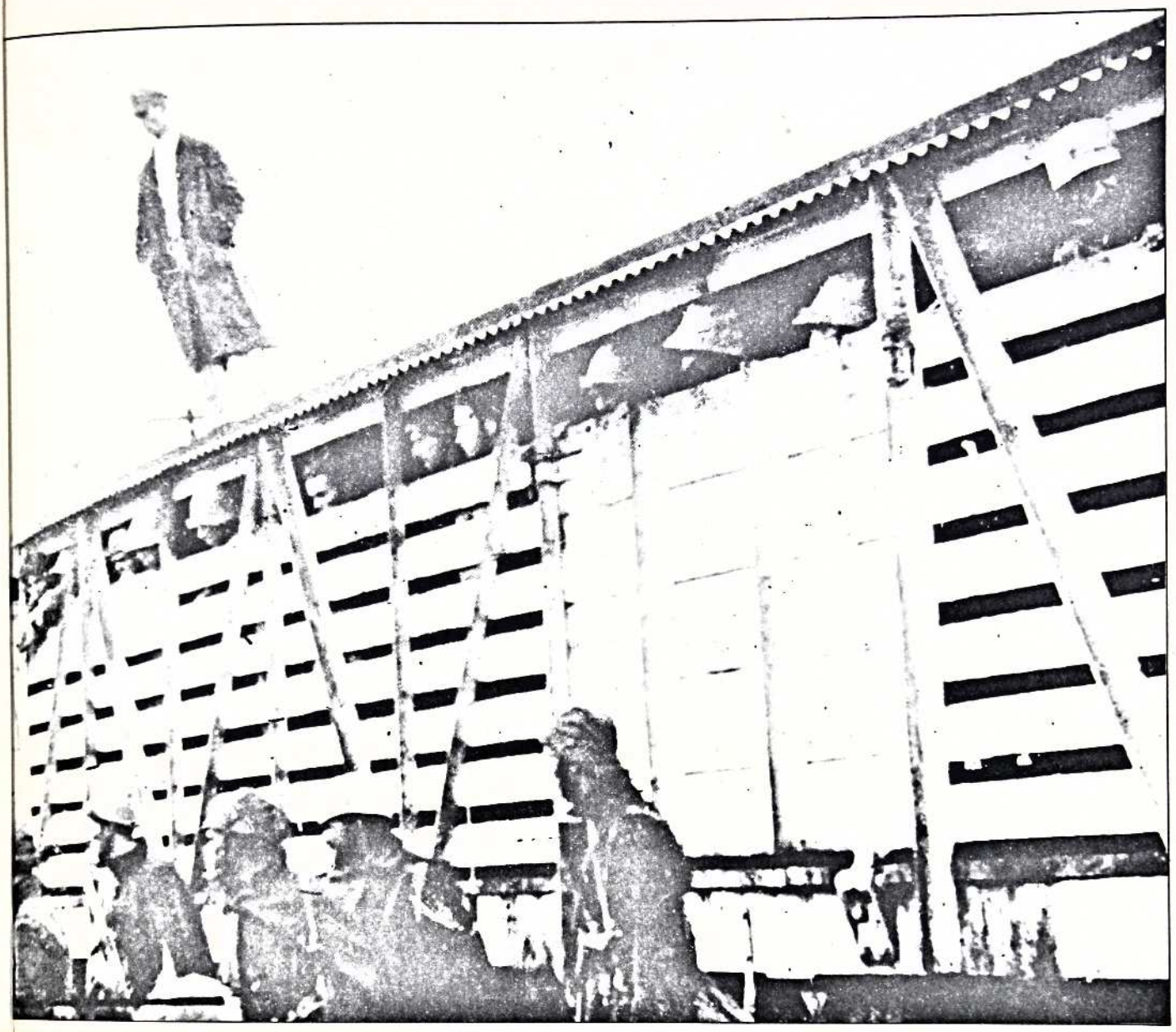
Cordeiro de Farias, na chefia da polícia paulistana, tratou-os com estudada distinção, quase amabilidade, mas quis embarcá-los, não na Estação do Norte, mas na de Guaiaúna. Procurava evitar manifestações populares, pois, a despeito do clima de derrota e de ocupação, criara-se uma aura de ternura e aprovação em torno dos chefes da Revolução.

A aclamação do povo não foi evitada. Nem diante da central de polícia, onde um integrante da Legião Revolucionária, brandindo fuzil-metralhadora, exigiu a dispersão dos grupos aclamantes, nem nas estações ferroviárias procuradas pela gente que intuía o expediente e não se conformava em deixar partir os próceres constitucionalistas sem o calor do aplauso. Pedro de Toledo, solene na velhice e digno no infortúnio, reconhecido, provocava lágrimas e vivas.

Embarcados, sem maiores confortos mas sem padecer humilhações, salvo a sentinela à vista, passaram do trem à famosa Sala da Capela, à disposição do "tenente" João Alberto.

Depois, o navio-presídio *Pedro I*. No Recife, transferência para outra presiganga, o *Siqueira Campos*. Alguns viram nesse transferir ironia com marca getuliana: prisioneiros paulistas antitenentistas, batidos na luta a que deram início, conduzidos ao exílio-castigo em barco que ostenta o nome do paulista dos principais e mais ardorosos entre os tenentes.

Implícitas no desterro, duas proibições: os exilados não votariam nem poderiam ser votados nas eleições prometidas para 1933: nem festejariam, em sua terra, a Constituição aprazada para 1934. Eleição e Constituição — os moventes da Revolução.



Revolucionários paulistas presos em Buri levados em trem de carga para Paranaguá, de onde seguiram para o campo de concentração.

Quanto custou a guerra, em dinheiro

Conhecido o fim da guerra e à espera da prisão, os membros do deposto governo constitucionalista reuniram-se para assumir coletivamente responsabilidades e culpas. Pedro de Toledo, septuagenário, deu o exemplo e a recomendação: ninguém buscaria refúgio em representação diplomática, muito menos no estrangeiro, em fazendas ou casas amigas. Enfrentariam fosse o que fosse reservado contra eles pelos vitoriosos. Cada qual permaneceria em seu endereço doméstico, "à disposição da ditadura".

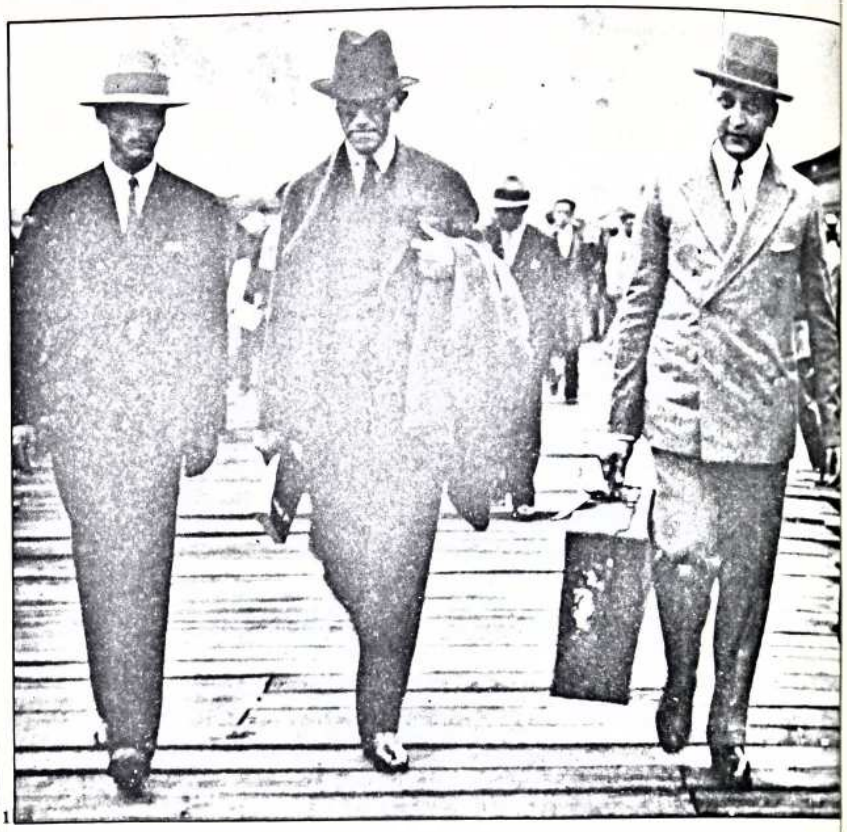
E para que as culpas fossem regularmente atribuídas e à história se abeberasse em boas fontes, assinaram o balanço dos gastos realizados com a Revolução. O original ficou arquivado na Secretaria da Fazenda, afirmando, no fecho:

"Coletivamente declaramos assumir inteira responsabilidade das despesas constantes desta relação (cujas páginas vão devidamente rubricadas), na importância total de 111.569:299$400 (cento e onze mil quinhentos e sessenta contos, duzentos e noventa e nove mil e quatrocentos réis), todas decorrentes da Revolução Constitucionalista de 9 de julho do corrente ano. Palácio do governo do Estado de São Paulo, ao 1.º de outubro de 1932. (a) Pedro de Toledo, Waldemar Ferreira, F. E. da Fonseca Teles, Francisco da Cunha Junqueira, J. Rodrigues Alves Sobrinho, Joaquim A. Sampaio Vidal, Paulo de Morais Barros".

● Relação publicada pela *Folha da Tarde*, de São Paulo, e custodiada nos arquivos da associação de veteranos, indica a chegada a Lisboa, a 18 de novembro, dos seguintes exilados:

Generais Bertoldo Klinger, Firmino Antônio Borda, Isidoro Dias Lopes, João Nepomuceno da Costa, José Luís Ferreira de Vasconcelos, José Sotero de Meneses e Pantaleão Ferreira; coronéis Cristóvão Colombo de Melo Matos, Euclides Figueiredo, Joaquim Godói e Vasconcelos; majores Aristides de Sousa Brasil, Ciro Vidal e Ivo Borges; capitães André de Sousa Braga, Floriano Peixoto Keller, Iberê Leal Ferreira, Mariano Gomes da Silva Chaves, Otelo Franco, Sebastião Dalísio Mena Barreto; tenentes Agildo da Gama Barata Ribeiro, Sebastião Holanda Cavalcanti, Severino Sombra, Manuel Adauto Pereira de Melo; majores da FP Reinaldo Saldanha da Gama e Antônio Pietscher e os civis Aureliano Leite, Álvaro de Carvalho, Altino Arantes, Austregésilo de Ataíde, Antônio Pereira Lima, Antônio Mendonça, Antônio de Pádua Sales, Cirilo Júnior, Carlos de Sousa Nazaré, Cícero de Azevedo, Cesário Coimbra, Ernesto Simões Filho, Francisco de Mesquita, Guilherme de Almeida, Felisberto Brandt, Ibrahim Nobre, José Rodrigues Alves Sobrinho, José Cardoso de Almeida Sobrinho, Júlio de Mesquita Filho, Joaquim Sampaio Vidal, Luís de Toledo Pisa Sobrinho, Leven Vampré, Manuel Pedro Vilaboim, Oswaldo Chateaubriand, Prudente de Morais Neto, Paulo Duarte, Sílvio de Campos, Tirso Martins, Teodoro Carneiro Santiago, Vivaldo Coaracy e Waldemar Ferreira. O general Ataliba Leonel, também votado para o exílio, permaneceu no Rio de Janeiro, por acamado.

● Ao tempo em que o *Siqueira Campos* singra à procura do Tejo, a honra gaúcha manifesta-se em mais um documento assinado por Batista Luzardo, Raul Pilla, João Neves, Lindolfo Collor. Diz: "Foi na terra que tem a lealdade por emblema e erige o cumprimento da palavra empenhada no mais elementar dos deveres de honra, foi no Rio Grande do Sul que o crime se consumou. O Rio Grande faltou à sua palavra (...). Choramos, como rio-grandeses, lágrimas de sangue pela fatalidade que fez São Paulo vítima, duas vezes, de homens do Rio Grande do Sul".



1

A passageira clandestina

No *Siqueira Campos* seguem políticos, militares, técnicos, intelectuais. Alguns amantes de versos, entre eles. E um poeta: Guilherme de Almeida. Durante a travessia, com data de 5 de novembro, ante-sofrendo o amargor do exílio, escreveu em seu "diário de bordo":

"Não há mulheres a bordo? Há. Viaja conosco uma passageira clandestina, de volta a Portugal, seu país de origem.

Vive toda e sempre escondida. Nem a oficialidade, nem o pessoal de bordo, nem os agentes de polícia que nos espiam, nem a escolta que nos... que nos inveja — ninguém, ninguém notou ainda a sua presença entre nós, na prisão flutuante.

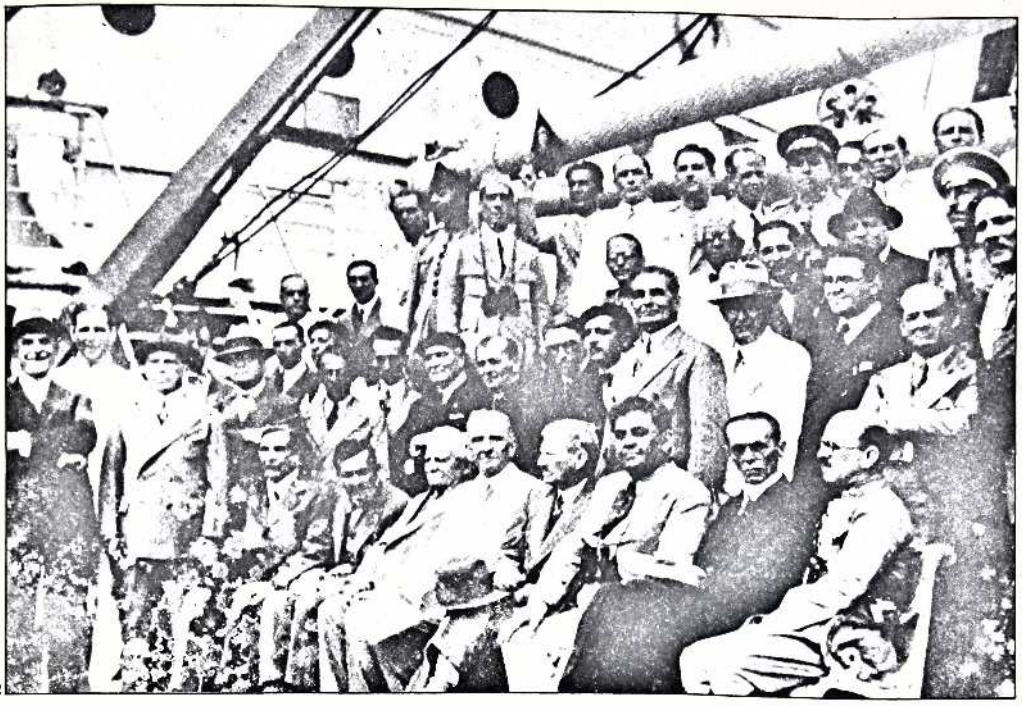
E, no entanto, ela está por toda parte. E ela divide, a clandestina, por todos nós, o seu carinho santo, com a piedade generosa de uma irmã de caridade. Vai, de cabine em cabine, de mesa em mesa, de pensamento em pensamento. Senta-se no beliche, maternalmente, à cabeceira daquele que a insônia atormenta, e repete o gesto antigo que cobriu, como uma asa, o nosso berço; apóia-se, como uma cruz suavíssima, ao ombro daquele que, sentado num rolo de cordas de popa, finge olhar o crepúsculo exangue; debruça-se sobre o que escreve ou o que lê, e conduz a mão sobre o papel, ou volta as páginas do livro...

Quando ela veio de Portugal, era loira e leve: parecia a 'velida' de Dom Diniz, a 'ben talhada', a 'delgada', a 'muito alongada de gente', bailando 'solo verde ramo frolido'... Mas aqui, nos trópicos americanos, queimou-se de sol e amolentou-se no balanço das redes e das palmas.

E eis, agora, regressa mais lânguida e mais humana à sua pátria...

Viaja conosco uma passageira clandestina de volta a Portugal, seu país de origem.

Ela é a SAUDADE".



A paz dos vencedores

Há quem reclame para Getúlio Vargas instruções precisas para que houvesse o mínimo de tripúdio, de humilhação, de triunfalismo. Até de contingentes de ocupação. Verdade é que o vitorioso de 1932 comportou-se mais comedidamente do que o de 1930.

Diz-se também que em seguida ao último tiro, Vargas propôs-se conquistar São Paulo, não mais pelas armas, sim pela doçura entorpecente do perdão, do emprego público, das benesses. Em 1933 haveria mais paulistas getulistas em São Paulo e paulistas ligados ao governo federal, no Rio, do que em 1931. Aprígio dos Anjos, satirista mordaz, apontaria, em jornais cariocas: "Esse doutor Machado / Que é amigo de gregos e troianos / Paulista foi há quatrocentos anos / Hoje é gaúcho naturalizado".

6 de outubro: o general Valdomiro Castilho de Lima é nomeado governador militar no Estado de São Paulo.

Os voluntários estão chegando às suas casas e os federais fingem não vê-los a se movimentarem para o retorno às funções civis. As indústrias buscam reaparelhar-se, os rebanhos dizimados serão renovados com matrizes dos Estados vizinhos; a vida escolar permanecerá convulsionada até o final do período, pois boa parte dos estabelecimentos está ocupada pelas tropas governamentais.

Porém, a colheita de café foi completada. Mesmo as mulheres das famílias proprietárias participaram dos trabalhos mais duros. No geral, os moços andavam pelas trincheiras. Em meados de outubro, 1 quilo de carne de porco, ou de toucinho, equivalia a dois dias de trabalho camponês.

Os mobilizados para as frentes de luta ou os serviços auxiliares precisam readaptar-se à vida comum.


POLICIA INTERNACIONAL PORTUGUESA

Nº 050

Isidoro Dias Lopes e sua senhora

Rio Grande do Sul

Isidoro

Lucia

31 de Julho de 1925

1 de Janeiro de 1933

O DIRECTOR

GRÁTIS

VALIDO POR UM ANO

1. Altino Arantes (centro) segue para a prisão.

2. Chefes da revolução paulista, a bordo do navio Pedro I, *partem rumo ao exílio em Portugal.*

3. Identidade de refugiados políticos expedida pela polícia de Portugal a favor de Isidoro Dias Lopes e senhora.



Exilados paulistas em Lisboa, 1933: sentados, da esquerda para a direita, W. F., P. T., Paulo de Moraes Barros. De pé, Francisco da Cunha Junqueira, Fonseca Telles, Tirso Martins, Rodrigues Alves Sobrinho e S. D.

Balanço: vitória ou derrota?

A pergunta intitulou o livro de Dilermando de Assis. Mais do que interrogação, definiu a perplexidade, a desconfiança quanto aos resultados efetivos de 32: quem realmente perdeu? quem, ao final, ganhou?

Todos vencedores? Todos derrotados?

Ainda em dias de 1932, os derrotados proclamavam-se moral e politicamente vitoriosos: Getúlio Vargas, dono absoluto do país, assegurava eleições, e eleições limpas e livres, e Constituinte.

Os vitoriosos na guerra, ocupando embora discretamente o território vencido e administrando-o, desconfiavam de que a vitória militar fora insuficiente e lhes escapava ao controle.

Não haviam cedido, alcançaram impor a rendição militar praticamente sem condições. Tiveram por si a totalidade do país mobilizada contra os paulistas e os sul-matogrossenses apontados à execração nacional como "reacionários", "revanchistas", "separatistas", "comunistas", "mussolinianos", "carcomidos saudosistas". Mas o próprio Vargas, vencedor principal, marcara o fim do período discricionário: 1933.

Os tenentes atribuíam-se a vitória: seus quadros haviam fornecido os chefes militares mais atuantes, especialmente efetivos no conduzir a campanha, em terra e no ar. Permaneciam nas Forças Armadas e no governo dos Estados e da Federação. Obtiveram de Vargas a garantia de que a Carta a ser votada em 1934 institucionalizaria pontos importantes do seu ideário: poderes à União para monopolizar atividades industriais (e São Paulo agasalhava a maioria

delas) "por motivo de interesse público"; nacionalização de bancos de depósitos e de companhias seguradoras; amparo aos trabalhadores com recursos que os habilitassem a contrastar os abusos patronais, principalmente na indústria (e, portanto, em São Paulo). Mas, na verdade, os tenentes sabiam-se igualmente vencidos pelos acontecimentos e pelo curso da história. Escreveu-se que

"...a partir daí o tenentismo, em desespero, deu guinada para a esquerda, que transitaria do socialismo (1933) para a Aliança Nacional Libertadora (1935), posicionando-se então contra o governo de Vargas, por um governo popular e pela tomada do poder". No final de 1935, alguns deles, heróis de 30, vencedores de 32, estarão presos por causa da sua participação nos levantes comunistas de novembro.

Certos observadores perspicazes e particularmente suspicazes registraram haver sido menos importante para Vargas a vitória sobre os paulistas em armas do que sobre os irrequietos aliados de 30, os tenentes. Teria ele sussurrado, apenas dissipados os ecos dos últimos tiros de 32: "Resolvi de vez o problema dos tenentes, promovi-os a capitães..."

Os paulistas, do fundo da amargura pela rendição, pela derrota, clamaram vitória ao ouvir a certeza de eleições e de constituinte. "Isso queríamos, portanto, vencemos!" — bradaram seus líderes. Meia vitória, também no seu caso, se vitória houve. São Paulo de 1933 não era o de julho de 1932 e menos ainda o de outubro de 1930. Siglas novas, novos nomes, posições inéditas requeriam participação ativa na vida administrativa, política e mesmo social.

Na Câmara, a Chapa Única paulista vota unanimemente em Borges de Medeiros (59 votos) contra Getúlio, que obtém 175 e se faz presidente legítimo da República. Isso feito, a quase totalidade dos deputados regressam a São Paulo e dissolvem a Chapa Única (21.7.1933). Um pouco mais tarde (23.2.1934), a Federação dos Voluntários fecha suas portas e Waldemar Ferreira anuncia o fim do Partido Democrático. Há mudanças em todos os setores. Nomes fortemente marcados pelas levas populares emergentes, proletárias, camponesas, emigratórias, vão ocupando lugares. A indústria suplanta a agricultura como fonte de poder e de influência.

Mas São Paulo tem governante "civil e paulista" e o país tem a sua Constituição. Muitos diriam que a guerra de 1932 estava vitoriosa. A Constituição, votada 723 dias depois de 9 de Julho, seria arquivada por Vargas, apenas pouco mais de mil dias de vigência. Mas isso era parágrafo de outro capítulo da história.

Em 1932, guerra por eleição e por Constituição.

Em 1933, eleição.

Em 1934, Constituição.

Civil e paulista

Particularmente aos paulistas, que seguiam amargando a rendição particular, Getúlio quisera fazer provar a 21 de agosto de 1933 o sabor aliciante, desarmante, de alcançar um objetivo obstinadamente perseguido. Nomeou Armando de Sales Oliveira — civil e paulista — para a interventoria federal em São Paulo. Assinando o decreto, enfatizava:

"Quero que compreendam a extensão e o significado deste ato, pois, com este decreto, entrego o governo de São Paulo aos revolucionários de 32".

- 1.º de fevereiro, 1933: o general Valdomiro C. de Lima, governador militar, passa a ser interventor.

A vida política retoma fôlego. O general Valdomiro estimula o discreto partido socialista, uma das faces novas do tenentismo. A Legião 5 de Julho arregimenta os tenentistas que seguem Juarez Távora e Eduardo Gomes. O Partido Neomarxista busca o voto dos jovens. Para enfrentá-los todos, os perrepistas e os democráticos acomodam-se desajeitadamente na Chapa Única para disputar as eleições de maio. Dos 22 paulistas enviados à Câmara Federal constituinte, dezessete serão da Chapa Única, mas três serão socialistas e dois independentes da lavoura. Esses cinco são nomes novos na política paulista.
Os tempos estão mudados.

- 23 de julho, 1933: o general Manuel de Cerqueira Daltro Filho substitui o general Valdomiro na interventoria, exercendo-a até 21 de agosto.

- "...elementos mais astutos infiltraram-se nas massas trabalhadoras,
acenando-lhes com a representação proletária nas assembléias. (...)
essa facilitação foi proporcionada pela lei eleitoral promulgada por decreto que criava a representação classista. Os demagogos levaram, assim, a melhor, pois faziam ver que o proletariado poderia daí por diante ter representantes diretos nas câmaras." (Everardo Dias.)

- 17 de agosto, 1933: *O Estado de São Paulo* publica despacho do Rio de Janeiro, enviado por Vivaldo Coaracy, chefe da sucursal: "O Chefe do Governo Provisório assinou hoje (16) à tarde o decreto nomeando interventor federal em São Paulo o doutor Armando de Sales Oliveira. Não há duas interpretações possíveis para esse ato de alta significação política. (...) o governo restitui a São Paulo a autonomia administrativa a que o nosso Estado com tanta justiça esperava..."
- "Fomos batidos? Só na aparência, pois os vencidos obrigaram os vencedores à convocação da Assembléia Constituinte." (João Neves da Fontoura, *Memórias.)*
- "A Constituição de 1934 durou, como no poema, o tempo de uma rósea manhã: nunca entrou em vigor. Foi um esforço para criar uma pausa de legalidade, num processo revolucionário em andamento." (João Camillo de Oliveira Torres.)

Capítulo 7

"Ad perpetuam..."



"O futuro exige que se descubra, um dia, a solução da justa equação da liberdade dos cidadãos do poder injusto exercido por outros homens, em qualquer sentido, político, econômico, social, financeiro, fiscal ou mesmo moral e religioso. Vale dizer, A DEMOCRACIA, pura e simples,



isenta de adminículos adjetivos de qualquer espécie ou natureza. Este é o glorioso ensinamento e missão que nos legaram os mártires da Liberdade da Revolução Paulista de 1932."

A urgência no fabrico de capacetes de aço levou à mobilização até de crianças para esse trabalho. Ilustração de A Gazeta, *11.7.1932.*

Francisco Malta Cardoso

Aspectos, detalhes, episódios

• Para alcançar esse armar e esse municiar, São Paulo mobilizou-se. Relata Paulo Nogueira Filho: "Da noite para o dia, os paulistas, possuídos de um espírito de luta férreo, viram-se na contingência imperiosa de fardar, armar, municiar, transportar, alimentar um exército de mais de 25 000 homens, soldados na maior parte inexperientes lutando em cerca de doze frentes de combate, defrontando nelas um adversário em número e em material cinco ou seis vezes superior".

Os técnicos e seus milagres

A 10 de julho de 1932, São Paulo padeceu duas surpresas simultâneas e aplastantes: não teria aliados com que ir à guerra; não dispunha de recursos com os quais conduzir essa guerra. Arsenais vazios, poucas armas e a maior parte delas obsoletas; menos de cem tiros para cada soldado; carência de materiais estratégicos; nenhum barco apto a desafiar o bloqueio da Armada; entre seis e oito aviões (de dois deles não se sabia se aptos ao vôo militar) para enfrentar as dezenas de aparelhos da ditadura.

Sobrava, apenas, entusiasmo. Em 72 horas, mais de 10 000 homens acorreram aos postos de alistamento. Material humano excelente porém carecido de preparo. Havia a Força Pública e as guarnições do Exército prontas para combate se devidamente armadas e municiadas.

O fabrico de munições

Nos últimos dias de julho, faltava munição em todas as trincheiras. Mais alguns tiros e a guerra constitucionalista estaria acabada por falta absoluta de munição. Para a infantaria e para a artilharia.

A 1.º de agosto, o governo e o comando militar convocaram Gaspar Ricardo Júnior, diretor da Estrada de Ferro Sorocabana, e intimaram-no a resolver o problema de criar fábricas, produzir munições, manter em posições de tiro os fuzis e os canhões paulistas e sul-mato-grossenses. Com o encargo recebia poderes ilimitados. Convocasse, requisitasse, ordenasse. Mas produzisse.

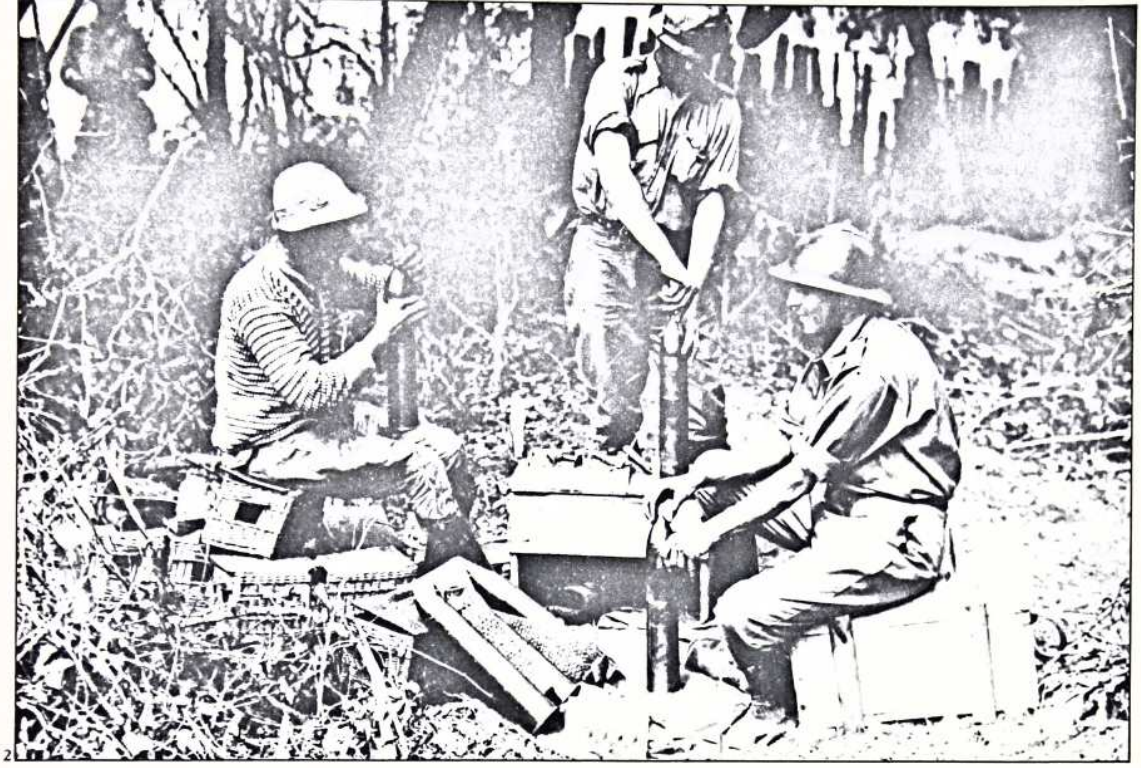
Gaspar correu a inventariar o legado recebido. Havia a Fábrica Nacional de Munições, do grupo Matarazzo, em São Bernardo do Campo, onde já um professor da Escola Politécnica, Roberto Mange, esforçava-se por aumentar a produção de cartuchos para fuzil. Da fábrica, Gaspar foi ter à Federação das Indústrias, para onde haviam acorrido industriais e técnicos, engenheiros, metalúrgicos, operários, mecânicos, desenhistas, químicos, fogueteiros e até curiosos com planos mirabolantes de armas secretas resolutivas. Difícil, diria ele em relatório, foi coordenar tamanho entusiasmo, tanta vontade de colaborar: O dia terminou com a inscrição de 740 engenheiros e 340 técnicos auxiliares para qualquer tipo de trabalho.

No dia seguinte, 2 de agosto, um decreto estruturava o órgão produtor: Departamento Central de Munições. Objetivo: produzir 400 000 cartuchos diários para fuzil Mauser.

A primeira decisão foi dramática: a fábrica de São Bernardo situava-se em local vulnerável, facilmente coberto pela ativíssima aviação ditatorial, senhora absoluta dos céus. Urgiu a sua mudança para local secreto. Operação realizada em apenas sessenta horas. Mas, se nesse período e nos dias imediatamente subseqüentes, os exércitos

1. *Metralhadora pesada ditatorial apóia ataque da infantaria sobre Cunha.*
2. *Preparando-se para repelir a vaga atacante, artilheiros paulistas carregam estopilha nas granadas.*





getulistas desfechassem ofensiva, levariam tudo pela frente, sem encontrar maior resistência. Em todo o Estado, para 27 000 fuzis não havia mais do que 1,5 milhão de cartuchos. Mesmo depois, até o final de agosto e o término da guerra, a tropa disparou numa jornada de combate o que fora produzido na antevéspera e até na véspera, conduzido às trincheiras pelo primoroso serviço de reabastecimento: SATO.

Ainda assusta o saber-se que na fase inicial da campanha, se resultasse quebrada qualquer das peças essenciais da única máquina de conificar em uso na fábrica, não haveria munição para enfrentar, no dia seguinte, o Exército, a Marinha, a Aviação, as polícias de todos os Estados, os "provisórios", "agregados", "voluntários" que atacavam São Paulo. Em trinta dias, os técnicos do DCM analisaram a máquina, ensaiaram, construíram uma segunda, aumentaram a produção, deram estrutura à resistência paulista.

No último dia oficial da guerra, 30 de setembro, a produção foi de 240 000 cartuchos, sendo 80 000 oriundos de fábricas montadas com material adaptado em quarenta dias graças ao esforço pessoal, diuturno, de Nadir Figueiredo e Heitor Bertucia, empresários, e à dedicação dos professores Ribeiro Costa e Luís Cintra do Prado. Detalhe significativo o de que 40 000 daqueles cartuchos haviam sido recalibrados e reaproveitados em máquinas e com técnica improvisadas, pois já haviam sido disparados pelo menos uma vez.

Pólvora paulista. Metais.

Mas como produzir tantos cartuchos se já em começos de julho não havia pólvora em estoque? E se Piquete, quase na linha de frente, visada pelos adversários que desciam de Minas e avançavam do

• GRANADA ESPECIAL PARA ARTILHARIA

Jornal paulistano, surpreendendo seus leitores pois ministrava informe de tipo geralmente considerado sigiloso, reportou:

"Ontem procuramos o tenente Hilário Bueno, do 2.º GAM adido ao 2.º GAP, o qual vinha há dias estudando um novo tipo de espoleta de granadas para 105, o que seria uma importante contribuição para o nosso material de guerra. Essa espoleta foi fabricada por aquele oficial do nosso Exército nas oficinas da Rede Sul-Mineira, durante alguns dias de descanso, depois de ter operado com o seu grupo no setor no Túnel.

Foi feliz em todo o seu trabalho. As experiências que realizou deram resultados satisfatórios. Em seguida a nova peça foi utilizada com êxito contra as forças federais. Como foi aplicada no setor de Cruzeiro, o tenente José Hilário Bueno denominou-a espoleta tipo Cruzeiro. É preciso notar que para tais experiências tudo foi construído aqui: a espoleta, a granada, o detonador e a carga de arrebentamento".



1

● "O DESPERTAR DE SÃO PAULO
9 de julho foi a metempsicose da raça. Saíram dos seus jazigos as almas de Raposo, Borba Gato, Anhangüera. Reencarnaram-se no moço delirante que sobraçou o fuzil e se improvisou soldado!
Ibsen tinha razão: 'Fantasmas!' Fantasmas gloriosos! As gerações reencarnaram-se nas outras gerações. São os espectros que animam os vivos.
O mesmo sonho de penetração, das bandeiras, renovou-se da conquista da civilização. Reintegrar a lei! Ontem era mister integrar a pátria. Mas a lei é a pátria dos povos civilizados e cultos. Daí o bandeirismo de 10 de julho, dia da partida das novas monções articuladas no mistério da noite de 9."

Menotti del Picchia

1. Armas leves usadas pelos paulistas.
2. No campo de provas de Lorena, a equipe do capitão Saldanha faz os primeiros testes com o carro lança-chamas.
3. Metralhadora empregada como anti-aérea afasta avião do governo provisório sobre o campo de Lorena.

Rio de Janeiro, ameaçava encerrar sua produção? Enquanto se preparava um plano para transferir, secretamente, a fábrica de Piquete para Mauá, buscou-se produzir pólvora em outros locais.

Preocupando-se com o inimigo irmão

Para as camisas das balas de fuzil carecia-se de liga de cobre e níquel. Cobre? Estoque relativo. Procedeu-se a levantamento de quanto cobre estratégico seria possível obter mediante o aproveitamento de todos os condutores elétricos disponíveis no Estado. Zinco? A nível pouco acima de zero, o saldo de zinco puro. Razoável, o de zinco tipo comum. Um grupo técnico passou a orientar a construção de fornos nos quais reduzir o zinco tipo comum para chegar ao puro. Quanto ao níquel, nos depósitos, não mais do que traços.

O problema de como encontrar ou produzir a liga necessária foi confiado à Escola Politécnica. Neste, como em outros, ela não falhou. No referente ao níquel, indicou o emprego de alpaca em liga semelhante à usual. Essa receita permitiu o fabrico e assegurou 8 milhões de tiros.

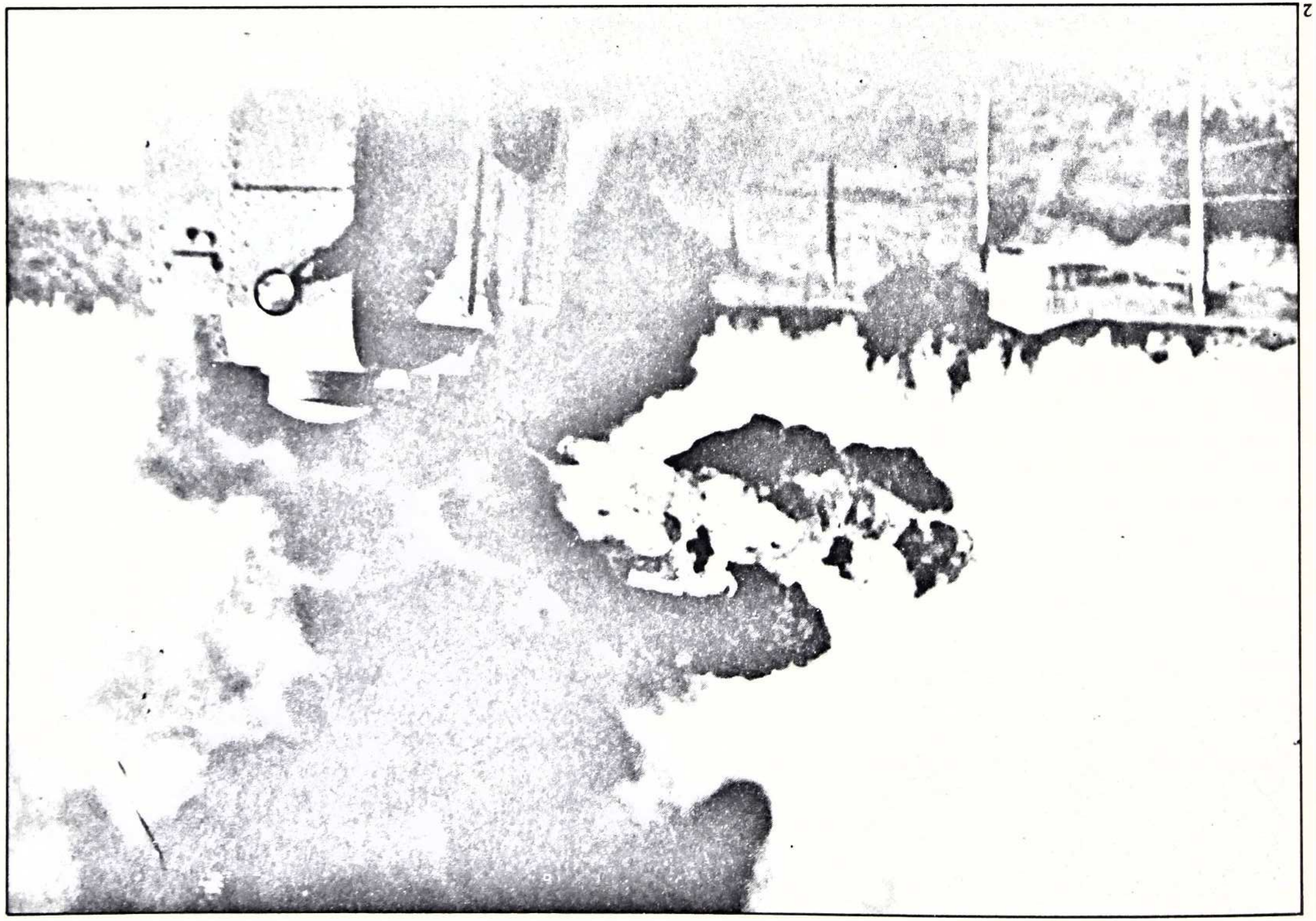
Vazios os depósitos, apelou-se para o povo: oferecessem à causa o existente em casa. "Dentro de poucos dias", assinala Gaspar Ricardo, "estávamos em grande dificuldade para armazenar a enorme quantidade que nos era remetida. . . "

Do relatório de Gaspar, merece registro a faceta que traduz sentimento fraterno-humanitário acima da odiosidade da guerra. "É certo que se poderia adotar a bala inteira de cobre, material que como vimos existia em abundância. Mas a consciência da responsabilidade e o apreço aos sentimentos humanitários primavam no seio dos dirigentes da elite à testa da indústria bélica bandeirante. Não hesitaram. Indagaram dos efeitos tóxicos desse metal quando introduzido no corpo humano sob forma de bala e do que a respeito rezava o direito internacional aplicado às leis de guerra, agindo tão-só em consonância com os doutos pareceres que obtiveram." Pensava-se, ao fabricar balas de fuzil, na saúde do adversário do momento, irmão brasileiro da véspera e, certamente, do amanhã.

Dando voz aos canhões

O Exército Constitucionalista padeceu sempre de pauperismo artilheiro. As duas baterias da Frente Sul menos disparavam do que deslocavam suas peças, intentando levar o adversário a supor fartura inexistente de canhões e de munição.

Mas, ou pouco ou muito, as peças existentes deveriam disparar suas cargas de propulsão e de arrebentamento. Para o fabricó das primeiras, os técnicos usaram nitrocelulose, alcançando fornecer até quinhentas granadas por dia. Para as cargas de arrebentamento, que exigiam o trotil, as dificuldades foram grandes. A 9 de julho, o estoque desse produto era de apenas 2 800 quilogramas. E a fábrica de Piquete não produzia trotil. Mais uma vez a Escola Politécnica foi desafiada a resolver o problema: "Descubram substituto para o trotil ou nossos canhões estarão silenciados, ainda mais que o pouco produto existente será empregado preferentemente em bombas para aviação e nas eficientíssimas granadas de mão". O pessoal da Poli deu-se às pesquisas e em meados de setembro obteve do amonal, fabricável ali mesmo com alguma facilidade, um produto que conseguiu bons resultados nas granadas de arrebentamento para canhões.





• A engenharia não só construiu. Destruiu, também, com objetivos militares. No relato da retirada de Queluz, lê-se na *Contribuição...*: "A primeira impressão da notícia daquela queda foi acabrunhadora (...) parecia que todo o Destacamento Lamego (...) havia sido tomado de surpresa e estava perdido. (...) Entretanto, o comandante do destacamento e seu EM haviam escapado, e um engenheiro, o doutor Bresser, debaixo de fogo inimigo, conseguia destruir a ponte, cobrindo assim a tropa, da perseguição".
O sucesso da granada criou a necessidade de produzi-la em quantidade e com rapidez crescente. Muita gente que prestava serviços em diferentes setores do governo revolucionário ou permanecia em atividades particulares "dava mão de ajuda" na produção de granadas. O jurista e poeta Pedro de Oliveira Ribeiro Neto, um desses voluntários. Na mesa de montagem do artefato, os companheiros mantinham-se afastados e observadores, precavidos quanto ao excessivo entusiasmo do poeta que imaginava versos belígeros enquanto enchia de explosivos o corpo do pequeno "abacaxi".



O almirante Justino Lambo e o engenheiro civil Martinho Frontini obtiveram o trotil e o exil a partir da nitrificação com ácido azótico, e os canhões constitucionalistas puderam fazer-se ouvir com alguma freqüência e em tom enfático. O estilhaçamento das granadas produzidas com esse material politécnico provou ser maior do que o resultante do trotil importado.

Em outra área da pesquisa os engenheiros Miranda Couto e João Meiller obtiveram granadas de aço temperado de copo e ogiva e espoleta de percussão para os canhões Krupp; granadas de uma só peça de fonte acerada e espoleta de percussão para as peças Schneider.

Bons resultados foram alcançados em diversos endereços: as oficinas da Sorocabana anunciaram êxito no fabrico de granadas de longo alcance para Schneider 75. Eixos de locomotiva foram usados para alimentar os canhões 105 com obuses providos da necessária espoleta de percussão. Não foi fácil chegar a tais resultados. Dois canhões 75 tiveram que ser sacrificados nas experiências pela explosão de granadas experimentais na alma da peça.

Expedidas para a frente de combate a qualquer custo e a todo risco, as primeiras granadas de 75 não explodiam, ou faziam-no mal e longe do alvo. O adversário aclamava tais disparos, gritando em coro: "Tijolo quente! Tijolo quente! Mandem granadas, seus rebeldes!" Técnicos e artilheiros constitucionalistas tomaram vingança a partir da madrugada de 16 de agosto, quando, em Quitaúna, oito granadas experimentais mostraram precisão e eficiência. Não mais do que minutos depois, caminhões previamente carregados e à espera ao lado do campo de tiro partiam em diferentes rumos. Naquela mesma tarde, o novo "tijolo quente" castigaria os imprudentes!

Em princípios de setembro a artilharia paulista estava razoavelmente servida. O DCM embarcava duzentos tiros completos por dia para Krupp e duzentos para Schneider. De tal ordem era essa munição e tão depressa os canhões disparavam e trocavam posições que o comando do ditatorial Exército de Leste expediu ao ministro da Guerra telegrama interceptado pelas escutas paulistas: "Mandem Marinha apertar bloqueio portos São Paulo recebendo munição estrangeira artilharia".

Também as oficinas ferroviárias em Cruzeiro tornaram-se arsenal e laboratório. Principalmente para artilharia.

A granada de mão

Este engenho resultou ser das mais efetivas armas postas em ação pelos constitucionalistas. Há quem afirme ter a campanha chegado a outubro devido às granadas de mão e a outros "inventos". Mariano Wendel e Felinto Guerra, da Escola Politécnica, tornaram-nas viáveis a partir do emprego do amonal ali desenvolvido. Porém, foi Mário Whately, diretor das atividades bélicas da Politécnica, a convidar os desenhistas Hans Schneter e Aldo Bardela para criarem as granadas. Incidentes, acidentes, explosões, decepções, aleijões, até mortes. José Greff Borba, que, dos laboratórios da Faculdade de Medicina, onde estudava, transferira-se para os da Poli para criar granadas, é dos que perecem, vítimas de experiência mal-sucedida. Mas o projeto continua a ser desenvolvido.

A 1.º de agosto, o lance tentativo, com petardos do tipo Mills, usando detonadores perigosamente montados no laboratório de Adriano Marchini, ele próprio pagando com a perda de um braço a dedicação à pesquisa. Os primeiros lotes, empregados na Mantiqueira, resultaram tão defeituosos que os lançadores amargaram por mui-

to tempo o aborrecimento de ouvir o adversário responder num coro caçoísta: "Ôôô, paulista besta! Vê se não desmoraliza a guerra jogando pedra na gente". Quando elas deram boa conta de si, a surpresa foi dolorosa para os ditatoriais.

Dois exemplos da eficácia terrível das granadas de mão: o rechaçar de ataque de fuzileiros navais às trincheiras da serra, ao redor de Cunha e a ofensiva sobre Queluz, a 10 de agosto. O comandante-chefe dos constitucionalistas no setor, Euclides Figueiredo, relata: "Foi formidável; rendamos homenagem aos ditatoriais nessa jornada heróica. Desde o dia 8 chegavam pedidos aflitos ao QG: munições, reforços. (. . .) E a munição vinha escassa, e os homens vinham em pequenos grupos. As granadas de mão foram um auxílio poderoso nesse momento. Com elas foi feita uma cortina de fogo, para que a tropa retirasse em relativa ordem". Barros Ferreira noticia o sucedido em Cunha: "A coluna ditatorial que subira de Parati correu apavorada, deixando o campo de batalha juncado de cadáveres. Eles corriam pirambeira abaixo, com as granadas de mão rolando e estourando, não mais como pedras inofensivas. Oito fuzileiros navais da força atacante ficaram enterrados no cemitério de Cunha. . ."

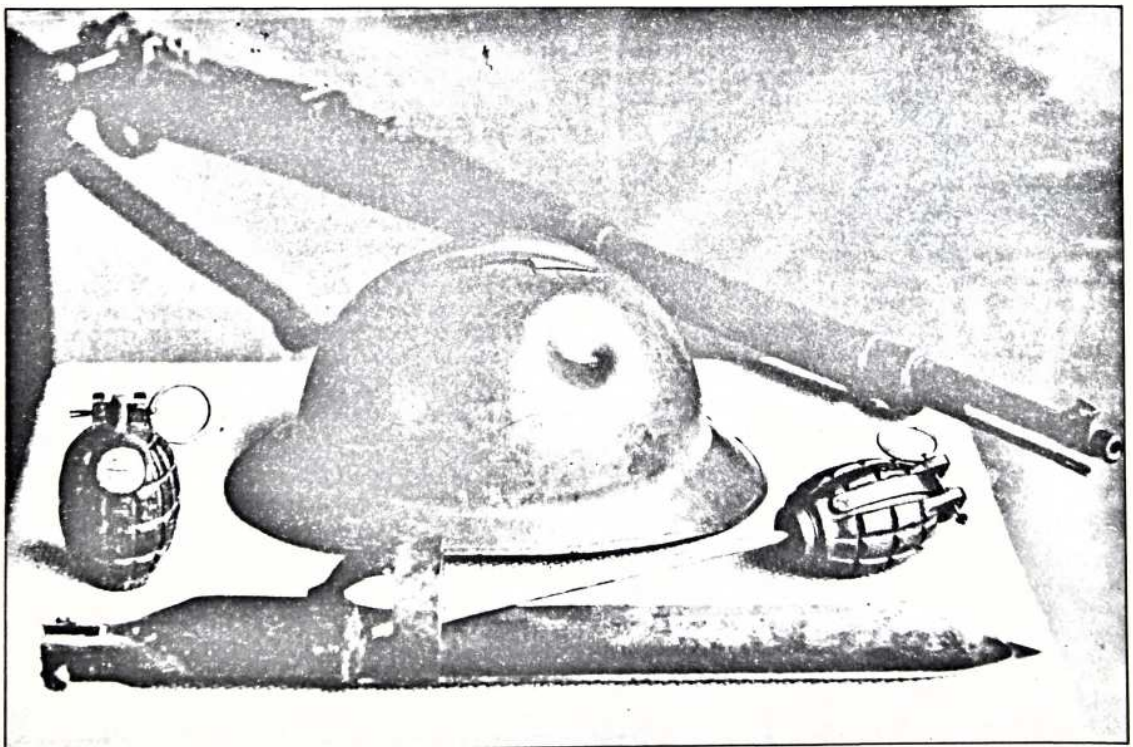
A eficiência da granada de mão foi bastante aumentada, até erigi-la em arma definitiva, quando um inglês, veterano da guerra mundial, apresentou-se sugerindo um bocal para lançamento por meio de fuzil.

Produzidas aos milhares, as granadas de mão sustentaram trincheiras sempre em falta de munições e de efetivos.

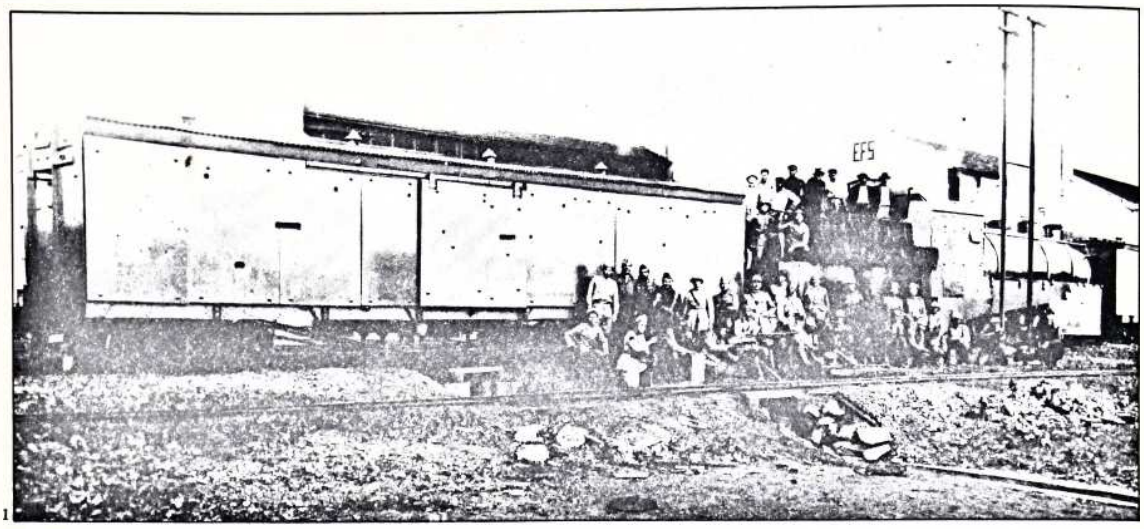
Os laboratórios e oficinas da Politécnica, sob Whately, Wendell, Marchini e outros, idearam e deram efetividade a diferentes e surpreendentes engenhos guerreiros: minas terrestres, máscaras contra gases, bombardas, lança-chamas, sendo alguns destes adaptados a veículos blindados. As inovações resultaram espetaculares.

● O "sapinho" e o "sapo" foram alguns entre tais prodígios. O "sapinho", pequeno obuseiro de 1 500 metros de alcance, certeiro, seguro, teve trinta exemplares produzidos, alguns enviados para a frente sul-mato-grossense. O obuseiro maior, para 3 000 metros de alcance, chamava-se, logicamente, "sapo". *Blindagens.* Ademais do trem famoso, receberam blindagens: automóveis, tratores, lanchas. Especializou-se nesse trabalho o professor politécnico Francisco de Sales Vicente de Azevedo, enquanto Carlos Gavião Monteiro ocupou-se com os automóveis, que montava sobre chassis Ford com molas Lincoln. A blindagem, diversas chapas de aço especial, capaz de resistir a bala de fuzil disparada a duzentos metros. Cada auto era encimado por torre idêntica à dos trens blindados. As rodas dos automóveis, chamadas "coxim paulista", eram maciças, de tal modo que as balas pudessem atravessá-las sem efeito destruidor.

1. Militares e autoridades civis atentos a um experimento de granada.
2. Armamento básico do infante constitucionalista nos fins de agosto e em setembro.



2



1. *O trem blindado aprestando-se no pátio de manobras de Sorocabana para seguir rumo à Frente Sul.*

O terrível trem blindado

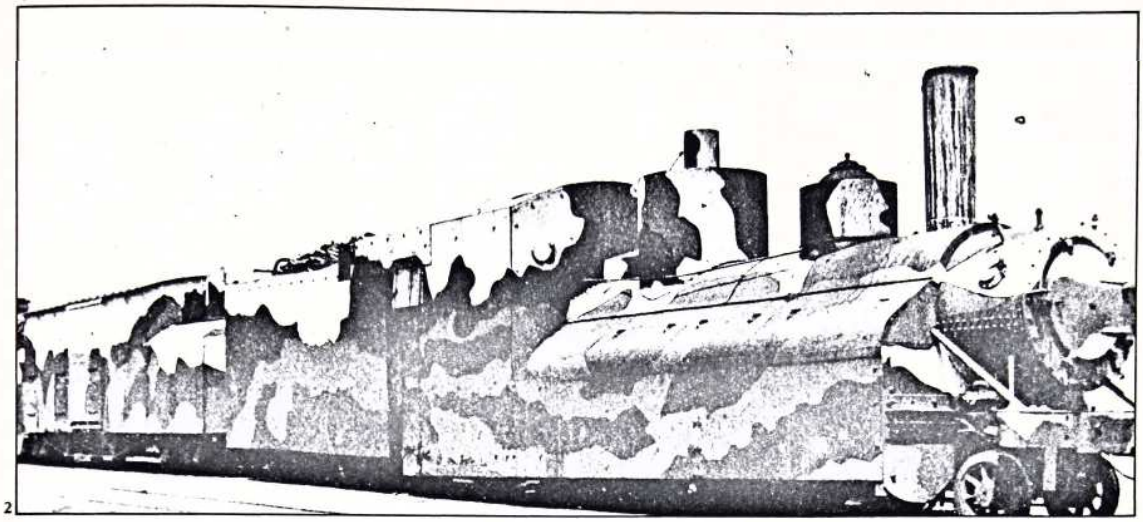
Pela espetaculosidade e espantosos efeitos das suas incursões, pelo ódio pânico que o adversário lhe votou e pela confiança que mereceu dos constitucionalistas, o trem blindado tornou-se o mais conhecido engenho, fruto da inventividade paulista.

Samuel Baccarat descreveu-o: "Era uma verdadeira máquina infernal; instrumento inventado pelo Diabo. Dois carros: um de cada lado da máquina, tudo de aço e com pinturas futuristas, destinadas a confundi-lo com o terreno. À frente, um canhão 75, pelos flancos, metralhadoras pesadas. Ao alto, dois potentes holofotes. Quando o trem entrava nas posições inimigas, fazia funcionar os holofotes, iluminando as trincheiras adversárias. O caboclo nortista, desafeito dessas coisas, tomava-se de pânico, desabando pelos morros, inteiramente descoberto. Era o momento do trabalho infernal das metralhadoras. Um rapaz da guarnição do blindado enlouqueceu ante o morticínio".

Paulo Duarte, comandante entusiasta de um blindado, retratou-o: "... compunha-se de três carros que eram três corpos envoltos numa couraça invulnerável, composta de duas placas de aço entremeadas de pranchões de cerne de peroba duríssima. Caso um projétil varasse a primeira placa, ficaria encravado na madeira, não chegando jamais a varar a segunda. Exteriormente, achava-se sarapintado de listas de diversas cores, que o mimetizavam na paisagem. O primeiro e o último carros, de forma retangular, comunicavam-se com o exterior por meio de três alçapões, verdadeiras portas de cofres-fortes, que se fechavam hermeticamente. Duas laterais, uma de cada lado, ao meio do carro, e uma no teto, também no meio, dando saída para o alto. No teto do carro, via-se instalado um par de faróis elétricos, protegidos também lateralmente por uma couraça móvel, de aço. De cada um dos lados, abriam-se duas seteiras mais baixas, para metralhadoras pesadas, e três altas para FM e observação do exterior. Quer dizer que, em cada um dos carros, poderiam trabalhar quatro metralhadoras pesadas e seis FM.

Na frente do primeiro carro, ao centro, uma abertura maior dando saída à boca de uma peça 75, que se manobrava de dentro. Essa abertura era também protegida por um dispositivo semelhante ao das seteiras de MP".

● Euclides Figueiredo, falando do 4 de agosto, quando o blindado apresentou-se ao vale do Paraíba, em Engenheiro Bianor: "À noite estreou o nosso trem blindado, tendo partido de Queluz para Bianor, sob o comando do tenente Pedro Mena Barreto, auxiliado pelo tenente Severo Fournier. Fez, com surpresa, uma incursão diabólica nas linhas inimigas. Causou pavor entre os ditatoriais, que abandonaram as suas posições..."
O capitão Alves Bastos louvou-os: "Os trens blindados, que trabalharam no Setor Sul, e que sucessivamente aperfeiçoados nos modelos TB 1 e TB 2 chegaram ao magnífico TB 3, com as suas torres giratórias e seu couraçamento perfeito; os autos blindados, que constituíram uma secção empregada na região do rio das Almas... eram todas realizações extraordinárias pela rapidez com que se apresentavam à utilização dos combatentes e pela expressão de cooperação constante dos elementos técnicos mais exponenciais do Estado".



2. *O trem blindado, apelidado "Fantasma da Morte", que atuou na região da Mogiana.*

Mas houve dramas, com o blindado. Erros, mortes! Numa guerra, tudo é possível, tudo sucede. Até, o blindado, orgulho paulista, metralhar e arrasar uma trincheira paulista. Está no livro de Paulo Duarte à página 56: "Acordou-nos o Barbieri, anunciando a chegada dos mortos. 'Que mortos?' 'Pois esta noite o trem blindado matou uma trincheira inteirinha nossa!' Corremos à estação. Sobre uma gôndola recém-chegada, oito feridos. Dois em coma. Uns gemiam. Outros sofriam em silêncio. Soldados em torno, assistindo à remoção para uma ambulância. 'Está vendo, seu capitão! Em vez de acabar com o inimigo, acaba com os nossos.' 'Como?', interroguei de cara fechada. 'O blindado que fez este estrago!' " E à página 61: "O trem blindado semeara mais pavor aquela madrugada do que uma legião de fantasmas, dando uma carga. 'É incrível', concluiu, 'que uns patetas abrigados, garantidos dentro de um reduto de aço, não tenham calma para distinguir uma linha amiga de uma inimiga. A própria conformação da trincheira mostrava a impossibilidade de ser inimiga, pois, de costas para a nossa frente, só faltava uma tabuleta na beirada. Mas despejaram as metralhadoras, com uma volúpia negra!'. . . "

Mas a matraca... foi demais

Até os paulistas que a manejavam, riam-se. Parecia brincadeira com o inimigo. Mas, no entanto, funcionou. A matraca merece página especial na crônica da Revolução. Leia-se Glauco Carneiro: "Outra improvisação paulista: a 'matraca', que considerável pânico trouxe às hostes legalistas. Nada mais era do que um aparelho dispondo de uma roda dentada, na qual tocava uma lâmina de aço, girando aquela em alta velocidade, provocando, assim, um ruído aterrador de fogo de metralhadora. . . Seu inventor: professor e engenheiro Otávio Teixeira Mendes, do Batalhão Piracicabano". Onde não houve metralhadora suficiente ou bastante munição para as poucas existentes, o "fogo" da matraca ajudou por horas e dias a sustentar posições de vanguarda.

Empregada, preferentemente, à noite, secundava os tiros de metralhadoras e de fuzis, transmitindo a impressão de um bem maior montante de fogo. O coronel Herculano de Carvalho, que não a aprovou e tomou-a como uma das razões para a rendição da Força,

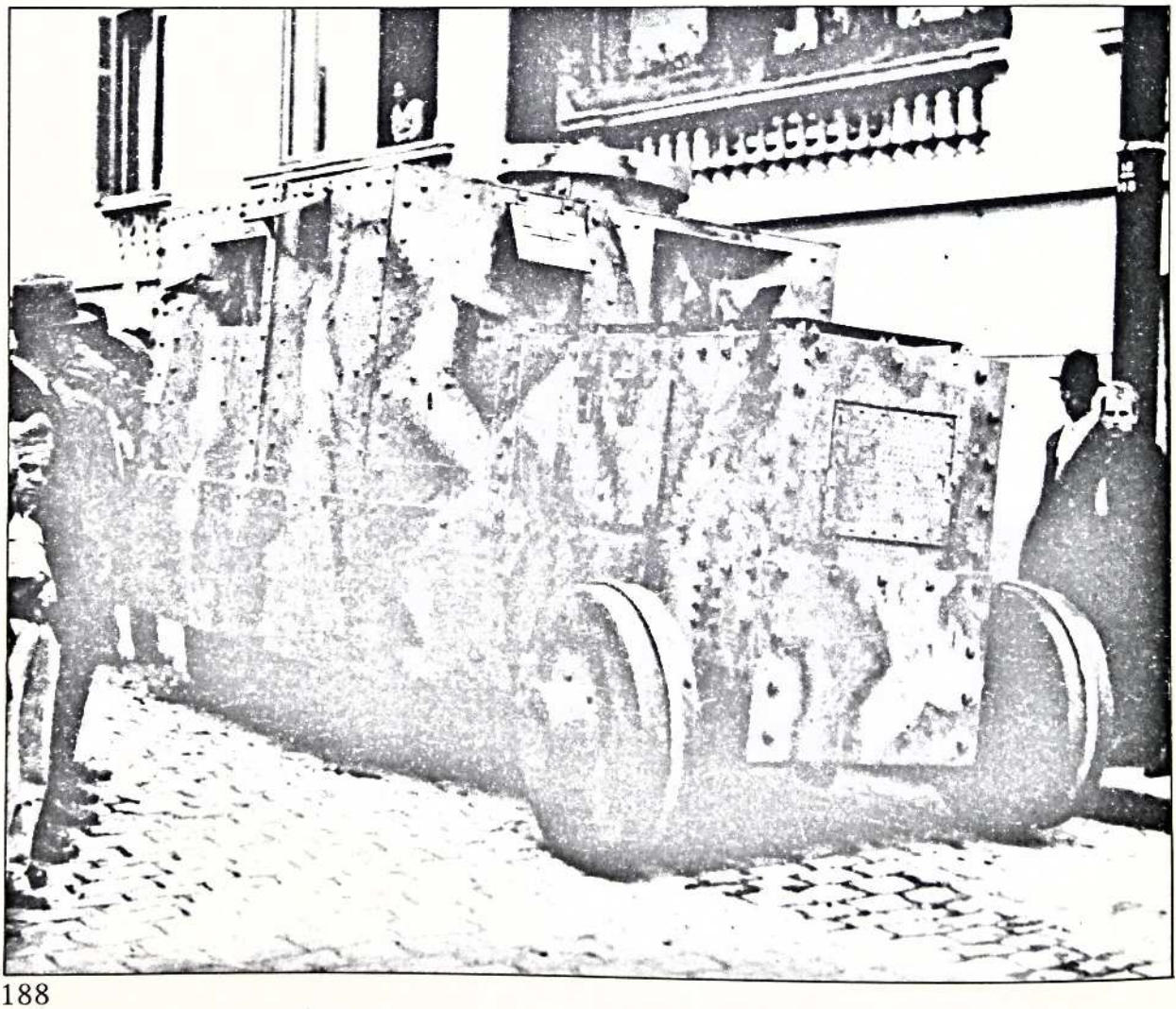
• "O trem blindado abriu nesse dia a série de suas inesquecíveis façanhas. Sereno, como um gigante avançou. . . eles nunca creram na existência de um trem blindado, nas forças constitucionalistas. Ignoravam, talvez, a magnificência da engenharia paulista.
Dois quilômetros e o inimigo à vista. Os homens avançavam, certos de que era um trem de mercadoria, ou de víveres (realmente, como estava disfarçado) e, em posição de atirar, ajoelhavam pelos trilhos.
As nossas metralhadoras picotaram os inconscientes.
O despertar da solidariedade surgiu nos companheiros, que, rápidos, vieram buscar os feridos; e, como os outros, sucumbiram. O espanto. . . a cólera. . . o medo. . . fez com que eles, correndo, fossem ziguezagueando, no estertor da agonia.
A nossa primeira impressão foi dolorosa. Pungente mesmo. Presenciar umas cenas destas."
(Penteado Medici.)

● O carro metralhador foi ideado para defesa contra os ataques da aviação ditatorial. Senhora dos céus, ela hostilizava continuamente, mesmo à noite, os movimentos dos paulistas. Estes queixavam-se de que até ambulâncias eram alvo de metralhamento. No vale do Paraíba, nem o hospital veterinário e o piquete para cavalos doentes escaparam à bomba e à metralha governistas.
A engenharia revolucionária montou reparo sobre caminhões e acima do reparo um fuzil-metralhadora que em tal posição conseguia bom ângulo de tiro. Escoltando transportes, protegendo pontes e postos de comando, o carro metralhador a princípio surpreendeu e depois manteve os "vermelhinhos" em nível de prudência que tornava menos destruidora a sua atividade.

1. *Forças governamentais, no* QG *de Queluz, examinando pertences de prisioneiros, tomam conhecimento da existência e do uso da matraca.*



1



2

descreveu-a: "prancheta de madeira, de forma retangular, com alça de ferro, num dos lados está aposta uma lâmina de aço. Na parte vazia, entre a alça e a prancheta, uma roda dentada de madeira a que se prende lateralmente um cabo, tal qual manivela de automóvel. Acionada a roda, os seus dentes tocam a lâmina de aço e produzem mais ou menos idêntico ruído ao da seqüência de tiros de metralhadora. Quanto mais depressa acionada, mais o efeito se aproximava da realidade". Foi construída nas oficinas da Rede Sul-Mineira, em Cruzeiro e nas do Material Bélico da Força Pública. Empregada inauguralmente, com surpreendente sucesso, a 24 de agosto, no Túnel, teve uso em seguida na Vila Queimada e na Frente Sul, em princípio de setembro. Ali, o sargento Coqueiro ganhou fama e foi tido como "artista" pelos efeitos arrancados ao "instrumento" e por aqueles obtidos sobre o inimigo. Este somente tomou conhecimento da matraca e do seu trabalho intimidatório já no final da campanha, ao encontrá-la entre alguns prisioneiros tomados em Batedor.

No capítulo das "armas enganadoras", como eram chamadas, estiveram arrolados os "canhões fantasma" ou "canhões bresserianos" por haverem sido ideados pelo engenheiro Bresser, da Prefeitura de São Paulo. Paulo Duarte nos informa a respeito: "... processo de desviar o bombardeio aéreo. Mandou preparar em Cruzeiro uns canos de folha pintados de preto. Armou-os sobre duas rodas de carroça, alguns galhos verdes por cima, como camuflagem de canhão, preparou carga de fumaça e ficou à espera dos aviões, abrigado a trezentos metros de distância, ao lado do detonador elétrico. Chegou a esquadrilha farejando a nossa artilharia. O Bresser deflagrou a carga. A detonação, fumaça, cano preto de um 75, rodas, galhos por cima, os aviões não tiveram dúvidas. Mais de sessenta bombas arrebentaram pelos lados da artilharia do Bresser. Ante o resultado, o capitão Arcy encomendou às oficinas de Cruzeiro o fabrico de algumas baterias..." Mas o "capacete de aço" é que mereceu carinho especial do infante. Iniciativa e orientação de Alexandre Siciliano Júnior, chegou a ser fabricado industrialmente, elevou o moral e salvou vidas. A Associação Comercial de São Paulo organizou departamento dirigido por Leão Renato Pinto Serva, destinado a recolher recursos suficientes para que nenhum soldado combatesse sem aquela proteção. Até o final da campanha, fabricaram-se aproximadamente 70 000 unidades.

Trabalho capaz de "assombrar o mundo"

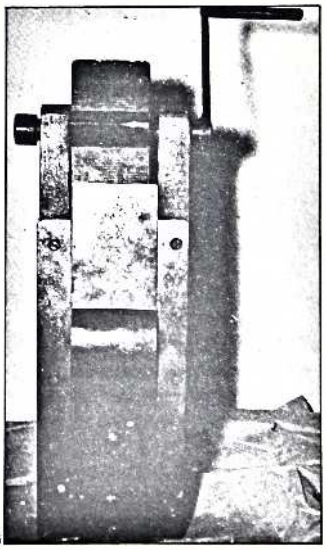
Esse esforço coletivo dirigido a inovar e a suprir carências mereceu respeito e admiração. João Neves da Fontoura, observando essa atividade, exclamou: "Quando conhecida, assombrará o mundo". Referia-se à mobilização da vontade e da técnica, de engenhosidade e de meios.

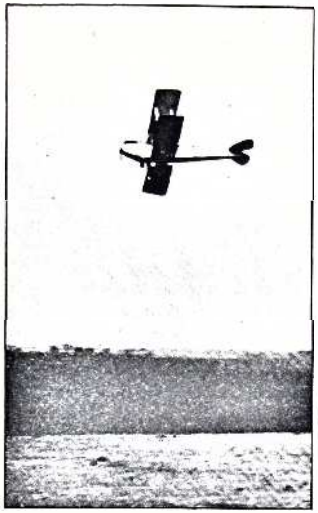
O coronel Figueiredo, que em sua *Contribuição*... não poupou restrições a alguns aspectos do movimento constitucionalista, reservou palavras de alto reconhecimento ao esforço dos setores construção e municiamento: "De começo, pensou-se que tal situação melhoraria, na esperança de algum milagre. E não faltaram diligências e esforços aos engenheiros de São Paulo, improvisados armeiros, nem às autoridades superiores, civis como militares, para suprir as lamentáveis deficiências. Tudo foi empreendido para fabricar armas; tudo foi inventado nos magníficos laboratórios da Escola Politécnica e na Federação das Indústrias. Nenhum sacrifício nesse sentido foi poupado; todos se excederam em suas capacidades, inteligência e

● Morteiro Major Marcelino

Glauco Carneiro insiste em que "de todas as armas fabricadas pela Revolução a mais eficiente foi o Morteiro Major Marcelino, construído pelo oficial da Força Pública do mesmo nome e pelo engenheiro Jorge de Resende (...) aproveitando-se eixos de locomotiva e vagões em desuso". Na edição inaugural do *Jornal das Trincheiras*, sob o título "Capacetes de aço", foi dado a ler, principalmente aos soldados nas frentes, destinatários preferenciais daquela publicação: "A proteção à vida dos soldados constitucionalistas, dando-lhes os meios mais eficazes de defesa, não é só um dever de humanidade, que todos os paulistas têm cumprido religiosamente, mas também um elemento utilizado para aumentar poderosamente a eficiência das nossas armas. Todos os dias, sem desfalecimentos, o povo de São Paulo acorre em massa aos postos de recebimento de contribuições para os capacetes de aço, fazendo valiosos donativos para esse fim. Até o dia 16 a subscrição atingiu a quantia de 922 035$700, que permite já a aquisição de 61 469 capacetes de aço. Dentro de poucos dias, a generosidade de nossa gente terá fornecido a importância necessária para a aquisição desses preciosos objetos de defesa para todo o Exército Constitucionalista".

2. Carro de assalto constitucionalista.
3. A famosa matraca: com sua voz de metralhadora pesada, paralisou muita força atacante.





1

● "A aviação foi a trágica surpresa da Revolução", asseverou Glauco Carneiro. "Legalistas e constitucionalistas sofreram o ineditismo e a violência dos bombardeios e às vezes tentavam, de fuzil na mão, atingir os velozes aparelhos que espalhavam a morte e a destruição. Todos acompanhavam os vertiginosos piquês, flechando a terra com fulminantes rajadas, quase sempre indefensáveis. E quantos admiraram a audácia dos pilotos ao mesmo tempo maldizendo a diabólica aplicação da arma aérea..."

tenacidade. A transformação de maquinarias de várias usinas metalúrgicas, tudo aquilo que o engenho humano pôde conceber e realizar, para amparar os soldados da Lei na sua árdua e arriscada tarefa de enfrentar a ditadura, tudo, tudo foi feito, com intensidade e ardor que se pode dizer terem tocado as raias do impossível. Rendo aqui minhas homenagens a esses colaboradores abnegados, sintetizando toda a admiração, que fizeram por merecer, nas figuras cujos nomes os paulistas nunca devem apagar da memória: Mário Whately; Roberto Simonsen; o engenheiro Marchini, da Politécnica, alma dos trabalhos ali realizados, e que perdeu um braço numa explosão; e o engenheiro Lauro Parente, que transformou as oficinas de Cruzeiro em verdadeira fábrica de material bélico".

A guerra aérea

O avião mata o seu criador: Aquela "diabólica aplicação" fez uma vítima particularmente importante: o "Pai da Aviação". Santos Dumont vinha doente dos nervos, cuidado, vigiado quase, amorosamente, pelos amigos e familiares. Naquele julho, repousava no litoral de Guarujá, São Paulo, de onde dirigiu à nação um pronunciamento:

São Paulo, 14 de Julho de 1932

Meus patrícios.

Solicitado pelos meus conterraneos mineiros moradores neste Estado, para subscrever uma mensagem que reivindica a ordem constitucional do país, não me é dado, por motivos de molestia, sahir do refugio á que forçadamente me acolhi, mas posso ainda por estas palavras escriptas affirmar-lhes, não só o meu inteiro applauso, como tambem o apoio de quem, tendo sempre visado a gloria da sua Patria dentro do progresso harmonico da humanidade, julga poder dirigir-se em geral á todos os seus patrícios, como um crente sincero em que os problemas da ordem politica e economica que ora se debatem, sómente dentro da lei mesma poderão ser resolvidos, de forma a conduzir a nossa Patria á superior finalidade dos seus altos destinos.

Viva o Brazil Unido!

Santos-Dumont

Na véspera, 13 de julho, aviões governamentais inauguravam no país o bombardeio de cidades: Cachoeira Paulista sofrera dois ataques provocadores de indescritível pânico entre a população. Di-

1. Aviação constitucionalista nos céus do Setor Sul.

vulgada a notícia, Santos Dumont transmite telefonicamente a um amigo paulistano o seu protesto angustioso, eco de remorsos injustos quanto macerantes: "Meu Deus, meu Deus! Não haverá meio de evitar derramamento de sangue de irmãos? Por que fiz eu esta invenção que, em vez de concorrer para o amor entre os homens, se transformou numa arma maldita de guerra? Horrorizam-me estes aeroplanos que estão sempre pairando sobre Santos"

A 23, foi a vez da cidade de São Paulo: aviões "vermelhinhos" despejaram granadas sobre o Campo de Marte, centro da aviação constitucionalista. Objetivo militar, de fato. Porém, uma das bombas foi explodir a metros do clube depois denominado Espéria, àquela hora densamente freqüentado por civis: mulheres, crianças. No mesmo dia, aqueles "aeroplanos que estão sempre pairando sobre Santos" dirigem-se contra o Forte de Itaipu, chave da defesa paulista na região, e alvejam-no, fazendo ruir trecho de um paredão. Os estampidos destas explosões abalaram de vez o controle emocional de Santos Dumont. Recolheu-se ao Hotel de la Plage, fechou-se no banheiro do apartamento e enforcou-se.

O céu também era da ditadura

Também no ar, o domínio absoluto, em termos de material, coube ao governo provisório. Dispôs de saída, da quase totalidade dos aparelhos militares existentes no país, terrestres e navais. E da produção dos temidos "vermelhinhos" HL (Henrique Lage), fabricados no Rio de Janeiro. Adquiriu no exterior equipamento, armas, munições, peças para reposição.

Quanto aos constitucionalistas, despreparados para uma campanha prolongada, fizeram balanço da situação logo na manhã do dia

● JARAGUÁ

Tu, Jaraguá, que não curvaste o teu vulto esguio aos embates repetidos e cortantes do gélido minuano e que não te abates com o sopro fervente do abrasador noroeste, que é que te impede a visão?
Ah! Lembra-me, agora. Há uma só coisa que te priva, por vezes, desse convívio com o horizonte teu irmão gêmeo, Jaraguá!
É a garoa, teimosa e álgida dos dias úmidos e frios de Piratininga. É a nossa névoa inebriante em que nos mergulhamos com *frisson*.
Qual o paulista que dela não se recorda com saudade e com adoração?
Ela, sim, é bem paulista. Só ela perturba, por vezes, a tua visão, Jaraguá augusto.
Tu não podes, morro sagrado, testemunhar o túmulo da raça de gigantes!
Tu não poderias assistir ao infinito suplício do Prometeu paulista!
Não nunca! Não, Jaraguá. Tu não verás o fim de São Paulo.
Tu hás de descansar em terra livre.
Alfredo Ellis Júnior

2. Aviadores paulistas.



1

● Destacaram-se na força aérea. constitucionalista: do Exército, os majores Ivo Borges, Lísias Rodrigues, capitão Mota Lima (que deixou o Rio com o seu aparelho), tenentes Luís Martins de Araújo, Orsine de Araújo Coriolano, José Ângelo Gomes Ribeiro, Mário Machado Bitencourt, Aderbal da Costa Oliveira; da Força Pública: capitães Ismael Torres Guilherme Cristiano, João Negrão, Cândido Bravo, tenentes Sebastião Machado, João Sílvio Hoelz, Orton W. Hoover, sargento Eduardo Silva, cabos João Alberto Vieira, Astrogildo Tavares, Benedito Dimas Pereira, Oswaldo Delchopp, anspeçada Benedito Ferraz. E mais João Baumgarten, Rosário Russo, Júlio Costa, Hugo Gavião Sena Neves, Iraí Corrêa, José Camargo Daniel, Mourão de Oliveira, Abílio Pereira de Almeida, José Ferraz Leite, João Leite da Silva, Augusto Meireles, Prudente Sampaio, Eugênio Sodré Borges, Nicolino R. Costa, Júlio Costa, Paulino Vasques, Antônio Lara Filho, Adolfo Colheira, Sidow A. Silva, Armando Bordallo, Alfredo Pereira de Almeida, Paranhos do Rio Branco, Póvoa.
Em Mato Grosso, voaram, pelos constitucionalistas: Reinaldo Gonçalves e José Ribeiro.

10. O Capitão Ismael Guilherme, encarregado de ocupar o Campo de Marte, encontrou ali cinco aparelhos esportivos, velhos, e um também vetusto Newport. Quando, a 15 de julho, foi criado o Grupo Misto de Aviação, havia não mais do que um Moth, um Flect pertencente ao Aero Clube, um JN, propriedade do capitão Antônio Reinaldo, um Morane obtido por empréstimo. Mais tarde incorporaram-se um Moth, um Fiat, um Newport, um Henriot, todos demasiado cansados de voar, quase imprestáveis para ações de guerra. Do Rio, conduzidos por seus pilotos, que aderiam à causa constitucionalista, chegaram um Waco e um Newport-Delage. Um Late-26, postal, 46 HP, foi requisitado no litoral, onde fizera escala e posto a ser adaptado para bombardeio. Terminada a adaptação, terminava a Revolução.

Foram convocados cinco pilotos civis e três da Força Pública, a qual forneceria também oito mecânicos. Em seu livro *Gaviões de penacho,* o major Lísias Rodrigues revela que três Curtiss-Falcon, de combate, novos, adquiridos nos Estados Unidos, entraram no Estado durante a campanha. Foram os aparelhos utilizados para o ataque à esquadra na barra de Santos. Um que outro aventureiro internacional tentou trazer armas e até aviões para São Paulo. O italiano Tito Salari, que dava o acento lírico à prisão da Sala da Capela, fora preso, informa Paulo Duarte, tentando entrar no Estado com um avião. Fato é que a guerra foi lutada nos ares, pelo lado paulista, com os velhos Potez e Waco, divididos nas esquadrilhas Ismael Guilherme e Gomes Ribeiro.

Proezas

11 de julho, Rio de Janeiro: para espanto das autoridades e do povo, um avião que decolara de São Paulo voa durante duas horas contadas sobre a capital federal, passando e repassando sobre Copacabana, "bombardeando-a" com cinqüenta mil folhetos e cinco mil exemplares dos jornais *O Estado de São Paulo* e *A Gazeta,* material que explicava aos cariocas o movimento paulista do dia 9.

O aparelho levantara de Marte às 14 horas, sobrevoando os picos para não ser descoberto; empregara duas horas sobre o Rio de Janeiro e pousava em Marte, ao escurecer. Tripulavam-no dois civis, brevetados pela escola de pilotagem de João Negrão, o veterano do *Jaú.* Chamavam-se: Carlos Mourão de Oliveira e João Baumgarten.

Segundo o depoimento de Sertório de Castro, os jornais e os volantes foram disputados, até adquiridos pelo povo, promoveram reuniões, foram conservados como troféus contra a vigilância da ditadura.

O feito impressionou tanto que o governo provisório entendeu necessário retrucar. No dia 5 de agosto, aviões ditatoriais lançaram sobre a cidade de São Paulo abundantes cópias de manifesto do general Espírito Santo Cardoso, ministro da Guerra. O documento insistia em que "o povo de São Paulo está sendo iludido e explorado pelas sereias da politicagem".

22 de agosto: meio da tarde, no céu sobre o município de Cruzeiro, vale do Paraíba. Primeiro combate aéreo no Brasil. Perseguem-se e metralham-se, mas sem causar danos aos aviões ou ferimentos nos tripulantes, dois aparelhos paulistas — um Waco e um Potez-Toc — e dois ditatoriais — um Waco-cso e um Newport-Delage. Espetáculo assistido com vivo interesse pelas infantarias dos conflitantes.

O horror do infante

O mais que a aviação fez foi provocar o horror do infante, no dia-a-dia da marcha e da trincheira. Esse temor ao que baixava do céu está retratado com sabor especial porque genuíno na espécie de diário do voluntário Sebastião Almeida Pinto, intitulado *Botucatuenses na Frente Sul*. Alguns tópicos:

"4 de agosto: no quartel do 8.º de Polícia (FPSP), estavam acantonadas milhares de praças, aguardando transporte para as linhas de fogo. À tarde, uns aviões federais sobrevoaram a cidade. Fazendo reconhecimento. Voando baixo. E jogaram umas bombas, para os lados do campo de aviação. Sem grande resultado. No quartel do 8.º, entretanto, cenas lamentáveis se passaram. Com o vôo baixo dos aviões e o estampido das bombas, a tropa, bisonha, entrou em pânico. Desorientou-se. Sem ouvir as vozes de comando o pessoal entrou a correr desordenadamente, procurando abrigos. Muitos soldados começaram a disparar seus fuzis, tentando atingir os aviões. Foi uma fuzilaria dos diabos. Restabelecida a calma, verificou-se que estavam feridos dois soldados e um tenente de sapadores adido ao Fernão Sales.

21 de agosto: dois aviões paulistas (pequeninos) sobrevoaram Capão Bonito. Um deles era pilotado pelo capitão João de Quadros.

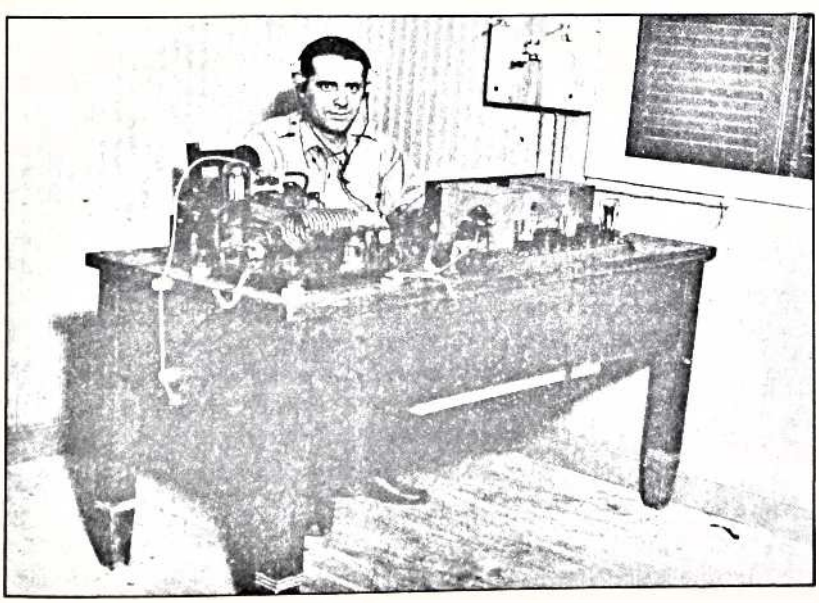
16 de setembro: para agravar a situação, surgiram os aviões da ditadura. Bombardeio aéreo. Três vezes: cedo, ao meio-dia e à tarde. Na última vez, o nosso PC recebeu várias rajadas de metralhadoras. Felizmente não houve vítimas.

17 de setembro: novas granadas atiradas pelos aviões, sem dano algum. Mas que a turma tinha medo dos aviões, isso era verdade.

20 de setembro: aviões inimigos evoluíram sobre nossas linhas. Não metralharam. Faziam reconhecimento aéreo, o que para nós era impossível realizar.

26 de setembro: viajo num caminhão da Legião Negra (...) Já na chegada, no Turvo dos Colaços, ouvimos o ronco de um avião. Era o famigerado 'vermelhinho'. Tinha metralhado a intendência e o posto de saúde do Fernão Sales, sem atingir os objetivos. O bicho vinha voando baixo. Suspeitando dos maus intentos do piloto, de acordo com as instruções que nos deram, paramos o caminhão. Saltamos e procuramos abrigo. Tomei posição embaixo do velho Ford. Alguns companheiros atiraram-se num banhado que margeava a estrada, sumindo no meio das taboas. Corria a notícia de que, no brejo, as granadas não explodiam... O avião passou roncando; em vôo rasante, mas não metralhou (...) Soubemos depois que o 'vermelhinho' metralhara, logo mais adiante, o PC de um batalhão vizinho, causando alguns mortos e feridos. O velho Alonso de Camargo (irmão do ex-interventor Laudo de Camargo) morrera estraçalhado, juntamente com um rapaz Penteado, de Limeira...

30 de setembro: à tarde, os aviões inimigos sobrevoaram as linhas paulistas. E lançam as suas bombas. O Fraguinha, do nosso batalhão, é ferido levemente. Mas um capitão dos sapadores e três soldados do 4.º Batalhão de Caçadores Voluntários são atingidos seriamente..."



2

● Álvaro da Veiga Coimbra entendeu que "a bravura dos heróicos aviadores constitucionalistas supriu a deficiência do número de aparelhos... Se a aviação ditatorial, sob o comando de Eduardo Gomes, não teve necessidade de ir além do apoio às forças de terra, bem municiadas, com artilharia e aviões, a aviação constitucionalista era bem diferente com os minguados aparelhos de que dispunha e com a carência de munições que lhe faltavam".

● Menos ativa por carência de aparelhos e de munição, a força aérea constitucionalista alcançou o mesmo tipo de resultado sobre a infantaria adversária. Um oficial do Exército, comandando destacamento policial catarinense, confidenciou a Paulo Duarte (páginas 366-367 de *Palmares pelo avesso*):
"O que mais havia impressionado, porém, ao nosso informante, fora a nossa aviação: 'Não podem calcular o mal que nos fizeram aqui, no sul'. E revelou que tivera um batalhão inteiro dispersado em pânico, um dia em que o fizera reunir para pagar roupa e sabão.
Dois aviões nossos surpreenderam e suas bombas não só lhe causaram perda de homens, mas ainda da disciplina, de tudo. O batalhão ficou inutilizado".

● E um triste depoimento de Paulo Duarte: "Os aviões mataram os últimos caipiras de Lavrinhas. Iam se retirando para Cruzeiro, fugindo ao bombardeio da povoação, quando o pequeno grupo foi atacado. Dois caboclos e uma criança ficaram estendidos ao lado da estrada".

1. *Capitão Adherbal Oliveira junto ao avião Newport-Delage com que chegou do Rio de Janeiro.*
2. *Posto de radiotelegrafia no Campo de Marte, QG da aviação constitucionalista.*

● Três aviões contra a esquadra

24 de setembro, barra de Santos: os maiores navios de guerra brasileiros continuam a passar a ferro de quilha a barra do porto paulista. Nada entra, nada sai.

Contra eles, a aviação paulista lança os três aviões da esquadrilha Gaviões de Penacho, os Curtiss-Falcon recém-chegados do exterior, o melhor que a Revolução possui para a guerra no ar. O avião testa, batizado *Kaburé-y*, pilotado por José Ângelo Gomes Ribeiro e Mário Machado de Bitencourt, escolhe para alvo o cruzador *Rio Grande do Sul*.

Mergulha para o ataque, incendeia-se no piquê e aprofunda-se no Atlântico. A Marinha informou haver abatido o atacante. Lísias Rodrigues, comandante dos Gaviões, em seu livro, assegura que o *Kaburé-y* incendiou-se por efeito do engasgamento da válvula de alimentação com retorno da chama.

● Elas também puxavam gatilhos

Naquela depois chamada Coluna Romão Gomes ou Coluna Invicta, destacava-se vulto hérculeo, metido em curioso uniforme semimilitar, tipo calado e carrancudo, empunhando e exibindo abundância de armas, das quais fazia uso conveniente em momentos oportunos. Num desses momentos, acossada a coluna por força adversária, esse soldado faz três prisioneiros.

Como resultado do combate quase corpo a corpo evidenciou-se que o aguerrido combatente era mulher. Quem mais sofreu com a verificação foram os prisioneiros. Um deles atirou-se ao chão, fustigando-se, autopenalizado:

"Puxa vida, acontecer isso comigo! Prisioneiro é sempre duro de ser. Mas prisioneiro de mulher, Deus do céu!, é humilhação demasiada!"

A lendária Coluna Romão Gomes orgulhava-se e emulava-se com o apontar Maria Isguassabia, filha de São João da Boa Vista, que fez, durante a campanha, o que fizeram os melhores guerreiros. Irritava-se, dizem, porque os inimigos, evitando ferir a uma mulher e fugindo de ser ferido por ela, abriam-lhe caminho.

O batalhão de voluntários ituanos também tinha de quem envaidecer-se: nhá Chica Messias, descrita por um voluntário: "mulher de idade que, fardada e armada de revólver, acompanhava seus *'mininos'*. Mulher valente. Foi até o fim da campanha".



Bombardeios

O bombardeio era precário, às vezes, manual. Com heroísmo, erros terrivelmente conseqüentes e resultados surpreendentes. Por exemplo:

— os que, geralmente aos sábados, se faziam contra o Campo de Marte, em São Paulo; a 18 de setembro, o primeiro bombardeio de Campinas, com um menino morto e vários homens feridos; a 27 de setembro, aviões paulistas atacando infantes... paulistas na Fazenda Palmeiras, alcançando aquilo que artilharia e infantaria ditatoriais não haviam obtido: o abandono das posições; o heróico e fatal ataque de aviões constitucionalistas contra a esquadra bloqueadora do porto de Santos; a investida de avião esportivo mato-grossense contra navio e infantaria governistas.

A mulher e a guerra

É verdade inconteste: nenhuma causa se faz realmente popular se não alcança a adesão e o entusiasmo da mulher. Não foi carência de tal participação que negou a São Paulo a vitória revolucionária. Pois:

— 72 000 mulheres trabalharam como voluntárias somente nas oficinas de costura;

— tais oficinas produziram, em vinte dias, 60 000 fardamentos. Até o último dia de setembro, 450 000;

— a Cruz Vermelha fazia funcionar, dia e noite, cursos rápidos de enfermagem para moças e viúvas que, aprendidos os elementos principais da atividade, iam aplicá-los em hospitais e postos de emergência, nas frentes;

— damas da alta sociedade e proletárias uniram-se em salas de trabalho e em enfermarias para confeccionar fardamento, agasalhos, preparar material curativo e assistencial;

— por toda parte abriram-se as Casas do Soldado, confiadas a grupos femininos locais. Ali eram recebidos, alimentados, tratados, assistidos os soldados em trânsito, em licença, em convalescença ou desmobilizados;

— os grupos assistenciais integrados por mulheres procura-

vam e atendiam as famílias dos soldados combatentes em todas as suas necessidades;

— elas encarregaram-se da propaganda das Campanhas do Ouro e dos Capacetes de Aço;

— e mesmo, não oficialmente, integraram grupos secretos que tricotavam, costuravam ou adquiriam saias e peças mais íntimas do vestuário feminino, remetendo-as, com não muita discrição, aos rapazes válidos e em idade guerreira que não se decidiam a procurar os postos de alistamento.

Tarefas de mulher

A mulher paulista ombreou-se com o homem, aceitou as tarefas que tradicionalmente lhe incumbiam, reclamou outras e a todas deu cumprimento. Mereceu, do gaúcho de nascimento e constitucionalista devotado, Batista Pereira, esta ode:

> "A mulher paulista (que assombro é a mulher paulista), a mulher paulista entrou em cena. (...) Todas as classes e todas as profissões comungaram no mesmo fervor de sacrifício e dedicação, desde a operária modesta ao grupo de estrelas da moda, desde a serviçal doméstica às princesas de salão.
>
> Epidermes que nunca haviam conhecido o calor de um fogão improvisaram-se rancheiras de batalhões e sofriam por longas horas sem murmurar o martírio da lenha verde molhada, cuja fumaça lhes arrancava lágrimas dos olhos; melindrosas assustadiças, cheias de não-me-toques e dengues, capazes de desmaiar ao contato de uma barata ou à vista de um camundongo, alinhavavam por oito dias um curso de enfermeira para acorrerem aos hospitais de sangue, e ali — por vezes debaixo de bombardeio — ajudarem as mais terríveis operações; mãos que só de nome conheciam a existência da agulha e do dedal começaram a não conhecer outra coisa na vida, curvadas dia e noite sobre a roupa dos soldados. Todas trabalham; todas cooperam; todas solicitam; todas dão; todas inventam; todas organizam. Graças a essa atividade de abelhas nada falta e tudo sobra. Sobram as rações. Cada soldado recebe, além da ração quotidiana, uma lata com outra que, além de sobressalente, é excelente. Faz frio nas montanhas e nas trincheiras; aparecem às centenas os agasalhos e as mantas de lã, feitas em crochê. É preciso assistir às mulheres e filhos dos combatentes. Surgem de um momento para outro instituições que os põem ao abrigo da necessidade e do desconforto. Há uma formidável emulação de fazer mais, em contribuir mais, em sacrificar-se mais pela terra querida. Somem-se todos os interesses superficiais da vida e todo São Paulo rutila no esplendor de um heroísmo sobre-humano".

Mulheres catarinenses

Paulo Duarte, aprisionado ao final da aventura do pesqueiro *Odete,* testemunhou: "A residência do capitão Cochrane ficava mesmo no porto. Aí é que fomos acolhidos. O capitão deixou alguns soldados numa área à entrada e saiu... Eram 6 horas da manhã quando demos entrada em sua residência. Duas senhoras, sua mulher e uma cunhada, receberam-nos. Despertadas aos sobressaltos, acabavam de levantar-se para vir ao nosso encontro. Já então a notícia da nossa identidade havia corrido mundo. Às nossas palavras de cumprimento e de desculpa pela quebra da normalidade, uma delas, olhos marejados, nos respondeu apenas estas palavras:

'Que pena!'

Era a exclamação reveladora do sentimento do país inteiro para com o movimento paulista".

Ouro para o bem de São Paulo

Principalmente, alianças... Granizaram ternura e recursos para o tesouro do Estado isolado e cercado. A fim de manter os soldados combatendo, os campos produzindo, as fábricas ativadas, o funcio-

• VOLUNTÁRIAS NO ATENDIMENTO

Olívia Guedes Penteado, Antônia de Souza Queiroz, Ana Vieira de Carvalho, Renata Crespi Prado, Carolina da Silva Teles, Clotilde de Freitas Camargo, Júlia de Freitas, Angelina de Queiroz Mello, Valentina de Queiroz Aranha, Anita Malfatti, Georgina Malfatti, Branca Canto e Melo, Edith Capote Valente, Augusta Valle, Nísia Pupo Capote Valente, Noêmia Pereira de Queiroz, Maria Pereira de Queiroz, Isa Moraes Barros Mesquita, Noêmia Nascimento Gama, Helena Shalders Ghoram, Elisa Mendes, Sílvia Mendes Cajado, Guesa Mello Peixoto, Maria Cândida Pedrosa Martins, Cordélia Junqueira Ribeiro dos Santos, Marincha Mattos, Vicentina Carvalho, Dadinha Carvalho, Helena Pacheco Jordão Vieira de Carvalho, Ester Martins Rodrigues, Maria Penteado de Camargo, Alisita da Silva Telles, Camilhota Barbosa de Oliveira e Maria Carolina de Queiroz Mello. A um segundo tempo juntaram-se-lhes Zita Guedes Galvão, Sarah Pinto Conceição, Sarah Ribeiro, Lucília Ribeiro de Souza, Mary Buarque, Marinha Bouchard Whitaker, Ermelinda de Carvalho, Fany Doria, Irene Ribeiro dos Santos, Jelita Ribeiro dos Santos, Odila Pujol Penteado, Yvone Camargo, Maria de Lourdes Leme, Gilla Mello Peixoto, Penha Weistlog, Marieta Moraes Lion, Flora Barreto Barbosa Ferraz, Iracema Fernandes da Silva, Margarida Galvão, Adelaide Galvão Coelho, Júlia Carvalho Leme da Fonseca, Julieta Carvalho e Thereza Jorge.

1. Enfermeiras do Batalhão Fernão Salles.
2. Fabricando capacetes de aço para as forças revolucionárias.



2

• No livro *São Paulo contra a ditadura,* autoria de capitães da Força Pública, lê-se este hino:

"A mulher paulista contribuiu inestimavelmente para a Revolução. Fez tudo quanto podia fazer para o bem de São Paulo.

Pro São Paulo fiant eximia!

Reclamados os seus filhos, os seus maridos, os seus noivos, os seus irmãos, para a batalha pela santa causa, a mulher de Piratininga os entrega sem hesitar. Um sorriso lhe aflora aos lábios, como a exprimir a grande felicidade que lhe inunda a alma.

Pro São Paulo fiant eximia!

São Paulo precisa do metal precioso para convertê-lo nas mil e uma coisas que a guerra consome. A mulher paulista não vacila. Despoja-se dos seus anéis, dos seus brincos, dos seus pedantifes cravejados de brilhantes, dos seus distintivos profissionais e — sublime sacrifício! — de suas alianças.

Mas não é tudo.

Ela ainda sente que pouco fez por São Paulo.

E vemo-la nos pontos de concentração e nas cozinhas de campanha, preparando, com carinho maternal, as refeições para o soldado constitucionalista.

E vemo-la, sob a roupagem cor de neve, nos hospitais de sangue da retaguarda e das frentes perigosas, onde ruge a metralha e ribomba o canhão, a pensar as feridas daqueles que vertem o seu sangue pela felicidade da Pátria.

Mas, ainda não é tudo.

A mulher paulista realiza muito mais.

E não há as distinções de classes. Foram-se os preconceitos. A pobre e a argentária, a plebéia e a aristocrática, a culta e a rústica, confundem-se numa sublime comunhão de sentimentos, de idéias e de ação.

A atuação da mulher paulista na guerra de 1932 não pode ser descrita num simples capítulo.

Que de maravilhas é capaz a mulher bandeirante!"

nalismo pago, o comércio aberto, era forçoso obter em casa — em São Paulo — os recursos necessários.

E não os havendo de outro modo, pediu-se ao povo.

A Associação Comercial convidou à sua sede, no dia 8 de agosto, voluntários para a campanha de recolha de socorro financeiro. O nome escolhido para esse esforço: Campanha do Ouro.

Nas cidades, nos bairros, nas estações, nas praças, recebiam-se jóias, vasos, canetas, excentricidades em ouro. Muita lágrima acompanhou ao cofre da campanha alianças entregues aos pares. Em troca, alianças de ferro e/ou diploma, rezando laconicamente: "Dei ouro para o bem de São Paulo".

Até o final da campanha, dias antes da derrota militar, haviam sido classificados e avaliados 32 909 donativos. Valiam, ao tempo, 6 234 638$600.

Na antevéspera da ocupação da cidade pelos vitoriosos, receando que a ditadura se apoderasse do ouro das alianças paulistas, a comissão entregou à Santa Casa de Misericórdia parte desse tesouro popular.

De Klinger para Góis Monteiro

De um rádio do general Klinger ao general Góis Monteiro, evidenciando a determinação bandeirante de sustentar a guerra, vontade a ser considerada à mesa de eventuais entendimentos com vistas ao armistício:

"... os ricos entregam o seu ouro, com discrição britânica e bravura romana, atributos bem brasileiros; as senhoras despojam-se de suas jóias; os bispos entregam o ouro das igrejas e as suas próprias cruzes peitorais; os casais pobres levam à coleta suas alianças; os advogados, os médicos, os seus anéis..."

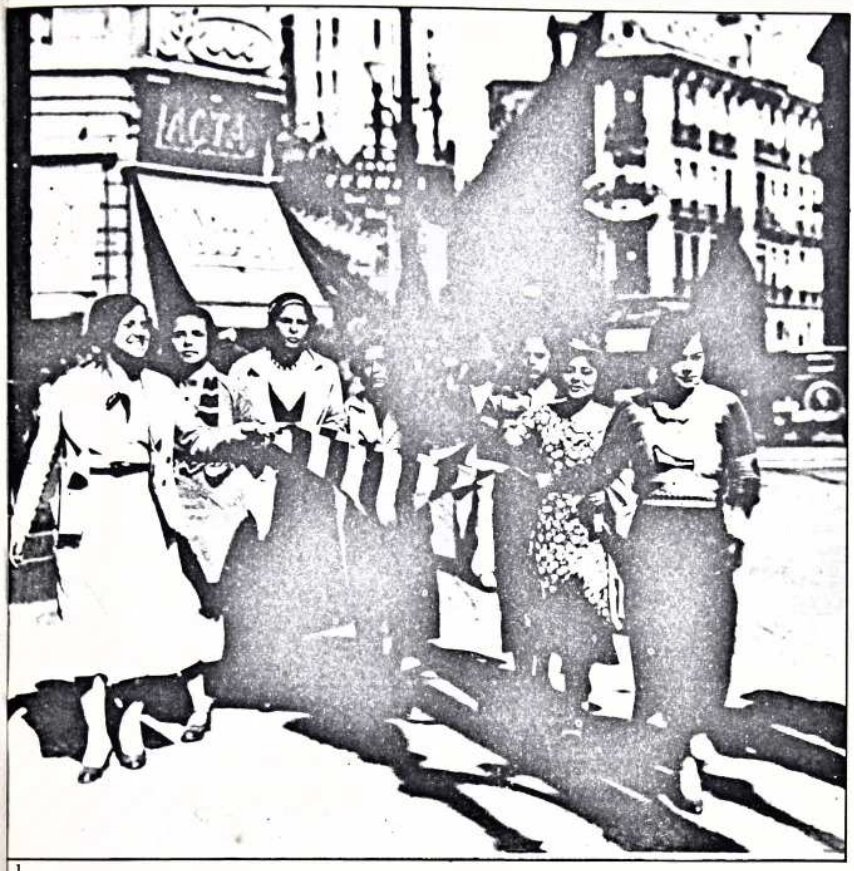
Guerra psicológica: reportagem e literatura

A guerra cívica era lutada em todas as frentes e setores. No jornalismo, inclusive. Até, de certo modo, principalmente. Pelo noticiário, as vitórias eram sempre dos constitucionalistas. A notícia misturou-se com a ficção, buscando manter elevado o moral popular.

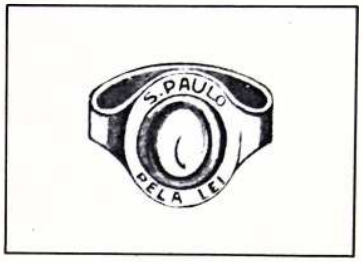
Exemplo, dentre os recolhidos por Paulo Nogueira Filho:

Jornais de Campinas, 18 de agosto: "O entusiasmo dos nossos rapazes — Batalhão Campineiro — prosseguiu inabalável, não lhes alterando o bom humor nem as mais duras refregas. Nos intervalos das lutas, ultimamente mais repetidas, dão larga vazão à alegria, sempre presente nos espíritos. Há dias, por iniciativa do incansável engenheiro doutor Lix da Cunha, já promovido ao posto de segundo-tenente, como prêmio aos inestimáveis serviços que vem prestando à Revolução, foi inaugurada no sopé do morro do Túnel a Avenida Campinas. A cerimônia realizou-se com toda a solenidade, tendo sido colocada na nova via pública uma placa comemorativa com a respectiva inscrição. Funcionou no ato uma afinada banda de música, cujos instrumentos foram improvisados com latas e pedaços de pau. Realizou-se a seguir uma passeata cívica ao longo da avenida, sendo cumprimentados todos os moradores das tocas ali existentes".

Declara um dos diretores do alistamento com veemência: "Podem os senhores dizer que São Paulo, em matéria de voluntariado (...) forma de fato um batalhão inteiro diariamente".



1





2

● Mulheres de curitiba
Aos paulistas aprisionados no Setor Sul cabia longa viagem até o campo de concentração da ilha das Flores. Geraldo Goulart tratou do assunto a partir de experiência vivida.
De Buri a Paranaguá, empilhados em vagões de transporte de gado, propositadamente deixados sem limpar. O tempo, de inverno; o percurso, longo; a fome, mal atendida; o cheiro, nauseante; o desconforto, total; a vigilância, severa.
No pátio ferroviário de Curitiba, a modo de castigo extra, uma longa parada. No escuro, no frio, na fome. Obrigados ao silêncio.
Pelo meio da noite, às vezes, figuras discretas, murmurando uma senha atrevida: "Viva São Paulo!", vultos fugazes, evitando ou obtendo a cumplicidade da guarda, metiam pelos vãos dos carros gaiola pacotes contendo pão e agasalhos.
Até a solidão do campo da ilha das Flores, os prisioneiros bendiziam aquelas mulheres de Curitiba.

A 7 de agosto, o jornalista Geraldo Ferraz, de Guapiara, escrevia para o *Diário da Noite* de São Paulo: "A 20 quilômetros de Capinzal, a metralha e a artilharia do inimigo estremeceu a quietação acabrunhante da serra. (. . .) visitamos esses bravos rapazes do 14 de Julho, de barbas fechadas nas fisionomias fortes e viris. O seu comandante atual — Cândido Bravo — é um militar que recebe a cada momento da boca de seus comandados o elogio da atuação destacada que tem desenvolvido nos momentos difíceis destes três dias de permanência na serra de Paranapiacaba. Contam-nos até os cuidados mais pessoais e detalhes em que o capitão Bravo se tem desvelado para com a tropa: antes do rancho, ele prova a comida, para ver o estado em que está, sendo mais exigente do que qualquer soldado. Nas noites de chuva e de frio, o capitão vai ver os seus soldados, trincheira por trincheira, até o momento em que se substituem as patrulhas, fiscalizando o serviço de seus comandados.(. . .) Veremos como os universitários mais uma vez vão sair da luta com a altivez com que se doiraram ao rubro da metralha e ao troar da artilharia inimiga. . ."

Maquiar o noticiário: uma técnica.

Havia censura, claro. As informações liberadas para os jornais sempre falavam de heroísmo, de avanços, de sucessos ofensivos e defensivos. Porém, o correr dos dias e das notícias insinuava ao leitor arguto que a seqüência de topônimos involuía sistematicamente para a direção da capital. Apesar dos sucessos noticiados.

1. Mulheres paulistas recolhendo donativos no centro de São Paulo.
2. Anéis da Campanha do Ouro.

● A ALIANÇA DE RUI BARBOSA
A filha de Rui visita o marido, o gaúcho Baptista Pereira, preso no Rio de Janeiro por declarada solidariedade à causa constitucionalista. E segreda: "Mamãe resolveu mandar para São Paulo a aliança de papai..." "Fiquei literalmente siderado de espanto", ele registrou. "Minha sogra separar-se da aliança de Rui Barbosa! Eu sabia que mais facilmente ela daria a mais rica das suas jóias. Naquele pequenino aro estavam encerrados a sua mocidade, a sua beleza, os seus sonhos de moça, o longo poema da sua vida de carinhos e sacrifícios. O anjo da guarda com certeza não estremece com mais carinho as próprias asas.
(...)
Indaguei. Pedi todos os pormenores. Inquiri, se alguém influíra naquela resolução. (...): 'Não, mamãe não consultou a ninguém. Perguntou-me: Se teu pai fosse vivo, estava com certeza ao lado de São Paulo, não é? São Paulo está se batendo pela lei e pela Constituição que ele fez. Quero mandar a aliança de que se nunca separou. Se Rui fosse vivo, faria outro tanto'."

● UMA CARTA DE AMOR
Em Silveiras, o 4.º Batalhão da polícia baiana apreende malotes do correio militar constitucionalista. O chefe do batalhão guardou uma carta que dezenas de anos depois o general Humberto de Melo devolveu aos paulistas considerando-a "retrato moral de um povo".
Anita escrevia ao noivo Horácio: "Eu também já concorri; aquele anel que você me pediu àquela tarde inesquecível que ao lado de você passei, já entreguei para a grande causa; dei tudo que possuía, anel de formatura, uma medalha de ouro que me foi oferecida na ocasião de um festival beneficente para o qual trabalhei, tudo afinal que possuía, pois por São Paulo, por esta terra boa que habitamos, saberemos dar tudo o que ela necessita. Viva São Paulo!"
O comandante baiano, tenente-coronel J. Costa, anotou: "o serviço de informações do Destacamento Fontoura destacou esta carta como índice do estado moral do povo, uma página de amor".

Vez por outra, a fim de manter a credibilidade possível, permitia-se que o noticiário revelasse a verdade aos que sabiam ler nas entrelinhas. Ou o censor "cochilava", deixando passar o proibido. Por exemplo, os leitores do *Correio de São Paulo,* que diariamente eram bem servidos com relatos de vitórias parciais e gestas individuais, surpreenderam-se ao ler:

"Narramos ontem, discretamente, a retirada feita por um contingente da Força Pública, de Ribeira a Iporanga e Xiririca, que assim escreveu uma brilhantíssima página de dignidade cívica e valor militar".

O leitor encontraria motivo para perplexidade maior no parágrafo seguinte:

"Historiaremos hoje, em rápidas palavras, outro episódio que ficará em nossa história como fato que honrará nossa mocidade guerreira. Referimo-nos à marcha realizada de Apiaí a Xiririca por uma coluna constitucionalista composta de elementos do 9 de Julho, da Força Pública e outros".

Alertado para o fato de que as vitórias cantadas dias antes haviam sido sucessos estratégicos de... retiradas, fica sabendo também que ocorreu na mesma frente uma rendição em massa:

"Depois da rendição do coronel Azarias na Ribeira, essa coluna teve a sua retaguarda cortada por numerosa tropa inimiga entre Apiaí e Guapiara. Compareceu então à sua presença o capitão Tasso Tinoco, que, em nome do comando ditatorial, a intimou à rendição. (...) reunida a oficialidade, esta unanimemente recusou-se à rendição, disposta a lutar até a morte. A tropa, sem discrepância, permaneceu firme ao lado de seus oficiais..."

Como se fosse uma cruzada

Para muitos dos recrutados com o destino de combater São Paulo, tratava-se, sinceramente, de atuar em uma guerra santa. Lutaram contra os constitucionalistas com fervor até maior do que se o fizessem contra estrangeiros. Embora esse ardor seja das características das guerras civis, a eficiente propaganda do governo provisório transformou aquela campanha política em cruzada patriótico-cívico-religiosa.

Dalmo de Abreu Dallari analisa: "Não foi difícil essa mobilização [contra São Paulo] uma vez que as lideranças de muitos Estados já vinham sustentando que o acúmulo de riquezas em São Paulo é que determinava o atraso de outras regiões. Enfatizando esse argumento, passou-se a apresentar como separatista o movimento dos paulistas, dizendo-se que São Paulo queria separar-se do Brasil, abandonando à própria sorte os demais Estados".

Principalmente do norte e do nordeste, os lutadores vieram ao sul bater-se contra o separatismo, o comunismo, a presença estrangeira. Outros argumentos: reacionários, carcomidos saudosos de privilégios, revanchistas.

Retomar São Paulo aos estrangeiros

"De todos os pontos do país", relata Glauco Carneiro, "tropas foram mandadas contra São Paulo, pretextando os interventores que seus Estados lutariam contra os italianos residentes na terra bandeirante que pretendiam fundar ali uma colônia fascista às ordens de Mussolini (...)

Depoimento interessante é o de Manuel Ananias dos Santos, revolucionário do Forte de Copacabana em 1922 e que, dez anos

mais tarde, então já sargento da Força Pública de Sergipe, integrou um dos batalhões dessa milícia que foi enviado para combater os paulistas. Disse-nos Ananias que a tropa nortista tinha absoluta convicção de que iria enfrentar 'estrangeiros que haviam assumido o controle de São Paulo, querendo desligá-lo da Federação, sendo a luta de Getúlio um esforço pela integração do poderoso Estado ao Brasil'..."

Combater os comunistas de São Paulo

Muitos pelotões, principalmente de "voluntários", "sertanejos", "recrutas", desceram do norte e do nordeste animados por verdadeiro espírito de cruzada cívico-religiosa: libertar São Paulo dos terríveis comunistas, inimigos da religião, da pátria, que se haviam apoderado daquele Estado e desejavam mantê-lo separado do resto do Brasil brasileiro e cristão.

Guilherme de Almeida relatou a Paulo Nogueira depoimento de prisioneiro tomado no setor de Cunha. Tratava-se de sargento de tropa regular. "O que o homem sustentava, com lucidez e tranqüilidade, é que seus chefes lhe haviam explicado tudo, tudo, muito bem. Lutavam ele e seus companheiros contra a República Comunista de São Paulo... que ele sabia ter um presidente italiano chamado Matarazzo..."

Outro testemunho, este de Cornélio Pires: "Trazido [o prisioneiro] à presença do nosso comandante vinha receoso e agradando muito os soldados que o escoltavam. (...) Para aumentar o seu medo, o fato de estar-se aprestando para ir para as trincheiras um grupo de doze ou catorze soldados. Estavam eles acabando de tomar

● Em *Palmares pelo avesso,* Paulo Duarte depõe acerca dos efeitos, entre os soldados, dos exageros da imprensa:

"O conjunto das notícias de guerra deve ser de um otimismo capaz de manter em calma e sem alarme a população, mas esses otimismos não devem chegar ao exagero ridículo que se via em todos os jornais, no que se refira a coisas inúteis. (...) mas só a estupidez seria capaz do que se via em descrição de heroísmos e bravatas individuais. Havia uma chusma de cabotinos que não fazia outra coisa senão dar entrevistas descritivas de combates que nunca viram e de bravuras que nunca existiram. Reparei que os jornais irritam profundamente aqueles que estão na linha de fogo. Principalmente no que diz respeito a entrevistas de combatentes, ou melhor, de pseudocombatentes".

Soldados das linhas de Aparecida recebem A Gazeta.



• "Moeda paulista

Em fins de agosto, às trincheiras de Cunha chegaram relatos da comoção que a campanha das alianças provocava no Estado. Nas trincheiras, o poeta Guilherme de Almeida. Entre um combate e outro, escreveu:

"Moeda paulista, feita só de alianças,
Feita do anel com que Nosso Senhor
Uniu na terra duas esperanças:
Feitas desse elo celestial do amor!

Quanto vale essa moeda? — Vale
[tudo!
Seu ouro eternizava um grande ideal.
E ela traduz o sacrifício mudo
Daquela eternidade de metal.

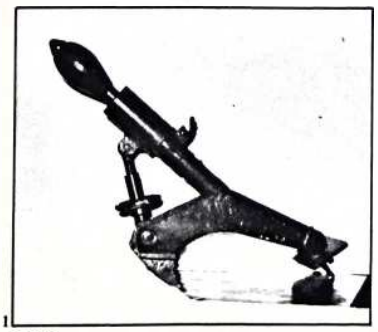
Ela, que vem das mãos dos que se
[amaram,
Vale esse instante, que não tinha fim,
Em que dois sonhos juntos se
[ajoelharam
Quando a felicidade disse 'Sim'.

Vale o que vale a união de duas vidas
Que riram e choraram a uma voz
E, simbolicamente desunidas,
Vão rolar desgraçadamente sós.

Vale a grande renúncia derradeira
Das mãos que acariciaram, maternais,
O menino que vai para a trincheira
E que talvez... talvez não volte
[mais...

Vale mais do que vale o ouro maciço:
Vale a glória de amar, sorrir, chorar,
Lutar, vencer, morrer... Vale tudo
[isso
Que moeda alguma poderá comprar".

Alfredo Colombo, a quem o poeta enviara os versos, fez cunhar miniatura de seis alianças, cada qual contendo uma estrofe do poemeto; lavor que se constituiu em uma das mais requestadas relíquias da guerra paulista.



o lanche e, portanto, sentados, e assim deixaram-se ficar ainda. O oficial pôs-se a interrogar o prisioneiro e a certa altura do interrogatório lembrou-se de que os que deveriam sair para a trincheira tardavam e gritou-lhes:

'Vamos, rapazes! Tomem os fuzis e formem ali'.

'Pelo amor de Deus, seu capitão!', gritou o ditatorial, 'não mande me matar, eu também sou comunista'..."

Acusação que favorece ao governo provisório

Houve realmente quem, em São Paulo, pensasse em separatismo. Esse grão de desespero e cizânia está no âmago dos principais movimentos insurrecionais brasileiros, ao sul e ao norte. Em São Paulo foram poucos e viveram reduzido tempo. Baptista Pereira, no *Diário da Capela,* registrou: "O separatismo de São Paulo não passa de um derivativo de seus sofrimentos e decepções. É restrito e confinado. Passará sem deixar vestígios. Passará sem devastações". Nos meses da luta armada, elevado número de cidades rebatizou ruas e praças com os nomes dos Estados brasileiros e de filhos destes.

Mas o separatismo paulista serviu ao governo provisório. O citado Baptista Pereira anotou: "...uma propaganda maquiavélica mais inteligente desnaturava os intuitos de São Paulo, apontando-o como separatista e desprezador do resto do Brasil. Nos Estados do norte rádios clandestinas emitiam discursos cujos *speakers* se anunciavam como paulistas da gema, discursos que não eram mais do que descabeladas verrinas contra os nortistas".

Os integrantes da Coluna Operária à sua partida do Recife para a Frente da Mantiqueira, foram exortados pela afirmativa patriótica de um orador: "Ides combater pela integridade da pátria, contra o separatismo e contra a ambição dos perrepistas..."

O general Góis Monteiro, que decerto não acreditava no separatismo paulista, invocou-o porém na primeira ordem do dia emitida para o Exército do Leste: "um dique ao surto dissociativo, à onda seccionista e antifraterna que se levanta para subverter a grande pátria..."

Ibrahim Nobre, aos microfones das rádios Record, Educadora e Cruzeiro — a rede paulista de radiofonia — a 12 de julho, diante das acusações de separatismo difundidas por todas as emissoras coordenadas pelo governo provisório:

"Dizem que somos separatistas. Mas, como separatismo, quando defendemos o Brasil, quando nos encaminhamos para o Rio para sanear o Catete?

Por que separatistas se conclamamos o sul, o norte, o centro, o pobre e o rico, o operário e o patrão, o Exército e a Armada, para a liberdade comum? Se lutamos contra a Ditadura, que não nos feriu somente a nós, mas ludibriou a Nação inteira e enxovalhou a nossa História e aviltou a nossa civilização?

Se nós queremos restituir à Pátria a Constituição e o Decoro?

A Ditadura sim! Essa pretendeu, essa fez tudo e tudo faz para separar-nos do bloco, da unidade. Humilhou-nos, invadiu-nos, empobreceu-nos, retalhou o nosso território, fez de nós uma exceção odiosa, transformando-nos no leprosário das suas próprias mazelas. Fez tudo! Nada conseguiu! Não se arranca de um organismo o próprio coração. E você, São Paulo, é o coração do Brasil!"

Onde houve isenção, o movimento de 32 foi inocentado do crime de separatismo. A *História do Exército brasileiro* precisa: "A Revolução Constitucionalista explodiu, 1932, com o ímpeto e as características de verdadeira guerra civil, onde não faltaram, até, pruridos separatistas, desde logo sufocados pelo indiscutível sentimento de brasilidade, apanágio dos militares que a chefiavam e dos paulistas que os seguiram".



— Está para que inventaram o raio do radio!...

2

Leôncio Basbaum, que escrevia sob óptica política muito particular e não sintonizada com o ideário paulista daqueles dias, observou: "Uma das expressões dessa supremacia econômica foi o separatismo que recrudesceu depois de 1930, quando o grande Estado perdeu sua posição política. Essa idéia, propagada em 1932 pelos fazendeiros de café desalojados de suas posições políticas, não encontra porém eco no seio das massas".

Receio prejudicial: o rótulo de separatismo.

A pecha de separatismo foi estigma que pesou e prejudicou o evoluir da Revolução. Não paulistas de nascimento eram os generais constitucionalistas, a maioria dos coronéis e elevada parcela dos soldados que lutavam contra a ditadura. Todos eles tinham provas bastantes de que não se tratava de separar o Estado, não se lutava pela secessão. Mas impedir que suspeita em tal direção, por mínima, entibiasse a disposição guerreira desses homens, principalmente na trincheira, foi preocupação constante do comando paulista.

Não podendo impedir que a acusação grassasse além das divisas e até onde alcançassem os jornais e as rádios, cumpria evitar que no Estado isso também acontecesse.

Tal receio inibiu, entre outros, os esforços cumpridos em algumas direções a fim de obter para São Paulo o estatuto de beligerância que lhe permitiria fazer compras no mercado normal de armas. Afirmam-no os autores de *São Paulo contra a ditadura:* "A falta de reconhecimento do nosso direito de beligerância parece decorrer da timidez que caracterizou as negociações diplomáticas entabuladas junto às potências estrangeiras.

Compreendemos, todavia, que, se internamente podia o governo paulista agir mais desassombradamente, correspondendo em geral aos interesses da Revolução, não lhe seria possível, no trato das negociações externas, uma orientação que, de qualquer maneira, pu-

1. *Lança-morteiros.*
2. *Charge de Storni,* Careta, *30.7.32.*
3. *Equipamento lança-granadas.*



3

● Aos nordestinos e nortistas, procurando aumentar o seu entusiasmo antipaulista, ensinavam que a sigla MMDC queria dizer: MATA MINEIRO, DEGOLA CARIOCA.

● Clóvis Bevilacqua e o bombardeio de São Paulo

Dóris Bevilacqua, filha do jurista, confidenciou a Raimundo de Menezes, que publicou a informação em *A Gazeta* 25.9.1959:

"Emissários de Getúlio Vargas procuraram insistentemente o jurista, em sua casa. Por fim, decidiu-se a ouvi-los.

'O governo pretende bombardear a cidade de São Paulo, e gostaria, antes, que Vossa Excelência estudasse a questão e desse um parecer a respeito. Naturalmente, favorável... O governo não faz questão de preço. Deseja apenas a maior urgência.'

Clóvis levantou-se. Estava contrafeito. E foi meio trêmulo de indignação que declarou, veemente:

Diga ao doutor Getúlio que ele não conte com o meu parecer. Estou, nesse caso, e sempre estive, desde o começo, com o povo de São Paulo'.

O emissário não esperava por resposta tão brusca, e foi titubeante que ganhou a porta da rua".



desse suscetibilizar — ainda que sem razão, porquanto não se podia pôr em dúvida o caráter eminentemente nacional do movimento — os sentimentos de brasilidade dos oficiais de outros Estados que combatiam conosco, contra a ditadura, alguns deles investidos dos mais altos comandos do Exército Constitucionalista".

Foi portanto eficiente a arma utilizada pelo governo ditatorial contra São Paulo: a acusação de separatismo.

O rádio: maneira nova e delicada de guerrear.

As transmissões radiofônicas, então pouco mais do que pioneiras, imperfeitas, figuravam entre as maravilhas tecnológicas do tempo. São Paulo podia ouvir a Educadora, a Cruzeiro e a Record. O governo federal dispunha de dezenas de emissoras, cobrindo e, assim, convencendo, o país inteiro. Fazia transmissões especiais para São Paulo, naturalmente buscando retirar credibilidade ao movimento, junto às camadas populares. Os técnicos paulistas defendiam-se, conforme depõe Afonso Schmidt: "E, no meio da barulheira da indução, avultava a interferência proposital das estações paulistanas, com o intuito de tornar impossível a recepção das mensagens cariocas".

Em artigo histórico publicado em *O Estado de São Paulo*, a 9 de agosto, Vivaldo Coaracy afirmava: "O rádio é uma admirável arma de guerra de que talvez ainda não tenhamos sabido nos utilizar com toda a eficiência que lhe podemos dar. Dele, porém, temo-nos servido para anunciar a todos os rincões do Brasil aonde cheguem as ondas das nossas estações transmissoras qual o verdadeiro caráter da Revolução..."

O rádio: trincheira.

Foi o rádio governamental, principalmente, a difundir pelos Estados imagem negativa para a Revolução: separatista, comunista, mussoliniana, adversária jurada dos nordestinos. Organismo central, inspiração dos DIPS e DEIPS, mantinha no ar noticiário e comentários.

São Paulo mobilizou um Serviço de Publicidade, com noticiário e comentários igualmente pouco respeitadores da verdade dos campos de combate. Às acusações de separatismo respondia com declarações de filhos de outros Estados; às de comunismo, retrucava levando aos microfones arcebispo, bispos e sacerdotes; à afirmação de que o Estado se transformara em colônia de Mussolini respondia com depoimentos de militares notoriamente nacionalistas. Divulgava estatísticas mostrando que a Força Pública contava quase maioria de homens originários do norte e do nordeste.

O confronto radiofônico era mantido incessantemente. Embora a qualidade do som e o alcance limitassem a eficiência dessa arma, São Paulo empregou-a dia a dia, com decidido empenho. A oração de João Neves da Fontoura ao chegar à capital da Revolução, fugido ao cerco da polícia do Rio, constituiu-se em triunfo marcante pela audiência obtida e pela verdadeira "campanha publicitária" desenvolvida pelo pessoal encarregado de sustentar a "frente radiofônica". Nesta, pontificava o chamado "locutor" ou "voz da Revolução", César Ladeira. O prefixo musical eram as marchas militares francesas *Paris-Belfort, Oise et Meuse* e a frase "bordão" de todas as emissoras, "Sustentai o fogo que a vitória é nossa".

De hora em hora, o Rádio Jornal transmitia boletins noticiosos. O último, à meia-noite. O horário nobre, noturno, dedicado a exortações, explicações, sustentação de polêmicas mantidas com as

emissoras sob controle ditatorial. Discursaram, explicaram, apelaram, peroraram aos microfones paulistanos personalidades do gabarito de Monteiro Lobato, Cassiano Ricardo, Paulo Setúbal, Guilherme de Almeida, Mário de Andrade, Alfredo Ellis Júnior, Cyro Costa, Renée Thiollier, os Alcântara Machado, Correa Júnior, Motta Filho, Orígenes Lessa, Cleomenes Campos, Rocha Ferreira, Veiga Miranda, Mello Nóbrega, Walter Barioni, Eurico de Góis, Antonieta Rudge, Guiomar Novais, Sousa Lima, Mignone, Marcelo Tupinambá, Camargo Guarnieri, Alonso Aníbal da Fonseca, Francisco Caldeira, Vítor Brecheret, Gobis, Mugnaini, Lopes de Leão, Pedro Alexandrino, Monteiro França, Segall, Badenes, Belmonte, Valle, sendo Ibrahim Nobre o mais presente e o mais entusiasta.

Vozes clandestinas no rádio de lá e daqui

Afinal, aquelas rádios funcionando revolucionariamente operavam sob a proteção do governo no centro de São Paulo.

Porém, a história do rádio a serviço da causa liberal de 32 guarda capítulo que merece notícia destacada! o das vozes clandestinas a


RADIO SOCIEDADE RECORD
PRAR
PRAÇA DA REPUBLICA, 17 - PHONE 4-0161
S. PAULO
BRAZIL

2


SABBADO, 3 DE SETEMBRO DE 1932 — 8 —

cheiras

Os trabalhos da "Radio Record" nas linhas de frente

Uma turma de artistas da importante estação transmissora paulista offerece momentos de alegria e recreação aos bravos soldados constitucionalistas em descanço na retaguarda

(Reportagem de um de nossos correspondentes especiaes, no posto de Cruzeiro, em S-P)

O "pessoal" que trabalha nas cidades do Norte do Estado

Protectora de e Trabalho Cegos

AM RE-PAGA-

3

1. *João Neves da Fontoura discursa pelo rádio. Atrás, na extrema direita, Menotti del Picchia.*
2. *Proclamação de Francisco Morato, Dagoberto Sales, Sampaio Vidal e Manfredo Costa.*
3. *Reportagem de* A Gazeta.



O general Pereira de Vasconcelos ao microfone da PRAR *— Rádio Sociedade Record.*

favor de São Paulo. Aquela que se fez ouvir para o público do Rio de Janeiro foi a mais perigosamente sustentada, a mais conseqüente. Aconteceu assim. Paulo Yasbek, fundador da LABRE (Liga de Amadores Brasileiros de Radioemissão), cursava, em 1932, o último ano da Faculdade Fluminense de Medicina. O ideal constitucionalista que ganhara boa parte do povo fluminense empolgara também o professor daquela faculdade, Manuel José Ferreira, o engenheiro Manuel de Azevedo Leão, o poeta Filipe de Oliveira, João Daudt, Hime — segundo a relação colhida por Paulo Nogueira.

Paulo Yasbek dirigiu os esforços e recursos de todos eles para a montagem de uma estação que falasse para São Paulo e falasse de São Paulo para os cariocas. Logo a 13 de julho fazia-se ouvir a voz clandestina, levando à exasperação a autoridade policial da ditadura. Certa ocasião, o Cardosinho, o operador usual e o mais atrevido daquele grupo, tomou acomodações no Copacabana Palace Hotel e, do apartamento transformado em estúdio, cobriu de proclamas e críticas aquela sofisticada área da capital federal.

Também informações militares

Mudavam constantemente de posição. Recolhiam informes de guerra doutrinários e propagandísticos da rede de simpatizantes constitucionalistas. Criaram um sistema morse para enviar a São Paulo informações de caráter guerreiro, aspectos e detalhes da vida no ambiente oficial, propiciados, geralmente, por um informante de codinome Tasso, funcionário do Ministério da Guerra. O código foi estruturado sobre dicionário do qual se sabia com segurança existirem no Brasil apenas dois exemplares: tcheco-português. Um exemplar viajou com mil cuidados para São Paulo, via Poços de Caldas. César Yasbek, irmão de Paulo, no quintal da casa número 11-A, Avenida Paulista, recebia e decodificava as mensagens. Incontinenti, levava-as: as secretas às autoridades; aquelas que merecessem divulgação, ao jornal *O Estado de São Paulo*.

Como nos bons filmes de espionagem

Uma chácara em Jacarepaguá, da família Maia, tornou-se o quartel-general do grupo e agasalhou os "estúdios" da "emissora". O dono, Alfredo Maia Filho, diz Paulo Nogueira, integrava a superintendência da Light. Fornecia aos constitucionalistas, além da chácara, ajuda técnica, alimentos, informações.

A certa altura, sucedeu que João Alberto, chefe de polícia, quis ver Alfredo Maia. A organização paulistófila preparou-se para debandar se ele não retornasse ou não desse notícias, mediante um código, dentro de horas. Situação à Hitchcok! Mas o que João Alberto desejava de Alfredo Maia era saber do diretor da Light se mediante desligamentos de zonas poderia a polícia chegar àquilo que investigadores e informantes não alcançavam: localizar a emissora paulista no Rio.

A resposta teria que ser positiva. E foi. "Sim, é possível." "Como?" "Tudo leva a crer", ponderou Alfredo, "que tal estação funcione alimentada pela rede elétrica. Desligaremos os circuitos de zonas determinadas. Se a estação permanecer no ar, teremos localizada uma área ampla. Aos poucos, iremos reduzindo a área, até..."

O chefe de polícia vibrou. E teve pressa: "Ótimo! ponha-se a trabalhar. Organize os planos para os desligamentos"... O técnico fez como queria o policial. Traçava o plano em duas vias. Uma para

• Dura e sem descanso foi a luta do pessoal médico. Tomam-se para exemplo, os pitorescos, sinceros apontamentos do voluntário Almeida Pinto, atuando em posto médico do Setor Sul:

"28 de agosto: (...) ferido gravemente o aspirante Abrão Antônio Corrêa. Lutara bravamente. Medicado, de urgência, é removido para o hospital de sangue de Capão Bonito. Alguns feridos leves são medicados no posto de saúde, junto ao PC (...) às 22 horas recebemos ordem para transferir a intendência e o posto de saúde para a retaguarda. Um temporal medonho dificultou a mudança. Mas foi a sorte, porque abrandou a fuzilaria inimiga. Patinhando no lamaçal, na escuridão, a marcha era de amargar. Pela madrugada nos abrigamos nuns ranchos abandonados. Com o clarear do dia, verificamos que estávamos num chiqueiro! Completamente emporcalhados, molhados e enlameados. ▷

João Alberto, outra para aqueles a quem João Alberto desejava encontrar, e que já valiam, para os policiais e qualquer informante, o prêmio de duzentos contos de réis por cabeça.

O perito em vinho só entendia de radiofonia

Sendo que tudo corria pelo melhor no Rio de Janeiro, Paulo Yasbek decidiu "pregar também em outras freguesias". Escolheram o Rio Grande do Sul, onde, ainda, um punhado de militantes da Frente Única insistia em pelejar, na campanha. Talvez uma boa emissora clandestina despertasse adesões, unisse a corrente constitucionalista.

Compradas as peças necessárias, uma a uma, por todos os membros do grupo e simpatizantes, defrontaram-se eles com a dificuldade de enviar ao destino um material estreitamente vigiado pela polícia. É quando os jornais noticiam a viagem a Porto Alegre do ministro da Justiça. Na relação da comitiva, o Sebastião (provavelmente nome de guerra), elemento ligado ao grupo. O Sebastião não teve dúvidas: incorporou a futura estação clandestina na... bagagem ministerial.

De avião, o Paulo Yasbek chegou a Porto Alegre, estudou o ambiente, fez contatos, foi levado ao industrial fundador da Casa Dreher, como perito europeu na técnica do envelhecimento de vinho. Propunha-se provar ao vinicultor gaúcho o que poderia fazer com o produto da terra. Aceito, exigiu local tranqüilo, acessível somente a ele e a alguns auxiliares. Nesse refúgio montou a emissora, que foi para o ar, sob gáudio bem pouco discreto do grupo conspirador riograndense, sob o nome de Rádio Constitucionalista de Porto Alegre.

Quando o impaciente Dreher verificou que seus vinhos não envelheciam conforme a promessa do técnico europeu, dispensou-o. Paulo entregou a emissora a amigos dispostos e já treinados e retornou ao Rio de Janeiro. Abriu a porta da casa e caiu nos braços da polícia. Nos quais incomodamente permaneceu até o final do ano. João Alberto e sua polícia exigiam de Paulo e de Cardosinho o pagamento de contas que reputavam altas: haviam burlado publicamente e por longo tempo da vigilância e da autoridade.

O oposto também acontecia: emissoras de rádio pró-governo Vargas, funcionando em São Paulo. Afonso Schmidt escreve: "Em certos pontos da cidade, funcionavam transmissores de rádio em permanente comunicação com o Rio de Janeiro. E tal serviço era tão perfeito que a polícia, dispondo de todos os recursos técnicos, só conseguiu apreender meia dúzia de aparelhos, assim mesmo abandonados pelos seus operadores, demonstrando que eles tinham sido avisados na hora oportuna, talvez por espiões de tocaia na própria polícia revolucionária".

A guerra combatida nos hospitais

Rua 24 de Maio, 6. A esse endereço dirigiam-se os que, tendo parente no Exército Constitucionalista, necessitassem de serviços médicos e não pudessem pagar por eles. Ali, o doutor Ernesto de Sousa Campos, impedido de seguir para a frente, atendia a quem mantivesse uma ligação qualquer com a Revolução. E não cobrava. Outros médicos, igualmente retidos na capital, mobilizaram-se e, dia e noite, centro ou periferia, prestavam igual atendimento. É Duílio Crispim Farina o cronista desse episódio singular.

Galeno de Revoredo, "na cúpula das mobilizações para o serviço médico", distribuiu pelas frentes de combate os melhores ci-

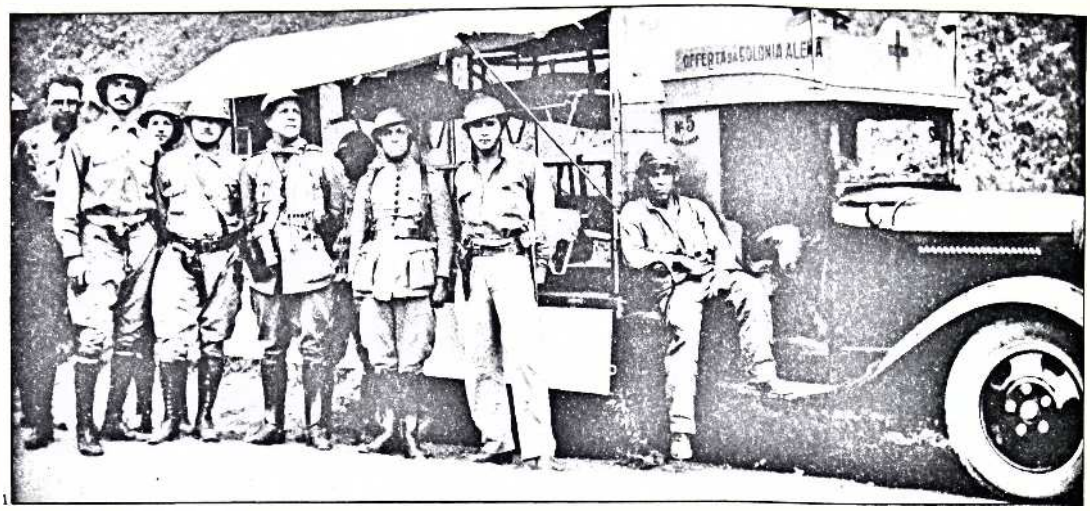
29 de agosto: pela manhã, um elemento de ligação transmitiu a ordem para conduzir os doentes e feridos para Capão Bonito. A situação era insustentável na frente. Estávamos sendo envolvidos. Tomávamos bala pela frente. Pela esquerda e pela direita. Até o PC estava sendo atingido. (...) Chovia torrencialmente. A marcha, a pé, era penosa. O pessoal, em jejum, tiritava de frio e febre. (...) Em Capão Bonito, entreguei os doentes no hospital. E baixei à enfermaria também. Com uma congestão pulmonar. Que deveria me prender no leito vários dias, conforme determinação do doutor Eurico Bastos.

30 de agosto: recebo a visita do doutor Oswaldo Lange, que, com o doutor Jarbas Barbosa de Barros, era do corpo de saúde do Fernão Sales. Mas, esses dois jovens médicos abandonaram a medicina e se meteram nas linhas de combate. Dando duro. Lutando a valer. Bons paulistas, cujo idealismo e coragem eram contagiantes, eram queridos pelos seus comandados.

31 de agosto: à noite, a situação no Setor de Capão Bonito tornou-se péssima. Foi decidida a evacuação da praça. Em caminhões, procedeu-se à retirada dos doentes e feridos. Viagem acidentada. Rumamos para Gramadinho, onde chegamos à meia-noite. A turma se arrumou como pôde. A confusão era geral.

1.º de setembro: nas conversas com os soldados doentes... soube que no Borba Gato, guarnecendo Porto Delfino, estavam alguns colegas da Faculdade de Medicina. Eram eles o Mário Prestes César, de Itapetininga, e Antônio Pires de Campos e Antônio Jarbas Veiga de Barros (Tozé), botucatuenses.

16 de setembro: à tardinha, amainou o combate. A artilharia inimiga, que fizera uma centena de disparos, silenciou os canhões. E foi possível retirar os doentes e alguns feridos, para a enfermaria de emergência".



1

• CONSPIRAÇÃO EM SEPARADO RESULTA EM EFICIÊNCIA

Ademais daquela presteza no atender deve-se tal eficiência a fato singular e significativo: os médicos paulistas mantiveram uma linha de conspiração à parte daquela político-militar. Prepararam-se para os trabalhos que a eventualidade de um conflito exigiria da classe. Alípio Corrêa Neto revela-o: "Pudemos imediatamente, apenas chegados, imprimir esta orientação aos trabalhos, porque no período pré-revolucionário, na hipótese de uma solução bélica para a situação nacional, já havíamos amadurecido um plano de organização que trouxesse aos nossos feridos o máximo de garantia. Na ocasião, só nos foi necessário a adaptação do local". Assim, pôde ele dar efetividade aos serviços médicos da principal frente de combate, auxiliado por Eduardo Etzel, Francisco Carutti, Ulbaldino Antunes, Haroldo Toledo entre outros. Euclides Figueiredo, em registro de 18 de julho, informa haver entregue a chefia do serviço de Saúde da sua divisão ao major médico Herbert Vasconcelos.

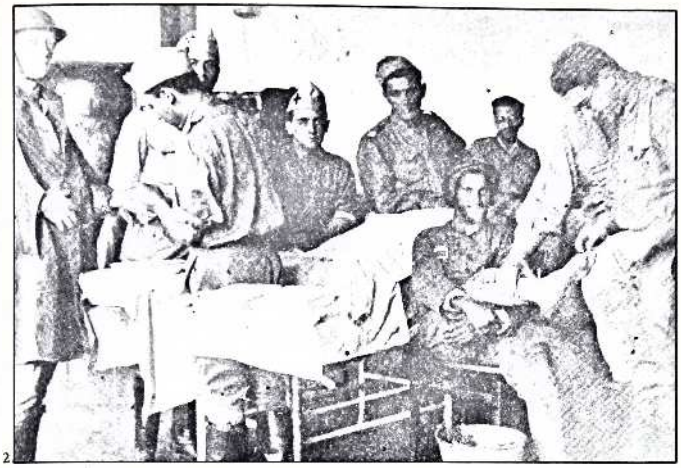
Nas outras frentes, embora sem a extensão e a intensidade daquela de leste, o atendimento médico correspondeu ao esforço que a organização revolucionária desenvolveu. E, mesmo, motivou solidariedade e participações interessantes. A exemplo da oferecida pela colônia italiana.

rurgiões, os mestres da Faculdade de Medicina. Antônio Bahia, assistente da cadeira de Técnica Cirúrgica, e seu irmão Alfredo vão trabalhar no Setor Sul. Inicialmente, em Piraju, instalando posto médico que cobria o Setor do Paranapanema. Muitos feridos, poucos recursos: escassez de medicamentos, até de fios para sutura. Quase tudo devia ser improvisado, substituído. Aos médicos, por vezes, faltava mesmo alimentação. Também ocorria ser o ferido um médico, atingido ao lutar como infante na trincheira ou no atrevimento de uma atenção maior ao soldado. Foi assim com Argolo Ferrão, operado no posto dos irmãos Bahia. Os governistas avançaram, o posto recuou, sempre trabalhando; de Piraju para Avaré, daqui para Botucatu, onde tudo terminou.

Em todas as frentes

Nas demais frentes a situação e os trabalhos não foram mais fáceis nem menos pesados. Na Frente Norte, com fulcro no Setor do Túnel da Mantiqueira, os combates eram diários, exigindo devoção em alto grau, da qual nos transmite abundância de pormenores o relatório do professor Alípio Corrêa Neto. Esse documento diz da necessidade, logo nos primeiros dias de luta, "da organização de um hospital de sangue, em Cruzeiro, para atender a uma linha de combate relativamente extensa, que, em forma de semicírculo, se dispunha em relação àquela localidade". A 16 de julho, já o hospital atendia cirurgicamente aos feridos, ocupando os 65 leitos da Santa Casa local. Da asperosidade da luta naquela frente diz bem o fato de em agosto criarem-se dois outros hospitais, sob a direção do doutor Jairo Ramos. "...duas grandes enfermarias para pequenos feridos, para operados graves (geralmente de abdômen); um quarto com dois leitos ficou reservado para os feridos em estado de coma e para os moribundos; outra enfermaria recolhia os sargentos (sete leitos); dois quartos espaçosos, com capacidade para quatro camas cada um, foram reservados para os oficiais."

Os estudantes José Ramos Júnior e Waldomiro May recebiam, identificavam e registravam os hospitalizados; Gabriel Botelho assistia o cirurgião cruzeirense Mário Pinto nas operações menos graves. Nas enfermarias e salas de atendimento aos soldados que estavam em trânsito ou feridos levemente, o trabalho era encargo dos estudantes



Dirceu Araújo, Darcy Xavier, Jocelin Bastos, Nelo Guimarães.

Um gabinete radiológico funcionava ligado aos serviços de cirurgia. Os aparelhos ali em uso pertenciam ao doutor Cássio Vilaça, que também oferecia os seus trabalhos como contribuição à causa. A cidade de Campinas fornecera os especialistas Leck Júnior e Paulo Ariani para a clínica oftalmológica, na qual recebiam o auxílio dos estudantes João Griecco e Pedro Alcântara. O setor de otorrinolaringologia era coberto pelo doutor Gabriel Porto, enquanto Marcos Lindberg cuidava do laboratório. A farmácia anexa ao hospital foi entregue à custódia, a princípio, de José Moretzsohn e, mais tarde, de Alfredo Flacquer.

Esse esquema repousava nos serviços auxiliares e nos fornecimentos preparados na retaguarda. Alípio elogia serviços e medicamentos:" . . . o material farmacêutico era em abundância e satisfazia plenamente as necessidades mormente no que concernia ao serviço cirúrgico. Os soros artificiais, os soros curativos, os medicamentos injetáveis de que precisávamos diariamente, em largas quantidades, graças às contínuas e prontas remessas feitas pelo serviço sanitário. (. . .) O material cirúrgico foi aumentado e melhorado com as remessas do serviço sanitário de São Paulo e não nos faltaram, nunca, os medicamentos, que recebíamos quanto necessário, à primeira solicitação".

Unidade Cirúrgica Itália

Médicos e técnicos italianos da área da saúde, com experiência ou notícias do que se fizera em seu país durante a guerra mundial, confiaram ao professor Manginelli fundos destinados à compra de seis caminhões a serem adaptados para servir como ambulâncias. A coletividade peninsular, em seguida, ofereceu o necessário suporte para que essa coluna de veículos resultasse em base para o hospital de sangue instalado no prédio do grupo escolar de Capão Bonito.

A 25 de julho a Unidade recebeu o comando do professor Benedito Montenegro e os serviços dos médicos João de Lorenzo, Piragibe Nogueira, Reinaldo Figueiredo, Eurico Bastos, assistidos pelos estudantes Piero Manginelli, Ângelo Mazza e Eugênio Mauro. O governo revolucionário oficializou a Unidade, integrando-a no Exército Constitucionalista e conferindo o oficialato aos seus integrantes.

• PADRES SÃO HOMENS

Quem contou foi o coronel Herculano C. e Silva: "Um capelão — aconteceu na frente áspera de Eleutério —, não sabemos de que ordem religiosa, acompanhara as tropas revolucionárias que ali operavam. Certa vez, numa trincheira, o fuzil de lado para defesa pessoal e o breviário na mão esquerda, porventura aberto na página em que pedia a Deus remédio para tão grande mal, indiferente às balas, que lhe assobiavam sobre a cabeça, e aos *schrapnells* e granadas que explodiam perto, continuava o padre a sua leitura. Num dado momento, em que mais acesa ia a luta, levantou os olhos da página que lia. Voltou-se, então, para o fuzil, fechou o breviário — que colocou num dos bolsos da sotaina — e, pegando da arma, pronunciou distintamente estas palavras: 'Deus que me perdoe! . . .' E foi um dos combatentes que mais lutaram nesse dia".

Do lado oposto também chega exemplo, registrado por Guilherme de A. Barros: "No Túnel da Mantiqueira, um padre austríaco, residente em Passa-Quatro, distribuía munição aos soldados legalistas, batendo-lhes nos ombros e dizendo: 'coragem, rapazes, pontarias certeiras contra aqueles rebeldes paulistas . . .' "

1. Ambulância doada aos paulistas pela colônia alemã radicada em São Paulo.
2. Sala de curativos do hospital de sangue do Setor Sul.



Curso de emergência

Preparando pessoal para as necessidades dos hospitais e postos de frente, o doutor Raul Briquet organizou curso de emergência. Em semanas, habilitava mulheres abnegadas para cumprir tal serviço.

Preparo e abnegação eram bem necessários. Os postos, quase sempre, alinhavam-se com as trincheiras. No esforço para salvar vidas e minimizar sofrimento, as ambulâncias chegavam às linhas de fogo, podendo, os motoristas, padioleiros, enfermeiros, médicos, subscreverem o relato do professor Montenegro: "presenciamos visões aterradoras das cenas de combates com o rugir dos canhões, o estourar das granadas, o matraquear das metralhadoras, o silvo das balas de fuzil, o estrondo das bombas de avião, tudo confundido numa ação destruidora, infernal..."

A parte que a Igreja assumiu

Monsenhor João Batista de Carvalho deu a seu livro a respeito do movimento revolucionário o título "O clero solidário com o povo em 1932". Assim é que aconteceu, de fato.

Pronunciamentos

Atitudes claras foram tomadas. O arcebispo Duarte Leopoldo e o vigário-geral monsenhor Gastão Liberal Pinto são os primeiros signatários do manifesto "Ao povo brasileiro", datado de 14 de julho, lido ao microfone das rádios paulistanas e lançado sobre o Rio de Janeiro e cidades sul-mineiras pelos aviadores que a tanto se arriscaram. Embora alegando, na introdução, pronunciarem-se como "simples cidadãos colocados em situação de observar os fatos com serenidade", davam "depoimento leal sobre os acontecimentos de São Paulo". Garantiam: "São Paulo não pegou em armas para combater os seus queridos irmãos dos outros Estados nem para praticar a loucura de separar-se do Brasil..."

O rádio foi transformado em espécie de púlpito. Rezava-se em comum, confortava-se o soldado entrincheirado, levava-se consolo e esperança às famílias, garantia-se ao país que a Revolução tinha propósitos os mais nobres.

1. *Dom Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo de São Paulo.*
2. *Monsenhor Gastão Liberal Pinto discursa aos voluntários paulistas concentrados na Praça da Sé.*



Houve preocupação de sacerdotes e bispos filhos de outros Estados pastoreando rebanhos paulistas de positivarem sua mobilização e sua crença nos objetivos de brasilidade e constitucionalidade do movimento revolucionário.

Ao microfone da Rádio Educadora, disse dom José Maurício da Rocha, bispo de Bragança Paulista: "Posso, portanto, afirmar a todo o Brasil, especialmente à minha gente da terra das Alagoas, pequenina, mas berço dos grandes generais da República, que São Paulo combate pela reconstitucionalização do país, e isso faz por entender que o retardamento dessa medida seria sua ruína individual, e, conseqüentemente, do Brasil, que não pode viver sem São Paulo".

A participação do clero não ficou nas bênçãos, missas, mensagens radiofônicas. O livro de monsenhor Carvalho relata que "o prelado carioca dom Carlos Duarte Costa, então bispo de Botucatu, acompanhou com carinho extremado a formação do batalhão de voluntários de sua cidade episcopal, escoltou-o até esta capital, e aqui falou aos brasileiros de sua cidade de nascimento, o Rio de Janeiro". O Batalhão Diocesano de Botucatu, com o seu capelão e as bênçãos do bispo nascido carioca, batalhou na Frente Sul.

O jornal *A Gazeta,* edição de 17 de agosto, testemunha um devotamento constitucionalista ainda mais importante porque vivido fora do Estado revolucionário. Portanto, em condições mais difíceis. Diz: "O bispo de Uberaba, dom frei Luís Sant'Anna, paulista ilustre, não é somente um sacerdote virtuoso, um pregador eloqüente, um evangelizador emérito. É também um homem de ação.

Noticiamos, há tempo, que logo no início do movimento salutar de 9 de julho, Sua Excelência Reverendíssima dirigiu uma proclamação aos seus diocesanos, aconselhando-os a não se bater contra São Paulo, e a enfileirarem-se nas hostes constitucionalistas.

O grande prelado, secundando agora as suas palavras, organizou uma coluna de trezentos homens, e, à frente deles, incorporou-se às forças paulistas".

Embora não haja comprovação de que esse bispo franciscano tenha dirigido tais proclamações e muito menos recrutado e comandado trezentos constitucionalistas mineiros, parecendo mais tratar-se de visita e de conselhos a grupo talvez disposto à mobilização pró-São Paulo, seu posicionamento resultou definido.

Cristã sobretudo, mas corajosamente constitucionalista, foi a atitude do bispo dom Otávio Chagas de Miranda quando numerosos paulistas entraram em Minas em busca de definição e preferentemente de adesão da tropa federal de Pouso Alegre. Até não se exclui uma disposição de, em caso de negativa, atacar. Fato é que foram eles os atacados. Diversos caíram diante do quartel, entre os quais o seu chefe, Rubens Sales e Francisco Ferreira Alves Filho. Lá ficaram, no chão. O bispo saiu de sua casa e, em meio ao pânico estabelecido e ao temor geral à punição, foi recolhê-los, identificá-los e dar-lhes sepultura.

Guerra psicológica: o horror paulista ao sábado.

Durante a campanha, os paulistas teriam preferido que os dias de sábado deixassem de existir. Esperavam-no e viviam-no com horror. Nesse dia da semana, acostumaram-se a perceber e a proclamar — aconteciam desastres.

Exemplos?

O próprio 9 de julho caiu em um sábado. E não faltaram juízos

• Menotti del Picchia relata: "Mal chegou, com o dia 16, o primeiro sábado da campanha. Potestades funestas presidiam esse dia fatídico para o calendário constitucionalista. Esse e os subseqüentes foram portadores de trágicos eventos, dramáticos desastres, repulsivas traições, desesperantes fatalidades. Maus nomes ou demônios tutelares do torvo inimigo influíam satanicamente nos sábados paulistas. Por tal forma nefastamente se celebrizaram os sábados que eram com supersticiosa apreensão que a mão nervosa arrancava da folhinha o número assinalador da sexta-feira".

Em *São Paulo contra a ditadura,* autoria de capitães da Força, lê-se quase o mesmo registro: "Um poder oculto parece ter chamado a si a incumbência de encadear coisas para o catastrófico desfecho que teve a grandiosa manifestação do civismo e da bravura do povo bandeirante, explodida a 9 de julho. E de tudo que de mais grave e desastroso para os destinos da Revolução acontecia calhava de ser nos sábados, numa fatídica coincidência, capaz de ferir a atenção dos indivíduos menos supersticiosos ou fatalistas".

● Ironia e humor no campo de batalha
A mais terrível das guerras é aquela travada entre irmãos. Mas... afinal, os irmãos se conhecem, embora desavindos. Sabem como rir das próprias mazelas e das alheias.

● Nos muros de Capão Bonito
Capão Bonito esteve ocupada por tropas constitucionalistas. Depois, pelas ditatoriais. Alguém, durante as duas ocupações, anotou parte do que foi escrito nos muros da cidade e entregou os apontamentos a Cornélio Pires. Estão no livro *Chorando e rindo*.
Bilhete pregado por um paulista que se retirava, na lousa escolar:
"Linda professora.
Em vergonhado de cer preciso de occupar seus obejetos, peço a amiguinha, sem a conhecer mesmo, me desulpar.
Desde já agradeço.
O amigo às orde, Ubirajara Sobr."

"Um beijo a mais linda paulista deste club eu sou um sargentinho lindo e não sou convencido — Adahir Monteiro. 13.º RC de Joinville."

"Paulistas:
O sangue dos que tombaram no campo de honra, em defesa da pátria estremecida para abafar uma 'intentona do perrepismo' será a última pá de cal, para ereção do Movimento Revolucionário de Outubro!!!
Vede paulistas em que estado de penúria ficou nosso bello, forte e amado Brasil. 6.9.32."

"...egalistassão valentes, não são ladrões como os paulista."

"Pra fazer revolução é preciso ter colchões roxos e paulista é floxo, só farra."

paulista e ludise os teus conterraneo pra matar e robar."

"Aqui esteve José Cabo uma belezinha de moço."

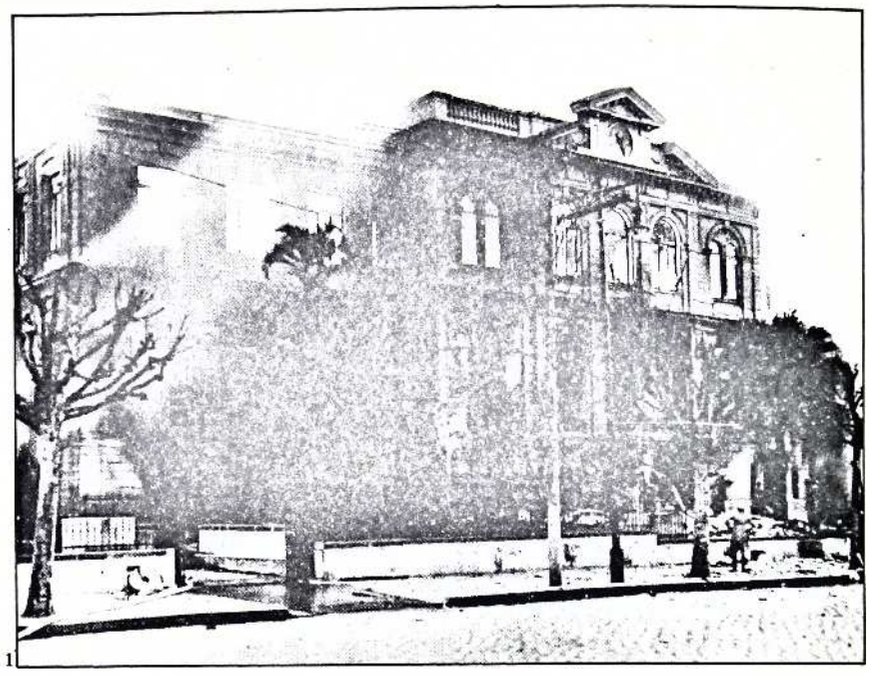
"Os paulistas fizeram revolução por sport tudo fiado e requisitado."

"Aqui,
manda
é gaucho."

"Sedesta vez os paulistas não ficar curado de revolução então só castrando todos."

"Gaucho briga tres dias sem comer nem beber água e no fim ainda sobra gente pra dar de relho na paulistada."
(Por baixo desta bravata, lia-se: "Morra os gaúcho. Tudo por São Paulo".)

"Força Militar do Estado do Paraná
Viva o home do capote preto." ▷


1

a desaprovar a precipitação, acusando o general Klinger, fornecedor intencional do pretexto para o rompimento. "Tivéssemos podido esperar mais, articular um pouco melhor, e outra teria sido a história da Revolução." Os articuladores da Frente Única gaúcha desejavam mais quinze dias para entendimentos. Os militares e os civis que preparavam o movimento no Rio de Janeiro, especialmente na Vila Militar, explicaram-se quanto ao não se terem movido: teria sido necessária uma semana ainda de tempo. O oficial encarregado de levantar grupos pelo norte-nordeste nem deixara o Rio de Janeiro, pois a data aprazada era a de 14 para o rompimento, onde fosse possível. Mas São Paulo deu o grito de revolta no dia 9, um sábado.

Explode o Quartel da Força Pública

O sábado seguinte foi o dia 16. Às 17 horas, estando a cidade sob a tensão dos vôos ameaçadores dos "vermelhinhos" ditatoriais, o bairro da Luz estremece, sacudido por violenta explosão. Os Campos Elísios estão próximos, o centro da cidade não dista muito.

Explodiu o paiol — acidente? sabotagem? — do Quartel-General da Força Pública. Um dos efeitos — sucessão de atos de sabotagem? —, o incêndio do depósito de gasolina. O pátio, os corredores, estavam repletos de milicianos e de civis, mulheres, crianças, tratando de assuntos assistenciais, oferecendo colaboração. Houve numerosos mortos e feridos.

O fatídico 23 de julho

No sábado, 23 de julho, os "vermelhinhos" bombardearam o Campo de Marte. Imperícia ou objetivo secundário a atingir, uma das bombas explodiu junto ao Clube Espéria, naquela hora e dia repleto de freqüentadores, incluindo-se mulheres e crianças. Efeito psicológico muito grande: pânico, atropelo, constatação da vulnerabilidade dos céus e das casas paulistanas ante o inimigo até ali inconsiderado: o avião. Depois desse, aos sábados, sem falta, os "vermelhinhos" visavam o Campo de Marte, circunstância que sugeriu ao povo referir-se àquele local como "Campo Mártir".



2

"Nos angulos do Continente
O pavilhão tricolor
se diviza sustentado —
por liberdade e valor.
RR-XX-IX-1835 (5)."

"SOMOS GAUCHO SE NOS PISAREM NO PONCHE TREME O SUL E ABALA O NORTE."

"AQUI ESTEVE O PARANAENSE QUE DEFENDEU
A DITA-DURA
E DEIXOU OS PAULISTA
MOLE."

(Na parede de uma sala, sobre um boi relativamente bem desenhado e nomeado "Boi pampeano":)

"Posto Médico
CPBMERGS
VIM VI VENCI".

(Numa face externa do muro do grupo escolar haviam escrito:)
"BATALHÃO 14 DE JULHO";
(outra mão mais apressada ajuntou, embaixo:)
"— ESPECIALISTA EM RETIRADA".
"VIVA A 2.ª CIA DE POLICIA PARANÁ. Leão do Mato Terror do Campos."
"8.º RI — Leão do Sul Terror do Norte."
"ADEUS CAPÃO BONITO — ATÉ OUTRA REVOLUÇÃO."

O sábado 23 de julho foi particularmente fatídico para a Revolução. Ademais das bombas sobre Marte e junto do Espéria, registrou dois acontecimentos fortemente lutuosos. O primeiro, de conseqüências imensuráveis para São Paulo: em Santo Amaro, experiência desastrada com certo tipo de morteiro culmina com a explosão da granada na alma da peça, provocando a morte do coronel Júlio Marcondes Salgado, comandante da Força Pública, e do major Marcelino, um dos criadores da bombarda. Feridos, o general Klinger, o tenente-coronel Salvador Moya, o tenente Saraiva, o político Wladimir Piza. O segundo desastre do dia, perda nacional e luto universal: o suicídio de Alberto Santos Dumont, no hotel do Guarujá onde se hospedava, exasperado com o ouvir e o assistir o emprego que reputava mau para o seu invento principal: o avião.

Sábado sobre a barra de Santos

Em outro sábado, 24 de setembro, a aviação golpeou outra vez o ânimo constitucionalista. Com o atrevimento que foi sua marca e característica, os três aviões da esquadrilha Gaviões de Penacho atacaram a esquadra, na barra. Cai ao mar o avião teste, morrendo os dois aviadores.

O 1º de outubro também foi sábado

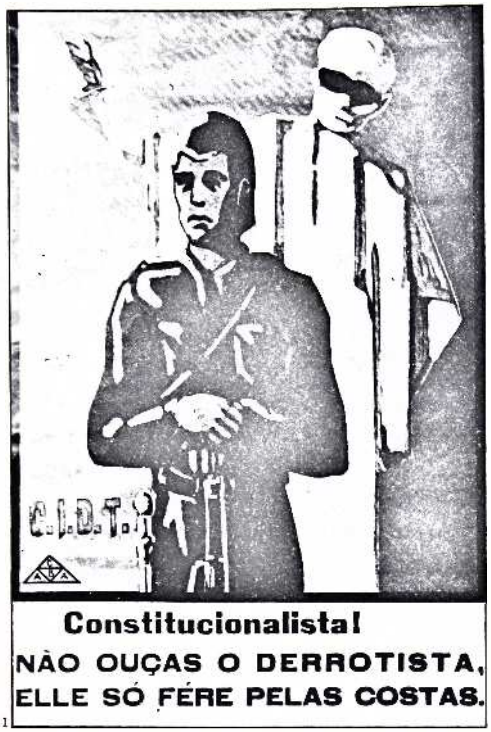
Finalmente, foi no sábado 1.º de outubro que celebrou-se a Convenção Militar, obediente à qual a Força Pública do Estado deixou as trincheiras, obrigando à colocação de ponto final na história da Revolução Constitucionalista.

Paulo Virgínio, herói mártir

Paulo Virgínio, lavrador humilde, preferiu a tortura e a morte a delatar a posição da tropa constitucionalista com que cruzara a caminho do trabalho.

Finda a campanha militar, a autoridade vencedora agiu corretamente. Abriu inquérito, prendeu e julgou os responsáveis. O pro-

1. Aspecto do incêndio que destruiu o quartel do comando geral da Força Pública paulista.
2. Os aviadores Baumgarten e Mourão de Oliveira, que voaram sobre o Rio de Janeiro.



1



2

cesso revelou que na manhã invernosa, o caboclo, dirigindo-se à roça, cruzara com força paulista em deslocamento. Adiante, com uma patrulha federal: sargento de polícia comissionado em tenente e cinco praças. O tenente decidiu que, pela direção seguida, Paulo saberia o rumo e a distância em que se encontravam os revolucionários. Não nega que sabe, mas recusa-se a informar. Agredido, mantém a recusa. Atiram-no ao riacho de montanha, frígido ao amanhecer. Insiste no silêncio. Fervem água, queimam-lhe com ela peitos e costas e o mergulham outra vez no ribeirão. Calado, sempre. Uma vez que conduz as ferramentas para o trabalho, que abra com elas a cova onde será enterrado. Obedece. Aberta a sepultura, repetem a pergunta: "Para que lado foram os paulistas? Há quanto tempo?" Mesmo diante das armas apontadas e da fossa aberta, sustenta o silêncio. Silêncio rompido por dezoito tiros. Cada homem da patrulha alvejou-o três vezes. No bronze do monumento erguido à sua memória, lê-se: "Ele caiu para que pudéssemos permanecer de pé".

Ao seu lado, no cemitério de Cunha — fraternidade brasileira ao fim da desavença —, estão oito fuzileiros navais mortos em combate travado ainda naquele dia, contra aquela mesma força paulista.

Atividade secreta na capital do ditador

Além da rádio clandestina que operou no Rio de Janeiro, outras atividades antiditadura e pró-São Paulo constitucionalista foram ousadamente desenvolvidas na capital do ditador, sob o franzir de olhos da sua polícia.

Sabe-se, por exemplo, do que fez o grupo Caixa Paulista. Não

• Os violeiros da Mantiqueira ainda cantam a história de Paulo Virgínio:
"Mandô chamá seu Benedito Maria
que era seu amigo garantido
e fez a recramação
do que tinha acontecido.
Mais mandaro ele virá as costa
dero dezoito tiro no ouvido
cinco sordado e um tenente
foi a crasse desses bandido.
Pra quem pensa e considera
veja que pedaço mais doído"

era esse o nome. Aliás, não tinha nome. Nem deveria. Mas já se verá o porquê de "caixa paulista". Reuniram-se Paulo de Godói, médico da FP de São Paulo, surpreendido no Rio de Janeiro quando em missão conspiratória, Nélson Líbero, Laudo de Camargo, José Almeida Camargo, dona Alice Tibiriçá.

A "caixa" abrigava e encaminhava, por vias confiáveis, a quem desejasse atingir as trincheiras paulistas; financiava correios revolucionários; homiziava personalidades caçadas pela polícia getulista. O seu trabalho mais sistemático foi porém o redigir, mimeografar e distribuir, em torno de mil exemplares por edição, do jornal clandestino *O Libertador*. Os automóveis dos integrantes do grupo tiveram o fundo transformado em alçapão, que, nas ruas e avenidas do Rio, em horas propícias, "desovava" o jornal, combatendo, desmentindo, desmitificando. E até, por ser jornal feito no Rio e para cariocas, devia ter humor. Alcançou sucesso especial com a tirada que desejava profética:

"O Washington Luís saiu levado pelo cardeal. O Getúlio sairá conduzido pelo Espírito Santo". (Referência ao general Espírito Santo Cardoso, ministro da Guerra.)

Soldado que voltas das linhas de frente

Cuidado com as perguntas que te fazem!

Nunca dês informações sobre o effectivo das nossas forças, sobre a posição dos nossos contingentes, sobre os nossos recursos em armas, munições e homens.

Uma indiscreção tua póde causar grandes desgraças e custar a vida de muitos dos teus companheiros.

Cuidado com as tuas palavras!

E' a Liga de Defesa Paulista que te avisa.

3

Outro expediente, além daquele do alçapão, consistia em adquirir bom número de exemplares dos jornais notoriamente alinhados com o ditador e enxertar neles *O Libertador*. Depois, nas estações ferroviárias, nas portas dos quartéis, distribuir os insuspeitos veículos informativos.

Quando a polícia de João Alberto estava por alcançá-los, o Godói, o Almeida Camargo e mais Domiciano de Campos, avisados a tempo, dirigiram-se a Caxambu, com um salvo-conduto expedido em favor de senhores exaustos de tanto trabalhar no combate à Revolução e que por isso bem mereciam uma estação de águas. De Caxambu, por Três Corações, atingiram Guaxupé, São Sebastião do Paraíso, onde foram presos à ordem do secretário da Segurança de Minas Gerais. Na madrugada em que seriam encaminhados a Belo Horizonte, a guarda revelou-se pró-São Paulo e deixou a porta apenas encostada. Continuando a viagem, a pé como desde Caxambu, atingiram a paulista Santana dos Coqueiros, onde, depois de esforçadamente convencer a força local de que não se tratava de espiões ou de sabotadores, chegaram a São Paulo. Sem sequer visitar os familiares, correram a inscrever-se na Força Pública.

● ESPIONAGEM HAVIA

"Cruzeiro era, quase toda, simpática à ditadura. A espionagem contra as nossas forças desenvolvia-se desassombrada. Nas vésperas da nossa retirada, descobriu-se um telefone, em casa particular, ligado diretamente ao QG de Queluz. O canhão 150 chegou àquela cidade e abrigou-se nos armazéns reguladores de café. No dia imediato um aeroplano atirou-lhe três bombas sem resultado, é verdade, mas por imperícia do aviador. Instalado o QG do coronel Veloso em uma velha casa, à beira da estrada de Pinheiros, atiraram-lhe quatro bombas de avião, cujos estilhaços foram quebrar as telhas da casa. Os bônus circulavam de má vontade. Até um tranca de um sorveteiro preparava uns gelados com tintas, que produziam cólicas nos soldados." (Samuel Baccarat, *Capacetes de aço.)*

● "Aprecie-se a extensão da frente coberta por esse destacamento; quase nenhum escalonamento em profundidade. Um dispositivo linear, que os ditatoriais não souberam, ou não puderam, levar de vencida, apesar das informações seguras que tinham, quer pela espionagem desabrida que lavrava entre nós, quer pela sua aviação..." (Coronel Euclides Figueiredo, *Contribuição...)*

1. Cartaz do CIDT.
2. Bilhete postal.
3. Aviso publicado no Jornal das Trincheiras, *28.8.1932.*
4. Bilhete postal.

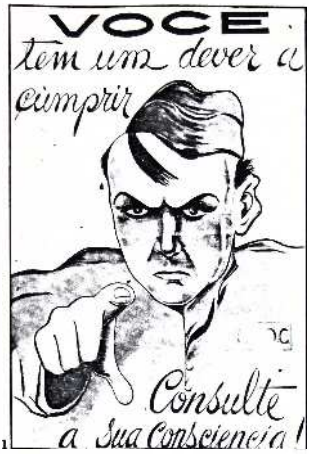
Paulistas!

Olho vivo nos espiões.

Boateiro é espião.

LYNCHA!!

4



1







2

Os selos postais da Revolução

Nenhum dos serviços habitualmente prestados ao público pelos organismos poderia sofrer na continuidade ou na qualidade: decidira o governo revolucionário.

Serviço essencial, o dos correios, foi avocado e confiado à Secretaria da Viação e Obras Públicas. O encarregado direto, engenheiro Manfredo Costa, foi alertado para a quase exaustão dos estoques de selos postais. Urgia providenciar emissões, ligando-as, naturalmente, ao movimento constitucionalista. Convocada, a Sociedade Filatélica Paulista começou o trabalho a 6 de agosto, abrindo concurso para estampa monocolor, considerados apenas os dizeres: "Brasil Correio — Pró-Constituição".

Apesar da guerra, das dificuldades, 45 concorrentes enviaram 92 sugestões a serem julgadas por Afonso de Taunay, Alexandre de Albuquerque, Ricardo Severo, Nestor Barreto, que era o chefe do tráfego postal, e Edgar Conceição, presidente da Sociedade Filatélica. Resultaram vencedores os trabalhos de Washt Rodrigues, Waldemar Amarante, Teodoro Braga, Teófilo Dabague.

Decreto de 2 de setembro autorizava a emissão de onze valores (100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 1 000, 2 000, 5000 e 10 000 réis), no total de 6 830 000 exemplares que entraram em circulação a 13 de setembro. O governo Vargas, retomando controle sobre São Paulo, permitiu que tais selos circulassem até o dia 31 de outubro.

O dinheiro e os bônus

A 14 de julho o decreto número 5 585 do governo revolucionário estabeleceu que São Paulo constitucionalista teria seu dinheiro próprio enquanto houvesse carência daquele federal, porquanto as atividades produtivas não poderiam ser prejudicadas pela falta de meio circulante. Os bônus da Revolução ajudariam a reforçar o tesouro estadual, especialmente solicitado pelos gastos da guerra.

As cédulas, quatro polegadas por duas, tinta rósea sobre fundo amarelado, anunciavam-se "Pró-Constituição" e ganharam ilustrações evocando bandeirantes paulistas e grandes vultos nacionais: Rui, Caxias, Osório, Floriano, Tamandaré, Barroso. A impressão coube aos prelos da Companhia Melhoramentos de São Paulo.

O governo justificou essa emissão estadual, face às inquietações internas, mas teria buscado também firmar-se como capacidade de exercício do poder aos olhos dos países aos quais pleiteara o reconhecimento de sua beligerância, alegando que dispunha "de poder liberatório, emitido sobre lastro de cheques contra o Banco do Brasil em vista dos recursos do Estado ali existentes".

Sucedeu que, sendo a tinta e o papel encontradiços na praça e a impressão realizada à pressa, dada a urgência requerida, mais de um falsificador produziu emissões particulares do bônus de Revolução e colocou-as no mercado. O mesmo, aliás, ocorreu também com os selos da Revolução. Os espertalhões estavam mesmo nos subterrâneos.

Cartazes

O ímpeto, o entusiasmo, a despertada criatividade revolucionários manifestaram-se em todas as áreas e atividades. A comunicação visual — nem se falava nisso, então — apenas começava, no país.



3



4

1. *Cartaz do* MMDC.
2. *Selos do correio constitucionalista.*
3. *Bónus. Desenho de Belmonte.*
4. *Bónus.*
5. *Medalha.*

Nesse campo, fazia-se arte, ignorando-se, ainda, a técnica em suas minudências. Agências de propaganda engatinhavam.

Contudo, floresceu, nos muros das cidades paulistas, uma geração de peças publicitárias conclamando ao alistamento militar, à doação de bens e de serviços. Em sua maioria, peças anônimas, predominando o espírito da colaboração. Não buscavam, tais artistas, a glória pessoal mas a vitória coletiva da causa constitucionalista.

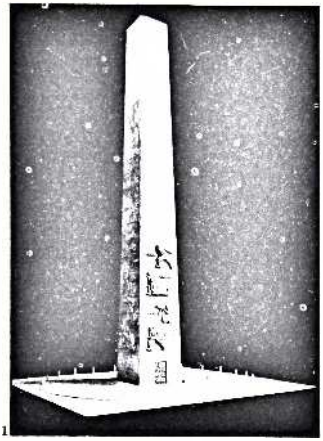
Distintivos

Gravadores e esmaltadores deram contribuição abundante para o acervo de arte e técnica resultante da Revolução. Logo na primeira semana surgiram distintivos caracterizando o movimento no entrelaçamento das bandeiras nacional e paulista, os vultos principais à testa da arrancada constitucionalista. Depois, as diferentes unidades distinguiram-se pelas peças mandadas produzir. Sobem a quase oitenta os distintivos, anéis, crachás inspirados pelos dias de luta de 1932.



5

O sono do soldado



1

1. *Maquete do monumento aos mortos de 32.*
2. *Esboços do arquiteto Galileo Emendabile.*
3. *Galileo Emendabile e detalhe do monumento.*

O Monumento Mausoléu Constitucionalista

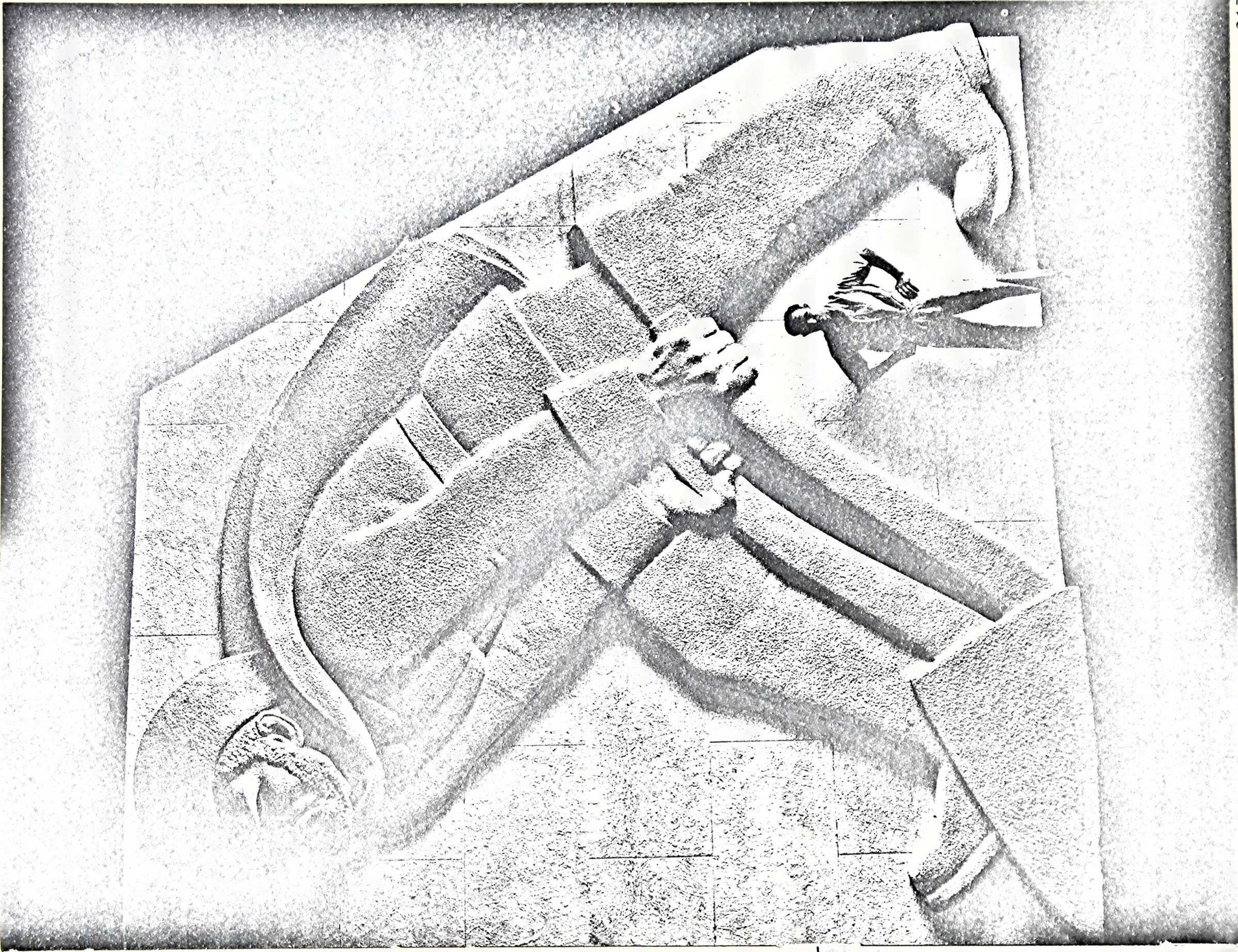
No Parque do Ibirapuera, entre avenidas-artérias paulistanas, junto à sede do governo da cidade e do legislativo do Estado, erguese o Monumento Mausoléu ao Soldado Constitucionalista. Propõese à veneração do povo e à guarda da história.

Aponta para o infinito, que é a eternidade, com a agulha marmórea do obelisco de 77 metros, plantado em área de 21 000 metros: território de idealistas que lutaram com bravura e morreram com glória.

O conjunto é prisma, cujas quatro faces lembram os quatro séculos da história paulista. Duas portas de bronze, voltadas para o norte e para o sul, simbolizam as portas de madeira da São Paulo nascitura, defendida contra os bárbaros que a agrediram a 9 de julho de 1562. Evoca, ainda, os 601 constitucionalistas — número oficial — que morreram em 1932.

Por isso, a concepção de Galileo Emendabile enaltece nos painéis de mosaico o valor da vida quando dedicada a um ideal. A cripta-igreja, sem bancos, convida os visitantes a permanecer ou em pé ou ajoelhados, posturas corretas para quem defronta heróis e mártires. Os 1 400 metros quadrados da cripta podem congregar 3 000 pessoas. Sua altura é de cinco metros, a profundidade, de 81, a frente, de 110.

Guilherme de Almeida explicou, nas legendas, o significado da fusão harmonizada entre pedra e espírito correspondente às partes não-pedra do monumento mausoléu, as partes heróica e místico-religiosa.



SER PAULISTA

Ser Paulista é ser grande no passado!
É ser maior nas glórias do presente!
É ser a imagem do Brasil sonhado,
E, ao mesmo tempo, do Brasil nascente!

Ser Paulista! É morrer sacrificado!
Por nossa terra e pela nossa gente!
É ter dó da fraqueza do soldado,
Tendo horror à filáucia do tenente!

Ser Paulista! é rezar pelo Evangelho
de Rui Barbosa, o Sacrossanto Velho
Civilista imortal da nossa Fé!

Ser Paulista! em brasão e em pergaminho
É ser traído e pelejar sozinho,
É ser vencido mas cair de pé!

Martins Fontes

1. *Esboços de Galileo Emendabile.*
2. *No toque do clarim, a cada 9 de julho, a convocação dos veteranos de 32.*

Os quatro painéis da abóbada e da cripta voltam-se para: I — São Paulo, Cidade do Trabalho; II — Natividade; III — Sacrifício; IV — Ressurreição.

Nas palavras do poeta:

"I — *São Paulo — Cidade do Trabalho.* É este painel uma faixa circular inicial da alta abóbada cônica aberta, em obus, no interior do imenso obelisco e emborcada como redoma sobre o sono eterno do Grande Morto de mármore estendido em sua essa, entre a cripta e a capela. As imagens desse anel de mosaicos dir-se-iam a derradeira visão de São Paulo que o Herói guardasse sob as pálpebras fechadas. Entre o vôo da "bandeira das treze listas" e a "bênção do Apóstolo São Paulo", opostos diametralmente no aro enorme, desdobra-se toda uma teoria de másculas figuras do trabalho: um timoneiro ao leme (evocação do *"Non ducor, duco"* do brasão metropolitano), abridores de estradas e assentadores de dormentes, pedreiros construtores, operários da Indústria, da Lavoura e do Comércio. Acompanhando essas imagens, reza a legenda circular ininterrupta: "Gente do Trabalho muito e múltiplo, como o seu padroeiro — o Apóstolo São Paulo — levou ao gentio o livro da lei e teve a espada do martírio".

Embaixo, na capela, os três grandes murais à esquerda, ao fundo e à direita do altar, representam três máximos instantes da vida de Jesus Cristo sobre a terra, paralelos a três momentos máximos da história de São Paulo. Tratada com religioso respeito, essa simbólica correspondência entre o plano divino e o humano assim se apresenta:

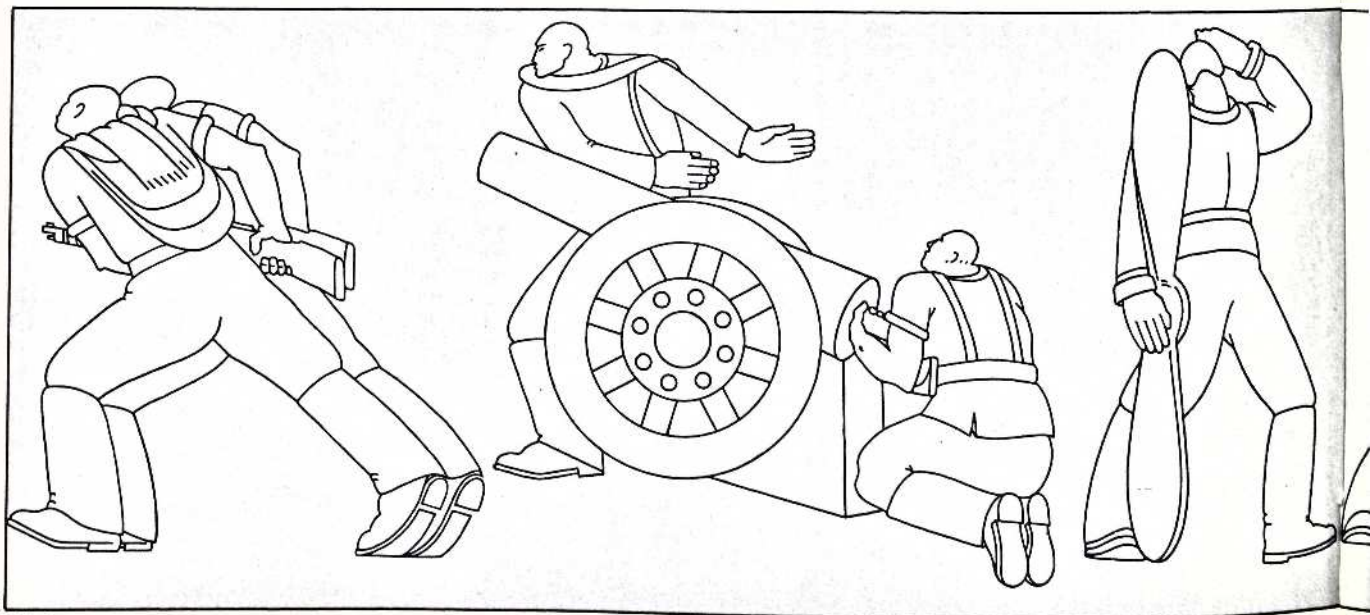
II — *Natividade.* O Menino Jesus entre Maria e José, e a piedosa adoração e humilde oferenda dos pastores. Simultaneamente, no alto, vêm figurados a Fundação do Colégio Jesuítico, a obra paciente da catequese e a defesa do burgo nascente.

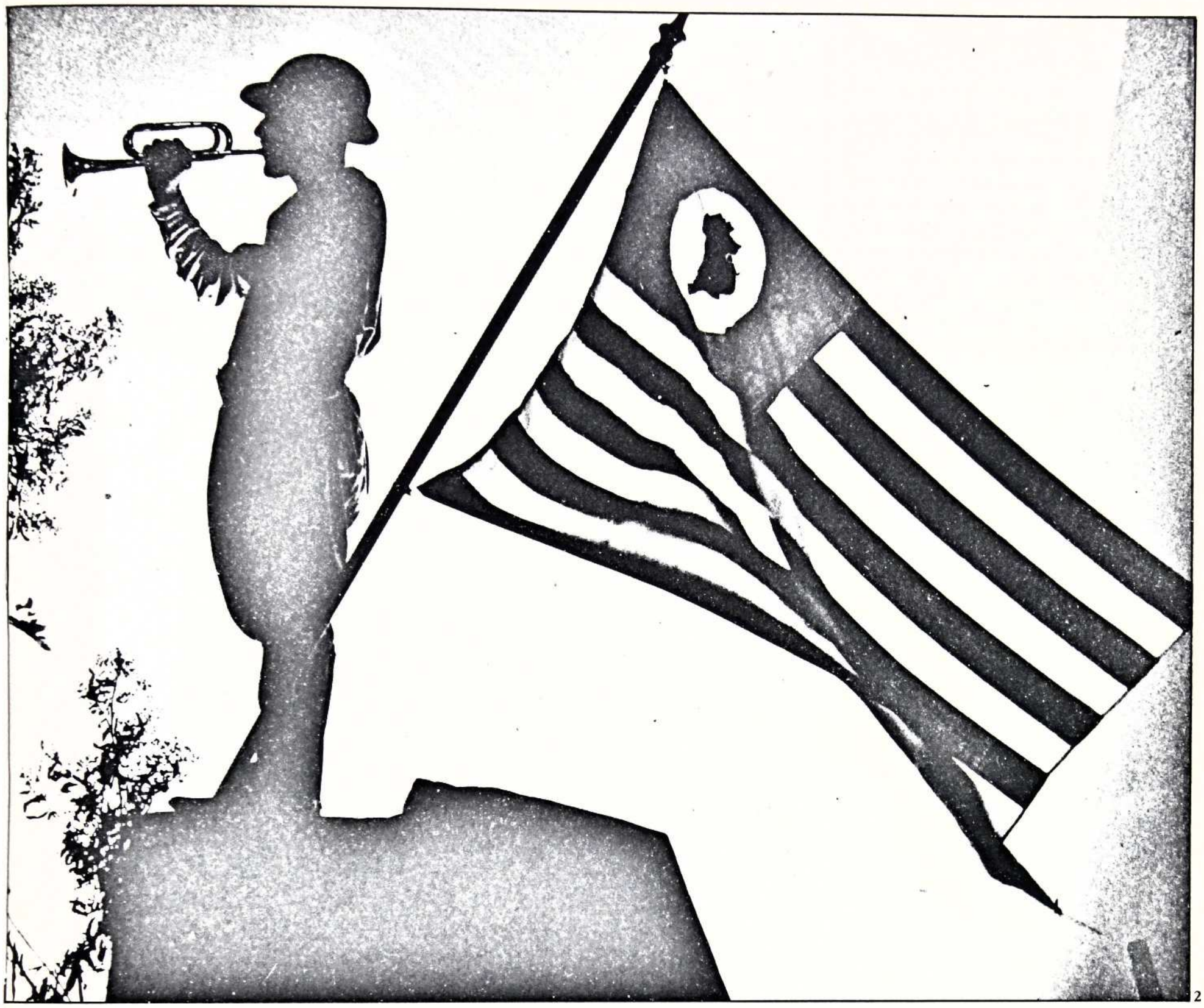
III — *Sacrifício.* É o Calvário. O Deus Mártir, braços abertos para a Humanidade. Maria, de joelhos, ante o Filho crucificado. Em cima à esquerda, a mãe paulista despede-se do filho que parte para a trincheira; à direita, tomba em combate o Voluntário de 32.

IV — *Ressurreição.* A pedra afastada, o túmulo aberto, os guardas adormecidos na madrugada da Ressurreição. E o Senhor alçando-se, em toda a sua divina Glória. Simétricas, erguidas para o céu, de um e de outro lado, duas figuras alegóricas anunciam o advento da Vitória e da Constituição."

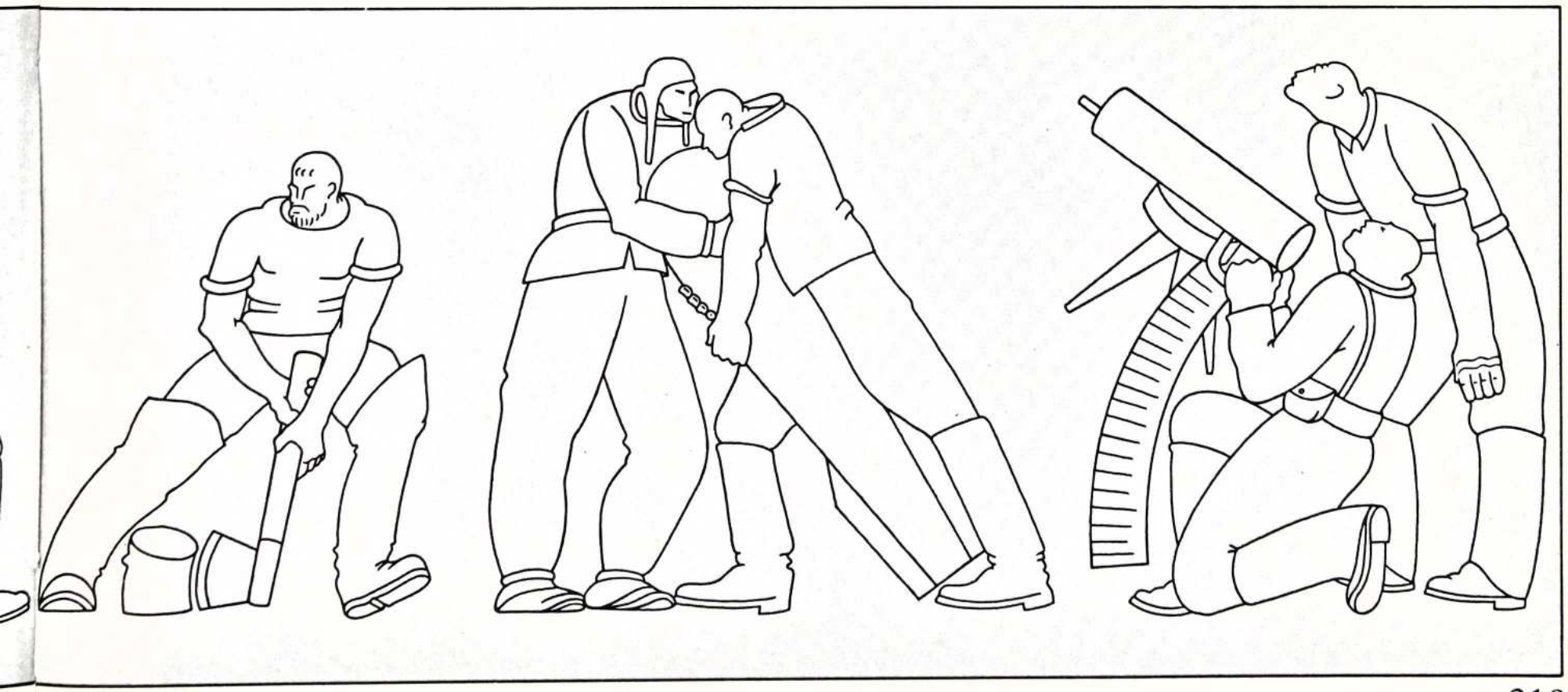
Acompanhando as imagens representativas desses três instantes da história de São Paulo, desenvolve-se esta legenda — um cântico que escorre dos três mosaicos: *"Da Cidade que nasceu sob o signo da conquista pela fé, partiu o soldado da lei e um dia tombou, para ressurgir na plenitude do grande ideal conquistado: Constituição".*

Os mosaicos medem oito metros de comprimento por quatro e meio de altura. Embora separados, seus temas mantêm-nos solidários na fixação do sentido cívico-religioso de etapas da vida paulista.





2



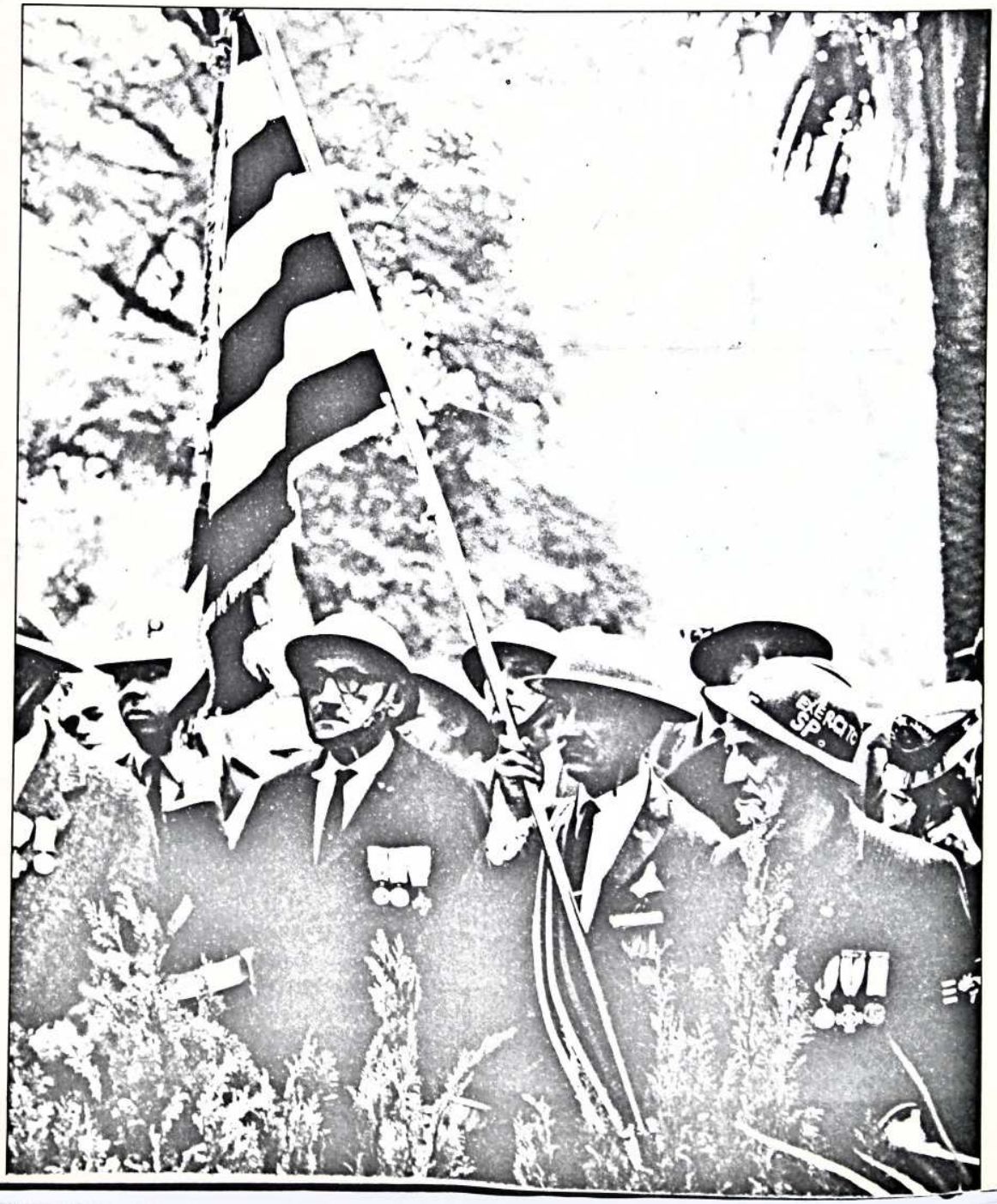
A última convocação

A cada 9 de julho, o clarim dos veteranos convoca, dos mais diferentes pontos do território paulista, os mortos da causa de 32: "venham ocupar a última trincheira, reunir-se ao seu pelotão na planura do Ibirapuera, para penetrar os portais da história".

A partir de julho de 1982 serão acolhidas também as cinzas de mato-grossenses, gaúchos, paraenses, cariocas, mineiros que em seus Estados lutaram e morreram reclamando para a pátria comum os privilégios democráticos sustentados por São Paulo e o sul de Mato Grosso.

Ali, em formatura, ouvirão o seu povo rezar a:

Veteranos comemoram, na praça da República, mais um 23 de maio.



Oração ante a última trincheira

Agora, é o silêncio.
É o silêncio que faz a última chamada.
É o silêncio que responde: 'Presente!'

Depois, será a grande asa tutelar de São Paulo — asa que é dia e noite e sangue [e estrela e mapa — descendo, petrificada, sobre o sono que é vigília.
E aqui ficareis, Heróis Mártires, plantados, firmes, para sempre neste santificado [torrão de chão paulista.
Para receber-vos, feriu-se ela da máxima de entre as únicas feridas, na terra, [que nunca se cicatrizam,
porque delas uma imensa coisa emerge e impõe-se, que as eterniza.
Só para o alicerce, a lavra, a sepultura e a trincheira se tem o direito de ferir [a terra.
E, mais legítima que a ferida do alicerce, que se eterniza na casa, a dar teto [para o amor,
a família, a honra, a paz;
mais legítima que a ferida da lavra, que se eterniza na árvore, a dar lenho para [o leito,
a mesa, o cabo da enxada, a coronha do fuzil;
mais legítima que a ferida da sepultura, que se eterniza no mármore, a dar [imagem para a saudade, o consolo, a bênção, a inspiração;
mais legítima que essas feridas é a ferida da trincheira, que se eterniza na Pátria,
a dar toda a pura razão de ser da casa, da árvore e do mármore.
Este cavado trapo de terra — corpo místico de São Paulo, em que ora existis, [consubstanciados —
mais do que corte de alicerce, sulco de lavra, cova de sepultura, é rasgão [de trincheira.
E esta, perene, que povoais, é a nossa última trincheira.

Esta é a trincheira que não se rendeu:
a que deu à terra o seu suor,
a que deu à terra a sua lágrima,
a que deu à terra o seu sangue!
Esta é a trincheira que não se rendeu:
a que é nossa bandeira gravada no chão

pelo branco do nosso Ideal,
pelo negro do nosso Luto,
pelo vermelho do nosso Coração!
a que, atenta, nos vigia;
a que, invicta, nos defende;
a que, eterna, nos glorifica!

Esta é a trincheira que não se rendeu:
a que não transigiu,
a que não esqueceu,
a que não perdoou!

Esta é a trincheira que não se rendeu:
a que a vossa presença, que é relíquia,
transfigura e consagra num altar
para o vôo até Deus da nossa Fé!
E, pois, até ante este altar, de joelhos,
a vós rogamos:
— Soldados santos de 32,

sem armas em vossos ombros, velai por nós;
sem balas na cartucheira, velai por nós;
sem pão em vosso bornal, velai por nós;
sem água em vosso cantil, velai por nós;
sem galões de ouro no braço, velai por nós;
sem medalhas sobre o cáqui, velai por nós;
sem mancha no pensamento, velai por nós;
sem medo no coração, velai por nós;
sem sangue já nas veias, velai por nós;
sem lágrimas ainda nos olhos, velai por nós;
sem sopro mais entre os lábios, velai por nós;
sem nada a não ser vós mesmos, velai por nós;
sem nada senão São Paulo, velai por nós!"

Guilherme de Almeida.

Credo

Creio em São Paulo todo-poderoso,
criador, para mim, de um céu na terra;
e num Ideal Paulista, um só, glorioso,
nosso senhor da paz como na guerra,
o qual foi concebido nas "bandeiras",
nasceu da virgem alma das trincheiras,
padeceu sob o jugo dos invasores;
crucificado, morto e sepultado
desceu ao vil inferno dos traidores,
mas, para um dia ressurgir dos mortos,
subir ao nosso céu e estar sentado
à direita do Apóstolo-Soldado,
julgando a todos nós, vivos ou mortos.
Creio no Pavilhão das Treze Listas,
na santa união de todos os Paulistas,
na comunhão da Terra adolescente,
na remissão da nossa pobre gente,
numa ressurreição do nosso bem,
na vida eterna de São Paulo —
Amém!

Guilherme de Almeida

● "Aos épicos de julho de 32, que, fiéis cumpridores da sagrada promessa feita a seus maiores — os que houveram as terras e as gentes por sua força e fé — na lei puseram sua força e em São Paulo sua Fé."
Guilherme de Almeida.

Bibliografia:

Afonso Schmidt: *A locomotiva.*
Agostinho Ramos: *Recordações da Revolução Constitucionalista de 32 em Cachoeira Paulista.*
Alceu Maynard Araújo: *Chefes do governo paulista de 24 de outubro de 1930 a 14 de março de 1964.*
Alfredo Ellis Júnior: *A nossa guerra; Confederação ou separação; A evolução da economia paulista e suas causas.*
Alice Lino Costa: acervo documentário telegráfico, segundo o *Jornal do Brasil,* Caderno B, página 7, 17.11.1981.
Alípio Corrêa Neto: *Relatório.*
Álvaro da Veiga Coimbra: "Relação dos batalhões civis e militares que lutaram..." *Paulistania,* 76.
Alves Bastos, capitão: *Palmo a palmo.*
Antônio Barreto do Amaral: *Dicionário de história paulista.*
Aristides Correa Leal, general: *Revista de Engenharia Militar,* número 161, 1951.
Armando Brussolo: *Basta de mentiras.*
Arnon Afonso de Farias Melo: *São Paulo venceu!*
Arrisson Sousa Ferraz, coronel PM: "Pedro de Toledo", *Paulistania,* 64.
Artur Morgan: *Os engenheiros de São Paulo em 1932.*
Aspasia Camargo / Walder de Góes: *Meio século de combates — diálogo com Cordeiro de Farias.*
Aureliano Leite: *Martírio e glória de São Paulo.*
Áureo de Almeida Camargo: *A epopéia: Batalhão 14 de julho.*

Barbosa Lima Sobrinho: *A verdade sobre a Revolução de 30.*
Barros Ferreira: "Cunha, a invicta", *Diário da Noite,* São Paulo, 5.9.1963.
Beni Lima Pereira: *Sonho de um menino que deu asas ao homem.*
Benjamim de Oliveira Filho: *MMDC.*
Bertoldo Klinger, general: *Narrativas autobiográficas,* volume VII; *Nós e a ditadura.*
Boletim de Informações do Exército de Leste.
Bóris Fausto: *A Revolução de 1930.*
Brasil Bandecchi: *Uma página de história; Partido Democrático de São Paulo, sua fundação e seu apoio aos candidatos da Aliança Liberal.*

Carlos Reverbel: *Borges de Medeiros em 1932.*
Célia S. Farjalat: "Sobre Aldo Chiorino", *Correio Popular,* Campinas, 9.8.1975.
Clóvis de Oliveira: *A indústria e o movimento constitucionalista de 1932.*
Clóvis Gonçalves: *Carne para canhão.*
Cornélio Pires: *Chorando e rindo.*

Dalmo de Abreu Dallari: *O pequeno exército paulista.*
Demosthenes Martins: *O 9 de julho em Mato Grosso.*
Dênis de Moraes e Francisco Viana: *Prestes: lutas e autocríticas.*
Dilermando de Assis: *Vitória ou derrota?*
Duílio Crispin Farina: "A revolução paulista e a Casa de Arnaldo" *in Medicina no planalto de Piratininga.*

E. D'Almeida Vítor: depoimento ao autor sobre o 22 de agosto de 1932 na Bahia.
Edgar Baptista Pereira: *A bênção das alianças; Diário da Capela; O bombardeio de Campinas.*
Edgard Carone: *Revoluções do Brasil contemporâneo.*
Estado-Maior do Exército: *História do Exército Brasileiro.*
Everardo Dias: *História das lutas sociais no Brasil.*
Euclides Figueiredo: *Contribuição para a história da Revolução Constitucionalista de 1932.*

Fernando Penteado Medici: *Trem blindado.*
Florentino de Carvalho: *A guerra civil de 1932 em São Paulo.*
Francisco Brotero: "1932", em *Paulistania,* 45.
Francisco Malta Cardoso: *1932: sua glória, antecedentes e ensinamentos.*
Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil: *Revolução de 30 e seus antecedentes.*

Gaspar Ricardo Júnior: Relatório sobre atividades do Departamento Central de Munições.
Geraldo Goulart: *Na ilha das Flores.*
Glauco Carneiro: *História das revoluções brasileiras.*
Guilherme de A. Barros: *A resistência no Túnel.*
Guilherme de Almeida, Casa de: *Guilherme de Almeida e a Revolução Constitucionalista de 1932.*

H. G. Pujol Júnior: *A defesa de Santos em 32.*
Hastínfilo de Moura, general: *Da Primeira à Segunda República.*
Hélio Silva: *A guerra paulista; A crise do tenentismo.*
Hélio Viana: *História do Brasil,* volume VIII.
Heliodoro Tenório e Odilon Aquino de Oliveira: *São Paulo contra a ditadura.*
Herbert Levy: *A coluna Romão Gomes.*
Herculano Silva: *A Revolução Constitucionalista.*
Honório de Sylos: *Itararé! Itararé!*

Ibrahim Nobre: *"Minha terra, minha pobre terra!"; "Separatismo"; "Discurso sobre a trincheira vazia e a cidade ocupada"*
Ivan Lins: *História do positivismo no Brasil.*

Jair Pinto de Moura: *A fogueira constitucionalista.*
Jarbas Passarinho: discurso na Assembléia Legislativa de São Paulo.
J. Barbosa Rodrigues: *Isto é Mato Grosso do Sul.*
J. Rodrigues: *A mulher paulista no movimento pró-constituinte.*
João Alberto Lins e Barros: *Memórias de um revolucionário.*
João Batista de Carvalho, monsenhor: *O clero solidário com o povo em 1932.*
João Cabanas: *Os fariseus da Revolução.*
João Camillo de Oliveira Torres: *A idéia revolucionária no Brasil.*
João Neves: *Acuso; Memórias; Por São Paulo e pelo Brasil.*
Joaquim Inojosa: *A República de Princesa.*
Jorge Augusto de Paula: *Fão.*
Jornal das Trincheiras, números 1 e 2.
José Arthur Reis: *Atualidades do tenentismo.*
José Ben-Hur de Escobar: *A guerra no Setor Norte.*
José Canavó Filho e Edilberto de Oliveira Melo: *Asas e glórias de São Paulo.*
José de Assis Pacheco: *Revivendo 1932.*
José Guilherme Eiras: *Episódios da Revolução de 1932.*
José Maria Bello: *História da República.*
Juarez Távora: *À guisa de depoimento sobre a Revolução Brasileira de 1924.*

Lacerda Cruz: *O que é São Paulo.*
Leôncio Basbaum: *História sincera da República.*
Leopoldo Nery da Fonseca, major: *Agora, eu!*
Leven Vampré: *São Paulo, terra conquistada.*
Luís Lobo de Arruda: *O dever de ser forte.*
Luís S. Malvasio: *História da Força Pública.*
Luís Tenório de Brito: *São Paulo quatro séculos — Movimentos armados: Memórias de um ajudante-de-ordens.*
Luís Vieira de Melo: *Renda-se, paulista...*
Lísias Rodrigues: *Gaviões de penacho.*

Manuel Osório: *O Brasil unido ou o separatismo paulista.*
Manuel Rabelo, general: *Pela grandeza do Brasil.*
Marcos Coelho Neto: *No setor de Guaxupé.*
Maurício de Lacerda: *Segunda República.*
Menotti del Picchia: *A Revolução Constitucionalista.*

Nélson de S. Carneiro: *XXII de agosto: o movimento constitucionalista na Bahia.*
Novo Dicionário Melhoramentos de História do Brasil.

O Grão-Café. Informativo do Sindicato dos Corretores de Café de São Paulo, número 106.
Oscar Corrêa Júnior: Cadastro dos Serviços Auxiliares de Guerra em São Manuel durante o Movimento Constitucionalista de 1932.
Osvaldo Mariano: depoimento ao autor, sobre Ibrahim Nobre.
Otávio Malta: *Os "tenentes" na revolução brasileira.*

Paulo Duarte: *Palmares pelo avesso.*
Paulo Nogueira Filho: *Guerra cívica de 1932; Mobilização épica; A epopéia de 32 e o parque industrial paulista.*
Plínio de Abreu Ramos: *Os partidos paulistas e o Estado Novo.*

Raimundo de Menezes: entrevista com Dóris Bevilacqua. *Paulistania, 62.*
Rangel Moreira: *Em face da Revolução.*
Renato Jardim: *A aventura de outubro e a invasão de São Paulo.*

Samuel Baccarat: *Capacetes de aço.*
Santos Amorim: *Santistas nas barrancas do Paranapanema.*
Sebastião de Almeida Pinto: *Botucatuenses na Frente Sul.*
Sérgio da Costa Franco: *Soledade na história.*
Sertório de Castro: *Diário de um combatente desarmado: a Revolução vista do Rio de Janeiro.*

Tito Lívio Ferreira: *História de São Paulo.*

Virgílio de Melo Franco: *Outubro, 1930.*
Virgínio de Santa Rosa: *O sentido do tenentismo.*
Vivaldo Coaracy: *A Sala da Capela.*

Waldemar Ferreira: *A Faculdade de Direito na arrancada de 9 de Julho de 1932.*
Washington Luís Pereira de Sousa: *Plataforma-programa para o governo de São Paulo.*

Créditos das ilustrações:

As letras ao lado dos números das páginas indicam a posição da ilustração, da esquerda para a direita e de baixo para cima.

8/9 — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
10 — Cortesia Waldemar Martins Ferreira Filho, São Paulo.
11 — Cortesia Ivo Branco, São Paulo.
12/13 — Cortesia Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, São Paulo.
14 — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
15acd — Arquivo Edgard Leuenroth/UNICAMP.
15b — Museu da República, Rio de Janeiro (Livro de Ouro do Centenário da Independência, Almanack Laemmert).
16abe — Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
16cd — FGV/CPDOC/Arquivo Pedro Ernesto, Rio de Janeiro.
17 — Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
18a — Arquivo do Estado, São Paulo.
18bcd — Cortesia *A Gazeta*, São Paulo.
19a — Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo/Arquivo da Liga Nacionalista.
19b — FGV/CPDOC/Coleção Italo Landucci, Rio de Janeiro.
20 — Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
21a — Coleção Veridiana Prado, São Paulo.
21b — Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
21c — Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (*O Malho*, 7.5.1927).
22a — Cortesia Luís Antonio Marrey, São Paulo.
22bc/23bc — Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
23a — Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
24a/25 — Cortesia Josaphat Porto Lona Cleto, Curitiba.
24b — Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
26a/27 — Diários Associados, São Paulo.
26b — Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo (*Careta*, 8.11.1930).
28 — Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
29a — Centro de Memória Social/Arquivo Hélio Silva, Rio de Janeiro.
29b — Arquivo Nosso Século (*Revista da Semana*, 1929).
29c — Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
30a, 31a — Diários Associados, São Paulo.
30b — Arquivo de *O Cruzeiro*/Jornal *O Estado de Minas*, Belo Horizonte.
31b, 32a — Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
32b — Arquivo Nosso Século (*O Cruzeiro*, edição especial, novembro de 1930).
33 — Coleção Dorothy Moretti, São Paulo (foto de Claro Gustavo Jansson).
34a — Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
34b/35 — Arquivo Nosso Século (*Revista da Semana*, 1930).
35a — FGV/CPDOC/Arquivo Cristiano Machado, Rio de Janeiro.
35b — Arquivo Nosso Século (foto de Luís Bueno Filho).
35c — Arquivo Nosso Século (*A Noite*, rotogravura, 26.11.1930).
36ab — Cortesia Miguel Costa Júnior, São Paulo.
37 — Diários Associados, São Paulo.
38a — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
38b — Arquivo Nosso Século (foto de Luís Bueno Filho).
39a — Arquivo Nosso Século (*Revista da Semana*, 1930).
39b — Diários Associados, São Paulo.
40a — Cortesia *Folha de S. Paulo*.
40b — Cortesia Família Pires do Rio, São Paulo.
41ac — Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo.
41b — Cortesia Miguel Costa Júnior, São Paulo.
42a — Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.
42b — Diários Associados, São Paulo.
42c — Cortesia Miguel Costa Júnior, São Paulo.
42d — Arquivo Nosso Século (*Revista da Semana*, 1931).
43 — Diários Associados, São Paulo.
44, 45 — Diários Associados, São Paulo.
46a — Cortesia *Folha de S. Paulo*.
46b, 47ab — Diários Associados, São Paulo.
48 — Cortesia *Folha de S. Paulo*.
49abc, 50 — Diários Associados, São Paulo.
51 — Cortesia *A Gazeta*.
52/53 — Cortesia Waldemar Martins Ferreira Filho, São Paulo.
52a — Cortesia *Folha de S. Paulo* (ilustração de Belmonte).
54, 55cd — Cortesia *Folha de S. Paulo*.
55ab — Cortesia Waldemar Martins Ferreira Filho, São Paulo.
56a — Cortesia *A Gazeta*, São Paulo.
56b — Hemeroteca Julio de Mesquita/Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
56c — Cortesia *Folha de S. Paulo*.
57 — Cortesia Waldemar Martins Ferreira Filho, São Paulo.
58a — Cortesia *A Gazeta*, São Paulo.
58b, 59a — Cortesia *Folha de S. Paulo* (charges de Belmonte).
59b — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
60a, 61 — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
60b — Diários Associados, São Paulo.
62a — Cortesia Waldemar Martins Ferreira Filho, São Paulo.
62b — Cortesia *A Gazeta*, São Paulo.
63ab — Cortesia *Folha de S. Paulo*.
64a — Cortesia Miguel Costa Júnior.
64b, 65ace — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
65bd — Cortesia Waldemar Martins Ferreira Filho, São Paulo.
65f — Cortesia *A Gazeta*, São Paulo.
66a — Cortesia Jorge Mancini, São Paulo.
66bc, 67ab — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
68, 69 — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
70, 71b — Diários Associados, São Paulo.
71a — Cortesia *Folha de S. Paulo* (charge de Belmonte).
72, 73a — Diários Associados, São Paulo.
73bc — Cortesia *Folha de S. Paulo*.
74abc — Cortesia *Folha de S. Paulo*.
75 — Arquivo Nosso Século (charge de Álvarus).
77 — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
78/79 — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
78b — Cortesia *Folha de S. Paulo* (*Folha da Noite*, 24.5.1932).
80ab, 81 — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
83a — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
83bc — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
84/85 — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
86 — Arquivo Nosso Século.
87 — Cortesia *Folha de S. Paulo*.
88/89 — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
89b — Arquivo Nosso Século.
91 — Arquivo Nosso Século.
92a — Arquivo Nosso Século.
92b — Cortesia *A Gazeta*, São Paulo.
92c — Diários Associados, São Paulo.
94 — Cortesia *Folha de S. Paulo*.
95 — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
96ab — Arquivo Nosso Século.
97 — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
98a — Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
98b, 99a — Cortesia *A Gazeta*, São Paulo.
99a — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
100a — Cortesia Waldemar Martins Ferreira Filho, São Paulo.
100b — Arquivo Nosso Século.
101 — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
102 — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
103 — Cortesia *Folha de S. Paulo*.
104 — Cortesia Jorge Mancini, São Paulo.
105ab — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
105c — Cortesia *Folha de S. Paulo*.
106ab — Diários Associados, São Paulo.
107a — Cortesia *A Gazeta*, São Paulo.
107bcd — Cortesia Waldemar Martins Ferreira Filho, São Paulo.
108, 109b — Museu do Telefone, São Paulo.
109a — FGV/CPDOC/Doação de Y. Nakamura, Rio de Janeiro.
110ab — Arquivo Nosso Século.
111 — Diários Associados, São Paulo.
112a, 113bc — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
112b, 113a — Arquivo Nosso Século.
112cd — Cortesia *Folha de S. Paulo*.
114a, 115bc — Arquivo Nosso Século.
114b — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
115a — Cortesia Evelina Fonseca Caldeira, São Paulo.

116a — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
116b, 117b — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
117a — Museu da República, Rio de Janeiro.
118/119a — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
118b — Cortesia Ivo Branco, São Paulo (ilustração de Belmonte).
120 — Diários Associados, São Paulo.
121a — Cortesia Waldemar Martins Ferreira Filho, São Paulo.
121b — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
121c — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
22a, 123abe — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
122b — Cortesia *A Gazeta*, São Paulo.
123bd — Arquivo Nosso Século.
124/125a — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
125b — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
126ab — Arquivo Nosso Século.
127a — FGV/CPDOC/Coleção Cristóvão Barcelos, Rio de Janeiro.
127b — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
127c — Cortesia Maria Adelaide Amaral, São Paulo.
128a — FGV/CPDOC/Arquivo Gustavo Capanema *(Careta,* 1.10.1932), Rio de Janeiro.
128b — FGV/CPDOC/Doação Y. Nakamura, Rio de Janeiro.
129a — Cortesia Jorge Mancini, São Paulo.
129b — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
130a — Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo.
130b — Arquivo Nosso Século.
131 — Cortesia Jorge Mancini, São Paulo.
132, 133abc — Coleção Dorothy Moretti, São Paulo (fotos de Claro Gustavo Jansson).
134/135 — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
136 — Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
137 — Cortesia Jorge Mancini, São Paulo.
138a — Museu do Telefone, São Paulo.
138b, 139a — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
139b — Cortesia Jorge Mancini, São Paulo.
140 — Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo *(Careta,* 23.7.1932).
141a — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
141b — FGV/CPDOC/Doação João Baptista Pereira de Almeida, Rio de Janeiro.
142 — Cortesia Waldemar Martins Ferreira Filho, São Paulo.
143a — Cortesia Jorge Mancini, São Paulo.
143b — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
144/145 — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
146a, 147a — Cortesia Waldemar Martins Ferreira Filho, São Paulo.
146b — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
146c, 147b — Arquivo Nosso Século.
149a — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
149b — Cortesia Josaphat Porto Lona Cleto, Curitiba.
150, 151 — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
152/153 — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
152b — Cortesia *A Gazeta*, São Paulo.
155 — FGV/CPDOC/Coleção Cristóvão Barcelos, Rio de Janeiro.
156ab — FGV/CPDOC/Arquivo Gustavo Capanema, Rio de Janeiro.
157a — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
157b — Cortesia *Folha de S. Paulo*.
158 — Cortesia *Folha de S. Paulo*.
159 — Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo.
160 — Arquivo Nosso Século.
161 — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
162 — Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo.
163 — FGV/CPDOC/Coleção Cristóvão Barcelos, Rio de Janeiro.
164 — Cortesia Jorge Mancini, São Paulo.
165 — Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo.
166, 167 — Arquivo Nosso Século.
168 — Museu da República, Rio de Janeiro.
169a — Cortesia *Folha de S. Paulo*.
169b — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
170 — Arquivo Nosso Século.
171 — Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo.
173 — Coleção Dorothy Moretti, São Paulo (foto de Claro Gustavo Jansson).
174 — Arquivo Nosso Século.
175a — Cortesia Waldemar Martins Ferreira Filho, São Paulo.
175b — Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
176 — Cortesia Waldemar Martins Ferreira Filho, São Paulo.
178/179 — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
178b — Cortesia *A Gazeta*, São Paulo.
180 — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
181 — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
182 — Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
183a — Cortesia Waldemar Martins Ferreira Filho, São Paulo.
183b — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
184 — Cortesia *A Gazeta*, São Paulo.
185 — Coleção Dorothy Moretti, São Paulo (foto de Claro Gustavo Jansson).
186 — Cortesia *A Gazeta*, São Paulo.
187 — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
188a — Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo *(Careta,* 24.9.1932).
188b — Cortesia *A Gazeta*, São Paulo.
189 — Diários Associados, São Paulo.
190a — Cortesia Waldemar Martins Ferreira Filho, São Paulo.
190b — Arquivo Nosso Século *(Revista Paulistânia,* agosto de 1977).
191 — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
192 — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
193 — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
194 — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
195 — Arquivo Nosso Século.
197a — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
197bc — Arquivo Nosso Século.
199 — Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
200, 201b — Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
201a — Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo *(Careta,* 30.7.1932).
202 — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
203a — Diários Associados, São Paulo.
203b — Cortesia *A Gazeta*, São Paulo.
204 — Cortesia Waldemar Martins Ferreira Filho, São Paulo.
206 — Cortesia Jorge Luís Lane, São Paulo.
207 — Cortesia Waldemar Martins Ferreira Filho, São Paulo.
208 — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
209 — Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
210 — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
211 — Cortesia Waldemar Martins Ferreira Filho, São Paulo.
212a — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
212b, 213b — FGV/CPDOC/Coleção Roberto Costa, Rio de Janeiro.
213a — Cortesia Evelina Fonseca Caldeira, São Paulo.
214a — Coleção Paulo Florençano, Taubaté.
214bcd, 215ab — Cortesia Waldemar Martins Ferreira Filho, São Paulo.
215c — Cortesia Sabá Gervásio, São Paulo.
216a — Arquivo Nosso Século.
216b — Casa de Guilherme de Almeida, São Paulo.
217 — Diários Associados, São Paulo.
218, 219b — Casa de Guilherme de Almeida, São Paulo.
219a — Diários Associados, São Paulo.
220 — Diários Associados, São Paulo.

Observação: As fotos do acervo do Museu da Imagem e do Som de São Paulo são de autoria atribuída a Manoel Ginjo e Miguel Faletti, repórteres fotográficos que cobriram os eventos de 1932.